AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

NAVESSA ALLEN



DINHEIRO NA MESA.
SUA BOCA É O TROCO.

NO JOGO

SÉRIE *INTO DARKNESS*

ALTA NOVEL


NO
JOGO

SÉRIE *INTO DARKNESS*

NO JOGO

NAVESSA ALLEN



Tradução de
Eveline Machado

ALTA NOVEL

No Jogo

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2026 NAVESSA ALLEN

ISBN: 978-85-508-3035-3

Translated from original Game On. Copyright © 2026 by Navessa Allen. ISBN 9781638932277. First published in the United States by Zando. Translation rights arranged with Sandra Djikstra Literary Agency and Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. All rights reserved. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

ATENÇÃO: esta obra aborda diversos temas sensíveis.
Para mais detalhes, verifique a página 5.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A43n

Allen, Navessa.

No Jogo / Navessa Allen; tradução de Eveline Machado. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Alta Books, 2026.

424 p.; 13,7 x 20,5 cm.

ISBN 978-85-508-3035-3

1. Ficção. 2. Literatura estrangeira. 3. Romance contemporâneo. 4. Erotismo na literatura. 5. Romance norte-americano. I. Machado, Eveline, trad. II. Título.

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura norte-americana (813)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Tradução: Eveline Machado
Copidesque: Nathalia Marques
Revisão: Denise Himpel
Diagramação: Natalia Curupana

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



ALERTA DE CONTEÚDO

No Jogo é uma comédia romântica dark com temáticas sensíveis. Aconselha-se cautela, já que este livro contém:

Jogatina

Uso de álcool e drogas

Agulhas (tatuagem)

Clube de sexo

Menção à Máfia e seus crimes

Menção a assassinos em série

Insegurança alimentar

Restrição alimentar

Chantagem

Bullying, coerção e ameaças

Doença crônica e dor

Violência

Descrição de acidente de carro (lembrança)

Amputação e discussão da cirurgia

Ambiente hospitalar

Abuso infantil e negligência (lembrança)

Traumatismo craniano

Trapaça (lembrança)

Assassinato (discussão)

Sequestro

Atropelamento e fuga

Sexo explícito (incluindo vários parceiros e anal)

Cum play

Brat play

Negação de orgasmo e limites

Morte de um dos pais

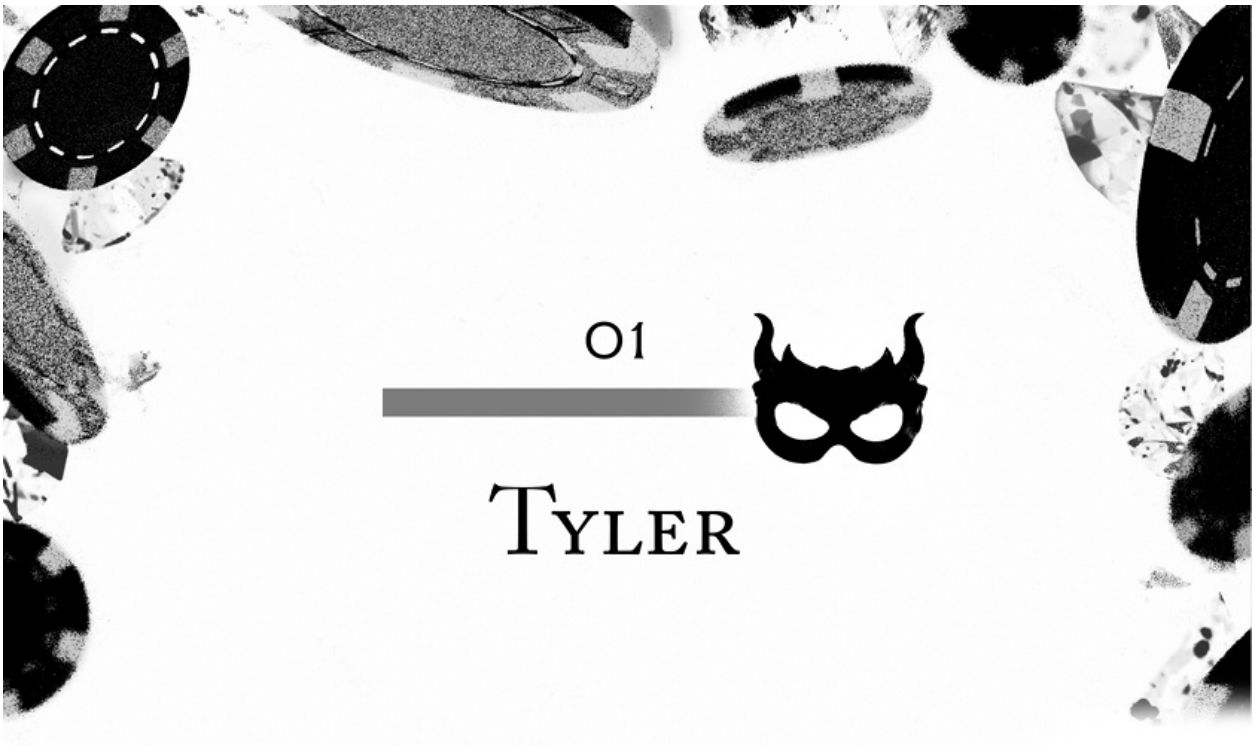


Para quem tem atração por homens
mesmo sem querer.



Nota da autora

A protagonista, Stella, tem gastrite crônica e a representação dessa condição é algo profundamente pessoal para mim, já que eu compartilho do mesmo diagnóstico. A experiência dela com a doença reflete a minha, incluindo os sintomas e os gatilhos. Tenha em mente durante a leitura que nem toda doença crônica se manifesta ou progride da mesma forma para todos, e que estou apenas retratando a minha própria realidade.



Um milhão de dólares. É o que eu posso faturar hoje à noite se a festa continuar nesse ritmo.

Eu ainda não conseguia acreditar que tinha feito acontecer. Semanas de planejamento, dezenas de milhares em custos e um número incalculável de leis violadas — tudo para organizar uma noite de jogatina de alto nível a bordo de um cargueiro abandonado que apodrecia no velho porto. Era o último lugar onde alguém pensaria em procurar uma festa ultraexclusiva para a elite da cidade, e exatamente por isso era perfeito.

Um grito estrondoso explodiu no meio da multidão. Todos usavam máscaras para proteger o anonimato, inclusive a equipe, mas, como mestre de cerimônias, eu sabia exatamente quem era cada um ali. Olhei para o lado e vi uma loira num vestido de gala escarlate pulando de alegria. Ela deve ter tirado a sorte grande, o que era ótimo para ela *e* para mim.

Como agenciador de apostas organizando essa festinha, minha parte era dez por cento de todos os ganhos. E embora um milhão de dólares pareça muita grana, depois de todas as propinas e pagamentos, eu teria sorte se me sobrasse um terço disso, e a maior parte seria reinvestida na minha próxima noite de jogo.

Mas valia a pena. O dinheiro de verdade estava nos juros. Se algum dos nossos jogadores ficasse sem fundos, nós, a casa, gentilmente fornecíamos os meios para que continuasse jogando. Mediante uma taxa, claro. Era um valor

baixo o suficiente para ser atraente, o anzol perfeito para fisgar os desavisados. Só depois de morderem a isca é que percebiam o quanto essa taxa acumulava se não nos pagassem no prazo.

Meu olhar varreu o restante da sala, uma câmara cavernosa que antigamente era um compartimento de carga. Agora, mais de duas dúzias de mesas ocupavam o espaço; algumas cobertas por toalhas de linho branco ostentando travessas de pratos gourmet, outras cercadas por apostadores em vestidos e ternos de grife. Um bar havia sido montado na parede ao fundo, e garçons circulavam entregando coquetéis de primeira linha. Uma luz suave filtrava-se dos lustres, brilhando em joias e taças de champanhe de um jeito que dava à cena uma qualidade onírica.

Suspirei, pensando na guerra de superação que eu travava comigo mesmo. Hoje foi um triunfo, a festa para acabar com todas as festas. Mas, da próxima vez, eu teria que bolar algo ainda melhor, ainda mais inesperado e emocionante. Minhas festas *tinham* que continuar sendo o entretenimento mais cobiçado e difícil de conseguir da cidade. Os ricos, eu havia aprendido, eram como crianças mimadas, distraindo-se facilmente com qualquer objeto novo e brilhante, e era preciso muito para mantê-los implorando por um lugar às minhas mesas.

E pensar que tudo isso começou no meu dormitório da faculdade. Eu era um estudante de finanças e administração quebrado pra caralho, tentando ganhar uma grana para a mensalidade e não ter que largar o curso. Sempre fui bom com números e reconhecimento de padrões, então as cartas eram fáceis para mim. Meu cérebro *sabia* intuitivamente quais cartas sobravam no baralho sem que eu precisasse contá-las de forma deliberada.

No início, minhas noites de pôquer eram pequenas, apenas eu e quem eu conseguisse convencer a jogar. A maioria não voltava depois de perder repetidamente para mim, e achei que estava frito, que meu esquema de ganhar dinheiro tinha acabado antes mesmo de começar. Mas então surgiram boatos de que eu era imbatível, e logo todo aspirante a profissional de pôquer e gênio da matemática clamava para entrar nos jogos, me rendendo dinheiro suficiente para afastar o pânico financeiro.

Uma aula sobre empreendedorismo plantou a semente de que poderia haver um dinheiro mais estável *por trás* da mesa, gerenciando os jogos como um negócio. Abri as portas para todos os níveis de apostadores, de jogadores experientes a novatos tentando a sorte pela primeira vez. Então, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: o pessoal da faculdade descobriu que meu melhor amigo, Josh, era filho de um notório assassino em série e a reitoria ficou

sabendo dos meus jogos. Então nos mudamos para a cidade para recomeçar. Mudei de faculdade, mas Josh largou os estudos para se tornar hacker profissional, porque era um programador melhor do que qualquer um de seus professores.

Deixei os jogos para trás, terminei o último ano e fui trabalhar com finanças corporativas após a formatura. Mas bastou um ano para eu perceber que odiava aquilo. Odiava ter que me vestir de terno para trabalhar com um bando de merdas que tratavam *O Lobo de Wall Street* como um manual de instruções. Odiava meu salário de iniciante que mal cobria o custo de vida, porque *sabia* que havia maneiras melhores (e mais fáceis) de ganhar dinheiro. Além disso, era chato pra caralho. Sem desafios. E meu chefe era um completo idiota que conseguiu o cargo por nepotismo, não por mérito — mais um lembrete de por que sempre detestei os ricos.

Pedir demissão me permitiu voltar aos velhos hábitos. Comecei outra noite de pôquer, construindo tudo do zero novamente. Desta vez, me permiti pensar grande. Eu não estava nisso apenas por dinheiro. Tinha um objetivo: vingança. Um alvo a perseguir. Cada jogo avançava minha agenda, mas esta noite, em particular, era um passo gigante para me deixar mais perto *dele*.

Outro grito soou de uma mesa de blackjack ali perto. Desta vez foi um negociante de arte que venceu. À sua esquerda, um gestor de fundos de hedge olhava com inveja. À sua direita, um chefão do crime deu-lhe um tapinha de parabéns nas costas.

Desviei o olhar e ajustei minha máscara. Era preta, com detalhes em joias verdes e moldada para parecer um demônio, com buracos de olhos sinistros e chifres retorcidos. Talvez fosse exagero, mas já que fui descrito como a encarnação do demônio mais de uma vez na vida, achei que o simbolismo serviria como um bom lembrete aos meus clientes de que não era inteligente mexer comigo.

Ajustei a máscara no lugar e fui em direção a um trio de mesas de pôquer perto da caldeira do navio. Sentado à mesa central, de costas para mim, estava um moleque de vinte anos que não tinha o menor direito de estar ali.

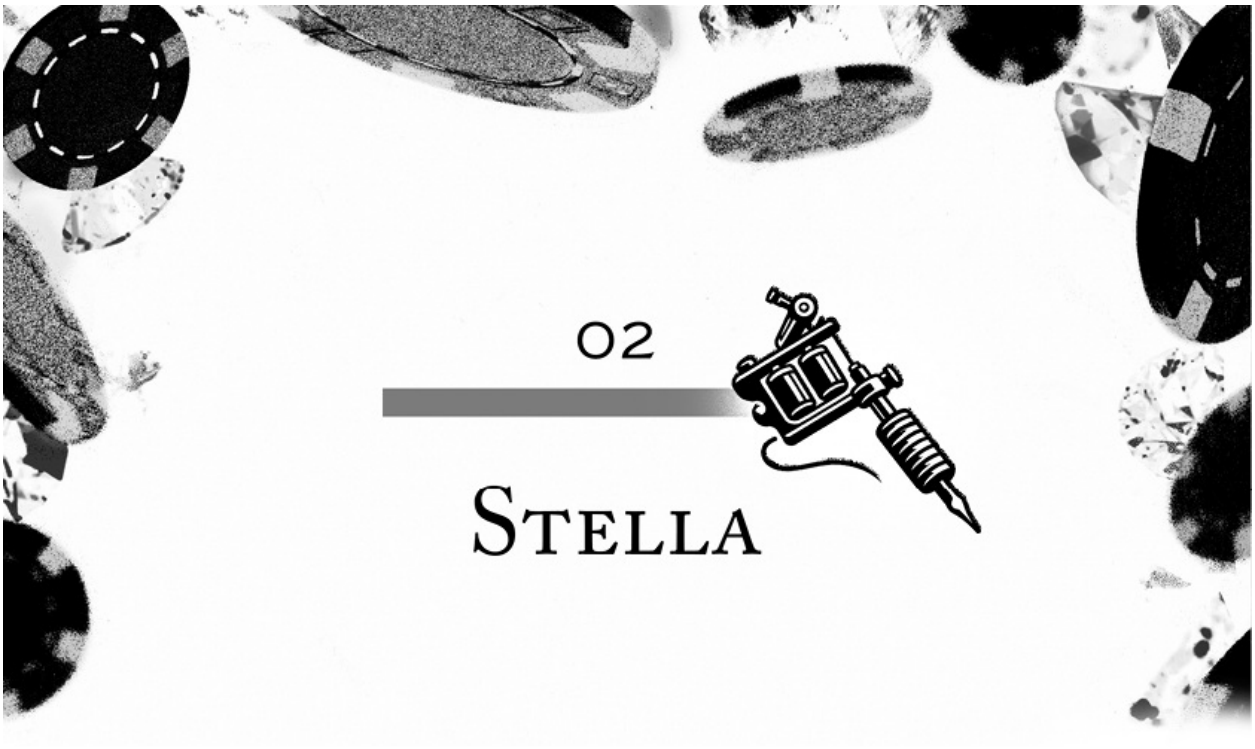
Blake McCormick.

Ele era herdeiro de uma das maiores fortunas da cidade. Eu o tinha colocado com os melhores jogadores de pôquer presentes e, se tudo estivesse indo conforme o plano, ele estava sendo muito bem servido pelos barmen. Também instruí o crupiê a informar Blake que, se ele se excedesse e ficasse sem dinheiro, a casa ficaria feliz em lhe emprestar mais.

O crupiê e eu trocamos olhares, e o homem acenou discretamente para mim em confirmação. Eu sorri. O garoto já estava acumulando uma dívida, e a noite ainda era uma criança. Quem sabia quanto ele me deveria quando tudo terminasse? Meio milhão? Mais? Fosse qual fosse o valor, era uma dívida que eu planejava explorar ao máximo.

Porque Blake tinha uma irmã mais velha que faria absolutamente qualquer coisa para protegê-lo, e ela seria minha porta de entrada. Meu meio para um fim. *Ela* me levaria direto até *ele*. Meu pai. O homem que eu vim procurar nesta cidade. O homem que eu vim destruir desta cidade.

Vejo você em breve, Stella, pensei, sorrindo para mim mesmo enquanto outra salva de gritos se erguia da multidão.



02

STELLA

A LOJA ESTAVA SILENCIOSA ÀQUELA HORA DA MANHÃ, sem o zumbido das máquinas de tatuagem ou o papo furado dos meus colegas de trabalho.

Silenciosa demais.

Isso dava espaço para os pensamentos borbulharem. Pensamentos do tipo: as contas de luz vão subir de novo este mês? Por que diabos a palavra “Ohio” agora é um xingamento? E será que aquela pinta na minha coxa vai virar um câncer de pele e me matar?

Conectei o celular ao sistema de som e coloquei minha *playlist* favorita para abafar meu monólogo interno. Uma música suave e sinistra saiu dos alto-falantes — notas cheias de saudade, arrependimento e memórias de tempos mais felizes. Elayne, outra artista que trabalha comigo, disse que parecia a marcha fúnebre de uma solteirona vitoriana. Ela ficou confusa quando eu agradeci o comentário.

A música combinava com a decoração da loja: sombria, gótica. Itens antigos emoldurados nas paredes, animais empalhados vintage dividindo espaço com bustos romanos e plantas exuberantes nas prateleiras. Nas áreas comuns, tapetes grossos suavizavam o chão de cimento, com poltronas e sofás de couro macio amontoados sobre eles. Era um estilo maximalista, um banquete para os olhos. Os clientes novos viviam me dizendo que não sabiam para onde olhar primeiro. Os clientes antigos adoravam descobrir novas curiosidades enquanto esperavam

pelo seu horário. Tinha virado uma espécie de jogo: eu ficava trocando as peças de lugar só para ver quem seria o primeiro a notar a novidade.

Levei meu café da manhã e o notebook para a área de estar e me encolhi no meu cantinho de sempre. Às vezes, ainda não conseguia acreditar que este lugar era meu. Que eu tinha criado o estúdio de tatuagem dos meus sonhos a partir do que antes era apenas um cubo de concreto sem vida. Deu um trabalho absurdo, horas intermináveis de planejamento e esboços, além das brigas com empreiteiros quando eles tentavam me extorquir qualquer centavo. Houve momentos em que senti que nunca ficaria pronto, que eu fracassaria nisso como fracassei em todo o resto — inconstante demais para aguentar firme, fraca demais para ir até o fim. Mas, de alguma forma, eu perseverei por todo aquele ano infernal e estressante, e a recompensa de estar sentada aqui, olhando para o que conquistei, fez tudo valer a pena.

Tomei um gole de café antes de deixá-lo de lado para pegar meu notebook. A loja só abriria daqui a algumas horas, e eu costumava passar esse tempo criando. Todas as minhas tatuagens eram desenhadas à mão e exclusivas. Eu era uma neo-tradicionalista, mesclando estilos vintage e modernos. Minha especialidade era o traço marcante e cores vibrantes com um toque de ilustração lúdica, tipo o encontro da *art nouveau* com o *Studio Ghibli*. O estilo não era para todo mundo, mas quem amava, *amava de verdade*.

Vinha trabalhando no meu ofício há anos. Eu era boa no que fazia, e minha agenda lotada provava isso. Hoje, eu tinha três tatuagens e duas consultas agendadas, e embora possa não parecer muito para um leigo, *era*. Uma das tatuagens era pequena e não levaria muito tempo, mas as outras duas eram bem mais complexas. Eu teria oito horas de tatuagem pela frente e já conseguia sentir as pontadas de rigidez nas costas só de imaginar. Eu precisaria de vários analgésicos e uma bolsa de água quente hoje à noite — mas, de novo, valia a pena.

Um barulho na porta da frente me fez levantar a cabeça.

Esta parte da cidade estava em ascensão. Ou seja, havia tantas partes boas quanto ruins, e a ameaça de invasões era real. As cortinas estavam fechadas, então eu não conseguia ver quem estava lá fora, mas não estava preocupada. No lugar de vidro, as janelas eram de policarbonato inquebrável. Cada centímetro da loja (dentro e fora) tinha câmeras, e eu instalara fechaduras comerciais de grau 1 em todas as portas. Era difícil *pra caralho* invadir este lugar.

Confiando nas minhas medidas de segurança, voltei a desenhar.

A porta foi escancarada.

— *Porra!*

Dei um pulo, agarrando uma urna próxima para usar como um porrete improvisado, bem na hora em que minha mãe entrou. Ela tinha sessenta e cinco anos, mas parecia muito mais jovem, graças a uma combinação de genética e dinheiro para pagar pelos melhores tratamentos estéticos e de cuidados com a pele do mercado. Alta e elegante, usava um vestido bordado verde-caçador de comprimento médio que provavelmente custava o mesmo que um sedan usado. Seu cabelo preto azeviche caía solto pelas costas. Ela calçava saltos agulha de sola vermelha. Em uma das mãos, carregava uma bolsa Hermès personalizada e as chaves que eu agora me arrependia de ter dado a ela. Na outra, ela segurava… um abajur?

— O que você está fazendo, mãe?

Ela soltou um gritinho e girou em minha direção, agarrando o próprio peito.

— O que *eu* estou fazendo? O que *você* está fazendo aí, parada no escuro feito uma pervertida?

Minha mãe era originalmente da Inglaterra, mas vivia nos Estados Unidos há tempo suficiente para que seu sotaque se transformasse em uma mistura estranha de britânico refinado com americano esnobe — algumas vogais adicionadas, outras cortadas. Por causa disso, pervertida acabou soando mais como *pearvertida*, e apesar da minha irritação, quase sorri. Meu irmão mais novo, Blake, e eu íamos nos divertir chamando um ao outro de *pearvertidos* quando eu contasse isso para ele.

— Achei que alguém estava tentando assaltar a loja — falei.

— E você ia fazer o quê? Matar a pessoa de susto? — A expressão da minha mãe mudou para preocupação. — Querida, você não está usando hidratante? Você parece bem cadavérica sob esta luz.

A vontade de sorrir sumiu. Ergui a urna.

— Meus planos estavam mais para um traumatismo craniano. O que você está fazendo aqui?

Ela apontou para o abajur.

— Eu vi isso em um antiquário no centro e pensei no lugar perfeito para ele.

— Não dava para esperar a gente abrir antes de aparecer aqui sem avisar?

Isso me rendeu um revirar de olhos exagerado.

— Ai, por favor, Stella. Ao contrário de você, o resto de nós não tem tempo para ficar largada de moletom sujo a manhã inteira. Tenho um café da manhã de negócios, um dia inteiro de trabalho e, depois, um jantar beneficente para crianças carentes. E se eu não desse um pulinho aqui desse jeito, nunca te veria.

Ela deu meia-volta e andou até o balcão da recepção como se fosse a dona do lugar. Parei um momento para olhar para mim mesma. Que droga, devo ter deixado cair café no meu moletom em algum momento. E não, eu ainda não tinha passado hidratante. Tinha que ser a minha mãe para apontar todos os meus fracassos matinais em menos de dois minutos depois de bater os olhos em mim.

Suspirei e fui atrás dela. Minha mãe cresceu em um lar cruel e implacável, onde elogio era palavrão e afeto não existia. Apesar de todos os seus anos de terapia, ela ainda se sentia profundamente desconfortável com demonstrações de carinho e usava o esnobismo como armadura. Especialmente quando se sentia vulnerável ou negligenciada — o que claramente era o caso, a julgar por aquele último comentário. Em vez de dizer isso abertamente, ela vinha pelas beiradas, me cutucando porque não conseguia admitir o quanto se importava e se preocupava comigo constantemente, como qualquer pai ou mãe.

Em vez disso, os sinais de que ela me amava eram mais sutis, vistos na forma como ela tentava pagar meu aluguel escondido ou aparecia na loja do nada com alguma desculpa qualquer para estar ali. Hoje era o abajur; duas semanas atrás era porque ela “estava na área”.

Então, sim, minha mãe era uma esnobe completa com toneladas de traumas de infância que ainda tentava resolver, e nós tínhamos um relacionamento complexo. Mas eu a amava, e ela seria a primeira pessoa a quem eu recorreria se algum dia me metesse em um problema de verdade. De novo.

Ela colocou o abajur no balcão da frente, de costas para mim enquanto ajustava sua posição.

Usei a distração momentânea contra ela, passando meus braços em volta de sua cintura fina e dando-lhe um abraço rápido.

— Também senti sua falta.

Ela começou a enrijecer, e eu me afastei antes que ficasse desconfortável demais.

— Sim, bem, não há necessidade de ficar excessivamente emotiva com isso — disse ela, mas eu sabia que ela havia sido apaziguada. Ela colocou o abajur ao lado do monitor do computador e recuou. — Não deixe ninguém colocar as mãos imundas nisso. É um Tiffany.

Quase engasguei.

— Você está tentando fazer com que eu seja assaltada?

Ela acenou com a mão, os anéis cravejados de joias brilhando na penumbra.

— Duvido que qualquer um desses vândalos com quem você trabalha consiga perceber que é verdadeiro. Ah, falando nisso… — Ela tirou um cartão de visitas

da bolsa. — Entregue para Elayne. É de um advogado de direitos do inquilino que seu pai e eu conhecemos outra noite. Contei a ele sobre o senhorio terrível dela. Ele acha que tem fundamento e concordou em assumir o caso *pro bono*.

Aceitei o cartão. Era grosso, com textura e discreto. Meus olhos se arregalaram ao ler o nome do escritório — era um dos mais prestigiados da cidade.

Balancei a cabeça. Minha mãe podia ser excêntrica, distante e pretensiosa pra caralho, mas por baixo daquilo tudo havia um coração de ouro. Aquele jantar beneficente que ela mencionou? Eu não tinha dúvida de que ela fazia parte do conselho da instituição, que tinha organizado o jantar de hoje sozinha, coagido todos os seus amigos ricos a comparecerem e que, basicamente, manteria todos como reféns até que atingissem qualquer meta absurda de arrecadação que ela tivesse definido para a noite. E depois ainda iria atrás de cada centavo doado, garantindo que o dinheiro chegasse primeiro a quem mais precisava.

Minha mãe esticou o braço como se estivesse prestes a me puxar para outro abraço e eu fiquei imóvel, sem querer assustá-la. Ela hesitou, encontrou meus olhos e deu um sorriso de lábios cerrados enquanto, em vez disso, dava um tapinha no meu ombro.

— Você ainda vem para o aniversário da Tippi?

— Não perderia por nada no mundo. — Tippi era a pet da família, uma *bichon frisé* ancestral meio cega, totalmente surda e ainda mais esnobe do que a mulher à minha frente.

Minha mãe me analisou mais uma vez, fazendo uma careta.

— Você não vai… usar isso no resto do dia, vai?

Apontei para a porta.

— Fora.

Ela abriu a boca, mas eu ergui a urna e a sacudi de forma ameaçadora.

Sabiamente, ela se dirigiu à saída, mas levou o tempo que quis, só para garantir que eu soubesse que aquela era uma escolha dela. Na porta, ela parou, com o rosto tenso.

— Eu vi a Maddie este fim de semana, na festa anual de verão da tia dela.

Fiquei rígida; o nome foi como um tapa.

A expressão da minha mãe ficou sombria.

— Ela perguntou por você.

— Por quê? — indaguei, um mal-estar subindo pela minha espinha.

Ela deu de ombros.

— Audácia?

— Ela finalmente está pronta para assumir a responsabilidade pelo que fez?

A risada da minha mãe foi sem humor, toda a resposta de que eu precisava.

— É, foi o que eu pensei — falei. — Até que ela finalmente conte a verdade, eu e ela não temos nada para dizer uma à outra.

— Eu te contei porque, se ela é ousada o suficiente para falar comigo, pode ser ousada o suficiente para procurar você. E não estou dizendo que deve perdoá-la…

— Não existe perdão para o que ela fez — soltei com desprezo.

— Mas assassiná-la provavelmente te daria rugas, e se você nem sequer segue uma rotina adequada de cuidados com a pele, então está mais suscetível a elas do que…

— Certo, foi bom te ver. Tchau! — falei, praticamente empurrando-a para fora da loja.

Ela parou, virando-se com uma expressão próxima ao arrependimento, como se talvez estivesse prestes a voltar para dentro e tentar uma conversa de verdade pela primeira vez. Eu estava prestes a reabrir a porta quando ela pareceu mudar de ideia, me dando um aceno seco de despedida antes de seguir em direção à Mercedes que a esperava no meio-fio.



Muitas horas depois, eu estava me despedindo da última cliente de tatuagem do dia. Era uma loira por volta dos vinte anos que se achava a pessoa mais descolada da cidade. O que, convenhamos, ela provavelmente era. Ela tinha mais de dois milhões de seguidores em suas redes sociais e quase o mesmo número de inscritos no YouTube, ganhando a vida muito bem como *cozy gamer*.

O antebraço direito dela agora estava coberto por um corvo grande e estilizado, pousado sobre um crânio envolto em flores. Vínhamos trabalhando nisso há meses porque ela tinha uma tolerância baixa à dor; primeiro fizemos o traço, depois o sombreamento e, finalmente, esta noite, as últimas cores. Os tons vibrantes como pedras preciosas saltavam aos olhos mesmo através do curativo que cobria a tatuagem.

Ergui o olhar para ela.

— Ashley, eu juro por Deus, se você não seguir as instruções de cuidados que eu te passei…

Ela revirou os olhos pesadamente maquiados, com uma expressão de saco cheio.

— Sim, mamãe.

Eu fiquei rígida. Eu não era *muito* mais velha que ela.

— Esse é um dos meus melhores trabalhos. Não fode com tudo.

— Ou o quê? Vai me colocar de castigo?

Balancei a cabeça.

— Vou entrar na sua próxima *live* e contar para todos os seus seguidores que você usa códigos de trapaça.

— Sigilo de cliente! — disse ela, virando a cabeça para ver se alguém tinha ouvido.

— Isso só existe para advogados e terapeutas.

O rosto dela ficou vermelho com a traição.

— Eu confiei em você.

Eu sorri.

— Esse foi o seu primeiro erro.

Ela me mostrou o dedo do meio e saiu pisando firme pela porta da frente.

— Foi um prazer trabalhar com você! — gritei atrás dela.

Uma lufada de ar quente da noite beijou minha pele enquanto a porta se fechava lentamente atrás dela. Hoje tinha sido outro dia de rachar, o sol implacável e a umidade alta o suficiente para arrepiar até meu cabelo que é liso escorrido. O verão era a minha época menos preferida do ano. A atmosfera carregada de umidade deixava tudo pegajoso e fedorento. Todo aquele concreto piorava as coisas, absorvendo o calor durante o dia e armazenando-o como uma bateria para liberá-lo à noite, então nunca esfriava. Eu não via a hora de o outono chegar. Eu era básica *só* o suficiente para poder ser encontrada no primeiro dia de setembro na fila em busca do meu primeiro *pumpkin spice latte* da temporada, assim como todo mundo.

A porta se fechou, cortando o calor da noite, e eu voltei para o balcão da recepção para encerrar a transação da Ashley. Era 21h e o estúdio de tatuagem estava zumbindo. Literalmente por causa de todas as agulhas, mas esse som era quase abafado pelas vozes elevadas em conversas.

A loja era de tamanho médio, com um layout simples. A área de recepção e o balcão flanqueavam a porta. Um corredor levava ao interior, com seis salas de tatuagem individuais ramificando-se a partir dele. Nenhuma delas tinha portas e o chão de cimento deixava a acústica com eco, então as vozes se espalhavam. A

música hoje à noite estava animada e vibrante porque Elayne tinha sintonizado em uma rádio de pop alternativo.

Sorri, sentindo-me satisfeita, quase feliz. Depois de quase perder tudo, eu tinha construído algo. Algo que era meu, e somente meu. Sem ajuda de ninguém, apesar do quanto meus pais tentavam intervir na minha vida. Eu não era ingrata por eles quererem ajudar. O problema era que eles já tinham feito tanto por mim (demais, na verdade) que eu estava determinada a fazer *esta única coisa* sozinha.

Se eu morria de medo de foder com tudo? Com certeza. O dinheiro ainda estava curto porque o negócio era novo e minha herança era necessária em outro lugar, então eu economizava e poupava onde podia, garantindo que cada dólar ganho fosse bem empregado. Eu era uma faz-tudo: fazia o serviço de manutenção, limpeza, TI e, em uma ocasião asquerosa e memorável, fui a encanadora.

E estava começando a dar resultado. Tínhamos uma clientela fiel e regular. Boas avaliações online. Uma presença crescente nas redes sociais graças às minhas fotos e vídeos cuidadosamente curados. Eu ainda perdia o sono algumas noites, preocupada que tudo pudesse desmoronar, mas o meu medo não era mais constante. E em semanas como esta, em que corríamos o risco de ficar com a agenda lotada demais, isso me fazia pensar que eu poderia *realmente* conseguir. Que eu poderia finalmente ter sucesso em algo, pela primeira vez na vida. E era só isso que eu queria de verdade. Não apenas provar que eu conseguia, mas porque era isso que eu *amava*.

Meu olhar vagou até o abajur Tiffany ao lado do caixa. Minha mãe estava certa. Ficou perfeito ali. Tá, tudo bem, talvez deixar que eles ajudem *só um pouquinho* não vá me matar, mas eu traço o limite em pagarem meu aluguel.

Um passo pesado me arrancou dos meus pensamentos, e me virei para ver Derrick, um dos meus tatuadores, surgindo do corredor. Ele era um homem de aparência bruta, de cabelos grisalhos e na casa dos cinquenta anos. Alto, parrudo, branco, com costeletas enormes e mais tatuagens do que qualquer outra pessoa que eu conhecia. No passado, ele pertenceu a um motoclube de foras da lei lá no Texas, mas teve um desentendimento com o líder megalomaníaco de lá e deu o fora antes que acabasse morto. Eu nem tinha certeza se Derrick era o nome real dele, mas não dava a mínima, porque a especialidade dele era o realismo, e ele era *bom* pra caralho.

Meu olhar mudou para o cliente que o seguia, um jovem negro imenso cujo rosto estava voltado para o antebraço, admirando sua nova tatuagem. Conforme se aproximava, vi o motivo. Parecia que algo o tinha arranhado, três longos

talhos abrindo a pele para revelar o vislumbre de uma pantera por baixo. Era quase assustador de tão bom, parecia que a pele dele tinha sido rasgada de verdade.

Em momentos como este, eu me perguntava como eu tinha conseguido fisgar o Derrick. Ele era um artista de alto nível, atraía clientes famosos regularmente e poderia ter trabalhado em qualquer lugar, mas, por algum motivo, apareceu um dia e se candidatou. Porra, ele era metade do motivo de eu não ter ataques de pânico semanais — era esse o nível de dinheiro que ele trazia. Isso me fazia questionar se um dos meus pais tinha chegado até ele de alguma forma. Não seria a primeira vez que faziam algo sorrateiro assim, me ajudando pelas sombras mesmo eu tendo dito que precisava fazer isso sozinha. Sempre que eu dava a entender isso para o Derrick, ele mudava de assunto com maestria ou se fazia de tonto, e minhas suspeitas só aumentavam.

— Ficou incrível — comentei.

Derrick soltou um resmungo ambíguo, mas o cliente abriu um sorriso radiante.

— Valeu — disse ele.

Tentei fingir que não estava deslumbrada.

— Vai ter tempo de cicatrizar antes do acampamento de treinamento?

Ele assentiu.

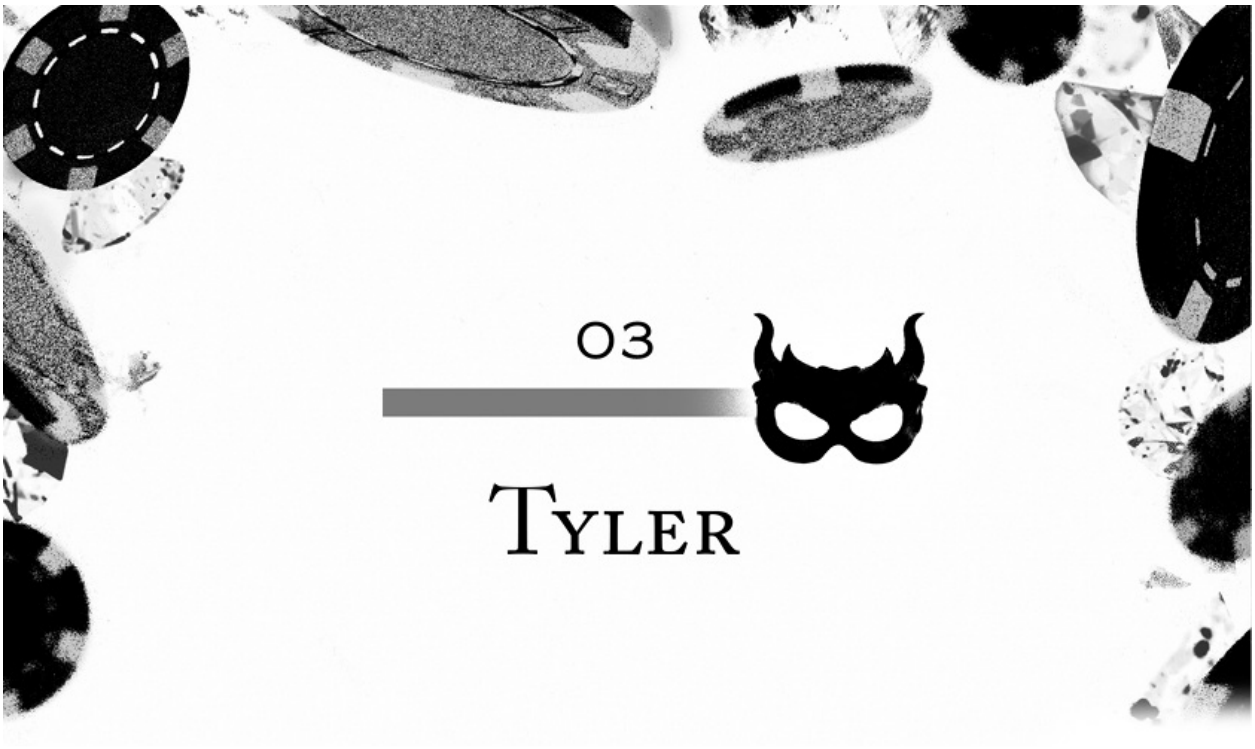
— Vai, a gente só começa no final de setembro.

— Boa sorte na temporada — falei.

O sorriso dele aumentou.

— Obrigado.

Segui em direção à minha cabine antes de fazer alguma idiotice, tipo dar em cima de um All-Star da NBA.



03

Tyler

— Um clube de sexo — falei. — Somos donos de um clube de sexo.

Virei-me para olhar para Nico “Junior” Trocci, meu sócio nesta empreitada. Cabelo escuro, pele bronzeada, complexo de Napoleão. As tatuagens no pescoço seriam um problema se ele algum dia tentasse um emprego normal, mas como ele nasceu na realeza da Máfia, provavelmente não precisava se preocupar com isso.

Eu e ele tínhamos um relacionamento um tanto complicado. Eu costumava foder a prima dele, Aly, que por acaso agora estava noiva do meu melhor amigo, Josh, que eu começava a suspeitar que *também* era o melhor amigo do Junior.

O traidor.

Junior e eu não nos dávamos bem. Eu não tinha certeza se era uma questão territorial ou se simplesmente não íamos com a cara um do outro, então o fato de estarmos agora em um negócio juntos era a última coisa que eu poderia prever. Infelizmente, não tinha como evitar.

Ele apareceu na festa no navio na semana passada querendo comprar de mim a dívida de alguém, e basicamente nos chantageamos até ficarmos encurralados. Ele ameaçou contar a Josh sobre a minha operação de apostas. Eu ameacei contar ao pai do Junior (que era quase tão ruim quanto o do Josh) sobre o interesse dele no prédio. Acabamos dividindo tudo meio a meio, e agora eu estava mais convencido do que nunca de que isso explodiria na cara de nós dois.

Junior franziu a testa.

— Na verdade, chama-se clube de fetiche.

Eu o encarei. Ele era mesmo um filho da puta bonitão. Os traços marcantes do pai com os olhos verdes da mãe. Pena que também era o homem mais hétero do planeta e por isso essa tensão entre nós não podia ser… resolvida. As pessoas ficam muito mais fáceis de lidar depois de serem fodidas até perderem o juízo.

— Isso é sequer lucrativo? — perguntei.

— É — disse uma voz feminina e suave.

Junior e eu nos viramos para ver a namorada dele, Lauren, entrar na sala. Ela era baixa, deslumbrante e absolutamente muita areia para o caminhão dele, com longos cabelos escuros, grandes olhos castanhos e pele dourada pelo sol. Eu ainda estava confuso sobre como um filho da puta mal-humorado daqueles tinha conseguido fisgá-la.

— Você pode provar isso ou só tenho que acreditar na sua palavra? — perguntei.

Junior me deu uma cotovelada. Forte.

— Cuidado com o jeito como fala com ela.

Encarei Lauren.

— Por quê? Você é tão hipersensível quanto o seu namorado?

O sorriso dela em resposta foi radiante.

— Eu tenho o hábito de usar meu *taser* em pessoas que me irritam. Ele está tentando salvar você de si mesmo.

Bufei, porque aquilo era conversa fiada.

Junior percebeu minha descrença e levantou a barra da camisa para revelar uma queimadura feia, ainda cicatrizando.

Meus olhos voltaram rápido para Lauren, e o sorriso dela se tornou mais perigoso. Certo, então talvez esses dois psicopatas se mereçam, afinal de contas.

— Uma porra de clube de sex… fetiche — corrigi, analisando o ambiente. O clube não abriria por mais algumas horas, mas mesmo no meio do dia, era escuro e íntimo, com papel de parede de damasco preto, móveis confortáveis, um bar reluzente ao longo da parede oposta e um lance de escadas na parede direita que levava para as… salas de sexo? Salas de ação?

Meu Deus, em que porra eu tinha me metido?

Esfreguei a mão no rosto.

— Como vou explicar isso para o meu contador de setenta anos?

— Diga a ele que você está explorando o seu fetiche de *brat* — respondeu Lauren.

Franzi o cenho para ela.

Ela deu de ombros.

— Ah, por favor. Eu nunca, na minha vida, conheci um homem que precisasse tanto que alguém mandasse ele se ajoelhar aos seus pés e calar a boca até estar pronto para ouvir ele falar de novo.

Sorri.

— Está se oferecendo para me domar?

Junior soltou um som próximo a um rosnado, confirmando sua hipersensibilidade.

Lauren apenas riu.

— Domar *brat* não está no meu menu de fetiches, mas não se preocupe, temos pessoas que podem te ensinar a se comportar.

— Passo — falei. — Se comportar mal é muito mais divertido.

Junior, com a paciência se esgotando, acenou com a mão em direção à escada.

— Podemos acabar logo com a porra desse tour pra eu seguir com o meu dia?

Fiz um gesto para que ele fosse na frente, pela primeira vez de acordo, porque eu também tinha lugares para estar.

— Depois de você.

A vontade de acrescentar *nanico* ao final da frase foi forte, mas se Junior e eu tivéssemos qualquer esperança de sobreviver a essa sociedade, eu provavelmente precisava refrear o impulso de zombar dele constantemente.

O que posso dizer? O homem era uma presa fácil e, embora eu pudesse não ter o fetiche de *brat* que Lauren pensava, *sempre* gostei de tirar as pessoas do sério. Porque elas tinham muito mais probabilidade de escorregar quando suas emoções estavam à flor da pele, dizer algo que não diriam de outra forma, revelar mais do que pretendiam. E esses pequenos deslizes eram fáceis de explorar.

Junior e Lauren me mostraram o resto do clube, que descobri se chamar Velvet. O primeiro andar consistia em espaços comuns, e a configuração do bar era única porque as leis nesta zona da cidade impediam que servissem álcool no local. Por sorte, o sistema de trazer sua própria bebida era permitido, então eles contratavam barmen para servir e misturar o que quer que os clientes trouxessem. Passando pela sala principal, havia vários espaços menores: salas repletas de assentos aconchegantes e iluminação suave, refúgios e nichos escondidos, e até uma pequena biblioteca que cheirava a couro e livros antigos. Não era muito diferente de qualquer outro clube chique da cidade.

Ou era o que eu pensava, até me mostrarem as salas de ação no segundo andar. Os layouts eram todos parecidos: quadrados, com assentos de um lado voltados para um palco ligeiramente elevado. A primeira em que entramos — a sala de voyeurismo — tinha apenas uma cama e uma cadeira no palco. O modo como Junior e Lauren trocaram um olhar longo e significativo quando acharam que eu não estava prestando atenção (alerta de spoiler: eu *sempre* estou prestando atenção) me fez pensar que aquele espaço tinha algum significado especial para eles.

Não demonstrei nenhuma reação externa, mas a ideia de que Junior "Sem Graça" Trocci gostava de ver outras pessoas foderem abalou um pouco o meu mundo. Por outro lado, a prima dele, Aly, e meu melhor amigo eram muito ligados em brincadeiras com máscaras (um conhecimento que eu adoraria apagar da minha mente), então talvez os fetiches fossem fortes na família.

Em seguida, passamos por inúmeros outros espaços, com Lauren explicando prestativamente o que acontecia em cada um, antes de subirmos para o terceiro andar e para os quartos privados que foram obviamente projetados para sexo.

Lauren se virou para mim no meio do maior deles, que tinha uma enorme cama de dossel com cortinas de veludo de um lado e uma parede de espelhos do outro.

— Planejamos alugar estes espaços durante o dia para fotógrafos de *boudoir* e modelos de *cam*.

— Todos os dias da semana? — perguntei. — Não apenas nos quatro em que o clube está aberto?

— Todos os dias — disse Lauren.

Ela tinha feito quase todo o trabalho de falar até agora, com Junior assentindo e olhando para ela com uma adoração escancarada. Estar com eles era quase tão ruim quanto estar com Josh e Aly. Todos ao meu redor estavam nojentamente apaixonados, e isso começava a me dar náuseas.

— Quanto é que vão cobrar por hora? — perguntei.

Lauren respondeu, e a minha mente começou a trabalhar nos cálculos, somando o número de quartos privados e a logística de quantas horas eles poderiam alugar por semana.

— Isso vai ajudar muito a cobrir os custos das reformas — falei.

Durante o tour, Lauren explicou os planos deles para tornar o Velvet o clube de fetiche mais seguro e lucrativo do país. Eu apoiava totalmente a ideia, porque dinheiro fluindo para minhas contas de um negócio legal seria sempre bem-vindo. A minha vingança tinha uma data de validade e, depois disso, eu

planejava acabar com o jogo de uma vez por todas, o que significava que precisaria substituir essa renda por fontes legítimas como esta.

Eu me virei para encarar o Junior.

— Precisa de ajuda para revisar as contas?

Ele balançou a cabeça.

— Estou bem.

Lauren entrelaçou o braço no dele e olhou para ele com olhos apaixonados.

— Ele é um gênio secreto da matemática.

Isso não me surpreendeu muito. Junior era um homem cauteloso. Ele não estaria tão obstinado em comprar este prédio se ele não fosse ser lucrativo, independentemente do quão apaixonado estivesse por uma das donas do clube.

— Mesmo assim, ainda quero ver os livros — falei. — Só para conferir. Se vou ser um sócio oculto nesta pequena empreitada, quero garantir que está tudo em ordem primeiro.

— Vou te enviar os números mais tarde — disse Junior.

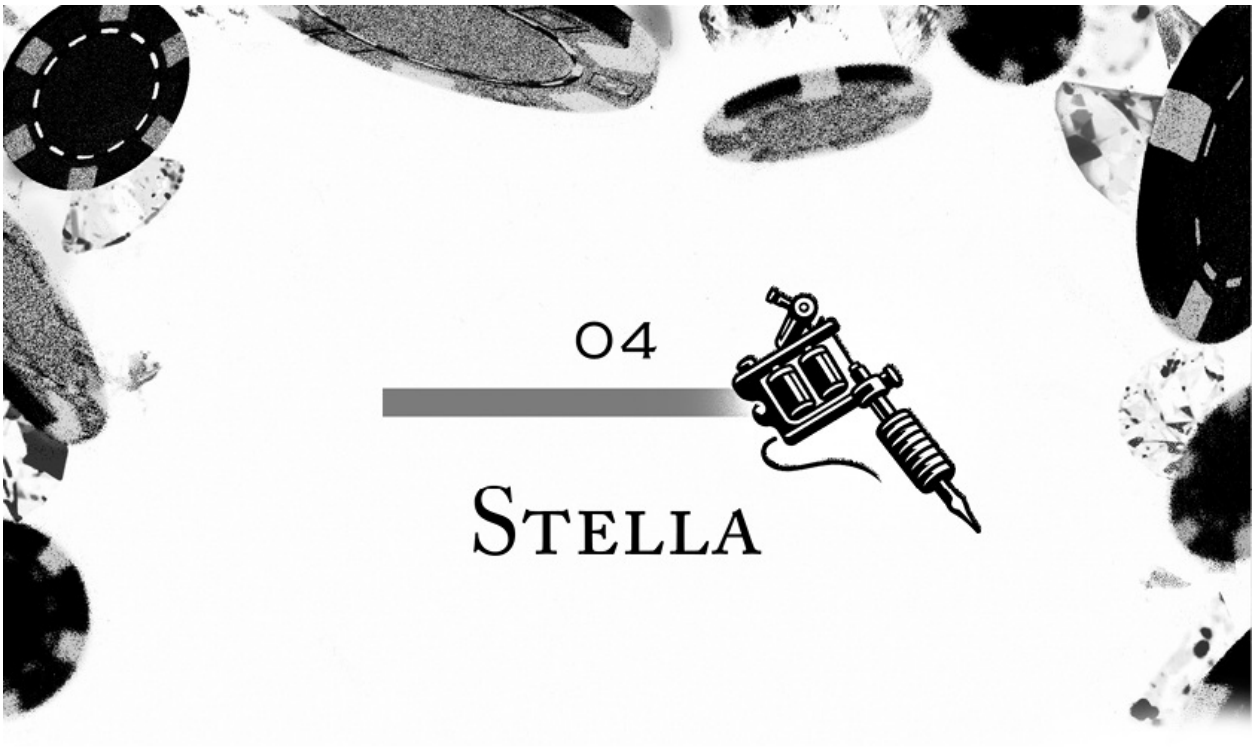
Olhei para o relógio. Eu tinha muita coisa na agenda para o resto da noite e queria passar no ginásio antes de ir para o meu último, e mais importante, compromisso.

— Terminamos aqui?

— Terminamos — disse Junior.

— Ótimo. Não fodam com tudo.

Em seguida, fui embora.



04

STELLA

ERA SEXTA-FEIRA À NOITE, e o meu último cliente estava atrasado. O horário dele era às 23h15, mas já eram 23h25 e nem sinal dele. Tecnicamente, ficávamos abertos até meia-noite, mas esta não era a minha noite de atender clientes sem agendamento, então, se eu não tivesse um cliente, não precisava estar aqui. Poderia estar no andar de cima, esticada no meu sofá com uma bolsa térmica, até chegar a hora de fechar tudo.

Como previsto, minhas costas estavam rígidas, os músculos já enrijecendo e os ombros doloridos de manter os braços esticados por tanto tempo. Eu tinha tomado alguns comprimentos de paracetamol para aliviar a dor, mas o desconforto estava me deixando irritada, e eu ficaria ainda mais puta se meu cliente não aparecesse.

Estava prestes a desistir quando um homem loiro e grande entrou de supetão. Do meu posto na área de espera, eu tinha uma visão perfeita dele. Ele estava vestido como uma grande vadia: calça de moletom cinza e uma camiseta branca que parecia dois números menores do que o dele. Uma bolsa de academia pendia do ombro, e o cabelo estava úmido, como se ele tivesse acabado de sair do banho.

Eu me senti uma *pearvertida* observando-o das sombras, mas, por nada neste mundo, eu conseguia desviar o olhar. O perfil dele era marcante. Mandíbula pontiaguda, nariz aquilino, maçãs do rosto definidas, lábio inferior carnudo. Eu

queria estudá-lo, desenhá-lo, traçar suas linhas e aprender como elas se encaixavam para criar um espécime de homem tão deslumbrante.

Meu olhar desceu para os seus braços musculosos. Pele lisa e virgem até onde a vista alcançava. Ótimo. Eu gostava de trabalhar com telas em branco. Era muito mais fácil do que tentar enfiar os meus desenhos entre o trabalho de outros artistas.

Ele parou quando não viu ninguém no balcão de atendimento, e eu provavelmente deveria ter dito algo, mas ainda estava ocupada demais devorando-o com os olhos. Ele parecia o garoto-propaganda dos "Fazendeiros da América", a própria definição da beleza rústica de quem cresceu à base de milho no interior. Alto o suficiente para parecer três tratores escondidos sob um sobretudo. Largo o suficiente para me fazer temer que os hormônios de crescimento que injetamos no nosso gado estivessem começando a ferrar com a nossa genética.

Uma expressão de irritação cruzou o seu rosto quando ele me avistou, e todos os pensamentos sobre garotos da fazenda fugiram da minha mente. A expressão dele era de uma frieza pura, chegando ao ponto de um erguer de sobrancelha arrogante. Isso me deu ainda mais vontade de desenhá-lo. Sentá-lo em um trono congelado e colocar uma coroa de estalactites de gelo sobre sua cabeça. Talvez adicionar um par de chifres e substituir a metade inferior das pernas pelas de um cervo. Eu o transformaria num vilão saído diretamente de Nárnia e flanquearia seu trono com ursos polares vestidos com armaduras de batalha.

— Você é a Stella? — perguntou ele num tom ríspido que acabou com minha fantasia.

— Depende — respondi, recostando-me na cadeira.

As sobrancelhas dele se juntaram.

— Do quê?

— De você pretender ou não pedir desculpas por estar dez minutos atrasado para o seu horário.

— Peguei trânsito — disse ele, virando-se totalmente para mim. Droga, ele era enorme.

— E não podia ter ligado?

Ele tentou me congelar com o olhar.

— Não sou fã de dirigir distraído.

— Que desculpa conveniente.

O maxilar dele se contraiu.

— Vamos fazer isso ou vou ter que deixar uma avaliação de uma estrela no Yelp?

Minha irritação aumentou enquanto eu me levantava.

— Vamos fazer. Mas não por causa do seu chilique, então não fique com essa cara de convencido.

Os lábios dele se contraíram, e tive que forçar meu olhar para longe deles. Não que olhar para os olhos dele fosse melhor. Eles não eram apenas azuis; eram de um cobalto intenso e profundo que parecia brilhar quando captava a luz.

Por que as pessoas mais gostosas eram sempre as mais insuportáveis?

Comecei a caminhar em direção a ele.

— Vamos fazer porque passei mais uma hora trabalhando no seu desenho hoje de manhã, e você *vai* me pagar pelo meu trabalho.

O olhar dele me percorreu enquanto eu me aproximava, e algo atravessou o seu rosto por apenas um milésimo de segundo. Algo frio, calculado e *satisfeito*. Era provavelmente o mesmo olhar que um louva-a-deus fêmea usaria pouco antes de arrancar a cabeça do parceiro.

Parei a alguns passos dele, cautelosa com seus braços assustadoramente longos e mandíbulas brilhantes. Certo, talvez a última parte tenha sido imaginação, mas eu ainda não tinha visto os dentes dele, então achei melhor pecar pela cautela.

De perto, ele era ainda mais impressionante: duas vezes mais largo que eu e bem acima de 1,80m. Como uma garota alta, a primeira coisa que se passou pela minha mente foi: *Este é o diferencial de altura que eu mereço.* A segunda foi uma bronca interna por deixar meus pensamentos seguirem esse caminho. Tá bom, ele era gostoso *e* alto. E daí? Também era um babaca. E *loiro*. Meus padrões eram baixos, mas não estavam no fundo do poço.

— Então você *é* Stella — disse ele, com um tom de deboche que me fez sentir como se ele estivesse tirando sarro de mim de alguma forma.

— É. E qual o seu nome mesmo? — Eu sabia muito bem qual era, mas esse nível de mesquinharia parecia a resposta correta para a babaquice dele.

— Theo — respondeu com uma piscadela. — Você vai querer se lembrar disso.

Fingi náusea. Normalmente, eu nunca era tão rude com clientes novos, mas havia algo nesse cara que me deixava instantaneamente com os nervos à flor da pele.

Ele sorriu.

— Ou pode me chamar de Sr. Strickland, se preferir.

— Não vou te chamar de Sr. nada — retruquei. — Você não é meu *dom*.

Isso arrancou uma risada surpresa dele; seus olhos brilharam enquanto ele me avaliava de novo, mais devagar desta vez.

Ele estava… *gostando* disso?

Virei-me abruptamente.

— É aqui atrás.

Sem checar se ele me seguia, guiei-o em direção à minha cabine no fim do corredor. Passamos por Derrick, que trabalhava em seu último cliente da noite. Todos os outros já tinham limpado tudo e ido para casa. Minha inveja doeu. Eu precisava parar de me sobrecarregar com tantos agendamentos. A exaustão e a rigidez me deixavam mais ranzinza do que o normal, e sim, Theo podia até merecer minha animosidade, mas e se amanhã eu desse um patada em alguém que não merecia?

Decidida a tentar ser civilizada, apontei para a cadeira de cliente no centro da cabine.

— Sente-se.

Theo caminhou calmamente até ela, largando sua bolsa de academia com um baque surdo antes de se virar para observar o ambiente. As paredes eram pintadas de um verde profundo. Retratos e paisagens com molduras douradas pendiam em uma galeria à direita. Um sofá de veludo cor-de-rosa ficava do lado oposto, coberto de almofadas e mantas. Havia estantes de livros, vasos de plantas e uma cabeça de cervo gigante de latão adornada com musgo artificial. Era um verdadeiro banquete para os sentidos.

Theo pareceu sobrecarregado.

— Acho que estou ficando com dor de cabeça.

— Então feche os olhos e se deite — respondi.

O olhar dele encontrou o meu.

— Só se você prometer ser gentil.

Lancei-lhe um olhar inexpressivo e dei as costas. Filho da puta estúpido, sarcástico e brutamontes. Eu deveria saber que ele seria um cliente problemático. Até agora, tínhamos interagido apenas por e-mail, mas trocamos tantas mensagens sobre os detalhes do desenho dele que quase não aceitei seguir em frente com esta consulta.

Eu sabia lidar com clientes exigentes, e fazia isso o tempo todo. Tatuagens eram para sempre, e eu entendia por que alguém gostaria de garantir que a arte estivesse exatamente conforme as especificações. Mas os e-mails de Theo tinham sido de outro nível, criticando cada detalhe minúsculo dos meus esboços

iniciais. E depois ele exigiu que eu imprimisse uma tatuagem temporária colorida para que ele pudesse ver como ficaria no lugar. O que nos trazia à noite de hoje.

Peguei o desenho na minha mesa e me virei para ele.

— Você precisa levantar a manga.

Ele balançou a cabeça e flexionou os braços, os músculos saltando.

— Não dá. Sou grande demais.

Eu estava prestes a ter uma ânsia de vômito real quando as mãos dele foram para trás da cabeça e ele arrancou a camiseta em um único movimento fluido.

A visão dele parado ali, sem camisa, me atingiu como um soco. Eu não sabia para onde olhar. Alguns marombeiros ficavam com as veias saltadas quando secavam demais, mas Theo tinha gordura o suficiente para que seus músculos fossem cobertos por uma pele lisa e dourada. Ele devia ter se depilado, porque não havia um único pelo em seu peito. Sob o brilho das luzes do teto, ele parecia irreal. Obsceno. Como um anjo se preparando para foder.

Minha cabeça girou. Senti umidade se acumular entre minhas coxas. Era como se eu estivesse passando pela puberdade de novo.

Ele jogou a camisa de lado e se sentou, me dando um momento necessário para me recompor. O que diabos estava acontecendo? Eu *odiava* homens.

Infelizmente, eu também sentia atração por eles contra a minha vontade.

Ele é um babaca, repeti para mim mesma enquanto colocava as luvas e pegava meus materiais. Esse mantra se transformou em *Ele tem um pau* quando me virei e o vi recostado, o moletom cinza acomodado no lugar, moldando perfeitamente o que parecia ser um pau grosso.

Arranquei o olhar dali antes que fosse pega. Felizmente, ele ainda estava distraído com a decoração, os olhos saltando de uma peça de arte para outra. Empurrei meu banco para o lado esquerdo dele e rolei o carrinho de materiais para o lugar, ao meu lado.

Porra, se controla Stella, falei para mim mesma. *Você é uma profissional, caralho.*

Eu trabalhava com clientes sem camisa o tempo todo. Inferno, trabalhava com clientes sem calças com a mesma frequência. Não deveria ser diferente só porque o Theo era uma das pessoas mais atraentes que eu já tinha visto na vida.

Eu me sentei e me aproximei dele. Ele cheirava a sabonete caro. Do tipo feito em pequenos lotes em fazendas de cabras em Vermont. Seu peito nu subia e descia a cada respiração, o abdômen se contraindo conforme ele se inclinava levemente em minha direção. Nem um ponto de tinta manchava sua pele linda, e

minha boca ficou seca ao pensar que eu poderia ser a primeira artista a deixar minha marca nele.

— O que acontece se você chegar perto demais de ímãs? — perguntou ele.

Levantei o olhar e encontrei os olhos dele percorrendo meu rosto, analisando meus piercings, da sobrancelha ao que atravessava a ponta do meu nariz e ao estilo Monroe que perfurava o canto superior do meu lábio.

— Nossa, essa eu nunca ouvi antes — resmunguei, mas, honestamente? Eu estava grata pelo comentário. Isso tornava mais fácil focar o que mais importava sobre ele: sua personalidade horrorosa.

Ele passou a mão pela boca, como se estivesse tentando esconder um sorriso.

— Você tem baixa autoestima? — disparei. — É por isso que sente que precisa buscar atenção negativa?

Ele se inclinou na minha direção.

— Talvez eu tenha sido uma criança negligenciada, então qualquer atenção parece boa.

— Posso sugerir terapia?

Ele soltou uma risadinha sarcástica.

— Por quê? Não parece ter melhorado muito a sua personalidade.

Maldito seja. Eu não ia aceitar ser vencida nos insultos por um marombeiro.

— A minha versão pré-terapia já teria te dado um soco.

A expressão dele se tornou presunçosa.

— Você teria tentado.

Eu estava prestes a retrucar quando me lembrei de todo o progresso que eu realmente tinha feito na terapia. Esse comportamento era regressivo. Era a velha eu. Aquela que sempre tinha que dar a última palavra. Aquela que bancava a durona toda vez que estava perto de alguém maior, porque odiava se sentir pequena e vulnerável.

Desviei minha atenção para o carrinho, puxando-o para mais perto.

— Deixe seu braço relaxado ao lado do corpo.

Theo me observou, parecendo desconfiado.

— Preciso dele esticado para posicionar a tatuagem — expliquei.

Relutante, ele o soltou, e pela forma como eu estava sentada, o braço caiu direto entre minhas coxas, perto o suficiente para eu sentir o ar roçar minha pele com o movimento. O calor se desenrolou no meu interior. Se ele virasse a mão do jeito certo, seria capaz de envolver meu tornozelo com aqueles dedos longos. Subi-los pela minha panturrilha. Enfiá-los sob a bainha do meu short.

Cortei esses pensamentos pela raiz e arranquei o papel de decalque do carrinho, inclinando-me para trás o suficiente para avaliar o bíceps dele, tentando medir onde a tatuagem ficaria melhor em seu braço.

— Relaxa os músculos — falei.

— Eles estão relaxados.

— Qual é, cara. Não quero ficar aqui a noite toda.

Ele sacudiu o braço, roçando minhas coxas com o movimento, e lutei contra o impulso de prender minhas pernas em volta dele como uma vênus papa-moscas. Qual era a *porra* do meu problema hoje? Ah, certo. Minha versão viciada em trabalho não transava há seis meses, e isso estava rapidamente se tornando um problema (vide eu quase me oferecendo para um dos homens mais famosos da cidade mais cedo).

— Eu estou relaxado — disse Theo, sua irritação quase se equiparando à minha.

Cutuquei seu ombro maciço e percebi que ele estava dizendo a verdade. Ele não estava forçando. Ele era simplesmente definido daquele jeito.

— Ah.

Ele moveu as sobrancelhas.

— Impressionada?

— Só pelo seu ego.

Um sorrisinho *maldoso* se espalhou pelo rosto dele.

— O jeito que seu queixo caiu quando tirei a camisa me faz pensar o contrário.

Merda. Ele tinha notado.

Levantei meus olhos até os dele, e nossos olhares se encontraram e *se fixaram*.

Algo passou entre nós, algo que eu não queria dar nome. Ele pareceu sentir também; suas pupilas se dilataram, os lábios se entreabriram. Lentamente, ele se inclinou na minha direção. Fiquei congelada no lugar, lutando contra o impulso do meu corpo de encontrá-lo no meio do caminho. O olhar dele desceu para a minha boca, e o desejo desabrochou dentro de mim como uma flor venenosa, infectando meus membros e tornando cada parte de mim hipersensível.

Ah, não. Nós estávamos *flertando* esse tempo todo? Era isso que estava acontecendo? Aquele tipo de preliminar antagônica do tipo *eu não gosto de você, mas isso não significa que eu não vá te foder*?

Recua, implorei a mim mesma.

Não, piranha, nós precisamos disso, respondeu meu alter ego vadio.

Contra a minha vontade, minhas pálpebras começaram a se fechar.

Theo se inclinou.

Derrick pigarreou na porta.

Theo e eu nos afastamos num solavanco, como se tivéssemos sido pegos fazendo algo muito mais comprometedor.

Uma das sobrancelhas grossas de Derrick se ergueu enquanto ele olhava de um para o outro.

— Já estou quase terminando por hoje. Quer que eu fique por aqui?

Olhei de volta para Theo. Ele podia até ser um babaca, mas não disparava meu alarme de esquisitão.

— Você vai ser um problema?

Ele deu uma piscadela.

— Eu sou sempre um problema.

Cutuquei o ombro dele de novo, mais forte desta vez.

Ele levantou a outra mão em uma saudação de três dedos e se voltou para Derrick.

— Vou me comportar. Palavra de escoteiro.

Derrick fechou a cara.

— É bom mesmo. Se eu descobrir que você encostou num fio de cabelo dela, corto o seu pau fora e enfio no seu rabo, para você descobrir qual é a sensação de ir se foder.

Theo girou na minha direção, parecendo estar se divertindo como nunca.

— Esse estúdio tem um excelente atendimento ao cliente. Acho que vou subir minha avaliação para duas estrelas.

Era exatamente a coisa errada a se dizer na frente de Derrick. Eu não conseguia acreditar que quase tinha deixado esse idiota me beijar.

O ex-motoqueiro deu um passo para dentro da cabine. Levantei a mão.

— Eu vou ficar bem.

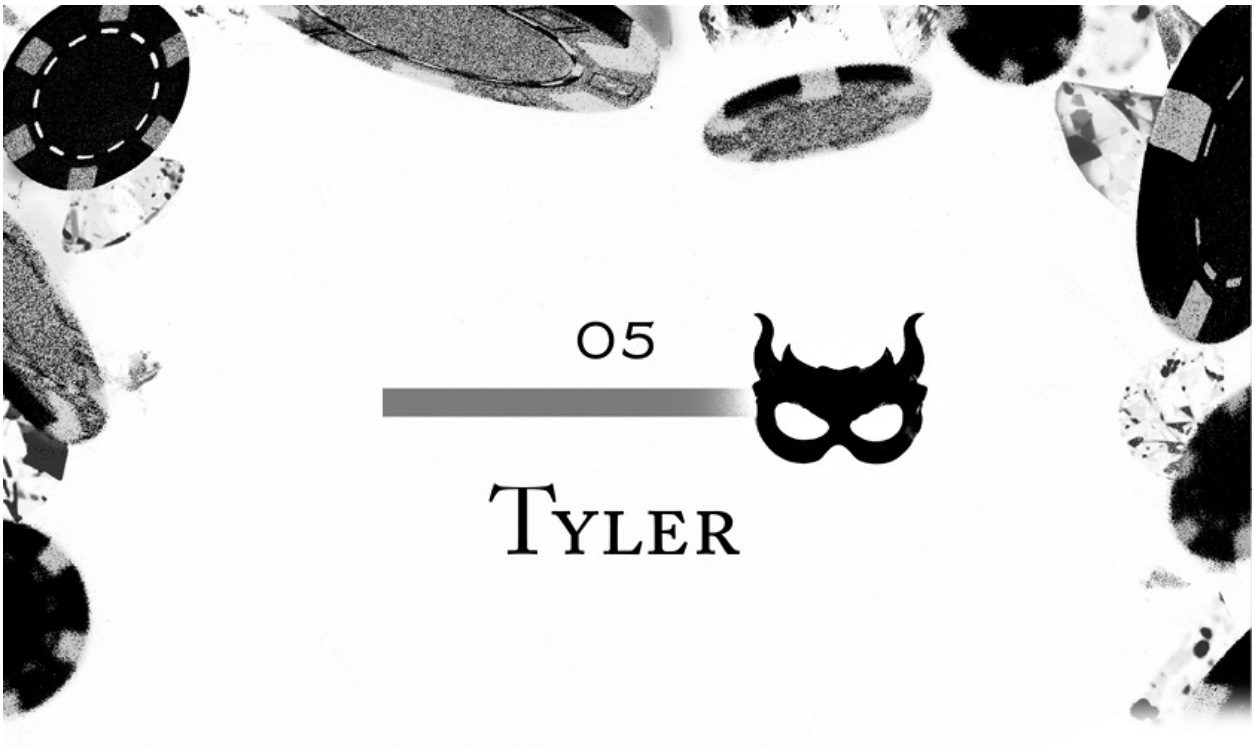
Derrick me encarou por um segundo antes de balançar a cabeça e sair pisando duro, resmungando algo baixo sobre adolescentes no cio.

Minhas bochechas queimaram com um constrangimento tardio. Ele não estava errado. Eu definitivamente estava agindo como uma. Quase dar uns amassos com um cliente? Isso não era a minha cara. Pelo menos não a minha versão *atual*.

Culpei minha mãe. Ela ter mencionado a Maddie trouxe à tona muita sujeira. Me fez lembrar de quem eu costumava ser, de como era muito mais fácil quando eu vivia como se não houvesse consequências para os meus atos, e fazia o que queria, quando queria.

Bom, eu não era mais aquela pessoa. Não queria ser aquela pessoa. De agora em diante, eu voltaria a ser a profissional consumada. Não desceria ao nível do Theo, não importava o quanto ele me provocasse, e eu *definitivamente* não beijaria aquele desgraçado.

Ele se virou para mim quando Derrick desapareceu, e a expressão em seu rosto me dizia que ele estava prestes a levar minha determinação ao limite.



— Cara gente boa — comentei, enquanto o colega de trabalho colossal de Stella desaparecia pelo corredor.

— Ele é um dos melhores tatuadores do país — disse ela, com aquela voz baixa e sensual. Puta que pariu, eu não estava preparado para aquilo quando ela abriu a boca pela primeira vez. Ainda estava lutando contra a reação do meu corpo. Toda vez que ela falava, parecia que estava a um suspiro de me mandar colocar o pau para fora.

— E isso, de alguma forma, justifica a grosseria dele? — perguntei, só para ouvi-la falar de novo.

— Ele estava cuidando de mim — disse ela. — Certamente até você consegue valorizar isso.

Franzi a testa.

— O que isso quer dizer?

Ela balançou a cabeça.

— Nada. Esquece.

Ah. *Aaah*. Eu tinha o dobro do tamanho dela, e ela estava prestes a ficar sozinha comigo. É, eu provavelmente deveria ter ligado os pontos, mas, apesar de todo o meu comportamento terrível no passado, no presente e, vamos encarar os fatos, no futuro, eu nunca, *jamais*, me aproveitaria de alguém sexualmente.

— Você não tem com o que se preocupar — falei. — Não sou um predador.

Ela ergueu uma sobrancelha com piercing para mim.

— Isso é *exatamente* o que um predador diria.

Mordi o interior da bochecha para não sorrir. Caramba, ela era arredia. E ah, tão fácil de provocar. Eu não estava mentindo mais cedo quando disse que aceitaria qualquer atenção que pudesse receber, e se ela continuasse dando patadas em mim, eu acabaria ficando todo animado na região das calças. O que seria óbvio demais, já que esse moletom não deixava nada para a imaginação.

Eu me inclinei mais perto e baixei a voz.

— Você está segura comigo, Stella.

Os olhos dela faiscaram quando eu disse o nome dela, como se tivesse notado o jeito que meu tom o acariciou, saboreando-o na minha língua. Tive vontade de dizer de novo, mais baixo, mais rouco, só para ver como ela reagiria. Não, eu não a forçaria, mas não achava que precisaria. Eu não tinha imaginado o que quase aconteceu entre nós antes de o colega dela interromper tão rudemente. Eu estava prestes a beijá-la. E ela estava prestes a *deixar*.

Ela abriu a boca. Fechou-a. Parecia estar tentando se controlar.

Vamos lá, eu quis dizer. *Brigue comigo.*

Eu tinha vindo aqui com o plano de dizer a Stella que o destino do irmão dela estava em minhas mãos, e então apresentar minhas exigências sobre como ela poderia libertar Blake. Mas então ela abriu aqueles lábios carnudos e começou a me provocar, e eu achei que, depois de todo o trabalho duro que tive, eu merecia me divertir um pouco brincando com a minha presa primeiro.

Ela pareceu repensar o que quer que estivesse prestes a dizer (uma pena) e baixou o olhar para o meu braço.

— Preciso que você se recoste de novo e relaxe.

Fiz o que ela pediu, mas mantive meu rosto virado em sua direção. Ela inclinou a cabeça para baixo enquanto ajustava o decalque na minha pele, me dando a chance de finalmente estudá-la em paz. Cílios longos beijavam a parte superior de suas bochechas quando ela piscava. O metal de seus piercings brilhava sob a luz. Seu cabelo cor de meia-noite estava preso em uma trança frouxa, deixando sua maquiagem dramática em total evidência: delineado gatinho, um contorno digno de tapete vermelho e lábios azuis foscos tão escuros que eram quase pretos. Combinado com seu *cropped* de banda, o short rasgado curtíssimo, a meia arrastão, as botas de combate e as inúmeras tatuagens, ela parecia o pôster oficial da geração millennial deprimida.

Eu era um cara de oportunidades iguais. Ou seja, eu me sentia atraído por quase todo mundo, mas nunca tinha fodido uma garota emo antes. Inferno, eu

estava me esforçando para lembrar se já tinha fodido *alguém* tão gostosa quanto Stella. De perto, ela não parecia real. E sim, eu sabia que parte disso era por causa da habilidade com que ela aplicava a maquiagem, mas eu conseguia notar, por seus traços e estrutura óssea, que ela seria igualmente deslumbrante sem nada disso.

Eu já sabia que ela era bonita pelas fotos, mas elas não tinham me preparado para vê-la pessoalmente. Não capturavam o quão impossivelmente longas eram suas pernas. O quão expressivo era seu rosto. O jeito como seus olhos faiscavam de irritação. O jeito que uma sobrancelha subia em perfeito desdém. Podíamos ter acabado de nos conhecer, mas eu passei tempo suficiente estudando pessoas em mesas de baralho para aprender rapidamente seus sinais. Ela estava gostando do nosso embate, por mais que tentasse fingir o contrário, e isso me dava vontade de continuar cutucando, de deixar meu babaca interior correr solto até que ela ficasse tão puta que finalmente explodisse e…

E o quê? Eu me perguntei. E me desse um soco na cara, como tinha ameaçado? Cravasse as unhas no meu peito nu fundo o suficiente para jorrar sangue? O que havia nessa mulher que me fazia querer instigá-la à violência?

Brat, uma voz que soava muito como a de Lauren ecoou pela minha mente.

Não. De jeito nenhum. Não era isso que estava acontecendo. Eu queria a Stella no seu pior, porque isso tornaria mais fácil lembrar quem ela era: minha inimiga. Nada além de um peão no tabuleiro de xadrez, alguém com quem eu planejava brincar até estar pronto para meu próximo movimento. E então eu a descartaria, quebrada e arruinada, enquanto estivesse focado em vencer o jogo.

Eu estava preparado para manipulá-la. Ameaçá-la, se precisasse. O que eu não esperava era essa faísca instantânea entre nós. O que eu sentia era complicado demais para ser definido, e o que ela sentia… a julgar pela expressão em seu rosto, parecia dividida entre querer me enforcar e me foder.

Os dois, por favor!, meu subconsciente se intrometeu.

Fiz o meu melhor para silenciá-lo enquanto o olhar dela deslizava do meu braço para o resto do meu corpo, como se não conseguisse se conter. O desejo de tocá-la era tão forte que fechei minha mão em um punho entre os tornozelos dela, porque não confiava que meus dedos não iriam passear por ali. Eu podia *sentir* o calor que emanava dela, ansiava por rastreá-lo até a fonte, imaginando se a encontraria molhada e desejosa.

Puta que pariu. Essa era uma complicação de que eu não precisava. Eu não saía com uma mulher há mais de seis meses, tinha ficado estritamente com homens, então achei que não havia motivo para me preocupar, porque não estava

em uma fase de garotas. É claro que Stella teria que ser a mulher a me lembrar que eu gostava de boceta tanto quanto de pau.

Isso fez com que eu me ressentisse ainda mais dela. Ela era tudo o que eu odiava: o produto da riqueza, nascida em berço de ouro. Nunca tinha passado vontade de nada na vida. Não tinha ideia de como era passar necessidade, se preocupar constantemente de onde viria sua próxima refeição ou se haveria sequer uma. Inferno, este estúdio de tatuagem provavelmente foi comprado e pago pelos pais dela, tudo para sustentar seu hobbyzinho. Ela provavelmente nem era boa; o lugar devia ser mantido pelos outros artistas que trabalhavam com ela.

Ela soltou um ruído baixo, contemplativo, e puxou o papel de decalque para fazer alguns pequenos cortes.

Meu olhar caiu sobre o desenho final pela primeira vez. Eu tinha que admitir que a tatuagem era boa — um esqueleto estilizado, de capuz, segurando cinco cartas de baralho na mão ossuda, vibrante de cores e contraste. Ver o esboço bruto era uma coisa, mas vê-lo em sua glória final e detalhada era algo completamente diferente.

— Você mesma fez isso? — perguntei, incrédulo. Não era possível que essa garota rica e mimada tivesse talento de verdade.

A linha do maxilar dela tensionou, como se estivesse rangendo os dentes.

— Sim.

— Ninguém te ajudou?

Os olhos dela faiscaram quando subiram para encontrar os meus.

— Não. Agora, se você terminou de fazer perguntas, eu gostaria muito de posicionar isso e te deixar seguir seu caminho e ir irritar outra pes… — Ela se interrompeu, forçando um sorriso que parecia doloroso. — Quero dizer, para deixar você seguir com o resto da sua noite.

Eu sorri, incapaz de me conter.

— Mas eu estou me divertindo tanto aqui com você.

Ela ignorou o comentário provocativo, levando o papel de volta ao meu braço, e percebi que os cortes permitiriam que ele se moldasse melhor aos meus músculos.

— Acho que deve ficar aqui — disse ela, inclinando-se para trás para inspecionar o posicionamento.

— Tudo bem — respondi. Eu não tinha nenhuma intenção de fazer uma tatuagem de verdade, então não importava onde ela a colocasse. Tudo isso era apenas um pretexto para que eu pudesse chegar perto o suficiente para lê-la bem,

descobrir quais botões eu precisaria apertar para fazê-la fazer o que eu queria. Sorte a minha que a mulher parecia ser feita de botões.

— Vou seguir todos os passos, como se fosse realmente te tatuar — disse ela. — Assim, teremos o melhor encaixe.

Aposto que vai encaixar bem pra caralho, veio um pensamento indesejado, meu olhar caindo direto entre as pernas abertas dela. Aquele short maldito tinha subido, deixando os músculos suaves à mostra sob a meia arrastão. Meu *stalking* online tinha revelado muitas coisas sobre Stella, inclusive que ela fora bailarina quando mais nova. Ela ainda tinha corpo para isso, quase magra como um palito. Seus movimentos também eram graciosos; as mãos praticamente flutuavam no ar enquanto ela se virava para pegar as luvas de nitrilo limpas no carrinho.

O movimento pressionou a coxa dela contra meu braço. Uma leve pressão surgiu na minha virilha.

Agora?, meu pau perguntou.

De jeito nenhum, respondi. Stella estava tão perto que não havia a menor chance de ela não notar a barraca armada se formando se eu perdesse o controle. Maldita calça de moletom. Eu deveria ter tirado um tempo para vestir o jeans depois do treino, mas estava com tanta pressa de chegar aqui que me vesti na velocidade da luz.

Ela se virou de volta para mim, molhando meu braço com uma solução de sabão e depois secando. Meu olhar desceu para as tatuagens aparentemente aleatórias que pontilhavam sua pele pálida. Avistei uma âncora, um esqueleto dançando, as fases da lua e uma cobra enrolada no antebraço. Não deveria funcionar, mas o modo como estavam posicionadas, somado ao espaçamento entre elas, fazia tudo parecer mais eclético do que arbitrário, como se ela as tivesse planejado com cuidado.

Ela trocou o sabão por uma navalha e começou a depilar meu braço a seco.

Levantei o olhar para o rosto dela, observando suas sobrancelhas se juntarem em concentração, o jeito como seus olhos acompanhavam o movimento da lâmina. Ela tinha olhos lindos. Castanho-claros com tons de mel atravessando-os.

Uma mecha de cabelo se soltou da trança e roçou meu braço enquanto ela se inclinava para perto. Cerrei o maxilar e tentei pensar em absolutamente qualquer outra coisa que não fosse a sensação do hálito quente dela na minha pele. Assim que terminou, ela girou para o lado para largar a navalha e pegar um frasco de álcool em gel, me dando um breve respiro para implorar que minhas partes baixas se comportassem. E então ela voltou, inclinando-se enquanto limpava

meu braço pela segunda vez. Ela cheirava bem. A incenso. Do tipo que queimam em lojas *hippies* para disfarçar o fedor da alface do diabo vindo da área de descanso nos fundos.

Mais meia-volta e a perna da Stella estava novamente em contato com meu braço, e algo em mim finalmente se rompeu. Abri meu punho e passei de leve os dedos na parte interna do tornozelo dela.

Ela congelou.

Eu também.

Que porra eu estava fazendo?

E por que eu parecia incapaz de parar?

Lentamente, ela girou para longe, sua expressão ilegível, e então a ficha caiu. Ela estava calma demais, centrada demais, impecável demais. Como se aquele quase beijo nunca tivesse acontecido. Como se fosse algo esquecível. Como se *eu* fosse esquecível. Enquanto isso, aqui estava eu, implorando para que o volume nas minhas calças não virasse um mastro completo. Isso me deu vontade de arrastá-la para o meu nível. Desestruturá-la. Arruiná-la. Agarrá-la pela camiseta e puxá-la para frente só para borrar todo aquele batom perfeito no rosto dela com a minha boca.

Algo feio rastejava pela minha garganta, exigindo ser libertado. Esta era uma doença contra a qual eu lutei a vida inteira: a necessidade de provar que eu era bom o suficiente, que eu era digno. E que maneira melhor de fazer isso do que fodendo uma riquinha mimada no estúdio que os pais dela pagaram? Ela sempre iria me odiar pelo que eu fiz com o irmão dela, e pelo que planejava fazer com ela e com todos os outros com quem ela já se importou, então que diferença fazia se eu adicionasse mais um pecado à minha lista de crimes?

Se eu ia ser o vilão na história dela, era melhor fazer por merecer o título, certo?

Além do mais, não era como se Stella fosse uma coitadinha inocente. Ela mesma era a vilã na história de outra pessoa, e essa era uma grande parte do motivo pelo qual eu a tinha escolhido. Era mais fácil odiá-la sabendo o que tinha feito, sabendo que a proteção de sua riqueza e privilégio a impediram de pagar por seus crimes.

— Até amanhã! — gritou seu colega grisalho antes que o sino da porta anunciasse sua partida.

Finalmente a sós.

Desta vez, envolvi o tornozelo de Stella com a mão inteira.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, ecoando meu pensamento de antes.

— O que nós dois queremos que eu faça — respondi, arrastando meus dedos pela parte interna da panturrilha dela.

Ela estremeceu, os olhos se fechando, os lábios se abrindo, exatamente como tinham feito antes de sermos interrompidos.

— Eu nem gosto de você.

— E quem disse que isso tem alguma coisa a ver com a gente se gostar? — Meus dedos alcançaram o joelho dela e se curvaram na parte de trás. Apertaram.

Ela começou a dizer algo, mas eu a cortei antes que pudesse nos convencer a desistir disso.

— Sobe aqui.

Segurei o braço dela e, com um puxão, a fiz se mexer, mas aquela perna passando por cima da minha? Isso foi tudo por conta dela. Um indicador claro de que eu não era o único que tinha perdido a porra do juízo. O papel de decalque flutuou até o chão, esquecido, enquanto ela caía no meu colo. Desci minhas mãos para os quadris dela e dei uma sarrada para cima, o suficiente para ela sentir o que tinha feito comigo, apertando-a com força suficiente para ela saber que eu guardava rancor por aquilo.

As palmas das mãos dela bateram contra o meu peito nu enquanto ela era forçada a se equilibrar. Mas ninguém a estava forçando a cravar as unhas com tanta força. E ninguém estava me forçando a gostar daquilo tanto quanto eu estava.

— Você seria mais bonita sem os piercings — falei, uma pequena parte de mim tentando me salvar dessa estupidez sendo um babaca.

— E você seria mais bonito com a boca grampeada — retrucou ela.

Balancei meus quadris contra os dela.

— Então você só me quer pelo meu corpo?

— Não, pela sua personalidade encantadora. — O tom dela era profundamente sarcástico.

— Cala a boca.

— Cala a boca *você*.

Nós nos projetamos para frente ao mesmo tempo, calando a boca um do outro. Com as nossas bocas.

Os lábios de Stella se abriram imediatamente, e eu soube, desde o primeiro deslizar da minha língua contra a dela, que aquilo era um erro. Porque não foi estranho. Nem hesitante. Nossos dentes não se bateram. Não tivemos que ir

devagar no início enquanto aprendíamos o estilo de beijo um do outro. Não, nós fomos com tudo, com força, com brutalidade. Como se estivéssemos fazendo isso há anos.

A língua dela parecia o paraíso; pausando, rodopiando, aprofundando o beijo enquanto as mãos dela agarravam meu rosto e ela inclinava minha cabeça para trás para ter mais acesso. E os quadris dela. Porra, ela sabia como se mexer; aquele roçar lento da boceta dela subindo e descendo por toda a extensão do meu pau me dava vontade de rasgar as camadas entre nós e cravar nela, naquela sua umidade quente e acolhedora.

— Não deixe isso subir à cabeça — disse ela enquanto mudávamos o ângulo. — Eu dou uns amassos em todos os meus clientes.

— Putinha suja. — Com a minha voz grave de desejo, as palavras saíram ainda mais rudes do que eu pretendia.

Stella deve ter gostado do som delas, porque seus lábios colidiram de volta nos meus em um gemido. Nossas línguas se encontraram novamente, bocas abertas enquanto as enroscávamos uma na outra em um beijo absolutamente imundo. Minhas mãos subiram dos quadris dela, moldando brevemente sua cintura estreita antes de deslizarem para cima, para a caixa torácica, parando ali. Passei meus polegares pela parte de baixo dos seios dela e senti-a arquear o corpo contra mim em um apelo silencioso por mais.

O som de um sino ecoou pela loja. Congelamos, os olhos se abrindo, encarando um ao outro enquanto passos pesados vinham em nossa direção.

Stella mergulhou para o lado, saindo de cima de mim. Ou talvez eu a tenha arremessado. De qualquer forma, o som grasnado que ela soltou enquanto voava fez com que os passos acelerassem.

— Sua boca — sussurrou ela, subindo às pressas de volta no banquinho. Olha só quem estava falando. O azul estava borrado do nariz ao queixo, como se ela tivesse canibalizado um Smurf.

Pelo menos eu tinha alcançado meu objetivo de arruinar o rosto perfeito dela.

Pressionei a mão contra os lábios e puxei os joelhos para cima para esconder da vista minha ereção agora furiosa.

Stella ficou de costas para a porta no exato momento em que seu colega rabugento entrou no campo de visão. Ele parou na soleira, nos encarando com uma suspeita óbvia.

— Tudo certo por aqui?

— Tudo certo — disse Stella, de frente para a parede.

O olhar dele se estreitou.

— Esqueci minhas chaves.

— Ah, tudo bem — respondeu Stella, com a voz uma oitava inteira mais aguda que o normal. Muito sutil. — Já achou?

— Sim. — O grandalhão olhou de um para o outro novamente. — Quanto tempo mais vocês vão levar?

— Talvez uns dez minutos? — disse Stella.

Ele assentiu com a cabeça.

— Acho que vou esperar, afinal de contas. Aproveitar para deixar tudo pronto para amanhã.

Ele me lançou um olhar de advertência e saiu pisando forte.

Stella soltou um suspiro trêmulo e pegou uma toalha de papel para limpar a boca. Depois, jogou para mim.

— Toma, limpa o rosto.

Eu a joguei no chão.

— Eca.

Ela revirou os olhos.

— Sua língua estava agorinha limpando o fundo dos meus dentes.

— Não significa que eu queira usar seus trapos sujos. — Me estiquei e peguei o rolo de papel toalha eu mesmo.

Em algum lugar por perto, um barulho alto ecoou, como se o colega dela tivesse batido uma gaveta.

Stella olhou em direção ao corredor.

— Acho que ele não gosta muito de você.

— É, bom, o sentimento é mútuo — resmunguei, limpando os lábios, mas talvez eu devesse estar agradecendo a ele. Seduzir Stella teria sido divertido no momento, mas também teria complicado as coisas mais para frente. Eu não precisava fodê-la para desempenhar meu papel de vilão; o que eu tinha planejado era mais do que suficiente para fazê-la me odiar para sempre. Além disso, aquele beijo tinha saído do controle rápido demais, tinha sido bom *até demais*. Mesmo agora, eu sentia o fantasma dos lábios dela sobre os meus, trabalhando, incitando, e isso me dava vontade de esticar o braço e puxá-la de volta para cima de mim e que se foda o funcionário mal-humorado dela.

Joguei a toalha de papel usada na bandeja de trabalho dela e depois lhe entreguei o rolo. Nossos olhos se encontraram quando ela o pegou, sustentando o olhar por um momento antes de o foco dela descer para os meus lábios.

— Isso não vai acontecer de novo — disse ela, soando como se estivesse tentando convencer a si mesma.

— Então talvez você devesse parar de encarar minha boca como se estivesse a uns cinco segundos de me atacar de novo.

Ela arrancou o rolo de papel toalha da minha mão.

— Eu não te ataquei.

— Atacou, sim — falei, apontando para a porta. — Estou quase tentado a convidar seu amiguinho para voltar aqui e garantir que você mantenha as mãos quietas.

— Você é tão egocêntrico — disse ela, girando para largar o rolo e recolher seu desenho do chão.

— Eu gosto de pensar que tenho o nível apropriado de autoconfiança.

— Senhor, você é um homem loiro. Menos, por favor.

Franzi a testa.

— O que diabos isso quer dizer?

Ela se aproximou de novo, reposicionando o papel de decalque.

— Eu não posso explicar por que é um insulto. Estragaria a graça.

Fiquei observando-a enquanto ela se concentrava novamente no trabalho, querendo dizer mais, querendo continuar provocando-a porque não gostava da rapidez com que ela estava se recuperando e retomando o controle.

Mais barulhos altos vieram de perto, outro lembrete de que não estávamos sozinhos.

Uma onda de irritação me atravessou e, desta vez, não fiz nada para conter a maré, deixando que ela me distraísse da proximidade da Stella e me lembrasse de como eu deveria estar me sentindo o tempo todo.

O retorno do colega dela tinha fodido com meu plano de me revelar. Eu tinha agendado esse horário tão tarde porque Stella tinha o (péssimo) hábito de fechar o estúdio sozinha, e eu queria que estivéssemos a sós quando eu explicasse minhas verdadeiras intenções. Eu não podia fazer isso agora com o Tropeço rondando por perto. Não que eu não conseguisse vencer o velho desgraçado em uma briga — eu ainda encontrava Josh no dojô uma vez por semana para enchermos um ao outro de porrada. Não, era porque eu não queria testemunhas, especialmente um cara que parecia ter ligações com o lado mais sombrio desta cidade.

Então, eu teria apenas que sentar aqui e sofrer com a proximidade da Stella em silêncio. Conseguir deixá-la sozinha de novo seria um pé no saco. Ela parecia nunca sair deste lugar, exceto para atravessar a rua para tomar café e, ao contrário do meu melhor amigo, eu não tinha tempo para ficar sentado

observando as pessoas como um esquisitão. Eu tinha lugares para ir, outro evento para preparar.

Que porra, eu teria que marcar um segundo horário tarde da noite, não é? Com sorte, ela teria alguma vaga nos próximos dias, porque quanto antes eu colocasse minhas cartas na mesa, melhor. Stella e o irmão eram incrivelmente próximos, e minha chantagem dependia disso. Blake e eu tínhamos interagido apenas brevemente, mas, entre minha "pesquisa" e meu talento para ler pessoas, determinei algumas coisas cruciais sobre ele: era jovem para a idade (obviamente cresceu protegido), era ingênuo, crédulo e estava em um estado vulnerável por causa de um término recente. Isso o tornava a vítima perfeita, e ele caiu facilmente na minha armadilha.

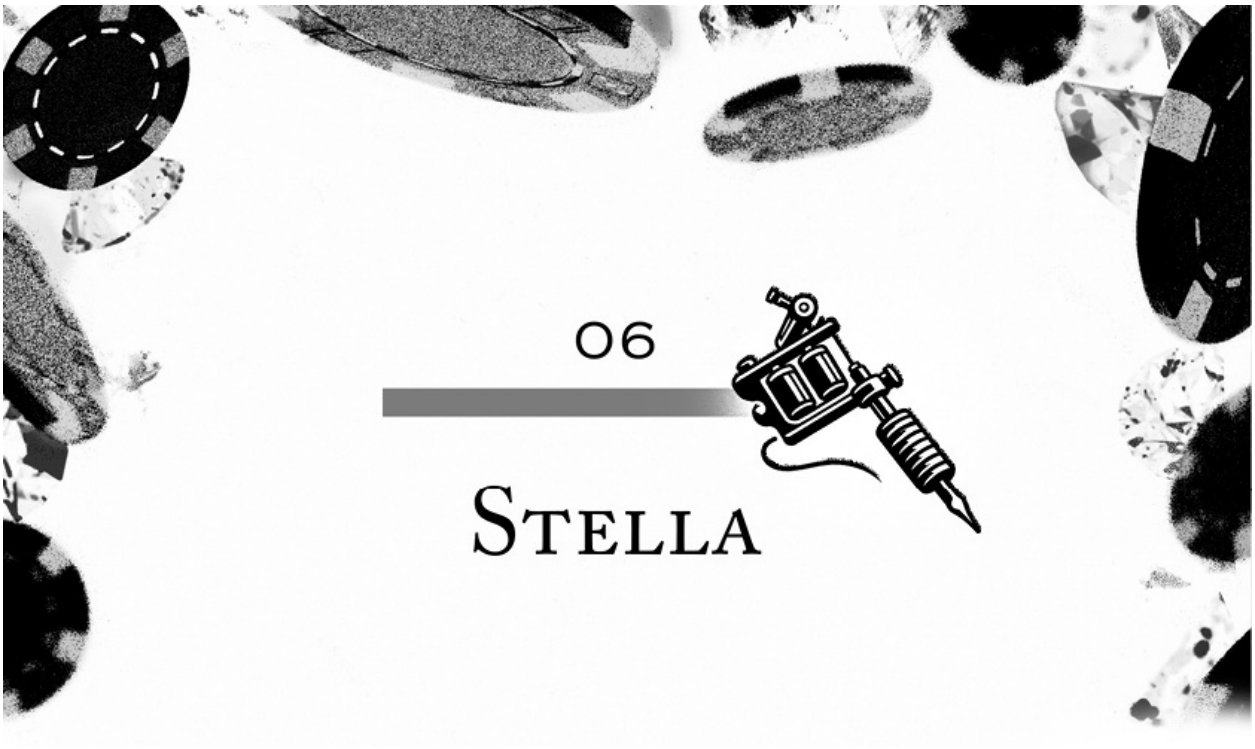
Agora ele estava encrencado. Uma encrenca grande demais para seus amigos de fraternidade resolverem. Era do tipo "o sangue fala mais alto". O tipo que você só contaria para alguém que se sentiria obrigado a te ajudar. Alguém que passou a vida toda te protegendo para que você não repetisse os erros dela. O que significava que havia um risco muito alto de Blake correr para Stella pedindo socorro antes que eu mesmo pudesse dar a notícia a ela.

Seria a pior coisa do mundo?, me perguntei, observando-a enquanto ela prendia o papel de decalque com fita. Se Blake chegasse primeiro, ela teria todas as peças necessárias para descobrir minha identidade. Ele não tinha visto meu rosto na festa, mas sabia que meu cabelo era loiro, que eu era alto, musculoso e que me chamavam de Sr. Strickland. Além disso, se ele contasse a ela, eu não teria que lidar com as consequências. Os gritos. As possíveis lágrimas e pedidos de uma misericórdia que eu não tinha. Deus sabia que eu já lidava com essa merda o suficiente com meus clientes regulares.

Eu estava preocupado com o fato de Blake falar com os pais? Ou pior, com a polícia? De jeito nenhum. Porque eu fiz minha lição de casa. Graças ao passado conturbado de Stella, eu estava convencido de que Blake não iria querer causar mais sofrimento ou vergonha aos pais deles. E ir à polícia arriscaria um escândalo público, algo que os McCormick fariam qualquer coisa para evitar.

No fundo, eu era um apostador, e era hora de lançar os dados.

De um jeito ou de outro, até o fim da semana, Stella descobriria com quem estava lidando de verdade. E então eu poderia colocar meu plano em ação.



06

STELLA

— QUERIDO, CHEGUEI! — falei, fechando a porta da frente.

Do fundo do apartamento veio um grito alto e estridente:

— *Vaai se foder!*

Balancei a cabeça e comecei a desamarrar minhas botas.

— Por que você está mal-humorado, Amos? Passei uma hora com você no almoço, e foi você quem *me* expulsou no final.

— *Petisco?* — grasnou o papagaio de volta para mim. — *‘Tache, ‘tache, ‘tache, Vadia do Lanche.*

Fiz uma careta. Papagaios-cinzentos eram como crianças pequenas. Você tinha que ter cuidado com o que dizia na frente deles, porque nunca se sabe em que eles iriam se fixar. Eu tinha me referido a mim mesma brincando como a “Vadia do Lanche” dele *uma vez*, três anos atrás, e agora ele só me chamava assim. E sim, eu sabia que era intencional, porque geralmente ele ria depois. Além disso? A espécie dele era conhecida por ser tão inteligente quanto uma criança de três a cinco anos, e a maioria das outras frases de Amos mudava semanalmente. No entanto, essa tinha ficado. Porque ele sabia que era um insulto, e ninguém me convenceria do contrário.

Meu apartamento ficava logo acima do estúdio de tatuagem, e a audição de um papagaio está no mesmo nível da audição humana, então eu pedi aos

empreiteiros que isolassem acusticamente o chão durante a reforma, querendo manter o lugar o mais silencioso possível para Amos.

Chutei meus sapatos perto da porta e fui procurá-lo, passando pela pequena entrada para a sala de estar em conceito aberto. A gaiola de Amos ocupava quase todo o lado oposto, cercada por plantas feitas para imitar seu habitat natural. No verão, a gaiola ficava perto da janela panorâmica que ia do chão ao teto e dava para o terraço dos fundos — novamente, cheio de tantas plantas tropicais que parecia uma pequena selva. Eu também tinha colocado comedouros e muitas flores polinizadoras do lado de fora para que Amos tivesse o que observar o dia todo.

Nós chamávamos isso de TV de Passarinho.

No momento, não havia muito o que ver. Passava da meia-noite e, para além da janela, o céu pairava baixo sobre a cidade, pesado de nuvens e com ameaça de chuva.

Peguei o saco de pistaches (também conhecidos como ‘tache, a comida *favorita* de Amos) em uma mesa lateral e me aproximei da gaiola. A única luz acesa no apartamento era uma pequena luminária na cozinha, programada em um temporizador de acordo com o pôr do sol. A lâmpada era suave e quente, fraca o suficiente para não impedir que Amos adormecesse. Eu tentei aquela coisa de cobrir a gaiola, mas ele não aceitava de jeito nenhum; reclamava constantemente e roía o tecido através das grades até que eu finalmente desisti e o deixei fazer o que queria — um acontecimento comum nesta casa.

Felizmente, a luminária fornecia luz suficiente para eu ver por onde estava indo, e passei por entre as plantas até a gaiola. Amos já estava escalando as grades em direção à porta para me encontrar, fazendo sua mistura característica de assobios e gorjeios para mostrar que estava feliz.

— Só um. Você já ganhou um no almoço mais cedo.

— *Três, três, ‘tache. Merda, por favor* — disse ele.

Amos falava muitos palavrões porque eu falava muitos palavrões, mas ele não tinha exatamente o tato de saber quando deveria xingar, então acabava soltando as palavras aleatoriamente sempre que queria enfatizar algo.

— Um — falei, abrindo a gaiola.

Ele desfilou até o poleiro de madeira nodosa e depois voou para o meu ombro, aconchegando-se bem na lateral do meu rosto como o babaca manipulador que era. Suas penas eram macias contra minha bochecha e, embora suas garras pinicassem minha pele, eu percebia que ele estava tentando ser o mais cuidadoso possível. Algo que a maioria das pessoas não sabia era que os papagaios-

cinzentos têm um cheiro estranhamente limpo, como roupa recém-lavada com amaciante. Respirei fundo aquele cheiro e inclinei meu rosto para retribuir o carinho.

Ele soltou um assobio alegre (claramente sentindo que venceu) e projetou a cabeça para frente o suficiente para me olhar nos olhos.

— *Achou!*

— Você é fofo demais e sabe disso — resmunguei.

— *'Tache? 'Tache?*

— Tá bom, tá bom — falei, oferecendo um pistache para ele.

Ele pegou com uma garra e abriu, mandando-o goela abaixo em menos de um segundo.

— *'Tache?*

Ofereci o segundo, e ele o devorou tão rápido quanto o primeiro.

— Ok, mas chega — falei a ele. — Você vai ficar com piriri se comer demais.

— *Piriri, piriri. 'Tache?*

— Não, senhor. Agora vamos, eu tenho que tomar banho e você precisa dormir.

— *Eu te amo* — disse ele em uma vozinha cantada adorável.

— Eu também te amo — respondi. — E é por isso que você não pode comer mais.

Ele imitou um efeito sonoro triste que tinha pegado em algum filme, mas permitiu que eu o transferisse de volta para o poleiro e entrou sozinho na gaiola.

— Durma bem, amigão — falei.

— *Durma bem, amigão* — disparou ele de volta para mim.

Balancei a cabeça, fechei a porta da gaiola e segui para o banheiro.

Eu herdei Amos da minha avó paterna depois que ela faleceu. Ele passou os primeiros trinta anos de vida em uma gaiola muito menor, com quase zero estímulo ambiental e ninguém para fazer companhia além de outra ave velha e rabugenta (minha avó), e eu queria que ele vivesse o resto de seus dias tão feliz quanto era possível em cativeiro.

No início, tentei introduzir outros pássaros porque os especialistas diziam que era o melhor para o bem-estar social e mental de um papagaio, mas Amos odiava absolutamente todas as criaturas além de mim. Por isso, foquei melhorar seu ambiente, dieta e enriquecimento físico. O que significava não mais do que três pistaches por dia, não importava o quanto ele implorasse.

O som das reclamações dele me acompanhou para fora da sala. Este apartamento tinha a mesma planta da loja abaixo dele, e meu quarto e a suíte se

ramificavam da área de estar. Fui direto para o chuveiro, abrindo o máximo de água quente na esperança de que aliviasse um pouco a dor nas minhas costas. Enquanto o vapor começava a encher o ambiente, parei para me olhar no espelho, com uma expressão culpada.

Hoje, eu tinha chegado ao fundo do poço. Eu tinha *beijado* um cliente. Pior ainda, eu tinha escolhido um marombeiro babaca para trocar saliva. Não, espere. Essa não era a pior parte. A pior parte era o quanto eu tinha *gostado*.

Segurei a borda da pia e abaixei a cabeça, tentando acalmar meu pulso acelerado, desesperada para ignorar a pontada de desejo insatisfeito que emanava do meu íntimo. Minha calcinha ainda estava levemente úmida, escorregadia desde que Theo me puxou para cima do pau dele — e *definitivamente não antes daquele momento*.

Graças a Deus Derrick nos interrompeu de novo antes que as coisas saíssem de controle. Meu Deus, o que eu estava pensando, deixando um cara praticamente desconhecido me manusear daquele jeito?

Eu não estava pensando, e esse era o problema. Mesmo depois de ter decidido ser uma pessoa melhor, eu continuava deixando Theo me provocar até eu reagir às suas provocações infantis. E então bastou um toque de seus dedos para eu me jogar em cima dele.

Meu rosto esquentou de vergonha. Afff, ele tinha razão. Eu o tinha atacado. E a verdade amarga era que passei o resto da sessão lutando contra o impulso de beijá-lo novamente. Em minha defesa, foi um beijo *bom*. Quente, voraz; o nosso desdém mútuo temperando tudo com tanto fogo que senti como se minhas roupas estivessem prestes a arder em chamas.

Eu realmente precisava tirar um dia de folga e sair com outra pessoa, alguém mais legal. Pela segurança de todos os meus futuros clientes, porque, claramente, eu não era mais confiável.

A água do chuveiro estava quase escaldante quando entrei debaixo dela, mas eu não conseguia dizer se era porque estava quente de verdade ou porque minha pele ainda estava hipersensível. Tive minha resposta quando passei a esponja ensaboada sobre os seios e meus mamilos se enrijeceram dolorosamente. Cedendo, fechei os olhos e desci a mão entre as pernas; o primeiro movimento dos meus dedos sobre o clitóris fez estrelas explodirem atrás das minhas pálpebras. Gozei menos de um minuto depois, e eu definitivamente *não* estava imaginando os dedos grossos de Theo dentro de mim no lugar dos meus.

Depois, me sequei e fiz minha rotina de cuidados com a pele em tempo recorde, decidida a nunca mais pensar em Theo. Ou, pelo menos, não até ser

obrigada, quando ele viesse para o próximo horário, agendado para daqui a uma semana.

Vesti calças de moletom e uma camiseta velha de banda, e caminhei silenciosamente de volta para a cozinha.

— *‘Tache?* — Amos chamou sonolento de sua gaiola.

— Não, amigão. Vá dormir.

Ele resmungou baixinho, metade palavras, metade ruídos mal-humorados, enquanto eu procurava um lanche antes de dormir. Eu tinha jantado algumas horas atrás, mas sempre ia deitar com pelo menos alguma coisa no estômago para ajudar a acalmá-lo. Geralmente alguns pedaços de pão ou algumas bolachas. Eu estava abrindo um armário quando meu celular tocou com a notificação de que alguém estava lá fora, no nível da rua. Normalmente, eu ignoraria — minha suposição padrão era que qualquer um apertando a campainha da loja a essa hora ou estava bêbado ou tinha algum motivo nefasto — mas me preocupei que fosse Derrick, tendo esquecido acidentalmente outra coisa.

Abri meu aplicativo de segurança e vi uma silhueta escura e encapuzada parada do lado de fora. É, definitivamente ignorando.

Apertaram a campainha de novo. E de novo.

Toquei no botão do microfone.

— Vai se foder.

A figura puxou o capuz para trás e virou-se para a câmera. O susto me atravessou. Era meu irmão. Que diabos Blake estava fazendo aqui tão tarde? E por que ele não tinha mandado uma mensagem ou ligado antes?

Franzindo a testa, desci para deixá-lo entrar.

Assim que Blake passou pela porta, eu a tranquei atrás dele e religuei o alarme externo. Se eu puxei a minha mãe, ele puxou o meu pai: alto, cabelos claros, rosto sardento, com ombros largos demais para seu corpo desengonçado. Ele estava com uma cara péssima. Como se tivesse envelhecido uma década na semana desde a última vez que o vi. Olheiras profundas se destacavam sob os olhos castanhos injetados de sangue. Suas bochechas estavam encovadas, a pele mais pálida que o normal, e o fedor de álcool velho que emanava dele era forte o suficiente para fazer meu estômago embrulhar.

Que diabos aconteceu com meu irmãozinho?

Eu o guiei até a área de espera.

— Você está bem?

Ele não respondeu, tropeçando em mim para desabar em uma cadeira e enterrar a cabeça nas mãos. A inquietude subiu pela minha espinha. Aquele *não* era Blake. Ele também tinha herdado a personalidade do nosso pai — alegre, jovial, com um sorriso permanente estampado no rosto.

— O que aconteceu? — perguntei.

Quando ele ainda não me respondeu, estiquei a mão para sentir sua testa, me perguntando se ele estaria doente, mas sua pele parecia fria e pegajosa.

Sentei-me à frente dele.

— Diga alguma coisa. Você está começando a me assustar.

— Eu fodi com tudo — resmungou ele.

— Fodeu com tudo como? Estamos falando de você ter estragado acidentalmente os saltos da mãe ou quebrado um dos tacos de golfe do pai?

Imaginei que deveria ser algo do tipo, porque Blake nunca se metia em encrenca. Esse sempre tinha sido o meu papel, e eu o levei muito a sério até me meter no tipo de encrenca da qual não se tem volta. Blake era jovem o suficiente na época da minha experiência para que aquilo o deixasse marcado para a vida toda, tornando-o avesso a riscos. Ele se tornou o garoto certinho, o garoto inteligente. Enquanto eu era uma dor de cabeça constante, ele era um aluno nota dez. Nossos pais confiavam nele para sair de casa sem se preocuparem se receberiam uma ligação da polícia no fim da noite.

Blake finalmente levantou a cabeça, com a expressão sombria, e disse a última coisa que eu poderia prever.

— Eu perdi minha herança no jogo.

— Há, há — falei, um alívio me percorrendo. Blake podia ser careta, mas também era brincalhão, vivia me pregando peças ou armando cenários ridículos que terminavam com a minha própria humilhação. Isso era obviamente mais uma encenação, ele aparecendo aqui com cara de devastado só para rir da minha cara por cair na pegadinha idiota dele.

— Eu não estou brincando — disse ele, com a voz rouca.

Certo. Se ele queria levar isso longe demais, nós levaríamos.

— Tudo bem então, já que estamos fazendo confissões, eu deveria te contar: fui apresentada recentemente ao mundo da dendrofilia, e isso realmente ampliou meus horizontes.

Ele piscou.

— Dendrofilia? O que é isso?

Eu sorri.

— Trepar com árvores.

Em vez de finalmente abrir um sorriso e desistir da piada, ele saltou do assento, enterrando os dedos no cabelo enquanto começava a andar de um lado para o outro.

— Estou falando sério, Stel. Na semana passada, recebi um convite misterioso para um tipo de festa. Eu não sabia o que era, então não ia aceitar, mas Henry e Grant viram e insistiram para que a gente fosse.

Eu franzi a testa. Henry e Grant eram dois dos seus amigos da fraternidade, e alguns dos garotos ricos mais irritantes que já conheci, o que queria dizer muita coisa, já que cresci cercada por herdeiros mimados. Eu não fazia ideia de por que meu irmão os tolerava. Blake tentava me dizer que eles não eram tão ruins quando estavam sozinhos, que a maior parte da idiotice deles era só para aparecer, mas eu nunca me convenci.

Blake voltou a andar em minha direção.

— Era uma festa de jogo ilegal ou algo do tipo. Todos tivemos que nos vestir formalmente e usar máscaras. Não sei como aconteceu, mas perdi Henry e Grant de vista enquanto conversava com o cara que organizava o evento, e então ele me levou para as mesas de pôquer. Nós tínhamos bebido antes de ir, e os garçons continuaram me servindo bebidas que eu não pedi. Quando comecei a jogar, eu já estava bêbado. — Ele parou para me lançar um olhar culpado, como se fosse inconcebível que um garoto menor de idade estivesse bebendo ilegalmente.

— E então? — perguntei, com a mente girando. Ele estava falando sério mesmo?

— Eu não sei — disse ele. — Está tudo nublado. Fiquei muito bêbado. A maior parte eu só lembro em pedaços. O dinheiro acabando. O crupiê me dizendo que a casa poderia me adiantar dinheiro para a próxima aposta. E depois para a próxima. Eu continuei aceitando porque estava tão fora de mim que acho que não entendi que era dinheiro de verdade que eu estava perdendo, e… — Ele inspirou com força, como se doesse. — Eu perdi o relógio do vovô.

Ele puxou a manga para revelar o pulso vazio, e senti um nó no estômago. Aquele relógio era o seu bem mais precioso; ele nunca brincaria sobre perdê-lo. Quando criança, ele era obcecado pelo Patek Philippe vintage, e o vovô costumava tirá-lo regularmente para que Blake pudesse observar as engrenagens de trás se movendo enquanto os segundos passavam. Foi o início da obsessão por mecânica de Blake, sua necessidade de saber como as coisas funcionavam. Quando o vovô faleceu, ele deixou o relógio para Blake, e eu nunca tinha visto meu irmão sem ele.

Merda. Ele estava falando a verdade.

Inclinei-me para a frente na cadeira.

— Você lembra para quem o perdeu? Talvez a gente consiga recuperar.

Blake balançou a cabeça, parecendo estar prestes a chorar.

— Não. Todos estavam usando máscaras, e minhas memórias estão tão nubladas que acho que não lembraria de qualquer maneira.

— Quanto… — *Ah, meu Deus.* — Quanto você perdeu?

Ele parou de andar e fechou os olhos.

— Três milhões.

Parei de respirar.

Três milhões de dólares.

Sua herança inteira.

Perdida em uma única noite.

Nossos pais podiam estar nadando em dinheiro, mas eles tinham deixado claro para nós que planejavam nos deixar apenas uma quantia comparativamente pequena, com o restante indo para a caridade quando eles falecessem.

Blake nem sequer tinha acesso à parte dele ainda, o que tornaria impossível pagar sua dívida.

— Você estava bêbado — falei, agarrando-me a um pequeno, mas esperançoso, pensamento. — E você é menor de idade. Não tem como eles te obrigarem a pagar essas perdas.

O suspiro de Blake saiu trêmulo.

— Duvido que essas pessoas se importem com qualquer uma dessas coisas. A festa inteira era ilegal. E o cara que a organiza — os olhos dele encontraram os meus, parecendo assustados —, todos dizem que ele é implacável. Que, se não paga no prazo, ele acaba com você.

O medo subiu pela minha espinha.

— Precisamos contar para a mãe e o pai.

Eles saberiam o que fazer. Eles tinham o dinheiro necessário para resolver essa situação.

Blake deu um solavanco violento com a cabeça.

— Não. Por favor, Stel. Eles não podem descobrir. Eu nunca fiz nada de errado antes, e não aguentaria que eles ficassem tão decepcionados comigo quanto você está.

Eu me levantei e o puxei para um abraço.

— Não estou decepcionada com você. Estou chocada. E acho que nossos pais sentiriam o mesmo. Na verdade, você deveria estar mais preocupado com a mãe entrando em modo de combate *por* sua causa.

Alguém tinha machucado o seu bebê, o seu anjo perfeito. Ela ficaria furiosa quando descobrisse.

Blake se soltou e voltou a andar de um lado para o outro.

— Não, você… você não entende. O Sr. Strickland não tem moral nenhuma. Ele vai fazer algo contra o pai e a mãe. Ou ameaçar vazar minhas perdas para a imprensa. Eu não quero fazê-los passar por outro escândalo como o seu. Aquilo quase os destruiu da última vez.

Meu corpo ficou rígido.

O rosto de Blake murchou ao me ver.

— Merda, Stella, me desculpa. Eu não quis dizer…

— Qual foi o nome que você acabou de dizer? — perguntei, com meus ouvidos zumbindo.

— Sr. Strickland?

Minha cabeça girou. *Não*. De jeito nenhum. Porra.

— Como ele era?

Blake deu de ombros.

— Eu não sei, ele estava de máscara.

Eu me lancei para frente, agarrando os ombros dele.

— Mas você deve ter visto alguma coisa. Cor do cabelo, olhos, altura, qualquer coisa! — Meus dedos se cravaram nos braços dele. Eu o estava apertando com força demais, mas não conseguia evitar; minha mente estava presa em algo de mais cedo. *"Theo. Você vai querer se lembrar disso."* O olhar presunçoso no rosto de Theo quando ele disse aquilo. O jeito como ele completou com: *"Ou pode me chamar de Sr. Strickland, se preferir"*. Como ele parecia estar rindo de mim secretamente o tempo todo em que esteve aqui.

— Ele era alto, eu acho — disse Blake. — Cabelo loiro? Talvez olhos azuis?

Eu me desvencilhei dele e saí voando pela porta. Não fazia mais de meia hora que eu tinha fechado o estúdio. Theo ainda poderia estar por perto. Este quarteirão tinha vários bares que ficavam abertos até as 2h da manhã. Talvez ele tivesse entrado em um deles. Ou, considerando a vaidade dele, estivesse parado sob um poste de luz admirando a si mesmo no reflexo de uma vitrine.

Parei bruscamente a alguns metros de distância, tentando lembrar em que direção Theo tinha ido. Esquerda? Direita? Os transeuntes se viravam para me olhar, sem dúvida imaginando o que aquele monstrinho de coque bagunçado e adesivos de espinha no rosto estava fazendo no meio da rua.

Merda, merda, merda, pensa, porra, falei a mim mesma, tentando ignorar os olhares. Aquele filho da puta tinha entrado no *meu* estúdio, depois de fazer o que

fez com o *meu* irmão, e agido como um babaca prepotente. Ele tinha me provocado. Flertado comigo. *Me beijado*.

Blake materializou-se ao meu lado.

— O que você está fazendo?

— Tentando lembrar em que direção Theo foi quando saiu.

— Quem diabos é Theo? — perguntou Blake, claramente confuso.

— O Sr. Strickland.

Blake engasgou.

— Ele esteve *aqui*? Ah, porra, Stella, me desculpa.

— Não é culpa sua — falei. — Você viu um homem loiro quando estava vindo?

— Não. — Ele olhou para cima e para baixo da rua, o medo estampado no rosto.

Meu sangue fervia por vingança imediata, mas me forcei a ser racional. Theo provavelmente já estava longe. Se, por algum milagre, ele ainda estivesse por perto, provavelmente não haveria como encontrá-lo; e mesmo se encontrasse, o que eu faria? Não é como se eu pudesse espancá-lo até a morte no meio de um bar. O homem era enorme, e algo no jeito como ele disse que eu poderia *tentar* bater nele me dizia que ele sabia lutar, que todos aqueles músculos bonitos não eram apenas para exibição.

O que eu precisava primeiro era de mais informação.

Com relutância, levei Blake de volta para dentro do estúdio de tatuagem, trancando a porta atrás de nós. Uma vez lá dentro, fiz para ele uma xícara de café forte na sala de descanso nos fundos — porque, meu Deus, ele fedia a bebida — e o obriguei a beber enquanto eu relatava os eventos da noite (menos o beijo que eu desejava banir da minha memória).

— Não consigo acreditar que ele esteve aqui — disse Blake quando terminei, olhando ao redor como se estivesse esperando o bicho-papão pular de algum lugar.

Fiquei em silêncio em resposta, minha mente trabalhando a mil por hora. Blake disse que a festa foi na semana passada, mas Theo e eu estávamos trocando e-mails há mais de duas. Aquilo cheirava a armação.

— Venha dar uma olhada nisso — falei, indo em direção ao balcão da recepção. Com alguns movimentos no mouse, ativei o computador e abri as imagens das câmeras de segurança. O vídeo de hoje preencheu a tela. Avancei no tempo para 23h25 e, exatamente no momento previsto, Theo entrou, parecendo, de alguma forma, mais babaca e mais gostoso do que eu me lembrava.

Apertei o *pause* e virei o monitor para o meu irmão.

— É ele?

Eu precisava fazer a pergunta. Porque, embora todos os sinais indicassem que Theo era *o tal* Sr. Strickland, ainda havia uma mínima chance de que isso fosse uma coincidência horrível e eu estivesse planejando acabar violentamente com a vida de um homem completamente inocente, embora insuportável.

Blake se inclinou para perto da tela.

— Pode dar zoom no rosto dele?

Eu dei, mas a imagem ficou pixelada.

— Merda, eu não sei — disse Blake, empertigando-se. — Eu estava tão bêbado. Sinto muito.

Apertei o ombro dele.

— Pare de pedir desculpas. Isso não é sua culpa.

Ele se afastou.

— É sim.

Balancei a cabeça.

— Não pode ser.

Ele soltou um som baixo de irritação.

— Não faça isso. Não finja que sou uma criancinha que foi enganada.

Mas você é, eu quase deixei escapar.

— Tenho vinte anos — disse ele. — Eu escolhi ir àquela festa. Eu escolhi ficar daquele jeito.

— Você disse que eles continuavam te dando bebidas que você não ped…

— Sim, mas eu não precisava ter bebido — interrompeu ele, os olhos escuros brilhando de frustração. — Assim como eu não precisava continuar jogando quando percebi que estava me afundando. Em qualquer momento da noite, eu poderia ter desistido e caído fora.

— Então por que não fez isso? — No segundo em que as palavras saíram, eu quis retirá-las. Fez parecer que eu estava brava com ele. Eu não estava; só queria entender como meu irmão passou a vida toda sem cometer um erro, para então perder toda a herança em uma única noite no jogo.

— O Alex terminou comigo.

Meu coração apertou. Alex e Blake estavam juntos desde o penúltimo ano do ensino médio. Nossos pais eram grandes amigos. Eu tinha certeza de que nossas mães vinham planejando o casamento deles em segredo há anos. Eles eram o casal perfeito. Feitos um para o outro. E agora Blake estava me dizendo que Alex tinha terminado tudo?

Ele devia estar com o coração partido. Não era de se admirar que tivesse bebido até apagar.

— O que aconteceu? — perguntei, estendendo a mão para confortá-lo.

Blake esquivou-se do meu toque.

— Ele me traiu.

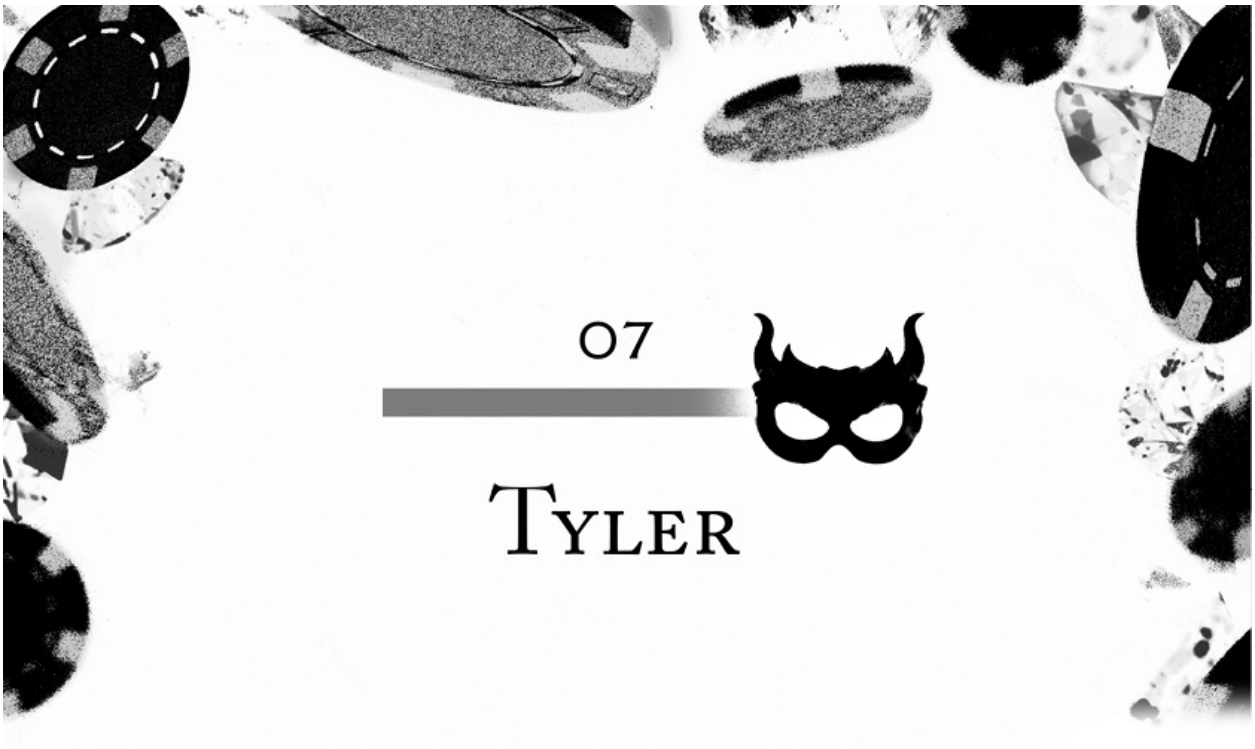
Minha boca se abriu.

— Durante os últimos seis meses.

A raiva borbulhou no fundo do meu estômago, não apenas contra Alex por machucar meu irmão, mas contra o Sr. Strickland por tirar uma vantagem tão óbvia do seu sofrimento. Blake era gentil, compassivo e empático. Ele via o melhor em todos, estava sempre pronto para dar segundas chances e não tinha um pingo de maldade. Ele planejava usar sua herança para o bem, seguindo os passos da mãe e do pai, com o futuro mais brilhante possível à sua frente.

E Theo Strickland tinha roubado tudo dele.

Eu ia *matar* aquele filho da puta.



07

Tyler

Meu celular descartável tocou com um e-mail recebido assim que estacionei no meu condomínio. Poderia ter sido qualquer um — Josh com qualquer pensamento aleatório que tivesse passado pela cabeça dele ou um empreiteiro me agradecendo por um pagamento rápido —, mas minha mente foi imediatamente para Stella. O que era ridículo. Eu tinha acabado de sair do estúdio dela; não havia motivo para ela estar me mandando e-mails.

A menos que fosse para implorar que eu voltasse e terminasse o que começamos…

Estacionei na minha vaga habitual e peguei a bolsa de academia no banco da frente. Antes de sair do carro, verifiquei os arredores. Até agora, eu tinha conseguido manter minha vida real e minha vida secreta separadas, mas o fato de Junior Trocci ter descoberto a localização da minha última festa me deixou arisco, e passei a última semana olhando por cima do ombro, imaginando quem poderia me encontrar em seguida. Eu tinha muitos inimigos nesta cidade.

Não vi ninguém, mas ainda assim abri o zíper da bolsa para ter acesso fácil à arma escondida lá dentro.

Outro e-mail chegou no meu celular enquanto eu saía do carro. Outro enquanto eu subia as escadas. Mais um enquanto eu trancava a porta atrás de mim. Quem diabos era tão impaciente assim? Devia ser um dos meus contatos

mais escusos. Meus associados mais próximos teriam mandado uma mensagem de texto ou ligado.

Coloquei minha bolsa na ilha da cozinha e peguei o celular.

Um sopro de ar escapou dos meus lábios. Era Stella. Excitação e antecipação percorreram minhas veias enquanto eu abria a mensagem, e meu pau deu uma fisgada, como se estivesse a meio segundo de endurecer.

O primeiro e-mail dizia: *Seu filho da puta.*

Franzi a testa. Meu pagamento tinha sido recusado ou algo assim? Era por isso que ela estava brava? Isso não deveria ter acontecido. Eu tinha usado o cartão de crédito de um dos meus clientes, que praticamente me implorou para aceitá-lo. Quer dizer, na hora, eu estava ameaçando enviar meus capangas de cobrança ao escritório chique dele se ele não pagasse suas dívidas. Para afastá-los, ele disse que eu poderia gastar o quanto quisesse no seu cartão platinum. Se ele tivesse dado meia-volta e cancelado o cartão, juro por Deus…

Você se aproveitou do meu irmão MENOR DE IDADE?, dizia o próximo e-mail.

Bom, isso estava escalando mais rápido do que eu esperava.

Se você fez isso, é melhor colocar seus negócios em ordem. Porque eu vou ACABAR COM VOCÊ.

Coloquei o celular no balcão da cozinha e caminhei até a sala, parando diante das janelas do chão ao teto para observar as luzes da cidade lá fora. Como jogar essa partida? Josh tinha me ensinado o suficiente para eu saber que esse endereço de e-mail não poderia ser rastreado até mim. Eu também tinha estacionado a vários quarteirões de distância do estúdio de Stella para que nenhuma das câmeras externas dela (ou de qualquer outra pessoa na rua) tivesse visto minha placa. E usei meu pseudônimo, *Theodore Strickland*, em todas as nossas comunicações.

Decidi encarar as ameaças de Stella como algo positivo. Um sinal de que Blake tinha ido até ela, afinal, e que os pais deles provavelmente não estavam envolvidos. Se fosse esse o caso, eu precisava manter as coisas assim. Mantê-la fisgada por tempo suficiente para pendurar a verdadeira isca, que, à primeira vista, pareceria uma forma fácil de salvar seu irmão mais novo.

Um pequeno sorriso sádico ergueu os cantos dos meus lábios enquanto eu voltava para o celular.

Ameaças de morte?, digitei. *Isso faz minha avaliação cair de volta para uma estrela.*

Enviei. A resposta dela foi quase imediata.

Você está fazendo piadinha agora?

Eu ri, imaginando o rosto furioso dela. O jeito como a mandíbula dela provavelmente estava tão travada que ela poderia quebrar um molar.

Ah, eu estou falando mortalmente sério, respondi, e logo em seguida enviei um e-mail complementar: *Entendeu o trocadilho?*

Sua morte será lenta, escreveu ela. *E dolorosa.*

Abafei uma risada. Quem diria que torturar alguém mentalmente poderia ser tão divertido? Talvez eu fosse mais apto para o lado sombrio da minha profissão do que imaginava. Daqui a pouco, eu estaria quebrando rótulas junto com os melhores do ramo.

Qual é o nome do seu irmão?, perguntei, esperando arrastar isso um pouco mais.

Eu não estou jogando seja lá qual for o jogo que você acha que é, escreveu Stella. *Só me diga se ele te deve dinheiro ou não.*

Que tal eu te contar durante um jantar?, perguntei.

VOCÊ ACABOU DE ME CONVIDAR PRA SAIR É ISSO CHEGA VOU CHAMAR A POLÍCIA

Interpretei a falta de pontuação dela como um sinal de que estava verdadeira e completamente furiosa. Há décadas eu não me divertia assim.

Não, você não vai, digitei.

Um minuto inteiro se passou antes que ela me respondesse.

Dois.

Porra, será que ela estava mesmo ligando para a polícia? Todo o motivo de eu tê-la escolhido foi porque achei que seria a última pessoa a querer envolvê-la. Ela e o departamento de polícia da nossa cidade tinham um histórico longo e tenso e, pelo modo como lidaram com as acusações mais recentes dela, imaginei que desejaria evitar envolvê-la a todo custo.

Meu celular finalmente apitou, e o alívio me percorreu quando li o e-mail.

Quem diabos é você?, perguntou ela.

Me encontre para jantar no domingo e eu te conto.

Tenho planos no domingo.

Com quem?, quase perguntei. Como se importasse. Como se eu realmente desse a mínima para a ideia dela saindo com outra pessoa.

Eu não dava.

Cancele, respondi. Ela precisava entender como isso funcionava entre nós, quem detinha o poder. *E esteja no Angeloni's, no lado leste, às 20h. Não me obrigue a ameaçar você.*

Com isso, deixei o celular de lado e fui preparar uma refeição leve antes de dormir. Eu tinha jantado mais cedo, mas com o treino e a descarga de adrenalina de ver Stella cara a cara, queimei calorias o suficiente para sentir fome de novo. Eu não gostava de sentir fome. Não suportava, na verdade. Isso me deixava ansioso, trazia memórias sobre as quais eu me recusava a pensar. Quando criança, a comida era escassa e essa insegurança era difícil de superar, mesmo sendo adulto. Agora, eu carregava uma barra de proteína de emergência para onde quer que fosse, por precaução, e tinha duas caixas dos meus lanches favoritos no banco de trás do carro.

Meu celular vibrou com notificações enquanto eu preparava um sanduíche. Ignorei-as. Eu podia até acreditar que o e-mail não podia ser rastreado, mas não estava disposto a responder a nenhuma das perguntas de Stella por escrito. Tudo entre nós, de agora em diante, teria que ser verbal. A família dela era de dinheiro antigo. Eles tinham aquele tipo de riqueza geracional que vinha com poder real e conexões, o que os tornava muito mais perigosos do que o escalão inferior de clientes *nouveau riche* com quem eu tinha lidado até agora. Eu precisava pisar em ovos com ela, porque, se ela sentisse que o irmão estava realmente encurralado, poderia acabar indo até os pais, afinal.

E isso arruinaria tudo.



Na noite de domingo, eu estava sentado em um reservado no Angeloni’s, um restaurante italiano em uma parte mais antiga da cidade. Eu nunca tinha estado aqui, mas tinha ouvido coisas boas de Josh. “Boas” significava que ele disse que era pequeno, difícil de encontrar e relativamente privado — o local perfeito para revelar um plano de chantagem. Eu teria testemunhas, o que provavelmente impediria Stella de cumprir sua ameaça de me matar, mas não tantas que causariam uma cena enorme, caso ela tivesse um surto público ou começasse a gritar que eu era um criminoso. A localização também dificultaria a chegada rápida dos policiais, mas, no caso improvável de que eles fossem a) chamados e b) chegassem rápido, eu tinha chegado uma hora mais cedo para sondar a área. Se as coisas dessem errado, meu plano era escapar pela porta dos fundos da cozinha e fugir pelo labirinto de ruas estreitas e becos logo adiante.

Paguei um extra à recepcionista para me sentar em um dos nichos isolados no canto, e me posicionei com as costas contra a parede, meus olhos fixos na porta

da frente enquanto esperava meu “encontro” chegar.

O restaurante podia ser pequeno, mas parecia mais acolhedor do que apertado. Os reservados circundavam as paredes externas, enquanto mesas cobertas com toalhas brancas pontuavam o interior. A iluminação era suave e sutil, vinda de arandelas vintage, velas e um único lustre. Os garçons circulavam pelo salão vestidos com uniformes pretos impecáveis, e a música vinha de alto-falantes escondidos, os tons suaves de um bandolim acompanhado por um violão. Era agradável, até romântico, em circunstâncias diferentes.

Discretamente, enfiei a mão no bolso da jaqueta e tirei um pequeno dispositivo retangular preto. Era um bloqueador ultrassônico que emitia um som de alta frequência acima do alcance da audição humana. Liguei-o, retirei o adesivo de proteção e o prendi na parte de baixo da mesa. Se Stella tentasse gravar nossa conversa, o bloqueador impediria que o microfone dela captasse qualquer coisa.

A porta abriu e, de repente, lá estava ela, com a iluminação da rua por trás. Ela parou na soleira, com uma mão segurando a porta aberta, como se não tivesse certeza se realmente levaria aquilo adiante. Seus olhos varreram o salão. Sorri com desdém, esperando que eles pousassem o olhar em mim. Eu sabia que minha expressão era arrogante, mas não conseguia evitar. Eu me sentia como uma aranha observando uma mosca voar direto para a minha teia.

Se este pequeno encontro corresse como eu esperava, estaria um passo mais perto da vingança que buscava há anos. Os pais de Stella eram donos de uma das imobiliárias de capital fechado mais lucrativas do país, e o sócio deles era o meu pai: Richard Lawson. Ao me aproximar de Stella, eu teria a chance de me conectar com todos ao redor dele e, então, poderia começar a virá-los contra ele, um por um.

O olhar de Stella me encontrou do outro lado do salão. Levantei minha taça de vinho em saudação. Ela rosnou e seguiu em minha direção.

A recepcionista tentou dizer algo, mas um olhar de Stella a fez mudar de ideia, e ela se encolheu de volta atrás do balcão. Não que eu pudesse culpá-la. Stella parecia brava o suficiente para cuspir pregos, e, que maravilha, ela vinha direto para mim com aquela atitude.

Este jantar seria divertido.

Mesmo puta da vida, ela estava deslumbrante. Tinha feito algo diferente na maquiagem em comparação à primeira vez que a vi. Estava mais sutil, menos emo e mais gótica corporativa. Seu cabelo estava modelado em ondas escuras. O vestido preto que ela usava terminava logo acima dos joelhos, apertado na cintura por algum acessório de couro cheio de tiras que parecia servir como um

acessório de *bondage*. Suas botas de salto e cano alto acrescentavam vários centímetros à sua altura já imponente; eu tinha certeza de que ela estava tentando ser intimidadora, mas era tão bonita que o tiro estava saindo pela culatra.

Uma mulher gostosa pra cacete com todo o seu foco voltado para mim? Sim, por favor.

Ela parou a trinta centímetros da mesa, fuzilando-me com o olhar.

Sorri para ela.

— Belo visual. Está fazendo *cosplay* de uma das noivas rejeitadas do Drácula?

Ela me lançou um olhar fulminante.

— Vim vestida para o seu funeral.

— E como você planeja acabar comigo?

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Atualmente, estou dividida entre cravar pregos de alvenaria nos seus olhos ou banhar você em querosene e jogar fósforos até pegar fogo.

Dei uma piscadela para ela.

— Então o que você está dizendo é que passou muito tempo pensando em mim.

Ela abriu a boca para responder, mas o garçom apareceu subitamente ao lado dela.

— Boa noite — disse ele, com um sorriso caloroso, alheio à tensão. — Posso trazer algo para beber?

— Só água — disse Stella. — Não vou ficar.

As sobrancelhas do garçom se ergueram por um instante antes de ele se recompor.

— Volto num instante com o pedido.

Com relutância, Stella deslizou para o reservado à minha frente. Nossos olhos se encontraram sobre a mesa.

Bom, aquilo era um erro. Stella iluminada pela luz de velas? Era de tirar o fôlego.

Ela é sua inimiga, lembrei a mim mesmo. *Ela é tudo o que você odeia nos ricos.*

Inclinei-me para trás e usei a desculpa de bebericar meu vinho para ganhar alguns segundos e me recompor. Os olhos de Stella permaneceram fixos em mim o tempo todo, seus ombros mantidos em uma linha tensa, como se estivesse esperando que eu saltasse sobre a mesa.

Hora de acabar logo com essa conversa desagradável.

— Seu irmão me deve três milhões de dólares — falei.

Ela inspirou bruscamente, com a expressão furiosa.

— Então aquela consulta de tatuagem inteira foi o quê? Uma armação para me provocar? Me ameaçar?

— Não, na verdade. Eu planejava te contar naquela hora, mas seu colega de trabalho estragou minha diversão.

— Diversão — repetiu com voz monótona, os olhos descendo até meus lábios; o beijo era um palavrão tácito pairando entre nós.

Ah, então ela queria fingir que aquilo não tinha acontecido? Só por cima do meu cadáver. Aquela necessidade feia de me provar estava subindo à cabeça de novo, e se eu tinha que reviver o beijo constantemente na minha mente, ela também.

Deixei meu olhar percorrer o corpo dela, mais devagar desta vez, e carreguei minha voz com um tom mais grave e sedutor.

— Acho que você se *divertiu* bastante também.

Um rubor se espalhou pelas bochechas dela, visível mesmo através da maquiagem.

— Insanidade temporária.

Soltei uma risada baixa e sem humor.

— Diga a si mesma o que quiser, mas nada vai apagar o som de você gemendo na minha boca depois que eu te chamei de putinha…

O garçom reapareceu com a água dela, a expressão cuidadosamente vazia me dizendo que ele estava ciente da tensão agora. Ele pousou o copo e puxou um pequeno bloco de notas.

— Gostariam de ouvir os pratos do dia?

— Não — disse Stella.

— Sim —retruquei.

Ele olhou de um para o outro, hesitando.

Fiz um gesto para que continuasse.

— Por favor, prossiga.

Ele começou a listar os pratos, cada um parecendo mais delicioso que o outro. Mantive meus olhos nele enquanto falava, mas, pela minha visão periférica, conseguia ver Stella me fuzilando com o olhar como uma nuvem de tempestade. Ora, ora, ora, o jogo tinha virado, e era bom ser aquele que estava calmo e controlado enquanto ela mal conseguia se segurar.

— Vou querer o frango *à* scaloppine — falei quando o garçom terminou.

Ele se voltou para Stella, parecendo estar se preparando para o impacto.

— Algo para a senhora?

— Não — disparou ela, ríspida.

— Vamos querer pão para a mesa — falei. — Só para o caso de ela ficar com fominha.

O garçom assentiu.

— Não vou ficar — disse ela, mas ele já estava se afastando. Ela soltou um suspiro frustrado e fixou o olhar em mim novamente. — Às vezes é tão fácil odiar homens.

— Ah, é? — perguntei, recostando-me no assento.

— Eu disse a vocês dois que não queria nada, e vocês dois me ignoraram.

Eu sorri.

— Talvez a gente simplesmente saiba o que é melhor.

Os dedos da mão esquerda dela se fecharam em torno da faca de manteiga.

Provavelmente agora era a hora de parar de provocá-la. Para o meu plano funcionar, ela precisava colaborar, e seria mais fácil convencê-la a concordar se eu parasse de dar motivos para me odiar. Mas, porra, era uma adrenalina e tanto irritá-la. Ela era tão *fácil*, tão responsiva. Isso me fazia perguntar se ela seria assim no quarto também.

— Então — comecei. — Sobre os três milhões que Blake me deve.

— Ele não te deve nada — rebateu ela.

Arqueei uma sobrancelha.

— Deve, sim.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Sim.

— Não.

— Sim. E Stella? Sou filho único e taurino. Posso fazer isso a noite toda.

A expressão dela ficou sombria.

— Ele tem vinte anos.

— E?

— Ele é jovem demais para jogar.

— Legalmente. — Inclinei-me para a frente, baixando o tom de voz como se estivesse contando um segredo. — Não sei se você está ciente, mas os jogos que eu organizo não são exatamente… dentro da lei.

A expressão dela tornou-se agressiva, a boca franzindo de um jeito que atraiu meu olhar. Seus lábios estavam pintados com um vermelho-cereja brilhante que ficaria incrível em volta do meu pau. Porra, eu realmente precisava parar de pensar em todas as maneiras como eu poderia fodê-la.

— Isso não muda o fato de que ele é jovem demais para saber o que faz — disse ela. — Especialmente porque você o embebedou.

Meu sorriso vacilou.

— Primeiro: ele tem vinte anos, não doze, e frequenta uma das faculdades mais prestigiadas do país mantendo uma média de notas impressionante; então pare de fingir que ele é um cordeirinho inocente de quem eu tirei vantagem. Segundo: eu não o forcei a nada. É política da casa manter o álcool fluindo porque é bom para os negócios. Ninguém colocou uma arma na cabeça dele e o obrigou a beber.

Ela pestanejou, me encarando.

— Como você sabe tanto sobre ele? Sobre nós?

Ah, então ela percebeu que eu tinha feito minha lição de casa.

— Faço questão de aprender o máximo possível sobre meus clientes. Como não estamos dentro da lei, algumas pessoas pensam que isso significa que não precisam pagar suas dívidas. Que podem ameaçar ir à polícia e denunciar minha operação para me fazer recuar. Digamos que ter alguma munição contra esse tipo de gente tem sido proveitoso para mim.

Um lampejo de algo transpareceu na expressão dela — preocupação, ou talvez medo — presente apenas por um segundo. Quando ela falou, sua voz estava firme, desmentindo o que sentia.

— Blake não pode pagar. Ele não tem esse dinheiro.

O que eu já sabia.

Recostei-me no assento, estendendo um braço sobre o topo do reservado enquanto a estudava. Porra, ela era deslumbrante. Não apenas pela pele impecável e pelos lábios carnudos. Havia algo em suas feições que dava vontade de ficar encarando, como se seu cérebro estivesse travado tentando entender *por que*, exatamente, ela era tão estonteante.

Consolei-me com o conhecimento de que eu não era o único distraído pela beleza dela. As pessoas tinham notado sua entrada e ainda lançavam olhares furtivos das mesas próximas. Um ajudante de garçom que passava quase tropeçou nos próprios pés ao vê-la.

Talvez fosse por isso que eu sentia a necessidade de ser ainda mais babaca com a Stella do que o normal: era autoproteção. Uma forma de manter distância entre nós quando tudo o que eu queria era encurtá-la.

Por que as pessoas mais bonitas eram sempre os piores seres humanos?

— Mas Blake *vai ter* esse dinheiro, um dia — falei.

A expressão dela se fechou ainda mais.

— Daqui a uns cinco anos, no mínimo. Você pode esperar tanto tempo para ser reembolsado?

— Não.

— Então por que você não faz a coisa certa e perdoa a dívida dele?

Pousei minha taça de vinho antes que a estilhaçasse, desviando o olhar para o restaurante enquanto tentava me controlar. Meu temperamento tinha entrado em ebulição instantânea, e a vontade de explodir era tão forte que eu quase não consegui resistir. A porra da *audácia* dessa mulher. Pedindo para *eu* fazer a "coisa certa" para que o irmão dela não tivesse que assumir a responsabilidade pelas próprias ações.

Aqui estava a prova de que ela era exatamente quem eu pensava. De que ela não tinha aprendido nada com suas próprias merdas monumentais. Que não importava a fachada que apresentasse ao mundo, por baixo ela não passava de uma garota rica e mimada que se safou de seu comportamento horrível, ultraprivilegiado e destruidor de vidas porque o papai e a mamãe estavam sempre lá para intervir e salvá-la. E agora ela estava tentando fazer o mesmo pelo irmão, garantindo que o ciclo continuasse.

Mas nem fodendo.

— A "coisa certa" — repeti, levando meus olhos de volta para ela.

Ela assentiu.

— Perdoe a dívida dele.

Dei a ela mais um momento para perceber o que estava pedindo, o tamanho da hipocrisia naquilo, mas sua expressão permaneceu obstinadamente determinada, e eu finalmente perdi a paciência.

— Não — rosnei.

— Isso pode arruinar a vida dele — disse ela.

— Talvez *deva* arruinar a vida dele. Talvez assim ele finalmente aprenda o que o resto de nós já sabe: que existem consequências para nossas ações.

Ela fez uma careta.

— Do que você está falando? Meu irmão sabe tudo sobre consequências. Ele assistiu… — Ela se interrompeu, respirando fundo enquanto parecia repensar o que estava prestes a dizer. — Meu irmão nunca saiu da linha antes disso. Ele nunca tirou nem uma nota baixa.

Eu bufei.

— Você espera mesmo que eu acredite nisso? Que ele era realmente um cordeirinho inocente até o momento em que jogou fora três milhões de dólares? Fala sério, Stella, porra.

— Ei — disse ela, inclinando-se sobre a mesa para me fuzilar com o olhar. — Eu *estou* falando sério. Ele é um bom garoto. E ingênuo porque foi muito protegido. O namorado de longa data dele quebrou o coração dele recentemente. Blake estava um trapo emocional, e os amigos idiotas da fraternidade o arrastaram para a *sua* festa para desopilar, onde *você* se aproveitou do estado emocional vulnerável dele. Então, sim, neste caso, acho que a coisa certa, a coisa decente a se fazer, seria perdoar a dívida dele.

Balancei a cabeça, indiferente à sua história triste, porque já tinha ouvido um milhão delas antes. Todo mundo sempre tinha uma desculpa para o próprio comportamento. Um motivo pelo qual não deveriam ter que pagar, um motivo por que eram *sempre* a exceção à regra. Se minha mãe me ensinou algo, era que as pessoas viam gentileza como fraqueza. Então, não, eu nunca perdoava a dívida de ninguém. Porque eu sabia que, se fizesse isso, seria inundado com pedidos intermináveis. Pior: correria o boato de que eu tinha amolecido e alguém aproveitaria a oportunidade para tentar roubar meu negócio.

O garçom chegou com o pão e começou a colocá-lo na frente de Stella.

Ela avançou nele. Literalmente mordeu o ar como um gato selvagem. Ele largou a cesta e fugiu sem dizer uma palavra.

— Isso foi necessário? — perguntei pausadamente.

— Foi — disse ela, sem um pingo de remorso.

Voltamos a nos encarar por cima da mesa. Eu precisava que ela confiasse em mim, pelo menos um pouco, para que meu plano funcionasse, o que significava que era hora de parar de brincar e ir direto ao ponto.

Inclinei-me para a frente e baixei a voz.

— Eu não sou decente. Então, não, não vou perdoar a dívida de Blake.

Seus olhos castanhos escureceram de hostilidade.

— Então eu simplesmente vou à polícia e conto o que você fez.

— Não, você não vai — eu disse, pagando para ver. — A polícia gosta de você tanto quanto você gosta dela. Não tem a menor chance de você destruir a vida do seu irmãozinho desse jeito, e sua família não pode se dar ao luxo de mais um escândalo.

A cor sumiu do rosto dela.

Dei uma piscadela para ela.

— Como eu disse, fiz minha pesquisa. Mas não sou completamente sem coração. — Mentira descarada. — Então, vou te propor o seguinte: estou disposto a transferir a dívida de Blake para você.

Ela se recostou no assento, com os olhos arregalados e a pele ainda mais pálida do que um momento atrás.

— Você *o quê*?

— Vou deixar você assumir a dívida de Blake — repeti, porque Stella parecia estar em choque.

Ela ficou me encarando, sua expressão mudando conforme os pensamentos se formavam. Eu quase conseguia ver a guerra interna que ela travava: a necessidade de proteger o irmão lutando contra o instinto de autopreservação.

— Eu também não posso pagar — disse ela.

— Já torrou sua herança?

— Ela está comprometida em outro lugar.

O que eu já imaginava pelo estilo de vida que ela levava, não gastando mais quantias enormes de dinheiro com futilidades, mas eu tinha que me fazer de desentendido; já tinha revelado o suficiente do que sabia por uma noite.

— Então dê um jeito de liberá-la.

Ela balançou a cabeça.

— Não posso. Mas… — O olhar dela se desviou de mim em direção à porta, um sinal de que estava se sentindo acuada e seu subconsciente buscava uma rota de fuga. Com um suspiro pesado, ela forçou os olhos de volta aos meus. — Eu aceito. Eu assumo a dívida dele.

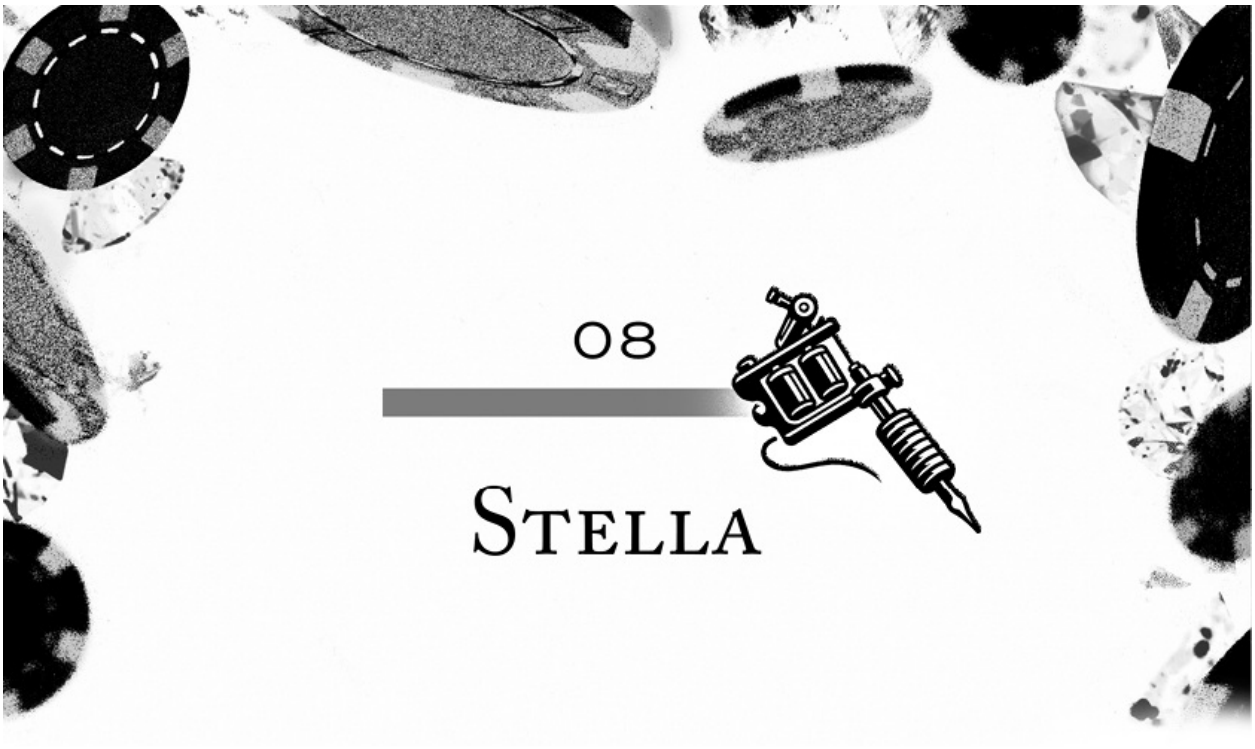
Exatamente como eu sabia que ela faria.

Uma onda de algo próximo ao desapontamento me percorreu. Tinha sido fácil demais atraí-la para essa armadilha. Eu estava quase triste por não ter levado mais tempo. Da próxima vez que eu chantageasse alguém, deveria prolongar mais, saborear a caçada.

— Como você planeja pagar? — perguntei.

— Em parcelas? — sugeriu ela.

— Tenho uma ideia melhor. Em vez disso, saia comigo.



08

STELLA

— SAIR COM VOCÊ?

Sair com ele?!

Theo tinha perdido a porra do juízo?

Analisei-o de cima a baixo. Ele estava mais bem-vestido do que da primeira vez que nos vimos: calça cáqui clara; uma camisa de linho branca que, só pelo peso do tecido, eu sabia que era cara pra caralho; um paletó azul-marinho que combinava com os mocassins náuticos. O cabelo estava penteado para trás e estilizado de um jeito que teria me dado vontade de passar os dedos entre os fios se ele fosse qualquer outra pessoa. Involuntariamente, aquela música ridiculamente chiclete de alguns verões atrás surgiu na minha cabeça: *"Trust fund. Six five. Blue eyes"*.

Theo parecia pertencer àquele restaurante chique, como se estivesse acostumado com coisas finas. Como se nossos pais frequentassem o mesmo clube de elite. Isso fez com que eu me perguntasse quem diabos ele era de verdade. Definitivamente um louco, mas você não diria isso pela forma como ele me estudava do outro lado da mesa, com aqueles olhos lindos e estúpidos, firmes e calmos.

Ele inclinou a cabeça num aceno quase imperceptível.

— Saia comigo.

Eu apenas encarei o sujeito, porque, que porra era aquela? Não era possível que ele estivesse falando sério. Sair com o homem, não, com o *criminoso*, que não tinha feito nada além de me irritar desde que o primeiro e-mail dele caiu na minha caixa de entrada. O criminoso que entrou na minha loja para me provocar depois de ter custado ao meu irmão toda a sua herança. O criminoso para quem eu agora devia três milhões de dólares. O criminoso que eu… não. Nem pensar. Nem ferrando que eu ia entrar nessa. Nada de pensar no jeito que eu me esfreguei nele enquanto a língua dele fazia coisas deliciosas e lascivas na minha boca. A situação já estava ruim o suficiente sem colocar humilhação no meio.

— Por quê? — soltei, tão confusa que, por um segundo, esqueci de sentir medo.

Theo deu de ombros.

— Porque eu preciso de novos clientes. Especificamente, clientes ricos, e uma ótima maneira de consegui-los é me misturar com pessoas da sua classe socioeconômica.

Pelo tom dele, havia um insulto escondido ali, e eu não gostei nem um pouco.

— Minha classe socioeconômica é a dos pequenos empresários que mal conseguem se manter de pé.

Ele balançou a cabeça, com um sorriso sutil brincando nos lábios.

— A classe em que você nasceu, Stella.

Estremeci, odiando o som do meu nome saindo da boca dele.

— As únicas pessoas que eu vejo dessa classe são meus pais, e não tem a menor chance de eu apresentar você a eles.

Apesar do sorriso persistente, algo malicioso brilhou nos olhos dele.

— Eu não sou bom o suficiente para conhecer mamãe e papai?

— Não, seu babaca do caralho.

No segundo em que as palavras saíram, eu soube que tinha sido a coisa errada a dizer. O sorriso do Theo sumiu, substituído por algo frio e ameaçador. Algo que finalmente me fez perceber a gravidade da minha situação. Até agora, eu estava pensando nele como um marombeiro de academia babaca, porque foi assim que ele se apresentou. Mas essa nova escuridão me fez notar que ele agiu daquele jeito de propósito, para me deixar relaxada e complacente, para que eu não visse a adaga escondida atrás das costas dele.

O que foi mesmo que o Blake tinha me dito na outra noite? Que o Sr. Strickland sempre cobrava suas dívidas. Que chegaria a qualquer extremo para fazer isso. Que era implacável. Moralmente falido. Sem alma.

Em vez de insultá-lo, eu deveria estar tentando bajulá-lo, tentando cair nas graças dele para que não sentisse a necessidade de provar ainda mais o desgraçado que realmente era. Pedir desculpas pelo meu último comentário seria um bom começo, mas não importava o quanto eu tentasse forçar as palavras, elas simplesmente não saíam. Minha teimosia tinha botado suas garras para fora, entrando em guerra com a minha lógica, e ficamos presos em um silêncio suspenso.

— Infelizmente — disse ele —, você não está em posição de me dizer "não". Então, sim, você vai me apresentar a seus pais e a todos os amigos metidos deles. Vamos às festas deles juntos, aos eventos beneficentes. E, enquanto estivermos lá, eu vou discretamente angariar novos clientes.

Por quê?, eu queria saber. Por que meu irmão, por que eu, por que meus pais e os amigos "metidos" deles? Tudo isso parecia algum tipo de armação, como se Theo tivesse montado uma armadilha para mim e eu tivesse caído de cabeça nela. Se fosse o caso, seria burrice deixar transparecer que suspeitava de um plano maior. Além disso, era improvável que ele fosse responder às minhas perguntas, então as guardei para mim, lutando contra um misto de raiva e medo, sentindo-me como um rato encurralado sem ter para onde ir. Porque ele estava certo. Eu não podia dizer não para ele. Não sem descobrir até onde ia a sua crueldade. E eu não estava disposta a arriscar o futuro do meu irmão só para saciar minha curiosidade.

— Como sair com você vai quitar minha dívida? — perguntei, feliz por minha voz soar mais firme do que eu me sentia.

— Me fazendo ganhar mais dinheiro — disse ele. — Seus semelhantes têm bolsos cheios e um tédio geracional crônico. Meus jogos ilegais são exatamente o que eles precisam para trazer um pouco de emoção de volta às suas vidas monótonas. As dívidas deles vão quitar a sua.

— E eu estou livre assim que eles gastarem três milhões?

Ele assentiu, com um sorrisinho brincando nos lábios que eu não confiei nem por um segundo. Por que esse filho da puta estava sempre sorrindo?

— Quanto tempo você acha que isso vai levar? — perguntei, imaginando meses sendo obrigada a fingir que *gostava* dele.

— Vai depender do tipo de jogador que você conseguir recrutar.

— Eu? — falei, incrédula. — Eu também deveria fazer o recrutamento? Você acabou de dizer que seria você quem conseguiria os clientes.

— Sim. Mas eu não conheço essas pessoas. Vou precisar que você me aponte quem são os melhores candidatos. Quem estaria mais disposto a uma diversão

ilícita sem vazar meus segredos.

Apoiei os cotovelos na mesa e esfreguei as têmporas.

— Você não sabe o que está me pedindo. Não convivo com nenhuma dessas pessoas há anos, e odeio a maioria delas.

— Primeiro, eu não me importo — disse ele, com um desdém tão óbvio que me senti uma idiota por achar que isso poderia fazê-lo mudar de ideia. — Segundo, não gostar deles deve facilitar o seu trabalho.

Levantei a cabeça para encarar o olhar dele. A vela tremeluzia entre nós, a luz dançando em seus traços, deslizando pela linha do maxilar e pelas maçãs do rosto, suavizando sua pele e dando a ela um tom dourado que conferia ao seu rosto uma qualidade onírica, surreal. Meus dedos coçaram por um bloco de desenho, e isso me fez odiá-lo ainda mais. A beleza dele era uma armadilha. Uma mentira. Nada além de uma fachada fina como papel escondendo o monstro por baixo.

Meus olhos encontraram os dele outra vez, vi que ele me observava, esperando, como se tivesse todo o tempo do mundo para eu aceitar a minha situação.

Poderia ser pior, falei a mim mesma.

Puta merda, poderia ter sido muito pior. Ele poderia ter me forçado a vender o estúdio de tatuagem, a contrair empréstimos astronômicos que eu nunca teria como pagar, poderia ter ameaçado ir atrás dos meus pais ou arruinar a vida do meu irmão. Comparado a tudo isso, fingir que estou saindo com ele deveria parecer moleza. Mas eu não sabia se teria estômago para isso, se conseguiria fingir de forma convincente que curtia a companhia do Theo quando tudo o que eu estaria pensando era em quantas outras pessoas estavam presas sob o domínio dele, em quantas almas a mais eu seria forçada a entregar na porta dele.

Involuntariamente, uma imagem de Blake surgiu na minha cabeça. Dele sentado no meu estúdio na outra noite, com a cabeça entre as mãos, aterrorizado por ter acabado com a própria vida.

Respirei fundo. Por ele, eu conseguiria fazer isso. Eu já tinha destruído a minha vida uma vez, então que diferença fazia se fizesse de novo? Eu sabia que era forte o suficiente para aguentar, acreditava que poderia encontrar um jeito de sair desse buraco e, por fim, voltar a ter uma existência mais ou menos normal, porque já tinha feito isso antes em condições muito piores.

Blake podia não ser totalmente inocente nessa história, mas, para mim, a única coisa de que ele era culpado era de ter a pior sorte do mundo. Na única vez em que ele (compreensivelmente) ficou bêbado de apagar e agiu fora do normal,

teve o azar de cair direto nas garras de alguém que estava mais do que pronto para se aproveitar dele. Não parecia justo, mas a vida nunca foi muito conhecida por ser justa.

Eu estava agora em posição de evitar que Blake enfrentasse a mesma destruição que eu, de impedir minha família de passar por outro escândalo e, depois de tudo o que eu os fiz passar, parecia o mínimo que eu poderia fazer.

O Blake ia ficar furioso quando descobrisse que eu tinha trocado de lugar com ele. E provavelmente tentaria fazer alguma idiotice como trocar de volta. Mas isso era um problema para a Stella do futuro. A Stella do presente já tinha coisa demais para lidar.

Encarei o olhar implacável de Theo. O marombeiro de academia tinha sumido há muito tempo e, em seu lugar, estava alguém muito mais formidável, muito mais perigoso.

Ah, porra. Isso estava mesmo acontecendo.

Engoli em seco e assenti.

— Tudo bem. Eu topo.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso provocador.

— Eu sabia que você era mais esperta do que parecia.

Lutei para não fechar a cara para ele.

— Você não acha que isso já será ruim o suficiente sem você me insultar a cada cinco segundos?

— Mas te insultar é tão divertido.

Eu estava prestes a dar o troco quando o garçom reapareceu com o prato principal de Theo. Ele, sabiamente, manteve o foco em Theo, perguntando se ele queria queijo asiago ralado na hora sobre o prato. Theo concordou.

— E você pode nos trazer um prato extra? — pediu Theo.

— Isso parece tão bom que minha namorada pode decidir que quer provar um pouco.

O garçom hesitou. Olhou para mim. Eu mantive meu olhar fixo em Theo.

Namorada dele? Eu já deveria começar a atuar?

— Claro, querido — falei, com a voz destilando veneno.

O garçom saiu de fininho.

Theo soltou uma risadinha.

— Coisinha selvagem você, não é?

Não respondi. Não confiava em mim mesma para não mordê-lo se abrisse a boca. Ele tinha voltado a ser cínico e bajulador, mas eu não me deixaria baixar a

guarda de novo. Eu tinha vislumbrado algo muito mais traiçoeiro espreitando sob a superfície: o *verdadeiro* Theo.

Ele pegou os talheres, com o garfo na mão direita enquanto espetava um pedaço de frango.

— Assim não — disparei.

Ele parou e olhou para mim.

— Se você quer entrar no mundo dos meus pais, vai ter que fazer o papel direito. — Apontei para ele. — Essa estética *old money* é um bom começo, mas tem detalhes que vão te entregar, sugerir que você não é um deles. Eles nunca vão aceitar alguém que suspeitem ser uma fraude.

— Explique — disse ele.

Puxei o prato de pão para mais perto e peguei meus próprios talheres, garfo na esquerda, faca na direita.

— Assim — falei, demonstrando o jeito europeu de segurar os talheres. Cortei um pedaço de pão, posicionando o garfo com precisão enquanto o levava aos lábios. Em vez de colocá-lo na boca, coloquei-o de volta no prato.

— Você devia comer isso — disse Theo.

— Não estou com fome.

— Parece que deveria estar — resmungou ele, trocando o garfo para a mão esquerda e cortando o frango.

Pisquei, fervendo em um silêncio indignado. Ouvi comentários sarcásticos como esse a vida toda. *Come um hambúrguer* era um comentário frequente nos meus posts do Instagram. Eu tinha parado de tentar me explicar para as pessoas. Não era da conta de ninguém por que eu estava abaixo do peso, por que tentar ganhar alguns quilos era quase impossível, ou como qualquer peso que eu *conseguia* ganhar nunca se mantinha porque o meu tipo de doença crônica não era visível a olho nu.

Meu Deus, como eu *queria* ter fome, mas tudo o que eu sentia era náusea, porque meu estômago estava um pesadelo cheio de ácido naquele momento. Esse pico de estresse tinha disparado minha gastrite e, nos últimos dias, eu vinha fazendo tudo ao meu alcance para evitar uma crise total.

Meu estômago queimava, mas eu já tinha tomado meus remédios de emergência; agora não restava nada a fazer a não ser dar pequenos goles de água para diluir o ácido até que eu pudesse sair dali e, com sorte, encontrar algum jeito de me acalmar.

Não que eu fosse contar nada disso a Theo; eu não daria a ele mais munição para usar contra mim.

— Comi antes de vir — falei, empurrando o prato de pão.

— Sei — respondeu ele, com um tom de quem não acreditava em uma palavra.

Aquela palavra pareceu um tapa na cara. Ele me provocando constantemente já era ruim o suficiente. Eu não tinha ideia de como conseguiria fingir ser namorada dele se tivesse que aguentar esse nível de crueldade gratuita além de tudo.

— O que mais? — perguntou Theo.

— O que mais o quê? — retruquei.

— O que mais eu preciso saber para me enturmar?

— Tira o paletó. Fica forçado demais.

Ele enfiou mais uma garfada de comida na boca antes de se livrar da peça. Percebi imediatamente que foi a escolha certa. A camisa de linho era boa, o caimento mais pesado do tecido realçava os músculos dele sem fazê-lo parecer grande demais. Se ele conseguisse manter a porra da boca fechada, passaria despercebido perfeitamente. Havia algo nos traços dele que lhe conferia uma beleza aristocrática. O formato carnudo da boca. O nariz aquilino. Combinado com o cabelo loiro, ele pareceria totalmente à vontade montado em um cavalo no interior da Inglaterra.

— Não acredito que estou aceitando conselhos de moda da Barbie Gótica — resmungou ele, deixando o paletó de lado.

— Só porque eu prefiro roupas pretas não significa que eu não entenda de moda. Se quiser me ignorar e correr o risco de ser detectado imediatamente como um intruso, vá em frente, caipira.

Os olhos dele se estreitaram.

— Caipira?

— Ah, me poupe — resmunguei. — Você acha que eu não percebo os traços desse seu sotaque do interior quando diz certas coisas? Especialmente quando está sendo um idiota. Isso traz à tona sua roticidade caipira em qualquer palavra que tenha r.

— Roticidade — repetiu ele. — Parece uma dessas suas palavras metidas de escola de elite.

— E é. — Não fazia sentido negar. Eu tive uma educação de elite. Pelo menos, quando eu realmente frequentava a escola. — Significa que os seus sons de “r” são bem pronunciados. Como em “porta” — expliquei, colocando ênfase extra na palavra.

— Anotado. Mais alguma coisa que queira apontar?

— Nada de especial, não. — Pelo tom ríspido dele, ficou claro que eu tinha abusado da sorte sendo tão direta.

Theo soltou um suspiro prolongado e recompôs a expressão.

— Não, sério. Continue. Preciso saber tudo o que for possível.

Eu o observei, sentindo que aquilo poderia ser outra armadilha. O restaurante tinha reduzido ainda mais as luzes do teto e, entre as sombras mais profundas e a luz quente das velas, ele parecia ter saído diretamente de uma pintura renascentista. Meu olhar desceu até os lábios dele. Eu odiava saber a sensação deles contra os meus. Odiava que minha mente continuasse voltando para o nosso beijo. Não porque eu quisesse repetir. Porra, claro que não. Mas porque eu estava furiosa comigo mesma por ter deixado aquilo acontecer.

Ele lambeu os lábios e eu olhei para cima e o vi me encarando, com uma expressão presunçosa e animada no rosto, indicando que ele sabia exatamente o rumo que meus pensamentos tinham tomado.

— Nunca mencione dinheiro — falei para quebrar a tensão. — E nunca pergunte a ninguém o que faz da vida. A maioria dos amigos dos meus pais e das pessoas que frequentam o círculo deles ainda enxerga “trabalho” como algo que os camponeses fazem para eles, enquanto eles ficam sentados, gordos e felizes em seus castelos.

Ele me lançou um último olhar demorado antes de voltar sua atenção para a comida.

— Continue.

Passei a hora seguinte contando a ele tudo o que sabia sobre as regras não escritas do mundo em que cresci, me perguntando se estava cometendo um grande erro, rezando para que as informações não levassem à condenação de mais pessoas inocentes.

Theo absorvia tudo como uma esponja e, pela maneira como seus olhos se aguçavam, observando-me com total atenção, não tive dúvidas de que ele guardava cada palavra que dizia. O que só reforçava o quanto eu estava realmente ferrada. Porque meu ódio não me cegava para o fato de que Theo era inteligente, determinado e aprendia rápido. Caramba, ele já estava manuseando os talheres como se comesse assim há anos, e sua voz havia perdido qualquer traço de sotaque caipira, transformando-se em algo mais suave e profundo. Isso só me deixava ainda mais convencida de que ele tinha segundas intenções. Que eu estava prestes a conduzir um lobo a um pasto cheio de… bem, não ovelhas, mas talvez lobos mais lentos e burros.

— Precisamos começar com algo pequeno — disse ele, ao fim do meu curso intensivo de etiqueta. — Um jantar em família ou algo mais íntimo, onde eu possa conhecer seus pais sem muitos olhares sobre nós. Assim, já estaremos familiarizados quando chegarem as festas maiores, e nossa relação parecerá mais legítima para os outros se eles souberem que sua família já me conhece.

Abri a boca para dizer que não. A ideia de levá-lo direto para o círculo restrito dos meus pais parecia demais, cedo demais — sem falar que seria uma traição monumental à confiança deles. Mas um único olhar cortante de Theo me fez engolir a palavra, lembrando sua declaração anterior de que eu não estava em posição de lhe negar nada. Talvez eu pudesse apelar para qualquer resquício de empatia que ele ainda tivesse.

— Tenho medo de fazer isso — admiti. — Eu não te conheço e, até agora, tudo o que você fez foi me provocar, ameaçar e chantagear. Que garantia eu tenho de que você não fará algo para machucar minha família?

— Nenhuma.

Esperei que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele apenas ficou ali, sentado, me observando. Certo, então a empatia não estava na mesa conosco. Nenhum motivo para entrar em pânico. Nenhum motivo para surtar pelo fato de que agora eu devia três milhões a esse desgraçado sem alma e estava completamente à sua mercê — e ele, obviamente, não possuía misericórdia nenhuma. Absolutamente *nenhum* motivo para começar a entrar em colapso e…

Theo suspirou, percebendo minha ansiedade crescente.

— Por que eu machucaria eles? Não há benefício algum para mim.

Eu o encarei, atônita.

— Isso deveria ser tranquilizador?

Ele ergueu a taça e virou o resto do vinho de uma vez.

— Entenda como quiser. Mas vou ter que conhecer eles em algum momento e, para este plano funcionar, faz mais sentido que seja do meu jeito.

Eu odiava o fato de ele estar certo. Odiava que o jeito dele fosse o mais *inteligente*. Uma parte de mim queria discutir, nem que fosse apenas para ganhar tempo e encontrar uma alternativa, mas era inútil.

— Tudo bem — cedi. — Mas saiba que só pode me pressionar até certo ponto. Minha família não é indefesa. Se em algum momento um escândalo monumental parecer preferível a este acordo, contarei tudo aos meus pais e que se danem as consequências.

Os dentes dele brilharam sob a luz de velas em um sorriso predatório.

— Isso é uma ameaça?

Balancei a cabeça.

— Apenas uma constatação de fatos.

— E você não acha que eu tenho meios de revidar? — Ele arrastou as palavras, esticando o braço sobre o encosto do reservado novamente. Ele parecia e soava relaxado, mas eu percebia que o estava pressionando mais do que provavelmente deveria. Azar o dele. Tinha que ser feito. Ele precisava entender que eu não era um brinquedinho indefeso.

— Tenho certeza de que você é mais do que capaz de revidar — respondi. — Mas se quer fazer "do seu jeito", precisamos de regras básicas.

— Ótimo. Regra número um: nada de foder.

O calor subiu pelas minhas bochechas, minha promessa anterior de manter a raiva sob controle completamente esquecida. O cinismo desse homem não tinha limites. Abri a boca para dizer que a única pessoa que ele estaria fodendo era a si mesmo, mas ele ergueu a mão para me interromper.

— Nem tente — disse ele. — Não suporto ouvir uma mulher implorar, e você deve saber que, por mais que implore, não mudarei de ideia. Precisamos manter certos limites profissionais entre nós.

Quase me engasguei com a própria saliva. Eu ia *matá-lo*.

— Número dois — continuou ele. — Você tem que ser gentil comigo na frente das outras pessoas.

— E como espera que eu faça isso, se cada palavra que sai da sua boca é uma provocação?

— Tenho certeza de que vai dar um jeito. — O olhar dele perfurou o meu. — Especialmente considerando a alternativa.

Meu rosto ardeu ainda mais. Ótimo, já tínhamos voltado para as ameaças.

— Nada de contar às pessoas quem eu realmente sou — disse ele. — Nada de avisar para que fiquem longe de mim. E não ouse sequer insinuar que eu possa ser qualquer outra coisa além do seu namorado apaixonado.

— Apaixonado — repeti entredentes.

Ele assentiu enquanto me analisava de cima a baixo, a expressão mudando para algo rude, possessivo, como se já conhecesse cada curva e cada vale escondido sob o meu vestido e estivesse louco para me tirar dele. Inclinando-se para a frente, ele ergueu a mão para prender uma mecha de cabelo atrás da minha orelha; seus dedos percorreram meu maxilar, parando para inclinar meu queixo para cima, para que ele pudesse olhar profundamente nos meus olhos.

Alguém por perto soltou um suspiro sonhador, claramente observando aquela cena.

Theo baixou o tom de voz para algo pecaminoso.

— Ao contrário de você, não tenho dúvida de que consigo fazer o meu papel.

Eu me soltei do seu aperto com um solavanco, odiando a forma como meus mamilos haviam enrijecido e o calor se acumulava dentro de mim; meu corpo cedendo às mentiras dele mesmo enquanto minha mente se rebelava.

— Mais alguma coisa? — perguntei.

Ele despejou mais uma série de regras, todas impondo restrições ao meu comportamento. Por fim, ele parou.

— Acho que é só por enquanto. Resolveremos o resto conforme avançarmos.

— Maravilha. Mal posso esperar. — Meu tom estava impregnado de sarcasmo.

— Depois da primeira festa, iremos a uma um pouco maior — disse Theo. — Você escolhe. E é lá que você vai começar a me apontar as pessoas.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Você confia em mim para escolher?

— Confio que você vai se lembrar de que é do seu interesse escolher com sabedoria. — Desta vez, o sorriso dele foi mais um arreganhar de dentes. — Você tem muito mais a perder do que eu. Se realmente acha que me ameaçar com seus pais é suficiente para me impedir de fazer o meu pior, isso só prova que você é tão ingênua e protegida quanto seu irmão. — A voz dele se transformou em um rosnado grave. — Você não quer conhecer o meu lado ruim, Stella. Não quer me obrigar a te machucar.

Ele abriu a carteira, jogou três notas de cem dólares sobre a mesa e saiu. Eu o segui com o olhar, silenciada por aquela última declaração profundamente doentia. O rosto dele estava desprovido de qualquer emoção, como se a escolha de ser machucada ou não dependesse inteiramente de mim, e para ele tanto fazia, de um jeito ou de outro.

Com as mãos trêmulas, tirei o celular da bolsa e interrompi a gravação no aplicativo de voz. Graças a Deus, pelo menos eu tinha isso se acabasse indo à polícia. Observei o arquivo ser salvo e, em seguida, levantei-me e saí do restaurante, colocando um fone de ouvido enquanto esperava meu Uber chegar, porque nem morta eu caminharia todo o trajeto de volta ao metrô com aqueles saltos.

A gravação parecia normal no início (eu havia começado a gravar logo antes de entrar no restaurante), mas, após apenas alguns segundos, algo deu errado. Ruídos estranhos e distorcidos começaram a tocar e, logo, tudo o que eu ouvia era um tom contínuo, baixo e vibrante, que fazia meu tímpano latejar. Tirei o

fone, imaginando se aquele era o problema, mas quando reproduzi a gravação pelo alto-falante do celular (para o incômodo das pessoas que passavam pela calçada) aconteceu a mesma coisa.

Em pânico, pulei para partes adiante no arquivo, mas a coisa toda parecia corrompida.

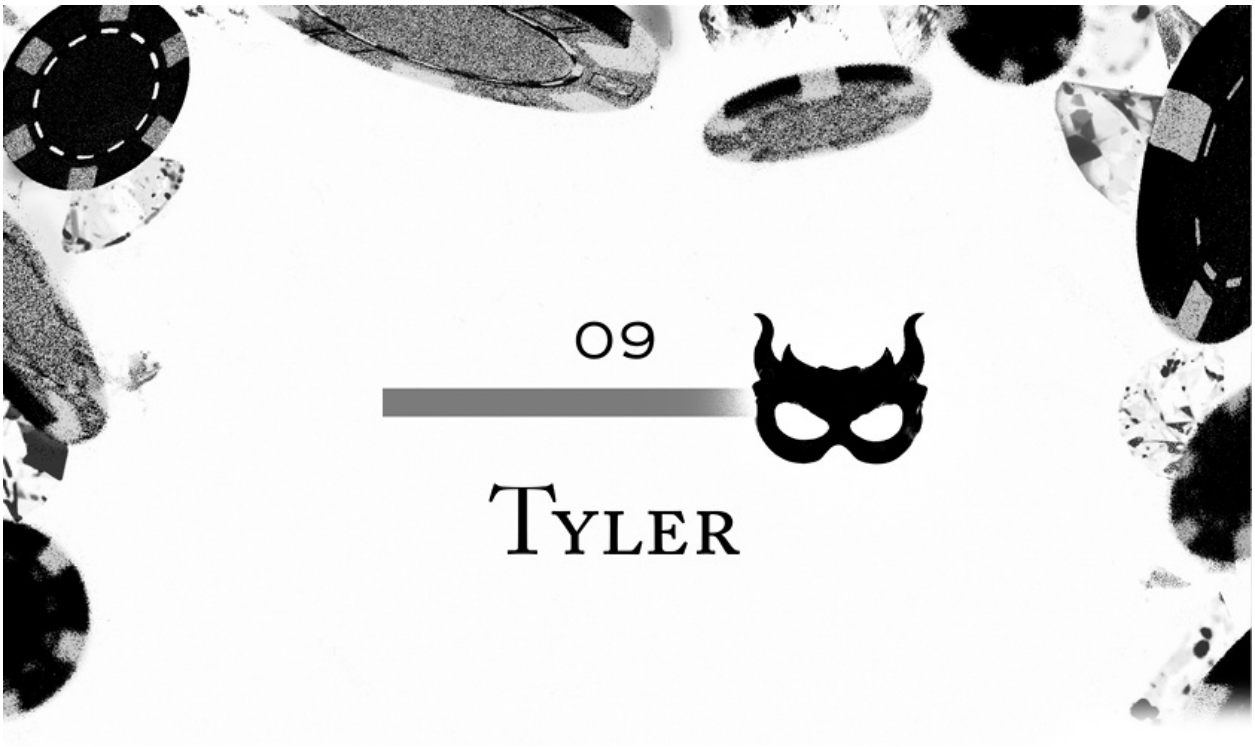
Não. *Não*. Eu estava contando com essa prova para demonstrar que estava sendo chantageada. Sem isso, eu não tinha nada além da minha palavra, o que não valia porra nenhuma nesta cidade.

Eu me virei para olhar de volta para o restaurante. Theo tinha… *feito alguma coisa* para causar aquilo?

Um mal-estar subiu pela minha espinha.

Quem diabos ele era?

E em que porra eu tinha me metido?



09

Tyler

Eu sabia que Stella vinha de berço de ouro. Sabia que ela tinha crescido no bairro mais nobre das redondezas, frequentado os melhores meios acadêmicos que o dinheiro podia pagar e passado as férias escolares viajando o mundo todo no maior luxo. Eu até tinha visto os relatórios mais recentes do patrimônio líquido da empresa da qual meu pai e os pais dela eram coproprietários. Mas ver números no papel era uma coisa; testemunhar aquela riqueza com meus próprios olhos era algo completamente diferente.

Os pais de Stella moravam logo na saída da cidade, no mesmo código postal de políticos de alto escalão, músicos famosos e bilionários. As ruas eram largas e bem conservadas, ladeadas por carvalhos centenários. Mulheres em leggings superfaturadas passeavam com cães minúsculos pelas calçadas impecáveis. Jardineiros podavam cercas vivas e cuidavam de canteiros de flores. As casas erguiam-se orgulhosas e imponentes em lotes extensos, com veículos de luxo nas garagens.

Os pais de Stella viviam no final do bairro, em um terreno de dois hectares densamente arborizado. Minha pesquisa revelou que o bosque era, na verdade, uma floresta planejada — algo chamado arboreto. Era uma espécie de jardim de árvores raras que haviam sido trazidas de todo o mundo pelo proprietário original no século XIX, e agora a propriedade abrigava alguns dos maiores espécimes do país.

Meu carro passou pelos portões frontais, os pneus rodando sobre o caminho de tijolos. As árvores se fechavam de ambos os lados, com troncos tão largos quanto o meu sedan de luxo e uma copa tão alta que criava um crepúsculo artificial. Após uma curva suave, a floresta se abriu e, logo à frente, surgiu um casarão que parecia ter sido arrancado do interior da Inglaterra e jogado em uma clareira — com jardins e tudo. A fachada de pedra era cor de areia, acentuada por caixilhos brancos nas janelas. Nada menos que seis chaminés se erguiam do telhado de ardósia, e minha cabeça girou só de pensar no quanto custaria para aquecer essa maldita casa no inverno.

Mais de uma dúzia de carros estavam enfileirados na frente, variando de um Maserati de edição limitada com um preço de um quarto de milhão de dólares a um Range Rover de modelo antigo, que parecia ter saído recentemente de uma trilha. Não pela primeira vez, fiquei feliz por ter gasto parte do meu dinheiro suado no meu veículo, porque o emblema europeu sofisticado no capô me ajudaria a me misturar a esses babacas.

Estacionei no final da fila e desliguei o motor. A adrenalina inundou minhas veias. Era isso; todos os anos que passei planejando estavam prestes a render frutos. Dentro desta casa estava a chave para a minha vingança. O círculo íntimo dos McCormick era o mesmo do meu pai, e quanto mais eu me vinculasse a todos eles, mais munição conseguiria reunir. Eu podia até agir como um idiota na maior parte do tempo, mas isso não significava que eu não pudesse ser charmoso e, com esse charme, minha boa aparência e minha habilidade de ler as pessoas, os segredos não ficavam enterrados por muito tempo. Eu tinha um talento para extraí-los ou, no mínimo, detectar sua existência, o que era tudo do que eu precisava antes de cavar em busca de mais sujeira.

Essa parte do plano era simples o suficiente: cair nas graças do maior número possível desses merdas. A parte difícil viria depois, começando com a próxima festa a que fôssemos. Eu tinha dito a Stella que estava atrás de mais clientes e dinheiro, que pretendia mirar em pessoas da classe socioeconômica de seus pais, mas era mentira.

Meu verdadeiro foco estava nas pessoas que os cercavam. Seus funcionários, seus contadores e todos os outros prestadores de serviço que pudessem ter segredos para compartilhar. Quanto mais ressentidos, melhor. Quanto mais escusos, melhor. Porque esse tipo de gente é explorável, fosse por suborno ou chantagem, e era assim que eu planejava derrubar meu pai. Não com algum plano de vingança exagerado. Não; a morte dele seria por mil pequenos cortes,

sangrando lenta e excruciantemente, forçado a assistir enquanto seu império desmoronava ao redor, tijolo por tijolo.

Cheguei, mandei mensagem para a Stella.

Estamos nos fundos, respondeu ela.

Que bom. Agora venha me receber como a porra de uma namorada de verdade.

O balão de digitação apareceu. Desapareceu. Surgiu novamente, apenas para sumir mais uma vez. Imaginei que ela estivesse lutando contra o impulso de me mandar eu me foder.

Talvez eu tivesse sido rude, mas não via sentido em tentar ser legal, especialmente dadas as circunstâncias. Nem morto eu entraria naquela festa sozinho. Conhecendo a minha sorte, eu provavelmente me perderia. Ou daria de cara com um dos pais de Stella e seria forçado a me apresentar sem ela.

Eu conseguiria fazer isso, mas preferia ter Stella ao meu lado. A presença dela, por si só, me daria um ar de pertencimento que tornaria mais fácil para os outros me aceitarem. Sem ela, eu chamaria mais atenção — talvez o suficiente para que as pessoas sentissem cheiro de sangue fresco e começassem a circular como tubarões. E sim, eu já tinha passado bastante tempo perto de babacas ricos, mas havia uma diferença abissal entre milionários comuns e a riqueza geracional de bolsos profundos que se acotovelava naquela festa.

Pelo que eu sabia sobre os ultrarricos, eles eram algumas das pessoas mais predatórias e de sangue-frio do planeta. Menos de um por cento da população detinha a riqueza necessária para mudar o mundo, melhorar a vida do restante de nós, e o que faziam com isso? Usavam para financiar turismo espacial para os amigos, construir relógios de mais de cem metros dentro de montanhas que só eles podiam ver, ou pesquisar a imortalidade, enquanto, ao redor deles, seres humanos continuavam morrendo de doenças evitáveis.

Só Deus sabia em que mais eles se envolviam que o público sequer sonhava. Eu descartava a maioria dos rumores como teoria da conspiração, mas havia outros fatos que eram mais difíceis de negar. Como o fato de termos tido nosso próprio monstro escondido nesta cidade por anos: Bradley Bluhm. Ele fora um predador a vida inteira, com sua família bilionária continuamente encobrindo seus rastros ou pagando sua fiança. Exatamente como os pais de Stella haviam feito por ela. Ao contrário de Stella, Brad cresceu para se tornar um assassino em série, e ainda havia agentes federais desenterrando corpos em seu quintal a apenas algumas ruas de distância. E onde estava Brad para responder por seus

crimes? Muito provavelmente na Europa, de acordo com as últimas notícias, levado às pressas por seus pais.

Encarei a imponente casa de pedra através da minha janela, me perguntando por que porra eu estava tão nervoso. Eu podia ser um zé ninguém, mas ainda detinha a superioridade moral sobre esses filhos da puta.

Você está nervoso porque ele pode estar aqui, uma vozinha me lembrou.

Certo. Tinha isso. A probabilidade de eu dar de cara com meu pai em qualquer um dos eventos que eu frequentasse com Stella era alta, e essa era a principal causa da minha hesitação. Porque, por mais que eu estivesse preparado para enfrentá-lo, por mais que tivesse prometido a mim mesmo que manteria a frieza quando finalmente nos encontrássemos, ainda temia que minha raiva pudesse transbordar e arruinar anos de planejamento em um único instante explosivo.

Respirei fundo, lembrando a mim mesmo que ele provavelmente nem estava na cidade. A última vez que fiquei sabendo, ele estava em algum lugar da Itália. O que significava que não havia motivos para eu estar obcecado por ele.

Abri a porta e saí do carro. A floresta ao redor abafava o ruído das ruas próximas, fazendo com que a casa permanecesse dentro de sua própria bolha de silêncio. Grilos cantavam na grama. Pássaros gorjeavam acima de mim. Uma onda de risadas subiu de algum lugar próximo, logo atrás da casa. Era agradável, quase bucólico.

A porta da frente se abriu e eu soube, pelo olhar no rosto de Stella, que a paz estava prestes a ser estilhaçada. Ela me avistou e andou em minha direção, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Ah, sim. Eu definitivamente a tinha deixado possessa.

Encostei-me no carro, enfiando as mãos nos bolsos do meu short de linho enquanto tentava não sorrir. Eu nunca fui do tipo que sentia prazer em provocar as pessoas — isso era mais o forte do Josh —, mas estava começando a me perguntar se talvez eu tivesse passado tanto tempo perto do meu melhor amigo que um pouco da personalidade dele havia passado para mim. Não havia outra forma de explicar o pequeno arrepio que percorreu meu corpo ao saber que eu tinha conseguido tirar Stella do sério de novo.

Brat.

Cortei esse pensamento assim que ela se aproximou. Em vez do visual monocromático que eu esperava dela, ela usava um vestido *babydoll* branco com bolinhas pretas, meias brancas até o joelho e sapatos Mary Jane pretos. A bainha do vestido balançava para cima a cada passo daquelas pernas ridiculamente

longas e não consegui evitar de olhar, esperando que balançasse alto o suficiente para que eu pudesse ter um vislumbre do que ela usava por baixo.

Só quando Stella chegou mais perto é que percebi que as “bolinhas” em seu vestido eram crânios em miniatura. É claro que seriam.

Ao contrário de mim, ela não usava óculos escuros, então tive uma visão nítida da fúria em seus olhos quando ela parou a um palmo de distância para me encarar. Devido ao referido olhar, o sorriso que ela forçou no rosto pareceu perturbado.

— Oi. Que bom que conseguiu vir. — O tom dela dizia o contrário. — A festa é lá atrás, então, por favor, me acompanhe.

Com isso, ela se virou e começou a se afastar. Eu a segurei pelo pulso e a girei de volta. Ela colidiu contra o meu peito com um grunhido.

— Fique parada — falei.

Ela tentou se soltar.

— Não tem ninguém aqui para quem atuar.

— Alguém está observando da casa — rosnei através do meu sorriso.

Eu podia ver a pessoa no limite da minha visão periférica, emoldurada em uma janela no terceiro andar, nos encarando lá de cima.

Stella ficou mais rígida que uma tábua.

— Como é a pessoa?

Envolvi a cintura dela com meus braços e afastei as pernas, puxando-a para o espaço entre elas. Em uma reviravolta enfurecedora, ela se encaixou perfeitamente.

Mantendo meu rosto levemente voltado para ela, lancei um rápido olhar para cima.

— Deve haver uma luz acesa atrás, porque tudo o que consigo ver é um vulto sombreado.

Os cantos da boca dela se curvaram para baixo.

— Desgraçado pervertido.

— Eu ou o nosso *voyeur* misterioso?

— Os dois — disse ela, mordendo a isca exatamente como eu sabia que faria.

Apertei sua cintura em um aviso.

— Se comporte. Estamos em público e a regra é: você é gentil comigo em público.

Os olhos dela arderam de irritação, mas ela permaneceu em silêncio. Boa garota.

Arrisquei outro olhar em direção à janela, mas não consegui distinguir mais nada.

— Quem quer que seja, temos que assumir que, se é intrometido o suficiente para espionar, é intrometido o suficiente para fofocar. O que significa que você não pode ficar aí parada como uma estátua, ou vão pensar que não está gostando disso.

— Eu *não* estou gostando disso — resmungou ela, aproximando-se centímetro a centímetro. — Ninguém está gostando disso. Nem Deus está gostando disso.

Balancei a cabeça e deslizei minhas mãos para a cintura dela, apertando um pouco mais forte desta vez. O humor dela não me faria amolecer.

Stella fez uma careta, soltou o ar e, relutante, colocou as mãos no meu peito.

— Parece que você está me mantendo à distância — falei. — Vamos lá. Não vai te matar colocar seus braços em volta de mim.

Com uma expressão de que aquilo poderia *realmente* matá-la, Stella deslizou as mãos pelo meu pescoço.

— Vamos ter que trabalhar suas habilidades de atuação — comentei. — Ninguém vai acreditar que você está obcecada por mim se continuar assim.

— Você está esquecendo que essas pessoas realmente me conhecem. Elas esperam que eu seja uma vadia. Eu, de repente, bajulando um homem qualquer, despertaria as suspeitas delas imediatamente.

Pressionei minhas coxas contra as dela, tentando ignorar o quão bem ela se encaixava ali.

— Tem certeza de que não está dizendo isso só porque tem medo de que, se fingir estar obcecada por mim, acabe percebendo que realmente está?

— Eu não estou obcecada por você — disse ela, com um tom de voz tão monótono que parecia sem vida, mas eu percebia pelo modo como seu peito subia e descia que ela estava lutando para não explodir.

— Como quiser, Raio de Sol.

Ela se engasgou.

— *Não* me chame assim.

Eu sorri com escárnio enquanto um arrepio sombrio de triunfo me percorria. Eu me sentia como um lobo avistando um cervo ferido.

— Eu te chamo como quiser.

Ela abriu a boca, mas outro aperto de aviso a fez fechá-la com força. Talvez ela *pudesse* ser ensinada.

Captei um movimento na janela e a puxei pelo último centímetro que faltava, até ficarmos completamente colados. Dali, foi fácil me inclinar e enterrar o rosto

em seu pescoço. Droga, ela cheirava incrivelmente bem. Como aquela mistura nostálgica de protetor solar com cheiro de banana e luz do sol que sempre me lembrava o verão. De repente, o apelido pareceu se encaixar.

Sua pele era macia sob meus lábios, e quente com o calor do dia. O vestido tinha um decote coração, deixando seus ombros e clavículas à mostra, e eu me senti tentado a passar minha boca por cada centímetro exposto.

Você odeia essa mulher, lembrei a mim mesmo.

Sim. Eu odiava. Ela e sua espécie eram uma praga neste planeta. Minha reação não passava de uma resposta fisiológica à proximidade de outro ser humano. Eu me sentiria da mesma forma com literalmente qualquer outra pessoa.

— Por quanto tempo precisamos continuar com isso? — perguntou ela.

— O tempo necessário para você perder essa marra — rebati, roçando o nariz ao longo da linha do seu pescoço.

Ela suspirou.

— Nós vamos morrer aqui.

Fiquei feliz por ela não poder ver meu sorriso de resposta. Ela poderia interpretar como se minhas ameaças fossem vazias e eu fosse pegar leve com ela. Como se eu não fosse acabar com a vida dela inteira caso estragasse meus planos.

Outro olhar furtivo para a janela revelou que nosso *voyeur* havia sumido, mas sentir a impaciência de Stella para sair dos meus braços me deu vontade de mantê-la ali por mais tempo.

— Me diga quem está na festa, Raio de Sol — murmurei contra a pele dela.

— Nova regra — retrucou ela. — Nada de apelidos.

— Tarde demais para isso.

— Então isso significa que eu posso escolher o seu.

— Não, não significa — falei, dando uma mordidinha em sua pele delicada, uma ameaça silenciosa.

Um arrepio percorreu o corpo dela.

— Então você simplesmente cria todas as regras e eu tenho que aceitar? — A voz dela era baixa, arquejante, e me fez pensar que eu talvez não fosse o único afetado por nossa proximidade.

— Aham — murmurei, traçando o contorno da orelha dela com meus lábios.

Ela soltou um suspiro trêmulo.

— Já parou para pensar que poderia ter sido um apelido *carinhoso*?

Eu me afastei o suficiente para olhá-la.

— E era?

A expressão dela se tornou evasiva, os olhos fugindo dos meus.

— Acho que você nunca vai descobrir.

Interpretei aquilo como um não.

— Quem está na festa? — perguntei novamente.

— Eu já te mandei a lista de convidados.

Tínhamos trocado alguns e-mails desde o nosso primeiro "encontro". Normas não escritas que ela havia esquecido de mencionar durante o jantar. Mais regras para ela seguir. Um plano de ação geral para hoje.

— Eu sei — falei. — Eu li. O que estou perguntando é se há alguém aqui que não estava na lista.

— Algumas crianças. Susan, amiga da minha mãe. O sócio dos meus pais. E, ah… — Ela fez uma careta. — Blake também está aqui. Contei a ele sobre a troca, e não diria exatamente que ele está feliz com isso. Eu também não esperava que ele estivesse aqui, porque ele está furioso comigo. Tentei pegá-lo sozinho algumas vezes para avisar que você viria e que era *melhor* ele se comportar, mas ele também está me evitando.

O sol do meio-dia pareceu subitamente cinco vezes mais quente do que um segundo atrás. Meu pai estava *aqui*, nesta casa?

Ergui o olhar em direção à porta da frente, quase esperando que ele estivesse ali parado, à minha espera, mas isso era ridículo. O homem não sabia quem eu era. E mesmo que soubesse, ainda assim não se importaria o suficiente para vir me cumprimentar. Ele tinha deixado muito claro, todos aqueles anos atrás, que não queria nada comigo ou com minha mãe.

A raiva expôs suas garras venenosas dentro de mim, seguida por uma antecipação sombria. Depois de todo esse tempo, de toda essa espera, o dia finalmente havia chegado: o dia de encarar o desgraçado, de olhá-lo direto nos olhos enquanto eu sorria e apertava sua mão. De finalmente forçá-lo a me olhar, a reconhecer minha existência, mesmo que fosse apenas como um estranho.

Só então o resto do que Stella disse finalmente fez sentido. *Blake*. Porra. Isso era uma complicação de que não precisávamos.

— Tem algum lugar onde possamos falar com seu irmão a sós? — perguntei. Se ele fizesse uma cena e arruinasse meus planos, eu o faria se arrepender pelo resto da vida. Eu estava tão perto. Não podia falhar agora.

— Ai, você está me machucando — disse Stella, afastando-se conforme eu relaxava o aperto. — Tem um escritório logo na entrada, à direita da porta principal.

— Vá buscar Blake e leve ele para lá. Não me importa se tiver que arrastá-lo. Você tem cinco minutos.

Finalmente a soltei e, com o meu tom de voz e a expressão no meu rosto, Stella deve ter percebido o quão perto do limite eu estava, porque se virou e correu para dentro. Em vez de cinco minutos, dei a ela dez, fingindo mexer no celular caso mais alguém olhasse pela janela. Eu precisava desse tempo extra para me acalmar e esperava que Stella o usasse para explicar a situação a Blake, para que tudo o que eu tivesse que fazer fosse entrar e ameaçá-lo até que ele se comportasse.

Respirando fundo, enfiei o celular no bolso e segui em direção à casa. Felizmente, não havia ninguém perambulando perto da entrada.

O hall parecia saído de uma revista: piso de ladrilhos pretos e brancos, lambris nas paredes, molduras de teto imponentes, móveis e obras de arte caríssimas, e uma escadaria de madeira escura subindo em caracol. À minha esquerda imediata, havia uma sala de estar. À minha direita, com a porta fechada, estava o escritório que Stella mencionara.

Girei a maçaneta e entrei, fechando a porta atrás de mim.

— Cuidado! — gritou Stella.

No milésimo de segundo que meus olhos levaram para se ajustar à luz mais fraca, quase não vi o punho voando em direção ao meu rosto.

Reagi por instinto, bloqueando o soco com o antebraço e acompanhando o movimento, agarrando o pulso de Blake e usando o próprio impulso dele contra si mesmo enquanto o empurrava.

— Blake, pare! — sibilou Stella.

Ele tentou se virar para mim, mas cheguei primeiro, agarrando-o pela nuca e batendo-o contra a parede, imobilizando-o. Agarrei o pulso que ele agitava no ar e o puxei para trás, torcendo-o com força suficiente para fazê-lo gritar.

— Pare de lutar comigo — rosnei.

Ele se contorcia no meu aperto.

— Vá se foder! O acordo acabou. A dívida é minha. Eu vou pagar. Deixe minha irmã em paz.

— *Blake* — disse Stella, correndo até nós com uma expressão suplicante. — Já está feito.

— Então *desfaça*! — exigiu ele, tentando me afastar.

Pressionei-o com mais força contra a parede, a bochecha dele esmagada contra a madeira, o braço torcido tão alto que corria o risco de saltar da articulação.

— Não. E baixe a porra da voz.

A respiração dele se transformou em arquejos irregulares e doloridos.

— Você vai se comportar se eu te soltar?

— Não! — berrou ele, tentando pisar nos meus pés.

Suspirei.

— Stella.

Ela deve ter ouvido a ameaça implícita no meu tom, porque sua voz se tornou apaziguadora.

— Blake, eu sei que você está com raiva, mas já está feito. Theo concordou em transferir sua dívida para mim, e é assim que vou pagá-la. Na verdade, ele está sendo benevolente conosco. Poderia ser muito pior. Ele tem o poder de *tornar tudo pior* se você continuar irritando ele.

Bom saber que ela entendia tão bem a situação. Talvez fosse mais fácil mantê-la na linha do que eu esperava.

Ela se aproximou, com o olhar fixo no irmão.

— Você precisa aceitar que isso está acontecendo, porque surtar ou agir como um idiota só vai chamar atenção. E então, o que você planeja dizer para a mãe e o pai?

Blake ficou imóvel no meu aperto, mostrando que não tinha pensado direito no assunto. Isso me fez ter uma opinião ainda pior sobre ele; me fez duvidar da afirmação de Stella de que ele era um garoto inteligente. Talvez os pais dela não tivessem sido os únicos a protegê-lo e mimá-lo. Provavelmente ela também o tivesse feito, e era por isso que ainda o via através de lentes cor-de-rosa, em vez de enxergá-lo como ele realmente era: um universitário burro, tão impulsivo e hormonal quanto qualquer outro da sua idade.

— Terminou? — perguntei a ele.

— Sim — resmungou ele.

Estava mentindo. De jeito nenhum ele seria acuado à submissão tão facilmente.

Eu o soltei, recuando para ter espaço para desferir um golpe quando ele provasse que não era digno de confiança.

Ele se virou contra mim imediatamente, o punho voando. Às vezes, eu odiava estar sempre certo.

— Blake! — murmurou Stella.

Eu me esquivei do seu soco desajeitado e desferi um golpe certeiro em sua lateral, logo abaixo das costelas flutuantes, onde fica o rim.

Ele soltou um grito sufocado e desabou no chão.

Stella tentou correr para ajudá-lo, mas eu a segurei pela cintura e a puxei de volta enquanto Blake se contorcia de dor.

— Ele está bem — falei enquanto ela lutava contra mim. — Não bati com força suficiente para causar danos permanentes, mas mijar sangue por uma semana deve ser um bom lembrete para ele se comportar. Certo, Blake?

— Vá se foder — arquejou ele do chão.

Empurrei Stella em direção à porta.

— Saia. Me deixe falar com ele sozinho.

Ela parou, tropeçando, e balançou a cabeça.

— Não. Você vai machucar ele de novo.

Eu e encarei com um olhar duro.

— Não vou, a menos que ele me obrigue. — Meu olhar voltou para Blake. — Seu irmão e eu só precisamos falar a mesma língua, só isso.

Ela não se moveu.

— Só saio se você prometer não machucar ele.

— Você ainda não entendeu, não é? — Com dois passos, eu estava na cara dela. — Promessas não significam nada no meu mundo. São apenas mais uma forma de manipular idiotas ingênuos.

Ela recuou, com os olhos arregalados e a expressão dividida entre fúria e medo.

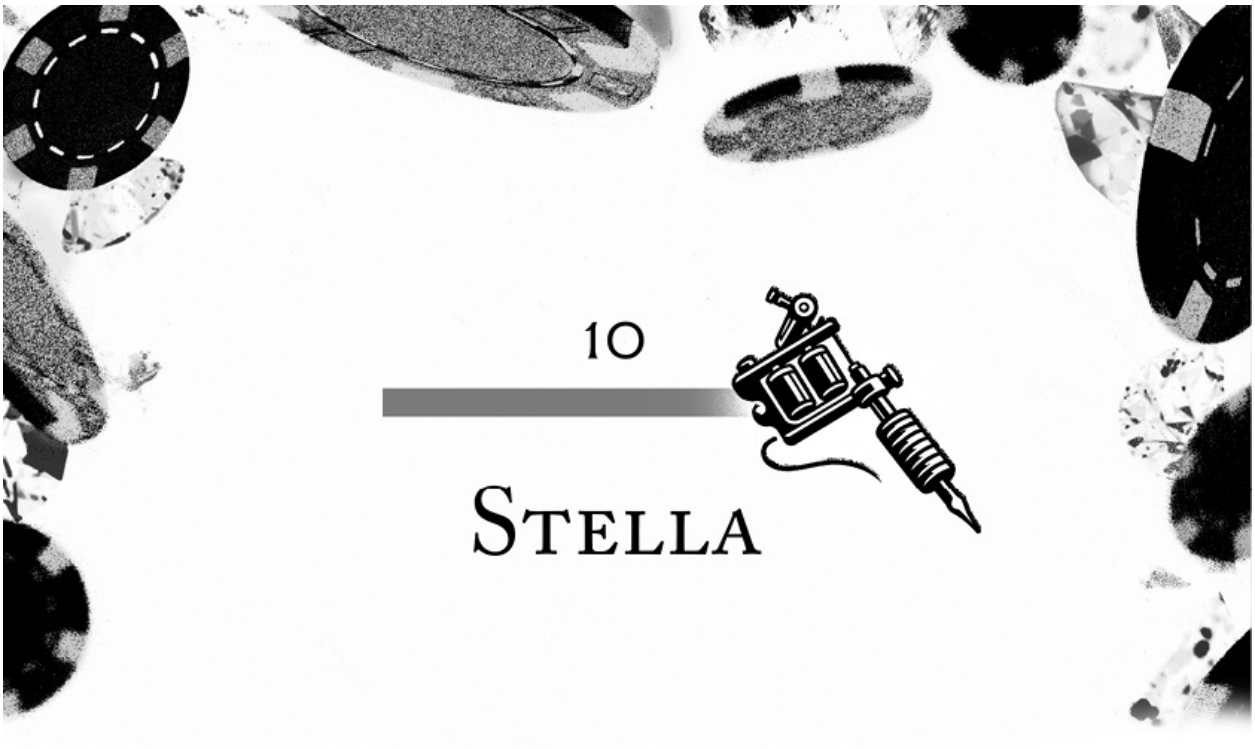
— Você é idiota, Stella?

As bochechas dela coraram e ela balançou a cabeça, a raiva vencendo a luta enquanto seus olhos se estreitavam em fendas.

— Não, não sou. Se você machucar ele de novo, o acordo acaba.

Abri um sorriso para ela.

— Agora você está falando a minha língua. — E então a empurrei para fora e tranquei a porta atrás dela.



10

STELLA

FIQUEI ANDANDO DE UM LADO PARA O OUTRO DO LADO DE FORA do escritório, com os ouvidos atentos a qualquer som de dor, mas tudo o que eu conseguia ouvir eram vozes masculinas baixas, sussurradas demais para que eu pudesse distinguir as palavras. Trazer Theo para cá foi um erro. Possivelmente o segundo maior que já cometi. O que não era pouca coisa, já que o primeiro tinha sido tão terrível que alterou toda a trajetória da vida de várias pessoas para pior, inclusive a minha.

Finalmente, a porta do escritório abriu uma fresta e Theo saiu. Atrás dele, avistei Blake sentado em uma poltrona, pressionando a lateral do corpo. Seu rosto estava sombrio, mas resignado, como se toda a vontade de lutar tivesse se esvaído.

— Blake — falei.

Ele me viu e assentiu.

— Estou bem.

Theo fechou a porta antes que eu pudesse perguntar se ele tinha certeza.

— Quero falar com meu irmão — exigi.

Theo envolveu minha cintura com o braço.

— Ele precisa de um tempo sozinho com os próprios pensamentos.

— O que você disse a ele?

— Isso é entre mim e seu irmão — respondeu, num tom de advertência enquanto nos guiava em direção ao corredor.

Uma pressão na minha cintura deu ênfase às suas palavras, e lutei contra uma onda de náusea que tinha tanto a ver com a proximidade dele quanto com a minha gastrite. Eu queria me desvencilhar de Theo, esfregar minha pele até ficar em carne viva para apagar o toque dele, mas, infelizmente, essa não era uma opção. Alguém poderia aparecer no corredor a qualquer segundo, e empurrá-lo não passava exatamente uma vibe de "casal apaixonado".

Meu Deus, ele tinha se movido tão *rápido* quando Blake tentou atingi-lo. Rápido demais. Eu achava que tinha noção do perigo que estava correndo, mas aquele milésimo de segundo deixou claro o quão precária era a minha segurança. Claro, eu sabia dar um soco, conhecia o básico de defesa pessoal, mas estava óbvio que Theo não tinha exagerado quando disse que eu *tentaria* acertá-lo — e se os últimos cinco minutos tinham me ensinado algo, era que eu nunca seria capaz de mantê-lo longe de mim se ele decidisse me fazer mal.

Minha mente vagou de volta para aquela noite no estúdio de tatuagem, ele se inclinando e me dizendo que eu estava segura. Mentira. Eu estava longe de estar segura, e de repente me vi com tanto medo de ficar sozinha com ele que estava desesperada para me juntar à multidão de pessoas odiosas lá fora. Já que Theo parecia determinado a sustentar essa pequena farsa, eu esperava que isso significasse que ele não era um perigo para mim enquanto estivéssemos perto dos outros. Que havia segurança nos números.

Nova meta de vida: nunca mais ficar sozinha com ele.

Nossos passos ecoavam sobre o piso de mármore enquanto caminhávamos. O silêncio entre nós era tenso e incômodo, mas eu não seria a pessoa a quebrá-lo. Estava ocupada demais com meus pensamentos em turbilhão e com raiva por ele ter encostado no meu irmão. Também estava furiosa comigo mesma. Não fiz nada para intervir. Fiquei ali parada, apenas assistindo à briga se desenrolar. Tentei justificar minha inação como choque — a violência surgira do nada e me pegara desprevenida —, mas a verdade nua e crua era que eu nunca havia enfrentado uma ameaça real antes, e meu instinto fora me encolher e me esconder para não me tornar o próximo alvo de Theo.

Pelo visto, eu não era tão durona quanto pensava.

Essa nova constatação me deu vontade de chorar, fez com que eu me sentisse pequena e vulnerável de um jeito que não experimentava há anos, mas reprimi o ardor das lágrimas porque me *recusava* a demonstrar qualquer outra fraqueza perto desse homem. De agora em diante, eu faria o meu papel em público, mas em particular? Ele não teria nada de mim.

Quando nos aproximamos da saída do corredor, Theo apertou ainda mais minha cintura, inclinando-se o suficiente para sussurrar:

— Você ficou rígida de novo.

— Nossa, por que será?

Um puxão na minha cintura e eu estava girando em direção à parede, exatamente como Blake momentos antes. A diferença era que acabei de costas para ela, com uma das mãos de Theo no meu quadril e a outra apoiada acima da minha cabeça enquanto ele se agigantava sobre mim. Imediatamente, tive um flashback da entrada da garagem e da maneira como ele tinha me puxado para perto, contra a lateral do carro dele. A sensação de seus lábios deslizando pelo meu pescoço. A forma como meu corpo reagira ao seu toque. Eu nunca me sentira tão traída por meu próprio corpo antes.

E, eu juro por Deus, se você reagir agora, será guerra declarada entre nós, ameacei a mim mesma. Felizmente, parecia que meu cérebro e minha vagina estavam finalmente na mesma página de novo, e aquela página continha uma única frase: Nós *odiamos* Theo Strickland.

Nós dois estávamos parados sob as sombras projetadas por uma coluna de mármore, e o jogo de luz e sombras em seus olhos fazia com que sua íris parecesse um mar castigado por uma tempestade. Mais uma vez, congelei, sentindo-me como uma lebre encarando um falcão que circula no céu. Blake não era pequeno. Ele tinha quase a mesma altura de Theo e praticou esportes a vida toda; ainda assim, Theo o manuseou como um urso golpeando uma borboleta. Theo fazia a violência parecer algo que não demandava esforço algum, nem sequer estava ofegante quando tudo acabou. Estremeci ao pensar do que ele seria capaz se *realmente* decidisse ferir alguém.

Ele deve ter visto meus pensamentos estampados no rosto, pois soltou um som baixo e frustrado e se inclinou mais perto.

— Eu não quero te machucar.

Talvez ele pretendesse que as palavras fossem tranquilizadoras, mas tudo o que ouvi foi mais um aviso.

— Eu também não quero que você me machuque.

Ele desceu a mão até o meu queixo e inclinou minha cabeça para cima.

— Então não me obrigue, Stella.

Meu Deus, que frase doentia. Uma para a qual eu não conseguia sequer esboçar uma resposta coerente, porque meus instintos de sobrevivência estavam finalmente despertando, e suas palavras me davam vontade de sair correndo e gritando pelos meus pais, contar tudo o que tinha acontecido e lidar com as

consequências de mais um escândalo — porque parecia melhor do que ficar perto desse homem por mais um segundo sequer.

O aperto dele se intensificou, pressentindo minha rebelião interna.

— Isso não precisa ser difícil. Nós sorrimos, flertamos, socializamos com as outras pessoas, e você vai abatendo sua dívida. Quanto melhor você se sair, mais rápido se livrará de mim.

Me livrar dele. Agora, sim, um pensamento com mérito. Talvez eu pudesse voltar ao meu plano original de acabar com esse filho da puta. Isso resolveria todos os meus problemas e, a julgar pela personalidade encantadora dele, duvido que alguém se importaria se ele desaparecesse de repente. Ou entrasse em coma após um ferimento traumático na cabeça. Melhor ainda: morresse em uma explosão de fogo.

Ele abriu um sorriso de canto.

— Contemplando minha morte de novo?

Tentei controlar minha expressão.

— Não.

— Não se dê ao trabalho de mentir. Você fica com olhos de tubarão sempre que se imagina me matando. — Ele deu uma piscadela. — Ou me fodendo.

— Eu *não* me imagino te foden…

— Ah, olha vocês dois aí — disse a voz da minha mãe. — Achei que tivessem se perdido.

Congelei, o pânico correndo pelas minhas veias. Era tarde demais para voltar atrás agora. Tarde demais para implorar que Theo me deixasse pagá-lo de outra forma. Minha mãe tinha nos encontrado, o que significava que íamos fazer isso, fazer *de verdade*, fingir que não nos odiávamos na frente de uma multidão de pessoas que me conheciam a vida inteira. Como eu iria fingir atração de forma convincente por um homem cujo toque me dava vontade de vomitar? Eu conseguia praticamente *ver* o desastre iminente vindo direto na minha direção como um trem desgovernado, e eu estava amarrada aos trilhos. Não havia escapatória.

Theo se endireitou, virando-se para minha mãe.

— A culpa foi minha — disse ele, com a voz mais culta do que eu jamais ouvira. O sorriso que ele abriu para ela era cheio de charme, e seus olhos brilhavam como se transbordassem um calor real. — Eu queria um momento a sós com Stella antes de ser forçado a compartilhá-la com todo mundo. — O olhar dele deslizou de volta para o meu e o calor em seus olhos subiu vários graus, como se ele não pudesse esperar para me ter sozinha de novo.

Não vomita, não vomita, não vomita.

Saí de trás da coluna de mármore e me forcei a encarar o olhar inquisitivo da minha mãe de frente.

— Mãe, este é Theo, meu… — Ai meu Deus eu não acreditava que estava dizendo isso. — Namorado. Theo, esta é minha mãe, Georgianna, mas todo mundo a chama de…

— Georgie — disse ela, lançando-me um olhar de advertência.

— Que cara é essa? Eu ia dizer isso.

— Peço desculpas por não confiar, mas você uma vez me apresentou como *Nojentinha Cara de Nojo*.

— Eu tinha dezesseis anos e você *estava* agindo como uma…

— Theo! — exclamou minha mãe, interrompendo-me novamente enquanto estendia a mão para ele. — Que prazer conhecê-lo. Não me lembro da última vez que a Stella trouxe um namorado para casa para conhecer a família.

A última parte foi dita com uma boa dose de olhar de soslaio para mim. Porque eu *nunca* tinha apresentado ninguém à minha família. Sempre gostei demais de todos os meus parceiros anteriores para submetê-los ao escrutínio deles. Não que minha mãe fosse realmente uma víbora ou algo assim. Bem, pelo menos não intencionalmente. Ela era apenas superprotetora, tinha padrões elevados e, mesmo depois de todas as minhas confusões, ninguém era bom o suficiente para a filha dela.

Theo pegou delicadamente a mão da minha mãe.

— Fico feliz por ter passado na seleção. — Eles se cumprimentaram, e Theo fez questão de olhar ao redor. — Vocês têm uma casa linda. Aquilo que vi pendurado ali atrás era um Morisot?

Meu queixo quase caiu.

Minha mãe pareceu satisfeita.

— Era sim.

— É uma pena que ela não seja muito conhecida — disse Theo. — Sempre foi uma das minhas favoritas.

Minha mãe entrelaçou o braço no dele e o guiou de volta pelo corredor.

— A Stella te contou a história de como o adquirimos?

Theo balançou a cabeça.

— Eu adoraria ouvir de você.

— Bem, há vinte anos, passamos um verão poeirento no sul da França — começou ela.

Desliguei do resto porque eu sabia a história de cor. Berthe Marie Pauline Morisot foi uma pintora impressionista francesa que não foi tão celebrada quanto seus compatriotas homens, apesar de seu talento extraordinário. Casada com o irmão do famoso Édouard Manet, ela lutou a carreira inteira para ser levada a sério como artista, com a maioria dos críticos homens elogiando de forma condescendente o "charme feminino" em seu trabalho. Tanto minha mãe quanto eu a *amávamos*, e esta tela, uma das obras menos conhecidas de Morisot, era a joia da coroa da coleção de arte dos meus pais. O fato de Theo ter reconhecido um quadro de Morisot que nunca fora reproduzido em impressões era inacreditável.

Literalmente.

O desgraçado deve ter espionado minha família mais do que eu imaginava, e agora eu estava preocupada com o *quanto* ele sabia sobre nós. Sobre mim.

Juntei-me a eles diante da pintura.

— Não — disse Theo, soando apropriadamente chocado. — Estava simplesmente lá, largado no fundo da galeria?

— No *chão*, imagine só, encostado na parede num canto esquecido — contou minha mãe a ele.

— E eles não faziam ideia do que tinham em mãos?

Ela balançou a cabeça.

— Nós praticamente o roubamos. Em nossa defesa, a princípio não acreditamos que fosse real. A borda inferior estava com uma camada tão grossa de poeira que apenas as primeiras letras da assinatura dela estavam visíveis e, mesmo depois de mandarmos restaurar profissionalmente, tínhamos certeza de que era falso. Imagine o nosso choque quando uma das biógrafas dela nos disse que era autêntica. Ela encontrara uma referência ao quadro em um dos diários da Morisot, e todas as outras análises confirmaram a suspeita.

— Incrível — disse Theo.

— E está pendurado aqui desde então — falei, me metendo na conversa deles. Essa pequena interação me deixou com os pelos da nuca arrepiados. Eu queria Theo o mais longe possível da minha mãe. Não gostava da facilidade com que ele havia caído nas graças dela, nem do sotaque norte-americano de elite, todo polido, que ele estava usando. A transição dele era quase tão assustadora quanto seu surto de violência, e me fazia voltar a questionar quem diabos era esse homem e o que ele realmente queria.

Seguindo o exemplo da minha mãe, entrelacei meu braço no dele e dei um puxão.

— Deveríamos nos juntar à festa.

— Tippi vai ficar tão feliz em ver você — disse minha mãe. — Já saio em um instante. Só preciso pegar uma coisa lá em cima para Babs.

Nós nos separamos, e minha mente girava enquanto eu conduzia Theo para longe.

— Como você planeja convencer alguém de que estamos namorando se só me deixa passar cinco segundos com alguém? — sussurrou ele.

— Acredite em mim, eu estava te fazendo um favor. Minha mãe é incrivelmente observadora. Quanto mais tempo passarmos perto dela, mais fácil ela perceberá o ódio que sentimos um pelo outro.

— Ódio? — disse Theo, e eu podia ouvir o sorriso na voz dele sem precisar olhar para confirmar. — Que palavra forte.

— Bom, me deixe ir atrás de um membro da sua família, te chantagear, atacar essa pessoa e depois forçar a entrada em sua vida. Depois disso, me diga como se sente.

Ele deu de ombros.

— Vá em frente e tente. Eu não tenho família.

— Isso explica muita coisa — resmunguei.

Infelizmente, ele ouviu.

— O que isso deveria significar?

— Nada.

Ele diminuiu o passo.

— Diga, Stella.

Certo. Ele queria mesmo saber? Então eu diria.

— Eu só estava pensando que provavelmente é fácil ser um filho da puta desalmado quando você não se importa com ninguém além de si mesmo.

— Eu não iria tão longe — disse ele, como se nem estivesse ofendido. — Eu tenho amigos, como qualquer outra pessoa.

— É, amigos que provavelmente são tão fodidos quanto você.

Por algum motivo, isso o fez rir baixinho.

— Ah, Raio de Sol. Você não faz nem ideia.

Segunda meta de vida: nunca conhecer os amigos dele.

Nossa conversa morreu assim que chegamos à festa. Os cômodos dos fundos da casa tinham janelas enormes para aproveitar a vista do gramado ondulado e das árvores. Através delas, vi uma multidão reunida em torno de várias mesas, com guarda-sóis para bloquear o sol do meio-dia e ventiladores soprando uma brisa suave para refrescar o ambiente. O pátio era grande, descendo em uma

série de terraços que terminavam na piscina. Pelos gritos e mergulhos que ecoavam pelas portas de correr abertas, dava para notar que os convidados mais jovens estavam aproveitando a água.

— Ah, bem-vindos de volta — disse Richard, aproximando-se de nós.

O aperto de Theo na minha cintura intensificou-se dolorosamente antes de relaxar. Outra advertência? Se fosse, não precisava. Eu estava, finalmente, com um medo real e genuíno do que aconteceria se eu o desagradasse, e temia que nem mesmo ir à polícia o impediria de se vingar de mim.

— Tive que ir buscar meu namorado — falei, a palavra com *n* saindo um pouco mais fácil da minha boca. — Richard, este é Theo. Theo, o sócio dos meus pais, Richard Lawson.

Richard deu um passo à frente com a mão estendida para Theo. Eles tinham quase a mesma altura e ambos eram loiros, embora o cabelo de Richard estivesse quase todo grisalho agora. Sua pele também era alguns tons mais escura, bronzeada por sua recente viagem à Itália, fazendo seus olhos azuis-claros saltarem sob o sol do meio-dia. Com sua boa aparência bem preservada e sua fortuna, ele era um dos solteiros mais cobiçados da cidade, mas não saía com ninguém há anos, não que eu soubesse. Todos presumíamos que ele ainda estava se recuperando da dor de cotovelo persistente que quase o destruiu algumas décadas atrás.

— Prazer em conhecê-lo, Theo — disse ele.

Theo soltou minha cintura para apertar a mão do homem mais velho, com um sorriso descontraído e um olhar firme.

— O prazer é meu, Richard.

Os dois se soltaram, e Theo voltou a envolver minha cintura com o braço, como se aquele fosse o lugar dele. Richard fazia parte da minha vida desde o dia em que nasci. Ele era meu padrinho, e mais um tio para mim do que qualquer um dos meus tios de sangue. Além da minha família, ele me conhecia melhor do que qualquer outra pessoa naquela festa e eu precisava tirar Theo dali antes que Richard percebesse o meu desconforto.

— Você viu Tippi? — perguntei. — Quero garantir que Theo conheça ela antes que sirvam a comida.

Richard inclinou a cabeça em direção ao quintal.

— A última vez que vi, ela e seu pai estavam lá embaixo, no gramado.

— Foi um prazer conhecê-lo — disse Theo, enquanto eu o arrastava dali.

— Igualmente — respondeu Richard.

Cumprimentamos outros convidados enquanto abríamos caminho em direção ao gramado, a maioria apenas olás rápidos e apresentações breves. Theo parecia encantar a todos imediatamente, o que só me deixava mais mal-humorada. Tudo o que eu conseguia pensar era na briga do escritório. À espreita, por trás daqueles sorrisos fáceis e conversas amigáveis, eu via outra coisa: ele girando, rápido como um raio, cravando a mão que agora envolvia minha cintura na lateral do corpo do meu irmão. Sem hesitação. Sem misericórdia.

Apesar do calor do verão, eu estremeci.

Finalmente pisamos na grama, e Theo me puxou para mais perto. Ninguém estava perto o suficiente para nos ouvir, mas ele ainda assim baixou o tom de voz.

— Sorria, Stella. É um dia lindo, estamos em uma festa luxuosa para celebrar o aniversário de uma coroa qualquer, e seu irmão ainda tem todos os dedos das mãos e dos pés.

— Por enquanto — rebati. — Mas tenho certeza de que, da próxima vez que eu te irritar, você vai ameaçar decepar alguns deles.

— Não é uma má ideia — ponderou ele.

Eu rosnei.

Ele soltou uma risadinha, aquele som baixo e provocador.

— Sabe, para alguém da sua idade avançada, você é muito fácil de irritar.

Parei de andar, sem saber se deveria ficar possessa ou insultada. Com Theo, eu nunca conseguia me decidir entre as duas coisas.

— Eu tenho trinta e cinco anos.

Ele parou um passo depois de mim, virou-se e sorriu.

— Você é praticamente uma assaltante de berço.

— Ah, por favor — falei, examinando-o de cima a baixo. — Eu não posso ser *tão* mais velha que você assim.

— Dez anos, na verdade.

O que diabos eles davam de comer para esses garotos de fazenda do Meio-Oeste?

— Então — continuou, e eu não gostei nada do brilho nos olhos dele —, isso significa que, quando você tinha a minha idade, eu tinha…

Tapei a boca dele com a mão para fazê-lo calar a boca.

E então a realidade me atingiu; percebi *quem* eu tinha acabado de calar e puxei minha mão de volta imediatamente. Eu estava prestes a me forçar a pedir desculpas, por mais repulsiva que fosse a ideia, quando alguém se aproximou pela lateral.

Eu me virei e vi meu pai, praticamente sorrindo de orelha a orelha enquanto olhava para nós dois. Ao contrário da minha mãe, não havia nenhuma emoção oculta por trás do seu sorriso, nenhuma astúcia em seu olhar. Ele estava apenas genuinamente feliz por eu finalmente ter trazido alguém para ele conhecer. Foi então que percebi como a interação entre mim e Theo devia parecer: como se estivéssemos tendo algum tipo de troca fofa de casal, e tudo não passasse de uma brincadeira divertida. Especialmente pelo tamanho do sorriso que Theo exibia ao se virar para o meu pai.

— Sr. McCormick — disse ele, estendendo a mão.

Meu pai estremeceu, os olhos castanhos se enrugando nos cantos enquanto ele franzia o nariz sardento.

— Sr. McCormick era o meu pai — disse ele, segurando a mão de Theo. — Por favor, me chame de Phil.

— Phil — repetiu Theo assim que se soltaram. — Muito obrigado por me receber. — Ele se virou para observar a cena. — Esta é uma senhora festa.

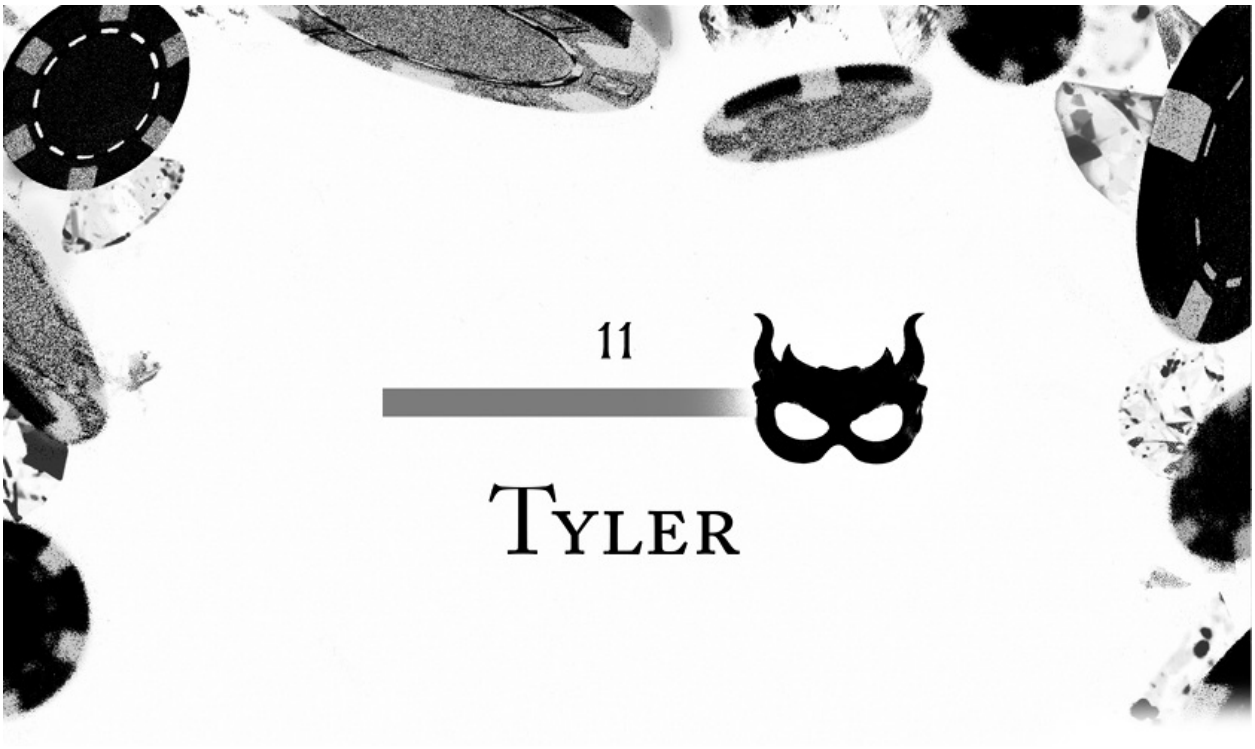
O sorriso do meu pai suavizou.

— Provavelmente será o último ano da Tippi conosco, e queríamos garantir que a velha garota fosse celebrada em grande estilo.

— Não diga isso — repreendi-o, agachando-me enquanto Tippi vinha cambaleando em nossa direção. Seus olhos turvos estavam fixos em mim e ela acelerou um pouco o passo, a cauda começando a balançar como se ainda tivesse alguma vida nela. — Ela vai viver para sempre, não vai, garota? — falei, segurando o focinho dela e dando um beijo em sua testa.

Ouvi um ruído de engasgo vindo de cima e, então, a voz incrédula de Theo:

— A Tippi é um *cachorro*?



11

Tyler

Tudo isso por causa da porra de um cachorro, pensei, tomando um gole do meu coquetel enquanto observava o crepúsculo avançar. Varais de luzes começavam a piscar, os fios estendidos entre as duas alas da casa. Lá na floresta, mais luzes ganhavam vida, enroladas nos troncos e subindo pelos galhos das árvores, fazendo tudo parecer um bosque encantado.

Um grito rasgou o ar. Desviei o olhar para o gramado, onde crianças perseguiam umas às outras carregando estrelinhas acesas. Seus pais as observavam de espreguiçadeiras próximas, arrumadas em volta de uma fogueira enorme. Corria um boato de que haveria marshmallows mais tarde, e os melhores lugares estavam sendo ocupados rápido à medida que as chamas cresciam.

À minha esquerda, quatro adolescentes com cara de tédio ocupavam uma mesa de piquenique, com os rostos grudados nos celulares. À minha direita, um grupo de homens estava reunido em volta da grelha, conversando e rindo enquanto um chef terminava de preparar os últimos hambúrgueres e cachorros-quentes orgânicos, de gado de criação livre e local, de origem única, em pães sem glúten.

Eu estava sozinho. Eu já tinha aguentado mais do que o suficiente desses filhos da puta, focando na minha antipatia por eles porque era mais fácil do que pensar no meu pai. Tudo o que sabiam falar era sobre os planos para as férias de

verão ou qual designer de interiores deveriam contratar para reformar a casa de praia, como se o mundo não estivesse ardendo em chamas ao nosso redor. Tudo era raso e insosso com essa gente e, embora Stella estivesse certa sobre ninguém falar abertamente de dinheiro, todos pareciam amar *insinuar* o quanto tinham.

Uma olhada para trás mostrou que Stella ainda estava sentada sozinha à mesa sob um guarda-sol. Ela tinha um copo de água à sua frente e nada mais, e isso me deu vontade de rosnar. Passei metade da festa tentando convencê-la a comer, mas tudo o que ela aceitou foram alguns pedaços de pão puro, e isso estava me irritando pra caralho. Ela devia estar morrendo de fome e saber disso trazia lembranças ruins, me fazia sentir pontadas fantasmas de fome. Daquele tipo profundo e lancinante, que faz parecer que seu estômago está tentando devorar a si mesmo.

— E então — disse alguém, e eu me virei para ver Richard vindo calmamente na minha direção.

Puta que pariu.

Meus dedos tremeram com uma mistura de adrenalina e raiva, e abaixei minha bebida ao lado do corpo para que ele não percebesse.

— Se divertindo? — perguntou ele.

— Sim — menti. — Os McCormick sabem dar uma boa festa.

Ele sorriu.

— Você pode não acreditar, mas nos nossos tempos de faculdade, eles costumavam dar festas de arromba.

— O Phil? Não. Não consigo imaginar. A Georgie, porém… — brinquei, orgulhoso da forma como estava lidando com aquilo. Conhecer meu pai era o teste definitivo das minhas habilidades de atuação, e se eu conseguisse passar por esta noite sem cometer nenhum deslize, não tinha dúvida de que poderia executar o resto dos meus planos sem problemas.

A risada dele me fez olhar de relance. Geralmente, eu tinha que olhar para baixo para falar com as pessoas, mas estávamos ombro a ombro. Sim, eu tinha a altura dele, a coloração dele, o porte e o nariz dele. Mas eu tinha traços suficientes da minha mãe para não parecer uma cópia fiel, e eu era imensamente grato por isso. Não apenas porque eu não *queria* me parecer com ele, mas porque isso evitaria que qualquer outra pessoa ficasse desconfiada se soubesse sobre seu filho bastardo secreto.

Um pensamento passou pela minha cabeça. Será que eu era o único? Ou existiam dúzias de nós espalhados pelo mundo? Não me surpreenderia. Uma vez

traidor, sempre traidor; e ele descartou minha mãe com tanta perícia quando descobriu que ela estava grávida que duvido que tenha sido a primeira vez.

— Como você e a Stella se conheceram? — perguntou ele.

Lutei contra a vontade de ranger os dentes. O fato de ele estar mais interessado em mim como um estranho do que estivera pelo próprio filho era como um soco na cara.

— No estúdio de tatuagem dela — respondi. Tínhamos concordado em manter a verdade nessa frente, porque quanto menos mentiras contássemos, melhor.

Richard me examinou de cima a baixo, claramente procurando por tinta.

— Eu fui para uma consulta — elaborei. — Não tenho certeza se estou pronto para ir até o fim com isso.

Richard assentiu sabiamente.

— É sempre melhor levar o tempo necessário com coisas que têm algum nível de permanência.

Quase soltei uma gargalhada. *"Tipo engravidar suas amantes?"*, eu quis perguntar. Que hipócrita do caralho.

— Stella disse que você acabou de voltar da Itália?

— Sim. Um dos meus velhos amigos de faculdade se mudou recentemente para um vinhedo na Toscana e não para de falar maravilhas de lá. Eu quis ver se esse tipo de aposentadoria serviria para mim.

— E então? — perguntei.

Ele inclinou a cabeça um pouco.

— Ainda estou indeciso. Por um lado, há uma simplicidade nesse tipo de vida que uma parte de mim deseja. Por outro, sinto que ainda tenho tanto trabalho a fazer por aqui.

— Você foi sozinho ou com a família? — perguntei, tentando parecer menos interessado do que realmente estava.

— Sozinho, como o solteirão trágico que sou — disse ele, lançando-me um sorriso autodepreciativo.

Não tive pena dele nem por um segundo. De jeito nenhum eu cairia nesse teatro de coitadinho; eu tinha certeza de que ele preferia ficar sozinho porque isso significava que podia passar o rodo por aí em relativa paz. Homens como ele nunca mudavam porra nenhuma.

Olhei para trás para procurar Stella, mas ela tinha sumido.

— Procurando pela sua amada? — perguntou Richard.

— Sim — respondi, farto tanto da conversa quanto dessa festa de merda. Eu já tinha feito o que vim fazer: me infiltrar no círculo íntimo.

Richard inclinou a cabeça para o lado.

— Ela acabou de entrar, faz um minuto. — A expressão dele tornou-se contemplativa ao encontrar meu olhar. — Honestamente, estou surpreso que ela tenha aguentado tanto tempo. Normalmente, ela fica nessas coisas cinco, talvez dez minutos, antes de desaparecer. — Ele sorriu, dando um tapinha no meu braço, e foi uma luta não me esquivar bruscamente. — Você deve ser uma boa influência para ela. Não que ela não seja uma boa pessoa — apressou-se em acrescentar. — Só cometeu alguns erros na juventude. Mas está fazendo tudo o que pode para consertar isso, e pouca gente dá o devido crédito a ela.

A última parte foi dita com um olhar de reprovação em direção a um bando de mulheres mais velhas que não tinham sequer olhado na direção de Stella a tarde inteira.

Quase bufei. Como Stella poderia "consertar" o que tinha feito? Na minha opinião, não havia volta para aquele tipo de cagada, e a opinião de Richard apenas reforçava minha crença de que ele era uma das piores pessoas ali.

Brindei com meu copo em direção a ele.

— Fico feliz em saber que você se sente assim. — Mais uma mentira. — E foi um prazer conversar com você.

— Com você também, Theo — disse ele, observando-me um pouco mais de perto do que um momento atrás.

Eu me despedi e entrei na casa para procurar Stella, mas ela não estava nos dois cômodos dos fundos sendo usados para a festa. Meu instinto era perguntar à equipe do bufê se a tinham visto, porque eu sabia que eles prestavam mais atenção do que as pessoas imaginavam, então fui em direção à cozinha. Lá, encontrei uma mulher com aparência apressada, usando um chapéu de chef, colocando velas em um bolo de aniversário.

Ela ficou tensa quando entrei em seu campo de visão, levando a mão ao peito.

— Meu Deus, achei que fosse a Sra. McCormick de novo.

O que me disse algumas coisas importantes, todas exploráveis.

— Desculpe pelo susto — falei com uma piscadinha.

Ela me examinou, notando minhas roupas caras e percebendo que eu não fazia parte dos funcionários. Um rubor subiu por seu rosto.

— Não que Georgianna aparecer na própria cozinha fosse algo ruim, eu só…

Ergui as mãos.

— Não se preocupe. Não precisa se explicar. — Olhei por cima do ombro. — Se servir de consolo, acho que ela ainda está lá fora aterrorizando algum dos garçons.

A mulher me deu um sorriso meio trêmulo.

— Você… precisa de alguma coisa? — Ah. Por qual outro motivo um desses babacas ricos estaria na cozinha de serviço?

Baixei a voz para um tom conspiratório.

— Estou me escondendo. Tudo o que as pessoas querem falar comigo é sobre golfe, e eu não jogo golfe.

Os olhos dela se arregalaram.

— Um pecado gravíssimo.

Dei uma risadinha, apontando para a sobremesa de três andares ricamente decorada.

— Foi você quem fez isso?

Ela assentiu, começando a relaxar, com um toque de orgulho na expressão.

— Fui eu.

— Está deslumbrante. — Lancei-lhe um olhar questionador. — É comida pra gente ou pra cachorro?

— Comida pra gente — respondeu ela. — O estômago da pobre Tippi não é mais o mesmo.

Assenti como se já soubesse disso.

— Você trabalha para os McCormick há muito tempo?

Ela riu.

— Às vezes parece uma eternidade.

— Alguma dica para um novato? — perguntei. — Sou o namorado da Stella.

— Ah, jura? — disse ela, me olhando como se não conseguisse imaginar nós dois juntos.

— Somos um casal tipo “os opostos se atraem”.

Ela sorriu.

— Eu e o meu Hamid também.

Passei os dez minutos seguintes envolvido em uma conversa agradável com a Sra. Tori Ahmadi, sendo a minha versão mais charmosa, fazendo perguntas aparentemente inofensivas sobre os pais de Stella sob o pretexto de usar as informações para causar uma boa impressão, quando, na verdade, eu tinha segundas intenções com propósitos muito mais sombrios.

— A Stella passou por aqui recentemente? — perguntei durante uma pausa natural na conversa.

Tori acenou com a cabeça em direção à frente da casa.

— Acho que ela está lá fora. Provavelmente esvaziando os pneus da Cordelia.

Franzi a testa.

— De quem?

— Uma mulher baixa, com cara de sapo. Profundamente desagradável.

— Ah — respondi. Sabia exatamente de quem Tori estava falando. Mais cedo, uma mulher que batia com essa descrição balançara a cabeça para as tatuagens da Stella e resmungara um *que pena* no cochicho mais alto e teatral que eu já tinha ouvido na vida.

— Eu deveria dar uma mãozinha, então. Muitas mãos tornam o trabalho leve e tudo mais.

Tori me desejou boa sorte, agradeci pelas dicas privilegiadas e saí da cozinha, passando por Blake no corredor.

Não havia mais ninguém por perto. Esta era a primeira vez que estávamos meio sozinhos desde o nosso "momento de união" no escritório. Eu me preparei para mais uma cena feia, mas devo ter deixado meu ponto bem claro mais cedo, porque ele me olhou uma única vez e baixou os olhos, passando por mim em completo silêncio. Apesar do fato de ele parecer acovardado agora, eu não confiava que ele não tentaria ser corajoso novamente no futuro, então fiz uma nota mental para ficar de olho nele.

Empurrei a porta da frente e saí para os degraus da entrada. A noite parecia mais próxima ali, mais evidente nas sombras densas do bosque. As únicas fontes de luz vinham da própria casa e dos postes de iluminação, dispostos em intervalos ao longo da estrada de acesso, iluminando o caminho de volta para a civilização. Os sons da festa estavam distantes o suficiente para que os ruídos de um crepúsculo de verão reafirmassem sua dominância. Ouvi grilos. Os últimos chamados de algumas rolinhas.

Um dia, tudo isso poderá ser seu, disse a mim mesmo. Ou talvez algo um pouco melhor. Menor. Menos ostensivo e mais isolado, com uma vista melhor. Aqui, tudo o que se tinha para olhar eram troncos de árvores e o céu.

Ergui o olhar para o firmamento, procurando o primeiro brilho das estrelas. Agora que eu tinha me infiltrado com sucesso na vida de Richard, não faltava muito — alguns meses, talvez um ano — até que meu objetivo fosse concluído e eu estivesse livre para seguir em frente. Livre para finalmente começar a viver para mim mesmo, em vez de ser impulsionado por essa necessidade constante e fustigante de vingar minha mãe.

Esta era a vida que ela deveria ter levado. Mimada, paparicada, feliz e segura. Em vez de… *não*. Eu tinha dito a mim mesmo que não pensaria nisso hoje à noite. Não me permitiria remoer seus anos finais, horríveis e solitários.

Um xingamento feminino e suave me fez voltar o foco para o chão. O capô de um carro estava aberto quase no fim da fila, perto de onde eu havia estacionado. Vi um clarão branco ao redor dele e ouvi outro palavrão baixo.

Stella.

Desci as escadas e fui em sua direção. Eu achara que Tori estava brincando sobre ela esvaziar os pneus de alguma vadia esnobe, mas talvez estivesse certa. Na esperança de pegá-la de surpresa, caminhei paralelamente aos carros estacionados. Mais xingamentos coloriram a noite, e minha curiosidade aumentou. Que diabos ela estava fazendo? Eu me agachei e contornei uma BMW, aproximando-me por trás para vê-la com os braços enfiados até o cotovelo no bloco do motor, o celular apoiado no carburador enquanto um vídeo do YouTube explicava onde ela poderia encontrar as velas de ignição.

Endireitei minha postura. Jesus Cristo, ela estava *realmente* sabotando o carro de alguém.

E por que isso, de repente, me fez respeitá-la só um pouquinho? Seu comportamento vingativo provava que ela tinha fibra, mas também significava que eu teria que ser mais cuidadoso perto dela daqui em diante — não legal, no entanto; eu nunca afundaria a esse ponto. Apenas… cauteloso.

Cruzei os braços sobre o peito, observando enquanto Stella mexia nos fios. Pelo volume do celular e pelos palavrões contínuos, duas coisas estavam claras: ela não fazia ideia do que estava fazendo e não fazia ideia de que havia mais alguém ali com ela. Olhei ao redor, franzindo o cenho para o planejamento de merda dela. Sim, era crepúsculo e a festa ainda estava a todo vapor, mas ainda estava claro o suficiente para que qualquer um que saísse para o veículo a pegasse no flagra.

Amadora.

Dei mais um passo à frente, perto o suficiente para esticar o braço e tocá-la se quisesse, e disse em um tom cantarolado:

— Fazeeendo o quê?

Stella deu um grito, pulando para cima e batendo o topo da cabeça na parte interna do capô. Um som metálico ecoou, e ela caiu de joelhos no cascalho, meio debruçada sobre o para-choque.

Avancei e segurei o capô antes que ele despencasse em cima dela.

— Se isso causar algum tipo de edema cerebral e você morrer, saiba que sua dívida passará para o seu irmão, e eu não serei nem de longe tão compreensivo com ele quanto fui com você.

Ela soltou um gemido fraco, levantando a mão trêmula até a cabeça, e levei um segundo para perceber que ela estava me mostrando o dedo do meio.

Bufei e apoiei o capô de volta. Não havia sinais óbvios de sabotagem e, pelo tom frustrado de Stella, imaginei que ela não tinha conseguido causar nenhum dano real.

— Você nem estava perto do cabeçote do cilindro — falei.

— O quê? — resmungou ela.

— Onde ficam as velas de ignição. Aqui, olha. — Eu a puxei para ficar de pé e mostrei. — Mas isso é fácil de consertar. Se você quer mesmo foder com alguém, solte o conector do sensor de fluxo de ar.

Ela se afastou de mim, um pouco instável, mas conseguindo ficar de pé sozinha. Provavelmente sem concussão. Uma pena.

— O que isso faz? — perguntou ela. — Não estou tentando machucar Cordelia, só quero causar um transtorno.

— Marcha lenta instável. O carro morre. — Dei de ombros. — Pode ser que nem dê partida.

Um *clique* suave chegou aos meus ouvidos. Olhei pelo canto do carro e vi a porta da frente se abrindo. Merda, estávamos prestes a ser pegos. Rapidamente, fechei o capô, peguei Stella e a sentei em cima dele, me enfiando entre suas coxas.

— O que você está fazendo? — sibilou ela, tentando me empurrar.

— Tem alguém chegando.

Ela olhou em direção à casa e, sem precisar de ordens, envolveu meus ombros com os braços. Bem a tempo. O casal acenou se despedindo de alguém e se virou para o nosso lado.

Puxei Stella para frente no último segundo e colei minha boca na dela. Estávamos perto do fim da fila de carros, e as luzes da casa mal nos alcançavam. Para o outro casal, provavelmente parecíamos apenas silhuetas nas sombras. O que significava que o beijo não precisava necessariamente ser convincente.

Stella não deve ter percebido, porque seus lábios se abriram sob os meus. Fiquei congelado por meio segundo, dividido entre deixá-la passar vergonha ou ceder à minha própria curiosidade mórbida para ver se o nosso primeiro beijo tinha sido apenas um acaso. Por um lado, humilhá-la tinha um apelo real, mas por outro…

A língua dela traçou o contorno da minha boca. Abri os lábios e retribuí o beijo e, porra, foi tão bom quanto da primeira vez. Sem hesitação, sem suavidade. Se é que era possível, este foi ainda melhor. Porque foi raivoso. Stella

me beijou como se estivesse tentando me punir, a boca machucando, as mãos agarrando minha camisa. Ela se afastou apenas o suficiente para morder meu lábio inferior, com força, e pela pontada de dor e o gosto de cobre na minha língua, eu soube que ela tinha cortado a pele. Meu pau ficou duro como pedra, e eu afastei meus quadris para trás antes que ela percebesse e pensasse que eu estava realmente curtindo aquilo. Eu não estava. O que ela tinha dito mais cedo? Que nem Deus estaria?

Faróis brilharam sobre nós, e congelamos. Um assobio cortou o ar e, então, as luzes giraram para longe enquanto as pessoas no carro desciam a estrada de acesso.

Stella e eu afastamos nossas bocas, ambos respirando com dificuldade, o batom escuro dela todo borrado de novo.

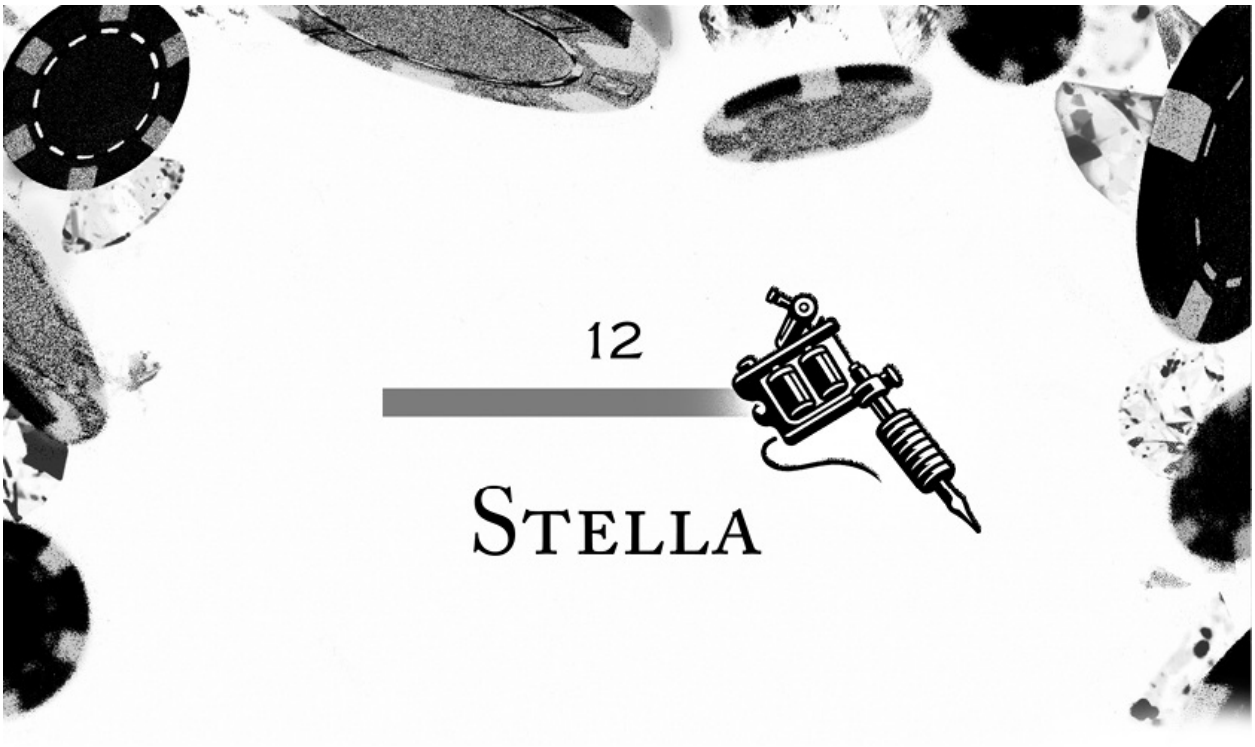
Eu sorri, sabendo que não era um sorriso amigável.

— Parece que o Drácula gozou na sua cara.

— É, bem, parece que você passou o tempo todo aqui fora chupando escapamento. — Ela me empurrou um passo para trás e escorregou do capô. — Deus, eu te odeio.

— Digo o mesmo, Elvira.

Sem dizer mais nada, ela se virou e saiu pisando duro em direção à casa, e eu tomei aquilo como o meu sinal para dar o fora dali enquanto um pouco da minha sanidade ainda permanecia intacta.



12

STELLA

ERAM CINCO DA TARDE DE UMA QUINTA-FEIRA. Normalmente, eu ainda estaria no trabalho, mas tinha um compromisso e achei que seria uma boa ideia caminhar. Uma tempestade havia passado pela cidade mais cedo, e eu tive esperanças de que refrescaria um pouco as coisas. Que nada. Em vez disso, continuava quente, mas com o bônus de estar tão úmido que parecia que dava para mastigar o ar.

Vários dias haviam se passado desde a festa na casa dos meus pais, e Theo e eu mal tínhamos nos falado desde então. Apenas o suficiente para eu dizer a que horas ele deveria me buscar amanhã e o que esperar da nossa próxima noite juntos.

Nos últimos cinco dias, eu vinha tentando desesperadamente equilibrar minha carga de estresse: meditando todas as manhãs, praticando ioga todas as noites antes de dormir, limitando a cafeína a um matcha no meio da tarde, mantendo a dieta mais sem graça humanamente possível e evitando por completo as notícias e as redes sociais. Sempre que eu começava a me sentir minimamente ansiosa, iniciava meus exercícios de respiração, mesmo que estivesse no meio de uma sessão de tatuagem, o que já tinha deixado mais de um cliente confuso. Mas eu descobriria que essa era a única maneira de enfrentar uma crise aguda, e eu *com certeza* estava em uma, graças àquele filho da puta do caralho do Theo e ao fato de eu estar devendo três milhões a ele.

Meu estômago não ficava ruim assim há mais de um ano, queimando toda vez que eu comia demais ou de menos. Eu acordava toda manhã com a garganta inflamada porque era forçada a dormir sentada, com a boca aberta apesar da faixa que eu usava em volta da cabeça para evitar que isso acontecesse.

Eu estava constantemente enjoada. Constantemente com dor. Comecei a limitar meus horários e a tomar banhos de banheira de uma hora após o trabalho, porque flutuar em uma piscina de água quente enquanto assistia a vídeos de ASMR no meu tablet era o único momento, além de quando eu estava dormindo, em que sentia algum alívio desse inferno.

Meu estômago deu uma fisgada, e eu interrompi meus pensamentos de autopiedade, iniciando outro exercício de respiração para acalmar meu pulso acelerado, enquanto uma rajada de vento fazia gotas de chuva respingarem dos prédios que se erguiam sobre minha cabeça.

Puxei o capuz da minha capa de chuva, desviando de poças, bicicletas e dos guarda-chuvas de outros pedestres. Mechas de cabelo grudavam no meu pescoço. Uma gota de suor escorreu pelas minhas costas. Eu estava começando a me sentir uma bruxa do pântano, mas uma das melhores coisas para a gastrite eram exercícios leves, especialmente caminhada, então eu estava disposta a encarar aquela sensação nojenta até chegar ao hospital.

Que diabos eu ia fazer sobre toda essa situação com Theo? Ele era tão babaca que eu estava desesperada para encontrar uma nova saída para a minha dívida. Talvez eu pudesse chantageá-lo de volta, descobrir seus pontos fracos ocultos e usá-los contra ele.

Infelizmente, eu não sabia exatamente como fazer isso. Não era como se eu já tivesse stalkeado alguém antes, e só Deus sabia que eu não tinha tempo para começar um novo hobby. Eu tinha o estúdio para gerenciar, sessões para cumprir. Não podia me dar ao luxo de tirar muito mais tempo de folga. Literalmente. Eu não tinha mentido para Theo quando disse que minha herança estava bloqueada. Eu dependia totalmente da renda do estúdio para pagar minhas contas, então teria que dar outro jeito de descobrir mais sobre ele. Um detetive particular, talvez? Quanto custava um desses? Provavelmente fora do meu orçamento.

Eu poderia abandonar o plano de chantagem e deixar meu ódio de lado para tentar cair nas graças de Theo. Ou poderia deixá-lo bêbado. Drogá-lo, amarrá-lo e torturá-lo. Transar com ele até ele perder os sentidos para que ficasse tão em êxtase depois de gozar que baixaria a guarda e responderia às minhas perguntas.

Botei fogo nesse último pensamento e o empurrei de um penhasco só para garantir. A regra número um significava que sexo com Theo *nunca* aconteceria. Mesmo sem essa regra, eu não me sentiria tentada. Nem que ele fosse o último homem na face da Terra. Nem que isso salvasse a minha vida. Eu preferiria morrer sem ter a confirmação de que ele era medíocre na cama, na melhor das hipóteses.

Homens bonitões assim eram sempre abaixo da média, porque nunca precisaram se esforçar para conseguir nada. Ele provavelmente era o mais sem graça possível, só no papai e mamãe, e ainda chorava quando gozava. Tentei me convencer de que o beijo no estúdio de tatuagem tinha sido uma irregularidade singular. Uma falha na matrix. Ou isso ou eu estava tão carente de toque que qualquer coisa pareceria incrível naquele momento.

Mas aí o nosso segundo beijo na festa foi tão bom quanto o primeiro. E era por isso que eu vinha ignorando obstinadamente o fato de que ele tinha acontecido, e voltaria agora a fazer exatamente a mesma coisa.

Um carro passou perto do meio-fio, atingindo uma poça e lançando uma onda de água em cascata na minha direção. Mal consegui pular para fora do caminho, culpando Theo por quase ter me molhado. Se eu não estivesse tão distraída pela existência burra e estúpida dele, não teria quase ficado encharcada.

Focando a calçada, segui adiante com dificuldade, mas por mais que eu tentasse, meus pensamentos continuavam voltando para ele, como fizeram a semana toda. Até onde ele iria para conseguir o que queria? Quem mais eu conhecia que poderia acabar ferido por causa dele? E eu ia mesmo simplesmente entrar no jogo sádico dele sem lutar? Se a forma como congelei no escritório do meu pai servia de exemplo, a triste verdade era que talvez eu fosse mesmo, e eu odiava essa ideia. Mas o que poderia fazer? O futuro do meu irmão estava em jogo, junto com o nome (um tanto manchado) da minha família.

Eu ainda não tinha respostas quando cheguei ao meu destino, meia hora depois, passando sob a placa de boas-vindas do hospital e indo para o elevador mais próximo. O Johnson Memorial era a maior instalação médica da cidade, e eu estive lá tantas vezes nos últimos sete anos que conhecia o lugar como a palma da minha mão. Peguei o elevador até o terceiro andar, assinei a entrada no posto de enfermagem para o horário de visitas e segui pelo corredor.

— Toc, toc — falei, enfiando a cabeça em um quarto pequeno. — Espero que você não esteja dando em cima de algum enfermeiro gato.

A mulher na cama fechou o livro e me lançou um olhar monótono.

— Há, há, há.

Runa Lund estava na casa dos quarenta anos, com a pele pálida e os cabelos loiros quase brancos indicando sua herança norueguesa. Meu olhar percorreu o corpo dela, procurando instantaneamente sinais de como ela estava se sentindo. Olheiras profundas marcavam seus olhos azuis-gelo, e sua pele estava pálida, as bochechas encovadas e a boca retesada com o que parecia ser dor. Ela tinha saído da cirurgia há dois dias, mas eu sabia muito bem que não deveria visitá-la nas primeiras 36 horas, porque ela era especialmente suscetível a medicamentos e sempre ficava doidona demais para fazer muito mais do que resmungar e dar risadinhas.

Desta vez, ela estava lá para uma cirurgia de RMD (reinervação muscular direcionada) para aliviar a dor fantasma que sentia nas pernas. Ambas haviam sido amputadas acima do joelho, mas a direita lhe dava mais problemas que a esquerda, e ela decidira (esperançosamente) consertar aquela primeiro.

— Não me olhe assim — falei enquanto me afundava na cadeira ao lado da cama. — Não é como se eu nunca tivesse pegado você no maior rala e rola com os funcionários do hospital antes.

Ela deu um tapa no meu ombro com o livro.

— Quantas vezes eu tenho que te dizer que ele estava arrumando o eletrodo do ECG no meu peito?

— Sei — respondi, arrastando minha cadeira para fora do alcance dela. — Sabe, aposto que consigo encontrar outra pessoa para checar seu eletrodo de novo, se você estiver se sentindo assanhada. Esses quartos privativos vêm com todo tipo de mordomia.

Desviei para o lado para evitar que o livro voasse contra minha cabeça.

— Isso é abuso literário — resmunguei, pegando-o do chão e jogando de volta na cama.

— Estou a dois segundos de apertar o botão de emergência — ameaçou Runa.

Levantei as mãos.

— Tudo bem, vou me comportar.

Ela me observou, desconfiada, enquanto se acomodava de volta nos travesseiros, e eu forcei meu olhar a permanecer fixo em seu rosto, em vez dos fios conectados a ela. Vê-la assim sempre me trazia de volta à quando nos conhecemos, sete anos atrás. Eu era a passageira no carro de Madison Clyde quando Maddie subiu no meio-fio e atropelou Runa.

Maddie fugiu da cena a pé, me deixando para trás para lidar com o estrago. Enquanto eu ligava para a emergência e tentava salvar a vida de Runa, Maddie ligou para os pais dela, que ligaram para o advogado da família, que

imediatamente iniciou o processo de jogar a culpa de tudo em cima de mim. Alegaram que eu tinha roubado o carro da festa onde estávamos e que Maddie nunca sequer estivera no local.

A única outra testemunha do acidente era a própria Runa, que estava voltando para casa a pé depois de um turno da noite, e ela, compreensivelmente, não conseguia se lembrar de nada além do carro avançando em sua direção e, depois, de uma dor excruciante. Os paramédicos chegaram depois que Maddie fugiu, testemunhando que eu era a única pessoa ali. Os advogados dos meus pais lutaram com unhas e dentes no tribunal para limpar meu nome, mas tudo o que conseguiram fazer foi lançar dúvidas sobre quem estava dirigindo. Maddie se recusou a dar depoimento à polícia ou a testemunhar, então o juiz não teve escolha a não ser encerrar o caso por falta de provas, deixando ninguém como responsável legal pelo pagamento das contas médicas astronômicas de Runa.

Contra o conselho dos meus pais e do meu advogado, decidi intervir e assumir a responsabilidade, admitindo a culpa em um processo civil que terminou com um acordo de dez milhões de dólares coberto pela apólice de seguro privado da minha família. Fui considerada responsável por pagar todas as contas médicas que Runa acumulasse relacionadas ao acidente. Então, aqui estávamos nós agora, de volta ao hospital, e eu rezava para que a cirurgia de RMD tivesse dado certo. Não porque estivesse preocupada em ter que cobrir o custo de outro tratamento — eu faria isso com prazer —, mas porque eu só queria que Runa se livrasse da dor.

Eu não estava dirigindo naquela noite, mas me sentia tão culpada quanto se estivesse. Porque facilmente poderia ter sido eu. Eu já tinha passado perto de cometer algo similar antes. Já tinha bebido demais e achado que estava bem para dirigir um veículo quando não estava. E eu não fiz nada para impedir Maddie de dirigir, embora soubesse que deveria. Complacência seria uma forma gentil de encarar nosso comportamento, mas não era isso; era privilégio, puro e simples. Nada de ruim jamais havia nos acontecido. Apesar de todas as merdas estúpidas que tínhamos feito antes do acidente, nunca houve consequências reais. Uma noite na delegacia para curar o porre, talvez algum serviço comunitário se tivéssemos azar. Nossos advogados ou nossos pais nos livravam de todo o resto.

A vergonha queimava dentro de mim toda vez que eu pensava na minha versão mais jovem. Eu fora imprudente, descuidada, tão obcecada em perseguir o próximo barato — fosse álcool, drogas ou adrenalina — que nunca parei para considerar minhas ações. Eu tinha sido uma cadela entediada, mimada e

pretensiosa, um ser humano absolutamente insuportável, e as memórias do meu comportamento passado me assombrariam pelo resto da vida.

Tudo mudou naquela noite, sete anos atrás.

Porra, Runa quase sangrou até morrer ali mesmo na calçada porque eu estava tão bêbada que não parava de me atrapalhar com o torniquete que o operador da emergência tinha me instruído a amarrar.

— Pare — disse Runa.

Pisquei e voltei a mim.

O olhar dela era reprovador.

— Você está fazendo isso de novo.

— Não estou — menti.

— Você literalmente acabou de começar a chorar.

— Não, eu… — As palavras morreram na minha boca quando levei a mão ao rosto e senti uma lágrima escorrendo pela bochecha. Ops. Lancei a Runa um sorriso hesitante. — Desculpe.

— Estou *bem*, Stel. O médico disse que tudo correu conforme o esperado.

— Eu sei — respondi. — Eu só… me preocupo.

A expressão dela se suavizou.

— Eu sei que se preocupa.

Nossos olhares se fixaram, e havia tanto que eu queria dizer a ela. Pedir desculpas, de novo, pelo meu papel naquela noite. Perguntar como ela estava *de verdade*, por trás da fachada de coragem que sempre exibia. Queria garantir que, mesmo que a cirurgia não resolvesse completamente a dor dela, eu pagaria por outra e mais outra. Quantas ela precisasse ou estivesse disposta a suportar.

Ela deve ter visto as palavras borbulhando dentro de mim, porque mudou de assunto rapidamente.

— Como está o Blake?

Fiz uma careta.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— O que foi? O garoto de ouro não está mais tão dourado assim?

— Ele perdeu a herança dele no jogo.

Runa ficou boquiaberta.

— Não pode ser.

— Foi, mas consegui que a dívida dele fosse transferida pra mim, então agora devo três milhões a um agenciador.

— Você está brincando, obviamente.

Balancei a cabeça negativamente. Ela se inclinou para frente.

— Me conta *tudo*.

Abri a boca e toda a história sórdida jorrou. Runa e eu passamos por tanta coisa juntas que desenvolvemos esse tipo estranho de relacionamento onde não éramos exatamente melhores amigas, mas ainda assim contávamos absolutamente tudo uma para a outra. Mais do que você contaria a um amigo. Estou falando do pior do pior, coisas que você não diria nem para o seu terapeuta — o tipo de merda que você geralmente levaria para o túmulo.

Eu culpava todas as madrugadas em claro sentadas em hospitais. Nos primeiros dias, não sabíamos se Runa sobreviveria, e eu fui quase como um padre para ela, um canal para que ela admitisse seus pecados, me contasse todas as suas últimas confissões e arrependimentos da vida. Eu não gostava de como aquilo parecia unilateral, então comecei a retribuir e agora, todos esses anos depois, toda vez que estávamos juntas em um quarto de hospital, desenterrávamos memórias esquecidas ou horrores e os lançávamos uma sobre a outra. Era o auge do vínculo por trauma, mas, depois, ambas nos sentíamos mais leves, mais próximas. Menos solitárias.

Então não escondi nada, contei tudo para Runa e, de todos os detalhes que ela poderia focar — incluindo todas as ameaças terríveis e a briga no escritório do meu pai —, é claro que ela escolheu dar zoom no primeiro beijo.

— Na sua cabine? — disse ela, parecendo escandalizada.

Assenti.

— Eu literalmente subi em cima dele na cadeira do cliente.

Ela fez um muxoxo e olhou para a tinta em seu braço.

— Eu não recebi esse tipo de tratamento quando você me tatuou.

— Você nem sente atração por mulheres.

— Ainda assim — disse ela. — Eu gostaria de ter tido a oportunidade de te dar um fora.

Dei um peteleco no ombro dela. Com cuidado, porque, meu Deus, havia fios por todos os lados.

— Você quer beijar ele de novo, não quer? — provocou ela.

— De jeito nenhum. Duas vezes já foram mais do que o suficiente.

— Stella. Sou *eu*.

Soltei um suspiro pesado.

— Não sei. Talvez eu queira, ou talvez só queira beijar *alguém*. Eu estou sozinha desde…

— Que virou adulta? — completou ela, prestativa.

— É, isso aí — resmunguei. — Atuar como se fôssemos um casalzinho mexeu com a minha cabeça. Não que eu tenha começado a sentir algo por ele, mas me fez perceber o quanto eu tenho estado sozinha, e acho que… eu quero isso. Alguém para fazer as coisas junto.

— Awn — disse Runa. — A mulher de lata anseia por um coração.

Mostrei o dedo do meio para ela. Ela ficou séria.

— Você devia apresentar Maddie ao Theo. Dizer para ele deixar *ela* chapada da próxima vez e limpar toda a herança dela.

— Eu teria que vê-la para fazer isso, e não acho que conseguiria sem tentar matá-la. Ela disse para minha mãe me mandar um oi.

Runa se ergueu na cama, chocada.

— Não, ela não fez essa porra.

— Feeez.

— Me leve na próxima festa. Espancá-la até a morte com uma das minhas pernas protéticas seria uma justiça poética e tanto.

Soltei uma risada meio engasgada. O senso de humor de Runa sempre pendeu para o lado mais sombrio, e ela vivia dizendo coisas que provavelmente me fariam ir para o inferno só por rir.

— Mas falando sério — disse ela. — Você vai mesmo fazer isso? Ajudar Theo a ir atrás dos amigos da sua família?

— Acho que não tenho escolha — falei a ela. — Continuo tentando pensar em algum jeito de resistir, mas tenho medo do que ele pode fazer se eu o sabotar.

A expressão dela tornou-se contemplativa.

— E se… você realmente dissesse a ele para ir atrás da Maddie? Ou, se não ela, gente como ela. O pior do pior no círculo dos seus pais. Aqueles que saíram impunes de merdas horríveis. Pessoas como os Bluhm, os Montgomery e os Hatcher. O Vincent Prout e o filho dele não acabaram de se livrar da acusação de dar um golpe de centenas de milhões de dólares nos investidores?

Franzi a testa, contemplando as palavras dela, lembrando de algo que Theo dissera durante o jantar sobre como o fato de eu não gostar daquelas pessoas deveria facilitar o meu trabalho. Talvez houvesse algum fundo de verdade naquela afirmação. Até agora, eu vinha me debatendo, tentando desesperadamente encontrar uma saída para essa situação, mas e se houvesse outro caminho? E se Runa estivesse certa?

Anteriormente, todos os meus crimes tinham sido cometidos sob efeito de substâncias, e a maioria deles fora acidental. Esta seria a primeira vez que eu

faria uma escolha intencional, totalmente sóbria, para causar um dano real a outra pessoa.

Meu Deus, será que eu conseguiria fazer isso? Tinha passado tantos anos na terapia tentando lidar com todo o meu ódio e ressentimento em relação às pessoas com quem cresci, e tinha *acabado* de chegar ao ponto em que começava a ver a luz no fim do túnel. Ao fazer isso, ao mergulhar de volta naquele mundo com a intenção de ajudar a arruinar aquelas pessoas, será que eu estaria desfazendo todo o meu progresso? Voltando a ser a pior versão de mim mesma?

Meu foco voltou para Runa, para os tubos conectados a ela, o som constante do monitor cardíaco ao seu lado. Maddie tinha feito isso com ela. E depois seguiu em frente para viver uma vida feliz e sem amarras… se é que o feed luxuoso dela no Instagram servia de base para alguma coisa.

A raiva queimou dentro de mim. Runa estava longe de ser a única pessoa nesta cidade que fora injustiçada pelos ricos e deixada para se virar sozinha. Havia pessoas andando por aí que tinham feito coisas horríveis, indescritíveis, e elas haviam saído impunes por tanto tempo que eu duvidava que seus crimes algum dia as alcançariam. Essas pessoas? Se alguém merecia o Theo, eram elas.

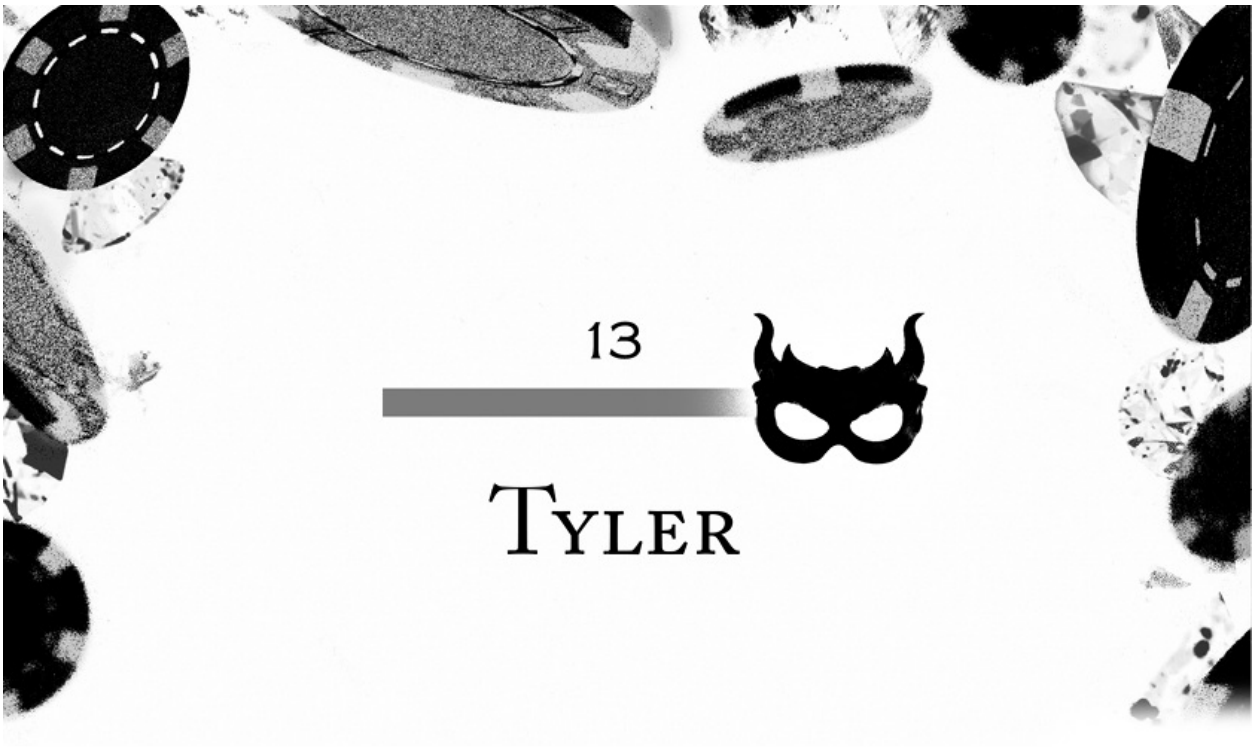
Runa percebeu minha expressão e sorriu, um pouco de cor retornando às suas bochechas.

— Pegue seu celular e vamos fazer uma lista proibida para o Theo.

— Cuidado. Ele é um agenciador. Encomendar a morte de pessoas pode não estar totalmente fora do campo das possibilidades.

O sorriso que se espalhou pelo rosto dela era pura maldade.

— Nesse caso, coloque o nome de Maddie no topo da lista.



AINDA VEM ME BUSCAR ÀS SEIS?, dizia a mensagem de Stella.

Sim, respondi.

A festa começa nesse horário, mas é melhor chegar um pouco atrasado nessas coisas. Confie em mim.

Há! Difícil.

— Está pronto? — perguntou Dean.

Levantei os olhos do celular.

— Sim.

Dean e sua colega exploradora urbana, Aubrey, estavam lado a lado à minha frente, no fundo de um poço estreito a uns cinco metros abaixo de um restaurante tailandês. À nossa direita, estava a escada em ruínas pela qual descemos. À esquerda, a bocarra escura de um túnel.

— Existe outra entrada? — perguntei. Múltiplas rotas de fuga eram obrigatórias no meu ramo de trabalho. Aquele ponto único de acesso era apertado e óbvio demais para afunilar todo mundo. Eu precisaria dividir a multidão para evitar que chamassem atenção.

Dean assentiu, o cabelo ruivo brilhando sob a luz fraca.

— Sim, tem pelo menos mais uma lá pela Décima Primeira. A entrada é mais discreta, mas o caminho para descer é mais complicado.

Soltei um som contemplativo, observando o túnel que se ramificava à nossa frente. Poderia funcionar. Eu poderia mandar os clientes mais jovens e em forma por lá, e todos os outros por aqui. Também precisaria de iluminação suspensa ao longo das duas rotas, o que significava pagar meu eletricista de procedência duvidosa para fazer um "gato" em uma rede próxima, mas essa discussão estava acima do nível salarial dos exploradores. O único propósito deles era o reconhecimento do local e eu os pagava bem o suficiente para não serem curiosos sobre o que, exatamente, estavam mapeando.

— Então vamos — falei.

Juntos, nós três ligamos nossas lanternas de cabeça e avançamos túnel adentro. Dean foi na frente, seguido por Aubrey. Eu fiquei na retaguarda, estudando os arredores enquanto atravessávamos as profundezas sombrias do submundo da cidade. O chão sob nossos pés era pavimentado com concreto centenário, rachado e ondulado em alguns pontos, e fiz uma nota mental para pedir a alguém que pintasse as áreas perigosas com spray neon fluorescente para que ninguém tropeçasse.

Pelo menos o cheiro era melhor do que o do navio de carga no início, mas isso não dizia muito. Havia um odor forte e pútrido no ar, um cheiro de decomposição que sugeria que talvez não fosse seguro respirar ali por muito tempo. Ao nosso redor, as paredes se fechavam e o teto pendia baixo sobre nossas cabeças: o pior pesadelo de um claustrofóbico. O túnel inteiro estava úmido e mofado, com algas verdes brotando ao longo das fendas, como se estivessem infiltrando-se diretamente da rocha. Sim, estava em péssimas condições agora, mas eu já conseguia ver o potencial.

Lá na frente, Aubrey olhou para trás como se quisesse se certificar de que eu ainda estava lá, e Dean, que já tinha explorado metade desta maldita cidade comigo, estava mais quieto do que o normal. Eu raramente me abalava, mas até eu tinha que admitir que havia algo perturbador naquele lugar, algo inquietante. Talvez fosse pela brisa leve, pontuada por um suspiro intermitente que fazia parecer que o túnel estava *respirando*.

Ou talvez eu estivesse tendencioso porque conhecia sua história sombria. Como Al Capone e seus comparsas haviam conduzido seus esquemas de contrabando por ali durante a Lei Seca. E não só isso. Armas, garotas, drogas — esses túneis serviram como o principal meio de transporte para muita merda indecorosa, e mais de algumas pessoas lutaram e morreram neles. A prova podia ser vista nos buracos de bala pelos quais passávamos, alguns ainda com os restos contorcidos de chumbo presos nas paredes.

Finalmente, o túnel se abriu e entramos em uma sala cavernosa, revestida de pedra e repleta de colunas de tijolos imponentes. Originalmente, aquilo tinha sido o porão de um banco do século XIX, reforçado para suportar o peso astronômico do prédio acima; mas, na década de 1920, foi transformado em um depósito de bebida ilícita, até que os federais descobriram tudo e realizaram uma das maiores batidas de toda a Lei Seca. Mesmo agora, havia sinais de seu passado obscuro espalhados pela sala: prateleiras de madeira apodrecendo ao longo de uma parede distante; os restos estilhaçados de barris espalhados pelo chão; velhos tubos de cobre que provavelmente faziam parte de uma destilaria improvisada; e ainda mais buracos de bala crivados nas paredes.

Não parecia grande coisa, mas eu tinha imaginação suficiente para ter certeza de que aquilo poderia ser transformado em algo espetacular. Velas nos nichos, luminárias pendentes suaves. Na minha cabeça, visualizei algo um pouco parecido com o restaurante italiano onde Stella e eu tivemos nosso primeiro "encontro". O bar ficaria à direita, mesas de pôquer à esquerda, com blackjack, craps, roleta e bacará preenchendo o espaço entre eles. Eu poderia realmente mergulhar na vibe Gatsby aqui e contratar uma banda de jazz para se apresentar, dando aos meus clientes uma desculpa para se vestirem a caráter para a ocasião.

Era perfeito pra caralho.

Não querendo dar bandeira, fiz um sinal para Aubrey e Dean seguirem adiante.

— Vamos ver a outra entrada.



Duas horas depois — e após um dos banhos mais longos da minha vida (o subsolo desta cidade era nojento), eu estava vestido com um terno que Stella tinha recomendado. Era um azul-marinho profundo, leve e perfeitamente ajustado, já que eu tinha conseguido levá-lo ao alfaiate em tempo recorde. Sob o paletó, eu usava uma camisa social impecável, sem gravata. Meu cinto e sapatos eram de um marrom quente que Stella também havia escolhido e, me vendo no espelho, tive que dar o braço a torcer: eu estava bonitão. Não apenas bem-vestido, mas com estilo. O que significava que ela não estava mentindo — ela entendia de moda, mas, por algum motivo bizarro, escolhia se vestir com os trapos velhos do Bela Lugosi.

Fiquei meio de lado para me inspecionar de outro ângulo. Paletós costumavam parecer cômicos em mim por causa do meu tamanho, mas Stella conseguiu encontrar um que parecia ter sido feito para halterofilistas. Ele acentuava a largura do meu peito, mas, como não tinha ombreiras, não me deixava com um aspecto excessivamente volumoso, e o corte fazia minha cintura parecer esguia em comparação. Eu nunca admitiria isso a ela, mas mais tarde nessa mesma noite eu entraria na internet e encomendaria um de cada cor que eles tivessem.

Peguei meu celular descartável, carteira e chaves, e saí do apartamento. A umidade me deu um tapa na cara no segundo em que pisei lá fora. Fiquei feliz pelo terno ser tão leve; qualquer coisa mais pesada e eu começaria a suar. Cigarras cantavam nas árvores ao redor do meu condomínio, e o ar estava pesado e denso, como se outra tempestade estivesse a caminho.

Entrei no carro e segui em direção ao estúdio de Stella, passando o trajeto pensando na logística para o novo local. Eu precisaria contratar muita gente para o evento, mais do que da última vez, no cargueiro, e isso me fez hesitar. Quanto mais pessoas envolvidas no que eu fazia, maior o risco de alguém abrir o bico e, embora eu só dissesse aos funcionários o estritamente necessário para fazerem o trabalho, eu ainda era paranoico com a ideia de alguém falar algo para a pessoa errada. Eu precisaria pedir ao Tim, meu advogado, para redigir um termo de confidencialidade mais rigoroso. Também precisaria fazer questão de sugerir que haveria mais do que apenas consequências legais se ele fosse quebrado.

Felizmente, as pessoas com quem eu trabalhava tinham experiência em manter a boca fechada. Meu carpinteiro era um ex-presidiário que tinha se endireitado, meu encanador costumava quebrar joelhos para a Bratva, e até a empresa de buffet que eu contratava era corrupta, então eu tinha a sensação de que tudo acabaria correndo bem.

O trânsito estava mais tranquilo do que eu antecipava e cheguei ao estúdio de Stella antes do planejado. Estacionei a meio quarteirão de distância, na primeira vaga que encontrei e segui a pé até a loja. No segundo em que pisei no estúdio de tatuagem, fui atingido por uma sobrecarga sensorial. Meu Deus, tinha muita coisa ali dentro. Era como se uma vovó mórbida e acumuladora tivesse doado seu lixo mais macabro para Stella. Sério, por que tinha uma mão mumificada flutuando em um pote de… alguma coisa, bem ali no balcão da recepção?

Olhei ao redor e vi mais merdas bizarras. Eles estavam praticamente pedindo para serem assombrados. E sem falar de toda a tralha esquisita entulhando as prateleiras ou pendurada nas paredes. A “decoração” era tão carregada que me dava vontade de colocar um par de luvas e começar a limpar tudo, e eu estava

longe de ser um maníaco por limpeza. Josh jamais poderia vir aqui. Ele costumava jogar minhas meias fora se eu as deixasse no chão do meu próprio quarto; ele teria uma crise de urticária da cabeça aos pés se visse este lugar.

Duas mulheres estavam atrás do balcão. Uma era baixinha, pálida, curvilínea e tinha o cabelo rosa-choque. A outra tinha quase a altura de Stella, com pele de tom castanho-claro, cachos bem fechados e tantos piercings que parecia ter levado uma explosão de estilhaços na cara. As roupas delas poderiam ter sido tiradas do guarda-roupa de Stella: escuras, alternativas e antissociais.

Ótimo, mais góticas. Tomara que elas viessem com uma atitude melhor do que a da chefe.

A baixinha soltou um assobio baixo enquanto eu me aproximava.

— Você está no lugar errado?

Abri meu sorriso mais charmoso.

— Não. Só vim buscar minha namorada.

Elas se entreolharam.

— Quem é sua namorada? — perguntou a mais alta, me avaliando sem pressa.

— Stella — respondi.

Expressões idênticas de choque tomaram conta de seus rostos. A baixinha se engasgou.

— *Stella?*

Pelo visto, não tinha contado a elas.

Apoiei o cotovelo no balcão.

— Ainda é coisa nova. — Fazendo sinal para que se aproximassem, baixei o tom de voz. — Entre nós, Stella está um pouco insegura com isso. Ela não namora há um tempo e está se sentindo meio enferrujada. — Olhei ao redor como se estivesse prestes a compartilhar um segredo suculento que não queria que ninguém ouvisse. — E ela disse algo sobre não se sentir boa o suficiente para mim.

Os rostos das mulheres suavizaram.

— Não sei de onde isso vem — continuei. — Ela é tão linda e talentosa e, embora pareça tão confiante por fora, por dentro ela é cheia de uma insegurança paralisante e sentimentos de inadequação. — Olhei ao redor novamente. — Podem me fazer um favor?

As mulheres assentiram.

— Sejam… mais gentis com ela por um tempo, pode ser? Ela pode até agir como se fosse durona, mas é para esconder o quão vulnerável realmente é, e

acho que um pouco de reafirmação de que ela é o suficiente pode fazer bem a ela.

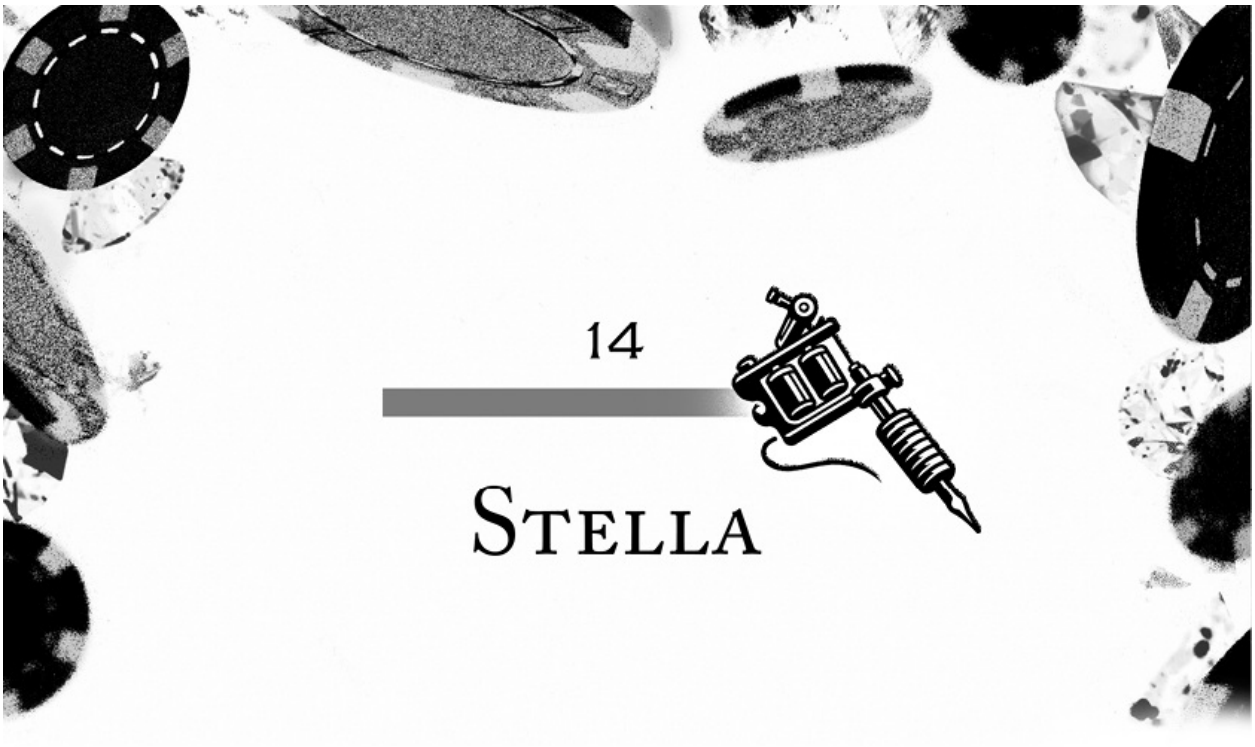
A mais alta olhou para a colega de trabalho.

— Eu nunca imaginei.

A de cabelo rosa balançou a cabeça.

— A gente devia ter percebido. São sempre as pessoas mais rabugentas que secretamente têm os corações mais moles.

Reprimi um sorriso. Stella ia odiar aquilo.



14

STELLA

ESTOU AQUI EMBAIXO, dizia a mensagem de Theo.

Entrando em pânico com a possibilidade de ele estar irritando minhas funcionárias, peguei minha bolsa na mesa de centro e corri para a porta da frente. Meus saltos me esperavam ali ao lado e, enquanto eu os calçava, lancei um olhar para a sala em direção a Amos, que eu acabara de colocar de volta na gaiola.

— Não atenda a porta enquanto eu estiver fora.

— *Pode entrar!* — grasnou ele.

Se minha mãe não fizesse a gente ser assaltado, ele faria.

— Volto logo — falei a ele.

— *Petisco, Vadia do Lanche?*

— Depois, eu prometo.

Saí pela porta, respirei fundo para acalmar os nervos e desci as escadas. O som de risadas femininas atingiu meus ouvidos. Com sorte, Elayne e Shaunté tinham acabado com a raça de Theo e agora estariam gargalhando sobre a destruição de seu frágil ego masculino.

Passei pela última cabine de tatuagem e entrei na recepção, parando bruscamente ao ver os três juntos, com olhares conspiratórios enquanto riam *juntos*. Theo estava encostado no balcão, falando em voz baixa, e de repente desejei ter feito ele comprar um terno mais feio. Porque ele estava incrível. Como se tivesse acabado de sair de um comercial de perfume caro. Devia ter

levado ao alfaiate, porque o caimento estava perfeito e o azul-marinho realçava os olhos dele de um jeito que eu não tinha previsto.

Algo na parte de baixo da minha barriga se contraiu ao vê-lo e, se não fosse pela plateia, eu teria me transformado naquele velho de "Uma Família da Pesada" e dado um soco na minha própria virilha; mas, em vez de berrar "Acorda, porra!", eu estaria gritando: "Eu te avisei o que aconteceria se você começasse a agir feito uma piranha de novo!"

Theo me viu e endireitou a postura, a expressão ficando mais séria enquanto seu olhar percorria meu corpo da cabeça aos pés.

— Você está incrível — disse ele, soando como se realmente estivesse falando a verdade, mas havia um brilho residual de malícia em seus olhos no qual eu não confiava.

As mulheres se viraram para mim, com expressões que eram quase… solidárias?

— Nossa, Stel — disse Shaunté.

— Caramba — acrescentou Elayne. — Olha só que espetáculo.

Lutei contra o impulso de franzir a testa. Que diabos era aquilo? Onde estavam as cutucadas sarcásticas de Elayne que eu já esperava? O "sanduíche de insultos" pelo qual a Shaunté era conhecida?

— Obrigada? — Estranhei, dando um passo à frente para me juntar a eles.

Elas trocaram um olhar, e suas expressões mudaram para o que poderia ser piedade.

— Não se preocupe com o estúdio enquanto estiver fora — disse Shaunté. — A gente segura as pontas aqui.

— É — disse Elayne. — Você trabalha demais. Você merece uma noite de folga com seu namorado. A gente pode fechar.

Certo. Que porra estava acontecendo aqui? Por que elas estavam sendo tão legais de repente?

Meu olhar se voltou para Theo, que sorria como o Gato de Cheshire, e eu soube, *eu soube* que ele tinha dito alguma coisa a elas. Provavelmente alguma coisa constrangedora ou inventada. Eu pareceria uma lunática se começasse a interrogá-las e, como isso poderia ser exatamente o que ele queria, decidi que o único caminho era fingir que não tinha notado nada.

— Não precisa fechar — falei. — Devo estar de volta antes disso.

— A menos que eu a convença a ficar na minha casa — acrescentou Theo, com a voz baixa e carregada de insinuação.

Meu estômago deu um solavanco. Embora eu não estivesse totalmente comprometida em dar a ele a lista de nomes que Runa e eu havíamos rascunhado — eu queria garantias de que os alvos seriam atingidos apenas *financeiramente* —, de uma coisa eu tinha certeza: quanto menos eu lutasse contra Theo, mais fácil seria meu tempo com ele. O que significava que eu precisava começar a agir como se ele realmente fosse meu namorado. Pelo menos na frente de outras pessoas.

Caminhei languidamente até ele e me colei ao seu lado, com uma mão em suas costas e a outra apoiada em seu quadril, enquanto olhava para ele com falsa devoção. O braço dele me envolveu automaticamente e a maneira como seus olhos escureceram ao encararem os meus *não* era apropriada para o público.

— Nesse caso — falei às garotas —, vocês fecham.

Theo e eu sustentamos o olhar um do outro enquanto a dupla ria e fazia piadas obscenas. Mantive minha mente cuidadosamente vazia enquanto encarava aquele olhar impossível, ignorando o calor que emanava de seu corpo grande, a sensação dos músculos e ossos sob as minhas palmas. Ele sabia provocar, mas eu não me deixei enganar. Dava para ver um brilho calculista que dizia que ele não confiava na minha atuação.

Antes que ele pudesse analisar demais, eu me virei para as meninas.

— Não aumentem demais a música. Amos precisa do sono da beleza dele.

— Não vamos aumentar — assegurou Shaunté.

— Senhoras — disse Theo, sua mão envolvendo completamente a minha. — Tenham uma boa noite.

— Vocês também — responderam elas em coro, olhando para nós dois como tias orgulhosas mandando a sobrinha para o baile de formatura.

O aperto de Theo ficou mais forte enquanto ele me conduzia para fora. No segundo em que estávamos fora de vista das janelas da loja, ele praticamente jogou minha mão de volta para mim.

— Quem é Amos?

— Meu papagaio-cinzento.

— Isso explica o cheiro.

Estava na ponta da minha língua mandar ele calar a porra da boca, mas, milagrosamente, consegui manter minha resposta comedida.

— Amos não cheira mal. Ele tem cheiro de roupa lavada.

Ele ficou em silêncio enquanto entrávamos no carro dele. Era surpreendentemente legal. Limpo. Até cheirava bem. Coloquei o cinto e esperei que ele desse a partida, mas ele ficou apenas ali sentado, me encarando.

— O que você está fazendo, Stella?

— Esperando você dirigir, para que eu possa te falar o caminho.

Ele gesticulou em minha direção.

— Não, me refiro a esse teatrinho de “esposa perfeita”.

Forcei um sorriso.

— Estou me comportando, como você mandou. Mostrando que posso ser uma boa refém de chantagem.

— Você está tramando alguma coisa.

— Não estou — falei entredentes. Meu Deus, esse homem era cansativo.

— Se você fizer qualquer coisa para colocar isso em risco, vou acrescentar mais um quarto de milhão na conta, e aí você *nunca* mais vai se livrar de mim. — A expressão dele tornou-se sombria. — Talvez tenhamos até que ficar *noivos*.

Senti o sangue fugir do meu rosto.

— Prometo que não vou ser um problema.

De alguma forma, foi a coisa errada a dizer. Num instante, Theo invadiu meu espaço, a mão em meu queixo, o aperto no limite da dor enquanto ele me encarava nos olhos.

— Não pense nem por um segundo que estou caindo nesse teatrinho. O que você está planejando?

— *Literalmente nada.*

— Juro por Deus, Stella — sibilou ele, claramente sem acreditar em mim —, se você foder com os meus negócios, eu vou queimar sua vida inteira ao seu redor. Estou falando de terra arrasada, salgar o solo, não vai sobrar nada quando eu terminar, esse é o nível da minha retaliação.

— Casual.

— Porra! — gritou ele, me soltando. — Isso não tem graça!

— É, eu *percebi* — falei, me inclinando o mais longe possível no meu banco. — Mas ou eu faço uma piada ou começo a chorar, e minha máscara de cílios não é à prova d’água. Eu só estava tentando facilitar as coisas entre nós, mas você é um babaca tão monumental que é obviamente impossível!

O motor do carro rugiu e, em seguida, estávamos saindo da vaga em disparada noite adentro. Segurei o puxador da porta enquanto passávamos voando por lojas e pedestres. Um movimento errado e… ai, meu Deus.

— Vá mais devagar — falei, lutando contra uma onda de náusea e pânico.

Cenas da noite do acidente passaram como flashes pela minha mente.

Theo me ignorou; as ruas passavam voando enquanto ele ultrapassava o limite de velocidade e se aproximava da barreira do som. Mais adiante, um semáforo

ficou amarelo, mas, em vez de frear, ele pisou fundo no acelerador e passamos pelo cruzamento no exato momento em que ficou vermelho. Eu me encolhi toda, preparando-me para um impacto que, felizmente, nunca veio.

Lágrimas arderam no canto dos meus olhos e minha voz saiu quebrada.

— Por favor.

Ele olhou para mim e praguejou, mas tirou o pé do acelerador e o carro reduziu para uma velocidade sobrevivível.

O silêncio se instalou entre nós. Eu não fazia ideia do que dizer porque, até agora, nada parecia certo. Não importava como eu agisse, tudo explodia na minha cara. Ou melhor, *ele* explodia. Acho que nunca conheci ninguém tão cheio de raiva, e isso me fez imaginar o que o tornara assim. Teria sido algo aprendido? Ou ele já havia nascido cuspindo veneno?

— Para onde eu vou? — perguntou ele por fim.

— Pegue a rodovia e siga para o norte — respondi. É claro que ele não ia se desculpar por me ameaçar e depois me assustar. Meu Deus, como eu o odiava.

Ele olhou para mim.

— Você parece ter se recuperado lamentavelmente bem depois de bater a cabeça no capô daquele carro semana passada. Imagino que sua cabeça esteja em ordem?

Dei de ombros.

— Nunca recebi reclamações.

— Porra, Stella — rebateu ele.

— O que foi? — gritei de volta, com os nervos em frangalhos. — Discutir com você não funcionou, e ser legal também não. Se você vai ser um babaca o tempo todo, prefiro contar piadas para me entreter.

Ele não respondeu, apenas continuou operando o câmbio manual conforme seguíamos para o leste em direção ao acesso mais próximo. O silêncio se prolongou até se tornar desconfortável. Pelo menos para mim. Eu queria dizer algo para quebrar o gelo, declarar uma trégua entre nós, mas não sabia como.

Um olhar de relance revelou que ele estava focado na estrada à frente, com a mandíbula travada como se ainda estivesse no limite. Ondas de luz e sombra brincavam em suas feições conforme passávamos sob os postes, uma analogia perfeita para sua volatilidade. Tinha que haver um jeito de conquistar o lado bom dele. Se é que ele tinha um.

Ouvi um som de plástico amassado vindo de trás quando ele fez uma curva e olhei naquela direção. Havia várias caixas de comida empilhadas no chão atrás de nós. Vi biscoitos, barras de proteína e mix de castanhas.

— Acho que você se esqueceu de descarregar algumas de suas compras — falei, sentando-me ereta novamente.

— Não, não esqueci. — Ele me lançou um olhar feio. — Nem todos nós crescemos com o mesmo acesso fácil à comida que você, e isso pode deixar marcas em uma pessoa. Eu sempre tenho algo à mão, por precaução.

As palavras dele me deram vontade de afundar pelo assoalho e deixar que o trânsito me levasse.

Theo havia passado por insegurança alimentar. Meu cérebro não sabia o que fazer com aquela informação.

Ele era um babaca? Com certeza. Mas isso não me impediu de sentir pena dele. Nenhuma criança deveria crescer assim. Este país tinha tanta riqueza que o mínimo que poderíamos fazer era garantir que ninguém passasse fome.

Fiquei olhando pela janela, relembrando a noite no restaurante. O jeito que Theo foi um idiota quando recusei a comida. E na festa dos meus pais, quando ele ficava tentando colocar hambúrgueres, salada de batata e massa no meu prato. Achei que fosse apenas uma provocação por eu ser magra, mas e se não fosse isso? E se o fato de eu não comer o deixasse nervoso, trouxesse traumas passados, e a reação dele fosse me coagir a comer?

Isso me deu vontade de saber mais sobre ele. Descobrir o que o movia, para que eu evitasse pisar em outras minas terrestres escondidas.

— Sinto muito — falei.

— Não sinta. Não quero a sua piedade.

Abri a boca para dizer que não era piedade, mas mudei de ideia. Ele não acreditaria em mim de qualquer maneira e, conhecendo-o, provavelmente veria meu arrependimento apenas como mais uma coisa para explorar.

O restante do trajeto para o norte passou em um silêncio travado, pontuado apenas pelas minhas instruções. Theo manteve o carro em uma velocidade um tanto razoável, mas eu ainda estremecia toda vez que ele mudava de faixa rápido demais ou colava na traseira de outro carro. Depois da noite do acidente, eu tinha evitado veículos motorizados ao máximo e, apesar de analisar os motivos na terapia, estar neles ainda me apavorava. Especialmente quando alguém em quem eu não confiava estava ao volante.

— Me conte mais sobre a festa de hoje à noite — disse Theo quando estávamos a alguns quilômetros de distância. Tudo o que eu realmente tinha dito a ele por mensagem era que haveria muita gente para ele socializar.

— É na casa de verão de Cordelia Fentwick — expliquei.

— Achei que você a odiasse.

— E odeio.

— Qual é o motivo da festa? — perguntou ele.

— É a celebração anual do dia da morte do falecido marido de Cordelia.

— Isso não pode ser real.

— Garanto que é. Ele faleceu há vinte anos e, todo ano, no aniversário da morte dele, ela dá esse jantar enorme e luxuoso, com a renda destinada à pesquisa do câncer de pulmão.

— Foi disso que ele morreu?

— Não. Ele teve um derrame em um campo de golfe.

O volante rangeu de tanto que Theo o apertou.

— Stella.

— Estou falando sério! Foi assim mesmo que ele morreu. E não, eu não sei por que o dinheiro vai para outra coisa. Provavelmente porque ela o odiava.

Ele balançou a cabeça.

— Imagine ser mesquinho a esse ponto.

— Bom, pelo menos essa mesquinhez resulta em muito dinheiro indo para a pesquisa de uma forma realmente mortal de câncer. E…

Ele olhou para mim.

— E o quê?

Suspirei. Hora de dançar com o diabo.

— E como Cordelia é uma babaca mesquinha, isso significa que muitos outros como ela estarão presentes, então você deve ter bastante gente para caçar.

— Seus pais vão estar lá.

— Sim — falei, com o tom de voz ríspido porque não gostei da insinuação. — Porque eles querem genuinamente contribuir com dinheiro para a pesquisa.

— Cordelia estava na festa *deles*.

— Ela é tia do meu pai e eles a convidaram por educação.

O perfil dele se contorceu em uma careta.

— Você é parente daquela vaca velha?

— Infelizmente, sim.

Ele voltou o olhar para mim novamente.

— Acho que eu não deveria estar surpreso. Vocês duas têm uma semelhança bizarra uma com a outra.

Fuzilei-o com o olhar.

— Ela tem um metro e meio, cabelo ruivo flamejante e parece o cadáver reanimado de um sapo.

— Como eu disse: bizarra.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que tinha sentido tanta vontade de esmurrar alguém. Não havia absolutamente nenhuma esperança de nos darmos bem.

— Me explique como vai ser a festa — disse ele enquanto saíamos da estrada principal e começávamos a subir as colinas.

— Vai ter bebidas e antepastos assim que chegarmos. Não exagere neles, porque os jantares da tia Cordy costumam ter cinco pratos. Depois, vai ter mais socialização e dança, seguidos pela arrecadação de fundos.

— E quem você espera que esteja lá?

Suspirei, vasculhando a memória.

— Não venho a um desses há anos, mas os convidados raramente mudam nos nossos círculos, então imagino que os grandes nomes serão os MacArthur, os Warner, os Crown, os Rosenfield e os Bluhm. Talvez os…

— Os Bluhm? — interrompeu Theo. — Tipo o Bradley?

— Obviamente não, já que ele está ocupado fugindo pela Europa. E provavelmente nem os pais dele; acho que eles estão praticamente confinados em casa. Mas a tia, o tio e os primos dele ainda estão por aí e, pelo que minha mãe disse, estão dizendo a quem quiser ouvir que Brad sempre deu calafrios neles, mesmo quando criança.

Theo bufou.

— Por favor, me diga que você não é burra o suficiente para acreditar nisso.

Coloquei as mãos no colo, apertando-as uma na outra para evitar que eu avançasse e apertasse a garganta de Theo.

— Não, não sou. Especialmente porque eu sei, de fontes confiáveis, que eles ajudaram a encobrir alguns dos crimes de Brad quando ele era mais jovem.

— Você entende tudo sobre esse tipo de comportamento, não é? — provocou ele.

Virei a cabeça para o lado, encarando-o.

— O que você quer dizer com isso?

Ele me lançou um olhar fulminante.

— Por favor. Eu fiz minha pesquisa. Sei tudo sobre as merdas horríveis que você fez e saiu impune porque seus pais jogaram dinheiro no problema.

— Olha, eu sou a primeira a admitir que fui uma idiota inconsequente quando era mais jovem, mas dirigir embriagada e pegadinhas que fugiram do controle *não* são a mesma coisa que enfiar o carro no quarto de alguém porque a pessoa recusou um encontro.

— Mas atropelar alguém é.

Arfei, perdendo o fôlego.

— Você não faz ideia do que está falando.

— Não? Você não atropelou uma mulher e depois saiu de fininho?

— Cala a boca — falei, e em minha mente, vi Maddie correndo em direção à escuridão enquanto Runa gritava.

— Não se sente tão superior agora, não é? — disse Theo, em um tom feio e provocador.

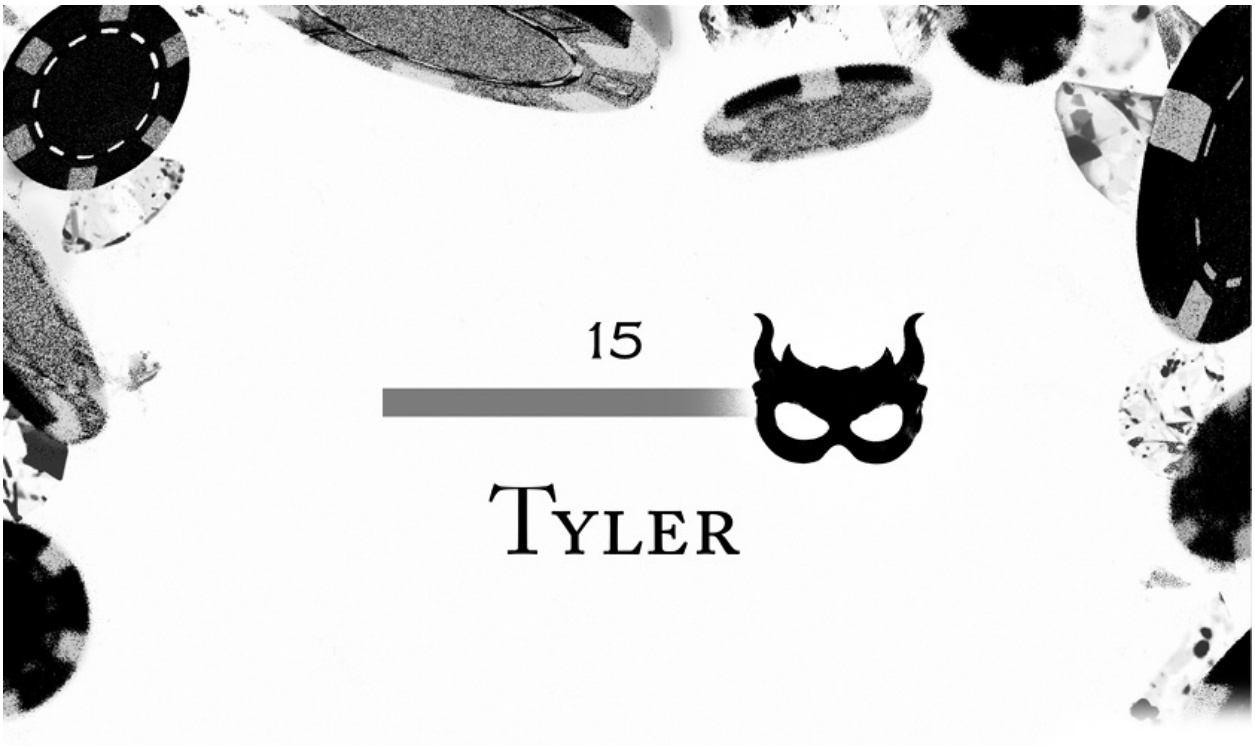
— Eu disse pra calar a boca. — Meus ouvidos começaram a zumbir.

— Fale a merda que quiser, mas a verdade é que você é tão ruim quanto o resto desses babacas.

— Não, não sou — falei, com a voz tremendo.

— Diga isso à mulher que você…

— Não era eu quem estava dirigindo a porra do carro! — gritei.



15

Tyler

Stella saltou do carro antes mesmo de eu parar completamente.

Saí do carro, joguei minhas chaves para um manobrista que esperava e corri para alcançá-la.

— Stella.

Ela me ignorou e continuou caminhando em direção à mansão de tijolos absolutamente monstruosa de sua tia-avó. Graças a Deus não havia ninguém aqui fora para testemunhar a cena, exceto os manobristas. Pelo número de carros enfileirados na entrada, devíamos ser uns dos últimos convidados a chegar.

— Stella — chamei novamente, mais alto. Ela acelerou o passo, quase correndo.

Que inferno, não era assim que deveríamos entrar, mas eu não tinha ninguém para culpar além de mim mesmo. Falar sobre minha infância sempre me deixava *furioso*, e Stella era um alvo tão fácil. Não apenas por sua proximidade com Richard, mas porque ela havia se tornado algo como a personificação de tudo o que havia de errado com os ricos. Então, eu descontei nela e fui longe demais. E, embora não fosse dizer que sentia muito pelo que fiz, eu não era inteiramente imune ao arrependimento.

Por que eu não conseguia me lembrar de que, para isso dar certo, Stella precisava estar disposta a trabalhar *comigo*? Porra, se ela estivesse falando a

verdade, era exatamente isso que ela estava tentando fazer esta noite. E eu estraguei tudo porque não consegui controlar a porra do meu temperamento.

Aumentei o ritmo e a segurei pela cintura, tirando-a do chão e arrastando-a para trás de uma cerca de sempre-vivas.

— Me *solta*! — gritou ela, debatendo-se.

Um dos manobristas deu um passo à frente.

Apontei o dedo para ele em advertência.

— Cem pratas pra cada um de vocês que cuidar da porra da própria vida.

Ele recuou, fazendo mímica de fechar um zíper nos lábios. Os outros seguiram o exemplo.

Balancei a cabeça e segui para as sombras, enojado por aquilo ter funcionado tão facilmente. Eles não me conheciam. Não havia nada que garantisse que eu não estava prestes a agredir a mulher em meus braços. E, no entanto, bastou dinheiro para corrompê-los.

Contornamos a lateral da casa, onde soltei Stella no chão, prendendo-a contra a parede pelos ombros antes que ela pudesse escapar.

— Como assim, você não estava dirigindo? Você era a única no local do acidente.

Lágrimas se acumularam nos cantos dos olhos dela. Ela balançou a cabeça.

— Não vou discutir isso com você. Não te devo porra nenhuma.

— Eu vou me tornar um desgraçado ainda maior se você não me contar.

— Que seja — disparou ela. — De que me importa? — O lábio inferior dela tremeu, e ela o mordeu como se estivesse tentando evitar que eu percebesse.

Meu coração martelou contra as costelas. Eu odiava aquilo. Odiava ver a vulnerabilidade dela. Preferia mil vezes que ainda estivesse gritando comigo. Baixei o tom de voz.

— Não. Me diga o que você quis dizer. Por todos os documentos que li, estava claro que você estava dirigindo.

— Como? — perguntou ela, com a voz falhando. — Minhas digitais não estavam em lugar nenhum do lado do motorista.

— Você as limpou.

— Então por que as da Maddie ainda estavam lá?

Pisquei, atordoado.

— Isso não constava nos autos do processo.

— É, graças aos advogados dela.

Afrouxei o aperto em seus ombros. Será que ela estava… falando a verdade? Stella realmente não estava dirigindo? Maldita seja, eu ia acabar com a raça do

meu detetive particular. Eu pagava caro demais para ele deixar passar uma merda dessas. Ele deveria cavar até que todos os corpos fossem desenterrados, e continuar cavando até encontrar os que ninguém sabia que existiam. Ele nunca tinha falhado comigo antes, mas se Stella estivesse sendo sincera, ele claramente tinha feito merda.

Ela deve ter percebido minha distração, porque conseguiu escapar do meu aperto antes que eu percebesse que estava se movendo. Desta vez, quando corri atrás dela, havia um casal de idosos caminhando pela entrada, então não pude arrastá-la de volta para as sombras.

Stella acenou para eles.

— Sr. e Sra. Ashley. Bom ver vocês de novo.

— Srta. McCormick — respondeu o homem.

A mulher não disse nada, e eu lancei a ela um olhar de censura antes de alcançar Stella, cauteloso para não tocá-la desta vez, porque ela parecia prestes a gritar.

— Não faça nada para estragar isso — avisei em voz baixa enquanto nos aproximávamos da porta da frente.

— Não vou — retrucou ela.

E então estávamos lá dentro, aceitando taças de champanhe de um garçom posicionado na entrada. Meu olhar subiu para a grandiosa escadaria em caracol, que levava a vários andares até uma claraboia de vitral lá no alto. As obras de arte penduradas pareciam pertencer a uma vitrine à prova de balas, e eu nem queria saber o custo da estátua antiga que atualmente servia de cabide para casacos.

Será que ela realmente não estava dirigindo o carro?, eu me perguntava, com a mente presa em um loop.

— Stella?

Nós nos viramos, e lá estavam os pais dela indo em nossa direção com expressões idênticas de surpresa.

— Eu não sabia que você viria — disse a mãe dela.

— Você me convidou — respondeu Stella, com tom ríspido.

Georgie arqueou as sobrancelhas.

— E você veio para quê? Para fazer eu me arrepender do convite?

Stella suspirou.

— Desculpe. Tive um dia longo.

Abri um sorriso, forçando leveza na voz.

— A culpa de estarmos atrasados é minha. Não conseguia encontrar minhas abotoaduras. — Levantei os pulsos para demonstrar.

O pai dela balançou a cabeça.

— Você deveria ter ligado. Eu teria emprestado as minhas.

— Na próxima — respondi.

Georgie se aproximou de Stella e baixou o tom de voz.

— Como Runa estava quando você a visitou?

Tive que me esforçar para não reagir. Runa era o nome da mulher que Stella, ou Maddie, tinha atropelado com o carro.

Ao meu lado, Stella ficou rígida, mantendo os olhos fixos na mãe com muito cuidado enquanto respondia.

— Ela estava bem.

— Já sabemos se a cirurgia deu certo? — perguntou Phil.

— Ainda é cedo demais para dizer — disse Stella. — Podemos, por favor, falar de outra coisa?

Georgie franziu a testa.

— Querida, eu gostaria que você nos deixasse cobrir parte dos custos.

— Mãe — disse Stella entredentes. — Aqui não.

Minha cabeça girou. De que porra eles estavam falando? Stella era, de alguma forma, responsável pelas despesas médicas de Runa? Isso não podia estar certo. Ela havia sido considerada inocente de todas as acusações.

Lutei para não deixar a confusão transparecer no rosto enquanto a encarava. Seria por isso que a herança dela estava “bloqueada”?

Um movimento chamou minha atenção pelo canto do olho. As pessoas estavam lançando olhares em direção ao nosso grupo ou, mais especificamente, em direção à minha namorada de mentira. Ela era fácil de localizar, destacando-se como um peixe fora d’água por ser a única com tatuagens e piercings, a única com uma maquiagem tão dramática — contorno completo, cílios postiços, batom roxo mate. O vestido dela era outro ponto focal: preto, diáfano, com um decote em V profundo que combinava muito mais com um tapete vermelho do que com aquela reunião cafona.

Stella devia ter notado a atenção extra, mas, pelo jeito que girava sua taça de champanhe intocada, parecia completamente indiferente. Ainda assim, dei um passo para mais perto dela e coloquei a mão na base de suas costas em um gesto silencioso de apoio.

Sim, eu tirava sarro das escolhas de estilo dela, mas não havia maldade real nos meus comentários. Eu fazia isso pelo prazer doentio de saber que tinha

conseguido tirá-la do sério. Mas esses filhos da puta eram cruéis em suas críticas. Embora eu odiasse Stella, me irritava vê-la como alvo da censura deles.

— Ah, graças a Deus — disse uma voz masculina.

Richard. Meu humor despencou direto para o inferno.

Ele parou ao lado do pai da Stella.

— Phil, esta é a última dessas festas que eu venho. Dennis já está bêbado e não cala a boca sobre a vez em que ficou abaixo do par no Ocean Course em 2015.

Phil sorriu com bom humor.

— Para ser justo, se eu conseguisse esse feito, provavelmente também nunca calaria a boca.

Georgie lançou um olhar confuso para a dupla.

— É o campo de golfe mais difícil do país — explicou Phil.

Ela revirou os olhos.

— Dennis trapaceia no gamão e fica sem fôlego subindo escadas, então me perdoe se eu tiver dificuldade em acreditar que ele não errou feio em todos os dezoito buracos.

Richard soltou uma risadinha. Phil balançou a cabeça, parecendo ao mesmo tempo divertido e profundamente apaixonado pela esposa. Ao meu lado, Stella permanecia imóvel e quase sem expressão, como se nem os tivesse ouvido.

Segui o olhar dela em direção a uma mulher baixinha, de aparência familiar, com nariz de botão e grandes olhos azuis. Seu cabelo loiro estava modelado em ondas soltas e, combinado com a maquiagem iluminada e o vestido rosa-bebê, parecia que ela tentava parecer mais jovem do que era.

Maddie.

Merda.

— O que *ela* está fazendo aqui? — balbuciou Stella, a voz falhando.

— Quem? — perguntou Phil, esticando o pescoço. O olhar dele pousou na mulher e, pela primeira vez desde que o conheci, seu comportamento calmo e afável deu lugar a algo cru e colérico.

Voltei minha atenção para Maddie e seu teatrinho de loira inocente. Era uma tática ardilosa, na verdade, considerando o que eu já sabia sobre ela. Mesmo que Stella estivesse mentindo e Maddie não tivesse sido quem atropelou Runa, sua lista de pecados era extensa.

Stella praguejou e se afastou bruscamente do nosso grupo, indo direto para um corredor lateral. Cabeças giraram para acompanhar sua saída, e isso foi o suficiente para atrair a atenção da mesmíssima mulher que ela tentava evitar.

Maddie a avistou através da multidão, uma expressão determinada tomando conta de seu rosto enquanto ela pedia licença às pessoas ao seu redor e ia atrás de Stella. Pelo ângulo em que Stella estava, ela nem veria Maddie chegando.

— Ah, não — disse Georgie, percebendo a mesma coisa.

Phil se virou para intervir, mas eu o impedi.

— Eu cuido disso — falei, seguindo Stella, alongando o passo para alcançá-la sem parecer que estava correndo. Eu não queria atrair ainda mais atenção para a rota de colisão das duas.

Infelizmente, Maddie não teve a mesma cautela e saiu correndo direto para Stella. Merda. Mais gente estava percebendo. Conversas começavam a minguar e cabeças se viravam para a dupla. Aquelas pessoas obviamente conheciam o histórico das duas e sentiam que um barraco estava prestes a acontecer. Os olhares famintos em seus rostos reviraram meu estômago, lembrando-me de um bando de abutres se preparando para descer sobre um cadáver fresco.

Abandonei minha tentativa de agir com naturalidade e alcancei Stella com um último arranque.

— Vá — falei, com a mão em suas costas para empurrá-la para frente.

Abrimos espaço na multidão e chegamos à entrada de um corredor.

— Stella! — chamou Maddie atrás de nós.

— Não — falei, mas Stella me ignorou.

Ela parou de repente, o rosto como uma nuvem de tempestade enquanto se virava.

— O que foi?

Maddie parou logo atrás de nós, os olhos brilhando, o queixo tremendo. Ela deu mais um passo à frente e meus instintos de defesa dispararam. Aquela demonstração emocional era falsa. Eu percebia pela respiração compassada, pela falta de cor nas bochechas, pelo jeito que os braços pendiam tão relaxados ao lado do corpo e pela forma como ela olhava para a multidão, como se aquilo fosse um espetáculo.

— Stella — falei mais uma vez, com a voz baixa, tentando alertá-la de que aquilo era uma armadilha.

— Eu só quero conversar — disse Maddie.

Eu esperava que Stella explodisse, que gritasse com Maddie como gritara comigo no carro, mas a voz dela saiu mortalmente calma.

— Sobre o quê, Maddie? Sobre como você está pronta para ir à polícia e confessar tudo?

O rosto de Maddie se transformou na própria imagem da inocência.

— Stella, por favor.

— Se não for isso — continuou Stella —, então você deve estar aqui para se oferecer para me reembolsar pelas contas médicas de Runa.

— Por que eu te reembolsaria? — disse Maddie com uma falsa emoção na voz. — Eu não fiz nada.

Stella rosnou e tentou avançar, mas eu a segurei pela cintura.

Maddie soltou um gritinho de susto e recuou meio passo enquanto sussurros indignados subiam da multidão. Merda. Se Stella mordesse a isca e esmurrasse aquela mulher, duvidava que fôssemos convidados para mais festas, e então meus planos estariam arruinados.

Encostei os lábios na lateral da cabeça de Stella, logo acima da orelha, e baixei a voz para que apenas ela ouvisse.

— Ela está te provocando. Seja inteligente.

Stella levantou a cabeça bruscamente, por fim notando nossa plateia de curiosos.

Maddie enxugou uma lágrima.

— Eu só achei que, depois de tudo o que você fez comigo e com a minha família, a gente pudesse finalmente conversar.

Stella estava a um passo da violência. Eu sentia isso na forma como o corpo dela praticamente vibrava com a necessidade de avançar sobre a outra mulher. Sorrateiramente, apertei meu braço em torno dela.

— Olha — disse Maddie em um sussurro teatral. — Eu sei que muito do que aconteceu foi por causa do seu vício, mas achei que agora que você está sóbria, pudesse estar pronta para se desculpar.

— Sua fi…

Puxei Stella pela cintura, usando meu corpo para protegê-la dos olhares dos curiosos. Minhas mãos subiram rapidamente para o rosto dela, forçando-a a olhar para mim.

— Vá — ordenei num sussurro. — Eu te encontro quando terminar com ela.

Os olhos de Stella estavam furiosos enquanto me sondavam, mas ela deve ter ouvido algo no meu tom de voz que a convenceu, pois assentiu levemente e se soltou do meu aperto. Dando meia-volta, ela seguiu pelo corredor sem olhar para trás.

Hora de resolver esse problema.

Forcei uma expressão de preocupação ao me virar para Maddie.

— Você está bem?

Ela balançou a cabeça, soluçando.

— Não. Você ouviu como ela quase me chamou?

Fale um pouquinho mais alto, querida, rosnei internamente. *Acho que as pessoas lá no fundo ainda não te ouviram.*

— Ouvi. Vamos ali nos recompor um minutinho — falei, conduzindo-a para longe da multidão, em direção à entrada. — Tome. — Entreguei a ela o lenço do bolso do meu terno.

— Obrigada — disse Maddie, fazendo um espetáculo ao dar batidinhas nas bochechas.

A raiva subiu do fundo do meu estômago, mas consegui manter no rosto uma expressão de empatia preocupada. As pessoas ainda nos vigiavam, com olhos atentos, famintas por um escândalo.

Parei a poucos passos da porta da frente, de costas para a multidão. Um olhar por cima do ombro confirmou que ninguém estava perto o suficiente para me ouvir antes de eu falar novamente.

— Se você fizer qualquer coisa para perturbar minha namorada de novo, eu vou garantir que todo mundo descubra a vira-lata asquerosa que você realmente é.

Maddie ergueu a cabeça bruscamente, olhos semicerrados, lágrimas falsas esquecidas.

— *Como é que é?*

— Você me ouviu. — Sorri para ela, deixando o silêncio se arrastar, sustentando seu olhar até que ela desviasse o contato visual.

Ela abriu a boca, claramente prestes a fazer um escândalo.

— *La Mer* — falei.

Os dentes dela se fecharam no ato.

Soltei uma risadinha.

— Esse era o nome do barco, não era? Tenho que admitir, seus pais fizeram um bom trabalho apagando os rastros nos seus crimes anteriores. Mas digamos apenas que eles não foram tão minuciosos com aquele incidente em Turks e Caicos.

Ela fungou.

— Não sei do que você está falando.

— Ah, sabe sim — garanti, com a voz enganosamente suave. — Eu não sou a Stella nem nenhum dos outros idiotas com quem você está acostumada a lidar. Você não vai me fisgar com esse teatrinho de inocente. Eu sei tudo o que você fez naquela noite. — Inclinei-me mais perto. — Então, você vai sair por essa porta agora e vai tirar uns meses de folga da vida social.

— Meus pais…

— Emily — falei, aumentando a voz o suficiente para que ela ecoasse. Ela se calou, espiando por trás de mim para ver se alguém tinha ouvido.

Baixei o tom novamente.

— Era esse o nome dela, certo? A garota que beijou seu namorado. Aquela que "escorregou e caiu" — falei, levantando as mãos para colocar as últimas palavras entre aspas no ar. — Comprar um legista é um negócio arriscado, porque, se eles falsificam um laudo por dinheiro, farão muitas outras coisas por grana também. Como responder a perguntas.

O rosto de Maddie empalideceu.

— Quem é você?

— Pode me chamar de Sr. Strickland — respondi. — Agora, saia.

A raiva tomou conta do rosto dela. Ela tinha sido uma pirralha mimada a vida inteira, paparicada, acobertada, e não estava acostumada a receber ordens.

— E só para deixar claro, eu não dou a mínima para quem você é — falei. — Não me importa que você seja rica. Não me importa que você seja mulher. Se disser qualquer coisa a qualquer pessoa sobre isso, vou fazer o que você fez com Emily parecer brincadeira de criança. E vou *rir* enquanto faço isso.

Eu sorri, imitando uma expressão que vi uma vez no rosto do pai de Josh; mostrando dentes demais, os olhos vazios e fora de foco, como se eu estivesse olhando através dela, para a cartilagem e os ossos por baixo. Como se eu não pudesse esperar para ouvir o quão alto eu conseguiria fazê-la gritar.

Maddie se virou e fugiu pela porta.



Encontrei Stella andando de um lado para o outro em um escritório (essas casas de gente rica estavam infestadas deles), abrindo e fechando as mãos, os olhos vermelhos como se ela estivesse lutando contra lágrimas de puro ódio. Ela não me viu de imediato, o olhar fixo no tapete, e isso me deu um momento para observá-la. Ver suas pernas longas chutando a saia do vestido a cada passo. O jeito que mechas soltas de cabelo roçavam a pele pálida de suas costas expostas.

Ela não tinha machucado Runa; tinha sido Maddie. Depois do que Stella disse lá fora, daquela interação com os pais e, depois, da cena com Maddie, eu estava convencido disso agora. E, embora Stella estivesse longe de ser inocente, eu

podia admitir que ela provavelmente não tinha feito o suficiente para merecer a forma como eu a tinha tratado até então.

Porra, como eu ia consertar isso?

Fechei a porta e me encostei nela.

A cabeça de Stella se ergueu bruscamente. Ela me avistou, pegou um peso de papel de uma mesa próxima e o arremessou na minha cabeça.

Mal consegui pegá-lo no ar.

O rosto dela se contorceu de raiva, as mãos se curvando como garras enquanto ela avançava sobre mim.

— Seu desgraçado! Passei sete anos evitando aquela cadela porque *sabia* que ela faria alguma merda assim, e você me arrastou direto para ela.

Mantive minha posição, pronto para bloquear o golpe que eu sabia que viria.

— Tecnicamente, você escolheu esta festa.

— Ah, vai se foder, Theo — disparou ela, meu nome falso soando estranho em seus lábios. — Você me forçou a voltar para este mundo!

Ela investiu contra mim, mas foi fácil segurar o pulso dela no ar, prender a outra mão antes que ela atingisse meu rosto e bloquear a joelhada que ela mirou na minha virilha. Sem querer machucá-la, eu me virei e a prendi contra a porta, imobilizando suas mãos acima da cabeça e usando meu corpo para achatá-la contra a madeira. O peito dela arfava contra o meu. Olhei para baixo, encontrando olhos que haviam se tornado escuros de fúria. Eles desceram até o meu ombro e eu soube, eu *soube* que ela tentaria me morder, mas não fiz nada para impedi-la.

Um batimento cardíaco depois, ela atacou. Seus dentes afundaram no tecido do meu paletó, mordendo com força suficiente para machucar. Não recuei. Não gritei com ela. Por mais doentio que parecesse, parecia certo deixá-la me ferir depois de tudo o que eu tinha feito com ela. Era quase… uma libertação. Quase me fazia bem, como se ela estivesse finalmente me dando o que eu tanto pedia.

Brat.

Balancei a cabeça, estremecendo quando Stella mordeu ainda mais forte. Não. Não era isso. Fui um lutador a vida inteira, não tinha um único osso submisso no meu corpo. Isso era apenas o alívio de vê-la tão furiosa. Eu estava acostumado com esse tipo de raiva; vinha alimentando-a dentro de mim desde que conseguia me lembrar. Eu sabia falar a língua da raiva, sabia como usá-la contra ela.

— Eu acredito em você — falei.

Stella me soltou, a nuca batendo contra a porta enquanto ela fechava os olhos, toda a disposição para a briga se esvaindo.

— É, bom… ninguém mais vai acreditar. — Um tremor percorreu o corpo dela. Outro. Lágrimas escaparam por baixo de suas pálpebras, e ela mordeu o lábio inferior para conter o tremor.

Eu era provavelmente o último ser humano — além de Maddie — que ela gostaria que a consolasse naquele momento, mas como eu era a única pessoa por perto, era eu ou ninguém. Porra, ela provavelmente preferiria ninguém, mas eu estava me sentindo culpado o suficiente pelo jeito como vinha tratando-a para achar que tinha a obrigação de fazer alguma coisa.

Eu precisava de apenas uma mão para manter os pulsos dela presos, então soltei a outra, envolvendo a nuca dela e puxando-a para frente até que sua testa descansasse contra o meu peito — uma decisão perigosa, dada a propensão dela para morder.

— Você não vai precisar ver ela em nenhum outro evento — falei. — Dei um jeito nela.

— Como? — murmurou Stella contra mim.

— Digamos apenas que você não é a única pessoa de quem eu conheço podres.

Ela ficou em silêncio por um longo momento, respirando de forma profunda e compassada, como se tentasse se acalmar.

— Mesmo depois de tudo o que ela fez, mesmo depois de todos os anos que passei odiando-a, eu não esperava por isso. O que eu fiz com a família *dela*? Meu Deus, ela é diabólica.

— É — concordei.

— Não quero voltar lá para fora. Todas aquelas pessoas malditas. — Ela respirou fundo mais uma vez para se estabilizar. — Eu vi os rostos delas. Maddie sempre será a garotinha inocente para elas, e eu sou a vadia má que tentou arruinar a vida dela. Eu *odeio* ela. *Odeio* todas elas.

Inclinei a cabeça dela para cima.

— Então me ajude a derrubá-las.

— Por que eu deveria? — perguntou ela, seus olhos buscando os meus. — Quem garante que você não vai dar meia-volta e me apunhalar pelas costas quando eu terminar? Ou continuar acumulando mais dívidas toda vez que eu te irritar, para que eu fique presa sob seu domínio para sempre?

Soltei um suspiro pesado. Era hora de fazer o que fosse preciso para consertar as coisas.

— Tudo bem. Vai ficar em três milhões fixos, como combinamos, mesmo que você me irrite constantemente.

— Repito: por que eu deveria acreditar em você? Você já me disse que eu seria uma idiota se confiasse em suas falsas promessas.

— Eu *sei*. Mas isso foi porque pensei que você fosse exatamente como eles.

— Eu *sou* exatamente como eles — disse ela. — Você deixou isso bem claro, porra.

— Então por que você está pagando as contas de Runa?

— Isso não é da sua conta.

— Posso descobrir com alguns telefonemas, mas prefiro ouvir de você agora e economizar meu tempo e dinheiro.

— Como se você fosse acreditar em mim — disse ela, com acidez.

Eu a observei por um momento.

— Não há registro oficial. Então, o que você fez, Raio de Sol? Resolveu em uma ação civil privada?

Ela cerrou a mandíbula e desviou o olhar, confirmando minhas suspeitas.

— Você fez isso, não foi? Você admitiu a culpa. — Franzi a testa. — Por quê? Você já tinha sido absolvida no processo criminal.

Ela tentou puxar os pulsos do meu aperto, mas eu os mantive presos contra a porta.

— Por quê? — repeti.

— Porque Runa não podia pagar — disse ela, com a voz baixa, os olhos evitando os meus.

— E você podia.

Não era uma pergunta, mas ela assentiu.

— Você realmente odeia essas pessoas tanto quanto diz? — perguntei, querendo ver a resposta dela de perto, onde ela não pudesse se esconder.

— A maioria delas, sim. Com cada fibra do meu ser. Por que você acha que passei tanto tempo da minha vida me dopando com drogas e álcool, e agindo de forma tão estúpida e imprudente? Eu estava atacando. Sendo uma criança rebelde e egocêntrica porque ou era isso ou me desligar completamente deste mundo.

— Por que não fez isso?

— Porque eu tinha medo de que isso significasse perder minha família também.

Encarei os olhos dela, procurando por mentiras, mas não vi nenhuma. Apenas medo, raiva, arrependimento.

— Por que *você* as odeia tanto? — perguntou ela.

Forcei um sorriso, passando o polegar pelo lábio inferior dela, admirando a forma como a cor permanecia perfeitamente no lugar. Será que ela tinha aprendido a lição com nossos dois primeiros encontros e mudado para algo que não borraria se nos beijássemos de novo? Isso significava que ela *queria* que eu a beijasse novamente?

Balancei a cabeça, afastando esses pensamentos.

— Digamos apenas que eu presto atenção no que acontece nesta cidade, e não gosto que existam regras para mim, mas não para vocês. Não há como Bradley Bluhm ser o único monstro escondido nesses círculos e, se o nosso sistema de justiça não lidar com eles, então outra pessoa deveria.

— E essa pessoa é você?

— Não vejo mais ninguém se prontificando.

O olhar dela percorreu meu rosto, afiado, observador. Mantive a expressão cuidadosamente neutra, porque estava claro que estávamos nos aproximando de um momento crítico, aquele em que Stella finalmente decidiria o que queria: me ajudar a derrubar essas pessoas ou continuar no meu lado ruim.

— Vamos lá — falei suavemente. — Você sabe que quer acabar com elas.

— Eu quero — admitiu ela. — Mas apenas financeiramente. Não quero ser cúmplice de pessoas sendo feridas de qualquer outra forma.

— Eu só vou machucar elas se me obrigarem a isso — falei, repetindo a frase que já havia dito a ela.

Ela revirou os olhos, e a luz suave do teto captou os reflexos dourados em suas íris. Pessoas que diziam que olhos castanhos eram sem graça nunca os tinham visto de perto o suficiente para perceber sua verdadeira beleza.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, com a voz baixa e rouca.

Parei, meus lábios a um centímetro dos dela. Que porra eu *estava* fazendo? Perdendo a maldita cabeça, aparentemente.

Forcei um sorriso.

— Tentando seduzir você para concordar com meus planos. Está funcionando?

Ela se soltou do meu aperto.

— Meu Deus, você é tão insuportável! Eu nem sei por que te contei tudo disso.

No momento em que me virei, ela já estava no meio da sala.

— É porque você se importa profundamente com a minha opinião pessoal sobre você.

Ela pegou um pequeno globo terrestre de uma estante e o atirou em mim. Consegui bloqueá-lo antes que atingisse minha virilha.

— Porra! Trégua, ok? Queremos a mesma coisa. Você fora das dívidas, e esses babacas atolados nelas. Só precisamos encontrar uma maneira de trabalharmos juntos sem nos matarmos. Deve ser fácil o suficiente.

— Fácil o suficiente? — repetiu ela. — Foi o que tentei fazer mais cedo, e como você reagiu? — Ela estufou o peito, flexionando os braços bem abertos. Sua voz caiu uma oitava inteira em uma imitação debochada da minha. — Estou falando de terra arrasada, Stella. Explodir você da órbita, amaldiçoar toda a sua linhagem, trocar todo o piso do seu apartamento por peças de Lego.

Maldita seja, ela *não* tinha graça nenhuma.

— Pode me culpar por não confiar em você?

— Posso!

Nós nos encaramos, claramente em um impasse. Eu tinha causado a maior parte dos estragos esta noite, e eu era quem tinha mais a perder se ela não cumprisse a parte dela no acordo, então cabia a mim consertar isso. Superar minhas merdas e fazer o que tinha me proposto: trabalhar com ela, mesmo que eu não a suportasse.

— Tudo bem — falei. — Vou tentar ser menos babaca.

Ela caminhou até as janelas e escancarou as cortinas, encarando a escuridão lá fora.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Procurando porcos voadores.

— Stella — rosnei entredentes.

Ela se virou, sorrindo de canto, e percebi que era a primeira vez que ela chegava perto de sorrir na minha presença. A visão era… boa. Era boa. Só isso.

— Ah, não — disse ela, em tom de deboche. — O que foi? Não gosta quando alguém é mau com você? Isso fere seus sentimentos? Te deixa com raiva?

— Não. Me deixa excitado — retruquei.

Isso a fez calar a boca.

— Você está dentro ou não? — perguntei. — Será muito mais rápido se estivermos no mesmo time.

O que significa que você vai se livrar de mim mais cedo, não precisei acrescentar.

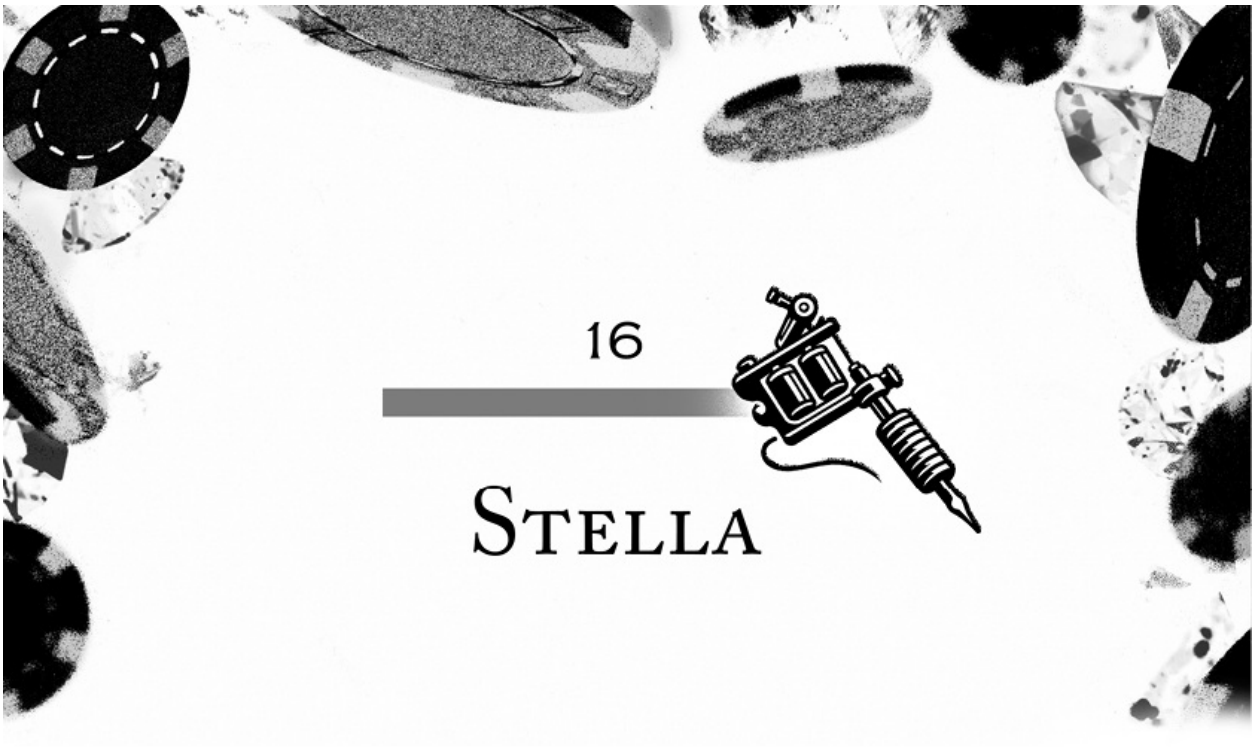
Ela me avaliou de longe, do outro lado da sala.

— Estou dentro. Mas você vai ter que me deixar assumir a liderança esta noite — disse ela. — Nenhum desses babacas velhos e caretas aqui vai aceitar um convite, pelo menos não sem te entregar imediatamente e chamar a polícia. São arrogantes demais.

Soltei um suspiro de irritação.

— Então o que porra estamos fazendo aqui? Você disse que teria alvos de sobra.

— São os filhos e os netos deles que nos interessam — disse Stella. — São eles que estão entediados e deprimidos, procurando pelo tipo de emoção que você pode oferecer. Mas primeiro temos que passar pelo jantar. Depois, podemos seguir a multidão mais jovem até o *after*, em algum outro lugar da casa ou da propriedade. É lá que a diversão *de verdade* vai começar.



16

STELLA

O RESTANTE DO COQUETEL PASSOU VOANDO. Passamos o tempo inteiro com meus pais — ninguém mais queria chegar nem perto de mim. Por fim, Cordy, parecendo um sapo em seu vestido verde-pântano, convidou a todos para a sala de jantar, onde não havia como escapar dos olhares de julgamento lançados em minha direção. O lado positivo era que eu estava tão distraída pela minha raiva remanescente que eles mal me afetavam.

É bom que Theo esteja certo, e é bom que eu nunca mais veja Maddie. Porque não haveria como me impedir de partir para cima dela. De rasgar aquela máscara de boneca americana, arrancar pedaços inteiros do disfarce para expor a criatura feia que se escondia por baixo.

Meus dedos ainda tremiam com a raiva acumulada, e eu os enfiei debaixo da mesa de jantar para evitar que alguém percebesse. A audácia daquela cadela, de ficar ali, me olhando nos olhos e mentindo descaradamente. Tinha sido como uma experiência extracorpórea e, mesmo agora, parte de mim ainda não conseguia acreditar no que tinha acontecido. Quem se comportava daquela maneira? Quem era tão manipuladora e sem alma assim?

Uma parte maior de mim reconhecia o comportamento porque eu já o tinha testemunhado em Maddie quando éramos mais jovens — em situações menores e menos horríveis, quando ela tentava manipular as coisas a seu favor. Tinham sido momentos de alerta, mas eu os ignorei porque os pais dela eram donos de

uma empresa de mídia e ela teve treinamento de relações públicas desde cedo. *Ela só está fazendo o que foi ensinada*, eu dizia a mim mesma.

Meu Deus, como eu tinha sido estúpida.

A conversa na sala pareceu desaparecer enquanto meus pensamentos retrocediam para aquela noite terrível, sete anos atrás. Eu nunca esqueceria a sensação de me ajoelhar na calçada ao lado de Runa, vendo Maddie fugir na escuridão, com o telefone pressionado contra o ouvido enquanto soluçava "mamãe", como se fosse uma criança em vez de uma adulta feita, deixando-me sozinha para lidar com os crimes dela.

A mão de Theo pousou na minha coxa, grande o suficiente para envolvê-la completamente. Ele apertou uma vez e, então, seu perfume encheu meu nariz enquanto ele se inclinava — algo vibrante e limpo, completamente em desacordo com a personalidade dele.

— Arruma essa cara — murmurou ele, os lábios roçando minha têmpora. — Parece que você está tentando colocar fogo nas pessoas com a mente.

Nossa, eu mataria por um superpoder desses.

Ele se afastou e eu tomei um gole de água para diluir o ácido que subia no meu estômago. Agora que a adrenalina estava começando a baixar, eu percebia que ia pagar o preço pelos eventos da noite. Teria que apelar para a artilharia pesada quando chegasse em casa e me dopar com o único analgésico forte que, até agora, não tinha piorado meus sintomas.

Theo riu de algo que meu pai disse, e eu olhei de soslaio. Olhando para ele, ninguém diria que ele não pertencia a este lugar. Que não tinha crescido neste mundo. Como eu temera mais cedo, ele era um imitador quase perfeito de modos e comportamentos. Inferno, até suas expressões faciais se encaixavam. Aquele sorriso quase preguiçoso e autossatisfeito. O erguer da sobrancelha enquanto lançava um comentário para minha mãe. Meu olhar caiu para suas mãos, e notei como ele segurava o garfo e a faca com perfeição.

Concordar em ajudá-lo a encurralar algumas dessas pessoas provavelmente ia explodir na minha cara — com Theo, eu estava mais convencida do que nunca de que nada era o que parecia — mas, agora, eu não conseguia sentir nenhuma preocupação ou arrependimento.

Em vez disso, um senso de retidão se abateu sobre mim. Era um alívio parar de lutar contra ele, parar de me debater e de tentar agarrar o impossível enquanto buscava uma saída para tudo isso. Escolher participar ativamente era uma sensação muito melhor, e isso tinha menos a ver com seguir o caminho de menor resistência e mais com o fato de que eu poderia finalmente extravasar a raiva que

alimentei a vida toda. Ter uma válvula de escape para ela, em vez de voltá-la contra mim mesma, como fiz durante toda a minha infância. Reivindicar minha autonomia, sair do papel de vítima para o de agressora.

Claro, eu provavelmente estava desfazendo meia década de crescimento conquistado com muito trabalho e terapia, mas quer saber? Nada desse autoaperfeiçoamento parecia metade tão gratificante quanto a promessa de vingança. E talvez isso fosse errado, talvez fizesse de mim uma pessoa terrível, mas eu realmente não me importava.

Eu estava em uma *vibe* de justiceira agora, e a sensação era *boa*.

Teria que agradecer a Runa mais tarde por me ajudar a montar a lista sobre a qual eu agora poderia agir. Eu estava até um pouco grata a Maddie, porque ela tinha acabado de deixar claro que nunca, jamais mudaria. Que nunca seria uma pessoa melhor. Quanto mais ela saísse impune, pior ela se tornaria, e eu tinha a maldita certeza de que ela estava longe de ser o pior monstro nesta sala.

Runa estava certa. Theo também. Se a lei não os fizesse pagar pelo que fizeram, outra pessoa deveria.

— Salgadinho de lagosta? — perguntou uma voz.

Eu me virei e vi uma garçonete se inclinando com uma bandeja cheia de aperitivos.

— Ah, não, obrigada — falei. — Na verdade, você poderia pedir ao chef para me fazer um sanduíche de manteiga de amendoim com banana? Em pão de forma branco, sem nada?

Ela assentiu.

— Claro.

— Obrigada. — Meu estômago estava começando a roncar, o que era um mau sinal. Um estômago vazio significava um estômago cheio de ácido, e eu precisava colocar algo nele. Logo.

— Me diga que você vai comer mais do que isso — disse Theo, seu tom quase suplicante, e por alguma razão parecia que as palavras *Depois do que eu te contei no carro* pairavam pesadas entre nós.

— Ela não pode — respondeu minha mãe por mim. — Está em uma crise.

— Mãe — sussurrei, inclinando-me para frente para lançar um olhar de advertência a ela. Pelo menos ninguém mais tinha ouvido. Entre os garçons oferecendo comida e as inúmeras conversas ao nosso redor, a voz dela não pôde ser ouvida além de alguns centímetros de onde estávamos.

Ela me ignorou com um gesto, focada em Theo.

— Ela se recusa a contar a qualquer pessoa quando as crises atacam, mas eu conheço os sinais. Pegue seu telefone, e eu vou te dizer o que observar para que você possa reconhecê-los.

Olhei para além dela, implorando silenciosamente por ajuda ao meu pai.

— Georgie — disse ele, em um tom de repreensão.

— Não — retrucou minha mãe. — Theo precisa saber dessas coisas para poder cuidar dela *quando ela se recusa a cuidar de si mesma*.

A última parte foi dita com um olhar mordaz em minha direção, e eu me encostei na cadeira, sabendo que aquela era uma discussão que eu não ganharia.

Theo me lançou um olhar curioso enquanto pegava o celular, e presumi que ele estava me examinando em busca de sinais de doença.

Esse era o problema de muitas doenças crônicas; elas eram invisíveis a olho nu. Na maior parte do tempo, eu aparentava ser uma mulher relativamente saudável, embora magra, mesmo quando estava em crise, porque, ao longo dos anos, aprendi a mascarar minha dor — o que não era incomum entre os doentes crônicos. Eu não podia falar por todos, mas, para mim, simplesmente não via motivo para mostrar sinais externos de desconforto. Qual era o sentido? Não era como se alguém pudesse fazer algo para aliviar meu sofrimento, e falar sobre isso era a última coisa que eu queria. Ruminar demais sobre o assunto poderia virar uma fixação, o que aumentaria meu estresse e resultaria em sintomas prolongados.

Então, apesar da insistência da minha mãe, eu não tinha planos de anunciar quando estava em uma crise. E eu me *cuidava*. Na maior parte do tempo. Mas não era como se o mundo inteiro parasse para mim quando minha doença atacava. Eu *tinha* que continuar trabalhando, tinha ficado boa pra caramba em gerenciar meus sintomas durante o expediente, e era ainda melhor em evitar qualquer coisa que servisse de gatilho.

A única razão de eu estar em crise agora era por causa de Theo.

Olhei de soslaio e o vi fazendo anotações enquanto minha mãe falava, e a cena me fez começar meus exercícios de respiração para não surtar. Ela achava que estava me ajudando, mas estava fazendo o oposto. A maioria das pessoas provavelmente saberia da minha gastrite e pararia de falar sobre comida, mas Theo? Apesar da nossa trégua provisória, eu temia que ele não conseguisse resistir às suas tendências babacas e passasse a me atormentar por todas as coisas que eu não podia comer ou beber.

Meu olhar vagou em direção ao meu champanhe intocado. Eu não bebia há anos porque o álcool era um dos meus maiores gatilhos, e eu nunca odiei tanto

esse fato quanto agora. Eu queria poder virar a taça de vez e aliviar minha ansiedade. Mesmo com meus remédios, eu estava lutando. Ver todos esses rostos julgadores, estar de volta a este mundo, trazia à tona muitas memórias feias. Não apenas daquela noite com Runa, mas de todas as coisas estúpidas que eu tinha feito em festas exatamente como esta. Todas as razões pelas quais eu sentia a necessidade de me dopar, para começo de conversa.

Ao meu lado, Theo guardou o celular no bolso interno do paletó e me lançou um olhar indecifrável. Nossos olhos se cruzaram, e tive um *flashback* do escritório e do grunhido baixo e masculino que ele soltou quando eu o mordi. Parecia que ele *tinha gostado*.

— Como estão os salgadinhos de lagosta? — perguntei, baixando os olhos para o prato dele. Ele tinha pegado três e já havia comido um.

— Deliciosos — disse ele, levando outro à boca com o garfo. — Quer alguma coisa além de água?

A voz dele foi alta o suficiente para minha mãe ouvir e, pelo sorrisinho dela, deve ter pensado que ele já estava cuidando de mim.

— Estou bem, obrigada — falei, levantando meu copo e tomando outro gole.

O restante do jantar se arrastou; cada prato demorava uma eternidade porque Cordelia insistia em explicar as minúcias de cada iguaria, a raridade dos ingredientes, quanto tempo levaram para preparar, sua origem remota. Por mais que eu odiasse aquela mulher, ela sabia como dar uma festa, e os aromas que emanavam de alguns pratos eram tão deliciosos que comecei a salivar, mesmo depois de terminar a primeira metade do meu sanduíche. Hesitei em comer a segunda parte, esperando para ver como se assentaria. A gastrite fazia seu estômago inchar tanto que era preciso ter cuidado. Comer demais significava dor intensa ou acabar vomitando, e eu não apreciava a ideia de ter que sair correndo daqui com a mão na boca.

Pelo jeito como Theo continuava me olhando, eu sabia que ele estava ficando impaciente para que eu terminasse minha comida, e foi naquele momento que percebi uma coisa: éramos os carrascos perfeitos um do outro. Theo tinha o que parecia ser uma necessidade compulsiva de me ver comer. Enquanto isso, eu literalmente não conseguia, e a fixação dele nisso estava começando a me estressar. Se eu fosse uma pessoa religiosa, ou tivesse qualquer crença no destino, diria que fomos colocados juntos como castigo por nossos pecados do passado.

Finalmente, a sobremesa foi servida e fui forçada a sentar em um silêncio torturante enquanto as pessoas ao meu redor se deliciavam com suflês de

aparência delicada, doces finos altamente complexos e uma torta de chocolate sem farinha absolutamente decadente.

— Nem uma mordidinha? — ofereceu Theo, inclinando-se.

Balancei a cabeça, uma onda súbita e inesperada de autopiedade tomando conta de mim. Será que eu algum dia conseguiria ter uma vida normal de novo? Ou estava condenada a uma existência de privações? Parecia injusto demais que todos os outros pudessem comer e beber o quanto quisessem sem nunca precisarem se preocupar com a dor, enquanto eu era forçada a subsistir com a dieta mais insossa imaginável e, ainda assim, sentia dor.

Theo deve ter visto um lampejo dos meus verdadeiros sentimentos estampado no meu rosto, porque voltou a endireitar a postura em vez de fazer qualquer comentário babaca que tivesse preparado.

Após o jantar, fomos para o salão de baile, onde Cordelia fez um grande discurso sobre apoiar uma causa nobre. Diferente da maioria dos eventos de arrecadação de fundos, Cordy não planejou um leilão ou qualquer outra firula. Ela simplesmente pediu aos convidados que pegassem seus talões de cheque e doassem.

— Ela nem mencionou o marido — disse Theo, com a voz baixa.

— Eu te disse que ela o odiava.

As mesas ali eram menores, redondas e não tinham lugares marcados, então as pessoas se sentavam onde queriam. Ainda estávamos com os meus pais, mas agora Richard tinha se juntado a nós, junto com os Herdwick.

— Vocês dois pretendem dançar? — perguntou Richard.

Olhamos para ele. Merda. Eu não sabia se Theo *sabia* dançar. Um cara grande e robusto como ele?

— Ainda estou criando coragem para convidar ela — disse ele.

Richard inclinou o copo em nossa direção.

— Você deveria fazer isso enquanto pode. O amanhã não é garantido para nenhum de nós.

Minha mãe se virou para mim, com uma expressão irônica.

— Com essa declaração tão sombria, como você poderia dizer não?

Richard riu com bom humor. Ele estava acostumado com as besteiras da minha mãe.

Os olhos de Theo encontraram os meus em desafio e, então, o desgraçado me estendeu a mão. Maldito seja, eu *não* queria dançar com ele. Três minutos grudada nele enquanto uma sala cheia de pessoas assistia em um julgamento nada silencioso? Passo.

— Não tem quase ninguém na pista de dança — falei, procurando uma rota de fuga.

— Isso é só porque estão esperando por um casal jovem e bonito para atraí-los para lá — disse minha mãe, me dando um empurrãozinho no ombro.

Lancei a ela um olhar que prometia vingança. Ela sorriu, parecendo estar se divertindo como nunca ao torturar um de seus filhos.

Theo aproveitou minha distração para deslizar a mão na minha e me puxar para cima. Ai, meu Deus. Isso estava mesmo acontecendo.

— Sorria, Raio de Sol — disse ele, conduzindo-me para longe da mesa.

Dei a ele o meu sorriso mais radiante, falando entredentes.

— Me chame assim de novo e eu vou pisar em todos os seus dedos do pé.

O sorriso dele se alargou ainda mais.

— Faça isso e eu devolvo o favor.

Internamente, estremeci, imaginando todo aquele peso caindo sobre meus pés.

Ele me conduziu até o meio da pista de dança e me puxou suavemente para perto. Fixei o olhar no dele para me distrair do fato de que agora éramos o centro das atenções.

A música começou. Irritantemente, Theo me conduziu em uma valsa sem esforço, praticamente deslizando pelo salão, e de repente minha atenção se voltou para não errar os passos. Fazia muito tempo desde a última vez que eu tinha feito isso, e estava enferrujada.

— Dançar juntos era realmente necessário? — perguntei, com o sorriso ainda fixo no rosto.

— Sim — respondeu Theo, dando meia-volta quando nos aproximamos da banda, que tocava um clássico lento que eu não conseguia identificar. — Ainda estou tentando conquistar a simpatia de todos. Pare de ser tão dramática. — Ele me mediu com o olhar. — Ou você está preocupada que estar tão perto de mim possa te sobrecarregar de desejo e você tente me apalpar em público?

— Você tem o rosto mais socável que eu já vi — falei, em um tom doce.

Os olhos dele faiscaram.

— Eu imploro que você tente. Adoraria uma desculpa para te dar um mata-leão.

Minha expressão permaneceu calorosa, mas meu tom era gélido.

— Não era você que não ia mais ser um babaca?

— O que posso dizer? — Ele sorriu. — Você desperta isso em mim.

Sorri de volta.

— Você tem exagerado no *whey protein*? Porque seu hálito cheira a peido de leite.

— Melhor do que o cheiro de ácido de bateria que você fica exalando.

Isso me calou, porque talvez fosse verdade.

— Pronta? — perguntou ele.

— Para quê?

Em resposta, ele me girou para longe dele tão rápido que quase saí rodopiando pela pista de dança como um pião desgovernado. Apenas o seu aperto de ferro na minha mão me impediu. Com um puxão, eu estava girando em direção a ele novamente, parando quando minhas costas bateram contra o peito dele. Sua mão livre prendeu meu ombro, mantendo-me ali enquanto balançávamos no ritmo da música por alguns compassos.

— De novo — disse ele, o único aviso que recebi antes de ele me girar para fora mais uma vez.

Desta vez, eu me deixei levar pelo movimento, permitindo que ele me conduzisse, embora preferisse mastigar vidro. Com um puxão mais suave, ele me trouxe para frente. Pressionei a palma da mão no seu ombro, a outra encontrando a dele como se fossem ímãs. Sua mão livre foi para minha cintura, tão grande que senti seus dedos cobrirem metade das minhas costas. Em vez de lutar contra ele, eu me entreguei ao seu aperto, meus longos anos de dança finalmente superando meu desconforto. Meus membros ficaram soltos, os passos firmes, e logo estávamos flutuando pelo salão.

— Onde você aprendeu a dançar assim? — perguntei, porque, por mais que eu odiasse admitir, ele conduzia muito bem.

— Por quê? Garotos pobres não deveriam saber?

— Não foi o que eu quis dizer, e você sabe disso. Pare de colocar palavras na minha boca. — Meu rosto estava começando a doer de tanto manter esse sorriso em meio à minha irritação crescente. — O que aconteceu com a nossa trégua?

— Tudo bem. — As palavras saíram ríspidas, e eu sabia que ele estava lutando tanto quanto eu, apesar de sua aparência exterior de calma. — Então o que você *quis* dizer??

— Eu só presumi que um atleta óbvio como você estivesse ocupado demais levantando animais de fazenda no supino para se dedicar à dança de salão.

— Um dos meus ex era instrutor de dança — disse ele. — Às vezes, ele me pedia para ajudar nas demonstrações. E sim, eu sou atleta, o que significa que é fácil para mim aprender qualquer coisa que envolva mover meu corpo, inclusive isso.

A música estava chegando ao fim, e Theo me girou novamente, mais devagar desta vez, permitindo que eu me estendesse totalmente; meu braço livre subindo, a mão solta como meus instrutores de balé haviam ensinado, ponta do pé esticada, pescoço alongado. Um puxão suave me fez rodopiar de volta para ele, e ele me passou de um braço para o outro antes de descer em um meio agachamento e me inclinar sobre seu joelho.

Pausamos ali, ofegantes, nós dois respirando mais pesadamente do que deveríamos. Nossos olhos se encontraram, colidiram, e eu implorei a mim mesma para não pensar na sensação dele me prendendo contra a porta do escritório. Sim, eu odiava esse homem, mas estava começando a perceber que o ódio não me impedia de querer transar com ele. Violentamente. De forçá-lo a admitir que ele também se sentia atraído por mim, e que eu não era a única presa nesse cenário infernal de desejo indesejado.

O que eu sentia por ele era menos sobre desejo e mais sobre domínio, sobre vencer seja lá que jogo doentio fosse esse. Eu seria capaz de me impedir de chegar ao clímax só para provar que conseguia fazê-lo gozar, mas que ele era inadequado demais para me dar o mesmo prazer.

Ele encostou o nariz no meu.

— Você está com olhos de tubarão de novo. Está pensando em me matar ou me beij…

Um assobio alto cortou o ar, seguido de aplausos.

Arranquei meu olhar do de Theo para ver os outros dançarinos circulando a borda da pista, alguns deles batendo palmas para nós. Ai, Jesus. Há quanto tempo éramos os únicos dançando? Há quanto tempo éramos o centro das atenções?

E por que porra eu não tinha percebido?

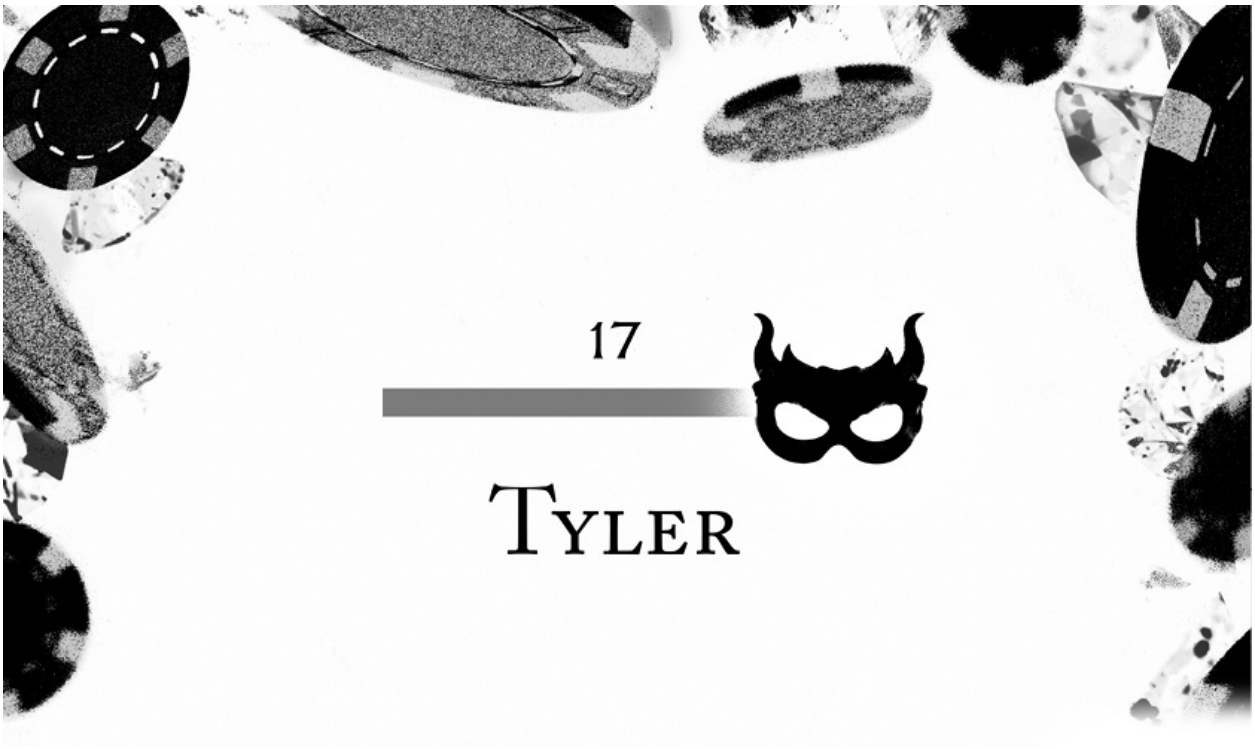
— Sorria, Raio de Sol — disse Theo, puxando-me para cima.

Algum babaca bateu com uma faca contra a taça, e logo o som metálico se espalhou por todo o salão. Não. De jeito nenhum. Eu não ia beijar esse homem na frente de uma multidão cheia de… *ah, merda*… Theo estava me girando de novo, inclinando-me sobre seu braço, minhas costas arqueando enquanto sua mão livre acariciava minha bochecha. O rosto dele preencheu minha visão, aproximando-se, e então seus lábios estavam nos meus, quentes e firmes, ali por um segundo e sumindo no próximo enquanto ele me levantava de volta.

— Faça uma reverência — disse ele em um sussurro.

Eu me afundei em uma mesura de balé enquanto ele se curvava pela cintura. Os aplausos se intensificaram.

Então eu saí apressada da pista de dança, sem me dar ao trabalho de verificar se Theo me seguia. Eu tinha que fugir, só precisava de um maldito minuto sozinha para me recuperar de seja lá o que diabos *aquilo* tinha sido.



17

Tyler

Acenei para a multidão e fui atrás de Stella, que seguia direto para uma porta lateral. Meus lábios ainda formigavam por causa do beijo e minhas mãos se flexionavam com a necessidade de tê-la em meu aperto novamente. Eu sabia que ela também sentia isso, essa atração inexplicável e enfurecedora, porque os olhos dela não paravam de descer para os meus lábios enquanto dançávamos, e suas pupilas estavam enormes, mesmo quando ela me insultava.

Atravessei a porta e parei bruscamente. Stella estava com um grupo de cerca de dez pessoas, pessoas *jovens*, ou pelo menos mais jovens do que a maioria da multidão no salão, entre vinte e trinta e poucos anos.

— Belos movimentos — exclamou um homem atraente de cabelos escuros e cacheados e lábios cheios, seus olhos verdes me devorando.

— Meus pais nos forçaram — explicou Stella. — Pessoal, este é Theo. Meu namorado. — Ela estava ficando melhor em dizer aquela palavra sem tropeçar nela.

Sorri e me juntei a eles.

— Por favor, me digam que tem algo mais forte do que vinho e champanhe nesta casa.

Uma mulher loira de grandes olhos azuis e lábios carnudos nos indicou o corredor.

— Por aqui. Cordelia mantém todas as bebidas boas trancadas quando tem visitas. Ela não quer ninguém chapado e vomitando em um dos seus tapetes caríssimos.

— *De novo* — acrescentou uma mulher morena, lançando um olhar provocador para Stella.

— Sinto muito — disse Stella. — Quem foi mesmo que colocou fogo no gramado naquela mesma festa?

A morena soltou uma gargalhada.

— Meu Deus, eu tinha esquecido disso.

— Provavelmente porque você estava em coma alcoólico — disse um homem de cabelos castanhos-claros.

Stella e eu deixamos o grupo seguir à nossa frente pelo corredor, e eu puxei seu cotovelo para desacelerá-la o suficiente para que um espaço se abrisse entre nós e eles.

— Quem são os meus alvos? — perguntei, em voz baixa.

— Todos, menos o AJ — disse ela, apontando para o homem que me cumprimentou primeiro. — O resto merece você.

— Agora quem está sendo babaca… *Ai!* — Ela beliscou minha lateral.

A loira nos ouviu e começou a se virar. Agarrei Stella pela cintura, mas ela já estava se inclinando em minha direção e, no momento em que a loira pôs os olhos em nós, estávamos colados um ao outro, meus lábios na têmpora de Stella enquanto ela ria baixinho, como se não estivéssemos prestes a sair no soco um segundo atrás.

A mulher se virou de volta e Stella imediatamente tentou colocar um espaço entre nós, mas eu a segurei.

— Alguém mais pode olhar.

Ela soltou um som de desagrado, mas permaneceu onde estava, e ficamos ainda mais para trás.

— Precisamos adicionar mais itens à lista de regras — disse ela, suas palavras pouco mais que um sussurro.

Eu baixei a voz também.

— Tipo o quê? — Era fácil adivinhar para onde aquela conversa estava indo.

— Chega de beijos.

Eu ri. Tão previsível.

— Com medo de se acostumar e ficar triste quando o nosso tempo chegar ao fim?

— Por favor. Você beija como um peixe morto.

— É por isso que você acabou de gemer na minha boca?

— Eu *não*… — Ela respirou fundo. — Eu não fiz isso.

Soltei um gemido de pornô agudo e baixinho, e Stella se apressou em calar minha boca com as mãos.

— Dá pra *calar a boca*? — sussurrou ela. Eu lambi a palma da mão dela.

Ela puxou a mão de volta com uma expressão de horror.

— Veja pelo lado positivo — falei. — Pelo menos o seu gemido não foi tão embaraçoso quanto a forma como você se esfregou em mim naquela primeira vez, como se não recebesse um trato há séculos. — Ela ficou estranhamente quieta, e eu a parei com um puxão, radiante. — É isso? Você está na seca e está preocupada que, se eu te beijar bem demais, você vai gozar em público?

Os olhos dela faiscaram com uma mistura de fúria e pânico enquanto olhava pelo corredor, obviamente preocupada que alguém pudesse ter ouvido, mas o grupo estava desaparecendo por outra porta lateral. Só quando o último deles sumiu é que ela se virou para mim.

— É assim que você faz seus clientes pagarem? Você os tortura com a sua presença até que eles finalmente surtem e concordem em te dar o que você quiser só para se livrar de você?

— Ah, não fique com vergonha — provoquei. — Quer saber? Vou fazer um favor para nós dois e aliviar essa sua tensão. Tenho certeza de que a maior parte da sua atitude de merda vem do fato de que faz muito tempo desde a última vez que você gozou.

— Ah, por favor. Você provavelmente transa como quem está arrastando uma cadeira para perto da mesa.

— E você provavelmente transa como uma modelo fitness entediada pulando em cima de uma bola de pilates.

Ela tapou a boca com a mão para abafar um som, mas eu percebi pelo jeito que seus olhos se franziram que ela estava segurando o riso.

A cena fez algo faiscar dentro de mim.

Eu a ergui pelas axilas. Felizmente, a saia do vestido dela era larga o suficiente para que ela conseguisse envolver minha cintura com as pernas, tornando muito fácil prendê-la contra a parede. Meu pau, que estava duro como pedra há mais tempo do que eu gostaria de admitir, acabou exatamente onde nós dois queríamos: pressionado no meio das pernas dela. Tão perto assim, não havia para onde ela fugir, não havia como me impedir de ver suas pupilas se dilatarem ou de sentir o modo como suas coxas tremiam ao meu redor.

— Ah — disse ela, um sorriso convencido se espalhando por seu rosto. — Então é *assim*. — Ela rebolou os quadris sobre toda a extensão do meu pau, e tudo o que pude fazer foi tentar ficar parado. — Você não está se oferecendo para me fazer gozar para que eu seja mais legal com você. Você está se oferecendo porque está desesperado por mim, não é?

— A única coisa pela qual estou desesperado é para calar a sua boca e, sinceramente, a ideia de usar meu pau para te calar está bem tentadora agora.

— Você é nojento. — As palavras foram ditas com o que parecia ser um desejo mal contido.

— Me odeie o quanto quiser, mas não minta para mim, Stella, porra. — Enfiei uma mão entre nós e, como eu suspeitava, o tecido finíssimo do vestido dela estava levemente úmido onde fora pressionado contra o V de suas pernas. Infelizmente para ela, eu conhecia muito bem o corpo de uma mulher e, com o mínimo toque dos meus dedos, eu a fiz se contorcer, seu corpo a traindo. — *Você é* quem está desesperada por *mim*.

— Hã… olá?

Congelamos, virando a cabeça para ver a loira pendurada no vão da porta aberta a 10m de distância no corredor.

— Vocês dois vêm aqui pra dentro? — Ela sorriu maliciosamente. — Ou "ficam" aí fora mesmo?

Stella me empurrou para longe dela com tanta força que quase tropecei.

— Foi mal! — gritou ela. — Toda vez que temos dois segundos sozinhos, ele acaba implorando por isso.

A loira soltou uma gargalhada e desapareceu de vista. Provavelmente para repetir o que Stella acabara de dizer. Maldita seja.

Soltei Stella, precisando de um momento para me recompor. O que diabos eu estava pensando, prendendo-a na parede daquele jeito? Se não tivéssemos sido interrompidos, eu poderia ter deslizado minha mão por baixo do vestido dela e cumprido minha ameaça de fazê-la gozar, só para provar que ela não era tão imune a mim quanto fingia ser.

Por quê?, perguntei a mim mesmo. Por que diabos importava o que ela fazia ou como se sentia? Não era como se eu realmente me importasse com a opinião dela.

Será que isso vinha da minha necessidade de provar meu valor? Ou era algo mais? Minha incapacidade de aceitar que eu era o único a notar essa atração completamente indesejada? O único que estava tão divertido quanto enfurecido? Por mais doloroso que fosse admitir, brigar com Stella era o momento em que eu

mais me sentia conectado em meses. Normalmente, meus pensamentos eram dispersos, minha mente correndo em um milhão de direções ao mesmo tempo enquanto eu tentava dar conta de tudo o que precisava fazer para garantir que minha próxima festa fosse ainda mais divertida e extravagante do que a última. Mas com Stella, eu ficava hiperfocado, precisando de toda a minha capacidade mental apenas para acompanhar suas respostas rápidas como um chicote. Eu nunca sabia o que ela diria a seguir ou como reagiria, e levar a melhor sobre ela tinha se tornado um vício. Cada vez que eu conseguia irritá-la, era como se desse mais um trago.

Brat.

Dá pra calar a porra da boca?, falei para aquela vozinha insistente. Eu não era *brat* nenhum.

Não era.

Stella era apenas um fruto proibido. Uma distração perigosa. Este acordo era apenas temporário e, em um mês ou dois, eu desapareceria da vida dela, deixando destruição pelo caminho. E a família de Stella estaria entre as baixas atingidas no fogo cruzado direcionado ao meu verdadeiro alvo. Não havia como evitar e, além disso, os pais de Stella estavam longe de ser inocentes. Eles andavam em péssimas companhias, então quem sabia quais outros esqueletos estavam escondidos em seu armário? Eles muito provavelmente mereciam o que eu tinha planejado.



Meia hora depois, eu estava reclinado no salão de bilhar, que é o jeito chique de gente rica falar salão de jogos. Era longo e largo, com tetos abobadados e lareiras duplas em cada extremidade, agora adormecidas no calor do verão. Uma mesa de sinuca ficava sob um lustre dourado no fundo da sala. Espalhados pelo restante do espaço, havia vários jogos, incluindo *cribbage*, xadrez, *mah-jongg* e gamão. Avistei até uma mesa de *blackjack* e uma roleta.

Em um canto, duas pessoas fumavam haxixe perto de uma janela aberta. Outras três cheiravam carreiras em cima da mesa de centro antiga ao meu lado. Eu me sentia como um figurante no set de um remake de *Segundas Intenções*. Nos últimos trinta minutos, tudo o que ouvi foram fofocas e reclamações sobre problemas de primeiro mundo. O único tópico que parecia tabu era o encontro entre Stella e Maddie, e achei fascinante como todos estavam obviamente

evitando o assunto. Seria outra questão de etiqueta? Eles não mencionariam na cara de Stella, mas, assim que ela saísse, o assunto se tornaria o centro das discussões?

— Strickland — disse uma voz preguiçosa.

Mudei de posição na cadeira, encontrando AJ, o bonitão que Stella disse que era proibido, me observando de uma namoradeira próxima. De todos os babacas insolentes, mimados e entediantes da sala, ele parecia o mais tolerável. O resto era tão ruim quanto os pais.

— Acho que não conheço ninguém com esse sobrenome — disse AJ.

— E? — Ergui uma sobrancelha. — Tentando determinar se eu preencho os requisitos de pedigree necessários para estar aqui?

AJ olhou de soslaio para Stella, que estava sentada ao lado dele.

— Sensível.

Ela revirou os olhos.

— Como se não fosse exatamente isso o que você estava fazendo.

Ele deu um peteleco na coxa dela.

— *Não* estava. Só queria saber se ele tem irmãos, já que obviamente está comprometido. A menos que — ele mordeu o lábio, o olhar deslizando de volta para mim — você curta tanto compartilhar este aqui quanto curtia com Caleb.

Meus olhos dispararam para Stella. Ela e AJ? E *mais alguém*? Porra, essa não era uma imagem que eu precisava na minha cabeça. Especialmente não quando meu cérebro com mau funcionamento *me* colocou no papel do *alguém* naquele cenário.

Julia, a loira, levantou a cabeça da mesa de centro e deu batidinhas no pó branco sob o nariz.

— Ah, Caleb. Ele era tão lindo. O que aconteceu com ele?

— Acho que mora em Dubai agora — disse Stella, olhando para qualquer lugar da sala, menos para mim. Por quê? Porque achava que eu a estaria julgando? Ou porque imaginava a mesma coisa que eu? AJ prensado entre nós dois, o ponto focal de todo o nosso ódio e desejo reprimidos?

— Tá, mas espera aí — disse outro alguém (Federico, talvez?). — De onde *você* é? Daqui não é.

Desviei meu olhar para ele.

— Não?

A ruiva ao lado dele balançou a cabeça.

— Não. Você parece que nasceu em algum solar velho e empoeirado nos Alpes Bávaros.

Olhei ao redor da sala.

— Mais algum palpite?

Algumas pessoas responderam, arriscando palpites como Califórnia, Inglaterra ou Suécia, todos ligados às minhas feições suaves. Sorri, sentindo-me convencido por ter feito um trabalho tão bom imitando o sotaque da alta sociedade deles a ponto de não restar nenhum traço de *roticidade* para que notassem.

À minha frente, Stella parecia nervosa. É por isso que eu deveria ter me sentado ao lado dela quando tive a chance. Para colocar uma mão de aviso em sua coxa sempre que ela começasse a ficar inquieta ou demonstrar desconforto. Ela era realmente uma péssima atriz.

Inclinei-me em meu assento e peguei um baralho da mesa mais próxima.

— Eu sou daqui. Só não *daqui*, daqui. Minha linhagem vem de mais ao norte. — Deixei por isso mesmo. Que pensassem que eu era herdeiro de algum barão do petróleo canadense.

Com um estalo de dedos, embaralhei as cartas e elas ganharam vida em minhas mãos. Abriram-se em um leque circular perfeito, fecharam-se, meus dedos movendo-se como um borrão enquanto eu as dividia, repetidas vezes, movendo seções para fora e para dentro, girando cartas individuais.

Alguém soltou um assobio baixo.

Levantei o baralho em uma mão e deixei metade dele cair como uma cascata na outra. Uma breve pausa enquanto dividia as cartas ao meio antes de girar as da mão direita por cima e em volta das outras, para que pousassem perfeitamente viradas para baixo sobre as da mão esquerda.

— Ah, meu Deus, por favor, me diga que você não é um desses caras que gosta de mágica — disse uma mulher.

Eu ri.

— Não. Eu só gosto de cartas. — Girei o baralho novamente e levantei a cabeça. — Alguém topa uma partida amigável de pôquer?

AJ deu de ombros.

— Com certeza. — Ele lançou um olhar para Stella. — Você entra?

O sorriso dela em resposta foi um tanto forçado.

— Acho que vou só assistir essa rodada.

O semblante dele mudou e ele baixou a voz.

— Ah, certo. Desculpe.

Stella estremeceu levemente.

— Tudo bem.

Será que o AJ sabia? Que ela não tinha dinheiro nenhum para apostar?

Não querendo chamar atenção para aquela troca de olhares desconfortável, levantei-me e caminhei em direção a uma mesa empilhada com uma montanha de fichas de pôquer. Várias pessoas me seguiram, incluindo AJ, Federico e Julia, as expressões entediadas sumindo de seus rostos agora que havia dinheiro em jogo. Ou talvez o que os atraísse fosse a competição, a chance de derrotar e envergonhar seus pares.

— O jogo é *Hold'em* — falei, embaralhando. — Todos sabem jogar?

Acenos de cabeça por todos os lados.

— Ótimo. Qual é o limite? — perguntei.

AJ me lançou um olhar irônico.

— Sem limite.

Dei de ombros e coloquei as cartas na mesa.

— Como quiserem. A aposta inicial é cinquenta. — Prossegui estabelecendo *blinds*, potes paralelos e outras regras. — Todos concordam?

Eles concordaram e as fichas foram divididas.

Feddy (como seus amigos o chamavam) franziu a testa quando eu não peguei nenhuma para mim.

— Você não vai jogar?

— Não seria justo.

Tommy, o homem robusto de cabelos claros à minha frente, soltou um som de desagrado.

— O que isso quer dizer?

Inclinei a cabeça em direção a Stella, que observava do sofá.

— Ainda estou tentando causar uma boa impressão. Envergonhar os velhos amigos dela seria contraproducente.

As reações ao redor foram exatamente como eu esperava: irritação e descrença. Porque, quem porra eu pensava que era para dizer não àquelas pessoas?

Tommy bateu na mesa.

— A gente aguenta.

Tentei recusar novamente, mas eles caíram direitinho na minha armadilha, praticamente me desafiando a levar o dinheiro deles.

— Stella? — chamei. — Você poderia dar as cartas pra gente?

Ela me observou por meio segundo, com cautela no olhar, e então se levantou. Sim, ela tinha concordado em me ajudar, mas era óbvio que ainda estava se adaptando ao papel.

— Tudo bem.

Uma hora depois, Tommy estava à beira de surtar. Ele tinha decidido dar um *all-in* contra mim pela segunda vez e agora estava reduzido a uma pilha pífia de fichas.

— Você está trapaceando — declarou ele, atirando sua mão perdedora na direção de Stella.

A raiva me atravessou com a acusação, mas fiz o meu melhor para contê-la. As regras do jogo eram sagradas para mim. Eu nunca cometeria o sacrilégio de trapacear.

— Tommy — disse AJ, com um tom de desagrado.

Tommy empurrou a cadeira para trás.

— Me digam que vocês não concordam — disse ele, olhando ao redor da mesa.

Ninguém mordeu a isca, mas ninguém deu um passo à frente para me defender também.

— Você só é ruim no pôquer — falei a ele.

— Vai se foder — rebateu ele.

Ui, irritadinho.

— Você bate no verso das suas cartas — expliquei. — Quando tem uma mão decente. Só uma ou duas vezes com o dedo indicador direito enquanto as segura. Quando tem uma mão ruim, você acena e sorri, tentando enganar todo mundo. E quando tem uma mão excelente, você fica quase perfeitamente imóvel para não entregar nada.

— Como isso não é trapaça? — disse ele, com a voz subindo de tom.

Julia fez uma careta.

— Porque tudo o que ele está fazendo é prestar atenção?

— Merda nenhuma — disparou Tommy, e agora eu estava realmente começando a ficar com raiva.

— Calma aí — disse AJ, virando a cabeça para olhar Tommy com um tédio impaciente.

O homem maior gesticulou em minha direção.

— Porra, quem é esse cara, afinal?

Stella bateu com a mão na mesa.

— Meu namorado, seu *jockstrap* cheirado.

Julia e eu seguramos risadas de surpresa, o que pareceu apenas enfurecê-lo ainda mais.

— Vai se foder!

— Nem com a boceta de outra pessoa — rebateu Stella na hora.

Ao lado dela, Julia deu uma gargalhada.

Tommy tentou virar a mesa, mas ficou claro que alguém mais previdente a tinha fixado no chão, então ele acabou parecendo uma criança tendo um ataque de pelanca. O movimento ainda foi suficiente para fazer bebidas e fichas de pôquer voarem, e vozes altas e irritadas encheram a sala enquanto todos se esquivavam para não terminarem encharcados.

Tommy apontou para Stella.

— Eu não estava me oferecendo, sua puta do caralho.

Fiquei completamente estático, imaginando se nocauteá-lo me exporia como um intruso.

A voz de AJ cortou a sala como uma faca.

— Você está começando a me entediar, *Thomas*. Por que não faz um favor a todos e vai embora?

Dei um passo à frente de Stella, esperando que o *jockstrap* protestasse ou desferisse um soco, mas as palavras de AJ tiveram um efeito calmante sobre ele. Com o rosto vermelho de raiva frustrada, Tommy saiu pisando duro da sala sem dizer mais uma palavra.

Meu olhar voltou para AJ. Esta não era a casa dele. Ele não deveria ter nenhuma autoridade ali e, no entanto, tinha. Por quê? A família dele era a mais rica? Era só isso que bastava para estabelecer uma hierarquia entre esses merdas burgueses? Eu não tinha conseguido encontrar muita sujeira sobre ele; então, ou os pais dele tinham enterrado os corpos dele mais fundo do que a maioria, ou não havia nada para encontrar. Agora que eu sabia que Stella tinha um fraco por ele, estava ainda mais curioso para saber qual era o caso.

Puxei-a para perto, segurando seu rosto com as mãos.

— Você está bem?

Ela assentiu.

— Estou bem. Tommy é um babaca desde que o conheço, então isso não é novidade.

Beijei sua testa, sabendo que ela provavelmente odiaria aquilo.

— Acho que é a nossa deixa para ir embora.

— E o jogo? — perguntou Feddy. — Estamos devendo a você.

Soltei Stella.

— Vamos apenas concordar em considerar que estamos quites.

Ele me estudou por um segundo antes de assentir.

Nós nos despedimos e, na saída, Feddy nos alcançou.

— Você é ele, não é? — perguntou, em voz baixa.

Stella, como a péssima atriz que era, disparou o olhar para mim. Mantive minhas feições controladas. Eu sabia que havia o risco de ser reconhecido — as notícias corriam nesta cidade, não importava o quanto você ameaçasse as pessoas para manterem a boca fechada.

— Quem? — perguntei.

Feddy deu um passo sorrateiro para mais perto, e tive que dar crédito à sua discrição.

— O homem que dá as festas clandestinas. Meu primo Grant foi na última. — Os olhos dele dispararam para Stella. — Com Blake.

— Não faço ideia do que está falando — protestei, fazendo uma nota mental para enviar alguns capangas para dar uma lição em Grant sobre os perigos de abrir o bico.

Os olhos de Feddy brilhavam com uma empolgação impossível de conter.

— Quando é a próxima?

— A próxima o quê?

— Ah, qual é — disse ele. — Eu aguento o tranco.

Fiz questão de analisá-lo de cima a baixo.

— Aguenta?

Ele assentiu enfaticamente.

— Sim.

— Bom saber. — Coloquei a mão na base das costas de Stella e a empurrei levemente na direção da porta. — Aproveite o resto da sua noite.

Saímos sem olhar para trás.

— Qual é a jogada? — perguntou Stella lá fora. — Você não entregou um único convite e acabei de ver você dar um fora em Feddy. Não caia nesse papinho de amigão dele. Ele *não* é uma boa pessoa. Ele fez um trote tão pesado com um garoto na escola preparatória que o menino tirou a própria vida.

Ah, eu estava bem ciente.

— Não é assim que as coisas funcionam. Eu não envio convites até uma hora antes da festa. E acabei de conhecer essas pessoas; vou precisar de mais algumas interações antes de me decidir. Por mais que eu adorasse arruinar todos eles, a discrição é a alma do negócio.

— Feddy sabe manter a boca fechada — interveio ela.

Balancei a cabeça.

— Não, não sabe. Garanto que ele está lá em cima agora mesmo contando para Julia tudo sobre o meu trabalho ilícito.

Ela fez uma careta.

— Ele não faria isso. Eles não se suportam.

— Eles estão trepando — falei a ela.

— Não.

— Sim.

— *Não.*

Ótimo, lá vamos nós de novo.

— Stella, eu tenho fotos para provar.

Ela fez menção de vomitar.

— Eles são primos de segundo grau.

— E isso te surpreende? Gente rica pratica endogamia desde o início dos tempos.

Ela parecia enjoada demais para responder, o que era bom, porque quase tínhamos chegado ao posto do manobrista. Consciente da minha promessa anterior, tirei a carteira e dei cem dólares de gorjeta para cada um deles quando chegamos.

— O sedan de luxo — falei, lembrando-os em qual carro havíamos chegado.

Quando um garoto no final da adolescência saiu correndo para a escuridão, envolvi os ombros de Stella com o braço e a afastei um pouco.

— Eu dei um fora no Feddy porque sabia que ele contaria para Julia.

— Que, na verdade, *sabe* guardar um segredo?

Assenti.

— E que também odeia ouvir um não. Quando os virmos novamente, ambos estarão desesperados por um convite, e eu estarei em uma posição melhor para ameaçá-los a ficar quietos.

Stella fez um ruído contemplativo que me fez sentir que ela finalmente estava começando a entender.

— Acho que você não precisará ir tão longe. Ter acesso exclusivo pode ser o suficiente para mantê-los quietos.

— Talvez, mas não vou correr riscos. Já existem riscos demais envolvidos.

O carro encostou e agradecemos ao manobrista. Abri a porta para Stella antes de seguir para o lado do motorista. Uma noite a menos. Incontáveis outras pela frente.

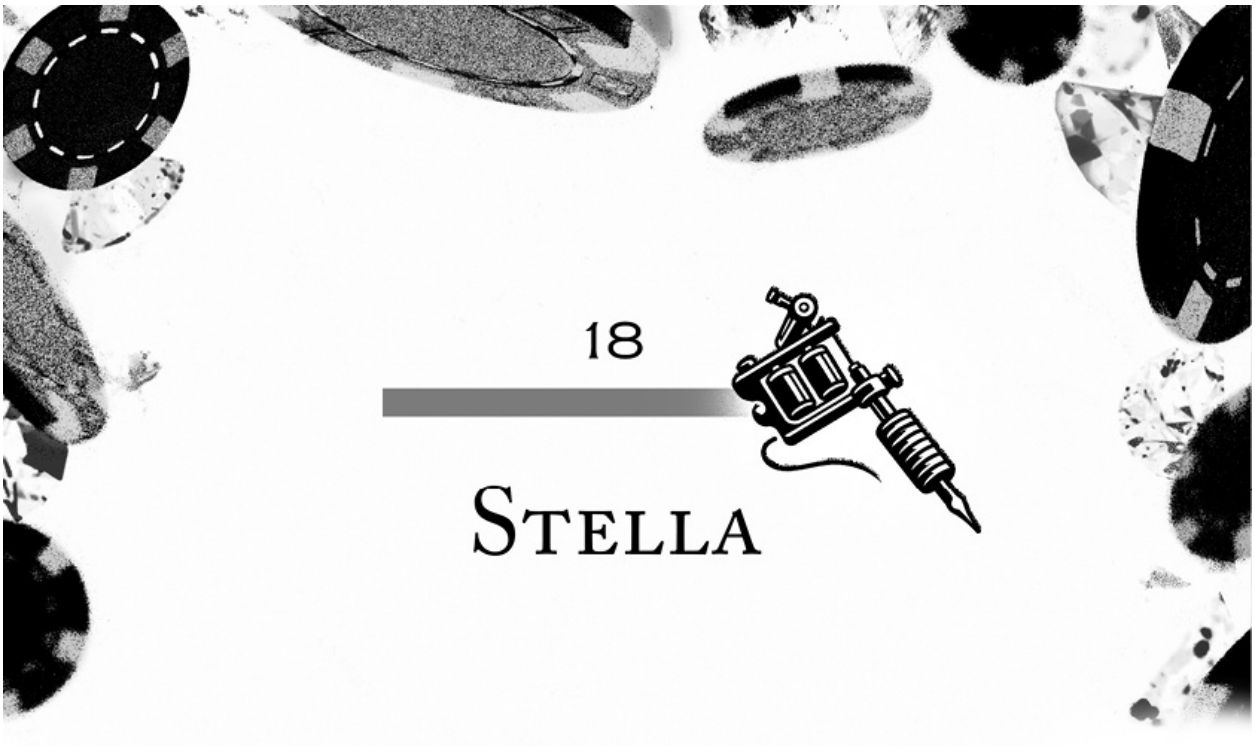
— Quando é a próxima festa? — perguntei quando já estávamos a alguns quilômetros na estrada.

— Isso depende — disse Stella. — A temporada de verão está a todo vapor, então há muito para escolher. Você prefere um banquete, um baile, um sarau ou

uma recepção?

— O que funcionar melhor para a sua agenda — falei, distraído. Não havia postes de iluminação tão longe da cidade e a estrada era sinuosa pra cacete.

— Sarau, então. Reserve sua quarta-feira.



18

STELLA

MAIS DE DUAS SEMANAS HAVIAM SE PASSADO DESDE A celebração de Cordelia para o dia da morte do marido, e eu estava correndo para me arrumar para os meus planos de sábado com Theo. Ele passaria aqui às 18h e eu não queria ouvir qualquer comentário sarcástico que ele faria se eu o fizesse esperar.

Até agora, tínhamos ido a mais três eventos juntos: um sarau, um coquetel à tarde e uma recepção (onde Feddy e Julia o encurralaram exigindo um convite). Em cada um deles, Theo adquiriu novos alvos, escolhendo suas vítimas na lista de nomes que eu forneci. Tínhamos caído em uma rotina, ele e eu, sorrindo e fingindo flertar, mas, entredentes, eram discussões e insultos incessantes que, de vez em quando, tornavam-se perturbadoramente sexuais.

— Trégua — dizia um de nós logo antes de as coisas irem longe demais, e isso se tornou nossa própria versão de balançar a bandeira branca da rendição. Fui forçada a dizer isso três noites atrás, quando ele me deixou em casa depois da recepção. Ele fez uma insinuação nojenta, eu disse que ele me deixava mais seca que o Saara, ele rebateu com:

— Isso explica toda essa areia do caralho no meu carro. — E então eu fiz a pior coisa até agora: eu ri. Muito.

Nem foi *tão engraçado* assim, mas entre trabalhar longas horas, passar tanto tempo perto de pessoas que eu odiava e não dormir porque minha crise crônica me mantinha acordada até as 3h da manhã todo dia, eu tinha ficado meio biruta

de cansaço. Theo franziu a testa, parecendo ligeiramente preocupado, e eu disparei:

— Trégua! — E fugi para dentro da loja.

— *Petisco? Petisco, petisco?* — chamou Amos da sala, me trazendo de volta à realidade.

— Você já comeu três hoje — falei a ele.

Um baque, seguido pelo "*Ah, não*" mais triste que já ouvi na vida.

Caminhei até a sala para vê-lo empoleirado no encosto de uma banqueta da cozinha, encarando seu pedaço favorito e mastigado de madeira balsa no chão.

— *Ajuda.*

Peguei o graveto dele e o entreguei de volta, algo que eu fazia umas vinte vezes por dia quando ele estava fora da gaiola.

Ele chilreou e se inclinou contra minha mão.

— *Pássaro bonito!*

Fiz exatamente dois carinhos e meio na cabeça dele — tudo o que ele permitia.

— Sim, você é muito bonito.

— *Eu te amoooo* — arrulhou ele com uma voz cantarolada.

— Também te amo, Amos.

— *Amos, Amos, Vadia do Lanche. Petisco?*

— Talvez mais tarde — falei a ele.

Ele voou para seu poleiro favorito no meio da sua "selva", mantendo um fluxo constante de tagarelice vazia que já havia se tornado uma espécie de ruído branco para mim, e deixei que ele se divertisse até que Theo mandou uma mensagem dizendo que estava esperando lá fora. Coloquei Amos de volta no viveiro, peguei minha bolsa e mandei um beijo para ele ao trancar a porta.

— Raio de Sol — disse Theo arrastando a voz enquanto eu me sentava no banco do passageiro.

Escolhi ignorar o apelido porque dava para notar que reagir a ele lhe causava algum tipo de prazer doentio.

— Esse terno me parece familiar — comentei, em vez de retrucar. O de hoje era preto, mas reconheci o tecido e o corte. — O que você fez? Comprou aquele que eu recomendei em todas as cores?

O maxilar dele travou de irritação.

— Ah, você comprou mesmo, não foi? — provoquei enquanto ele se afastava da calçada. — Eu teria escolhido algo diferente se soubesse que estaríamos tão combinadinhos.

Meus olhos o percorreram de cima a baixo. Ele usava uma camisa preta por baixo do paletó, adotando totalmente o visual monocromático e, irritantemente, funcionava, deixando as linhas marcantes de seu rosto ainda mais evidentes.

Eu estava em um vestido de seda preto, estilo tubinho, que peguei emprestado no armário da minha mãe. Não era o meu estilo habitual, mas serviria. De seda finíssima com as costas abertas. Graças a Deus eu tinha busto pequeno e conseguia usar aquilo apenas com uma calcinha fio-dental e adesivos para os mamilos por baixo.

— Pelo menos são do mesmo tom — falei.

Ele baixou o tom de voz.

— Preto como a sua alma.

— Você não tem graça.

— Diga isso para a gargalhada de bruxa que você soltou da última vez que esteve no meu carro. — Ele me lançou um olhar perturbado. — Tenho ouvido isso nos meus pesadelos.

— Foi uma risada de piedade.

— Ah, é? Tipo aquele orgasmo de piedade que você me implorou para te dar?

— Eu não implorei nada. Você que estava implorando por isso, seu *pearvertido*.

— *O quê*?

Merda. Blake não estava falando comigo — ainda estava bravo por eu ter assumido a dívida dele — e eu não tive a chance de contar a ele sobre a nova palavra favorita da minha mãe, então, é claro, acabei soltando para outra pessoa.

— Nada — falei.

— É assim que Georgie pronuncia?

Virei a cabeça bruscamente para Theo, imaginando como ele havia adivinhado. Ele deu de ombros.

— Você é uma imitadora decente dela.

Meu Deus, aquilo foi um elogio? Tentei colocar a mão na testa dele, mas ele me rebateu com tanta força que acabei dando um soco no teto do carro, parecendo um homem de meia-idade em um jogo de futebol.

Bateu com um estalo seco!

— Ai — gemi, aninhando a mão contra o peito. Pelo menos não era a mão que eu usava para tatuar.

— Que porra você estava fazendo?

— Tentando ver se você estava com febre, seu idiota. Imaginei que devia estar delirando para estar sendo legal comigo.

— Por favor. Isso foi neutro, no máximo.

— Meu Deus, você é muito insuportável.

Desnecessário dizer que o resto da viagem não correu bem e, quando finalmente paramos em frente a um dos edifícios mais antigos e imponentes da cidade, estávamos praticamente rosnando um para o outro.

Theo saiu primeiro, jogando as chaves para um manobrista e subindo os enormes degraus da entrada na minha frente. Ele não deve ter notado que eu tinha ficado para trás, porque parou perto do topo e me lançou um olhar irritado.

— Já está chegando?

— Só se for *chegando lá*.

Um casal por perto arfou, chocado.

O manobrista atrás de mim teve um ataque de riso.

Theo fechou os olhos e apertou a ponte do nariz, e eu decidi levar todo o tempo do mundo para alcançá-lo, porque ele parecia mais tenso do que o normal.

Um mordomo segurou a porta para nós e entramos rapidamente. Theo franziu a testa para mim.

— Por que você está tão baixa hoje?

— Fiquei com uma bolha por causa daqueles saltos de quarta-feira, então estou de sapatilha. E eu tenho um 1,80m. Isso é o oposto de ser baixa.

Ele olhou ao redor, por cima da minha cabeça, como se eu nem estivesse ali.

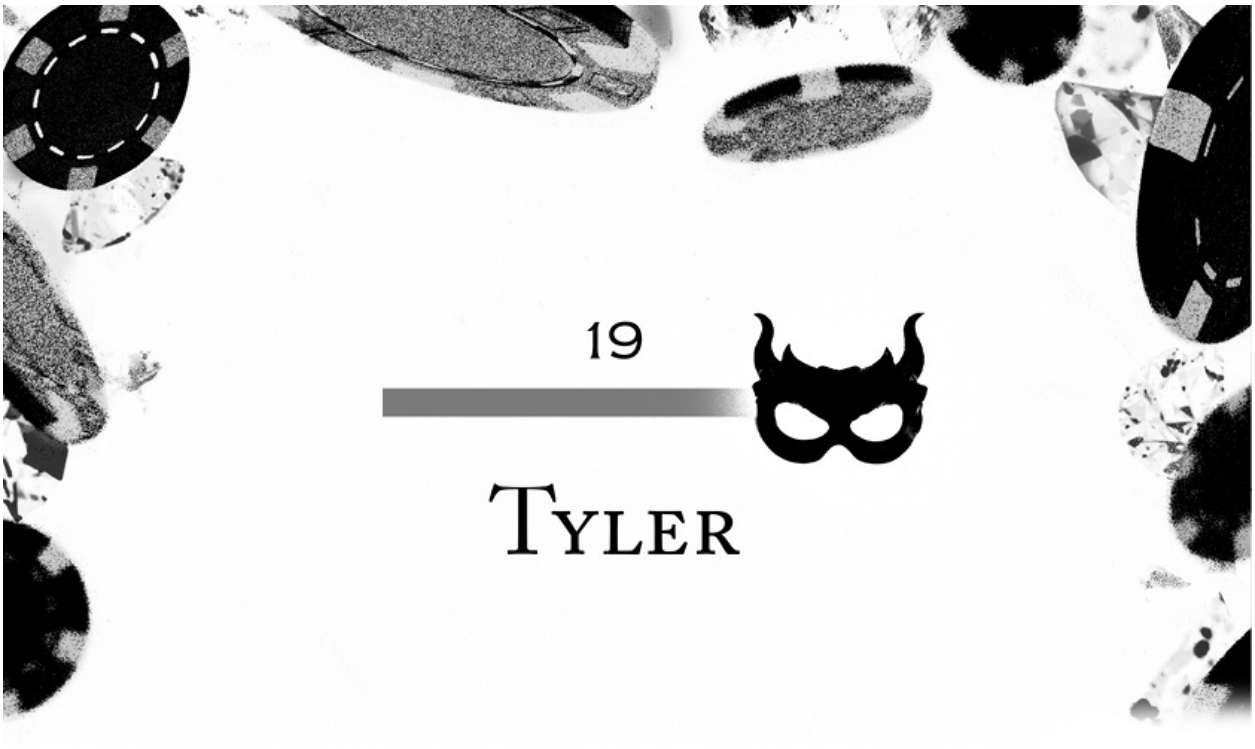
— Sinto muito, quem está falando? Não consigo te ver.

— Como ninguém te esquartejou ainda?

— Hã? — disse um cara. — Bem-vindos?

Ah. Tínhamos chegado ao recepcionista.

Theo deu nossos nomes e, juntos, entramos na festa.



19

Tyler

O EVENTO SOCIAL DESTA NOITE ERA MUITO PARECIDO COM o anterior, e com o anterior a esse, e com o outro antes dele. Stella tinha me avisado que todos seguiam a mesma sequência básica de eventos — jantar, dança, doações —, mas eu não tinha previsto o quão rápido eles começariam a se misturar na minha cabeça. Roupas chiques, decoração cintilante, conversas de um tédio mortal. Isso quando não eram enfurecedoras. Durante o coquetel, ouvi dois homens discutindo seus planos para o fim do mundo em voz baixa. Um disse que tinha comprado coleiras de choque para controlar seus seguranças. O outro planejava fugir para seu *bunker* particular, cercado de minas terrestres para manter os intrusos longe.

Isso só consolidou minha crença de que bilionários eram comida, não amigos.

Pelo menos Richard não estava nesta festa.

No entanto, vi muitos outros rostos meio familiares.

— As pessoas não cansam de ver os mesmos babacas repetidamente? — sussurrei para Stella durante o jantar.

— Não. Todos estão ocupados demais tentando superar uns aos outros.

Ergui meu olhar para a sala ao nosso redor, ainda tentando aceitar o fato de que aquilo era uma casa e não um museu. Especificamente, a casa da família de AJ, onde ele tinha crescido. Os pais dele eram os anfitriões do evento desta noite, embora eu só os tivesse visto brevemente no meio da multidão.

Voltei a atenção para o meu prato. Parte de mim esperava que este mundo ultraexclusivo servisse de inspiração para as minhas próprias festas, mas todos estavam presos demais ao passado para inspirar qualquer coisa além de um bocejo. Eu poderia ter organizado este evento dormindo. Talheres de prata de lei, porcelana branca, centros de mesa florais. Claro, tudo executado de maneira impecável, mas, no fim das contas, era tudo tão… sem graça. Não era de se admirar que Stella tivesse buscado uma forma de se dissociar.

Esse pensamento me pegou de surpresa. Eu estava realmente sentindo empatia por ela?

Não. De jeito nenhum.

Ao meu lado, ela pegou a outra metade do seu sanduíche e deu uma mordidinha hesitante. Não era apenas banana e pasta de amendoim hoje à noite. Ela tinha uma porção de purê de maçã sem açúcar para acompanhar. Um verdadeiro banquete.

Abri a boca para perguntar se isso significava que ela estava se sentindo melhor, mas não queria fazer parecer que realmente me importava. Porque eu não me importava.

Em vez disso, voltei a me concentrar na minha própria comida deliciosa. Essa era uma coisa que eu tinha que admitir sobre os ricos: os chefs deles eram melhores que os meus. *Hum*. Talvez eu pudesse encontrar algum restaurateur com estrela Michelin e um passado nebuloso para convencê-lo a trabalhar na minha próxima festa. Ainda havia tempo. Os túneis precisaram de mais trabalho do que eu pensei inicialmente, e isso atrasou minha data-alvo em vários dias. Não que eu fosse rígido sobre quando realizava meus eventos. Às vezes era a cada quatro semanas, às vezes demorava muito mais; tudo dependia do local. A imprevisibilidade era parte do que tornava as pessoas tão desesperadas para comparecer.

Após o jantar, permanecemos no salão de festas cintilante, presos em um leilão de noventa minutos. Estavam em jogo uma variedade impressionante de itens de luxo e viagens, com uma ou outra pintura clássica jogada no meio para dar um toque especial. Ergui a mão algumas vezes, ganhando um par de abotoaduras de diamante de cinco mil dólares e perdendo no resto. Era tudo encenação, para provar que eu tinha dinheiro para jogar fora.

Os anfitriões agradeceram à multidão no final, e o palco foi liberado para dar lugar a uma banda de doze músicos. A duas mesas de distância de nós, AJ estava sentado na minha linha de visão, ainda mais bonito do que eu me lembrava. Ele encontrou meu olhar e sutilmente indicou uma porta lateral com a cabeça.

Assenti e me inclinei na direção de Stella.

— Fomos convocados.

— Ótimo. Estou tão entediada que poderia dormir.

Dei um beijo em seu ombro nu. Só para irritá-la. Ela se sobressaltou e acabou encostando a boca na minha.

Eu a lambi.

— Eca!

Todas as cabeças na mesa se viraram em nossa direção.

— Desculpe, achei que tinha visto um inseto — disse ela.

Eu me endireitei, com os lábios tremendo. A expressão dela prometia retaliação.

Ao nosso redor, os participantes mais jovens da multidão começaram a sair pelas portas laterais, um por um, para não atrair atenção para sua partida. Stella e eu permanecemos onde estávamos, esperando nossa chance.

Phil estava sentado do meu outro lado e se virou para mim durante uma pausa na conversa.

— Vocês dois estão planejando começar a dança de novo?

— Só se formos forçados sob a mira de uma arma — respondeu Stella.

Phil deu tapinhas nos bolsos do paletó.

— Eu sei que tenho aquele revólver por aqui em algum lugar.

Georgie, do outro lado dele, colocou uma mão de advertência no braço do marido.

— Querido, deixe que vão fumar a *marijuana* deles com os amigos em paz — disse ela, mas com seu sotaque, ela pronunciava *maurijuana*.

Lancei um olhar furtivo para Stella, cuja expressão estava cuidadosamente neutra.

— Eu não fumo maconha desde o ensino médio.

O pai dela assentiu sabiamente.

— Os jovens de hoje preferem comer.

Georgie revirou os olhos.

— Como se não tivéssemos sido nós que inventamos os brownies especiais?

— Eles mandam ver nas balinhas de goma — disse Phil a ela, olhando para Stella em busca de confirmação.

— Sim, nós mandamos ver — disse ela e, embora quase não houvesse inflexão em seu tom, eu percebi que ela estava lutando contra o riso pelo modo como seus olhos brilhavam.

Alguns minutos depois, chegara a nossa hora de seguir os outros, e nos levantamos de nossos assentos.

— Com licença — disse Stella. — Acho que vamos ver se AJ tem alguma maconha para a gente mandar ver.

Georgie deu um sorrisinho, reconhecendo a provocação. Quando passei pela cadeira dela, ela segurou meu braço.

— Você vai ter cuidado? — Os olhos dela deslizaram para a silhueta de Stella, que se afastava. — Carga preciosa e tudo mais.

— Nada de mandar ver na maconha pra mim — falei a ela.

Ela deu um beliscão amigável no meu braço e me soltou, e eu sorri enquanto me afastava. Por dentro, não senti nada. Essa rara demonstração de calor maternal não foi suficiente para mudar minha opinião sobre ela.



Nas primeiras horas da manhã, a festa começava a diminuir o ritmo, tanto no andar de cima quanto aqui, na área da piscina no subsolo. Percorri o ambiente com o olhar. Parecia algo saído da Roma Antiga. Pilares de pedra bruta, teto de gesso veneziano, iluminação suave feita para imitar velas e tochas. No centro do espaço cavernoso ficava a piscina em si, com um pequeno bar molhado. Um rio lento serpenteava ao redor dela, cheio de pessoas flutuando em boias — a maioria nua, já que ninguém tinha trazido traje de banho. A água era azul-turquesa, refletindo os azulejos, e tive que admitir que estava um pouco tentado. A jogar a Stella lá dentro.

Olhei para a direita, onde ela e AJ estavam sentados em um banco de pedra em um nicho. Ele estava recostado, com um ar indolente, seus lábios cheios curvados em diversão com o que quer que Stella estivesse dizendo. Eles estavam lá há meia hora, e eu estava quase pronto para interromper aquele pequeno reencontro. Especialmente porque Stella parecia nem se importar com o fato de haver uma mulher seminua pendurada no meu braço no momento.

— Com licença — falei, desvencilhando-me do aperto da mulher. Ela emitiu um som baixo e petulante, e tentou me alcançar novamente. Eu me esquivei.

— Não seja desesperada.

Alguém por perto arfou. Outro soltou uma risadinha abafada.

A mulher, uma das inúmeras herdeiras loiras oxigenadas na sala, me lançou um olhar sombrio e se afastou bufando. Já vai tarde.

Fui direto para Stella, que olhou para cima parecendo confusa, como se tivesse perdido toda aquela interação. Como se tivesse se esquecido completamente de mim.

Uma pequena faísca de antagonismo me atravessou. Porque, nem ferrando.

Tirei a bebida intocada da mão dela e a coloquei na mesa próxima antes de erguê-la no colo. Ela soltou um gritinho de surpresa, mas antes que pudesse se livrar, sentei-me onde ela estava, acomodando-a no meu colo de um jeito que a forçava a envolver meu pescoço com os braços para manter o equilíbrio.

Pronto, muito melhor.

AJ arqueou uma sobrancelha, parecendo divertido.

— Planejando usar ela como escudo humano?

Ah, então *ele* tinha visto o que aconteceu.

— Sim. Todo mundo tomou ecstasy antes de descermos para cá? Já recebi propostas de umas seis pessoas diferentes até agora.

AJ e Stella trocaram um olhar, e ele riu.

— Não.

Lancei-lhe um olhar vazio.

— Você é carne fresca. E é gato. Eles não precisam estar chapados para quererem te foder.

— Ai, meu Deus, não começa — disse Stella. — O ego dele não precisa ser ainda mais inflado.

— Seja boazinha — falei, pontuando as palavras com um tapa na bunda dela. — Ele pode acabar achando que você não gosta de mim.

— Há! — soltou AJ, jogando a cabeça para trás. — Sem perigo disso. Fingir que te ignora? Só olhar na sua direção quando acha que você não vai perceber? A mulher está obcecada.

Stella ficou tão rígida que quase caiu do meu colo.

— *Não* estou.

Eu nunca a deixaria esquecer disso.

— Ah, qual é, Raio de Sol — provoquei, inclinando-me o suficiente para encará-la. — Não tem problema admitir seus sentimentos na frente de um velho amigo. Vá em frente. Diga a ele o quanto você me ama.

— Raio de Sol — repetiu AJ, rindo ainda mais alto.

Os braços de Stella se apertaram em volta do meu pescoço, e então os lábios dela encostaram no meu ouvido.

— Eu vou colocar vidro na sua comida.

Eu me afastei, sorrindo de lado.

— Confirmado. Ela me ama.

Ela começou a responder e, pela expressão em seu rosto, eu sabia que não seria nada gentil, então a puxei para um de meus beijos — rápido, bruto, acabado antes mesmo que o choque pudesse ser registrado em seu rosto.

Os olhos de AJ desceram até minha boca enquanto eu me afastava.

— Aqui — disse ele, inclinando-se para frente. Sua mão subiu para envolver meu queixo, o polegar pressionando meu lábio inferior e arrastando-o para o lado. — O batom dela borrou. — Ele acariciou para o outro lado, seus olhos verdes incandescentes sob a luz trêmula.

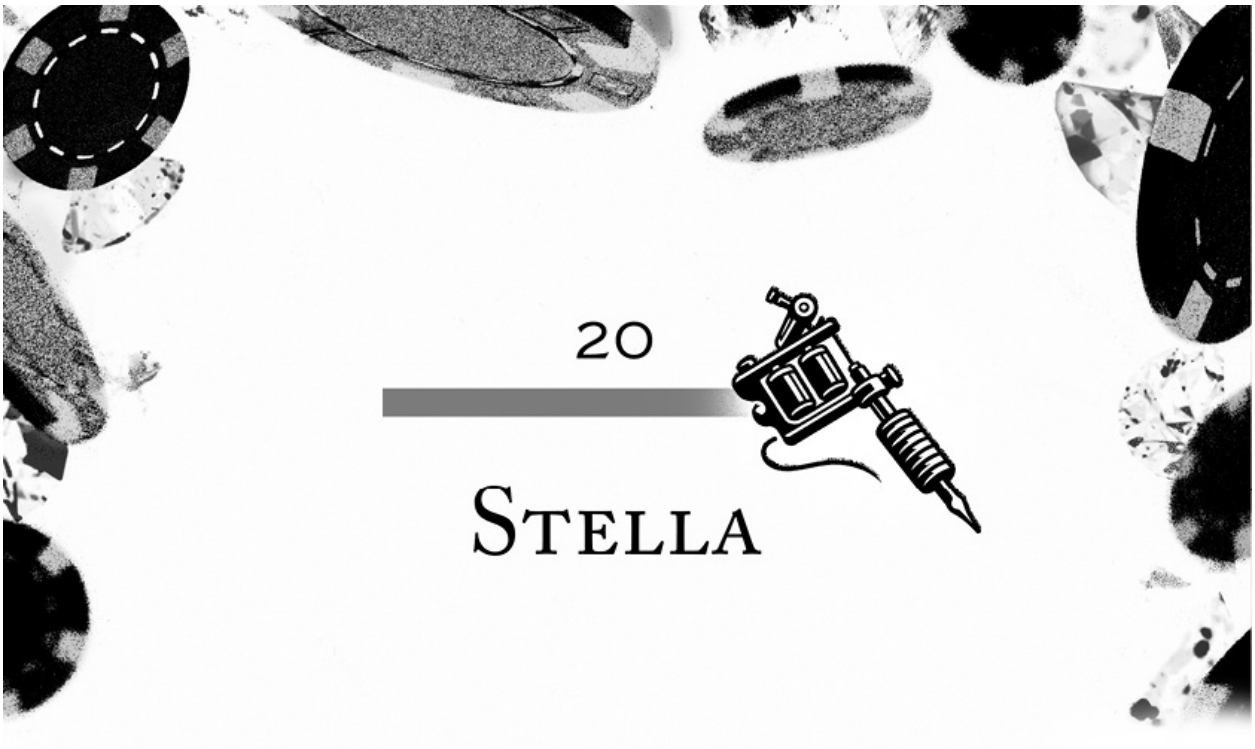
Stella se manteve perfeitamente imóvel em meus braços. Acho que ela nem estava respirando.

— É sempre só vocês dois? — perguntou AJ, mudando o foco de mim para Stella.

— Por quê? — rebati, com a voz carregada de aspereza. — Está se oferecendo para participar?

Lentamente, os olhos dele voltaram para os meus.

— E se eu estiver?



20

STELLA

— NÃO VAMOS FAZER MESMO ISSO — sussurrei.

Theo e eu estávamos parados no meio do quarto de infância de AJ, enquanto ele tomava um banho na suíte. A qualquer segundo, ele voltaria para cá esperando uma transa divertida comigo e com *meu namorado,* e eu estava começando a entrar em pânico.

Theo arqueou as sobrancelhas.

— Vai ser você quem vai dizer a ele que mudou de ideia?

— Não. — Cutuquei o peito dele. — Você vai. Foi você quem começou com isso.

— E você concordou.

— Porque eu não achei que fosse chegar tão longe! — gritei sussurrando.

— Então vá em frente — disse ele, com a expressão iluminada pelo desafio. — Amarele. Jogue a toalha e admita a derrota.

Dei um passo para trás, a suspeita surgindo dentro de mim. Era isso que ele queria? Uma saída sem ter que ser ele a dar o braço a torcer? Ou era apenas mais um jogo? Uma tentativa de ver até onde ele poderia me pressionar antes de eu ceder?

Minha coluna ficou rígida com uma recusa obstinada. De repente, todas as nossas discussões, todas as nossas microagressões e brigas pareciam ter levado a este momento. Eu havia cedido vezes demais e, mesmo após a nossa trégua, ele

ainda ditava todas as regras, todas as decisões, controlava quase todos os aspectos das nossas interações. Claro, eu revidava onde podia, mas Theo sempre conseguia o que queria no final.

Bem, não desta vez. Aqui, tínhamos plateia, o que tornava impossível para ele me coagir ou intimidar. Então, sim, eu iria até o fim, pelo tempo que fosse necessário, porque de jeito nenhum eu recuaria primeiro.

Ouvi o som da maçaneta e me lancei nos braços de Theo. Ele automaticamente os envolveu na minha cintura, com os olhos arregalados enquanto eu agarrava seu rosto e puxava sua boca para a minha, colando nossos lábios por um breve momento antes de me afastar e fingir estar sem fôlego.

— Começando sem mim? — disse AJ.

Lancei um sorriso diabólico para Theo antes de girar em seus braços.

— Pode nos culpar?

AJ balançou a cabeça.

— Não.

Eu me encostei no peito de Theo e, puta merda. O pau dele. Totalmente ereto. Pressionando a base das minhas costas. Há quanto tempo ele estava duro?

— Vem cá — disse Theo, a voz ganhando um tom rouco enquanto estendia a mão para AJ.

— Quero ver a sua boca na dela.

De boa, de boa, de boa. Tudo bem. Eu conseguia perfeitamente dar uns amassos no AJ na frente de Theo.

AJ caminhou em nossa direção com passos seguros, tão bonito quanto eu me lembrava: da minha altura, esguio, mas musculoso, com um rosto expressivo e cabelos lindamente cacheados. A pele levemente bronzeada denunciava as férias recentes sobre as quais ele estava me contando à beira da piscina antes de Theo nos interromper.

AJ e eu tivemos idas e vindas durante a adolescência e o início da vida adulta, não porque tivéssemos um relacionamento tumultuado, mas porque sempre nos dávamos tão bem que, quando nenhum de nós estava saindo com ninguém (e às vezes até quando estávamos), acabávamos juntos no final de uma festa, conversando a noite toda antes de virar outra coisa.

Ele era uma das poucas pessoas decentes neste mundo, o que era bizarro considerando que sua família tinha mais riqueza do que algumas nações. Colocar o papo em dia depois de todo esse tempo tinha sido… bom. Mesmo quando ele me repreendeu gentilmente por tê-lo cortado da minha vida, como fiz com todos os outros após o acidente. Eu pedi desculpas, e ele aceitou graciosamente como

o cavalheiro que era, perguntando como eu estava, admirando todas as minhas tatuagens novas e querendo ver mais exemplos do meu trabalho. Naquele momento, percebi o quanto tinha sentido falta dele.

Ele se aproximou de mim sem hesitação, envolvendo minha cintura com os braços e deslizando as mãos pelas costas abertas do meu vestido. O sorriso que ele lançou para Theo por cima do meu ombro era torto e cheio de promessa enquanto ele se inclinava para beijar meu pescoço, prendendo os braços de Theo entre nós. Foi mais fácil relaxar em seu abraço do que eu havia previsto, mas, pudera, eu já tinha dormido com AJ mais vezes do que podia contar. Embora fizesse tempo, meu corpo ainda reconhecia a suavidade de seus lábios, a sensação de seus dedos acariciando minha pele.

O calor se acumulou no meu ventre com a expectativa do prazer. AJ não era egoísta na cama, insistindo em me fazer gozar pelo menos duas vezes antes de se permitir, e eu queria isso agora mesmo. Porque Theo estava certo sobre uma coisa: fazia *mesmo* tempo demais que eu não fazia isso com alguém, especialmente alguém de quem eu gostava e respeitava. Talvez, depois que Theo jogasse a toalha, eu pudesse trancá-lo fora do quarto e AJ e eu terminaríamos o que estávamos começando.

Um dos braços de Theo se soltou, e eu tive certeza de que este seria o momento em que ele daria um basta, mas, em vez disso, ele apenas afastou meu cabelo, tirando-o do caminho de AJ. Na esperança de desmascarar o blefe dele, reboloei os quadris para trás, bem contra a sua ereção pulsante.

Vamos lá, pensei, roçando minha bunda de um lado para o outro no pau dele. *Sou eu. A mulher que você odeia. Você não quer fazer isso de verdade, quer?*

Em resposta, ele agarrou minha cintura e se esfregou com força em mim, lembrando-me de quem ele era. O homem que eu odiava, que agora estava se inclinando e… *beijando o outro lado do meu pescoço.*

— Humm — ronronei, mesmo enquanto lutava contra uma onda de pânico. — Isso é tão bom.

A verdade aterrorizante é que realmente era.

— Você sabe do ponto logo atrás da orelha dela? — murmurou Theo contra minha pele, os lábios subindo.

— Sei — disse AJ.

Calma aí. Como *Theo* sabia disso?

Meus pensamentos voltaram para aquele momento em que ele e eu estávamos encostados no carro dele em frente à casa dos meus pais. O jeito que meu corpo me traiu, estremecendo quando os lábios dele roçaram aquela área.

Maldição, o homem era realmente um gênio em ler as pessoas. Uma de suas mãos grandes começou a deslizar para cima, em direção aos meus seios.

Eu ia mesmo deixar esse homem me apalpar?

Sim, piranha!, respondeu minha alter ego safada.

Ou era o que eu tentava dizer a mim mesma. Mas a verdade nua e crua era que… eu não tinha uma alter ego. Aquela voz estúpida era eu mesma, não uma personalidade estranha e fragmentada. Era a parte de mim que eu não queria admitir que ainda estava lá. A parte de mim que gostava de coisas perigosas. Que ansiava pela adrenalina. Que estava desesperada para desligar o cérebro, parar de pensar demais por uma vez e apenas *sentir*.

Eu vinha lutando contra isso desde a noite em que Theo entrou na minha vida com aquele jeito arrogante, preocupada que, se eu libertasse essa parte de mim, correria o risco de voltar a ser a pessoa que eu costumava ser, mas… e se eu estivesse errada? E se não houvesse problema em ser um *pouco* imprudente de vez em quando? Eu tinha que ser tão rigorosa com cada comida que ingeria, com todos os líquidos que bebia. Eu tomava meus remédios religiosamente, monitorava constantemente meu estresse e ansiedade porque tinha tanto medo de que, se eles saíssem do controle, desencadeariam uma crise.

E eu estava cansada disso. Exausta pra caralho.

Por uma vez, eu queria fingir que nada tinha mudado. Que nada de ruim jamais havia acontecido e nada jamais aconteceria. Que eu ainda era jovem, ainda era saudável. Que aquilo era exatamente como qualquer outra festa, e AJ e eu tínhamos tido a sorte de encontrar um terceiro disposto a se juntar a nós.

E talvez fosse egoísta e errado, mas não mudava o fato de que eu estava desesperada para que alguém levasse essa dor embora e me fizesse sentir bem por um momento.

Então, sim, eu faria aquilo, e não apenas para vencer um joguinho mental estúpido com Theo, mas porque eu queria, simples assim. Eu queria arrancar meu vestido. Tocar alguém, deixar que me tocassem, *me vissem*, vissem o quanto essa porra de doença tinha tirado do meu corpo e me dissessem que me queriam de qualquer jeito.

Fechei os olhos, segurando uma onda de lágrimas, e tentei puxar meu vestido para cima entre os dois. Só consegui levantá-lo até a metade antes que ele enroscasse nas mãos de Theo. Em um movimento que me surpreendeu, ele agarrou a bainha e terminou de tirá-lo, dando um passo para trás para que eu pudesse erguer os braços sobre a cabeça.

O olhar de AJ percorreu meu corpo, sem nenhum sinal de hesitação ou preocupação com o quão magra eu tinha ficado; apenas desejo, aberto e honesto. Segurei o rosto dele com as mãos, sorrindo em um agradecimento silencioso, e comecei a puxá-lo para mim.

— Ah, espere — disse ele, tirando algo do bolso do paletó. Com um gesto teatral, ele exibiu um lenço demaquilante. — Para o seu batom — disse ele. Então ele sorriu, olhando para Theo atrás de mim. — A menos que você não se importe?

Theo soltou um murmúrio baixo de diversão, perto o suficiente para que eu sentisse o sopro de sua respiração descendo pelas minhas costas.

— Da última vez que não tiramos, parecia que um palhaço depressivo tinha pintado nossos rostos.

AJ soltou uma risadinha, focando novamente em mim.

— Aqui — disse ele, inclinando meu rosto em direção à luz. Seus olhos desceram para a minha boca, e ele começou a limpar meus lábios com toques suaves. — Quer que ele tire isso ou você mesma tira? — perguntou, indicando com a cabeça os adesivos que cobriam meus mamilos.

— Eu tiro — disse Theo.

Quase levei as mãos aos peitos em legítima defesa. Porque não havia a menor chance de ele ser gentil. Conhecendo-o, ele provavelmente os arrancaria como se fossem Band-Aids.

— Eu mesma tiro — assegurei, tateando às cegas em busca deles enquanto AJ terminava de limpar minha boca.

Theo afastou minhas mãos com um tapa e, então, seus dedos encontraram a borda do adesivo direito. Eu me preparei, e ele fez uma pausa ali, prolongando meu terror como o sádico que era. Mas então o cabelo loiro dele apareceu na minha visão periférica, e eu o senti depositar um beijo no meu ombro; sua outra mão estava nas minhas costelas, quente e grande, antes de deslizar pelo meu estômago e me puxar para junto dele. Eu odiava admitir, mas nos encaixávamos perfeitamente: suas coxas largas emoldurando as minhas, o corpo formando uma gaiola ao meu redor, como se ele pudesse usar seu tamanho para me proteger do mundo. Pena que era dele que eu precisava ser salva.

— Relaxe — disse ele, beijando o caminho até o meu pescoço. — Vou ser gentil.

AJ jogou o lenço demaquilante por cima do ombro.

— A menos que você não queira que ele seja.

— Não dê ideias a ele — falei, cravando meus dedos no paletó de AJ e puxando-o para frente.

Nossas bocas se encontraram, lábios se abrindo imediatamente para acolher um ao outro. Eu estava tão distraída pelo beijo que mal senti o puxão no meu seio enquanto Theo descolava o adesivo. Mas *senti*, logo em seguida, o dedilhar de seus dedos no meu piercing de mamilo e, *porra*, aquilo era bom. Veio um puxão no outro seio, e então meu peito estava totalmente exposto, as mãos imensas de Theo me envolvendo e me massageando, seus dedos roçando os dois mamilos em conjunto.

A necessidade me atingiu em cheio, e apertei as coxas uma na outra para não me contorcer. O fluxo de endorfinas e hormônios da felicidade correndo por meu corpo estava começando a aliviar minha dor, e eu queria *mais*.

Com um suspiro ofegante, interrompi o beijo.

— Vocês estão com roupas demais.

Eu nos virei, pressionando AJ contra Theo, certa de que este seria o momento em que meu chantagista recuaria, mas quando ergui o olhar para o dele, vi que o desafio havia sumido, substituído por algo inteiramente diferente. Algo quente, faminto; seus olhos azuis estavam escuros, com um brilho carnal que me dizia que ele também não tinha intenção nenhuma de parar.

Tê-lo me olhando daquele jeito…

Meu rosto esquentou. O desejo se enroscou no meu âmago.

E então me lembrei do quão bom Theo era em ler as pessoas, e desviei o olhar de volta para AJ antes que ele pudesse ver demais. Abri o paletó de AJ. Theo agarrou as lapelas, puxando-o pelos braços dele, e AJ se livrou da peça. Theo jogou a vestimenta na mesma cadeira onde havia estendido meu vestido. Então, os lábios dele estavam no pescoço de AJ e suas mãos na camisa dele, desabotoando-a. Desci meus dedos para o cinto de AJ, soltando-o. Suas calças emolduravam o pau latejante, e eu parei para deslizar a palma da mão por ele.

— Meu Deus, Stel — arquejou ele, aproximando-se para me puxar para outro beijo, este mais profundo, mais lento, enquanto as mãos de Theo se moviam entre nós, continuando a desabotoar a camisa de AJ.

Cometi o erro de abrir os olhos enquanto mudávamos de ângulo, e o azul preencheu minha visão. Theo estava me encarando a um centímetro de distância. Seus olhos se estreitaram, irritados, e ele os moveu para a direita em um comando claro: *Este é o meu lado, volte para o seu lugar.*

Lancei-lhe um olhar furioso, mas troquei de ângulo novamente, e mantivemos AJ entre nós como uma barreira, mal nos tocando enquanto terminávamos de

tirar as roupas do nosso companheiro.

A saliva se acumulou na minha boca enquanto eu encarava o pau de AJ: nem muito grande, nem muito pequeno, a cabeça cheia e imponente, o corpo liso e macio, sem uma veia à vista. Uma vez eu disse a ele que alguém deveria fotografá-lo e, embora ele tivesse rido, eu estava falando meio a sério. Com certeza algum livro de anatomia precisava de um exemplo de como era um pau perfeitamente formado.

Eu não conseguia lembrar a última vez que tinha tido um na boca, e nem mesmo a presença de Theo foi suficiente para me impedir de cair de joelhos ali mesmo no tapete e passar a língua pela cabeça dele.

— Porra — gemeu AJ, relaxando o corpo para trás contra Theo, com uma mão emoldurando meu rosto e a outra esticada para trás, procurando o que eu já sabia ser um "equipamento" muito maior e mais incômodo.

Toda a sorte para ele. Eu estava feliz onde estava, girando a língua por toda a circunferência da cabeça dele enquanto reaprendia a sensação de tê-lo ali. Ele era tão macio quanto eu me lembrava, tão responsivo quanto antes; seu pau latejava em meu aperto enquanto eu subia a mão pelo corpo dele e envolvia a haste com os dedos.

Eu estava começando a fechar os olhos para realmente aproveitar o que estava fazendo quando um movimento me fez arregalá-los de novo. A mão de Theo, descendo pelo abdômen de AJ para deslizar por entre os meus dedos e envolver os testículos dele. E então sua outra mão, assustadoramente grande, envolveu a parte de trás da minha cabeça, enfiando os dedos no meu cabelo e me puxando para trás com força suficiente para me fazer ver estrelas.

O calor se acumulou entre minhas pernas. Meu pulso vacilou.

Com um puxão, Theo fez eu me mover para frente de novo e, ah, não, eu não deveria gostar tanto disso — ele me controlando como um boneco de posto. Mas, pelo jeito que minha boceta se contraiu, não dava para negar a verdade.

Tirei a mão do pau de AJ e a apoiei em sua coxa, abrindo mais a boca, relaxando a garganta para que ele pudesse deslizar para dentro e para fora a cada estocada. Um olhar rápido mostrou AJ mexendo o braço que havia passado para trás, o bíceps flexionando. AJ estaria acariciando Theo por cima das calças do terno? Ou será que ele conseguiu libertar aquele pau massivo enquanto eu estava ocupada adorando o dele?

Eu queria saber; tinha uma curiosidade mórbida de ver o pau de Theo. Assim, eu seria capaz de identificar cada parte dele quando chegasse o dia inevitável em

que ele pressionasse alguém demais e fosse esquartejado em pedacinhos. *É, esse é o cacete dele, com certeza,* eu diria ao legista.

— Chega — disse AJ, saindo da minha boca e cambaleando em direção à cama, deixando-me ali ajoelhada no chão, com o pau imenso e *grosso* de Theo a meros 30cm do meu rosto. Meus lábios se abriram ainda mais, por surpresa, tentei dizer a mim mesma, mas, na verdade, eu estava apenas tentando imaginar se aquilo sequer *caberia*.

— Caberia — rugiu Theo.

Eu deveria ter despertado daquele transe, ter ficado de pé, mas continuei ali, imóvel, encarando aquilo, com o couro cabeludo começando a queimar pela força com que ele me segurava. De repente, ele me soltou, e foi só quando oscilei para frente que percebi que ele, na verdade, estava me segurando para eu não avançar.

Se recomponha, disse a mim mesma, levantando-me com as pernas trêmulas enquanto Theo se virava de costas.

Ele se livrou do paletó, os ombros forçando o tecido da camisa por baixo.

— Caralho, Stel — disse AJ da cama. Ele estava recostado nos travesseiros, acariciando-se distraidamente enquanto observava meu "namorado" se despir. — Onde você encontra homens tão lindos?

— Este aqui me seguiu até em casa como um vira-lata.

Theo se virou, desabotoando a camisa para revelar o peito liso e impecável de que eu me lembrava do nosso primeiro encontro. Ele me lançou um olhar convencido e depois olhou para AJ.

— Não deixe que ela te engane. Ela subiu no meu colo dez minutos depois de nos conhecermos.

— E dá pra culpar ela? — disse AJ. — Quer dizer, você já se viu no espelho?

A expressão de Theo era insolente enquanto seus olhos voltavam para os meus. Ele ficaria insuportável agora.

— Acho que você é a única pessoa que já conheci que é quase tão bonita quanto ela — acrescentou AJ, e agora era a minha vez de ficar presunçosa.

— *Quase* — articulei silenciosamente para Theo.

Em vez de disparar algum insulto mudo de volta para mim, ele me devorou de cima a baixo enquanto o último de seus botões se soltava. Eu me preparei para algum comentário horrível. Para que ele dissesse que preferia parceiras com mais carne nos ossos — um refrão comum dos meus parceiros passados —, mas seus olhos arderam quando subiram de volta para os meus.

— Ninguém é tão bonita quanto a Stella.

Eu quase caí morta ali mesmo.

A camisa dele flutuou até o chão, as calças e a cueca logo em seguida, e então ele estava ali parado, totalmente nu, e eu não sabia para onde olhar. *Qualquer outro lugar* teria sido o ideal, mas eu não conseguia desviar os olhos. Ele era uma obra de arte. Masculinidade pura. Poder brutal. Os mestres renascentistas teriam chorado ao vê-lo. Eu poderia preencher blocos de notas com esboços do corpo nu dele, páginas inteiras ocupadas pela curvatura de seus peitorais, o côncavo na base da garganta, o V profundo de seus quadris.

Ele envolveu a base do próprio pau com os dedos e apertou, e eu levantei a cabeça bruscamente para encontrar seus olhos cravados nos meus.

Desvie o olhar, implorei a mim mesma, mas eu era como um cervo paralisado pelos faróis de um carro. Theo queria mesmo aquilo? Será que eu estava certa semanas atrás, e alguma parte dele gostava das nossas discussões constantes e insultos afiados?

Ah, não. Será que *eu* gostava?

Chacoalhei meus ombros mentalmente. A resposta era não, definitivamente não. Na metade das vezes em que eu o enfrentava, sentia-me como um gatinho encarando um Doberman, tentando parecer maior e mais forte do que era. Nas outras vezes, meu objetivo era evitar que Theo ganhasse vantagem. E, tudo bem, talvez 1% das vezes eu estivesse tentando fazê-lo rir, mas isso tinha mais a ver com a minha necessidade doentia de ser engraçada do que com qualquer outra coisa.

Theo me examinou lentamente, a mão trabalhando o próprio pau, os olhos escuros com alguma emoção oculta que eu não conseguia interpretar. Isso me fez imaginar se eu não estava lendo demais nas entrelinhas. Estaria ele rindo de mim secretamente? Era tudo encenação? Ele conseguia ser um ator tão convincente que era impossível dizer o que realmente sentia.

Virei-me para a cama e para a visão muito mais simples de AJ esparramado sobre as cobertas. Ele esticou o braço e girou o interruptor de luz, e o quarto mergulhou em sombras quentes, não escuro demais para não enxergar, apenas claro o suficiente para ser íntimo e convidativo.

Aproximei-me do lado direito da cama, Theo do esquerdo, e paramos para uma última disputa de olhares.

Vai embora, falei a ele com os olhos.

Vai você, rebateu ele.

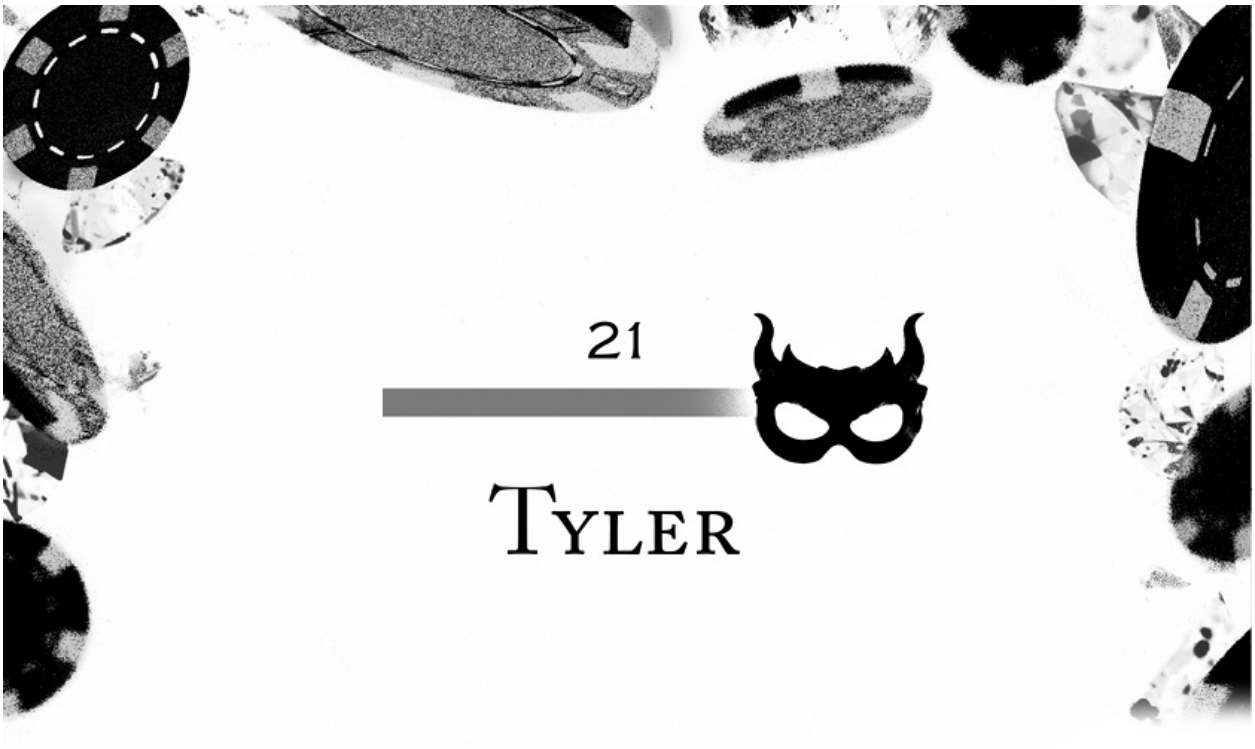
Em resposta, subi na cama ao lado de AJ. O outro lado do colchão afundou sob o peso de Theo conforme ele me copiava.

Esta é sua última chance, pensei para ele, descendo e deslizando para os braços de AJ que me esperavam.

Se você ficar, eu fico, ele pareceu dizer, acomodando-se do outro lado de AJ e depositando um beijo em seu ombro, os olhos ardendo para mim em meio às sombras.

Não havia mais volta. Isso ia acontecer.

Eu estava prestes a fazer um *ménage* com um homem que eu definitivamente *odiava*.



21

Tyler

STELLA AINDA ESTAVA DE CALCINHA, e isso me irritava profundamente. Porque *quid pro quo*. AJ e eu estávamos nus, então ela deveria estar também. Nada mais justo.

Ela se virou para o homem entre nós, espelhando o meu movimento, beijando o outro ombro dele enquanto seus olhos brilhavam em desafio. Não havia a menor chance de eu recuar, e eu percebia pela expressão obstinada no rosto de Stella que ela também não o faria.

Segurei o queixo de AJ, inclinando-o para o meu lado. O olhar dele desceu imediatamente para a minha boca, a língua aparecendo para molhar o lábio inferior carnudo. Porra, ele era gato. Eu achei isso desde a primeira vez que bati o olho nele. Cachos bagunçados, pele bronzeada pelo sol, olhos verdes brilhantes.

Ele encurtou a distância entre nós, envolvendo a parte de trás da minha cabeça com uma mão e me puxando. Nossos lábios se encontraram. Abri os meus, e ele seguiu meu exemplo; então minha língua estava na boca dele, trabalhando contra a dele. Apoiei-me em um cotovelo e aprofundei o beijo, abrindo os olhos para lançar um olhar provocador para Stella, mas a encontrei encarando a mim e a AJ com a primeira expressão desarmada que eu já vira em seu rosto.

Necessidade. Luxúria. Antecipação.

Meu pau endureceu contra a coxa de AJ. Stella *queria* aquilo. E agora que eu sabia disso, não havia como deixá-la fingir o contrário. Chega de usar AJ como um escudo, chega de desafiarmos um ao outro silenciosamente para ver quem dava para trás. Se íamos fazer isso, faríamos de verdade. Com tudo.

Interrompi o beijo, estiquei o braço por cima de AJ e a puxei para entre nós dois. Ela soltou um ganido surpreso que o fez rir, e então um arquejo ainda mais alto quando agarrei a alça finíssima de sua calcinha de seda e a arranquei. Meus olhos desceram para o pequeno tufo de pelos cuidadosamente aparados entre as pernas dela. De cada lado, havia um pequeno coração preto. Quem porra tinha chegado perto o suficiente para tatuá-la ali? E por que eu senti, de repente, uma vontade de matar a pessoa por isso?

Erguendo os olhos para os de AJ, pressionei a calcinha de Stella contra o meu nariz, inspirando profundamente o perfume dela. Doce. Almiscarado. Tão absurdamente delicioso quanto eu temia. A umidade pressionou meus lábios. Incapaz de me conter, eu os abri e lambi o tecido, o sabor dela explodindo em minha língua.

— Porra — arquejou AJ, as pupilas dilatadas enquanto me observava.

— Ela está molhada para nós — falei a ele.

— É verdade, Stel? — Ele se aninhou atrás dela, em conchinha, enquanto me encarava, deslizando a mão pelo estômago dela. Meus olhos travaram no movimento, observando com a respiração suspensa enquanto ele mergulhava os dedos entre as pernas dela. Stella soltou um ganido, apertando as coxas ao redor dele.

— Encharcada — confirmou ele.

O sorriso que se espalhou pelo meu rosto pareceu triunfante enquanto eu fixava o olhar em seus seios pequenos e firmes, os piercings de mamilo capturando a luz. Estiquei a mão e puxei um gentilmente, e Stella se contorceu contra a mão de AJ.

— Quantos dedos você colocou dentro dela? — perguntei.

— Só um — disse ele. — Ela é tão apertada.

— Ela aguenta outro — falei.

Sua expressão tornou-se predatória, e eu soube exatamente quando ele deslizou um segundo dedo na boceta dela porque ambos gemeram. As bochechas de Stella ficaram rosadas, o lábio inferior preso entre os dentes enquanto ela desviava o olhar por cima do meu ombro.

Nada disso. Ela não ia se safar dessa. Segurei o queixo dela.

— Olhe para mim.

Suas pálpebras tremeram, outro gemido fragmentado escapando por seus lábios antes de ela encontrar meu olhar. Sob a luxúria, vi algo mais. Algo sombrio, furioso. Como se ela odiasse o fato de me querer. Como se quisesse me punir por isso.

Certo. Talvez eu tivesse um pouco de *brat* em mim, afinal, porque a ideia de Stella descarregar toda aquela agressividade reprimida no meu corpo fez a cabeça do meu pau latejar.

O braço de AJ se movia, a mão bombeando entre as pernas dela, as veias em seu antebraço começando a saltar.

— Sua namorada é tão gostosa — disse ele para mim, e um calafrio possessivo me atravessou ao ouvir as palavras. — Tão molhada. Tão quente. Quer provar de novo?

Sons úmidos atingiram meus ouvidos quando ele acelerou o ritmo. O cheiro almiscarado de sexo preencheu o ar.

— Sim — respondi, praticamente num rosnado.

Ele retirou a mão com um som de sucção que não tinha o menor direito de ser tão excitante e a ergueu em minha direção, em oferta. Abri os lábios, a saliva se acumulando na minha boca só de pensar em limpá-la dos dedos dele, mas Stella agarrou o pulso de AJ no ar.

— Meninos maus não ganham recompensa — disse ela, e então sugou os dedos dele até a base da articulação, com os olhos cravados nos meus.

Pooorra. A visão fez meus testículos se contraírem. Me deu vontade de provocá-la ainda mais só para ver o que faria em seguida.

AJ gemeu, encostando a testa no ombro dela enquanto ela sugava as bochechas e limpava até a última gota de si mesma dele. E então ela abriu os lábios com um estalo e deslizou os dedos para fora, agonizantemente devagar, mantendo o contato visual enquanto sua língua girava entre os dedos dele. A cena fez todo o sangue do meu corpo descer direto para o pau, tão rápido que me deixou tonto.

Os olhos de AJ ficaram líquidos sob a luz fraca. O olhar que ele me lançou era ao mesmo tempo uma súplica e um pedido de desculpas.

— Quero foder a sua namorada.

— Quero que você foda a minha namorada. — As palavras saíram antes que eu pudesse contê-las.

Stella cravou as unhas no meu peito.

— Enquanto meu namorado enfia o pau grosso dele na minha garganta.

Meu coração quase parou. Ela não estava falando sério, estava?

Não, ela não podia estar falando sério. Aquilo era apenas ela jogando sua última carta, levando as coisas além do limite e me forçando a recuar. Só que eu não queria. E quanto mais eu sustentava o olhar de Stella, mais me convencia de que ela também não queria.

Todo o resto entre nós era confuso, complicado pra caralho, mas essa luxúria? Essa era a única verdade simples entre nós, e não podia mais ser negada.

Ela ergueu a palma da mão, mantendo-a na frente da minha boca.

— Cuspa.

Eu obedeci instantaneamente, meu pau latejando tanto pelo comando em seu tom de voz quanto pela ação em si. Ela deslizou a mão para trás, usando meu cuspe como lubrificante no pau de AJ. Ele encontrou meu olhar por cima do ombro dela, os dentes afundando no lábio inferior, e eu me inclinei para frente e capturei sua boca em outro beijo, prendendo Stella entre nós.

Ele se esticou e envolveu meu pau com os dedos pela segunda vez, com um aperto forte e seguro enquanto começava a me masturbar imediatamente, sem precisar de lubrificante por causa do quanto eu já estava vazando.

Afastei as pernas de Stella e deslizei meu joelho até o meio de suas coxas, dando a ela a fricção de que precisava. Um calor úmido cobriu minha pele na mesma hora, dizendo-me o quão excitada ela estava, o quanto desejava aquilo. Minhas mãos subiram para os seus peitos, tão pequenos, mas tão perfeitamente formados, e girei os dedos em torno de seus mamilos, roçando de leve nos piercings, provocando-a porque eu não conseguia me conter.

AJ interrompeu nosso beijo, e Stella inclinou a cabeça para recebê-lo em seguida, suas bocas se fundindo bem na minha frente enquanto ela o tocava, e a mim também; a mão apertando meu pau, relaxando, acariciando, apertando de novo.

Pressionei minha perna mais alto, fazendo um movimento constante que Stella acompanhava com estocadas trêmulas. Puxei os dois piercings de mamilo ao mesmo tempo, e então ela estava ofegante, interrompendo o beijo, a cabeça caindo contra os travesseiros enquanto se esfregava em mim. Suas bochechas ficaram coradas e seus lábios se abriram. Agarrei o queixo dela e enfiei meu polegar em sua boca para lhe dar algo para chupar. Sua língua se envolveu no meu dedo enquanto AJ bombeava meu pau, e ah, porra…

— Estou quase lá — avisei.

Stella também estava, a julgar por seus gemidos abafados.

— Ela primeiro — disse AJ.

O aperto dele em mim afrouxou, e percebi pelo modo como ele moveu os quadris para trás que havia se soltado da mão dela. Mantive meu joelho exatamente onde Stella precisava, continuei provocando seus mamilos enquanto AJ roçava com o nariz o ponto sensível atrás da orelha dela. Ele disse algo que não entendi, baixo e encorajador, antes de abrir os lábios e passar a língua pelo pescoço dela, apenas uma vez, antes de prender a boca ali e sugar.

Stella gemeu ao redor do meu dedo, respirando pesadamente pelo nariz, com os olhos bem fechados enquanto se movia contra mim. Um tremor percorreu seu corpo, suas coxas se apertaram com força, e então ela gozou, seus quadris perdendo o ritmo, sua boceta encharcando minha perna.

Eu a ajudei a descer suavemente depois, tirando meu polegar da sua boca. No segundo em que conseguiu falar, ela arregalou os olhos e olhou para trás.

— Coloque uma camisinha. Eu quero ser empalada entre vocês.

Meu Deus.

AJ gemeu, rolando para longe dela em direção a uma mesa de cabeceira.

Os olhos de Stella percorreram meu corpo lentamente, como se estivesse memorizando cada centímetro da minha pele. Ainda um pouco sem fôlego por causa do orgasmo, ela ficou de quatro, a boca tentadoramente perto de mim, a bunda exibida a AJ como um presente. O cabelo dela roçou meu peito enquanto ela se aproximava, e então senti seus lábios tocarem de leve minha orelha antes de sussurrar:

— Me faça engasgar como você ameaçou.

Meu pau teve um espasmo, outra gota de pré-gozo escapando da ponta. Esta noite estava me ensinando coisas sobre mim mesmo que eu desconhecia até então. O fato de que eu não odiava receber ordens no quarto. O fato de que eu talvez não fosse tão básico quanto sempre acreditei. Aquele era o meu primeiro *ménage* e, pelo jeito, não seria o último. A fome que crescia dentro de mim não poderia ser saciada apenas por esse encontro. Não, eu queria *mais*. AJ esparramado na cama enquanto Stella cavalgava seu rosto e eu o chupava. Ou ele entre nós dois, AJ fodendo Stella enquanto eu o fodia por trás. Ah, Deus. Stella entre ele e eu, presa em nossos dois paus, preenchida de tal forma que não conseguisse nem se mexer.

Fiquei de joelhos, pairando sobre ela enquanto AJ colocava a camisinha. Estiquei a mão e toquei seu lábio superior, logo ao lado do seu piercing. Meu pau era largo o suficiente para que ela realmente tivesse que se alargar ao meu redor, e a parte de trás do piercing poderia acabar cortando a gengiva dela.

— Precisa tirar isso, ou vou acabar te machucando.

Os olhos dela eram como poças de escuridão enquanto me encarava.

— E se eu quiser que você me machuque?

Porra, ela não deveria dizer coisas assim para mim. Não fazia ideia do quanto eu tinha *ansiado* por machucá-la. Esse impulso tinha diminuído recentemente, mas eu não era um homem bom o suficiente para recusar se ela estava oferecendo.

Atrás dela, AJ ficou de joelhos na cama; seu pau impecável, agora coberto por um preservativo, projetava-se de uma mata escura de pelos, seu corpo dourado sob a luz suave. A saliva se acumulou na minha boca com a visão. Ele tinha dito que Stella e eu éramos bonitos, mas eu o tinha visto atrair olhares em todas as festas em que fomos juntos, e eu sabia, pela expressão no rosto das pessoas, que era menos sobre quanto dinheiro ele tinha e mais sobre aquele rosto lindo.

Ele deslizou a mão pelas costas de Stella, e ela fechou os olhos, inclinando-se para o toque, praticamente ronronando. Então, os dedos dele se enroscaram no cabelo comprido dela, e ele puxou a cabeça dela para trás, inclinando a boca no ângulo perfeito para receber o meu pau.

Nossos olhos se encontraram acima dela.

— Ao mesmo tempo? — perguntou ele.

Assenti, incapaz de falar, desesperado para cumprir minha ameaça anterior e preenchê-la tanto comigo a ponto de não conseguir nem falar.

A boca dela se abriu. Segurei meu pau e usei a cabeça para pintar os lábios dela com lubrificante. Num instante, a língua dela disparou para fora, provando o meu gosto, e ela fechou os olhos, murmurando de prazer. Atrás dela, AJ posicionou o próprio pau para baixo, os quadris pressionando levemente para frente, os olhos fixos exatamente entre os dois. Porra, o que eu não daria por um espelho no teto para ver o que ele via.

— Caralho, como você é apertada, Stella — disse ele, com as sobrancelhas franzidas em concentração.

Ela não pôde responder, porque eu havia movido meus quadris para frente o suficiente para enfiar a cabeça do meu pau em sua boca, e ela estava ocupada demais girando a língua ao redor.

— Aqui — disse AJ, indicando o cabelo dela.

Eu o recebi dele, girando minha mão uma vez para enrolá-lo no meu pulso e puxar a cabeça dela ainda mais para trás, alongando aquele pescoço lindo, endireitando o esôfago dela para facilitar minha entrada.

AJ agarrou os quadris dela com ambas as mãos, empurrando mais fundo, e a visão quase acabou comigo. Seu abdômen se contraiu, os antebraços

flexionaram, a mandíbula travada como se ele mal conseguisse conter o impulso de estocar com força na boceta dela. O pensamento de que, mesmo depois de ter gozado tão forte quanto ela tinha gozado, Stella ainda era apertada o suficiente para exigir algum esforço fez meu pulso disparar. Porque agora tudo o que eu conseguia pensar era em como seria a sensação de meter nela antes que ela estivesse pronta para me receber. Não que eu *já* não tivesse imaginado isso.

Baixei o olhar para a boca dela. Eu não era tão cavalheiro quanto AJ, e Stella tinha deixado bem claro o que queria de mim, então eu daria a ela.

Com o punho cerrado no cabelo dela, eu a mantive firme, baixando minha outra mão para meu pau e posicionando-o antes de empurrar para frente, enfiando até o fundo da garganta dela. Ela engasgou, e eu aliviei a pressão, mas não muito.

— Chupe — ordenei a ela.

Ela fez o que eu mandei, sugando as bochechas, um calor úmido se apertando ao meu redor, um movimento de sucção facilitando minha próxima estocada para frente. Outro olhar rápido para AJ mostrou que ele me observava com um olhar faminto no rosto. Nossos olhos se encontraram e, então, empurramos os quadris para frente ao mesmo tempo.

Stella soltou um som dividido entre um gemido e uma tosse, mas não me deu nenhum sinal de que precisava de uma pausa, então não dei nenhuma. Em vez disso, estoquei novamente, mais forte, mais fundo, forçando a cabeça do meu pau na garganta dela. Era um aperto tão grande que eu corria o risco de realmente sufocá-la, então deslizei para fora. Suas narinas se dilataram enquanto ela sugava o ar. Era todo o alívio que eu daria a ela. Minha próxima estocada foi mais profunda, e ela engasgou novamente, lágrimas começando a escorrer de seus olhos. A cena era hipnotizante.

— Meu Deus, como eu senti falta dessa boceta — disse AJ, acompanhando meu ritmo, empurrando para dentro dela com estocadas suaves e lentas.

Stella soltou um som agudo que vibrou através do meu pau, e então ela se equilibrou em um braço só, com a outra mão enfiada entre as pernas enquanto brincava com o clitóris. Suas costas se arquearam, angulando os quadris para receber AJ ainda mais fundo. Ele acelerou, e eu também, empurrando com mais força, fodendo a garganta dela como AJ estava fodendo sua boceta.

O rosto dela avermelhou, os olhos bem fechados, rímel escorrendo pelas bochechas enquanto ela alternava entre gemer, engasgar e sufocar. Assisti meu pau entrando e saindo de seus lábios inchados, sabendo que a garganta dela doeria depois disso, amando o fato de que eu finalmente estava tendo a chance

de arruiná-la como queria desde aquela primeiríssima noite no estúdio de tatuagem.

Baixei minha mão livre até meus testículos, puxando-os e girando-os, meu olhar alternando entre o que eu estava fazendo com Stella e o que AJ estava fazendo.

— Vou gozar — disse ele. — Stella, meu bem, você vai me fazer gozar pra caralho.

Ele franziu a testa, o rosto corando, o peito arfando, os olhos fixos onde ele penetrava nela. Ouvi suas bolas batendo contra a pele dela, os sons de sucção do meu pau entrando e saindo de sua boca, os sons ainda mais úmidos vindos da boceta dela, e ah, meu Deus, eu ia gozar também.

A pressão aumentou na base da minha coluna. Meu pau endureceu, crescendo ainda mais dentro dela. Soltei meus testículos e agarrei a nuca dela, estocando fundo, estrelas explodindo em minha visão enquanto eu gozava. Stella engasgou e engoliu, a sensação de sua garganta se contraindo ao meu redor prolongando meu orgasmo. A porra vazava pela fresta de seus lábios e lágrimas escorriam por suas bochechas, mesmo quando um gemido baixo atingiu meus ouvidos. Ela parecia completamente destruída enquanto eu saía dela, desabando para trás, tremendo pela intensidade do meu orgasmo.

— Me fode mais forte — implorou ela, a voz rouca e selvagem.

Os olhos dela se abriram de repente, vermelhos pelo que eu tinha feito com ela, e então ela cravou a mão na minha coxa para se apoiar, as unhas me perfurando enquanto ela se impulsionava para trás contra o pau de AJ. Desse ângulo, eu conseguia ver tudo. Seus peitos balançando, sua outra mão trabalhando furiosamente entre as pernas, as coxas de AJ se contraindo enquanto ele se chocava contra ela.

— Sim, ai, meu Deus, sim — ofegava ela, os olhos se fechando com força, os lábios se abrindo em um sorriso de puro êxtase, uma nova onda de rubor tingindo sua pele delicada.

— Stella! Porra! — gritou AJ.

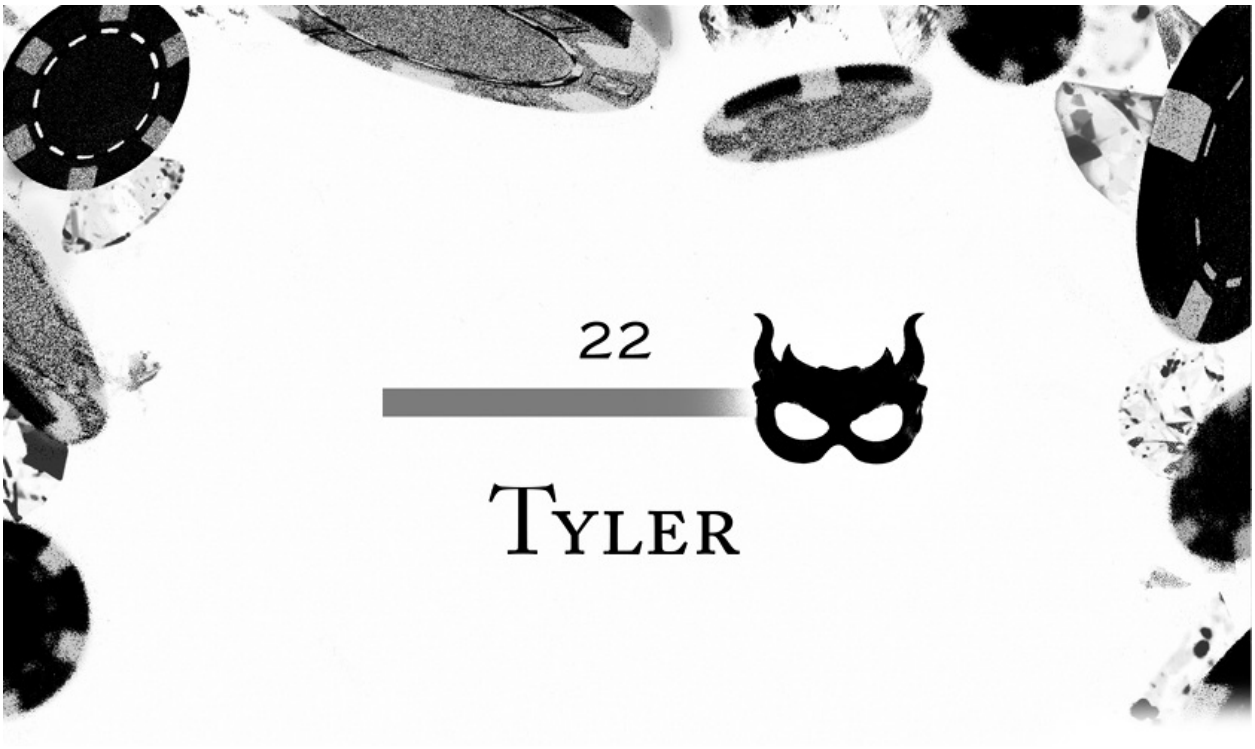
Eles gozaram juntos, e eu nunca tinha visto nada mais bonito em toda a minha vida.

Depois, Stella desabou para frente sobre mim, o peito arfando, a pele úmida de suor. Afastei o cabelo emaranhado de seu rosto e a envolvi em meus braços, sussurrando palavras de afirmação em seu ouvido, dizendo o quão bem ela tinha me recebido, o quão linda ela estava engasgando no meu pau.

AJ jogou a camisinha na lixeira ao lado da cama e se aconchegou do outro lado dela. Ela esticou o braço para trás para puxá-lo para mais perto. Os braços dele deslizaram pela cintura dela e depois pela minha, unindo-se atrás das minhas costas, puxando todos nós para perto.

Levantei os olhos para o teto, com a cabeça girando. Que porra nós acabamos de fazer?

E por que eu estava tão desesperado para fazer de novo?



22

Tyler

Meu celular apitou com uma notificação.

— Só me diz quem é e eu paro de te encher o saco — disse Josh ao meu lado no sofá. Era um domingo, e ele tinha me vencido pelo cansaço (e pela culpa) para ir até a casa dele jogar videogame, alegando que “nunca mais me via” agora que não morávamos mais juntos. O que eu fiz questão de pontuar que era culpa dele, já que foi ele quem resolveu ficar noivo.

Da Aly. Uma mulher com quem eu costumava transar.

Nem um pouco constrangedor.

Olhei de soslaio e vi que ele estava encarando meu celular em vez da TV. Sua pele estava bronzeada em um tom oliva profundo pelo sol do verão, e ele tinha deixado o cabelo escuro crescer o suficiente para que desse para notar uma leve ondulação. Estava quente hoje, e ele vestia um short folgado e uma regata que deixava suas tatuagens à mostra. Ao contrário da mistura aleatória de Stella, as dele se fundiam perfeitamente: monstruosidades góticas subindo por seus braços como demônios escapando do inferno. Por mais que a personalidade dele pendesse para o lado palhaço, ele conseguia ser um desgraçado bem sombrio quando queria.

— Atrás de você — avisei.

Tarde demais. Respingos de sangue preencheram o lado dele na tela dividida enquanto um soldado inimigo o fuzilava. Ele gritou e se esquivou para o lado,

tanto na tela quanto ao meu lado, batendo o ombro no meu e quase derrubando o controle das minhas mãos.

Maud, a gatinha deles, que estava dormindo no encosto do sofá, deu um pulo e disparou para a segurança de uma árvore de gatos ali perto, onde seu irmão mais velho e ranzinza, Fred, estava sentado me observando com os olhos semicerrados. Eu e aquele babaquinha nunca nos demos muito bem.

Josh jogou o controle na mesa de centro.

— Bom. Morri. — Ele olhou para o meu celular de novo.

E então deu o bote.

Eu me lancei para frente para interceptá-lo, mas ele o surrupiou da mesa e saiu correndo como o puta moleque que era.

Corri atrás dele porque eu tinha tido um trabalho do caralho para apagar meus rastros; ele não podia descobrir que eu basicamente mentia para ele há dois anos. Se ele visse alguma mensagem suspeita no meu telefone, nunca deixaria passar, e como ele era um hacker de primeira, não haveria como impedi-lo uma vez que começasse a investigar. Eu sabia o quão obsessivo ele podia ser; bastariam um ou dois dias para descobrir toda a minha operação ilegal, e aí nossa amizade estaria realmente na corda bamba.

— Devolve essa porra! — gritei.

Josh desviou de uma poltrona e correu para os fundos da casa, e, puta merda, ele estava rápido. Será que andou fazendo mais cardio ultimamente?

Fui atrás dele até o gatil. Ele saltou por cima de Aly, que estava esparramada em uma espreguiçadeira, lendo. Ela era quase tão alta quanto Stella, mas musculosa, com pele bronzeada, longos cabelos castanhos e um nariz italiano marcante.

— Defenda minha honra! — disse Josh, escondendo-se atrás dela.

— Ele roubou meu celular — expliquei quando ela me lançou um olhar confuso. Ela se virou para Josh, que não fazia o menor esforço para esconder que estava tentando invadir o aparelho.

— Amor. Limites. — Ela o arrancou da mão dele e jogou de volta para mim, e meus ombros relaxaram de alívio. Pelo amor de Deus, essa foi por pouco.

— Quem é Stella? — perguntou Josh em um tom cantado.

Merda.

Aly virou a cabeça na minha direção, com os olhos arregalados, tão metida quanto o noivo.

— Ninguém — retruquei entredentes.

— Ihhh — disseram eles em coro, no mesmo tom irritante.

Olhei para baixo e vi que Stella tinha mandado uma mensagem, dizendo a que horas eu deveria buscá-la para a festa de hoje à noite. Duas semanas haviam se passado desde a nossa noite com AJ. Tínhamos ido a mais quatro eventos desde então; nossa guerra de palavras estava escalando, nossos flertes ganhando um tom perigoso, a tensão aumentando até um ponto de ruptura, porque o conhecimento, as *memórias* do que tínhamos feito, estava deixando nós dois malucos.

Eu sabia que não era o único a sentir aquilo. Eu via o jeito que ela me encarava quando achava que eu não estava olhando; sentia o jeito que ela tremia sempre que um de nós encurralava o outro contra a parede — algo que acontecia com uma frequência cada vez maior.

Parte do problema era que não tínhamos falado sobre aquela noite, nem sequer reconhecemos a sua existência. Eu tentei tocar no assunto uma vez (de um jeito idiota, para ser honesto comigo mesmo) e Stella disse: *Não*, com tanto rancor que, pela primeira vez, eu recuei.

Que erro foi aquele *ménage*, não apenas porque deixou as coisas ainda mais estranhas e tensas, mas porque toda vez que eu fechava a porra dos meus olhos, eu via AJ metendo em Stella por trás, as mãos nos quadris dela, o olhar dele fixo onde eu fodia a boquinha linda dela.

Aquela noite tinha alterado a química do meu cérebro, ficado impressa na minha pele como uma tatuagem invisível. Como diabos você volta atrás depois disso? Como você consegue agir normalmente perto de alguém depois de ter tido o sexo mais incrível da sua vida com essa pessoa?

— Tyler tem uma namorada — cantarolou Josh.

— Ela *não* é minha namorada — falei, entrando na casa a passos largos.

Fui direto para a geladeira, abrindo-a para procurar uma cerveja. O ar gelado me atingiu; fechei os olhos e implorei para o meu pau se comportar. Ele estava duro de novo — estava assim praticamente sem parar desde a noite do *ménage* — e me masturbar só trazia um alívio temporário. Eu precisava de algo mais para saciar essa sede. Stella, curvada sobre a cama enquanto eu a fodia, com AJ nos observando de uma cadeira próxima. Ou melhor ainda, meu rosto enfiado entre as coxas dela enquanto minha língua trabalhava em sua boceta e meus dedos provocavam aqueles mamilos lindos.

Pare, implorei a mim mesmo, encostando a cabeça na porta fechada do freezer. Pensamentos como esse não estavam ajudando em nada agora.

Você a odeia, eu dizia a mim mesmo, mas as palavras soavam vazias. Que motivo me restava para odiá-la? Ela estava esgotando sua herança para pagar por

um crime que nem sequer tinha cometido. Ela estava me ajudando ativamente a caçar pessoas que mereciam ser punidas. E não era como se eu pudesse alegar que ela era uma esnobe elitista. Reservada, distante, francamente rude às vezes? Claro, mas eu provavelmente tinha feito por merecer esse tipo de tratamento.

Então, o que restava? Eu a odiar apenas pelas circunstâncias do seu nascimento? Porque ela cresceu com tudo enquanto eu não tive nada? Isso não parecia certo. Não mais.

— Certo. *Ela* te odeia — falei, porque isso sim ainda era uma certeza. Uma chantagem contínua é bem difícil de perdoar, e não era como se eu tivesse ajudado muito com a minha personalidade "encantadora". Porra, na maior parte do tempo em que eu estava perto de Stella eu me tornava a pior versão de mim mesmo, punindo-a pelos pecados do meu pai porque eu não podia descontar nele.

Ainda não.

Bem, tudo isso mudaria amanhã à noite. Se tudo corresse conforme o planejado, seria a última festa que teríamos que ir juntos.

— Ei — disse Josh atrás de mim.

Olhei por cima do ombro e o vi encostado no batente da porta com cara de arrependido.

— Desculpa por ter pegado seu celular.

— E o que mais? — gritou Aly lá do gatil.

Josh fez uma careta.

— E por tentar hackeá-lo. — Ele deu uma olhada rápida para trás e se aproximou apressado, baixando o tom de voz como se não quisesse que a noiva ouvisse o que ele diria a seguir. — Eu só me preocupo com você. Sinto que, assim que eu me mudei, você ficou distante. Tem certeza de que está tudo bem mesmo comigo e a Aly?

Suspirei.

— Cara. Eu e a Aly nunca tivemos nada sério. Não se preocupe, não estou guardando mágoa nem sinto nada por ela.

Ele me encarou como se não estivesse totalmente convencido.

— Acha mesmo que eu não reconheceria suas tatuagens? — perguntei.

Josh ficou tenso, sabendo exatamente do que eu estava falando sem que eu precisasse dizer mais nada. Sete meses atrás, Aly tinha me mandado o print de uma *thirst trap* — um cara sem camisa, coberto de sangue falso e usando uma máscara — e me perguntou o que eu achava de usar uma para ela da próxima vez que ficássemos. O que era bizarro, já que ela estava me dando um gelo há

dois meses (só mais tarde descobri que não tinha sido por querer, mas que o trabalho dela como enfermeira de emergência consumia sua vida).

Aquele print era da conta “supersecreta” de Josh no MaskTok, que ele achava que eu não conhecia. Como os dois me lembravam um ao outro — ambos cronicamente online, nada sérios, um tanto antissociais e mórbidos pra caralho — decidi mostrar a mensagem para Josh, esperando que ele a procurasse. Em vez disso, ele começou a stalkeá-la, porque não conseguia se conter; mas acabou que ela curtiu, e agora os dois estavam insuportavelmente apaixonados.

Dei um tapinha no ombro do Josh.

— Mano, eu que juntei vocês dois.

— Eu sabia! — disse Aly, surgindo de trás do batente da porta, de onde claramente estava bisbilhotando. — Aquela noite no seu apartamento, quando você me agradeceu por tirá-lo das suas mãos. Você parecia tão convencido…

— É a cara dele mesmo — disse Josh.

Dei um soco no ombro dele.

Aly se juntou a nós na cozinha.

— E eu *sabia* que você devia ter reconhecido as tatuagens dele. — Ela se virou para Josh. — Eu te *disse*.

Ele abriu um sorriso sem graça.

— Pode me culpar por esperar que ele não tivesse reconhecido? A reputação da minha conta não é das melhores.

— Como assim? — perguntei. — O filho de um assassino em série notório que se fantasia de algo que parece saído diretamente de um filme de terror e fica se esfregando no ar ao som suave de Sleep Token? Não vejo nada de problemático nisso. — Meu tom era seco como um deserto.

Josh abriu a boca para falar.

Aly foi mais rápida.

— Ele está tentando desviar o assunto de Stella.

Merda.

— É sério, cara — disse Josh. — Quem é ela?

— Ninguém.

— Ela tem que ser *alguém* pra você fugir do assunto desse jeito.

Dei de ombros.

— Tá bom. Ela é alguém.

— Você… *gosta dela*, tipo, gosta dela? — insistiu ele.

Fiz uma careta.

— Qual foi, tá no ensino fundamental agora?

— Ora, me perdoe — disse Josh. — Você só parece meio sensível demais quando o assunto é ela, e eu estou tentando ser respeitoso com as suas delicadas sensibilidades.

— Você é a pessoa mais irritante que eu conheço. Por que a gente ainda é amigo?

Ele tentou me dar um mata-leão. Eu me esquivei. Ele tentou me agarrar, mas eu o bloqueei, e então foi a minha vez de sair disparado pela casa, saltando por cima de Fred quando ele pulou de trás do sofá, com as quatro patas estendidas e um brilho assassino em seus olhinhos miúdos — a prova de que era tão psicótico quanto os pais.

Peguei minhas chaves na mesa de centro ao passar.

— Valeu pelo almoço!

— Volta aqui, seu covarde! — rugiu Josh.

Saí correndo pela porta da frente em direção ao meu carro, rindo ao entrar, sentindo-me mais leve do que me sentira em semanas. Merda, eu realmente deveria começar a sair mais com ele. Mesmo que seu gato estivesse tentando me matar.



Todo verão, os pais da Stella e o Richard davam um sarau anual para seus funcionários. Este ano, o evento estava sendo realizado em um museu no centro da cidade. Eles haviam alugado o lugar inteiro para a noite e pago alguns dos guias para fazerem hora extra, oferecendo tours para os funcionários da empresa.

Eu estava atrasado devido a um dia caótico e pedi que Stella me encontrasse lá. Tudo sempre dava errado na semana que antecedia a noite do jogo, o que era parte do motivo de eu nunca enviar os convites faltando mais de uma hora para o início.

Passei a maior parte da manhã tentando resolver problemas com meu eletricista, que estava preocupado com a quantidade de energia que pretendíamos puxar, e depois a tarde lidando com o encanador, que estava com dificuldade para redirecionar um cano de água. Além disso, minha equipe de segurança habitual não estava disponível, então tive que ligar para Junior e perguntar quem ele recomendava. Ele me passou o nome de uma unidade de mercenários e me disse para avisar que tinha sido indicação dele.

Tudo isso me deixou mais atrasado do que o planejado e, quando cheguei ao museu, a festa já estava a todo vapor.

Tô aqui, mandei uma mensagem para Stella enquanto saía do carro.

Estou esperando perto da entrada, respondeu ela.

Imaginei que ela estivesse logo na parte de dentro, mas a encontrei andando de um lado para o outro do lado de fora. Ela estava incrível. Esta noite era mais formal do que todos os outros eventos em que estivemos; o código de vestimenta exigia vestidos de gala e smokings. Ela estava de costas para mim enquanto caminhava, as costas nuas como na noite em que nós…

Não pense nisso ou vai acabar tendo que cumprimentar ela de pau duro, avisei a mim mesmo.

A saia do vestido esvoaçava atrás dela, camadas de chiffon preto sobrepostas a um cinza mais claro por baixo, quase como se ela fosse um fantasma emergindo de um nevoeiro. O que deveria ser mais assustador do que sexy, mas Stella conseguia fazer funcionar.

Ela se virou e caminhou na direção oposta, e eu absorvi cada detalhe dela. A frente do vestido subia até o pescoço, o chiffon tão fino que parecia transparente, mas como eu não conseguia ver os mamilos (infelizmente), presumi que fosse algum tipo de ilusão de ótica — forrado com um tecido da cor da pele dela ou algo assim.

Quando cheguei mais perto, notei que ela tinha trocado seus piercings prateados habituais por acessórios em preto fosco para combinar com o vestido. Sua maquiagem estava mais sutil hoje do que de costume; a base era fina o suficiente para eu vislumbrar algumas sardas sobre o nariz, e os lábios estavam cobertos por um brilho simples que os deixava com um aspecto úmido e convidativo.

— O que houve? — perguntei, porque estava claro, pela expressão em seu rosto e pelo jeito que ela apertava o estômago, que algo estava errado.

Ela ergueu a cabeça num solavanco, como se estivesse tão perdida em seu próprio mundinho que não tivesse me notado até eu estar bem na sua frente.

— Maddie está aqui.

— O quê? — murmurei entredentes.

Um olhar de traição atravessou o rosto dela.

— Você me disse que eu não teria que vê-la de novo.

— E eu falei sério. — Eu me virei e caminhei em direção à porta, furioso. Aquela vadiazinha estúpida.

Stella agarrou meu braço e tentou me puxar para longe.

— Theo, vamos embora. Eu quero sair daqui.

Eu a arrastei por alguns passos.

— Não. Eu avisei o que aconteceria se ela aparecesse em outro evento.

Stella me puxou com mais força.

— Calma. Você está começando a me assustar.

— Eu estou calmo.

— Não, agora é você quem está com olhos de tubarão — disse ela. — E está com aquele seu sorriso de "estou prestes a destruir a vida de alguém".

Parei e me virei para ela, minha voz persuasiva enquanto envolvia o seu rosto com as mãos.

— Vamos lá, me deixe destruir ela por você.

Os olhos dela desceram até meus lábios e ficaram ali por um momento enquanto ela pensava na ideia.

— Diga que sim, Stella — sussurrei de forma sedutora, aproximando meu corpo do dela, inclinando o rosto dela para o meu. — Você sabe que quer isso.

Eu ainda falava da Maddie? Ou dos nossos assuntos inacabados, instigando Stella a finalmente decidir se ia ou não me deixar fodê-la?

As pálpebras dela tremeram, os lábios se entreabriram e ela pendeu na minha direção, apenas um milímetro.

Uma buzina soou na rua.

Stella se soltou do meu toque, o desejo desaparecendo de seus olhos.

— Devíamos ir. Não apenas por causa de Maddie, mas porque não tem muita gente lá dentro que você consideraria peixe grande. A maioria é apenas gente comum. Contadores, analistas de marketing, corretores de imóveis.

Merda, isso não era bom. Eu *tinha* que estar lá dentro, porque algumas daquelas pessoas comuns estavam na minha lista de convidados e nem sabiam disso ainda. Linda do RH. Joe do Financeiro. A assistente executiva de Phil, Jessica. O que significava que eu precisava convencer Stella a ficar.

— Não tente fazer isso ser sobre mim — falei. — Nós dois sabemos que é sobre você deixar Maddie te expulsar daqui.

Stella balançou a cabeça.

— Eu não posso ver ela de novo. Não confio em mim mesma perto dela.

— Então confie em mim. Você não vai precisar dizer uma única palavra. Só me dê alguns minutos para tirar ela daqui. É tudo de que preciso. — Inclinei-me para olhar diretamente nos olhos dela. — E então, em alguns dias, ela receberá um convite que não poderá recusar.

— A próxima noite de jogo é tão cedo assim? — perguntou Stella.

Assenti.

— Só pense que, se tudo correr bem, você talvez nunca mais tenha que me ver.

As sobrancelhas dela se franziram minimamente, o suficiente para me dizer que ela não sabia como se sentir a respeito disso. O que não deveria fazer uma onda de esperança crescer dentro de mim. Depois que eu executasse meus planos, Stella não ficaria dividida; ela voltaria a querer me matar.

Encostei minha testa na dela.

— Ninguém merece tanto ter a mim como seu demônio pessoal quanto Maddie. Estou disposto até a dividir a dívida dela com você, para que possa recuperar parte do dinheiro que gastou ajudando Runa.

— O que você quer dizer? Não deveria ir tudo para a *minha* dívida?

Balancei a cabeça.

— Não. Tenho certeza de que uma noite de jogo vai ser suficiente para quitá-la, o que significa que posso ser generoso com o que quer que Maddie acumule.

Stella se afastou, seus olhos buscando os meus.

— Por que você faria isso?

— Porque a responsabilidade de pagar não era sua. Era dela — rosnei.

Os olhos dela se arregalaram e eu endireitei a postura, passando a mão pelo rosto, tentando conter minha fúria. Eu tinha que entrar lá, e Stella precisava estar ao meu lado, porque qual motivo eu teria para estar aqui sem ela?

— Por mais que eu adorasse soltar você em cima de Maddie, é uma má ideia — disse Stella. — Se ela acabasse endividada, poderia correr direto para os pais para fazer a dívida sumir, exatamente como fez depois do acidente. E eles são ainda piores do que ela. Eles não pagaram advogados apenas para defendê-la; pagaram para me destruir. Eles são o tipo de pessoa que queimaria a cidade inteira para te encontrar e garantiriam que todos que já trabalharam com você, ou que sequer te conheceram, sofressem também.

Cerrei o maxilar com tanta força que doeu, o antagonismo e a teimosia disputando o domínio dentro de mim. Nada do que Stella disse me deixou menos determinado a ir atrás de Maddie; ao contrário, só tornou tudo ainda mais inevitável. Porque Maddie era quem eu achava que Stella fosse. Maddie era tudo o que havia de errado com os ricos, e era hora de ela finalmente pagar por seus crimes. Era hora de todos eles pagarem.

— Os pais dela não virão atrás de mim — falei.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque Runa não é a única vítima de Maddie, e se eles tentarem me enfrentar, vou ameaçar vazar o que eu sei. Então, sim, eles vão *ter* que me pagar. E depois eu vou vazar tudo de qualquer jeito, porque pau no cu deles.

Os dentes de Stella se fecharam com um estalo, e eu soube que a tinha vencido.

— O que Maddie está vestindo hoje à noite? — perguntei, dando um passo para trás em direção às portas.

— Espere, a gente devia conversar mais sobre isso.

Dei meia-volta e entrei a passos largos. No que me dizia respeito, não havia mais nada sobre o que conversar.

Stella se apressou para me alcançar.

— O que você vai fazer?

— Tenho certeza de que vou pensar em algo — respondi. — Mas, se você puder fazer uma lista dos maiores medos dela, seria útil. Não me importo nem um pouco em encher a bolsa dela de aranhas.

— Isso é horrível. — Uma pausa. — Use abelhas. Ela é alérgica.

Eu ri e envolvi a cintura de Stella com o braço. Merda, ela realmente usava o humor como muleta. No começo isso me irritava, mas agora eu temia sentir falta quando tudo terminasse.

— Vire à direita — disse ela. — Eu a vi indo em direção ao período Jurássico.

Peguei duas taças de champanhe de um garçom que passava e entreguei uma a Stella, porque ela gostava de ter algo para fazer com as mãos nesses eventos. Isso diminuía o impulso dela de mostrar o dedo para as pessoas.

— Por que ela foi sequer convidada?

— Ela não foi — disse Stella. — Veio como convidada de outra pessoa.

— É outra armação.

— Com certeza.

— Quem é o acompanhante dela? Algum herdeiro esnobe?

— Não, na verdade. Ele é o CFO da empresa. Acho que é a primeira pessoa da família dele a se formar na faculdade. Eu só vi ele duas vezes, mas pareceu ser uma pessoa decente.

— Ele deve ter um lado meio Sr. Hyde escondido se está saindo com ela.

— Provavelmente mastiga fazendo muito barulho — disse Stella.

— Usa luvas hidratantes para dormir.

— Coleciona bonecas antigas.

— É secretamente um *pearvertido*.

Stella riu, um som alto e contagiante que eu nunca tinha ouvido antes e que me fez virar a cabeça. Ela percebeu o meu olhar e ergueu os olhos para os meus; nós diminuímos o passo até parar ali mesmo, no meio da multidão.

Merda. Eu não a odiava nem um pouco. Mas também não estava pronto para examinar o que eu *realmente* sentia, então, em vez disso, apontei com a cabeça para algo atrás dela.

— Ei, olha só. Vocês combinam.

Ela olhou por cima do ombro para o dinossauro mais próximo. Tinha cerca de 1,80m, com uma pele cinza-escura manchada e protuberâncias ósseas salientes ao longo da testa e do nariz, quase exatamente nos mesmos lugares que os piercings dela.

Ela semicerrou os olhos ao se voltar para mim.

— Você é um idiota.

— Espera, quero tirar uma foto. — Peguei meu celular. — Diga: “Gêmeos!”

— Eu te odeio — disse ela, afastando-se a passos largos, e embora o comentário tenha sido despreocupado, as palavras doeram.

Eu me apressei para alcançá-la, passando o braço pela cintura dela porque não conseguia me conter, e porque aquela poderia ser uma das minhas últimas chances.

— Sabe que dizem por aí que o amor e o ódio são dois lados da mesma moeda.

— Sei que quem acredita nisso é um idiota.

Baixei o tom de voz.

— Palavras fortes para a mulher que gritou meu nome quando gozou.

Ela soltou um som de horror.

Meu sorriso pareceu maníaco.

— Não tinha percebido que fez isso, não é?

— Porque eu *não* fiz — insistiu ela. — Eu disse: “Ai, meu Deus”.

— Achei que Deus fosse o apelido que você tinha escolhido para mim.

— Você é *tão* convencido.

— É mesmo? — Lancei a ela um olhar significativo. — Ou será que é hora de você finalmente admitir que minha autoconfiança é justificada?

Ela quebrou o contato visual, varrendo a sala com o olhar como se procurasse por uma tábua de salvação.

— Ah, olhe! Meus pais. E Richard está com eles.

Foi como se ela despejasse um balde de água fria na minha cabeça. Porra, eu não queria ver aquele babaca ainda.

Ela puxou meu braço, praticamente me arrastando pelo salão. Contornamos um pequeno grupo que conversava perto de um estegossauro, e lá estava ele, parado bem entre Georgie e Phil, com uma bebida na mão e um sorriso largo no rosto, como se não tivesse uma única preocupação no mundo. A visão me deu vontade de rugir como um desses dinossauros malditos, vontade de arrancar o copo da mão dele e esmagá-lo em sua cabeça.

Achei que ficaria mais fácil vê-lo com o tempo, mas só tinha ficado mais difícil esconder meu ódio.

Phil nos avistou.

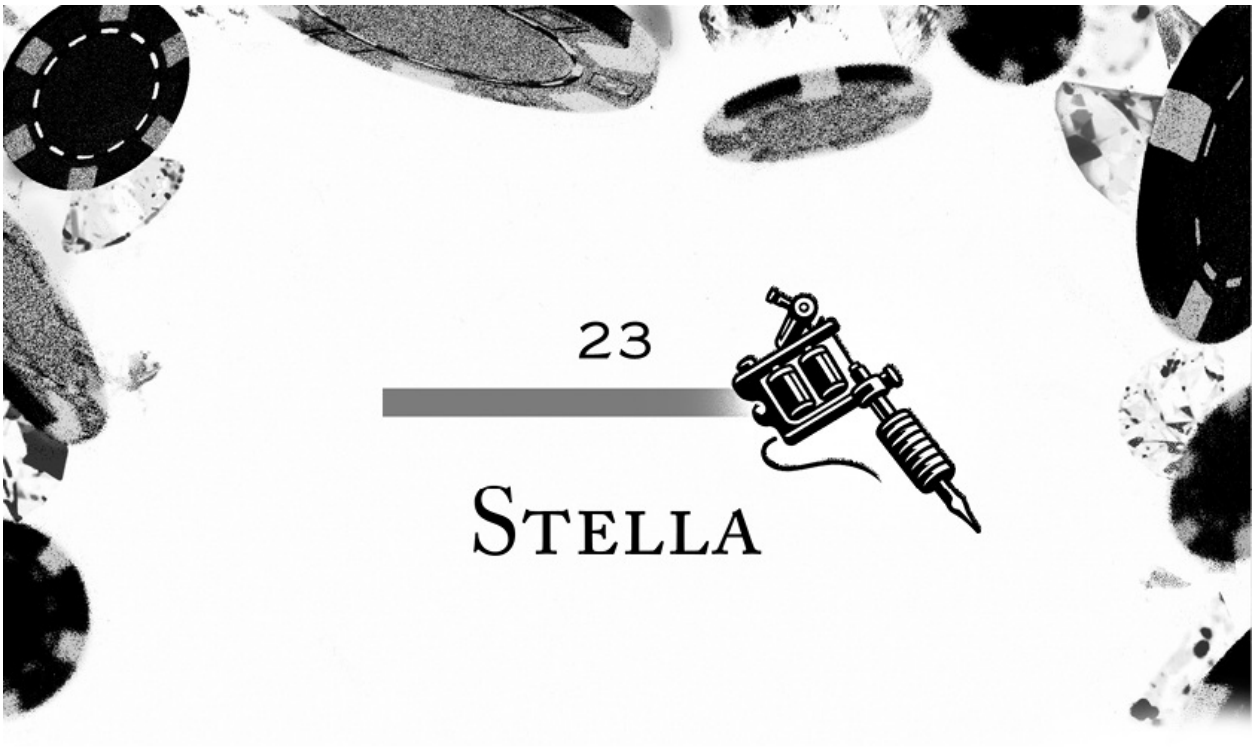
— Theo — disse ele, com um sorriso caloroso e acolhedor. — Que bom que você conseguiu vir.

Cumprimentei o trio. Richard deu um passo à frente por último, com a mão estendida.

— Bom ver você de novo, Theo — disse ele, sorrindo como se fosse sincero.

Forcei-me a sorrir de volta, a deslizar minha mão na dele e a não sucumbir ao desejo de quebrar todos os seus malditos dedos.

Bom ver você também, papai. Você não vai sorrir por muito mais tempo.



23

STELLA

— SR. LAWSON— disse Theo, soltando a mão de Richard. — Como vai?

— Bem — respondeu Richard, lançando um olhar de soslaio para meu pai. — Este aqui tem enchido minha caixa de entrada com trabalho, e estou quase tentado a pedir demissão e fugir para um vinhedo na Toscana.

Minha mãe fez uma careta.

— E virar uma daquelas pessoas insuportáveis que só sabem falar de uvas?

Richard passou a mão na nuca, como se tivesse sido pego no flagra.

— E qual seria o problema?

O olhar da minha mãe foi de repreensão.

— Você ficaria louco de tédio em um mês e nos imploraria para voltar, mas a essa altura já teríamos contratado alguém muito mais qualificado que você para ocupar o cargo, e tudo se tornaria insuportavelmente constrangedor.

Richard olhou para Theo.

— Trinta anos aguentando esse tipo de assédio moral no trabalho.

Theo soltou uma risadinha e, para quem não o conhecesse, provavelmente soaria normal, mas meus ouvidos captaram uma nota forçada. Será que ele ainda estava pensando na Maddie? Teria avistado ela na multidão? Eu a procurei, o sangue carregado de adrenalina correndo nas minhas veias enquanto meu instinto de luta ou fuga despertava. Onde ela *estava*? Na minha cabeça, eu a via

espreitando atrás de cada grupo de pessoas, esperando para dar o bote no segundo em que minha guarda baixasse.

— Ah, Jerry! — disse Richard, erguendo a taça para alguém do outro lado do salão. Ele nos deu um sorriso de desculpas enquanto se afastava. — Eu sei que não deveríamos falar de trabalho nessas festas, mas quero agradecê-lo por me entregar um relatório antes do prazo.

Meus pais nos deixaram alguns minutos depois para cumprimentar os convidados, e notei que o olhar de Theo ainda acompanhava Richard.

— Ele sempre vem a essas festas sozinho? — perguntou ele.

— Sim, ele está solteiro desde que o conheço. Quer dizer, ele já namorou, mas não lembro de ele ter tido um relacionamento sério de longa duração.

Theo bufou.

— Típico.

— O que você quer dizer com isso?

Ele me encarou.

— Só mais um *playboy* rico.

— Richard não é assim.

A risada que ele deu em resposta foi condescendente.

— Ele *não é* — insisti. — Houve um grande drama quando eu era mais nova; ele e a esposa tiveram um divórcio muito longo e feio. Acho que ele conheceu outra pessoa durante o processo? Mas aí ela simplesmente sumiu do mapa, e ele está sozinho desde então. — Havia mais nessa história, incluindo a busca desesperada de Richard pela mulher que desaparecera e um filho que ele tentava encontrar há mais de duas décadas, mas eu não ia sair espalhando os segredos dele.

— Uma história e tanto — disse Theo, como se não acreditasse em uma palavra, o que me deixou na defensiva. Richard era um bom homem, e eu não gostava da insinuação de que não fosse.

— Sabe, só porque ele é rico não significa que seja um mentiroso.

Theo abriu a boca, com uma expressão cruel no rosto, mas pareceu mudar de ideia e virou o resto do seu champanhe de uma vez.

— Vou precisar de algo mais forte que isso para aguentar esta noite. Onde fica o bar?

— Acho que fica no período Cretáceo.

Ele me lançou um olhar vazio.

— Por aqui.

Mantive os olhos bem abertos à procura de Maddie enquanto caminhávamos, meus ombros subindo, os músculos retesados de tensão. Onde diabos ela estava? Pelo jeito que Theo rastreava a multidão, dava para notar que ele se perguntava a mesma coisa e, quando chegamos ao bar, estávamos ambos silenciosos e tensos.

Após fazermos os pedidos (uma água para mim, um *old-fashioned* para o Theo), vagamos pelo Salão da História Humana, tentando agir com naturalidade quando ambos sabíamos o que estávamos fazendo de verdade: caçando Maddie.

— Ah, olha só — falei quando nos aproximamos de um homem das cavernas particularmente feio. — Agora encontramos o *seu* gêmeo.

Theo não teve reação alguma. Nem uma risadinha abafada, nem um revirar de olhos. Apenas silêncio. Como se nem tivesse me ouvido. Foi estranhamente frustrante e, sim, tive a súbita percepção de que eu estava *esperando* uma reação. Que eu não estava sendo maldosa com ele apenas para minha própria satisfação ou porque ele merecia (e merecia), mas por algum outro motivo (provavelmente trágico e patético) sobre o qual eu deveria conversar com minha terapeuta.

Outra coisa para perguntar a ela? Se eu estava com Síndrome de Estocolmo. Eu não conseguia pensar em nenhum outro motivo para a ideia de não ver mais Theo me causar um nó no estômago.

Pensando bem, que se foda a minha terapeuta. Isso aqui estava acima do nível salarial dela. O que eu realmente precisava era de Runa. Ela seria capaz de desvendar isso comigo. Talvez eu pudesse passar na casa dela amanhã, usar meus problemas como desculpa para ver como ela estava agora que tinha saído do hospital. Eu poderia ligar antes, ver se ela precisava que eu comprasse mantimentos ou algo no caminho, porque, apesar de o apartamento dela ser totalmente acessível, ainda havia áreas que eram um pé no…

— Stella? — disse uma voz feminina e hesitante.

Eu me virei bruscamente, horrorizada por Maddie ter conseguido se esgueirar até nós.

Ela estava parada a poucos metros de distância, o cabelo loiro perfeitamente penteado, a maquiagem igualmente impecável. Em seu vestido de gala branco, ela parecia a própria imagem da inocência, o que provavelmente era sua intenção.

— Maddie — Theo arrastou a voz, em desdém.

— Não. — Coloquei a mão no braço dele para impedir o que quer que ele estivesse prestes a dizer. Porque eu tinha coisas que precisava tirar do meu peito primeiro. — O que você quer, Maddie?

— Conversar. Por favor. — Os olhos dela brilharam, e eu me perguntei como alguém poderia cair em suas lágrimas de crocodilo.

— Tudo bem, podemos conversar — falei, forçando meu tom a permanecer calmo, recusando-me a dar a ela o que quer que estivesse procurando.

Ela sempre fora dramática, amava causar cenas, amava os olhos da multidão sobre ela. Maddie se alimentava da atenção, especialmente se encontrasse uma maneira de se fazer passar por vítima, e eu sempre me perguntei o motivo. Será que ela ansiava pela atenção dos outros porque seus pais foram ausentes durante toda a sua infância? Era narcisismo? Um transtorno de personalidade? Eu já tinha tentado perguntar à minha terapeuta, mas ela disse que precisaria falar com Maddie para diagnosticá-la adequadamente.

O lábio inferior de Maddie tremeu.

— Eu tentei falar com você na última festa, mas você foi tão *má*.

Eu não respondi, recusei-me a demonstrar qualquer reação, e foi provavelmente a coisa mais difícil que já fiz. Essa mulher tinha me incriminado por algo que eu não cometi, quase saiu impune e ainda assim aqui estava ela, pela segunda vez, agindo publicamente como se *ela* fosse a vítima.

— Eu acho… — O lábio inferior dela tremeu, e ela se empertigou como se estivesse reunindo coragem. — Eu acho que você me deve um pedido de desculpas.

A mão de Theo pressionou a base das minhas costas em uma demonstração silenciosa de apoio e aquilo me deu forças, saber que ele estava pronto para foder com a vida de Maddie se eu fraquejasse. Pela primeira vez desde que nos conhecemos, a presença dele me deu coragem. Ele praticamente tinha me arrastado para cá quando tudo o que eu queria era fugir, mas eu era grata por isso agora, porque me fez perceber duas coisas: Maddie não era invencível e eu precisava de um desfecho com ela, por mais feio que fosse. E, embora fosse bom ter um cara grande e implacável ao meu lado, eu não precisava dele para lutar minhas batalhas. Eu faria isso sozinha.

— Por que eu deveria me desculpar? — perguntei. — Não era eu quem estava dirigindo o carro. Não fui eu quem fugiu da cena soluçando ao telefone com os pais. Eu fiquei lá e fiz a coisa certa, e você tem me punido por isso desde então.

— Por que você continua mentindo? — gritou ela.

— Por que *você* continua? — Acenei em direção às pessoas ao nosso redor, assistindo à cena se desenrolar. Era um grupo misto; alguns eram funcionários da empresa, outros eram amigos e conhecidos dos meus pais. Avistei a Sra. Heidi

Ashley e apontei para ela. — Quando tínhamos oito anos, você quebrou a ânfora da Idade do Bronze dela porque ela disse que você não podia ficar com ela.

— Aquilo foi um acidente — argumentou Maddie.

Apontei para Angela Renner em seguida.

— Quando tínhamos doze anos, você estava desesperada para ganhar um pônei de aniversário, mas a Angela ganhou um primeiro, e você ficou tão brava que derrubou o bolo dela enquanto todos cantávamos "Parabéns".

— Foi outro acidente — exclamou ela.

— Você tentou arrastar o pônei para longe, gritando que ele deveria ser seu.

— Não tentei.

Angela soltou um som de desdém.

— Você tentou, sim, com certeza, e há outras cinquenta testemunhas para confirmar.

Lancei-lhe um olhar agradecido antes de focar novamente em Maddie.

— Um dia, todo o seu comportamento horrível cobrará seu preço. As pessoas vão começar a refletir sobre todos os seus "acidentes" e se perguntar se esse seu jeitinho de inocente não passa de encenação. Elas vão começar a ver quem você é. Quem você sempre foi. Uma vadia egoísta, mimada e pretensiosa.

A risada que ela deu em resposta foi feia, a verdadeira Maddie aparecendo por um instante.

— Como se você fosse melhor.

— Eu sou — falei, acreditando plenamente nas palavras. — Talvez nem sempre tenha sido, mas estou tentando compensar o meu passado, enquanto você age como uma criança de trinta e cinco anos tendo um chilique porque a mamãe e o papai não te amam o suficiente. — Balancei a cabeça, fazendo o meu melhor para imitar o sorriso mais irritante de Theo, porque eu sabia por experiência própria o quanto era enfurecedor ter aquilo direcionado a você. — Eu sinto pena de você, Maddie. Sua vida deve ser muito triste se você precisa recorrer a provocações baixas para chamar atenção.

Um estalo cortou o ar e, de repente, eu estava olhando para a parede. Minha bochecha estava quente e dolorida. Meus ouvidos zumbiam.

Ela tinha me dado um tapa.

Girei o pescoço, ignorando a dor, minha língua coberta pelo gosto de cobre porque os anéis dela tinham cortado a parte interna do meu lábio.

Theo soltou um som baixo e furioso no fundo da garganta e tentou avançar, mas eu o segurei.

— Isso é agressão — falei a Maddie.

Ela recuou um passo, os olhos arregalados enquanto buscava apoio na multidão.

— Ela me forçou a isso. Vocês ouviram o que ela disse.

— Eu não ouvi nada — disse Angela Renner. — Mas eu vi você bater na Stella sem provocação, e ficarei feliz em dizer isso à polícia quando eles chegarem.

— Eu também — acrescentou a Sra. Ashley.

Inclinei-me para frente e sorri, sabendo que devia parecer louca por causa do sangue cobrindo meus dentes.

— Corra, Maddie. É a única coisa que você faz bem.

Ela fugiu.

Alguém começou a aplaudir, mas outros pediram silêncio. Assim que ela sumiu de vista, o foco da multidão se voltou para mim, e meu pânico aumentou. Eu precisava sair dali.

Theo percebeu e me puxou na direção oposta, passando por uma porta com a placa "Apenas Funcionários" e entrando em um corredor vazio.

— Porra, isso foi incrível — disse ele, me devorando com o olhar como se fosse a primeira vez que me via.

Eu me afastei dele e comecei a andar de um lado para o outro no corredor, meus braços apertando meu estômago em chamas, meu corpo inteiro tremendo com uma fúria acumulada. Eu não me *sentia* incrível. Em vez disso, sentia vontade de gritar. De vomitar. Eu estava com tanta raiva de Maddie por ter aparecido naquela festa, e com tanta raiva de Theo por praticamente ter me forçado a voltar para lá, mas também estava tão orgulhosa de mim mesma pela forma como lidei com aquilo. Por não ter deixado meus sentimentos me dominarem no momento. Por ter encontrado uma maneira de provocar Maddie até que ela vacilasse e revelasse quem era de verdade.

Havia emoções demais no meu corpo agora e, como eu não estava dando outra saída a elas, elas se manifestaram em lágrimas. Fiz o meu melhor para combatê-las, mas um soluço escapou pelos meus lábios.

Theo segurou meu cotovelo e me puxou para um abraço, os braços dele me envolvendo, o calor dele penetrando em minha pele. Eu relaxei imediatamente em seu abraço, enterrando o rosto em seu paletó e respirando o cheiro dele.

— Você está bem?

— Por que você se importa? — resmunguei contra a camisa dele. — Você me odeia. Lembra?

Ele suspirou, segurando-me com mais força.

— Eu não odeio você. Eu odiava quem eu achava que você era.

Eu não fazia ideia do que dizer, então fiquei quieta, lutando contra a ameaça contínua das lágrimas, porque eu não fazia aquilo. Eu não perdia o controle em público. Eu segurava tudo até estar de volta à segurança do meu próprio apartamento, onde eu podia chorar no chuveiro até a água esfriar.

— Como você veio? — perguntou Theo. — Posso pedir a um dos manobristas para trazer seu carro para que eu te leve em casa.

Balancei a cabeça.

— Eu não tenho carro. Nem sequer tenho carteira de habilitação. Não dirijo desde aquela noite.

Ele ficou em silêncio por um segundo e, quando falou, sua voz estava mais suave.

— Então eu te levo no meu. Tem um banheiro logo atrás de você, caso queira conferir a maquiagem primeiro.

Soltei-me de seus braços sem olhar para trás.

Por um momento ali, eu tinha me esquecido de mim mesma; esquecido que ele era a última pessoa a quem eu deveria recorrer em busca de conforto. Eu nem estaria nesta situação se não fosse por ele. Ele não era um porto seguro na tempestade; ele era o raio prestes a cair. E não, ele podia até não me odiar mais, mas eu ainda não achava que isso o impediria de atear fogo em toda a minha vida se eu não cumprisse minha parte no nosso acordo.

Verifiquei se estava sozinha no banheiro e tranquei a porta antes de me aproximar do espelho. Felizmente, eu tinha pegado leve na maquiagem hoje, e ela não estava tão borrada assim. Peguei algumas toalhas de papel do dispenser e tentei limpar alguns borrões de rímel, mas minhas mãos tremiam tanto que quase enfiei o dedo no olho.

Deixei a toalha de papel de lado e me virei para inspecionar meu rosto. Minha bochecha já estava vermelha e inchando. Maddie tinha me acertado em cheio. Inclinando-me, puxei o lábio com cuidado para ver que, sim, o lado de dentro estava cortado, e eu sabia que, até cicatrizar, aquilo serviria como um lembrete daquela interação horrível.

Meu Deus, eu deveria ter ido embora. No segundo em que vi Maddie, eu deveria ter dado meia-volta e saído do prédio, com ou sem Theo. Eu estava errada. Manter minha posição não fez com que eu me sentisse melhor. Não me trouxe um desfecho. Na verdade, eu me sentia pior, porque, ao final de todos os meus devaneios desajustados sobre confrontar Maddie, ela fazia a coisa certa. Ela se entregava à polícia, prometia confessar e tentava consertar tudo.

Agora eu me sentia uma idiota. Porque uma pequena parte de mim obviamente estava alimentando a falsa esperança de que tudo aquilo se tornaria realidade. De que havia pelo menos uma chance minúscula de ela ser capaz de mudar, porque *eu* tinha mudado.

Mas eu deveria saber. Claro, eu tinha sido uma idiota egoísta e babaca durante a maior parte da minha vida, mas nunca fiz nada malicioso; apenas imprudente. Maddie era diferente, e pessoas como ela não acordavam de repente em uma manhã decidindo corrigir todos os seus erros. Ela tinha saído impune de algo terrível e se esconderia em seu palácio de cristal, onde estava segura, provavelmente morrendo velha e feliz, cercada por sua família amorosa, porque não havia justiça neste mundo.

Theo estava certo em ser tão cheio de ódio e rancor. Em desejar o mal a todos da classe socioeconômica dos meus pais. Em presumir que as pessoas eram culpadas até que se provasse o contrário. Até agora, eu tinha dado a ele os piores nomes. Aqueles que eu achava que estavam no mesmo nível de Maddie. Mas havia outros que eu tinha omitido. Pessoas que podiam não ser inerentemente más, mas que ainda assim tinham feito coisas erradas. Bem, eu não as pouparia mais. Eu entregaria cada uma delas a Theo e deixaria que ele fosse seu juiz, júri e executor.

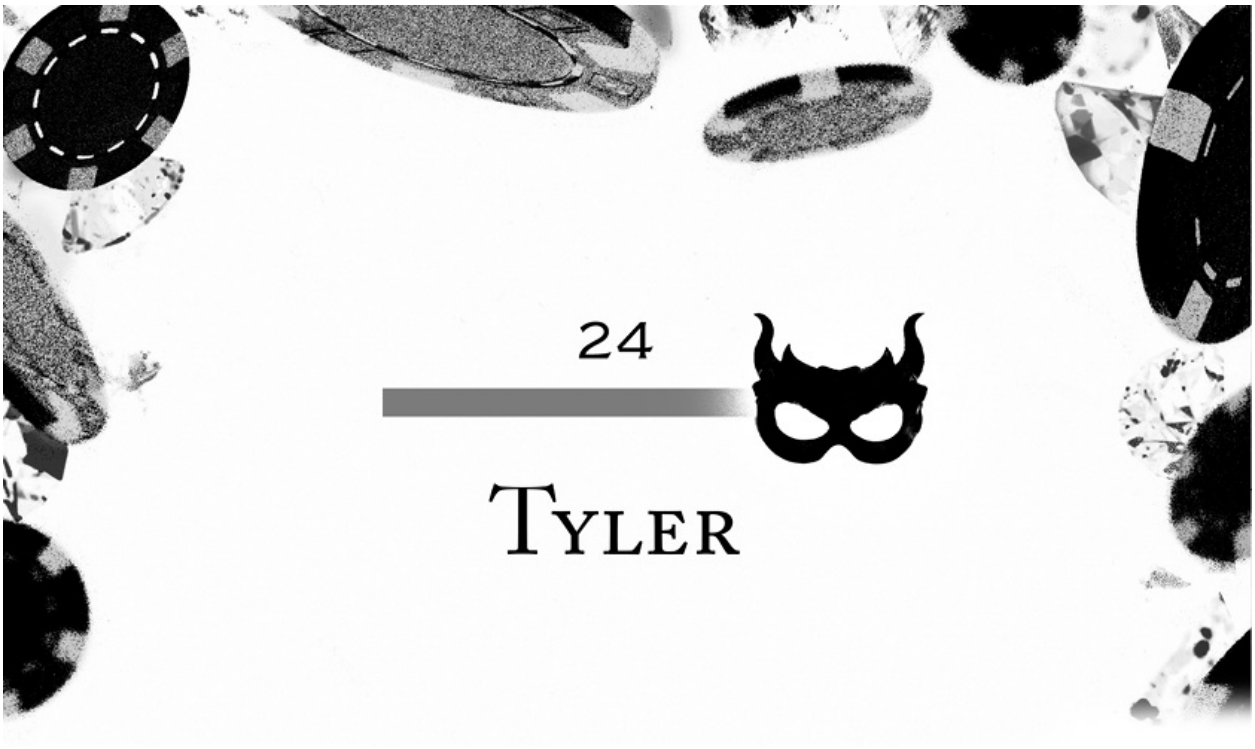
Porque que se fodam todas elas.

Cinco minutos depois, saí do banheiro uma nova mulher, maquiagem impecável, cabeça erguida.

Theo estava esperando onde o deixei, parecendo um vilão de filme do James Bond em seu smoking. O olhar dele pousou em mim.

— Está pronta?

— Não. Eu quero ficar. Tenho mais nomes para adicionar à sua lista.



24

Tyler

O RESTANTE DA NOITE NÃO FOI TÃO RUIM QUANTO O COMEÇO, mas também não foi bom.

Para começar, fomos sentados à mesa principal com nossos pais e o restante dos executivos da empresa. Ah, e Blake. Ele apareceu logo antes do jantar e estava agindo de forma quase hostil com a irmã. Tentei fazer contato visual para dizer silenciosamente que parasse de ser um bosta insuportável, mas ele evitou meu olhar durante todo o jantar de quatro pratos.

Stella e eu estávamos de péssimo humor; ela por razões óbvias e eu porque ainda estava pensando em como Maddie era uma vadiazinha manipuladora, além de estar profundamente confuso sobre meus sentimentos por Stella e lutando contra o nervosismo pré-evento, já que minha próxima festa se aproximava e a pressão para que tudo saísse perfeito era astronômica.

Ah, e eu tinha passado tempo demais perto do Richard.

Eu queria rosnar toda vez que ele abria a boca. Forçá-lo a abandonar esse teatrinho charmoso e revelar seu verdadeiro eu — exatamente como Stella fizera com Maddie.

Quanto mais o jantar se arrastava, mais meus pensamentos saíam de controle. Sentimentos que eu mantinha enterrados estavam vindo à tona, recusando-se a ser ignorados. Eu não conseguia parar de pensar na minha mãe, uma garota do

interior, jovem e ingênua, que veio para a cidade com grandes sonhos, apenas para Richard esmagá-los.

Meu pai riu de algo que Phil disse, e eu apertei o cabo da minha faca de jantar. Ele deveria ter feito a coisa certa e cuidado de nós. Não me referia a mansões e iates, mas às necessidades básicas, como acesso constante à eletricidade e à água encanada. Em vez disso, fomos deixados com serviços públicos intermitentes que dependiam da minha mãe pagar as contas em dia. O mínimo absoluto de pensão alimentícia teria mudado nossas vidas. Mas não. Ele nem isso fez.

Virei minha bebida, sinalizando para a garçonete trazer outra.

Meus olhos acompanharam a jovem enquanto ela se dirigia ao bar. Teria sido assim que meus pais se conheceram? Minha mãe dizia que estava trabalhando como garçonete quando um homem bonito, quinze anos mais velho, a conquistou e lhe prometeu um sonho. Em vez disso, o sonho se transformou em pesadelo.

Minha mãe nunca foi tímida ao me contar pelo que passara. Sempre dizia repetidamente que eu deveria ficar longe de qualquer pessoa rica, porque elas não eram confiáveis. Que o dinheiro era a grande força corruptora neste mundo, capaz de transformar até boas pessoas em más. Era nesse ponto que nossas opiniões divergiam. O dinheiro não era o problema; aquelas pessoas sim.

A garçonete voltou com minha bebida, mas eu mal tomei um gole, distraído demais por meus pensamentos sombrios até que Stella se levantou de seu assento, e eu voltei a mim. O jantar havia acabado.

Ficamos um pouco depois disso, apenas o tempo suficiente para cumprimentar todos e para que Stella me apresentasse a mais pessoas que ela achava que se encaixariam nos meus critérios. Em certo momento, inventei uma desculpa qualquer e me afastei. Havia *outras* pessoas a quem eu precisava me apresentar antes que a festa terminasse.

Após cumprir minha tarefa, encontrei Stella; trocamos um olhar silencioso e decidimos que era hora de ir embora.

Lá fora, ficamos parados ombro a ombro na calçada, esperando pelo meu carro. Um trovão ribombou ao longe, outra tempestade vindo do mar.

— Você está em condições de dirigir? — perguntou Stella.

— Eu só tomei uma bebida e alguns goles da segunda.

Ela ficou em silêncio, me analisando.

— Eu tenho 1,95m e peso 113kg. Além disso, comi bastante. Estou bem.

Ela não pareceu convencida, e eu comecei a ficar irritado.

— Não sou um idiota rico que não conhece os próprios limites.

Ela estremeceu, e só então me lembrei de que, embora ela não estivesse dirigindo o carro que atingiu Runa, ela tinha sua própria condenação por dirigir embriagada alguns anos antes daquilo.

— Não sei por que você está tão mal-humorado — rebateu ela. — Não foi você quem teve que encarar a pessoa que arruinou sua vida.

A raiva borbulhou no meu estômago. Sim, eu tinha encarado, porra. Mas como eu não podia contar isso a ela, travei o maxilar e fixei o olhar na rua, instigando silenciosamente o manobrista a se apressar logo.

Estávamos no carro há apenas alguns minutos quando a chuva começou a castigar o para-brisa.

— Pode desacelerar um pouco? — pediu Stella.

— Eu mal estou acima do limite.

— Sim, mas está chovendo.

Cerrei os dentes e aliviei o pé no acelerador.

— Tem uma festa na casa de Feddy amanhã — disse ela. — O AJ me convidou.

— Estão se falando muito agora, depois do reencontro de vocês? — Eu soei como um namorado ciumento. Porra, eu até me *sentia* como um.

— Um pouco. E acho que deveríamos ir. Todo mundo lá vai ser do círculo dos meus pais ou tentando entrar nele.

Balancei a cabeça.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não? É uma sala cheia de ricos entediados. Eles são literalmente os seus clientes dos sonhos.

— Eu não preciso disso. A lista de convidados está praticamente fechada e é tarde demais para avaliar novos nomes. Além disso, é melhor manter o evento pequeno e exclusivo.

— Mas menos pessoas significam menos dinheiro.

— Não se um deles ficar completamente embriagado e torrar três milhões em uma única noite, como Blake fez.

Foi uma coisa estúpida de se dizer e eu sabia disso, mas meu humor estava péssimo demais para eu tentar consertar.

Stella soltou o ar com força.

— Você é um *tremendo* babaca.

— Eu nunca afirmei ser outra coisa.

— Então, espero que a noite seja um grande sucesso e que nunca mais tenhamos que nos ver.

Apertei o volante.

— Desesperada para se livrar de mim, Raio de Sol?

— Dá pra me culpar? — disse ela, a voz se elevando. — Desde que você invadiu minha vida, assumi milhões em dívidas, tive minha pior crise em anos, perdi dinheiro porque estou faltando muito ao trabalho e, então, hoje à noite, para fechar com chave de ouro, tive outra briga feia com uma mulher que eu odeio, porque você me arrastou para lá!

— Eu não te arrastei para lugar nenhum — rebati. — Você escolheu me seguir. Eu estava perfeitamente bem para lidar com ela sozinho.

— Não, você não estava. Ameaçar Maddie claramente não funcionou da primeira vez, e não funcionaria da segunda. Sempre que a vida fica difícil, ela corre direto para os pais dela.

— Você não sabe se era isso o que teria acontecido.

— Sei, sim. Antes da noite do acidente, ela era minha melhor amiga. Ela *sempre* vai correndo para eles.

Lancei um olhar na direção dela. Ela tinha sido a melhor amiga daquele monstro?

— Não — disse ela. — Não ouse me julgar, porra. Você é a porra de um *agenciador de apostas*, Theo. Você arruína a vida das pessoas para ganhar a porra da vida. De onde você tira o direito de olhar com superioridade para qualquer outra pessoa?

— Estava guardando isso há um tempo, hein? — falei, minha voz baixa e amarga.

— Sim. E mais uma coisa também. — Ela se inclinou na minha direção. — Você pode não ser capaz de enxergar, mas você é exatamente igual às pessoas que diz odiar.

— Cala a boca.

— Você toma e toma, sem remorso e sem empatia por aqueles de quem se aproveita. E eu sei com certeza que nem todas as pessoas que você persegue são corruptas, porque você foi atrás do meu irmão.

— Para com isso, Stella.

— No fim das contas, você é tão ruim quanto elas, talvez até pior, porque você faz por lucro.

— Eu disse para *calar a boca*!

Faróis brilharam contra o para-brisa. Uma buzina ecoou. Joguei meu braço para a direita, segurando Stella enquanto pisava fundo no freio e girava o volante para desviar de um carro que tinha avançado o sinal vermelho. Stella gritou

enquanto eu virava para o outro lado para não atingir um motorista que tinha invadido nossa faixa ao desviar do primeiro veículo. Mais buzinas soaram, e eu soltei Stella porque precisava das duas mãos no volante para nos tirar daquele caos.

Alguns segundos depois, paramos bruscamente no acostamento, nossas respirações ofegantes soando altas no silêncio repentino. Olhei para trás, em direção ao cruzamento confuso. Foi um milagre desgraçado termos saído ilesos.

— Você está bem? — perguntei a Stella.

Como resposta, ela soltou o cinto de segurança e escancarou a porta, cambaleando para fora na escuridão da noite.

Porra. Ela devia estar tendo *flashbacks* do acidente e, embora eu fosse provavelmente a última pessoa que ela queria por perto, eu não podia deixá-la sair correndo sozinha noite adentro.

Avancei com o carro lentamente, estacionei em uma vaga vazia e saí.

— Stella!

Ela me ignorou, com os braços apertados ao redor do corpo enquanto a chuva começava a encharcar seu vestido. Tirei meu paletó e a alcancei, jogando-o sobre os ombros dela.

— Saia de perto de mim — disse ela, apressando o passo pela calçada.

— Não. Não posso deixar que você seja assassinada por um assassino em série, ou nunca vou recuperar meu prejuízo. — Eu pretendia que fosse uma piada, mas depois da nossa discussão aos gritos, as palavras soaram erradas assim que saíram da minha boca.

— É apenas isso que eu sou para você? — disse ela, a voz baixa e trêmula. — É isso que todo mundo é? Peões em um tabuleiro de xadrez?

Fiz uma careta. Sim, aquilo era assustadoramente próximo de como eu tinha pensado sobre Stella no começo. Como uma peça de jogo, ali para ser usada e descartada assim que eu estivesse pronto para passar para a próxima. Porque era assim que eu *tinha* que olhar para as pessoas para sobreviver. Caso contrário, poderia realmente começar a ouvir suas histórias tristes, ou pior, me importar. E eu sabia a tolice que seria fazer isso.

O cara de quem Junior tinha roubado nosso clube de apostas, por exemplo, tentou me vender uma história triste atrás da outra, quando a verdade era que ele não passava de um babaca com uma personalidade viciada. Ele teve dinheiro a vida toda e não entendia que era um recurso finito; então, quando começou a perder nas minhas mesas, ele simplesmente aumentou o aluguel de todos os seus inquilinos para cobrir o prejuízo.

Stella interpretou meu silêncio prolongado como uma confirmação de sua acusação.

— Você é um babaca.

Dei de ombros.

— Você não está dizendo nada que eu já não tenha ouvido centenas de vezes antes.

— Mas por quê? Por que você é assim?

— Lembra do que eu te disse? Eu aceito qualquer reação que eu conseguir provocar.

— Para com isso! Para de *mentir*. Ninguém é tão horrível assim a menos que tenha sido machucado de verdade. Quem machucou você, Theo?

— Não a mim — rebati, com os pensamentos sombrios desta noite vindo à tona. — Minha mãe. — Segurei Stella e a girei para me encarar. — Você quer saber por que eu sou assim? Por causa dela. Ela era a pessoa mais gentil do planeta, e tudo o que as pessoas faziam era usá-la. Os pais dela, para trabalho escravo; meu pai, porque queria uma novinha gostosa como amante; e todo mundo que entrava na vida dela. Ela dava e dava, e eles tomavam e tomavam, exatamente como você disse, e eu decidi que nunca deixaria ninguém pisar em mim. Nunca deixaria ninguém me tratar da forma como trataram ela.

— Você está se ouvindo, porra? — disse ela, as palavras falhando enquanto ela tremia de frio. — Você odiava o jeito que sua mãe era tratada, então você se tornou exatamente como as pessoas que a maltratavam.

— Eu não sou como elas — desdenhei.

— É sim.

— As pessoas com quem sou rude merecem isso.

— Você é rude com *todo mundo*, Theo!

As palavras dela ecoaram nos tijolos ao nosso redor, ricocheteando, penetrando sob minha pele como insetos.

Eu não era rude com *todo mundo*. Eu era legal com Josh. Bem, mais ou menos.

— Cite uma única vez em que fui rude nos eventos em que comparecemos — falei.

— Fácil: você tem sido rude comigo 24 horas por dia, 7 dias por semana, por causa da chantagem.

— Tudo bem. Alguém mais, então.

— Meu irmão.

— Aquilo foi legítima defesa.

— Maddie, que eu admito que mereceu, e todo mundo de quem você planeja se aproveitar. Você não ganha crédito por ser legal no resto do tempo, porque não passa de um teatro para se infiltrar na confiança deles. — Ela se soltou do meu aperto. — Cansei dessa conversa. Você é um idiota de merda e sabe disso, e eu nem sei por que ainda estou tentando provar meu ponto. É como falar com uma parede.

Ela começou a se afastar, mas seu pé prendeu na bainha encharcada do vestido e ela cambaleou para frente. Eu a segurei antes que ela atingisse a calçada, pegando-a no colo, em estilo noiva. Eu poderia tê-la levado de volta para o carro, mas não achei que conseguiria convencê-la a entrar nele depois de um susto tão grande; além disso, a loja dela ficava a apenas alguns quarteirões de distância. Não seria problema carregá-la por todo o caminho porque, meu Deus, como ela era leve. Quase dolorosamente leve. Eu cometera o erro de pesquisar sobre a doença dela e descobri que pessoas com essa condição podiam perder até 10kg em um mês se estivessem em crise. Stella não tinha tanto peso assim para perder, então, pela primeira e última vez, decidi abrir uma exceção para alguém. Para ela.

— Acabou — falei.

— O que você quer dizer?

— Tenho certeza de que bastará apenas uma festa para quitar sua dívida.

Um tremor sacudiu o corpo dela. Apertei-a contra meu peito e, embora minha camisa estivesse tão encharcada quanto o vestido dela, pelo menos o corpo por baixo estava quente. Minha massa muscular me fazia emanar calor, como se uma fornalha queimasse dentro de mim. Nunca pensei que isso servisse para outra coisa além de me manter aquecido no inverno, mas se eu fosse capaz de aquecer Stella, então acho que esse era meu novo superpoder.

— Mas… você não tem como ter certeza disso — disse ela.

Eu a ergui um pouco mais alto.

— Cuidado, parece até que você quer que eu continue por perto.

— Só quero garantir que, quando eu estiver livre de você, seja para sempre.

— Não se preocupe, Raio de Sol. É para sempre. Vou dar um jeito de depenar todos eles. — E, mesmo que eu não conseguisse recuperar totalmente os três milhões, eu não diria a ela. O dinheiro não era o que eu realmente buscava, de qualquer forma. O que eu queria era vingança e, como ela agora estava ao meu alcance, não havia razão para prolongar isso, apesar do fato de que eu não estava exatamente pronto para dizer adeus à Stella.

Eu tinha me acostumado com ela nas últimas semanas. E nunca admitiria em voz alta, mas ultimamente eu me pegava ansioso para buscá-la, imaginando que tipo de roupa ela estaria usando, em que humor estaria. Se estaria ranzinza, atrevida ou brincalhona. Eu não sabia o que isso dizia sobre mim, mas eu preferia a Stella atrevida acima de qualquer outra versão.

Isso diz que você é um brat*, afinal de contas, e quer que ela o coloque em seu devido lugar, aos pés dela, que é onde você pertence*, sussurrou meu subconsciente.

Tentei amordaçá-lo. Além de pesquisar sobre gastrite, eu tinha cometido o erro de dar um Google em "fetiche de *brat*", e agora minha cabeça estava cheia de todo tipo de pensamentos e imagens que eu não precisava que estivessem lá. Eles vinham surgindo cada vez mais ultimamente, e talvez fosse por isso que eu tinha sido tão babaca hoje à noite. Talvez não tivesse nada a ver com estar preso com Richard, e tudo a ver com querer a atenção negativa da Stella para me distrair dos meus próprios pensamentos distorcidos.

— Sinto muito pela sua mãe — disse ela.

Eu quase tropecei. Depois de tudo o que fiz essa mulher passar, ela estava se desculpando *comigo*? Porra, como eu pude estar tão errado sobre ela? E por que agora eu estava preocupado que pudesse estar errado sobre outras pessoas também?

Balancei a cabeça. Não. Eu não podia começar a duvidar de mim mesmo. Não agora que eu estava tão perto.

— Não sinta — falei a Stella. — Eu estou bem.

Felizmente, ela deixou o assunto de lado.

— Pode me colocar no chão agora.

— Descalça?

— Eu estou de sapatos… ah.

Eles tinham caído meio quarteirão atrás, e isso me fez pensar que ela deveria estar quase congelando se nem sentiu acontecer.

— A mente realmente vai embora quando se envelhece, não é? — falei, retornando à segurança familiar dos insultos.

— Eu *não* sou velha — resmungou ela.

— Disse a mulher nascida nos anos 1900.

Ela ficou em silêncio por quase um minuto inteiro.

— Essa pode ser a coisa mais maldosa que alguém já me disse.

— Ei — comecei.

Ela olhou para mim.

— Sim?

Diminuí o passo o suficiente para encontrar os olhos dela.

— Não pense que isso significa que vou me tornar uma pessoa melhor de repente, mas sinto muito pelo que aconteceu com a Maddie.

Ela desviou o olhar.

— É, você já disse isso.

— Quero dizer há sete anos. Sinto muito que você tenha passado por tudo aquilo. Sua melhor amiga te abandonando daquele jeito e depois tentando te culpar pelo que ela fez… — Balancei a cabeça. — Isso é além de doentio. E sinto muito pelo que aconteceu no carro agora. Eu deveria estar prestando mais atenção na estrada. Deve ter sido… difícil.

— Não tão difícil quanto está sendo esse seu pedido de desculpas — disse ela. — Não me admira que você seja um babaca o tempo todo. Você *não* leva jeito para isso.

Fingi que ia soltá-la.

Ela deu um grito agudo e se agarrou a mim, e eu a puxei de volta.

— Além disso — acrescentou ela —, embora eu não me arrependa de nada do que disse, admito que gritar com você enquanto você dirigia provavelmente não foi a jogada mais inteligente.

Fiquei em silêncio por um momento, pensando no que ela tinha me dito logo antes do quase acidente.

— Eu não vou atrás de pessoas que não podem pagar. — Meu Deus, por que eu sentia a necessidade de me explicar? — Nem de pessoas inocentes. Eu faço minha pesquisa. Geralmente cortamos as pessoas quando elas atingem o que acreditamos ser o teto da dívida delas.

— Então como você explica o que aconteceu com Blake?

Merda. Eu caí direto nessa armadilha.

— Aquilo foi uma exceção — falei. Tecnicamente, não era mentira.

— Você ainda machuca as pessoas. Ainda arruína a vida delas. E talvez a maioria mereça, mas isso não te faz melhor do que elas.

Suspirei.

— Eu tento não machucar as pessoas. Pelo menos fisicamente. Em geral, coloco caras grandes e assustadores para ameaçar e fazer isso, e é o suficiente para deixá-las com o rabo entre as pernas. Descobri que ameaças de exposição pública ou apreensão de bens são muito mais eficazes do que a violência, então é isso que focamos. E não somos irracionais. Oferecemos planos de pagamento baseados na renda.

Ela soltou um som de descrença.

— Pense bem, Raio de Sol. Eu não conseguiria continuar atraindo clientes ricos se fosse tão sem coração e brutal quanto dizem por aí. As pessoas ficariam com medo demais para voltar.

— Então, o quê? Você tem sido secretamente um cara legal esse tempo todo? Qual é, Theo.

— Não, obviamente não. Fiz coisas terríveis e não tenho planos de parar.

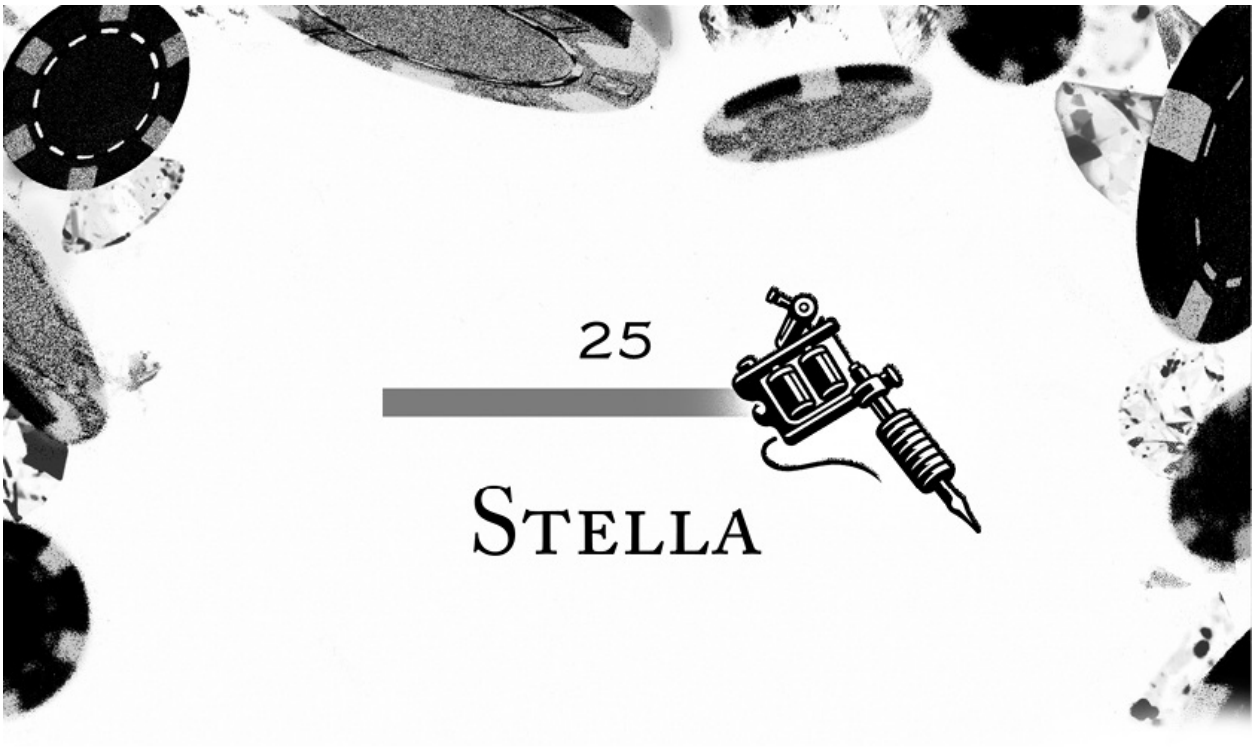
— Por quê? — A pergunta soou carregada.

— Por que não? Dá dinheiro. É desafiador; cada mês apresenta obstáculos diferentes, novas formas de ser criativo. Mas, acima de tudo, eu gosto. É *divertido*. E é no que eu sou bom.

Chegamos à loja dela, as janelas escuras porque já era tarde.

— Ok, pode me colocar no chão agora — disse ela.

Eu a ignorei.



25

STELLA

THEO, PARA MEU TOTAL HORROR, me carregou escada acima até meu apartamento.

— Onde fica o banheiro? — perguntou ele, ainda me segurando.

— *Vai se foder* — respondeu Amos.

Theo se virou bruscamente, claramente procurando por outra pessoa.

— É só o Amos — falei a ele. — E é logo ali — acrescentei, apontando.

— *Petisco, Vadia do Lanche?* — chamou Amos.

— Em um minuto.

— *Petisco, petisco, petisco?*

Theo se virou em direção ao banheiro.

— Raio de Sol acaba de ser destronado.

— Se você me chamar de Vadia do Lanche, eu juro por Deus, Theo… — Eu já tinha atingido o meu limite por uma noite.

Passamos pela sala e ele parou tempo suficiente para dar uma boa olhada em Amos em sua gaiola.

— Por que alguém iria querer ter um pássaro como animal de estimação?

— Ele era da minha avó. — Baixei a voz, não querendo que Amos ouvisse a próxima parte, embora soubesse que ele provavelmente não entenderia. — E ninguém mais na família quis ficar com ele.

Theo resmungou e empurrou a porta do quarto com o ombro, entrando na suíte e me colocando no chão ao lado do chuveiro enquanto o ligava.

— Eu estou bem agora — garanti a ele. — Você já pode ir embora.

Ele me lançou um olhar como se eu fosse idiota.

— Por favor. Não é nada que eu já não tenha visto antes, e se sua mãe me ensinou alguma coisa além de como pronunciar errado até as palavras mais básicas, é que você é péssima em cuidar de si mesma. Onde você guarda os sacos de lixo?

— Debaixo da pia da cozinha — resmunguei.

Ele saiu do quarto e eu cruzei os braços sobre o peito, começando a tremer de novo, subitamente congelando sem o calor do corpo dele. Eu precisava tirar aquele vestido arruinado, mas tinha a sensação de que Theo pretendia que eu o jogasse direto no lixo, então tirei apenas o corpete, porque o tecido molhado grudado nos meus seios parecia a parte mais fria de mim.

Um minuto depois, ouvi um som de plástico antes de ele entrar novamente.

— Aqui — disse ele, agachando-se com o saco aberto. — Tire o vestido.

A visão dele, praticamente ajoelhado aos meus pés, me atingiu como um trator. Esse *babaca* orgulhoso e insuportável estava realmente tentando ajudar alguém que não fosse ele mesmo pela primeira vez, e eu não conseguia decidir se estava comovida ou excitada.

Com certeza é síndrome de Estocolmo, pensei. Eu fora forçada a suportar a presença do meu chantagista por tanto tempo que os limites entre nós estavam começando a se confundir. Fisicamente? Estavam fodidos desde o nosso primeiro e desastroso encontro. Mas, depois do que ele acabara de revelar sobre a mãe, eu também começava a amolecer emocionalmente em relação a ele. Eu queria saber mais. Abrir o cérebro dele e revirar cada pedaço até entender o que o fazia funcionar, todos os traumas que o levaram a ser uma pessoa tão rude e fechada.

Ele olhou para mim.

— Estou tentando te ajudar. Pare de olhar para mim como se tivesse voltado a planejar minha morte.

— Você já ouviu minha mãe dizer “assassino”?

— Não.

— Ela pronuncia *azazino* — falei, baixando o cós do vestido.

— Aqui. — Ele guiou minha mão até o ombro dele.

Eu me apoiei ali e saí do vestido. Ele manteve os olhos baixos, recolhendo o tecido no saco de lixo. Meu sutiã e calcinha logo o seguiram. Colocando o saco de lado, ele foi abrir a cortina do chuveiro, e minha mão se soltou dele quando ele se levantou.

— Entre — ordenou Theo.

— Só se você pedir por favor.

A irritação tomou conta do rosto dele.

— Stella, a porra dos seus lábios estão azuis. Não é hora para piadinhas.

Olhei para o espelho. Eu estava ignorando firmemente meu reflexo e, nossa, com razão. Eu parecia um cadáver. Olhos contornados de preto, pele da cor de papel, ossos saltados e, sim, lábios azuis.

— Por favor, entre no chuveiro — disse Theo, em um tom baixo e ardente, e, meu Deus, eu gostei do som dele dizendo *por favor* daquele jeito.

Ele me deu um empurrão gentil para frente e eu consegui tropeçar para dentro, resmungando quando a água quente encontrou minha pele gelada.

Ele enfiou a cabeça para dentro.

— O que aconteceu?

— Nada. A água está quente.

Ele se afastou, deixando a cortina com uma fresta entreaberta, e começou a tirar as próprias roupas, resmungando sombriamente sobre mulheres estúpidas e teimosas que insistem em ter hipotermia.

— Eu não consegui voltar para o carro — falei.

Ele se calou.

Eu provavelmente deveria ter virado o rosto e lhe dado alguma privacidade, mas a visão de Theo se despindo fazia a ameaça de hipotermia valer a pena. Ele tirou a camisa, curvando-se para enfiá-la no saco de lixo, e tive meu primeiro vislumbre real de suas costas largas, a pele arrepiada, os músculos flexionando. Meu olhar parou em três pequenas imperfeições: cicatrizes circulares que tinham mais ou menos o tamanho de… cigarros.

Meu Deus, pelo que esse homem tinha passado?

Ele chutou os sapatos arruinados em seguida e desabotoou a calça social. Com um empurrão, ela caiu no chão junto com a cueca, e ele se virou para mim, totalmente nu.

— Abra espaço — disse ele.

Dei um passo à frente, deixando-o entrar atrás de mim. Ele envolveu os braços ao redor do meu peito e me puxou para trás, descendo comigo até o chão do chuveiro, posicionando-me bem na frente dele para que eu tivesse o seu calor nas minhas costas e a água quente na minha frente.

Um tremor percorreu todo o meu corpo, e ele me segurou com mais força. Ele rosnou:

— Se você acabar com pneumonia…

— Você sabe que não se fica doente de verdade por estar no frio e molhada, certo? Isso é apenas um mito.

— Pode até ser, mas pode enfraquecer seu sistema imunológico, tornando-o mais suscetível a doenças, e você já está doente.

Abri a boca para responder, mas ele me cortou.

— Pare de discutir comigo. Você precisa de toda a energia que puder poupar para aquecer seu corpo de volta.

— Eu estou bem — menti. — Você não precisa fazer isso. Apesar do que minha mãe te disse, eu sei cuidar de mim mesma.

Ele bufou.

— Eu *sei* — argumentei. — E você me odeia, então por que diabos está sentado aqui tentando…

Ele me calou com a mão, cobrindo minha boca *e* meu nariz.

— Shhh. Vá dormir.

Tentei dar tapinhas nele, mas ele agarrou minhas mãos no ar com a mão livre e prendeu meus pulsos contra meu estômago.

— Eu já te disse que não te odeio — disse ele. — Pare de mendigar elogios. É patético.

Eu mordi a palma da mão dele. A mão permaneceu onde estava, e senti o pau dele dar um solavanco atrás de mim, confirmando que ele tinha gostado. Ah, não. Eu estive certa o tempo todo? Será que Theo tinha algum tipo de fetiche por dor ou degradação, e eu estive, sem querer, alimentando isso?

O longo histórico de nossas discussões desenrolou-se em minha mente. No estúdio de tatuagem. No restaurante italiano. Na casa dos meus pais. Droga, todas as vezes que estivemos perto um do outro no último mês. Todas as nossas mensagens e e-mails tóxicos, os olhares mortais.

Theo tinha ficado excitado todas as vezes? O pensamento me deu vontade de apertar minhas coxas uma contra a outra. Porque tudo o que eu conseguia imaginar era o pau dele totalmente ereto, enfiado sob o cós da calça para escondê-lo de vista enquanto nos insultávamos.

Mordi a mão dele com mais força.

Ele sibilou ao puxar o ar e finalmente me soltou, e eu pude sentir o pau dele inchando contra a minha lombar. Que porra eu deveria fazer com essa nova informação? Ou será que eu sequer precisava fazer algo com ela?

— O que você disse mais cedo — comecei.

Ele soltou meus pulsos para afastar meu cabelo e começou a massagear meus ombros.

— O quê, especificamente? Dissemos muita coisa um para o outro hoje à noite.

Fechei os olhos. Os dedos dele pareciam o paraíso, acariciando minha pele em círculos, a quantidade exata de pressão. Com isso, a água e o calor do seu corpo, eu estava finalmente começando a descongelar, finalmente começando a relaxar da tensão da noite toda. Maddie. Theo e eu brigando pior do que o normal. O quase acidente de carro. Isso tinha jogado minha adrenalina lá no alto, o que mascarou meus sintomas de gastrite, mas eu sabia que o colapso estava chegando. E honestamente? Theo me dizendo que tínhamos acabado não poderia ter vindo em melhor hora, porque eu não achava que conseguiria manter isso por muito mais tempo sem consequências sérias e duradouras para minha saúde.

Os polegares dele subiram pela minha coluna, um de cada lado, e então começaram a fazer círculos lentos na parte superior das minhas costas. Soltei um som baixo e encostei o queixo no peito, apenas para avistar suas coxas grossas emoldurando as minhas. Timidamente, estendi a mão e as toquei, forçando meus dedos a ficarem parados em vez de traçarem as longas linhas de seus músculos. Parte dos meus cursos de arte incluía anatomia e, mesmo anos depois, eu ainda era fascinada pela forma como o corpo humano era construído.

— Stella — disse Theo.

— Hummm?

— O que você ia dizer?

— Mais pra baixo.

Ele baixou o tom de voz.

— O que você ia di…

Dei uma cotovelada nele. As mãos dele deslizaram pela minha coluna.

— Eu estava falando de quando você disse que tínhamos acabado — esclareci. — O que você quis dizer, exatamente? E não comece outra briga. Estou cansada demais.

— Eu quis dizer exatamente isso. Chega de festas ou eventos públicos juntos. Eu quero meu dinheiro de volta, mas não se isso significar que você tenha que sofrer tanto. Como eu disse, eu tento evitar tortura física.

— Mas tortura mental está liberada?

— Sim, e acho que já aguentei mais do que o suficiente de você. Preciso de um tempo.

— Há, há, há — falei em um tom monótono. — E se você não recuperar seus prejuízos?

— Eu vou recuperar.

— Mas e se não recuperar?

Ele suspirou, massageando o caminho de volta pela minha coluna.

— Stella, esquece isso. De um jeito ou de outro, eu vou conseguir o que quero, mas você não precisa mais se preocupar.

Esperei pela euforia que aquela frase deveria ter causado, mas eu devia ter passado por merda demais hoje para sentir alegria, porque tudo o que conseguia sentir era entorpecimento. Nem sequer alívio.

— Você promete? — perguntei.

— Prometo.

Eu me virei nos braços dele.

— O que você está…

Eu o beijei. Talvez apenas por imprudência, talvez apenas para sentir alguma coisa, ou talvez porque eu estivesse lutando contra o impulso de beijá-lo novamente por tanto tempo que não conseguia mais resistir.

Theo congelou por meio segundo, mas então soltou um gemido, profundo e gutural, e me puxou de vez para o seu colo. Seus lábios se abriram, nossas línguas se encontraram e — sim. Era isso que eu queria. Era disso que eu *precisava*.

As mãos dele desceram para a minha bunda, os dedos cravando na carne. Levantei as minhas para o rosto dele e inclinei sua cabeça para trás para conseguir um ângulo melhor. Ele beijava irritantemente bem; sabia quando avançar mais fundo, quando recuar. Quando morder meu lábio inferior de um jeito que fazia meu desejo disparar. Incapaz de me conter, rebolei o quadril, arrastando minha boceta por toda a extensão do pau dele e parando no topo para sentir o volume da cabeça dele cutucar minha entrada antes de me forçar a descer novamente.

Ele me puxou para si, o pau retesado entre nós, e eu rebolei os quadris o máximo que ele permitia; o atrito da pele dele contra o meu clitóris era o suficiente para me deixar tonta. Ele estremeceu, sua boca movendo-se mais rápido, forçando-me a acompanhar o ritmo. Talvez eu tivesse dado início àquilo, talvez tivesse sido eu a intensificar tudo, mas nunca me enganei: ele podia tomar o controle quando quisesse. Ainda assim, deixou que eu me divertisse, que provocasse e torturasse nós dois, movendo os quadris de novo e de novo, meus piercings arrastando pelo peito dele sempre que eu me mexia.

Ofegante, inclinei-me para trás para encará-lo, meus quadris movendo-se em círculos enquanto o pau dele latejava sob mim. Droga, por que ele tinha que ser tão bonito? A água tinha colado seu cabelo para trás, deixando à mostra os

ângulos agudos das maçãs do seu rosto, aquela boca carnuda. Seus olhos carregavam outro desafio, outra provocação, como se ele não achasse que eu seria capaz de ir até o fim. Que eu mudaria de ideia ou amarelaria, deixando sem resposta a pergunta de quão bom poderia ser entre nós.

Mas, se ele estivesse falando sério e esta fosse a última noite em que eu o veria, eu não via razão para me conter. Nenhuma razão para fingir que não o queria desde a primeira vez que ele entrou na minha loja. Era doentio? Quase patético desejar meu chantagista? Talvez, mas agora eu não dava a mínima. Eu estava escolhendo o problemático em vez do seguro, deixando-me ser imprudente e estúpida mais uma vez antes de ter que voltar a ter a vida mais entediante e cautelosa imaginável.

Inclinei-me para frente e mordi seu lábio inferior.

— Eu quero você, Theo.

Ele abriu um sorriso diabólico enquanto olhava para mim.

— Esperei *semanas* para você dizer isso.

— Então por que não disse primeiro?

O sorriso dele se alargou.

— Porque eu não podia ser o primeiro a ceder.

Tentei sair de cima dele.

Ele não caiu no meu blefe, puxando-me de volta ao lugar e segurando-me ali, seus olhos descendo para os meus peitos, a língua passando pelo lábio inferior.

— Eu não podia deixar você saber o quanto eu queria isso. — Ele apertou meus quadris e deu uma estocada para cima. — Que toda vez que eu dizia algo para te irritar, era porque eu estava pensando em te foder e precisava que você me colocasse no meu lugar.

Um rubor subiu pelas minhas bochechas.

— Você deve ter pensado nisso constantemente.

Ele ergueu o olhar para o meu; seus olhos estavam tão escuros que pareciam quase pretos.

— Sim. Naquela noite no restaurante, eu me imaginei caindo de joelhos e chupando sua boceta ali mesmo na mesa. E depois, do lado de fora daquela primeira festa, quando te coloquei contra o carro. Eu estava desesperado para puxar sua calcinha de lado e te fazer gozar onde qualquer um pudesse nos pegar.

Apoiei as mãos no peito dele, acompanhando seus novos movimentos, sentindo minha própria umidade começar a lubrificar o pau dele a cada palavra suja que saía de sua boca. Eu o queria dentro de mim, tanto, mas sabia que ainda não conseguiria aguentar.

— Na casa de Cordelia — continuou ele —, quando AJ disse que vocês tinham compartilhado pessoas entre vocês? Aquilo se tornou minha nova obsessão. — Ele balançou a cabeça e se inclinou para frente, prendendo a boca no meu seio, a língua circulando meu mamilo em uma carícia lânguida antes de dar um peteleco no piercing preso a ele.

Eu gritei, esfregando-me contra ele, desesperada por atrito.

Com um gemido, ele se inclinou para trás, usando as mãos para me ajudar no movimento.

— Eu não pude acreditar quando realmente aconteceu. Fiquei pensando que você ia entrar em pânico e sair correndo do quarto.

— Eu não podia deixar você vencer — falei, sem fôlego. Eu queria a boca dele em mim de novo.

O olhar dele tornou-se abrasador.

— Não minta. Você também queria.

— Sim. — A palavra foi uma confissão sussurrada.

— Como foi? — perguntou ele. — De ter nós dois dentro de você.

— Tão bom. — As palavras soaram quase como um soluço; eu as tinha guardado por tanto tempo.

— Mas uma vez não foi suficiente, foi? — perguntou ele. — E agora você não consegue parar de pensar em nós três juntos de novo, consegue?

Balancei a cabeça.

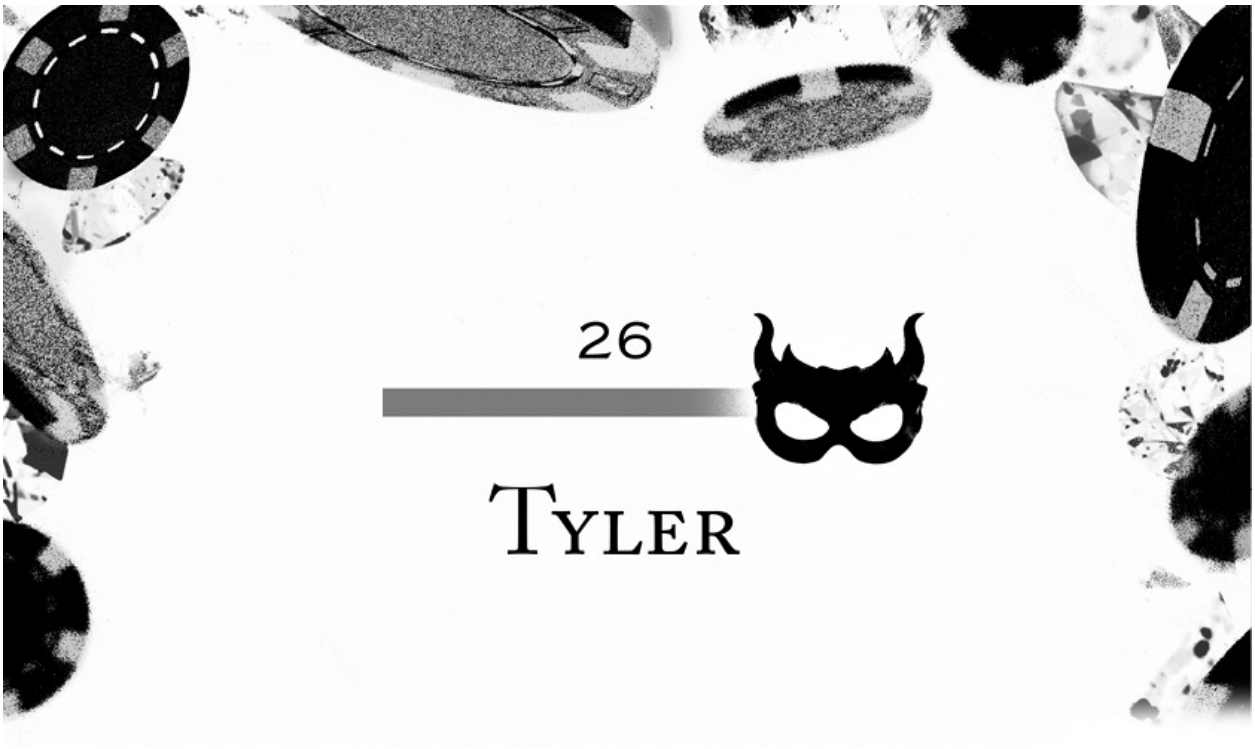
— Eu também não consigo parar de pensar nisso — disse ele. — Você no meio de novo, ele e eu tão fundo dentro do seu cu e da sua boceta que conseguimos sentir um ao outro nos movendo.

Meu Deus.

Eu me arrastei para trás, ficando no chão da banheira entre as pernas dele. Ficamos nos encarando, os peitos arfando, o silêncio tão alto que era ensurdecedor.

Ele se levantou, a água escorrendo por seu corpo grande e magnífico, e estendeu a mão para mim.

— Levante. Quero você aquecida e limpa antes de eu te foder.



26

Tyler

Stella e eu demoramos uma eternidade no chuveiro, nos acariciando, beijando e provocando um ao outro até o delírio entre uma ensaboada e outra. Levamos ainda mais tempo nos secando antes de ela vestir um roupão — curto, de seda e, claro, preto — e enrolar o cabelo em uma toalha, enquanto eu amarrava uma na cintura. Depois, eu a levei para o quarto.

Meu corpo exigia alívio, e eu percebia pelo quão ofegante Stella estava que ela também precisava. Havia um espelho na parede, bem à vista do canto da cama, e esse se tornou o meu alvo.

— Onde estão suas camisinhas e o lubrificante? — perguntei.

— Na mesa de cabeceira. — Ela puxou minha mão. — Eu não tenho IST.

— Eu também não.

— E eu tomo anticoncepcional — disse ela, mordendo o lábio inferior.

— Stella, você está me dizendo que eu posso te foder no pelo?

Ela assentiu.

— Se você quiser.

Eu gemi.

— Sim, eu quero. — Peguei o lubrificante e a levei para a beira do colchão. — Venha aqui — falei, sentando-me na borda, com os pés firmes no chão. Puxei-a para o meu colo, de costas para mim, segurando-a com firmeza enquanto ela

dobrava as pernas, apoiando-se nos joelhos. — Não se preocupe, eu não vou deixar você cair.

Ela olhou para mim por cima do ombro, arqueando uma sobrancelha perfeita.

— Você dizer isso me faz sentir como se estivesse prestes a me empurrar.

— Este é o único lugar onde você pode confiar em mim — respondi, levantando seus quadris o suficiente para desamarrar minha toalha e posicionar meu pau embaixo dela, suas nádegas emoldurando a base, meu membro pressionado contra cada centímetro escorregadio de pele. Meu Deus, ela estava encharcada.

Um calafrio percorreu o corpo dela.

— Você ainda está com frio? — Eu não sabia como ela poderia estar. Ela parecia uma fornalha; a combinação da água quente com o que estávamos fazendo tinha feito a temperatura dela disparar.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Isso é bom.

— Olhe — falei, indicando o espelho com a cabeça.

Ela se virou, observando-me desamarrar seu roupão. Ele se abriu, revelando-a sentada sobre o meu pau.

— Você é linda pra *caralho,* Stella.

Ela sorriu, sabendo que era verdade, e rebolou os quadris. Eu gemi, puxando a gola do roupão para baixo para beijar a parte de trás do seu ombro. Ela estava tão quente, tão receptiva e, a julgar pela umidade que me cobria, tão excitada quanto eu, dizendo-me que eu não estava sozinho nessa. Ela também sentia isso, essa coisa entre nós, essa centelha de desejo que estava a um sopro de se transformar em um incêndio.

Qual seria a sensação de deslizar para dentro dela agora? Não exigiria muito, apenas um erguer de quadris e uma estocada firme. Mas, apesar de todo o seu calor úmido, ela estava longe de estar pronta; e, se esta fosse minha única noite com ela, eu faria com que fosse inesquecível.

Com esse pensamento em mente, puxei a toalha do cabelo dela e me inclinei para beijar o ponto atrás de sua orelha. Ela inclinou a cabeça para o lado, observando-me enquanto eu mordia e provocava sua pele, girando os quadris como se estivesse testando aquela posição.

— Theo — disse ela naquele tom baixo e rouco que eu mais gostava.

— Shh — murmurei, acalmando-a. — Eu sei do que você precisa.

Deslizei as mãos por dentro do roupão e envolvi os seios dela, apertando-os. Nossa diferença de altura me dava o ângulo perfeito para ver por cima do ombro

dela, permitindo-me observar o que eu fazia, seguir meus dedos enquanto eles acariciavam e provocavam, ver cada rebolada experimental que ela dava. Era um banquete para os sentidos, e isso me deixava ávido por mais.

Abri o roupão, tirando-o dela e puxando-o para longe nós, deixando-a nua diante de mim. Seus piercings nos mamilos brilharam na luz fraca, implorando por atenção. Passei os dedos por eles ao mesmo tempo. Stella me recompensou com um gemido suave, contraindo as coxas abertas. Flexionei as pernas, pressionando meu pau contra ela, oferecendo-lhe mais atrito. Ela se remexeu contra mim e gemeu de novo, começando a parecer impaciente.

— O lubrificante — falei, sem querer soltá-la nem por um segundo.

Ela tateou à procura dele, e fiquei feliz em ver que eu não era o único me sentindo apressado e desesperado. Com um clique, ela o abriu.

— É do tipo que esquenta.

— Me lambuze com ele.

Ela despejou uma quantidade generosa, e tive que segurar firme seus quadris enquanto ela se erguia, fazendo o que eu pedi.

No segundo em que ela terminou, eu a trouxe de volta para baixo, meu pau ainda posicionado sob ela, porque seria melhor para nós dois se ela gozasse primeiro, antes que eu metesse nela.

Ela arquejou, rebolando os quadris sobre toda a minha extensão, e inclinou-se um pouco para a frente, apoiando as mãos nos meus joelhos para se equilibrar antes de começar a se mover. Segurei seus quadris e a ajudei; meu pau começou a esquentar com o lubrificante e o calor dela. Da próxima vez que ela se ergueu, eu a puxei para baixo com ainda mais força, obcecado pela forma como a bunda dela batia contra mim.

Ela estremeceu, as unhas cravando-se nos meus joelhos. Um som pequeno e desesperado subiu do fundo de sua garganta. No espelho, ela estava toda bagunçada, tão acabada quanto eu pelo tempo que passamos nos provocando no chuveiro. Eu só queria fazê-la perder o controle de vez e me perder com ela, então voltei a provocar seus mamilos, simultaneamente movendo meus quadris para cima.

Ela gritou.

— Diga, Raio de Sol — rugi. — Diga que você queria que eu estivesse dentro de você.

— Eu queria que você estivesse dentro de mim. — No espelho, seus olhos encontraram os meus em um desafio familiar. — Quero esse pau grande e magnífico me partindo ao meio.

Eu congelei, mesmo enquanto ela continuava se movendo.

— Você deveria gozar primeiro. Vai ser mais fácil.

— Eu não quero que seja fácil. — Ela se ergueu sobre os joelhos. — Eu quero que você me foda com tanta força que eu fique dolorida por dias.

— Stella, eu estou te implorando. Eu não sou uma pessoa boa o suficiente para dizer não ao que você está pedindo.

Ela inclinou os quadris para trás, e eu vi meu pau subir entre nós. Observei-a tirar uma mão do meu joelho e usá-la para guiar meu membro até a entrada dela.

— Eu não quero uma pessoa boa. Eu quero que o homem que eu odeio me prove o quão grande e malvado ele realmente é. Esta é a sua única chance de me foder, Theo. — Seus olhos escuros se cravaram nos meus. — Faça valer a pena.

— Vai doer — rosnei.

— Ótimo. Acabe comigo, Theo.

— Isso é uma ordem? — perguntei, ecoando as palavras que eu tinha lido em um fórum de *brats* na internet.

Sem hesitação, Stella respondeu:

— Sim.

Algo estalou dentro da minha mente; toda a fúria reprimida, a frustração contida e a atração negada finalmente encontraram uma saída.

Certo. Se era isso mesmo que ela realmente queria, eu daria o meu pior. Passei um braço pela sua cintura, tampei sua boca para abafar o barulho que ela estava prestes a fazer e a *enterrei* no meu pau de uma vez.

Ela gritou, os olhos arregalados de choque por cima da minha mão.

Eu a segurei enquanto suas costelas arfavam e suas narinas se dilatavam, o som de sua respiração entrecortada preenchendo meus ouvidos. Ela era tão apertada que eu sabia que devia estar sentindo dor, sabia que aquela porra deve ter doído, mas, meu Deus, a visão dela, presa contra mim, meu pau a atravessando… Aquilo acabou comigo. Tornou impossível ficar parado por mais tempo.

— Pisque duas vezes se precisar de um segundo.

Ela me encarou, sem piscar, e então mordeu minha palma com tanta força que provavelmente cortou a pele. A sensação foi incrível. Desci ambas as mãos para os quadris dela e comecei a quicá-la no meu pau em estocadas curtas e brutais, porque ela era tão apertada que aquele era todo o movimento que a boceta dela permitia. Ela arquejou, as unhas cravadas em meus joelhos, os quadris inclinando-se para trás para me encontrar.

Palavras começaram a jorrar dos lábios dela.

— Porra. Sim. Ai. Não, não para. Está bom. Theo, está perfeito. Assim mesmo.

Eu não sabia o que era mais excitante: o que estávamos fazendo ou o fato de estarmos ambos assistindo a tudo como se fosse nosso pornô particular. As coxas dela se contraíam, o ventre flexionava, os seios balançavam, os lábios se abriam… e meus pensamentos voltaram para a noite em que preenchi aquela boca suja com tanta força que ela engasgou.

Inexplicavelmente, a boceta dela apertou ainda mais, e ela começou a se empurrar contra mim com mais força. Ela estava…?

— Porra! Sim, Theo, mais forte.

Puta merda, ela já estava gozando.

Usei o aperto em seus quadris para erguê-la um pouco e investir com tudo dentro dela, dando a Stella tudo o que eu tinha, sem segurar nada.

— Perfeito — soluçou ela. — Ah, é tão bom. Assim mesmo. Bom… garoto.

O prazer que me atravessou com aquele elogio foi diferente de tudo o que já senti na vida, e passei de quase lá para um gozo total num piscar de olhos. Eu a puxei para baixo com tudo, esmagando seus quadris enquanto descarregava fundo dentro dela.

Puta que pariu. O que *foi* aquilo?

Stella ficou mole, começando a cair para frente, e eu a segurei antes que desabasse. Deitei-a na cama, puxando a manta sobre nós para que ela não ficasse com frio novamente.

Isso não podia ser o fim. A única vez que eu chegaria a fodê-la. Porque, agora que eu tinha feito uma vez, nunca mais queria parar.

Mas eu tinha que parar. Porque ainda tinha um trabalho a fazer e, assim que eu o fizesse, ela passaria de me odiar para querer me matar.

A menos que…

Eu encontrasse uma maneira de poupar os pais dela e mirar apenas em Richard. Poderia ser possível, mas exigiria uma reestruturação de todos os meus planos e levaria a mais várias semanas de atraso, depois de eu já ter esperado anos por essa oportunidade. Eu poderia realmente fazer isso? Deixá-los escapar impunes depois do que o melhor amigo e sócio deles tinha feito?

Em minha mente, vi Georgie e Phil; ela com seu olhar afiado e raciocínio rápido, ele com sua afabilidade e sorriso fácil. O amor óbvio que tinham pelos filhos. As inúmeras vezes que os vi enxotarem os detratores de Stella quando ela não estava prestando atenção, protegendo-a silenciosamente como dois leões guardando um filhote.

No fim das contas, eu não tinha nenhuma prova real de que eles tiveram qualquer envolvimento no que aconteceu com minha mãe, apenas suposições. Talvez não fosse a pior ideia do mundo jogar seguro e poupá-los, na remota chance de serem inocentes. Eu estivera errado sobre a filha deles. Quem sabe eu também não estava errado sobre eles?

Deixei o pensamento para mais tarde. Aqui e agora, tudo o que importava era aproveitar o que talvez fossem os últimos momentos que eu teria com Stella. O resto podia esperar.

Ela se espreguiçou ao meu lado como um gato, as pontas dos pés esticadas, as mãos subindo acima da cabeça.

— Humm, eu precisava disso.

— Claramente — ironizei. — Você fica 50% mais tolerável assim.

Os olhos dela se abriram, fuzilando-me.

— Opa, falei cedo demais.

Ela começou a rolar para longe, mas eu a impedi, puxando-a de volta para mim, de bruços.

— Não se mova — falei, indo me ajoelhar entre suas pernas, abrindo-as mais.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, espiando por cima do ombro.

Deslizei minha mão pelas costas dela, mergulhei meus dedos entre as nádegas para provocar seu cuzinho empinado e, então, lentamente afundei meus dedos em sua boceta encharcada, deliciando-me com o conhecimento de que metade daquele gozo era meu.

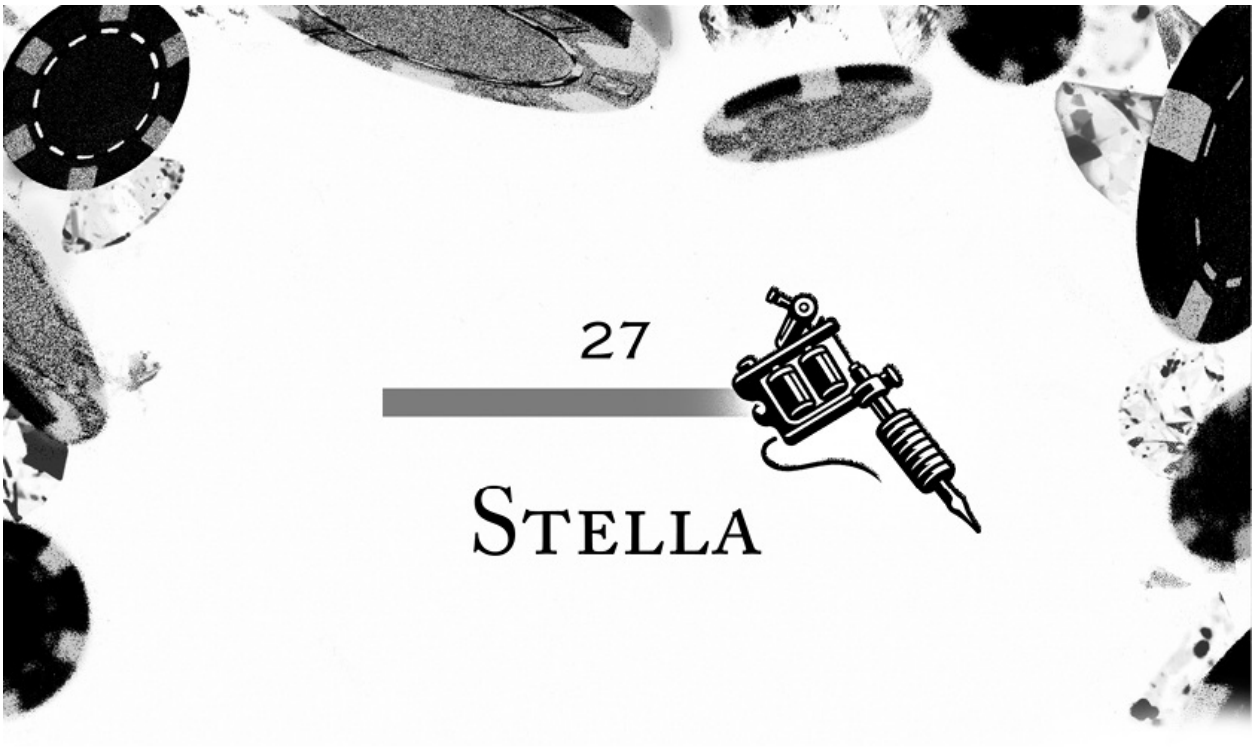
Ela sibilou.

— Dolorida?

— Sim, mas eu queria estar. Theo, aquilo foi…

— Eu sei — falei, girando meus dedos dentro dela, desejando que tivéssemos mais tempo. — Tenho que ir logo. Infelizmente, continuo encontrando obstáculos nos meus planos e preciso resolver algumas coisas. — Tirei meus dedos de dentro dela e os levei às suas costas, começando a desenhar sobre sua pele. — Não tome banho. — Deixei um beijo em seu ombro. — Se esta for a única noite que temos juntos, quero saber que você adormeceu com minhas palavras em sua pele. — Pressionei outro beijo no topo de sua coluna. — Que essa parte de mim vai ficar aqui com você depois que eu for embora.

Mergulhei meus dedos nela outra vez, acariciando, suavizando um pouco de sua dor, querendo fazê-la se sentir bem uma última vez, antes de retirá-los e desenhar a próxima letra, repetindo o movimento até fazer Stella gozar novamente e escrever uma mensagem secreta inteira em suas costas.



27

STELLA

ERAM QUASE 3H DA MANHÃ QUANDO FINALMENTE SAÍMOS DO meu quarto, eu de roupão, Theo de calça social e a maior camiseta que eu possuía.

Não tínhamos acendido nenhuma luz na sala, então foi especialmente sinistro quando Amos fez um estalido baixo e falou *Oláááá*, da escuridão, com uma voz aguda.

Theo parou bruscamente, e eu quase trombei nele.

— Onde ele está? — perguntou.

— Do outro lado da sala, na gaiola.

Mais estalidos.

Ah, ha ha ha haaa.

Era a gargalhada habitual de Amos, mas, agora, até eu admitia que soava um pouco aterrorizante.

Os ombros de Theo subiram em direção às orelhas.

— Você tem certeza?

— Sim. — Para provar, passei por ele e acendi a luz suave da cozinha.

Isso iluminou o apartamento o suficiente para distinguir a gaiola e as plantas, mas Theo ainda não tinha passado do batente da porta do meu quarto. Não era fã de pássaros, pelo visto.

— Ah, Theo! — gritou Amos em uma imitação quase perfeita de mim. Meu Deus. Eu realmente soava daquele jeito?

Theo se virou para mim com uma expressão insuportável.

— Ele repete o que ouve — falei, afirmando o óbvio enquanto recuava para a cozinha. — Você quer água ou alguma coisa antes de ir? — Lancei-lhe um sorriso sarcástico. — Já que eu acabei de te deixar completamente seco.

O olhar dele deslizou por mim, como se estivesse se perguntando se tínhamos tempo para uma segunda rodada. Ai, meu Deus, eu esperava que não. Minha vagina não aguentaria. Não depois do que ele tinha acabado de fazer comigo. Do que eu praticamente implorei para ele fazer comigo.

— Só água — disse ele finalmente.

Peguei uma garrafa na geladeira e me virei, congelando.

Theo estava junto ao meu sofá, meio inclinado sobre a mesa de centro.

— O que é isso?

A forma como seu tom mudou para pura alegria era um claro indicador de que ele tinha encontrado algo para me atormentar, e fiz uma varredura rápida nos objetos espalhados pela mesa, preocupada se tinha deixado algo embaraçoso à mostra, como um vibrador, meu aparelho de ortodontia ou… ah, merda.

Meu bloco de desenhos.

Tentei avançar nele, mas ele me empurrou com o quadril contra o sofá e, enquanto eu estava ocupada quicando nele, ele pegou o bloco. O caderno se abriu nas mãos dele, e um papel solto deslizou para fora. Eu me encolhi quando um desenho em carvão do bíceps dele flutuou até o chão.

O sorriso dele se alargou enquanto folheava a primeira página e me lançou o olhar mais presunçoso e satisfeito que já vi.

— Eu sabia que você era obcecada por mim.

Pulei do sofá e tentei tirar o bloco dele, mas ele o manteve fora do meu alcance, e eu não ia ficar pulando para pegá-lo como uma criança em um parquinho. Era tarde demais, de qualquer forma. O estrago estava feito e agora o ego dele ficaria tão grande que seria impossível falar com ele. Ainda bem que esta era nossa última noite juntos.

Um pequeno arrepio de decepção se insinuou dentro de mim com esse pensamento, e tentei afastá-lo.

Theo virou outra página, o sorriso desaparecendo, uma ruga surgindo entre suas sobrancelhas.

— Estes desenhos são realmente bons.

— Sim, e? Você já viu meu trabalho. Por que está surpreso?

Ele me lançou um olhar.

— Eu não estava totalmente convencido de que você fazia tudo sozinha.

— Fora — falei, apontando para a porta.

Ele me ignorou, virando outra página.

— Uau, você é, tipo, muito obcecada por mim.

Eu não conseguia acreditar que tinha acabado de ter o melhor sexo da minha vida com esse babaca. Um som de papel rasgando preencheu o apartamento enquanto ele arrancava uma página.

— Ei! — falei, tentando alcançá-la.

— Vou levar esse comigo. — Ele a virou, e vi o rosto dele de perfil. Era provavelmente o esboço mais simples que eu fiz dele: o queixo apoiado na mão, com uma expressão entediada.

— Por que esse? — perguntei, confusa por ele escolher aquele em vez do desenho a bico de pena muito mais elaborado dele sentado em um trono, com uma coroa de gelo na cabeça, ladeado por bajuladores sem rosto.

— Foi o primeiro que você desenhou, então deve ter sido o momento em que percebeu que estava apaixonada.

— Vou fechar meus olhos e, quando eu os abrir, é melhor você ter sumido.

— Ah, não fique bravinha.

Uma mão deslizou pela minha cintura. Abri uma fresta dos olhos e, sim, lá estava ele com seu sorriso mais insuportável de novo. Aquele que me dava vontade de socá-lo.

— Adeus, Stella — disse ele, diminuindo a distância entre nós. Ele me deu um último beijo entorpecente e, por algum motivo estúpido, eu deixei.

Depois, ele recuou e piscou para mim.

— Me manda uma mensagem quando perceber que não consegue viver sem mim.

— Adeus para sempre — respondi.

Com uma risada, ele se virou e saiu do apartamento. Esperei um minuto e então o segui para garantir que ele realmente tinha ido embora antes de ativar o alarme de segurança. Feito isso, subi as escadas, onde lutei contra minha curiosidade por dez minutos inteiros antes de perceber que era uma batalha perdida. Com um suspiro, desci novamente.

Elayne frequentemente fazia tatuagens que brilhavam no escuro e tinha uma grande luz negra em sua cabine que ligava durante o processo de aplicação. Levei-a para o banheiro do estúdio e a liguei na tomada, deixando meu roupão cair até a cintura e ficando de costas para o espelho. Os dedos de Theo tinham se movido tão lentamente que eu não fora capaz de distinguir as letras enquanto ele as escrevia. A forma como ele parava para depositar beijos ao longo das minhas

costas, ombros e depois descendo pelas minhas costelas me fez pensar que ele era sensível, como se talvez quisesse um pouco mais de tempo juntos para explorar essa coisa inexplicável e totalmente errada entre nós.

E o que ele tinha dito…

"Se esta for a única noite que temos juntos, quero saber que você adormeceu com minhas palavras em sua pele. Que essa parte de mim vai ficar aqui com você depois que eu for embora."

Ele definitivamente tinha escrito algo sentimental ou possessivo. Algo que provavelmente não queria que eu visse, mas de que outra forma eu deveria ter um vislumbre do que realmente se passava naquela cabeça dura dele?

Liguei a luz negra e apaguei as luzes. Minhas costas brilharam no espelho, e levei um segundo para decifrar as palavras porque elas não estavam apenas invertidas, mas levemente borradas.

V…
A
I…
S…
E…
F…
O…
D…
E…
R…

Vai se foder.

Ele tinha escrito "vai se foder" nas minhas costas com porra.

Eu definitivamente ia vê-lo de novo. Só mais uma vez. Para matá-lo.

Subi as escadas pisando duro e peguei o celular dentro da minha bolsa encharcada. Felizmente, ainda funcionava.

ME FODER?, mandei por mensagem.

Uau, respondeu ele. *Eu tinha certeza de que você esperaria pelo menos um dia antes de implorar por isso de novo, mas acho que você é mais obcecada por mim do que eu imaginei.*

Larguei o telefone antes de ceder ao impulso de arremessá-lo do outro lado da sala. Ele tinha feito de propósito, e eu caí direitinho na armadilha dele. Qualquer coisa que eu respondesse só colocaria mais lenha na fogueira, daria a ele a vantagem e ainda mais oportunidades para me provocar.

Desta vez, não, porra. Eu me recusava terminantemente a morder a isca.

Deixei meu celular jogado no chão e me virei para ir esfregar minhas costas até a pele ficar em carne viva no chuveiro. Foi só quando me deitei para dormir que sorri, e então comecei a rir. Incontrolavelmente. Porque aquela talvez fosse a melhor pegadinha que alguém já tinha feito comigo, e eu não achava que nada jamais superaria aquilo.



Segunda-feira era o único dia da semana em que fechávamos, porque era o dia mais fraco de agendamentos. Passei a manhã resolvendo pendências e tentando ignorar a dor deliciosa entre minhas pernas, mas momentos da noite de sábado não paravam de brotar na minha mente. Theo me deixando assumir o controle no banheiro. O prazer excruciante dele me puxando para o seu pau depois de eu ter, basicamente, ordenado que ele me machucasse. Suas mãos grandes envolvendo meus seios. A visão de nós dois fodendo, refletida no espelho.

Sim, o sexo tinha sido incrível, mas eu tinha gostado do jogo de poder tanto quanto; e estava igualmente chocada e extasiada com o quão disposto Theo esteve a fazer o que eu mandava. Ele tinha passado tanto tempo me dando ordens que foi bom finalmente ter a minha vez. Havia algo de inebriante em ter um homem imenso, que poderia facilmente me dominar fisicamente, tão disposto a agir de forma submissa. Foi a primeira vez que me senti assim, querendo dominar alguém, e eu já tinha tido um número considerável de parceiros. Isso me fez pensar se era algo meu, algo do Theo ou algo nosso.

Balancei a cabeça. Provavelmente era algo do Theo. Não havia a menor chance de eu ser a única parceira sexual dele que queria que ele se sentasse e calasse a boca.

Uma imagem de Theo amarrado e amordaçado atravessou minha mente, e tive que cruzar as pernas no ônibus.

Eu estava a caminho da casa de Runa, com uma sacola de compras aos meus pés. Ela estava em casa há alguns dias, e eu me ofereci para passar lá com alguns itens essenciais. Nós duas sabíamos que era apenas uma desculpa para eu visitá-la após a cirurgia.

Ela morava em um prédio com acessibilidade para PCD no lado leste. Era uma unidade de um quarto no terceiro andar, com uma cozinha reformada e uma vista sazonal decente para o pequeno parque nos fundos. Nesta época do ano, suas janelas ficavam preenchidas por verde, fazendo parecer que ela morava na copa

das árvores, porque os carvalhos do lado de fora tinham ficado muito altos. Ela liberou minha entrada pelo interfone quando cheguei, e usei minha chave para abrir a porta para que ela não precisasse se levantar.

— Oi — falei, indo direto para a geladeira. — Estava faltando aquela marca de massa sem glúten que você gosta, então encontrei uma à base de grão-de-bico.

Ela fez um som de ânsia de vômito de algum lugar da sala.

— Essa merda se desfaz na água.

— Eu perguntei ao atendente, e ele disse que essa marca não faz isso.

— Veremos — disse ela, parecendo extremamente desconfiada.

Guardei o resto das compras e a encontrei na sala. Minhas mãos estavam atrás das costas, segurando um presente que eu sabia que a deixaria fora de si.

Ela estava esparramada no sofá, com sua cadeira de rodas por perto, porque ainda levaria um tempo até que estivesse recuperada o suficiente para usar suas próteses novamente. Na TV, passava sua série holandesa favorita, um drama de época sobre um hotel perto do oceano; o volume estava mais alto que o normal porque a máquina de lavar estava ligada.

Parei ao seu lado, ela pausou a TV e olhou para mim.

— O que você aprontou agora?

— Comprei uma coisa para você.

Ela revirou os olhos e se sentou, e fiquei feliz por ela parecer melhor do que no hospital. Menos exausta, menos consumida pela dor.

— É melhor que não seja outra caixa gigante de preservativos, Stella.

— Não é — falei. Pela expressão no rosto dela, eu sabia que ela não acreditava em mim, então trouxe minhas mãos para frente com um floreio. — Tcharam!

Os olhos dela se arregalaram.

— Mentira, você não fez isso.

Assenti e abri a tampa da caixa do bolo, mostrando a ela que eu tinha, de fato, atravessado a cidade inteira até a sua confeitaria favorita só para encomendar seu bolo favorito (e também fora de época): o bolo invertido de amêndoa, figo e favo de mel, pelo qual tive que pagar o dobro.

— Traga o meu maior garfo — disse ela, acenando para a cozinha.

Eu ri e coloquei o bolo no colo dela antes de obedecer à sua ordem, pegando um garfo para mim também.

— Nada disso — disse ela, puxando a caixa para perto e se curvando sobre ela como um dragão guardando seu tesouro.

— Ei, fui eu que comprei — resmunguei. — Não ganho nem um pedaço?

— Não até você me dizer por que me comprou um bolo de desculpas.

— Não é um bolo de desculpas.

Ela enterrou o garfo na sobremesa e deu a maior mordida imaginável, tudo isso mantendo contato visual direto.

— Eu vou comer essa porra todinha na sua frente — disse ela, com a boca tão cheia que algumas migalhas caíram.

— Por que não pode ser um bolo de "espero que você se sinta melhor"?

Ela engoliu.

— Porque você tem enchido o meu saco no celular de hora em hora desde que saí daquela porra de hospital, e você sabe muito bem que minha recuperação está indo melhor do que o esperado. A verdade, piranha. — Ela apontou o garfo para mim. — Desembucha.

Eu me joguei na poltrona ao lado dela.

— Eu vi a Maddie de novo.

Runa quase engasgou.

— Que porra? Onde? — Seus olhos se estreitaram. — Se você a matou sem mim, eu vou ficar muito puta.

Balancei a cabeça.

— Eu não a matei, mas foi por pouco. Ela estava na festa da empresa dos meus pais.

— Eu te disse que ela voltaria. Eu te disse que o que quer que Theo tenha dito a ela não seria o suficiente.

Eu vinha mantendo Runa atualizada sobre tudo o que tinha acontecido. Bom, quase tudo.

— Eu deveria ter te ouvido.

Runa fez uma careta.

— Foi muito ruim?

Contei a ela a história toda, começando com Theo me coagindo a ir à festa e depois aquela interação horrorosa. Pulei a parte do quase acidente de carro depois, não querendo causar um gatilho nela, mas contei sobre minha briga com Theo e como estraguei meu vestido favorito na chuva.

Ela empurrou a caixa do bolo em minha direção.

— Tá. Acho que você merece um pedaço.

Peguei um pedaço com o garfo e coloquei na boca; e talvez esse fosse o meu bolo favorito também porque, puta que pariu, a combinação de sabores era tão sutil, mas tão boa.

— Sinto muito — disse Runa. — Por as coisas terem acontecido desse jeito.

— Por quê? Porque ela ainda está viva?

— Sim, mas também porque parece algo de enlouquecer qualquer um. — Ela balançou a cabeça. — Ela simplesmente ficar lá parada, exigindo um pedido de desculpas depois de tudo o que fez? Meu Deus.

— Não sei como consegui me controlar. Nunca me senti assim na vida. Como se eu pudesse realmente assassinar alguém com as minhas próprias mãos. Bem, tirando o Theo.

— Pena que ela não é solteira, senão você poderia juntar os dois. Parece que eles se merecem.

Peguei outra garfada generosa de bolo, tomando cuidado para não encontrar os olhos dela. Ela suspirou.

— Você deu para ele, não deu?

Enfiei o bolo na boca e apontei para ele como quem diz: *Opa, desculpe, péssima hora. Não posso te responder.*

Ela se inclinou para frente e me deu um tapa no ombro. Eu realmente deveria saber que não era boa ideia sentar tão perto dela.

Mastiguei e engoli.

— Foi coisa de uma vez só.

Ela brandiu o garfo como se fosse uma espada.

— Men-ti-ro-sa.

— Tá bom. Meio que uma vez só. Duas semanas atrás, nós dormimos com o AJ.

Runa soltou um grito de comemoração.

— Sua vadiazinha safada. Como foi?

Cobri meu rosto, espiando-a por entre os dedos.

— Qual das vezes?

— As duas, né?

— Foi… — Baixei as mãos, estremecendo.

Ela soltou um assobio baixo.

— Tão bom assim, hein?

— Sim, mas não vai acontecer de novo. Theo acha que já tem gente suficiente para quitar minha dívida.

— Mas e se ele estiver errado?

— Obrigada! Foi o que eu disse. — Contei rapidamente para ela o resto da noite, incluindo a pegadinha de Theo, porque, repito, não havia segredos entre nós.

Ela riu tanto depois disso que me preocupei que pudesse engasgar.

— Você tem que ver ele de novo. Não pode deixar aquele homem sair impune de algo tão diabólico.

— Por que eu o veria se acabei de me livrar dele?

Ela me lançou um olhar de *Não seja estúpida*.

— Porque você quer.

O som de água corrente parou e, então, ouvi a porta do chuveiro fechar e passos pesados no quarto dela. Minha boca se abriu. Não era a máquina de lavar. Havia mais alguém ali. Em plena manhã de segunda-feira.

Encarei-a com um olhar acusador.

— Tem um homem no seu quarto, Srta. Lund?

Ela baixou o olhar para o bolo.

— Não sei do que você está falando.

— Sua piranha. Esse tempo todo eu estou aqui desabafando e você o quê? Simplesmente não ia me contar que sua recuperação está indo tão bem porque você está sendo curada na base do pau?

Os olhos dela dispararam para a porta fechada do quarto.

— Dá pra falar mais baixo?

Eu me levantei do assento.

— É aquele enfermeiro gato que "colocou seus eletrodos"? — perguntei, fazendo aspas no ar. — Não é?

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Só tem um jeito de descobrir. — Dei um passo para trás.

— Não se atreva! — sussurrou ela enfaticamente.

Corri em direção ao quarto, alcançando a maçaneta, ameaçando abrir.

— Tá bom! É ele, ok?

Pausei por meio segundo, prolongando o pânico dela, antes de balançar a cabeça e voltar para o sofá.

— Por que você não me contou?

As bochechas dela coraram.

— Ahhh — falei. — Você gosta mesmo dele, não é?

— Gosto, e eu não queria dar azar falando sobre ele. — A expressão dela tornou-se arrependida. — Sinto muito.

— Eu entendo — falei. Meu Deus, e como entendia. Tudo o que ela e eu fazíamos era vomitar traumas e falar mal do mundo inteiro. Se ela tivesse

tentado mencionar isso casualmente, eu provavelmente teria encontrado um jeito de zoar ou transformar tudo em piada. — Estou feliz por você.

Ela sorriu.

— Obrigada.

Mais barulho veio do quarto, e eu olhei naquela direção, começando a me sentir uma intrusa.

— Acho que vou dar o fora.

Runa segurou meu braço quando comecei a me levantar.

— E Theo? Você vai ver ele de novo?

Balancei a cabeça.

— Não sei. Ele literalmente me chantageou.

Runa deu de ombros.

— E daí?

— E me tratou feito lixo.

Ela revirou os olhos, sorrindo.

— Não estou perguntando se você vai casar com ele. Estou perguntando se vai quicar naquele pau de novo.

— Você é uma péssima influência.

Ela ficou séria.

— Você não sente que seu trabalho está pela metade? Digo, claro, sua dívida pode ser paga, mas ainda tem mais gente por aí precisando de um pouco de justiça vigilante.

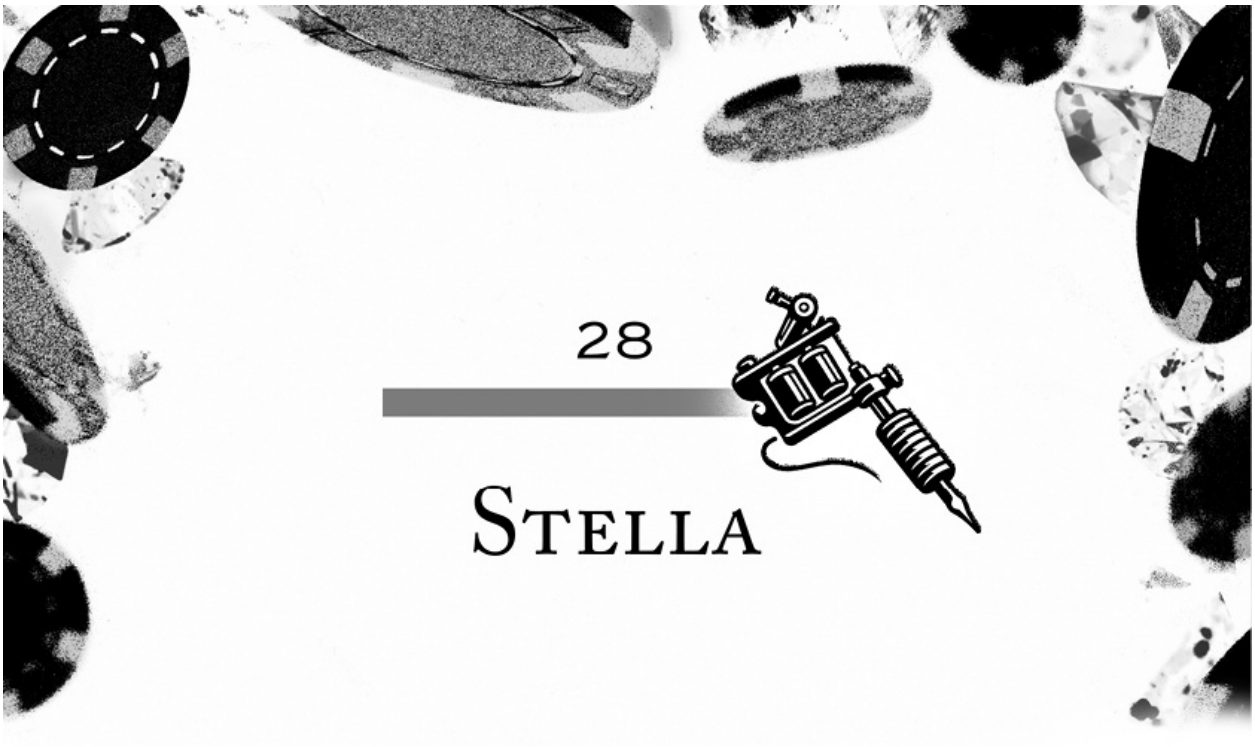
— Garota, meu estômago está sensível demais para sair correndo por esta cidade vivendo minhas fantasias de Mulher-Gato.

Runa riu.

— Justo.

— Além disso, Theo já tem nomes suficientes. E já está com meio caminho andado. Assim que as pessoas daquele mundo perceberem que existe uma festa ultraexclusiva para a qual não receberam um convite, ficarão desesperadas para encontrar um jeito de entrar. Tudo o que eu teria que fazer é dizer a ele quem são os alvos.

— O que te dá a desculpa perfeita para falar com ele de novo — disse ela com um sorriso triunfante.



28

STELLA

MEU CELULAR APITOU COM UMA NOTIFICAÇÃO, o que significava que só podia ser Blake ou um dos meus pais, já que eu tinha ativado o modo não perturbe.

— Desculpa, com licença — falei, me afastando da minha cliente, uma mulher latina baixa e curvilínea, com mechas cor-de-rosa no cabelo e uma estética de *pin-up*. — Preciso dar uma olhada nisso.

— Ah, graças a Deus — disse ela. — Eu já estava prestes a pedir uma pausa.

— O sombreamento é sempre a pior parte.

Ela jogou o braço sobre os olhos.

— E eu consigo aguentar duas horas seguidas disso antes de pedir arrego, mas será que consigo dizer pro assistente de necrotério gato que trabalha no meu hospital que eu tô a fim dele? Não.

— Você é um partidão, Vern — falei, tirando as luvas. — Ele seria um idiota se te desse um fora.

— *Eu* sei disso. Mas e se *ele* não souber?

— Então ele claramente não é bom o suficiente para você — respondi, girando minha cadeira em direção à mesa.

Peguei o celular, desbloqueei a tela e congelei. Era uma mensagem do meu irmão: *Coloque um vestido de coquetel bem bonito. Vou te levar para sair.*

Tipo… às 22h de uma terça-feira? Eu tô trabalhando!, respondi. *E você não fala comigo direito há mais de um mês? Oi? Tudo bem?*

Estive ocupado, ele mandou de volta. *Mas não tão ocupado quanto o seu namorado. Acredite em mim, você vai querer ir nessa festa.*

— Emergência de família? — perguntou Vern, parecendo esperançosa.

Olhei para ela.

— Mais ou menos. — Do que porra Blake estava falando?

A expressão de Vern mudou para um alívio evidente.

— A gente pode parar se você precisar.

— *Você* precisa parar?

Ela fez uma careta.

— É. Acho que não tenho muito mais energia hoje.

Analisei a coxa dela e o retrato de sua *abuela* que estava ganhando vida aos poucos.

— Tudo bem, mas você acha que aguenta até eu terminar essa parte?

Ela olhou para onde eu tinha parado.

— Quanto tempo mais?

— Cinco minutos, prometo.

Ela se recostou, resignada.

— Eu aguento.

Girei a cadeira de volta, colocando um novo par de luvas.

— Que mulher corajosa. Próximo passo: chamar para sair um homem que entende tudo de corpos mortos.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Espero que ele entenda de corpos vivos também.

Eu ri e voltei ao trabalho.

Vern era, por sorte, minha última cliente da noite e, assim que terminei de acertar tudo com ela, tentei ligar para Blake.

Ele me mandou direto para a caixa postal e, em vez de atender, enviou uma localização. *Me encontra em 30 minutos.*

Não até você me dizer do que se trata.

Não dá pra explicar pelo telefone. Por favor. Estou te pedindo para confiar em mim.

Normalmente, eu não teria hesitado, mas depois de toda aquela história de ele ter torrado a herança inteira no jogo e o quão temperamental e distante andava desde então (não importa o quanto *eu* pedisse desculpas), eu já não tinha certeza se conhecia meu irmão tão bem quanto acreditava. E ele não me dizer para onde estávamos indo parecia um enorme sinal de alerta.

Era ele mesmo?

Onde a gente escondeu a estátua de pug da Cordy?

Na armadura perto da entrada da casa dela. Por quê?

Só checando.

Sou EU. Blake. O irmão caçula que você vai agradecer até o fim da noite porque estou consertando o problema que criei.

Senti um nó no estômago. Tipo… de que diabos ele estava falando?

Não tem mais nada pra "consertar", respondi. *Eu estou livre.*

Não. Não está. Nenhum de nós está. E eu estou prestes a te provar isso. Meia hora, Stella. Esteja lá.

Tentei mandar mensagem várias vezes, mas ele não respondeu mais.

Merda. O que diabos ele estava tramando? Eu tinha acabado de me livrar da chantagem de Theo, finalmente tinha despertado seu lado bom, ou melhor, menos ruim. Se Blake fizesse algo para provocá-lo, eu temia que fôssemos parar exatamente onde começamos. Ou pior.

Corri até a cabine de Derrick. Ele ia fechar o estúdio hoje porque eu tinha decidido começar a me cuidar de verdade, limitando minhas horas a um cronograma de trabalho mais aceitável.

— Ei… — falei, me pendurando no batente da porta.

Felizmente, ele estava no intervalo entre os clientes.

— Sim? — respondeu ele, arrastando a voz e erguendo uma sobrancelha branca e grossa.

— Preciso sair um pouco, mas fico disponível se surgir qualquer imprevisto.

— Não vai surgir — disse ele, e pelo tom, tive a sensação de que, mesmo se surgisse, ele resolveria sozinho.

Corri para o andar de cima.

— *Petiscoooo?* — chamou Amos.

— Você já comeu demais por hoje — respondi, indo direto para meu closet.

Ele soltou um assobiozinho triste que me deu um aperto no coração, mas eu precisava começar a impor limites. Eu andava dando petiscos extras por culpa durante semanas por causa das minhas ausências, e isso era pior do que não dar nenhum. Eu queria que ele vivesse todo o potencial da sua longa expectativa de vida, e superalimentá-lo era prejudicial.

Abri a porta do closet. Preto até onde a vista alcançava.

Igual à sua alma — Theo tinha brincado uma vez, mas meu guarda-roupa monocromático era mais prático. Preto combinava com tudo. Manchas de tinta eram difíceis de notar. Isso reduzia o cansaço de ter que tomar decisões na hora de escolher um visual. Além disso, simplesmente ficava *bem* em mim.

Escondido lá no fundo estava um vestido de coquetel curto de tule, estilo espartilho, que me fazia sentir como o *Cisne Negro* toda vez que eu o usava. Eu o puxei e me troquei rapidinho antes de correr para o banheiro. O local que Blake me mandou ficava a vinte minutos de distância sem trânsito, o que significava que eu precisava correr se quisesse chegar no horário.

Uma olhada rápida no espelho do banheiro revelou que minha maquiagem tinha aguentado bem o dia todo. Tudo o que eu precisava fazer era tirar o excesso de oleosidade do rosto, reaplicar o blush e o *lip tint*, então passar mais uma camada de pó translúcido e spray fixador.

Pronto. Bom o bastante.

Pedi um Uber, tranquei o apartamento e saí.

Após uma corrida apreensiva, eu estava de volta ao ar abafado da noite, parada em uma esquina perto de uma joalheria e de um salão de beleza. Era uma parte mais movimentada da cidade, cheia de hotéis e bares, e havia gente por toda parte. Procurei meu irmão com o olhar pelas calçadas, mas não o vi.

Tô aqui, mandei por mensagem.

Onde? Não tô te vendo.

Procurei por ele de novo, então espiei na esquina do prédio e lá estava ele, caminhando na minha direção de smoking, todo elegante. Ele tinha feito algo no cabelo castanho-claro, penteando-o para trás, e aquele olhar carrancudo que eu via ultimamente tinha sumido, substituído por determinação.

— Está pronta? — perguntou ele.

— Oi, sim, olá. É bom te ver também. Fico feliz que voltamos a nos falar. Você finalmente entendeu por que eu fiz o que fiz?

— Não, sua idiota com mania de sacrifício. Agora vem. — Ele entrelaçou o braço no meu e me conduziu pela rua.

— Você não tinha como pagar — falei, notando outras pessoas bem vestidas indo na mesma direção.

— E você tinha? — rebateu Blake.

— Chegamos a um acordo.

Ele balançou a cabeça.

— E você confiou que ele cumpriria? Que não tinha segundas intenções?

— Não me olhe assim — falei. — Não sou idiota. Eu nunca confiei nem nunca vou confiar naquele homem. E sim, eu me preocupei com as segundas intenções, mas eu estava mais focada em tirar a gente da mira dele.

— Foi aí que você errou. Enquanto você passou o último mês flertando com ele, eu estava prestando mais atenção.

— Eu *não* estava flertando. — Pelo menos não o tempo todo.

Blake me lançou um olhar cheio de reprovação.

— Estava, sim.

A raiva tomou conta de mim. Eu não o tinha julgado por perder três milhões e, no entanto, lá estava ele me julgando pelo que eu tinha feito para recuperar esse dinheiro.

— O que a gente está fazendo aqui, afinal? — perguntei, com a voz monótona. Eu queria acabar logo com aquilo, voltar para o meu apartamento e me acalmar. Também planejava manter certa distância de Blake por um tempo. Porque estava claro que nossa relação estava em um terreno mais instável do que eu imaginava, e eu não estava com cabeça para tentar consertar nada agora.

— Eu já te disse — respondeu ele. — Vamos a uma festa. Uma festa muito exclusiva.

Exatamente o que eu temia.

— Como você conseguiu outro convite?

— Roubei o do Henry.

— E você acha que Theo vai deixar a gente entrar juntos assim, na maior?

Blake bufou.

— Theo não vai fazer a mínima ideia de que estamos lá até que seja tarde demais. Essas festas fazem os nossos eventos sociais parecerem festinhas de criança.

— O que você quer dizer com *tarde demais*? — perguntei, esticando a mão para dar tapinhas no peito dele. — Você não está com uma bomba ou algo assim, está?

Ele afastou minha mão com um tapa.

— Não, e você vai ver logo, logo.

— Se você fizer alguma burrada, ele vai dar um jeito de se vingar da gente.

— Não se ele estiver na cadeia — disse Blake, com um tom sombrio.

Meu pulso disparou. Meus pensamentos voaram para aqueles caras enormes e assustadores que Theo tinha mencionado — os que não estariam na cadeia, mas sim livres para machucar as pessoas. E sim, Theo tentava evitar esse tipo de coisa, mas eu poderia apostar que ele abriria uma exceção para os responsáveis por colocá-lo atrás das grades.

Segurei o braço do meu irmão, tentando nos fazer diminuir o passo.

— O que você *fez*? — Eu precisava encontrar um jeito de impedir o que quer que estivesse prestes a acontecer.

Ele se soltou de mim e continuou andando.

— Você já vai descobrir. Chegamos.

Desviei o olhar dele, e o que estava ao redor voltou a entrar em foco. Chegamos? Chegamos onde? Essa rua parecia qualquer outra parte congestionada da cidade. Trânsito, pedestres, fachadas de lojas, barreiras de construção.

Meus olhos se fixaram na única coisa diferente: dois homens grandes usando uniformes da prefeitura e coletes de segurança, guardando a entrada do canteiro de obras. Tarde da noite.

Uma mulher de sobretudo parou diante deles. Os três trocaram algumas palavras rápidas e, então, ela passou pela dupla, entrando na escuridão logo adiante.

Blake se afastou de mim e eu me apressei para alcançá-lo, meu coração batendo tão forte que parecia que ele ia subir à minha garganta e me sufocar. Eu não queria ter nada a ver com o que estava prestes a rolar, mas estava claro que Blake estava decidido, e eu não fazia ideia de como pará-lo sem ter que dar uma paulada na cabeça dele e arrastar seu corpo inconsciente para longe dali.

Talvez eu conseguisse convencê-lo a mudar de ideia lá dentro? Ameaçar contar para os nossos pais? Lembrá-lo de que Theo era um gênio do mal assustador, com infinitos capangas prontos para fazer o serviço sujo dele?

— Senha — disse o cara bombado à direita, girando a cabeça enquanto o olhar varria o resto da rua.

— Roticidade — respondeu Blake.

Fiquei boquiaberta. Nem ferrando.

O cara da esquerda fez sinal para passarmos.

Blake e eu entramos na boca estreita de um beco. No alto, alguém tinha pendurado luzinhas estilo varal, e o brilho quente delas fornecia iluminação apenas o suficiente para enxergar. O calçamento sob nossos pés tinha sido limpo de todo o lixo e varrido; havia até um leve aroma cítrico no ar, como se alguém tivesse se dado ao trabalho de passar pano.

— Aqui, coloca isso — disse Blake, me entregando uma máscara simples de baile.

— O quê? Por quê? — perguntei.

— Só coloca. — Ele amarrou a dele. — Ninguém mostra o rosto.

Resmunguei algo sobre estragar a maquiagem, mas, contrariada, coloquei a máscara conforme nos aproximávamos de outro segurança grandalhão, este de terno, parado no fim do corredor. Meu olhar varreu as paredes ao redor. Não vi

portas nem janelas, e isso me fez temer que estivéssemos caminhando direto para algum tipo de armadilha.

Puxei a manga de Blake, com a voz baixa em tom de alerta:

— Não estou gostando disso.

Ele me mandou calar a boca e continuou andando. Quando chegamos mais perto do segurança, percebi que a mancha escura no chão ao lado dele era um bueiro aberto.

Ai, meu Deus.

O segurança fez sinal para avançarmos. Blake se aproximou e o homem começou a passar um detector de metais em bastão sobre ele, lentamente, de cima a baixo.

— Nada de celulares ou aparelhos de gravação?

— Não — respondeu Blake.

— Hum… eu tenho um celular na minha bolsa de mão — confessei.

— Tire e desligue — retrucou o guarda, e eu obedeci rapidinho.

Ele apontou para um cesto e disse que eu poderia pegá-lo na saída. Então, fez a mesma varredura da cabeça aos pés em mim enquanto Blake se aproximava do túnel.

— Sigam as luzes quando chegarem ao fundo — disse o segurança.

E, não. Nem pensar. De jeito nenhum. Não tinha a menor chance de eu descer por livre e espontânea vontade em um buraco escuro pra cacete no chão usando saltos e este vestido. Estávamos claramente sendo atraídos para a morte. Blake era um idiota por não enxergar isso. Estava cego pelo ódio, ainda abalado pelo término. Ele estava… *se virando e descendo direto para dentro do buraco*.

Que inferno.

Ele nem olhou para mim quando sumiu de vista, focado demais em qualquer fantasia de vingança que estivesse se passando por sua cabeça.

O segurança fez um gesto impaciente para que eu o seguisse. Novas vozes surgiram no beco, baixas e animadas. Merda, eu não podia simplesmente ficar parada aqui.

Com um suspiro profundo e um nó sinistro no estômago, fui atrás de Blake, posicionando com cuidado a ponta do meu salto no primeiro degrau da escada. Meus membros tremiam conforme eu descia e meu arrependimento foi instantâneo e absoluto. Porque, embora a abertura do bueiro fosse larga, o túnel era muito mais estreito. Tijolos revestiam as paredes circulares — e, tipo, isso era seguro? Não deveriam ser feitas de algo mais forte, como concreto? Algo

que não se desgastasse tão rápido e que pudesse causar uma curvatura, ou um desmoronamento, ou… meu Deus, eu ia acabar tendo um ataque de pânico.

— Ei, vai se mexer ou não? — gritou alguém lá de cima.

Percebi que estava congelada no lugar, minha respiração ofegante ecoando alto no espaço fechado.

— Vou, desculpa — gritei de volta, me forçando a entrar em movimento de novo.

Uma pequena eternidade depois, meus pés tocaram o chão do túnel. Ele, pelo menos, era de cimento e estava seco, graças a Deus. Esses saltos não aguentariam lama ou esgoto puro (que nojo).

No alto, mais luzinhas de varal estavam presas a um fio que seguia para longe do bueiro, e avistei as costas de Blake desaparecendo em uma curva mais adiante no túnel. Tive dignidade o suficiente para não berrar *Espera!* enquanto corria atrás dele, tentando não pensar no que mais poderia estar correndo por aqui. As paredes eram mais largas que o buraco por onde eu tinha acabado de descer, mas ainda perto demais para o meu conforto, e eu estava muitíssimo consciente de que, se algo acontecesse com as luzes, seríamos engolidos por uma escuridão total.

— Por favor, ouça a voz da razão — implorei quando alcancei Blake. — Theo tem gente que trabalha para ele. Quem vai impedir esses caras de virem atrás da gente se ele acabar na cadeia?

Blake bufou, com uma expressão arrogante no rosto.

— Eles não ousariam.

— Tá legal, filhinho de papai — falei, agarrando o braço dele. O pico repentino de raiva me deu a força necessária para pará-lo com um solavanco. — Primeiro de tudo: *sim, eles ousariam*. Segundo: como você tem a *porra* da audácia de agir com esse descaso todo, colocando a segurança da sua família em risco?

— Nossos pais não vão a lugar nenhum sem um monte de gente em volta; a casa deles tem mais segurança do que a maioria dos bancos e o motorista deles é ex-Legião Estrangeira Francesa.

— E quanto a mim, seu bosta?

— Ah, por favor — disparou ele. — Você acha que eu não sei que você está trabalhando com Theo? Que está transando com ele? Todo mundo no AJ viu vocês três saindo da festa grudados. Por que ele machucaria a pessoa que está ajudando-o a destruir a nossa família?

Meu rosto queimou com uma mistura de raiva e vergonha. Meu Deus, isso devia estar parecendo tão errado do ponto de vista de Blake. Eu devia saber que as pessoas iam fofocar, mas estive tão focada em tentar ser mais esperta que Theo que esse pensamento nem tinha se passado pela minha cabeça.

— Eu não estava ajudando ele a destruir nossa família — falei. — Eu estava consertando a merda que você fez.

— Não! Você estava piorando as coisas! — gritou ele, a voz ecoando pelo túnel.

— Opa, com licença — disse alguém, e meu rosto ardeu ainda mais enquanto eu recuava para deixar um trio de pessoas passar.

Blake me lançou um olhar de nojo e seguiu atrás deles. Eu fiquei tão atordoada e confusa que simplesmente o deixei ir. Esse tipo de comportamento não era típico dele. Eu conhecia Blake. Ele não tinha um pingo de maldade no corpo. Nunca tinha me tratado assim antes, nem quando eu estive na minha pior fase.

É, mas será que aquela foi mesmo a sua pior fase?, uma vozinha perguntou lá no fundo.

O pensamento me deixou profundamente desconfortável. Porque, mais de uma vez nas últimas semanas, eu me perguntei se estava regredindo para quem eu era no passado, jogando fora todo o meu esforço. Será que eu estive tão consumida pelo ódio ao mundo em que cresci que acabei ficando cega para o que estava realmente acontecendo?

Achei que, ao unir forças com Theo e ajudá-lo a derrubar as piores pessoas que eu conhecia, ele pouparia os inocentes; mas e se eu estivesse errada? E se Blake estivesse certo e as minhas desconfianças sobre as segundas intenções de Theo tivessem fundamento? Meu irmão parecia bem convencido disso, e se ele tinha tanta certeza de que vir a essa festa provaria o seu ponto, então talvez eu devesse parar de subestimá-lo.

Voltei a andar, seguindo os outros convidados por um labirinto de túneis em direção a um barulho crescente. Risadas, aplausos, o som frenético de uma banda de jazz.

Dobrei a última esquina e parei subitamente. Porque, *uau*… o salão enorme e aberto à minha frente parecia um cenário de filme. Lustres cintilantes pendiam do teto; uma torre de taças de champanhe se erguia sobre uma mesa com toalha branca. Mulheres com vestidos estilo melindrosa dançavam com homens de terno de três peças. Pessoas se amontoavam ao redor de mesas cheias de comida ou jogos, rindo, bebendo, parecendo estar no melhor momento de suas vidas.

Um movimento à esquerda chamou minha atenção, e vi um conjunto de cortinas brancas pendendo do teto, feitas para parecer estar sobre janelas ou portas que poderiam levar a um terraço.

Theo fez tudo isso?

Não era de se admirar que as pessoas estivessem tão desesperadas para ir às festas dele. Alguém tocou meu ombro.

— Com licença.

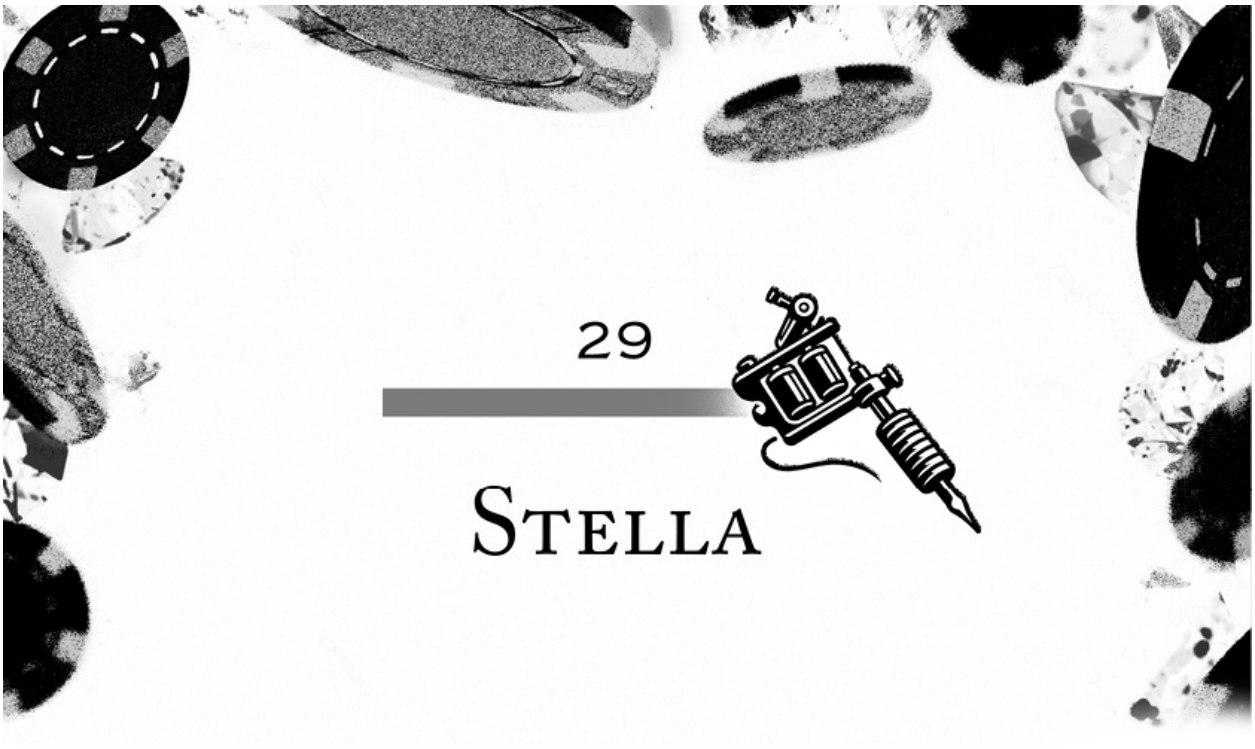
Eu me virei para deixá-lo passar e congelei. O homem era alto e magro, com cabelos loiros quase brancos e uma cicatriz no queixo de uma queda feia que sofreu quando era criança.

— Keith?

Ele sorriu e levantou a máscara.

— Stella? Imaginei que pudesse te ver por aqui.

Meu estômago deu um nó, porque nem em um milhão de anos eu pensei que veria *ele* aqui.



29

STELLA

KEITH SHATTUCK TRAVALHAVA PARA OS MEUS PAIS HÁ QUASE quinze anos, e era por isso que eu o tinha reconhecido, mesmo de máscara. Ele vinha de uma família de classe média, tinha se formado em uma faculdade pública e entrou na empresa em um cargo inicial de contabilidade antes de subir na hierarquia aos poucos. E, beleza, o salário dele era decente, mas ele não tinha o tipo de grana que dava acesso a festas como essa.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei a ele.

— O seu namorado me convidou. — Ele gesticulou para a multidão. — Tem um monte de gente da firma aqui.

Senti um peso no estômago. *Que porra era aquela?*

— Quem mais? — exigi saber.

— Vi a Jessica faz uns minutos.

— A assistente executiva do meu pai?

Keith assentiu.

— E Mike, Brian, Adam, Laura, Charlotte, Wayne, Joe e mais uma galera, mas tenho certeza de que tem mais gente nossa por aí.

Senti como se o chão tivesse sumido sob os meus pés.

— Ainda não cruzei com o Theo — disse ele. — Você agradece ele por nós se vir ele primeiro? Isso aqui é muito empolgante.

— Por favor, me diz que você não gastou dinheiro nenhum — falei, sentindo o sangue fugir do meu rosto.

— Não. Mas eu sempre quis tentar o *blackjack*, então acho que vou começar por lá.

Ele fez menção de se afastar, mas eu o agarrei.

— Keith, me escuta. Você tem que sair daqui. Isso não é o que você está pensando. Theo não é meu namorado de verdade.

Ele se soltou da minha mão, parecendo dividido entre rir e franzir a testa.

— Como assim?

Algumas pessoas notaram minha investida e se viraram para nós, então eu o puxei para um canto.

— Isso aqui não é só uma festinha temática e divertida. É um esquema ilegal de jogos de azar.

Ele soltou uma risadinha, parecendo desconfortável.

— Esquema de jogos? Aí já é forçar a barra, não acha? Eu sei que você sempre teve um senso de humor meio sombrio, mas…

— Keith, eu estou te implorando para ir embora. Tem muito mais coisa acontecendo agora do que eu consigo exp…

— Steve! — gritou ele conforme um novo grupo de convidados chegava. — Ei, você conseguiu vir!

E então ele simplesmente… foi embora.

Fiquei olhando ele se afastar. Sabe de uma coisa, Keith? Ótimo. Que se foda então. Não é como se eu estivesse tentando salvar a sua pele nem nada. Eu me afastei dele, igualmente com raiva e medo, e me enfiei de novo na multidão, sentindo um calafrio subir pela espinha.

Alguma coisa estava rolando ali. Pelo que eu sabia, Theo só ia atrás de um certo tipo de clientela: os ricaços, a elite do crime, alpinistas sociais, gestores de fundos, investidores imobiliários etc. Parte do que tornava as festas dele tão empolgantes era a chance de se misturar com pessoas fora do seu círculo social comum, e as máscaras davam um toque especial a mais porque você não fazia ideia de com quem estava falando — se era o herdeiro de um conglomerado estrangeiro ou um mafioso.

Esses eventos deveriam ser exclusivos. Convidar pessoas comuns, aleatórias, ia contra tudo o que eles prometiam.

Minha mente trabalhava a mil por hora enquanto eu procurava meu irmão discretamente na multidão. Eu não tinha dúvida de que, se Theo pegasse qualquer um de nós dois aqui, ele ficaria furioso.

Desde o início, eu me perguntava por que Theo tinha convidado um universitário menor de idade, aparentemente aleatório, para algo assim se não houvesse um motivo específico. Sim, Blake vinha de família rica e ele poderia ser um alvo só por isso, mas ele não batia com a lista de convidados. Ele não era de gastar horrores. Não era um "socialite" nem conhecido na noite; era um nerd estudante de engenharia que vivia enfiado nos livros.

Minha suposição era que Blake era uma presa. Que Theo o tinha escolhido por ele ser vulnerável, com o plano de usar a chantagem para entrar na alta sociedade e expandir sua lista de clientes para os ultrarricos, tornando essas festas ainda mais exclusivas.

Isso fazia sentido. Explicava por que Theo tinha sido tão rápido em sugerir que eu assumisse a dívida de Blake. E todo aquele esquema de namoro falso para atrair os magnatas tinha saído da boca dele com a mesma rapidez.

Mas agora me perguntava se eu também não tinha sido uma presa, e se os meus pais eram o verdadeiro objetivo final. Porque eu não conseguia imaginar por que tantos funcionários deles estavam na festa — inocentes, sem suspeitar de nada e, pelo jeito despreocupado de Keith, achando que era só uma noite de jogos divertida —, a menos que algo muito maior estivesse sendo tramado.

E se Theo fizesse com eles o que fez com meu irmão? Enchesse a cara deles, os colocasse em mesas com jogadores mais experientes e depois oferecesse todo o dinheiro que precisassem, deixando que se afundassem cada vez mais em dívidas?

Por qual motivo?, pensei, sentindo o desespero bater. Por que ele miraria em pessoas que nunca teriam como pagar de volta?

A menos que… ele não estivesse atrás do dinheiro deles, mas de outra coisa. Informação? Podres da empresa? Arquivos secretos? Para quê, chantagear meus pais esperando uma bolada? Tentar uma compra hostil da empresa? Balancei a cabeça, com os pensamentos girando; mais opções surgiam, cada uma mais sombria que a outra. Sim, Theo *odiava* os ricos, mas isso era direcionado, e me fez imaginar o que diabos meus pais poderiam ter feito para virarem alvo do ódio dele.

Meus pais eram boas pessoas. Eu acreditava nisso de todo o coração. Eram perfeitos? Não. Mas nunca tentaram esconder suas falhas; sempre as usaram como lições para mim e para Blake enquanto crescíamos. Até onde eu sabia, não havia esqueletos no armário deles.

Duas pessoas se afastaram na minha frente, e eu finalmente avistei meu irmão de novo.

Fui direto na direção dele, entrelaçando meu braço no dele e, com a maior casualidade que consegui, eu o puxei para o lado, quase esbarrando em Feddy e Julia, que estavam ocupados demais se pegando para notar a gente — que nojo. Assim que saímos do meio da multidão, parei Blake perto da parede oposta, ao lado de outro vão de porta.

— Que porra tantos funcionários dos nossos pais estão fazendo aqui?

— Ah, então você finalmente percebeu?

— Blake, me responde!

— Eu não sei, tá legal? É a única peça do quebra-cabeça que eu ainda não encaixei.

— Como você sabia que eles estariam aqui?

— Porque, como eu te disse, eu estive prestando atenção. Desde aquela primeira festa. Enquanto você estava sabe-se lá onde, Theo estava ocupado puxando o saco da Tori.

— A chef dos nossos pais?

— Sim. Eu ouvi os dois conversando na cozinha e fiquei escutando atrás da porta; ele usou aquele teatrinho charmoso dele e fez um monte de perguntas sobre os nossos pais. Repetiu isso em todos os eventos depois. Sempre que você virava as costas, ele dava uma escapada para falar com os funcionários ou com alguém próximo dos nossos pais. Você não viu ele na festa da empresa?

Meus pensamentos voltaram para aquela noite, memórias dominadas pelas brigas com Maddie e Theo, e depois o que aconteceu em seguida. Tentei me concentrar, e uma imagem fragmentada de Theo dando risada com um grupo de pessoas depois do jantar finalmente se materializou.

E agora, todas aquelas pessoas estavam aqui.

Traição e raiva correram pelas minhas veias. Theo esteve me manipulando todo esse tempo, e eu fui uma idiota por não perceber.

Por estar tão consumida pelo meu próprio dilema, pela doença e pelas preocupações, que acabei distraída demais para enxergar o que estava bem na minha cara.

Blake pegou meu cotovelo e me arrastou para além do vão da porta, descendo por outro túnel estreito até um beco sem saída.

— Eu falei com Jessica no museu, e ela me disse que Theo mencionou algo sobre ele dar as próprias festas. Eu sabia que isso significava que ele mandaria um convite para ela, então fui direto para a delegacia depois e contei tudo o que sabia. Eu não ia ficar sentado esperando ele ter a chance de executar seja lá que esquema doentio é esse.

Apoiei o ombro na parede, me sentindo tonta. Meu Deus. Isso era ruim. Isso era muito, muito ruim.

— Blake, ele vai te matar.

— Não vai ter chance. A polícia está a caminho agora mesmo.

Um calafrio de puro pavor desceu pela minha espinha.

— Por que você me trouxe aqui?

— Porque achei que você ficaria feliz! — gritou ele, a voz ecoando na pedra. — Achei que você gostaria ver a cara de Theo quando fosse preso, mas eu não tinha percebido que você tinha se apaixonado pelo cara que *está ativamente te chantageando*.

Eu estremeci, sem me dar ao trabalho de me defender, porque a acusação era justa. Eu tinha, sim, desenvolvido sentimentos por Theo. Porque achei que estávamos trabalhando juntos por um objetivo justo. Mas agora eu sabia que nunca fui nada para ele além de mais uma peça em seu tabuleiro.

— A polícia provavelmente vai invadir essa festa com a SWAT — falei a Blake, porque aquela não era minha primeira vez em eventos ilegais. — Todo mundo lá dentro vai ser preso. Incluindo todos os funcionários dos nossos pais.

— É, mas vão ser soltos assim que a polícia perceber que são inocentes.

Tão inteligente e, ao mesmo tempo, absurdamente ingênuo.

— Os tiras não são os mocinhos, Blake, e quanto antes você perceber isso, melhor. Precisamos dar um jeito de tirar todo mundo daqui de fininho.

Uma silhueta escura surgiu na entrada da passagem onde estávamos. Blake e eu nos viramos de uma só vez.

Theo.

Merda.

Ele apontou para o meu irmão.

— Levem ele.

Dois caras enormes apareceram, indo direto para cima de Blake.

Ah, mas nem fodendo. Eu tinha spray de pimenta na minha bolsa porque nunca saía de casa sem um frasco, então tateei a bolsa rapidinho, puxei o spray e o ergui na altura dos olhos.

Theo suspirou.

— Não machuquem minha namorada. Ela é a idiota com o spray de pimenta, caso não tenham percebido.

Apertei o gatilho sem aviso, porque que se danem os três. Acertei o Capanga 1 bem no globo ocular e virei o jato para o Capanga 2 enquanto ele avançava,

borrifando direto na boca dele. Os dois caíram berrando, e uma nuvem de fumaça ardente encheu o ar. Theo jogou o braço sobre o rosto e recuou.

— Prende a respiração! — gritei entre tosses, agarrando Blake e empurrando-o na minha frente. Ele dobrou à esquerda na saída da passagem, e eu tentei segui-lo, mas Theo me agarrou antes que eu pudesse escapar. Virei o spray para ele, e ele acertou meu pulso com tanta força que minha mão inteira ficou dormente; o frasco caiu no chão.

Blake congelou.

— Corre ou eu nunca vou te perdoar, porra! — gritei, me debatendo nos braços de Theo. Eu não sabia o que ele faria comigo, mas tinha certeza de que não seria nem de longe tão ruim quanto o que faria com Blake se o pegasse.

Um dos seguranças saiu em disparada de dentro do recuo, limpando o rosto vermelho, parecendo um touro enfurecido em busca de um alvo. O segundo homem vinha logo atrás, tossindo e cuspindo enquanto tentava limpar a boca.

— Corre! — berrei.

Blake finalmente fugiu, com os seguranças tropeçando atrás dele. Eles não tinham a menor chance. O Blake tinha competido na primeira divisão de atletismo no internato. Eu só rezava para que ele conseguisse passar por quem quer que estivesse guardando a outra ponta do túnel.

Theo me empurrou para longe e eu girei, com as mãos erguidas, pronta para me defender. Eu nunca o tinha visto tão furioso. O homem que tinha me carregado por três quarteirões sob a chuva tinha sumido. Assim como o homem que tinha massageado meu pescoço e espalhado beijos pela minha coluna. Aquele era o Theo com quem eu tinha lidado no restaurante. O que tinha ameaçado reduzir toda a minha vida a cinzas.

Ele deu um passo à frente.

— Se a porra do seu irmão estragar a noite para mim…

Eu recuei, minhas costas tocando a parede. O pânico atingiu minha corrente sanguínea e eu olhei para além dele, pensando em tentar escapar, mas ele era grande demais. Não havia espaço. Eu estava encurralada, sem saída e sem chance de avisar discretamente todas as pessoas inocentes que ele tinha atraído para cá.

O que me deixou com apenas uma opção.

— Polícia! — berrei, com a voz alta o suficiente para ecoar pela pedra. — Corram! A polícia está che…

Theo avançou, prensando a palma da mão contra a minha boca para me calar. Minha cabeça bateu na parede, me deixando tonta por um segundo e, quando o

mundo parou de girar, percebi que mais pessoas estavam gritando e havia apitos cortando o ar. Ah, merda, os tiras realmente *tinham* chegado.

De repente, uma parede de gente começou a debandar pelo túnel vizinho, todo mundo tentando fugir ao mesmo tempo.

— Porra! — rugiu Theo, me arrastando para o meio do caos à frente dele, com um braço em volta do meu peito e o outro impedindo que as pessoas se chocassem contra mim.

Éramos como ratos em um cano estreito, sem ter para onde ir, todo mundo gritando, se debatendo e esbarrando uns nos outros. Ouvi um baque e senti Theo dar um solavanco para frente, como se alguém tivesse se chocado contra as costas dele. Uma mulher gritou mais à frente e eu a vi caindo. Tentei agarrá-la quando chegamos perto, mas Theo foi mais rápido, puxando-a pelas costas do vestido e empurrando-a na nossa frente para fazê-la andar de novo.

De repente, ele dobrou à direita, entrando em um túnel ainda mais estreito e totalmente vazio.

— Socorro! — gritei, certa de que ele estava prestes a me assassinar.

Ele me sacudiu como se eu fosse uma boneca de pano, com tanta força que meus dentes estalaram.

— Cala a boca. Tem outra saída por aqui.

Naquele momento, eu não dava a mínima se fosse presa, desde que isso significasse que ele seria algemado junto comigo. Abri a boca para gritar de novo, mas Theo puxou uma arma de dentro da jaqueta e a apontou direto para mim.

— Vira e anda — ordenou ele.

Fiz o que ele mandou, meu corpo inteiro começando a tremer com uma mistura de raiva e medo. Ele estava com a porra de uma *arma* apontada para mim. Um minuto depois, fizemos uma leve curva e o túnel escureceu drasticamente. Eu mal conseguia enxergar alguns centímetros à frente.

— Coloque a mão direita na parede — disse ele. — Tem uma grade logo adiante. Encontre.

Estiquei a mão e minha palma encostou em algo viscoso. Ai, meu Deus, que nojo. Lutei contra a ânsia de vômito e continuei andando, me perguntando o que estava acontecendo atrás de nós. As pessoas estavam realmente gritando agora, e as paredes fechadas do túnel faziam o som dos passos em disparada ecoar de um jeito que me fazia sentir que estávamos prestes a ser pisoteados. Apitos cortavam o ar, junto com ordens gritadas de “Pare!”, “Volte aqui!” e “Mãos para o alto!”

Era o caos absoluto. E isso quebrou meu coração, porque eu sabia que havia pessoas inocentes presas naquilo tudo. Culpa minha. Tudo culpa minha por ter ajudado Theo.

Meus dedos engancharam em algo e eu parei. A grade? Theo bateu direto nas minhas costas e eu tropecei para frente, caindo de mãos e joelhos sobre o chão irregular. Soltei um chiado, sabendo pela sensação de ardência que eu tinha me arranhado feio.

— Levanta. É aqui — disse Theo.

O guincho de metal rangendo rasgou o ar. Lágrimas arderam em meus olhos enquanto eu me levantava. Merda, estava doendo.

Theo me empurrou para dentro da nova passagem. Tropecei de novo em um degrau e caí de lado desta vez, recebendo o impacto no quadril e no ombro; o chão estava úmido e imundo debaixo de mim.

Que nojo, que nojo, que nojo, mas também *ai, ai, ai*.

— O que você está fazendo? — perguntou ele, me içando pela cintura. — Precisamos correr.

— Então para de me empurrar!

Outro guincho de metal ecoou enquanto ele fechava a grade, e então uma luz brilhou vinda da direção dele, iluminando o que estava ao nosso redor. Recuei diante da visão que me atingiu. Parecia algo saído de um filme de terror: paredes escuras e úmidas, com uma marca d'água de uns 60cm de altura, resto de alguma inundação passada; lixo espalhado pelo chão; canos correndo pelo teto, pingando sabe-se lá o quê na gente; e o brilho alaranjado de olhinhos perto do chão que me avisavam que não estávamos sozinhos naquele túnel.

Sem dizer uma palavra, Theo me empurrou para frente, e eu não tive escolha a não ser seguir adiante direto em direção ao assassino em série que obviamente estava esperando para nos esquartejar. Na minha mente, arquitetei um plano de empurrar Theo primeiro para cima dele, direto na faca estendida, para que eu pudesse escapar e encontrar meu irmão.

— Por que *eles* estavam lá? — perguntei.

— Os tiras? — perguntou ele, se fazendo de desentendido de propósito. — Pergunte ao seu irmão. Aliás, sabe de uma coisa? Deixa que *eu* pergunto pra ele.

— Os funcionários dos meus pais. Por que diabos eles foram convidados?

Ele não me respondeu, e a vontade de arrancar os olhos dele com as unhas era quase forte demais para resistir. A única coisa que me impedia era a arma.

— *Theo* — insisti.

— Dá pra calar a boca e deixar eu me concentrar? Só passei por aqui uma vez e não quero me perder e acabar tendo que comer o seu cadáver para sobreviver.

— Por que a sua mente foi direto para me canibalizar?

— Porque eu estou com raiva o suficiente para isso!

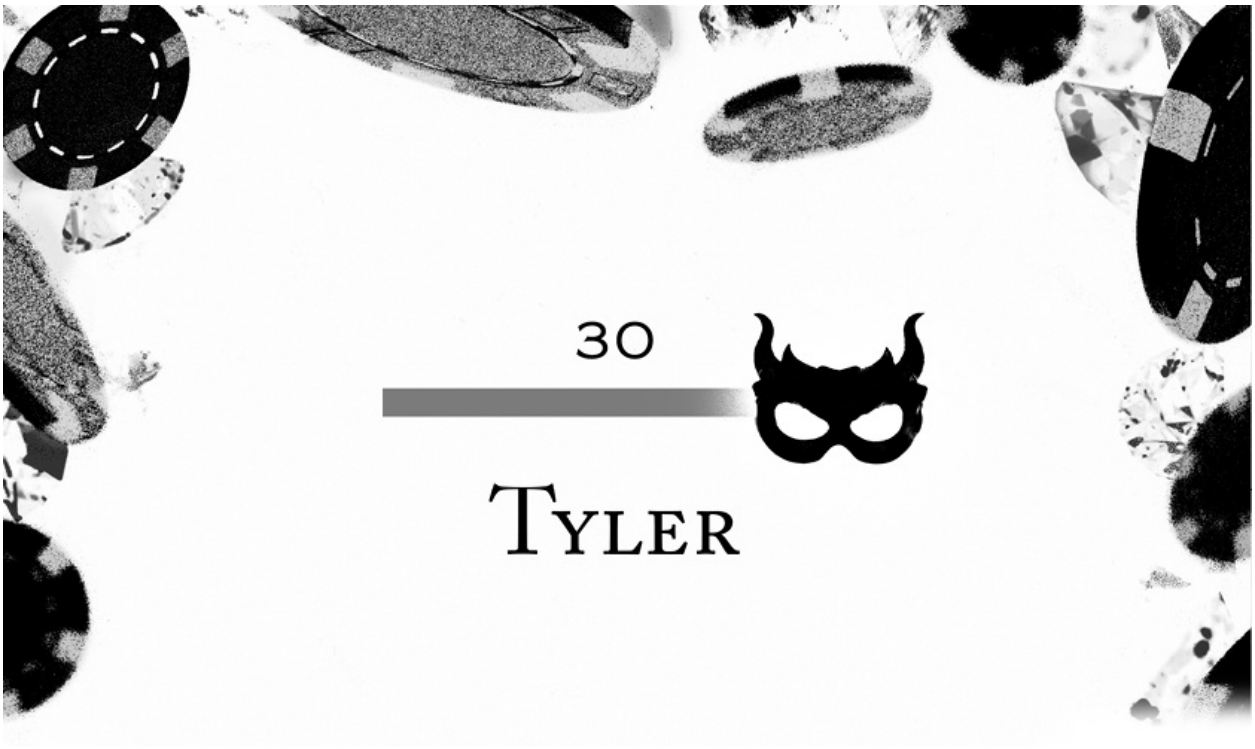
— Você está com raiva? *Você está com raiva, Theo*? — Eu me virei para ele num ímpeto. — Você mentiu para mim, porra!

— Qual das vezes? — O sorriso no rosto dele me mandou direto para o espaço. Eu nunca estive com tanta raiva na minha vida.

— Fico feliz que você não esteja negando — disparei. — Se tivesse tentado me fazer de louca além de tudo o mais, eu…

— Você o quê, Stella? — exigiu ele. — O que diabos você poderia fazer comigo? Theo Strickland nem é o meu *nome* de verdade.

Cambaleei para trás, horrorizada, percebendo que nada entre nós tinha sido real, e que agora eu estava presa em um túnel subterrâneo com alguém que tinha mais motivos para me querer morta do que viva.



30

Tyler

Stella recuou como se eu tivesse lhe dado um tapa. Não senti quase nada diante do olhar de traição no rosto dela, porque a minha raiva era absoluta. Eu tinha *acabado* de decidir poupar ela e a família dela do desastre envolvendo Richard, e ela e o irmão aparecem e arruínam tudo, provando que nenhuma boa ação fica sem punição. Era algo que eu nunca deveria ter esquecido.

— Quem *diabos* é você? — perguntou ela.

— Acredite em mim, você não está pronta para descobrir. Sua linda cabecinha iria explodir. Agora anda — falei, fazendo sinal com a arma para ela seguir.

Graças a Deus ela estava descarregada, porque eu poderia ter caído na tentação de usá-la. Eu estava fora de mim, desesperado. Tudo estava acabado. Tudo pelo que eu tinha trabalhado tanto tinha ido por água abaixo porque um filhinho de papai mimado deu sorte. Eu deveria ter sido mais cruel; deveria ter tirado um tempo para encurralar Blake em cada oportunidade e aterrorizar aquele merdinha estúpido. Eu tinha pensado nisso, mas me segurei porque temia que Stella ficasse com raiva o suficiente para voltar a trabalhar contra mim. Erro meu. Eu deveria saber que pagaria o preço por abrir uma exceção à minha regra.

Por mais irritado que eu estivesse com os filhos dos McCormick, eu estava ainda mais comigo mesmo.

Atrás de nós, os ecos de pânico começaram a diminuir. O esquadrão da SWAT provavelmente estava terminando de cercar todo mundo no salão principal e

logo começaria a revistar os túneis laterais. O que significava que precisávamos nos mover mais rápido. Ainda bem que pedi aos exploradores urbanos para encontrarem mais saídas. Eles descobriram duas. Uma que se ramificava da outra entrada e esta aqui, que serpenteava por quase um quilômetro sob a cidade antes de voltar à superfície. Eu tinha anotado as direções no meu celular, e a próxima dizia: *vire à direita sob a polia laranja*. Meus olhos percorreram os canos no teto, procurando por ela.

Jesus Cristo, essa noite passou perto. Ter subornado os policiais funcionou a meu favor, porque um deles me ligou para avisar que o cerco estava chegando. Eu já estava indo em direção a este túnel para escapar quando avistei os irmãos McCormick e decidi ouvir a briga deles.

— O que aconteceu com aquela história de não ir atrás de pessoas inocentes? — perguntou Stella lá na frente, a voz baixa, mas furiosa.

Minha risada em resposta foi amarga.

— Por mais que você jure que agora faz parte da classe baixa, você fez um trabalho de merda tentando se integrar. Tira a porra da cabeça de dentro da bunda, Stella. Todo mundo é capaz de fazer merdas horríveis e cruéis, e sair impune, porque a humanidade, em essência, é egoísta e só pensa em si mesma. Estamos no topo da cadeia alimentar porque somos os mais espertos *e* os mais viscerais. A única diferença entre os crimes cometidos pelos pobres e os cometidos pelos ricos é que os últimos têm mais dinheiro e recursos para escondê-los.

— E você espera que eu acredite que o Keith da Contabilidade é um assassino em série disfarçado?

— Não. Mas ele é culpado de maus-tratos a idosos. Você sabia que os irmãos dele estão planejando processá-lo por alterar ilegalmente o testamento da mãe com ela morrendo de Alzheimer, tornando-o o único beneficiário e deixando os outros de fora?

— Mas eu achava que ele não tinha muito dinheiro — disse Stella.

Eu quase joguei a arma na nuca dela.

— Não importa que não seja um milhão de dólares, porra. Trinta mil já são mais que o suficiente para fazer um filho da puta ganancioso como Keith cometer um crime. E já que estamos falando nisso, você sabia que a assistente executiva do seu pai está tendo um caso com o Adam do Financeiro há seis meses? Ah, e adivinha só? Ela acabou de fazer um segundo seguro de vida secreto para o marido. Puxa, não seria horrível se ele morresse em algum acidente bizarro ou fosse morto em uma invasão domiciliar que desse errado?

— Então o quê? Todo mundo que trabalha para os meus pais é ruim?

Eu quase urrei.

— Não! Porra, não está me ouvindo? Nada é preto no branco. Tenho certeza de que eles têm muita gente normal na folha de pagamento, mas esses não são os que me interessam.

— Então era isso que você queria. Os segredos sujos deles. Por quê? Para chantageá-los e conseguir o quê? — A voz dela subiu, alta e ríspida. — O que os meus pais *fizeram* para você mirar neles desse jeito?

Não respondi. Porque estava com raiva demais para confiar em mim mesmo agora, com raiva demais para não despejar tudo em cima dela como um supervilão de desenho animado. Eu sempre achei que aqueles monólogos eram preguiça dos roteiristas, mas agora sentia que entendia as motivações dos personagens um pouco melhor. Eles só queriam que alguém, qualquer um, até mesmo seu pior inimigo, soubesse o quanto estavam prestes a perder. Quanto esforço e planejamento estavam virando fumaça, e o quão injusto era o fato de um detetive amador sortudo ser o responsável por derrubá-los.

Uma polia laranja surgiu à frente.

— Vire à direita — falei a Stella.

Ela obedeceu e imediatamente caiu de novo. Fiz menção de me abaixar para ajudá-la a se levantar, alguma parte estúpida e melosa de mim incapaz de suportar a visão dela estirada na lama, mas contive o impulso a tempo.

Não. Já chega. Eu já tinha atingido minha cota de fingir ser um cavalheiro. Inferno, eu tinha até tentado ser uma pessoa melhor por causa dela, e agora provavelmente havia um mandado de prisão por aí com o meu nome falso espalhado por todo lado.

Eu tinha aprendido minha lição sobre ir contra o que eu sabia ser verdade. Era hora de voltar a ser quem eu realmente era.

Stella se levantou devagar e, pelo fungado que ela tentou esconder, percebi que estava chorando.

Endureci o coração contra as lágrimas dela.

— Tem uma escada no fim deste túnel. Vamos descer mais um nível por ela.

— Onde os ratos maiores provavelmente vivem — resmungou ela.

— Quem sabe você dá sorte e eles te comem.

— Antes ou depois de você me matar?

Não respondi nada. Que ela ficasse com medo. Era o mínimo que ela merecia. Continuamos em silêncio por vários minutos e, conforme minha raiva esfriava de uma fervura para um fogo brando, tentei me convencer de que nem tudo

estava perdido. Embora o plano pudesse estar arruinado, ainda havia opções. Eu sabia que havia a possibilidade de alguém falar com a pessoa errada ou encontrar um policial certinho que não pudesse ser comprado. Ou de um dos meus concorrentes se infiltrar nos meus jogos. Por isso, eu tinha dedicado um tempo considerável desenvolvendo alternativas. O Plano A consistia em agir pelas beiradas, para evitar que as pessoas adivinhassem minhas intenções, convencendo-as de que haviam simplesmente caído em dívida comigo de forma orgânica — e, nossa, como eu era legal por não quebrar as patelas delas imediatamente, mas sim permitir que pagassem em parcelas ou com informações.

O Plano B cortava a encenação. Sem maquinações, sem enganação. Eu mandava meus capangas atrás de todos de quem eu tinha podres e dizia para me darem o que eu queria, ou eu transformaria a vida deles num inferno. Similar ao que eu tinha feito com Stella, mas me removendo da equação. As pessoas que eu visava não saberiam exatamente quem estava do outro lado da chantagem, apenas que eu existia e era capaz de cumprir minhas ameaças.

O Plano C… bem, digamos que era mais sujo. Envolvia eu mesmo sujar as mãos. E era o último recurso por um motivo.

— Você é ele, não é? — perguntou Stella.

— Ele quem? — respondi.

— O filho de Richard Lawson. Esse tempo todo eu achei que você estava mirando nos meus pais porque foi atrás de Blake e depois de mim, mas é nele que você quer chegar de verdade, não é?

Fiquei encarando as costas dela sob a luz forte do meu celular. Como *diabos* ela tinha juntado as peças?

— O que te faz pensar isso?

— O que você passou com a sua mãe. O quanto você odeia gente rica. O fato de a sua mãe ter sido o “casinho jovem e gostoso” de um homem rico e mais velho. Você dizendo que a minha cabeça explodiria se eu soubesse quem você é. Além disso, vocês dois são parecidos. Notei da primeira vez que os vi juntos, mas achei que era só coincidência. E você tem a mesma idade que o filho dele deveria ter.

Que inferno. Culpa minha de novo por falar demais. Por dar pistas para ela.

Balancei a cabeça.

— Você vive me dizendo que ele é um cara legal, e no entanto está aqui, soltando informações sobre uma criança abandonada. Que homem íntegro, hein?

Os passos dela ficaram mais lentos.

— Richard simplesmente não abandonaria você.

— Abandonaria *uma* criança — corrigi, sem querer confirmar as suspeitas dela. — E mudei de ideia. Você é mesmo tão burra quanto parece.

— E você é tão cruel quanto parece! — Ela parou, virando-se para mim. — Richard é um bom homem. Um dos melhores que eu conheço.

— A maioria das pessoas que você conhece é a escória irrecuperável.

— Ele não. Ele ficaria emocionado em descobrir que o filho está na mesma cidade que ele. — Ela fez uma careta. — Bom, talvez não emocionado por esse filho ser *você*, porque, sabe como é, você é *horrível*. Mas saber que você está vivo e com saúde? Ele ficaria nas nuvens.

— Por que diabos você acharia isso, Stella?

— Porque eu me lembro de você.

Dei um passo cambaleante para trás.

— O quê?

Ela balançou a cabeça.

— De ouvir falar de você. Durante o divórcio de Richard. Lembro dos meus pais comentando algo sobre como ele tinha conhecido uma mulher mais nova, que estava indo bem e que estava feliz.

— Mentira.

— Não, eu *lembro*! — insistiu ela. — E depois lembro dele ficando triste por meses, e eu perguntando o que tinha acontecido, e ninguém me dizia nada. Ouvi meus pais sussurrando uma noite sobre um bebê e sobre como Richard estava desesperado para encontrá-lo.

Eu ri. Não consegui evitar.

— Agora você está simplesmente inventando.

— Eu não estou mentindo! — gritou ela, o rosto ficando vermelho. — Por que eu mentiria?

— Porque é só isso que pessoas como você fazem!

— Pessoas como *eu*? — gritou ela. — Você mente sobre tudo, porra!

— Eu não estou mentindo agora! — gritei de volta. — O Richard é um merda.

— Baseado em quê? Nas suas noções preconcebidas sobre ele? Na sua crença falsa de que ele abandonou você e sua mãe? Eu conheço aquele homem desde que nasci. Ele é meu padrinho. Ele esteve presente em cada marco importante da minha vida, e foi uma das únicas pessoas que não me abandonou depois do que aconteceu com Maddie. E porque passei tanto tempo perto dele, sei que não estou errada. Eu sou uma boa juíza de caráter. Quer uma prova? Eu soube imediatamente que você era um babaca.

— E, mesmo assim, você me beijou.

— Pretendo falar longamente sobre isso com a minha terapeuta, para desvendar o ódio profundo por mim mesma que deve ter levado a essa decisão — disse ela. — O ponto é: eu *conheço* o Richard. E ele não é capaz de esconder um segredo grande, sombrio e feio. Ele é honesto e genuíno.

Balancei a cabeça.

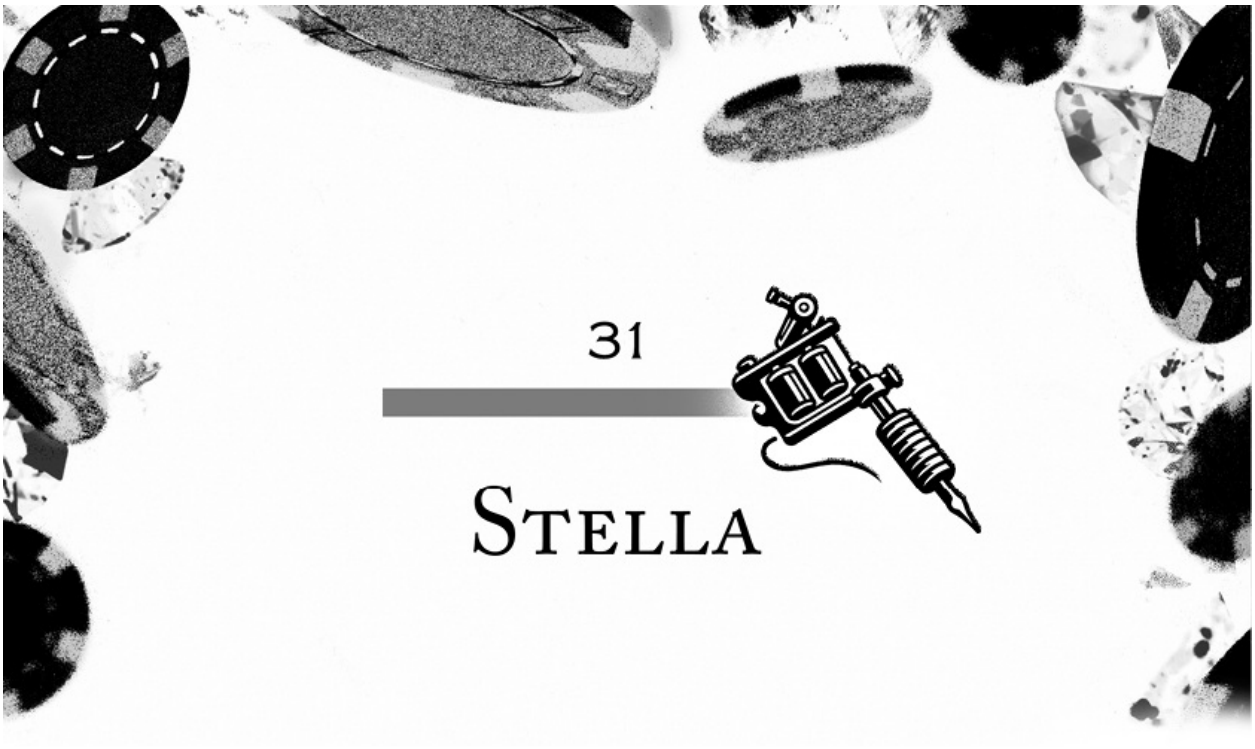
— Por que eu confiaria na palavra de alguém que era a melhor amiga de Maddie Clyde? Você sabe que ela matou uma garota, não sabe? No Caribe? Acertou a cabeça dela com um remo e a derrubou na água, onde ela se afogou.

O sangue sumiu do rosto de Stella.

— Então, não, eu posso não conhecer o Richard tão bem quanto você, mas confio no meu julgamento sobre o caráter dele muito mais do que confio no seu. E eu posso provar que estou certo.

— Como?

— Levando você até alguém que estava lá quando tudo aconteceu. — Ergui a arma novamente, apontando para além dela. — Continue andando.



31

STELLA

O MOVIMENTO DO CARRO ME ACORDOU. Eu devia ter caído no sono de algum jeito, minha exaustão finalmente vencendo o medo. Não devo ter dormido muito, porque ainda estava escuro lá fora.

Meus olhos foram imediatamente para o relógio no painel. Eram 5h30 da manhã. Eu tinha apagado por menos de uma hora e, pelo visto, ainda estávamos na rodovia. Tínhamos a estrada praticamente só para nós; a cidade estava tão para trás que já tínhamos passado por outras duas no nosso trajeto rumo ao norte, embora fossem menores.

O sol estava começando a nascer, tingindo o horizonte distante de um rosa escuro. Talvez eu conseguisse sinalizar para algum motorista que passasse. Sim, era arriscado, mas não conseguia pensar em uma alternativa melhor. Estávamos indo rápido demais para eu tentar pular pela porta do passageiro. E não era como se eu tivesse um telefone para pedir socorro — o meu provavelmente tinha sido perdido ou roubado àquela altura. Ninguém sequer sabia onde eu estava, então se Theo — ou seja lá qual fosse a porra do nome dele — acabasse me matando e desovando meu corpo, poderia levar semanas até ser encontrado, se é que seria.

Eu não sabia para onde estávamos indo, quanto tempo mais seguiríamos ou o que aconteceria quando chegássemos ao destino. O que era pior: eu não fazia ideia se Blake tinha conseguido sair vivo, porque o homem ao meu lado se recusava a responder minhas perguntas.

Ele tinha me *sequestrado*, porra. Eu deveria estar apavorada, mas, acima de qualquer coisa, eu estava *furiosa*.

Suspirei e fingi me acomodar no banco, virando o rosto para longe de "Theo", com os olhos semicerrados apenas o suficiente para enxergar. O porta-luvas não tinha tranca, e o documento do carro poderia estar lá dentro. Com o nome real dele. Eu teria uma única chance, então precisava fazer dar certo; tinha que engolir o medo do que poderia acontecer e fazer o que fosse necessário.

Respirei fundo pelo nariz, me preparando, e depois mais uma vez.

— Cuidado! — gritei, me sentando de uma vez e apontando para a esquerda.

Ele pisou no freio com tudo e girou o volante para a direita para evitar o obstáculo inexistente. Meu instinto foi congelar, me encolher e me preparar para o grito que viria em seguida, mas eu me forcei a reagir e me lancei para a frente no banco. O carro ziguezagueou e meus dedos erraram o fecho do porta-luvas, mas consegui na segunda tentativa, escancarando-o e agarrando tudo o que pude.

Ele reagiu mais rápido do que eu esperava, endireitando o carro e arrancando os papéis da minha mão. Mas era tarde demais. Eu já tinha visto. Eu sabia quem ele era.

— Tyler Neumann — falei, com a voz tremendo de adrenalina.

Ele soltou um resmungo irritado e jogou os papéis de volta no porta-luvas, tendo que invadir o meu espaço para bater a tampa com força.

Eu o analisei com novos olhos. O nome Tyler caía bem nele, considerando que era um dos nomes mais babacas que existem. A única coisa pior seria um nome começado com J.

Ele voltou a se recostar e não disse nada, mas eu percebia pelo jeito que o maxilar dele saltava que estava furioso. Ótimo, eu finalmente tinha marcado um ponto contra ele. E, já que ele não tinha me batido nem me ameaçado com a arma de novo, talvez não fosse tão homicida quanto eu temia lá nos túneis, quando a raiva dele era quase palpável.

Eu o analisei, me perguntando onde estaria a arma. Ainda estávamos com as roupas da festa, e ele estava coberto pela nojeira da nossa caminhada pelo subterrâneo da cidade; a camisa branca do smoking manchada e rasgada, e uma das pernas da calça tinha um rasgo de quando se enroscou em um cano. Ele tinha usado um lenço umedecido nas mãos antes de tocar no volante, mas será que ele me deu um para as minhas feridas que em breve estariam infectadas? Não. Provando o quanto não se importava comigo e nunca se importou.

Meu Deus, eu tinha sido tão estúpida. Nunca confiei totalmente nele, mas permiti que se aproximasse o suficiente para ajudá-lo. *Para transar com ele*.

Algo pelo qual eu jamais me perdoaria. Runa começaria a me cobrar por hora depois que eu descarregasse tudo nela.

Isso se eu tivesse a chance de vê-la de novo.

Merda, Runa. Se eu morresse, quem pagaria as despesas médicas dela?

Pensei no evento beneficente da tia Cordy e no jeito como meu pai implorou para cobrir parte dos custos da cirurgia de reinervação de Runa. Será que era só porque ele queria ajudar a filha em dificuldades? Ou pela pura bondade do seu coração? Será que ele daria um passo à frente e faria a coisa certa mesmo sem eu estar presente?

Eu queria acreditar que sim, mas depois de todas essas revelações horrorosas sobre Theo — não, *Tyler* — eu estava questionando meu próprio julgamento. Eu sabia que Maddie era cruel, mas assassinato? E Keith cometendo maus-tratos contra idosos? Eu nunca teria previsto isso. Jessica, no entanto… quer dizer, ela sempre me deu nos nervos, mas eu supunha que fosse por causa da personalidade controladora dela misturada ao fato de ser uma puxa-saco insuportável.

Pelo menos Tyler me permitiu fazer uma ligação rápida para Derrick (no viva-voz, porque ele não confiava que eu não falaria em código ou algo assim) para garantir que Amos fosse cuidado. Então, ele não era um assassino de animais, pelo menos isso; mas de resto, nada era garantido. E claro, ele *tinha* dito que estava me levando até alguém que poderia provar que Richard era uma pessoa horrível, mas será que eu confiava nele?

Nunca mais.

Meu estômago roncou. Alto o suficiente para ser ouvido acima do ruído da estrada. Eu já tinha comido as bolachas de emergência que estavam na minha bolsa, mas elas estavam acabando e a acidez começava a subir. Justo quando eu estava começando a melhorar um pouco, minha vida foi para o lixo de novo, e meu estômago foi junto.

— Tem lanches ali atrás — disse Tyler.

— Eu não posso comê-los.

— Os da direita são bons para gastrite.

Fiquei encarando o perfil dele. Ele tinha comida que eu podia comer. *Por quê*?

— Planejando o meu sequestro há muito tempo?

Ele soltou um som de desdém.

— Agora quem é que tem o ego inflado?

— Então explica os fatos, homem anteriormente conhecido como Theo.

Ele me lançou um olhar irritado e manteve a boca fechada, exatamente como tinha feito durante toda a viagem de quatro horas. Eu nunca quis tanto chutar a cara de alguém, mas o espaço apertado significava que não havia lugar suficiente para o impulso.

Cuidadosamente, eu me virei no banco, cautelosa com qualquer movimento repentino da parte dele, porque nada garantia que aquilo não fosse algum tipo de armadilha, e olhei para trás. A princípio, não vi do que ele estava falando, porque a bolsa de academia dele estava por cima e ainda estava quase tudo escuro, mas a luz de um poste passando revelou uma fileira de caixas por trás da bolsa.

Eu a arrastei para o lado e fiquei olhando. Purê de maçã natural, sem açúcar. Bolachas de arroz. Amêndoas cruas. Pacotinhos individuais de banana-passa. Batatas chips sem tempero fritas em azeite de oliva leve.

— Há quanto tempo isso está aqui? — perguntei.

Silêncio.

— Tyler! —explodi, chegando ao limite da minha paciência.

Ele deve ter sentido o instinto assassino na minha voz, porque resolveu me responder.

— Desde o jantar da Cordy.

Isso foi semanas e semanas atrás. E eu não tinha percebido porque ele os tinha escondido convenientemente atrás da bolsa de academia.

— Por que você comprou isso? — perguntei com a voz suave.

Ele suspirou, e as palavras seguintes foram ditas em tom baixo, como se não quisesse admitir.

— Li que você precisa comer em intervalos regulares, e vi como sua dieta é restrita, então comprei para o caso de ficarmos presos no trânsito ou algo assim, e você não ter nada na bolsa.

Eu finalmente me virei de volta no banco.

Ele olhou de soslaio enquanto passávamos sob outra luz, com os olhos frios.

— Não tire conclusões precipitadas. Isso é mais sobre mim do que sobre você.

— Não é sempre assim? — alfinetei, mas independentemente do motivo pelo qual ele comprou, eu estava grata, porque precisava colocar algo no estômago.

Virei-me de novo e peguei um purê de maçã e as bolachas. O som de plástico sendo mexido encheu o carro enquanto eu os abria. Não eram as minhas marcas de costume — estas eram orgânicas — mas a lista de ingredientes parecia boa.

— Qual era o seu plano? — perguntei, jogando uma bolacha na boca.

O antebraço de Tyler tensionou enquanto ele apertava o volante, o único sinal de que tinha me ouvido.

— Com os funcionários — insisti, sem disposição para deixar a conversa morrer, não importa o quanto ele tentasse me ignorar. — Você ia chantageá-los, não ia? Forçá-los a te dar informações?

Silêncio.

Joguei uma bolacha na cara dele.

Ele se esquivou para o lado como se eu tivesse lhe dado um soco e me lançou um olhar de aviso.

— Não faça isso de novo.

— Então responda a pergunta!

— Pra quê? Pra o seu irmão ter mais o que entregar pra polícia?

— Isso significa que ele ainda está vivo e livre para fazer isso?

A expressão dele se tornou cautelosa.

Meus dedos se curvaram conforme a vontade de estrangulá-lo se tornava insuportável.

— Só fala de uma vez, porra.

Mais silêncio.

— Encosta o carro — falei.

— Por quê? Está enjoada?

— Não. Eu quero te dar um tapa, mas reconheço que não é seguro fazer isso enquanto você dirige.

Ele me surpreendeu ao realmente diminuir a velocidade. E então parar no acostamento.

Ele ligou o pisca-alerta e se virou para mim.

— Bate.

Fiquei encarando-o, odiando o fato de que o sol nascente tinha deixado sua pele dourada, fazendo-o parecer angelical quando eu sabia que ele tinha sido enviado direto do inferno para me torturar. Minha mão tremia com a vontade de realmente levar aquilo adiante. De puxar o braço e não apenas lhe dar um tapa, mas socar a cara dele, repetidamente. Aquele homem tinha me olhado nos olhos enquanto mentia para mim mais vezes do que eu conseguia contar. Tinha flertado comigo, dançado comigo, me forçado a exibi-lo pela casa dos meus pais, tudo isso enquanto planejava reduzir a cinzas a vida pela qual eles tanto trabalharam. Eu não conseguia nem me permitir pensar em todas as outras coisas que tínhamos feito juntos, ou acabaria passando mal de verdade.

— Bate, Stella — repetiu ele, parecendo falar sério, como se *quisesse aquilo*.

Balancei a cabeça.

— Não. Cansei de te dar o que você quer. Volta para a estrada.

Ele checou os espelhos e retornou para a pista. Ficamos em silêncio por um tempo, ele focado em dirigir, eu ocupada com meus lanches.

— Preciso que me conte o que aconteceu para você ficar assim — falei. — Cada passo do caminho que te fez odiar tanto o seu pai a ponto de estar disposto a foder com tantas outras pessoas para chegar até ele. E não estou falando apenas da minha família. Estou falando de todas as outras pessoas que te devem dinheiro. De todo mundo que você planejou usar.

— Eu não sou o…

— Para de *mentir*! — gritei. — Pela primeira vez na porra da sua vida, fala a verdade.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que achei que não falaria, mas então passou a mão pelo rosto, parecendo exausto, e soltou o suspiro mais longo que já ouvi.

— Maryanne Margaret Neumann — disse ele. — Esse era o nome da minha mãe, mas todos a chamavam de Meg. Ela tinha dezenove anos quando se conheceram. Richard tinha trinta e cinco.

Franzi a testa porque *eu* tinha trinta e cinco anos, e pessoas de dezenove pareciam e agiam como crianças para mim.

— Existem diferenças de idade maiores por aí, mas ela era jovem para a idade dela — disse Tyler, e meu estômago deu um nó. — E ela era ingênua, uma presa fácil para alguém querendo se aproveitar. Também era nova na cidade, tinha ralado e economizado só para conseguir chegar lá, mal conseguindo escapar da pobreza em que nasceu. Os pais dela administravam uma fazenda de laticínios que estava na família do pai há mais de um século. Quando ela nasceu, o lugar estava afundado em dívidas, e ela e os sete irmãos faziam quase todo o trabalho braçal sozinhos. Não… não foi uma infância boa. Os pais dela eram rígidos, profundamente religiosos e *cruéis* pra cacete. A pior combinação.

“Aos quinze anos, eles a forçaram a largar o ensino médio para trabalhar no campo durante o dia. À noite, ela trabalhava em uma lanchonete de beira de estrada que funcionava 24h, servindo caminhoneiros folgados e economizando cada centavo que conseguia esconder dos pais. Levou quatro anos, mas finalmente ela teve o suficiente para uma passagem de ônibus para a cidade e para o apartamento mais barato que pôde encontrar.”

Eu me remexi no banco, pensando em como eu tinha nascido em berço de ouro e ainda tive a audácia de ficar brava com isso enquanto crescia. Não era de se admirar que Tyler me odiasse. Inferno, *eu* mesma odiava a minha versão do

passado, mesmo depois das horas que passei na terapia tentando superar meu ressentimento.

— Quando eu era pequeno — continuou ele —, e não tínhamos muita comida em casa, lembro da minha mãe me dizendo que, pelo menos, não estávamos misturando ketchup com água quente para fazer sopa de tomate, como ela fazia quando criança.

— Tyler, eu sinto…

— *Não diga* — disparou ele. — Não quero a sua piedade.

Calei a boca.

Ele respirou fundo novamente.

— Ela era garçonete na cidade, economizando para fazer cursos em uma faculdade comunitária, quando se conheceram. Minha mãe era bem econômica nos detalhes. Tudo o que sei é que Richard entrou no restaurante um dia e a deixou encantada. Ela disse que ele era charmoso, rico. Que tiveram um romance arrebatador e ela se apaixonou rápido. Não que eu pudesse culpá-la. Ela nunca teve nada de bom na vida e, de repente, surge esse homem, comprando roupas caras e levando-a em viagens do nada.

"Foi só depois de vários meses de relacionamento que ela descobriu que ele era casado, mas, àquela altura, já estava profundamente apaixonada. Mas tudo bem. Ele jurou que deixaria a esposa. Só precisava de tempo para colocar os negócios em ordem primeiro. Então minha mãe ficou com ele, esperando, torcendo. Acreditando. E aí ela descobriu que estava grávida de mim. Ela contou a Richard imediatamente, certa de que a notícia seria o empurrão final que ele precisava para pedir o divórcio, mas, em vez disso, ele parou de atender as ligações dela. Fingiu não saber quem ela era quando ela o confrontou publicamente. Alegou que ela não passava de uma mulher aleatória tentando fazer escândalo. E todo mundo na vida dele acreditou, o que deve ter incluído os seus pais, já que *eram* os melhores amigos dele."

O homem da versão dos fatos de Tyler era tão diferente do que eu conheci a vida toda que pareciam duas pessoas distintas. Literalmente. Fiquei tentada a perguntar se Tyler tinha certeza de que tinha encontrado o Richard *certo*, mas uma coisa que aprendi sobre Tyler é que ele era meticuloso, então não havia dúvida de que ele tinha feito o trabalho de confirmar tudo. Além disso, a cidade podia ser grande, mas eu duvidava muito que existissem *dois* Richard Lawson donos de imobiliárias com um filho perdido de vinte e cinco anos por aí.

— Isso é muito diferente do que eu me lembro — falei, com cautela.

— Você era uma criança que ouviu sussurros. Esta é a porra da minha história de origem, Stella. Acho que sei do que estou falando.

Fiquei quieta de novo, porque ele tinha razão.

— Depois de tudo aquilo, minha mãe voltou para casa. Na miséria, grávida e com o coração partido. Ela estava tão desesperada que foi pedir ajuda aos pais, embora eles não tivessem feito nada além de abusar dela e negligenciá-la a vida inteira.

Eu me preparei, pressentindo o que viria a seguir.

— Eles a enxotaram porque ela tinha feito sexo antes do casamento — disse ele. — Então ficamos com a minha tia Jenny, no apartamento de merda dela em cima de uma lavanderia. Nos mudamos muito depois disso. Existem lacunas enormes no sistema de assistência social, e nós caímos direto nelas. O banco de alimentos mais próximo ficava a meia hora de distância, mas minha mãe trabalhava em dois empregos e não tinha carro, o que significava que ela quase nunca conseguia ir até lá; e quando ia, já tinham limpado tudo, não sobrava muito para nós. Eu nunca cheguei a passar fome de verdade. Mas eu estava sempre com fome.

Engoli o nó que subia na minha garganta, odiando a facilidade com que minha mente conjurava uma imagem dele muito mais jovem, magro demais, assustado e com fome.

— Minha mãe devia estar com mais fome ainda, porque ela sempre me dava as porções maiores, mas nunca reclamava. Às vezes, apareciam homens para ajudar, mas eles não duravam muito, e eram ainda piores do que os pais dela tinham sido. Eu não conseguia mantê-los longe dela quando era mais novo, mas eu tentava.

Minha mente voltou à primeira vez que vi as cicatrizes circulares nas costas dele e me perguntei o que seriam, pensando que tinham exatamente a circunferência de um cigarro. Eu não conseguia imaginar o quão horrível alguém teria que ser para fazer aquilo com uma criança, e só Deus sabia o que tinham feito com Meg. Era terrível o que ela e Tyler tinham passado. Mais do que qualquer pessoa deveria ter que suportar.

— Ela se desgastou até não sobrar nada — disse Tyler, balançando a cabeça. — Era como se estivesse desaparecendo bem diante dos meus olhos. No outono em que fiz seis anos, foi quando realmente me lembro de olhar para ela e começar a me preocupar. Bem, mais do que o habitual, pelo menos. Ela só tinha trinta e cinco anos, mas o cabelo dela tinha ficado completamente grisalho; e sim, eu sei, genética e blá, blá, blá, mas nenhum dos irmãos dela tinha cabelos

grisalhos, então ninguém vai me convencer de que não foi causado pelo estresse. Ela estava tão frágil, sempre exausta, nunca conseguia recuperar o sono. Naquela altura, eu já tinha idade para conseguir um emprego e ajudar, mas mesmo depois que ela passou a trabalhar em horários normais, continuou piorando. Não tínhamos plano de saúde, mas eu a obriguei a ir ao médico de qualquer jeito. Dois meses depois, ela foi diagnosticada com câncer de ovário em estágio quatro.

Tive que virar o rosto para o lado e morder o lábio. De alguma forma, a história só ficava pior.

— Ninguém a visitou no hospital — disse ele. — Acho que as enfermeiras sentiram pena de nós, porque quebraram as regras e colocaram uma cama dobrável no quarto dela para que eu pudesse dormir lá. Um dos oncologistas me pegou uma vez, de manhã cedo, mas não deve ter dito nada, porque a cama continuou lá.

Eu me preparei, porque sabia que Meg não estava mais entre nós, mas eu tinha exigido que Tyler me contasse cada passo que o levou a se tornar quem ele era, e agora eu tinha que encarar a realidade total disso.

— As enfermeiras fizeram o melhor que puderam para me preparar para o fim. Foi gentil da parte delas, mas não existe forma de preparar uma criança para ver o pai ou a mãe morrer.

A voz dele ficou mais baixa.

— Mesmo antes do diagnóstico, minha mãe estava tão frágil que todos diziam que acabaria rápido. — Ele balançou a cabeça. — Não acabou. Ou talvez tenha acabado, mas não pareceu assim para mim, porque ela estava morrendo e não havia nada que eu pudesse fazer para salvá-la. Tudo o que eu podia fazer era ficar sentado ali e me despedir dela em estágios. No dia em que ela perdeu a capacidade de falar, lembro de ficar encarando a mão dela enquanto eu chorava. A pele dela estava tão transparente que eu conseguia contar cada uma das veias.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Sim, eu odiava aquele homem, mas isso não significava que meu coração não estivesse se partindo por ele.

— No fim, o câncer estava nos pulmões — disse ele, encarando a rodovia com olhos que não viam nada. — Ainda ouço o som dela arquejando nos meus pesadelos. Acho que ela estava tentando ficar o máximo que podia por minha causa. Não consigo explicar de que outra forma ela aguentou por tanto tempo. No dia em que entrou em coma, finalmente tive coragem de dizer a ela para partir. Disse que não precisava mais lutar. Menti e disse que eu ficaria bem, que eu não aguentava mais vê-la sofrer porque aquilo estava me matando também.

Estiquei a mão e entrelacei meus dedos na mão livre de Tyler, puxando-a para o meu colo, apertando-a para que ele soubesse que, pelo menos, não estava revivendo aquilo sozinho.

— Ela deve ter acreditado em mim, porque faleceu naquela noite. Depois, fiquei sentado com o corpo dela por mais de uma hora antes que as enfermeiras conseguissem me tirar do quarto, e vou me arrepender disso pelo resto da minha vida.

— Por quê? — perguntei, com a voz rouca.

Ele balançou a cabeça.

— Porque não tínhamos dinheiro nenhum. Tentei falar com meus avós, mas eles se recusaram a reclamar o corpo da minha mãe ou ajudar com os custos do funeral, mesmo que já tivessem vendido a fazenda e tivessem dinheiro àquela altura. Ela queria ser enterrada — disse Tyler, a voz mal passando de um sussurro. — Mas, no fim, ela foi entregue ao Estado e cremada porque ninguém quis me ajudar.

Ele limpou a garganta, fungou, e o som dele tentando se controlar foi o suficiente para me fazer perder a luta contra as minhas próprias lágrimas. Virei o rosto para o outro lado para que ele não visse, porque que direito eu tinha de chorar?

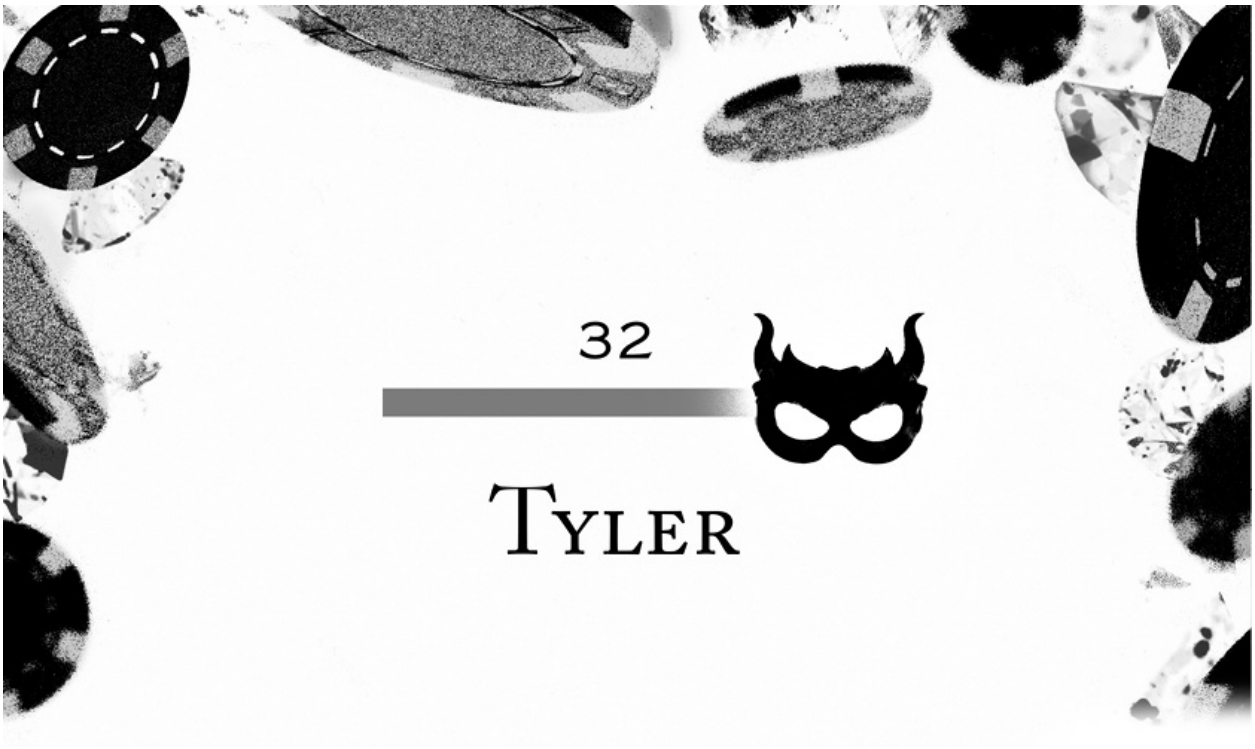
Ouvir a história de Tyler foi o suficiente para me dar vontade de reduzir o mundo inteiro a cinzas. Não era de se admirar que ele fosse tão raivoso, tão rude, tão relutante em deixar as pessoas se aproximarem. Por que faria isso, quando tudo o que as pessoas fizeram foi machucá-lo?

— Foi só no último ano da faculdade, depois que organizei minha primeira grande noite de pôquer, que tive dinheiro suficiente para fazer o que era certo por ela — disse ele. — Encontrei um belo lote de terra em um cemitério com vista para um lago e comprei para ela. Foi necessária outra festa para eu conseguir pagar o caixão que ela merecia. Mais uma para que eu pudesse comprar a lápide dela. Ela tem tudo o que queria agora, e eu até pago um zelador para comprar flores novas toda semana e colocá-las no túmulo.

— Eu sinto muito, de verdade — falei.

Tyler se virou para mim, mas, em vez de luto, vi um poço profundo e cavernoso de raiva em seus olhos. Ele arrancou a mão da minha.

— Eu não quero que você sinta muito, Stella. Eu só quero que *ele* sofra tanto quanto ela sofreu.



32

Tyler

Eu não voltava a essa cidade de merda há anos. Não desde que a mãe e o padrasto de Josh se mudaram. Não havia nada para mim aqui além de memórias ruins e da evidência de que nada tinha mudado. As casas continuavam caindo aos pedaços. Os quintais estavam tomados pelo mato. As estradas de concreto estavam esburacadas e descascadas, e as de terra eram tão ruins que era preciso uma caminhonete suspensa para conseguir passar.

Minha mãe estava enterrada em outro condado, em uma área muito mais bonita, longe da família fodida dela. Eu nem contei para eles onde ela estava — aqueles babacas não mereciam acesso a ela. Então, não, não houve motivo para eu voltar aqui. Não até agora.

Uma das poucas mudanças notáveis era que havia mais árvores do que eu me lembrava. Esta parte do país era plana e, na minha infância, havia muitos campos abertos, embora a maioria estivesse abandonada porque a indústria agrícola local já havia entrado em colapso naquela época. Agora, as florestas estavam de volta, reivindicando o que lhes fora roubado. Fiquei me perguntando se isso significava que a vida selvagem também estava ressurgindo, com ursos e lobos espreitando entre as árvores.

Stella estava quieta ao meu lado, com o rosto virado enquanto observava a paisagem passar pela janela. Vê-la chorar abertamente por mim foi estranho e

gratificante. Como se, talvez, eu não estivesse errado ao pensar que tive uma infância especialmente merda.

Ela deve ter sentido meus olhos nela, porque olhou em minha direção.

— Para onde estamos indo?

— Ver minha tia Jenny. Ela era a única com quem minha mãe mantinha contato e pode confirmar tudo o que eu te contei.

Dez minutos depois, uma casa de fazenda abandonada e familiar apareceu à direita, parecendo ainda mais decrépita do que eu me lembrava; o telhado estava cedendo e a varanda da frente metade apodrecida. Liguei a seta e entrei em uma estrada de terra logo depois dela, diminuindo a velocidade para evitar os sulcos e os buracos. Meus ombros enrijeceram e coloquei as duas mãos no volante, apertando-o até os nós dos dedos ficarem brancos, mesmo que estivéssemos a apenas 15km por hora.

Stella percebeu.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Sim. A tia Jenny vai confirmar tudo o que eu te disse, e então você vai saber que eu não estou mentindo.

— Não acho que você esteja mentindo — disse ela. — Não sobre isso. Acredito que realmente acha que Richard tratou a sua mãe daquela forma.

— Mas você ainda não acredita que ele tratou.

— Importa se eu acredito?

— Importa — respondi, antes que pudesse me conter.

Eu tinha algum direito de pedir que ela acreditasse em mim? Não. Mas estava pedindo de qualquer forma porque *precisava* que mais alguém ouvisse a história toda. Que entendesse que eu tinha meus motivos para fazer o que fiz, para me comportar do jeito que me comportei.

Minha mãe teve uma morte horrível que poderia ter sido evitada se ela tivesse tido acesso a exames precoces de câncer ou a um sistema de saúde melhor. Uma cobertura que ela *teria* tido se Richard tivesse feito a coisa certa. Ele alegar que estava nos procurando — tudo para manter as aparências caso o escândalo viesse à tona — era imperdoável, porra. Eu não podia deixá-lo sair impune.

Logo estávamos entrando na garagem de terra de um casarão térreo desgastado, de telhas marrons. Flamingos cor-de-rosa enfeitavam o gramado. Uma cesta de flores estava pendurada ao lado da porta da frente. Estacionamos ao lado da minivan antiga e enferrujada de Jenny, e desliguei o carro. Dois velhos cães de caça de aparência cansada se levantaram da varanda. Um soltou

um latido baixo enquanto vinham em nossa direção, mas nenhum parecia agressivo.

Ainda assim, eu não arriscaria.

— Deixa eu ir primeiro — falei, abrindo a porta.

Ambos os cães vieram rebolando até mim, as caudas abanando freneticamente, os focinhos deixando marcas úmidas na minha calça.

— São tranquilos — avisei a Stella, e ela desceu em seguida.

Eles deram a volta e a cumprimentaram, e então recuaram para a casa como se o trabalho deles estivesse feito e pudessem voltar a cochilar.

— Que porra você está fazendo aqui? — disse uma voz rouca.

Eu me virei e vi Jenny parada junto ao corrimão, usando um vestido *tie-dye* azul e branco, o longo cabelo castanho preso no topo da cabeça, um baseado entre os dedos. Ela tinha perdido peso desde a última vez que a vi; o vestido estava largo em seu corpo.

— Vim falar com você — expliquei.

Ela deu uma tragada longa no baseado, me encarando por cima dele. É, aquilo estava indo exatamente como eu esperava.

— Essa é minha namorada, Stella — falei, colocando a mão na parte inferior das costas dela para fazê-la se mexer. Por que eu ainda sentia a necessidade de continuar fingindo que estávamos juntos, eu não fazia ideia. Talvez fosse hábito a essa altura, uma forma de justificar a presença dela.

Jenny soltou uma nuvem de fumaça e mediu Stella de cima a baixo.

— Achei que você tivesse ido embora daqui porque queria fugir do lixo.

Stella chegou primeiro aos degraus da varanda, estendendo a mão para a minha tia.

— Foi uma noite longa pra caralho. Pelo menos me dá um trago se você vai ser uma vaca comigo logo de cara.

Jenny soltou uma gargalhada, pega de surpresa, e passou o baseado.

— Talvez você não seja tão ruim assim.

— Já me disseram que sou tolerável uma ou duas vezes — disse Stella, dando uma tragada ainda mais longa que a de Jenny.

Minha tia deu uma risadinha.

Arranquei o baseado dos dedos de Stella quando ela tentou dar o segundo trago.

— Calma aí, peso-leve. — Eu não era, então dei duas tragadas e devolvi para minha tia.

— O que você quer? — perguntou ela.

Soltei uma lufada de fumaça.

— Falar sobre a minha mãe.

Ela franziu a testa.

— Você finalmente vai me dizer onde escondeu ela?

— Eu não *escondi* ela, eu dei a ela o enterro que merecia, sem a ajuda de nenhum de vocês.

Jenny apontou o baseado para mim.

— Não comece com essa merda. Eu estava na *cadeia*, Tyler. O que diabos você esperava que eu fizesse de lá? Que usasse meu dinheiro da cantina do presídio para negociar uma lápide?

Cerrei os dentes para não retrucar. Eu não seria arrastado para essa briga de novo.

— Eu só quero dizer adeus à minha irmã — disse Jenny.

— Tudo bem. Eu te digo onde ela está. Depois que você responder às minhas perguntas e prometer não contar a ninguém da família. Ela finalmente está em paz, e não quero ninguém incomodando ela.

— Como se eu falasse com qualquer um daqueles babacas. — Ela me estudou por um segundo. — O que você quer saber?

— O que aconteceu com a minha mãe na cidade?

O olhar dela se desviou do meu.

— Por que você está me perguntando isso agora, depois de todos esses anos?

— Porque eu encontrei o Richard.

Os olhos dela, do mesmo azul-claro que os da minha mãe, voltaram-se para mim.

— O que quer dizer com encontrou? Você prometeu à Meg que não iria atrás dele. — Ela inspecionou minhas roupas sujas, mas caras, antes de seu olhar deslizar para o meu carro de seis dígitos. — Não me diga que você *mora* lá.

— Eu moro lá.

— Puta que pariu, Tyler. Ele não mentiu dizendo que tentou encontrar vocês dois, mentiu?

Um calafrio percorreu minha espinha. Por que — *caralho* — minha tia tinha chegado direto a essa conclusão?

— Por que você acharia que ele disse isso?

Ela acenou com a mão no ar.

— Porque aquele homem estava sempre mentindo sobre tudo.

Eu a analisei. Falta de contato visual, respiração acelerada, defensiva imediata, olhando para cima e para a direita, mexendo inquieta no baseado. Ela estava

tentando esconder alguma coisa de mim.

Stella se mexeu ao meu lado e, pela expressão no rosto dela, percebi que ela pensava o mesmo.

— Ele contou uma história bem convincente — falei, mantendo os detalhes vagos para ver como Jenny reagiria.

Ela subitamente ficou muito interessada nas próprias unhas.

— Claro que aquele babaca contou.

Mentira. Ela estava *mentindo*.

— Tia Jenny — falei, minha voz carregada de uma raiva mal contida. — Preciso que você me conte o que aconteceu. O que aconteceu *de verdade*.

Ela levantou a cabeça num solavanco, os olhos perfurando os meus.

— Não venha com essa atitude pra cima de mim. Sou mais velha.

Dei um passo em direção a ela.

— Você não passa de uma velha bêbada e amarga que passou a vida inteira culpando os outros pelos problemas que você mesma causou. Você sugou a gente quando não tínhamos nada para dar e se aproveitou da bondade da minha mãe por anos. O *mínimo* que me deve é a porra da verdade!

— Tyler — disse Stella, colocando a mão no meu braço.

— Não! — gritou Jenny. — Deixe ele mostrar quem ele é, querida. Quem sempre foi. Um moleque egocêntrico que se acha bom demais para o resto de nós. — Ela chegou bem perto do meu rosto, o hálito cheirando a maconha e bebida barata. — Você quer saber o que aconteceu? Sua mãe viu como aquelas pessoas eram. Ela viu como o dinheiro as tornava gananciosas e horríveis. Como os filhos deles eram podres, mimados e *cruéis*, e ela não queria que você crescesse naquele mundo. Ela achou que seria melhor para você crescer aqui, sem nada, para aprender o valor do dinheiro e do trabalho duro. Foi por *isso* que ela deixou o Richard.

Ela me cutucou no peito.

— Bem, fico feliz que ela não esteja por perto para descobrir que falhou. Que não era o dinheiro que os deixava daquele jeito, era o sangue, e mesmo depois de todo o trabalho duro dela, você se tornou tão ruim quanto aqueles ricaços babacas. — Ela me empurrou, e eu cambaleei um passo para trás. — Saia da minha propriedade. Tenho o que fazer.

Ela se virou e entrou na casa batendo os pés, e eu apenas fiquei ali, imóvel, com os ouvidos zumbindo. Tentei dizer a mim mesmo que ela estava mentindo, mas a verdade estava ali para qualquer um que soubesse ler os sinais.

— A gente devia ir — disse Stella, descendo os degraus em direção ao quintal de terra.

Eu não a segui porque não achei que conseguiria me mexer.

Minhas mãos estavam tremendo, e eu me sentia quente, tonto. Como se estivesse prestes a vomitar.

— Tyler, vamos — insistiu Stella, indo em direção ao carro.

Meu olhar passou por ela, fixando-se nas árvores; minha visão começou a se afunilar. Não havia nada na minha cabeça além de um rugido baixo e a necessidade de fugir. Do quê, eu não fazia ideia. Talvez de mim mesmo. Talvez do conhecimento de que minha vida inteira tinha sido uma mentira e que eu tinha desperdiçado anos dela perseguindo um plano maquiavélico de vingança familiar. Talvez, se eu começasse a andar, eu me sentiria melhor. Talvez, se eu *continuasse* andando, entrando o mais fundo que pudesse naquelas matas, eu encontrasse algum eremita da floresta com sabedoria oculta que pudesse me dizer como consertar a porra da minha vida.

Tia Jenny voltou para fora enfurecida. Sem sequer olhar para mim, ela desceu as escadas e entrou na minivan. O motor arquejou até ganhar vida e então rugiu quando ela pisou fundo no acelerador e saiu em disparada, fazendo os pneus traseiros derraparem. O tempo pareceu desacelerar quando a van subitamente deu um solavanco de vários metros para a esquerda.

Stella estava parada bem no caminho, os olhos se arregalando quando percebeu que seria atingida. Eu gritei — o nome dela, ou um aviso, eu não tinha certeza — mas não havia nada que ela pudesse fazer para não ser atingida pela traseira da van; e então, de repente, ela estava voando para trás, com a cabeça batendo com força no chão.

Puta que pariu!

Saltei da varanda enquanto Jenny disparava estrada afora, ainda ziguezagueando. Stella estava caída na terra, os cães se aproximando dela. Eu os enxotei e fiquei de joelhos ao lado dela. Seus olhos estavam fechados, a cabeça tombando de um jeito que disparou o terror direto no meu coração.

Merda, merda, merda!

Será que ela estava morta?

— Stella.

Nenhuma resposta.

Segurei o ombro dela e estava prestes a sacudi-la, mas mudei de ideia. E se algo crítico estivesse quebrado e o menor movimento a matasse? Deslizei meus

dedos para o pescoço dela, procurando a pulsação, entrando em pânico quando não a encontrei de imediato.

O que eu tinha feito? O que eu tinha feito, porra?

Stella tinha medo de carros, e eu a tinha forçado a entrar em um e a arrastado até aqui para quê? Para ser morta por outro? E meu Deus, depois de tudo o que eu já tinha feito essa mulher passar. Essa mulher ranzinza, impossível, sarcástica e linda, que um dia eu achei que odiava, mas agora…

A pulsação dela saltou contra meus dedos.

O alívio tomou conta de mim, mas isso não significava que ela estivesse bem, apenas viva. Ela tinha acabado de ser atropelada e, embora não tivesse parecido *tão* grave, ela era mais magra e frágil que a maioria. As costas dela podiam estar quebradas. Ela podia estar com um edema cerebral. Como diabos eu checava isso?

Eu não fazia ideia, mas, por sorte, conhecia alguém que fazia.

Tirei o celular do bolso. Uma barra de sinal.

Por favor, que eu consiga completar uma ligação. Eu juro que nunca mais vou ser cruel com essa mulher, prometi a qualquer divindade que estivesse me ouvindo.

Liguei para Josh e coloquei no viva-voz. Alguns segundos se passaram antes de finalmente começar a chamar, e eu juro que meu coração parou enquanto eu esperava.

— Alô — atendeu Josh.

— Consegue me ouvir?

— Mais ou menos. Está falhando um pouco. Está no banheiro? Sabe que o sinal aí é uma bosta.

— Aly está com você ou de plantão?

— Está aqui. Por quê?

— Posso falar com ela?

— Sério? — reclamou ele. — Mal tenho notícias suas por semanas, *semanas*, Tyler, e a primeira vez que você realmente me liga, é para falar com a minha noiva?

— Estou com uma mulher ferida aqui! — gritei. — Para de palhaçada e passa o telefone para Aly!

— Ah, merda. Um segundo. — Ouvi o som de passos correndo. — Amor! Tyler precisa da sua ajuda e, antes que você diga algo sarcástico como eu fiz, é sério.

Um ruído de interferência veio pela linha e, então, a voz de Aly surgiu.

— Tyler? O que aconteceu?

— Ela foi atingida por um carro e bateu a cabeça — falei, odiando o pânico na minha própria voz. — Agora está inconsciente. O que eu faço?

— Ligue para a emergência — disse ela.

Desliguei, liguei para eles, passei nossa localização e liguei de volta para Aly.

— Eles estão a caminho. E agora, o que eu faço?

— Ligue para eles de novo para que te orientem pelo telefone.

— Foi para isso que eu te liguei! Eles são só atendentes. Você é a porra de uma enfermeira de emergência!

— Jesus. Tudo bem, ela está respirando?

— Ela tem pulso.

— Sim, mas ela está *respirando*?

— Eu não sei! — gritei, encarando o rosto de Stella com a boca entreaberta.

Aly entrou totalmente no modo enfermeira.

— Coloque uma mão nas costelas dela e a sua bochecha perto da boca dela. Espere para ver se os pulmões expandem ou se ela solta o ar em você.

Fiz o que ela mandou, tremendo de adrenalina e, assim como aconteceu com a pulsação, levei tempo demais para sentir qualquer coisa.

— Ela está respirando — falei, prestes a desmaiar de alívio.

— Isso é bom — garantiu Aly. — Mantenha uma mão nas costelas dela para garantir que ela não pare. Em que posição ela está?

— No chão. De costas. Eu não a movi.

— Ótimo. Não mova. Certifique-se de que a cabeça dela permaneça levemente inclinada para trás enquanto estiver inconsciente, para manter as vias aéreas abertas. Se ela começar a ter ânsia de vômito, vire-a de lado para que não sufoque.

— Vomitar depois de uma lesão na cabeça é ruim, certo?

— Não é bom — respondeu Aly, e me senti grato pela honestidade dela. — Está claro onde vocês estão?

— Sim, estamos ao ar livre.

— Abra uma das pálpebras dela.

Aly me orientou a checar as pupilas de Stella para ver se reagiam, e pareceu aliviada quando eu disse que ambas se contraíram imediata e igualmente.

— Você já tentou acordá-la?

— Não, liguei para você na hora.

— Tudo bem, agora vamos tentar o método “grita-toca-grita” — disse Aly.

Isso envolvia gritar o nome da pessoa, dar tapinhas suaves e gritar o nome dela novamente. Eu já estava me preparando para berrar *Stella!* bem na cara dela — porque como ela se atrevia a me dar um susto desses? — quando ela começou a acordar sozinha, soltando um gemido.

— Acho que ela está voltando — falei. — Está virando de lado. Isso significa que ela não quebrou o pescoço, certo?

— Quer dizer, você precisaria de raio-X para ter certeza…

— *Aly*.

— Ela provavelmente não quebrou o pescoço. Mas ainda precisa ir ao hospital para ser examinada.

Stella soltou outro som baixo e piscou, abrindo os olhos. Eu afastei o cabelo do rosto dela com cuidado.

— Ei, Raio de Sol.

Aly arfou de surpresa.

— Isso foi um apelido carinhoso? — sussurrou Josh.

Ouvi o som de um tapa do outro lado da linha, seguido por um pedido de silêncio. Ótimo, eu também estava no viva-voz.

— Tyler? — murmurou Stella com a voz rouca.

— Faça perguntas a ela — disse Aly. — Coisas simples.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— *Não* é Raio de Sol — respondeu Stella.

Abri um sorriso, encarando o sarcasmo imediato dela como um bom sinal.

— Em que mês estamos?

— Agosto.

— Quem sou eu?

— Um idiota.

Josh segurou uma risada.

— Vou desligar agora — falei para Aly.

— Espera! — disse ela, e então me passou uma lista de instruções sobre como lidar com Stella e o que observar caso a condição dela piorasse enquanto esperávamos pela ambulância.

Pedi que ela me mandasse por mensagem, agradeci e desliguei.

— Quem era? — perguntou Stella.

— Meu melhor amigo e a noiva dele — disse a ela. — Ela é enfermeira de emergência. O que está doendo?

— Meu corpo todo — gemeu ela, a respiração começando a acelerar.

— O que especificamente, Stella? Vamos, tente focar.

— Minha cabeça. Meu quadril? — acrescentou ela, parecendo menos certa. — Meus antebraços, por ter tentado bloquear a van. Ai, meu Deus, eu fui atropelada. Eu fui *atropelada*. — Ela caiu no choro. — Eu estou bem?

Eu não conseguia mais deixá-la simplesmente ali caída e, como ela não mencionou o pescoço ou as costas, eu a puxei para o meu colo.

— Você está bem. — Não graças a mim. — Não está nem sangrando, e ela não te atingiu com tanta força, só o suficiente para te desequilibrar. Você bateu a cabeça quando caiu, mas só ficou apagada por um minuto ou dois.

Ela soluçou ainda mais forte, e eu não sabia se era pela dor ou pelo trauma.

— Eu te odeio — disse ela, tentando me empurrar.

Eu a segurei com facilidade, recusando-me a soltá-la, porque, por um segundo ali, achei que a tinha perdido para sempre.

— Eu sei.

— Isso é culpa sua!

— É sim.

Ela bateu os punhos contra meu peito, ainda chorando, e eu fiquei contente, porque significava que não podia estar tão ferida assim se estava tentando me bater, certo?

— Me desculpe — falei, puxando-a para perto o suficiente para dar um beijo no topo de sua cabeça.

Ela me deu mais um soco e então ficou imóvel, os flancos arfando, a voz quebrada.

— Por que eu deveria acreditar em você?

Não me passou despercebido que ela fora forçada a me fazer essa pergunta várias vezes.

— Porque cansei de mentir para você, Stella. Achei que você estivesse morta. Achei que tinha causado sua morte, e isso… mudou minha perspectiva sobre as coisas.

Ela ficou em silêncio pelo momento mais longo da minha vida.

— Finalmente percebeu que, na verdade, é *você* quem está apaixonado por *mim*, hein?

— Eu não iria tão longe — respondi.

Eu tinha passado a vida inteira tão cheio de ódio que nem sabia se havia espaço no meu coração para o amor. Mas o que eu sabia era que, nas últimas semanas, Stella tinha aberto caminho para dentro dele contra a minha vontade.

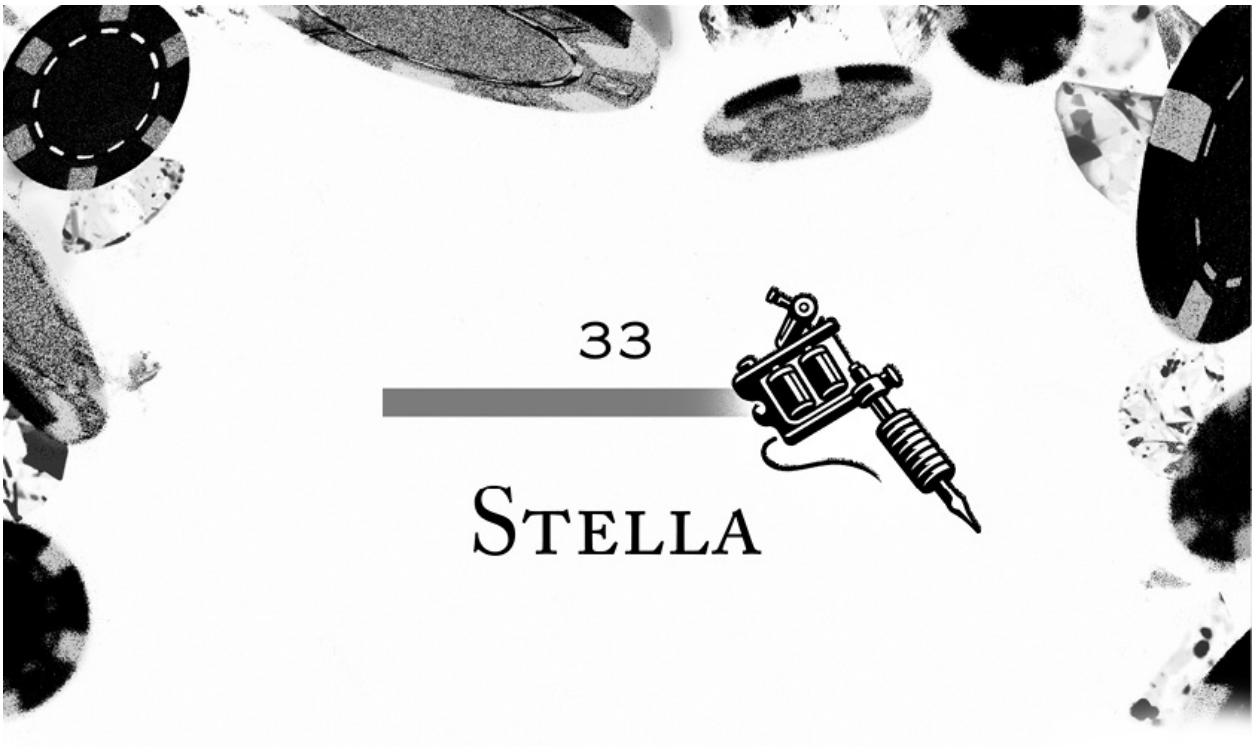
Eu disse a mim mesmo que a tinha sequestrado porque queria que outra pessoa fosse testemunha de tudo o que eu passei, de tudo o que perdi, e talvez fosse

verdade, mas, no fundo, eu não queria que ela fosse pega ou presa. Eu queria uma chance de me explicar. Tinha *odiado* o olhar de repulsa e nojo no rosto dela quando percebeu o que eu tinha feito, como se tivéssemos subitamente voltado ao primeiro dia.

Então, fiz o que faço de melhor. Agi em meu próprio interesse, sem pensar no que qualquer outra pessoa queria ou precisava. Forcei, coagi e intimidei porque passei tanto tempo tratando as pessoas dessa forma que esqueci que existiam outras maneiras de agir.

Ao longe, o primeiro som das sirenes cortou o ar.

Olhei para a mulher em meus braços, sem ideia de como seguir em frente a partir daqui, sabendo apenas que queria seguir com ela. E, deste ponto em diante, eu faria o que fosse preciso para que isso acontecesse.



33

STELLA

— QUANTO TEMPO PRA CHEGARMOS AO HOTEL? — perguntei.

— Estamos quase lá — disse Tyler.

Descansei a cabeça contra a janela enquanto ele dirigia, observando o sol mergulhar no horizonte. Tínhamos acabado de sair do hospital, depois de passar a maior parte do dia lá graças a uma combinação de longas esperas e à bateria de exames a que os médicos me submeteram, só por garantia.

Nada estava quebrado e minha concussão era leve. No geral, eu estava apenas moída de hematomas e arranhões e, embora a equipe do hospital tivesse limpado minhas lacerações, eu ainda estava imunda dos túneis e precisava desesperadamente de um banho. Eu já estava começando a cheirar mal. E estava exausta pra caralho. Além de estar acordada há quase dois dias, tinham sido dois dos dias mais angustiantes de toda a minha vida.

— Blake está bem? — perguntei. O mínimo que Tyler me devia eram algumas respostas.

— Não sei, mas ele conseguiu passar pelos meus capangas.

— Você não vai atrás dele, vai?

— Não. Da próxima vez que eu o vir, vai ser para pedir desculpas, agradecer por ter me parado e entregar isto aqui. — Ele abriu o console central, e lá estava o relógio Patek Philippe do meu avô.

Eu o agarrei.

— Eu entrego. Você não é confiável.

— Justo — disse Tyler, e quando olhei para ele, parecia resignado.

Alguns minutos depois, entramos em um estacionamento empoeirado. Claro que o hotel era um lugarzinho de beira de estrada, mas era o que eu ganhava por ter dito a ele para reservar o lugar mais próximo que encontrasse. Pelo menos era limpo por dentro e parecia ter passado por uma reforma recente — nada de carpetes felpudos ou baratas à vista. O único problema era que só havia uma cama.

Balancei a cabeça. Não, na verdade, não era um problema. Tyler que dormisse no chão. Pronto, problema resolvido.

Fui até o banheiro e liguei o chuveiro, deixando as roupas que compramos em um Walmart local sobre a bancada. O vapor encheu o ambiente enquanto eu tirava meu vestido arruinado. Eu me virei, vi um zumbi no espelho e levei um susto.

Ah, meu Deus, era eu mesma. Eu estava horrível. Pálida, abatida, coberta de arranhões e hematomas, com olheiras profundas sob os olhos vermelhos.

Uma batida soou na porta, e me senti grata por tê-la trancado.

— Precisa de ajuda com alguma coisa? — perguntou Tyler.

Abri a boca para mandá-lo ir se foder, mas mudei de ideia. Deixaria que ele provasse um pouco do seu próprio tratamento de silêncio.

O chuveiro estava chamando meu nome; puxei a cortina e entrei, soltando um suspiro quando o calor me atingiu. A única coisa melhor do que tirar o sutiã ao fim de um longo dia era um banho quente quando se estava suja e exausta. Fechei os olhos e escorreguei até o chão, deixando a água correr sobre mim. Tudo doía, não apenas fisicamente, mas emocionalmente também. A última vez que me senti tão esgotada assim foi no dia seguinte ao acidente de Runa.

Fechei os olhos, descansando a cabeça contra o azulejo. A única coisa que me salvava era que eu estava tão cansada que meu cérebro começava a ficar anuviado, os pensamentos escapando porque exigia esforço demais segurá-los.

Nos vinte minutos seguintes, fiquei no piloto automático: levantei-me grogue, lavei o cabelo e o corpo com os produtos baratos do hotel. Sequei-me. Vesti roupas limpas e enrolei a toalha no cabelo. Arrastei-me de volta para o quarto. Murmurei algo ininteligível quando Tyler perguntou se eu estava bem.

Eu estava no meio do processo de secar o cabelo com a toalha quando ele ressurgiu após o banho, com a própria toalha enrolada na cintura, o cabelo penteado para trás e gotas de água correndo sobre seus músculos definidos.

Ele me viu olhando, baixou o olhar e caiu de joelhos. Pisquei algumas vezes para ter certeza de que estava realmente vendo o que pensava estar vendo. Eu tinha fechado as cortinas *blackout*, e apenas um abajur solitário e suave iluminava o quarto, sua luz dançando sobre a forma agachada de Tyler.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— O que você quiser — respondeu ele.

Eu suspirei.

— Olhe, foi um dia muito longo e muito traumático para nós dois, e estou te implorando para parar com os joguinhos. Se não estiver pronto para falar sobre o que aconteceu, tudo bem. Eu entendo que você provavelmente precisa de tempo para processar ou ter sua crise existencial em paz. Só, por favor, podemos não fazer seja lá o que for isso?

Ele permaneceu onde estava. Na mesma posição, cabeça baixa, mãos apoiadas nos joelhos.

— Tyler — falei, cuidadosa para manter a voz sem raiva, porque esse homem acabara de descobrir que sua mãe morta lhe contara uma mentira gigantesca. Uma mentira que o colocou em um caminho sombrio que poderia ter terminado *muito* mal se o meu irmãozinho não tivesse chamado a polícia e, potencialmente, salvado nossas peles de qualquer catástrofe de nível nuclear que Tyler pudesse ter desencadeado.

— Isso não é um jogo — disse ele. — Eu não fiz nada além de te intimidar e te ameaçar. Não vou pedir desculpas de novo, porque não acho que você deva me perdoar. Mas quero me oferecer para punição em vez disso.

— Punição.

Não era uma pergunta, mas ele assentiu.

— O que quer que você ache que eu mereço, eu vou aceitar.

Idiota maldito. Ele já não tinha mexido comigo o suficiente?

Coloquei as mãos nos quadris e me virei totalmente para ele.

— Então, se eu dissesse que quero que você beije o chão, você… ai meu Deus, não! Não beije isso de verdade, que nojo, você está falando sério?

Ele congelou com a boca a dois centímetros do carpete, inclinando-se para frente como um cavaleiro prestando homenagem — o que, quer dizer, sim, obrigada, finalmente o tipo de reconhecimento que eu merecia.

— De onde está vindo isso? — perguntei.

Ele ficou exatamente onde estava enquanto respondia, os músculos começando a saltar pelo esforço de se manter na posição.

— Todo esse tempo, eu estive te provocando, te irritando intencionalmente porque *queria* qualquer reação que pudesse conseguir. Boa ou ruim. Mas, no fundo, acho que eu queria a ruim. Eu queria que você fosse cruel comigo porque isso tornava mais fácil mentir para mim mesmo; tornava mais fácil me convencer de que eu te odiava quando a verdade é que acho que sou obcecado por você desde o momento em que nos conhecemos.

Eu não disse nada, estava hipnotizada demais pelo fato de ele *ainda* estar se segurando ali, exatamente onde mandei ele parar. Talvez eu devesse ter cedido e ordenado que ele se levantasse, mas eu queria testar aquilo, ver o quão sério ele estava falando, ver quanto tempo ele aguentava. Além disso? Eu *queria* que ele sofresse.

Comecei a contar os segundos na minha cabeça.

Dez. Trinta. Um minuto.

Os ombros dele tremiam. Dois minutos.

As veias começavam a saltar em seus bíceps.

Ah, Tyler falava *muito* sério.

— Pode se sentar — falei.

Ele voltou para a posição de joelhos, cabeça baixa, mãos nas coxas.

— O que é isso? O que você está fazendo?

— Acho que sou um *brat*.

— Tyler, todo mundo acha que você é um moleque mimado.

— Não, tipo… fetiche de *brat*.

Ah. *Ahhh*.

— Então você realmente *gostava* quando eu era cruel com você.

— Gostava. — Ele olhou para mim por baixo das sobrancelhas, seu olhar quente, abrasador. — E acho que você também gostava.

O ar deixou meus pulmões de uma só vez, porque, porra. Ele estava certo? Quer dizer, eu *sentia* aquele pequeno arrepio percorrer meu corpo sempre que levava a melhor sobre ele. Eu *ficava* excitada contra minha vontade quase todas as vezes que estávamos juntos, mas achava que era apenas aquela centelha irritante entre nós. E meus pensamentos sobre Tyler *tinham* divagado para o fato de que ele precisava ser colocado em seu devido lugar vez ou outra. Mas não havia como saber com certeza se eu realmente curtia isso até colocar à prova.

— Quem disse que você podia olhar para mim? — perguntei, minha voz estalando como um chicote.

Tyler baixou o olhar imediatamente e, naquele momento, aprendi algo muito importante sobre mim mesma: eu gostava quando ele fazia o que eu mandava.

Tipo, gostava, *gostava*. E eu não sabia se era porque, até agora, eu tinha sido a única forçada a fazer o que ele queria ou se eu simplesmente sentia prazer em ver esse homem grande, barulhento e *babaca* finalmente calar a boca e se ajoelhar ali em silêncio.

Meus olhos baixaram, e ficou claro pela forma como a toalha de Tyler começava a subir que *ele* também estava gostando.

— Estou com tanta raiva de você — falei a ele.

— Você tem todo o direito de estar — disse ele. — Eu fui o maior babaca do mundo.

— Qual é a sensação de descobrir que foi tudo por nada? — perguntei, porque também queria ser um pouco cruel com ele, agora que sabia que ele aguentava. Eu queria que ele pagasse por todas as coisas que fez e por todas as outras que quase fez.

— Eu não sei — disse ele. — Estou anestesiado. Acho que posso estar em choque.

— E você acha que esse jogo de *brat* vai ajudar de alguma forma?

— Tudo o que sei é que não quero estar dentro da minha própria cabeça agora. Não quero pensar. Não quero tomar decisões. Eu só quero que você me diga o que fazer.

— E você vai fazer o que eu disser? — perguntei, sentindo-me um pouco chocada também. Tyler, simplesmente fazendo silenciosamente o que eu mandasse? Impossível. Isso tinha que ser alguma pegadinha cruel e elaborada. Um último *vai se foder* antes dele desaparecer da minha vida para sempre, sem nunca enfrentar as consequências de suas ações ou tentar reparar o que tinha feito.

Ele assentiu.

— Então, se eu dissesse para você rastejar até aqui e beijar os meus pés, você…

Santo Deus, o homem estava rastejando pelo carpete sujo do hotel, os músculos dos ombros ondulando, as costas flexionando, a cabeça baixa como se tivesse sido um homem muito mau e estivesse pronto para implorar por perdão. Eu com certeza ia desenhar isso depois, porque nunca esqueceria a visão de tanto poder lânguido reduzido à súplica, mesmo que *fosse* uma pegadinha.

Ele parou quando me alcançou, a toalha mal se segurando no lugar, e roçou os lábios no peito do meu pé. Eu estava pronta para baixar o ar-condicionado alguns minutos atrás porque estava com frio. Meu corpo estava bem aquecido

agora, zumbindo com energia e consciência, meus nervos disparando em sobrecarga.

— Vou fazer o que você mandar. Quanto pior, melhor. Eu fui mau e mereço ser punido de maneira apropriada — disse ele, como se não pudesse esperar para que eu lhe ordenasse algo degradante.

Eu tinha o que era, provavelmente, uma noção geral sobre fetiche de *brat*, graças a um cliente tagarela que trabalhava como bartender em um clube de sexo fetichista no centro, mas não era, de forma alguma, versada o suficiente para mergulhar de cabeça. Pelo que eu entendia, era uma dinâmica de *dom/sub* na qual o *sub* gostava de testar seus limites e a paciência do *dom*, e o *dom* via essa impertinência como algo mais brincalhão do que rude. Eu sabia que a disciplina fazia parte, que o *dom* deveria punir seu *sub* desobediente para ensiná-lo a se comportar melhor, mas…e se eu não quisesse Tyler bem-comportado? A ideia de ele subitamente se tornar bonzinho e obediente não me descia bem; parecia uma mudança de personalidade grande demais.

Eu queria que ele fosse sua versão mais babaca? Não. Mas também não queria que ele parasse de me irritar, porque naqueles momentos em que eu esquecia que ele era meu chantagista e éramos apenas duas pessoas, discutindo enquanto tentávamos simultaneamente fazer o outro rir, perder a linha ou até gritar… eu esquecia que não estávamos realmente namorando. Que deveríamos apenas fingir que gostávamos um do outro. Talvez isso fosse doentio, mas eu nunca fui muito romântica. Eu não queria flores e chocolates; eu queria um desafio.

Eu me abaixei e entrelacei meus dedos no cabelo úmido de Tyler, puxando sua cabeça para trás para forçá-lo a olhar para mim. Seus olhos estavam no tom mais profundo de azul , as pupilas dilatadas, a expressão aberta, inocente e paciente, como se ele pudesse ficar assim a noite toda se eu mandasse.

Eu nunca o tinha visto tão centrado, tão em paz, e isso me fez começar a acreditar que aquilo poderia ser real.

— Eu não quero te bater — falei.

— Você não precisa.

— Degradação, no entanto…

Ele tentou assentir sob meu aperto, mas apertei meus dedos para que ele não pudesse se mover.

— Sim, por favor.

— E negação de orgasmo. Você definitivamente não merece gozar.

— Não mereço.

Porra, o jeito como ele concordava tão facilmente.

— Depois, nós vamos conversar — falei.

Ele envolveu a parte de trás da minha panturrilha com uma mão, erguendo-se o suficiente para que eu visse que ele estava totalmente excitado.

— Vou fazer o que você mandar.

Ai, meu Deus. Não. Eu não tinha força de vontade para fazer a coisa certa e dizer não. Eu tinha chegado perto de morrer hoje e, agora mesmo, estava desesperada para me sentir viva. E, olha só, que conveniente: um homem maravilhoso e disposto, de joelhos diante de mim.

Eu ainda estava furiosa pra caralho com Tyler? Com certeza, mas o problema era que a raiva sempre fizera parte da equação quando se tratava da minha atração por ele, e isso não parecia que ia mudar tão cedo.

Deslizei minha panturrilha para fora do aperto dele e me joguei no colchão, abrindo as pernas bem na frente do rosto dele.

— Me chupa, Tyler.

Sem hesitação, ele arrancou minha calça de moletom e minha calcinha, depois me empurrou para trás no colchão antes de rastejar para a cama comigo. Ele mergulhou entre minhas pernas, empurrando minhas coxas para cima e sobre seus ombros largos, inclinando-me no processo e *enterrando* o rosto entre minhas pernas. Tudo bem, então; nada de submisso dócil para mim. No segundo em que sua língua tocou a evidência da minha excitação, ele gemeu.

— Diga que você ama o quanto estou molhada para você — falei.

— Eu amo o quanto você está molhada para mim, Stella.

Ele girou a língua em torno do meu clitóris.

— Como é quente. — Ela mergulhou na minha entrada. — Como é apertada. — Um movimento longo e sedutor de volta ao meu clitóris, antes de ele pausar para brincar com ele. — Eu queria sentir o gosto dessa boceta de novo desde que lambi sua calcinha. Não conseguia pensar em mais nada. — Ele afundou a língua profundamente, o nariz roçando meu clitóris.

— Pare — ordenei.

Ele congelou e ergueu os olhos para os meus, e a visão dele — me encarando daquele jeito, os flancos arfando de tesão, as mãos tremendo com a necessidade de se mexer — acabou comigo. Eu queria me esfregar contra o rosto dele. Queria deixá-lo molhado e brilhante, e dizer que ele não tinha permissão para se limpar. Queria que ele fosse dormir com o *meu* gozo nele.

Os olhos dele escureceram, o único aviso que tive antes de ele dar uma lambida rápida dentro de mim, provando o quanto ele era um moleque petulante, um verdadeiro *brat*.

— Fique sentado — falei, ao mesmo tempo irritada e satisfeita, o que era uma combinação estranha, mas eu estava cansada de reprimir minhas reações a esse homem. Apresentei meu pé a Tyler. — Lamba aqui.

Novamente, sem *nenhuma* hesitação. Ele colocou suas mãos grandes em mim, uma segurando meu calcanhar, a outra amparando minha panturrilha. Mantendo o contato visual, ele passou a língua em uma linha longa e lenta por toda a planta do meu pé.

Apoiei-me em um cotovelo, minha outra mão deslizando entre minhas pernas abertas.

— Limpe tudo.

Tyler girou a língua em torno do meu dedão e depois o sugou para dentro da boca; pelo jeito que seus olhos se fecharam em êxtase, poderia muito bem ser sua comida favorita. Eu nunca tinha deixado ninguém fazer isso comigo antes — ninguém nunca quis — e fiquei surpresa com o quanto estava gostando. Especialmente quando ele mudou o aperto e começou a massagear meu pé simultaneamente. Havia algo de pecaminosamente quente naquilo. Talvez porque parecia ligeiramente tabu. Ou talvez fosse porque meus pés carregaram meu peso a vida inteira, e agora alguém estava finalmente demonstrando algum apreço por eles.

Ele se mexeu um pouco e a toalha finalmente desistiu da luta, caindo e se amontoando no colchão. O pau dele preencheu minha visão, tão grande, tão duro. Porra, ele *realmente* estava gostando disso.

— Olhe para mim — falei.

Os olhos dele se abriram devagar. Enfiei meus dedos em mim mesma.

O olhar de Tyler travou no movimento e eu percebi, pelo modo como o aperto dele em meu tornozelo se intensificou, que ele desejava que fossem os dedos dele me preenchendo.

— Se você fizer um bom trabalho, eu te dou outra amostra — falei.

Ele limpou cada um dos meus dedos do pé enquanto eu usava meus próprios dedos para me provocar, para provocar a nós dois. Quando ele terminou, começou a se inclinar para frente. Plantei meu pé no peito dele para impedi-lo. Ele franziu a testa, um eco do Tyler que eu conhecia tão bem visível em sua expressão tempestuosa.

Girei meus dedos profundamente dentro de mim, revirando os olhos com o prazer, com a sensação das minhas paredes internas se contraindo ao meu redor, e então os puxei para fora.

— Abra.

As nuvens de tempestade se dissiparam, substituídas por uma expressão de satisfação que me disse que Tyler gostou do meu pequeno truque. Segurei meus dedos em oferta. Ele se esforçou para frente, tendo que trabalhar para alcançar porque meu pé ainda estava em seu peito, e eu não ia facilitar as coisas para ele. A parte mais excitante era saber que ele poderia me subjugar se quisesse e, no entanto, ele escolhia entrar no jogo.

Ele agarrou meu pulso. Segurou-o firme. Ergueu os olhos para os meus. E então deslizou meus dedos profundamente para dentro de sua boca, a língua girando em torno deles, saborendo-me, um som de satisfação ecoando em seu peito com o meu gosto. Apertei minhas coxas uma na outra, sabendo como ele devia estar se sentindo, porque eu também estava faminta por sentir o gosto dele de novo.

Ele deslizou para fora dos meus dedos com um estalo molhado.

— Fique de joelhos e coloque as mãos na cabeceira — ordenei.

Ele não perguntou por que, não discutiu, apenas assentiu em submissão e passou engatinhando por mim. Virei a cabeça, observando-o, hipnotizada pela visão de sua obediência. E então ele estava em posição, as coxas tensionadas, as costas flexionadas, os braços fortes apoiados, encarando a cabeceira. Sua pele parecia dourada sob a luz suave, e talvez eu *quisesse* machucá-lo, pelo menos um pouco, porque se eu tivesse um chicote, o usaria com prazer para avermelhar a bunda dele.

Meus olhos subiram para as três marcas vermelhas em suas costas. Tive vontade de beijá-las, dizer que sentia muito por estarem ali, que ninguém deveria ter feito aquilo com ele, mas ele não queria estar dentro da própria cabeça agora e, se eu fosse honesta, nem eu. Então, aquele tratamento mais suave teria que esperar por outro momento, outro estado de espírito. Agora, precisávamos de algo diferente, algo mais pesado para ambos, mas *especialmente* para ele.

— Vá um pouco para trás — falei.

Ele obedeceu, dando-me espaço mais que suficiente para deslizar entre ele e a cabeceira.

Eu me virei, ficando de costas para ele, e tirei minha blusa.

— Tudo bem não usarmos camisinha de novo?

— Meu Deus, sim — rosnou ele. — Eu quero…

Eu me virei e pressionei um dedo contra os lábios dele.

— Ninguém se importa com o que você quer.

O pau dele deu um solavanco contra as minhas costas, enquanto seus olhos brilhavam. Ah, ele estava *amando aquilo*.

Voltei a me virar e fiz o que *eu* queria, inclinando-me para a frente, apoiando uma mão nos travesseiros e levando a outra entre minhas coxas para segurar seu pau grosso. Eu não estava nem perto de conseguir tê-lo inteiro, pelo menos não facilmente, e a ideia da dor aguda que vinha de transar com um pau grande sem o preparo adequado só aumentava meu desejo. Eu me lembrava bem da nossa primeira vez e queria sentir aquilo de novo. *Precisava* sentir. Porque não fazia ideia de quanto tempo essa paz provisória duraria e planejava fazer cada segundo valer a pena, dar a mim mesma algo bom para lembrar caso tudo desse errado de novo porque Tyler resolveu voltar a ser O Pior.

— Não mova um músculo — falei a ele.

E então arrastei a cabeça do pau dele pelas minhas dobras, a pele dele quente contra a minha umidade. Parei com ele na minha entrada, empurrando só um pouco para me testar. Ah, meu Deus, aquilo não seria fácil para nenhum de nós. Para ele, porque eu planejava prolongar ao máximo. Para mim, porque meu corpo inteiro estava exausto e machucado, e agora eu estava exigindo ainda mais dele.

Meu íntimo pulsou com o pensamento de quão bom tinha sido da última vez; o calor inundou minhas veias e meus mamilos enrijeceram. Rebolei os quadris, cobrindo-o com a minha excitação e tentei de novo, recebendo mais dele desta vez. Outro giro. Outro impulso, e eu me afundei na cabeça do seu pau.

Tyler gemeu acima de mim, um som gutural.

Sorri e me afastei dele, repetindo os movimentos, e me afundei de novo. Ah, porra, era o paraíso. Exatamente o que eu precisava. A mistura perfeita de desconforto e prazer. Eu queria prolongar a sensação, então fiquei onde estava, apenas existindo, apenas respirando, enquanto meu corpo se esticava ao redor dele. O peito dele arfava contra as minhas costas, e eu sabia que ele devia estar à beira do descontrole, o desejo de dar uma estocada tão forte que chegava a ser avassalador.

Deslizei para frente, depois para trás, recebendo apenas mais um *pouquinho* antes de meu corpo se contrair, lutando contra a invasão, tentando me dizer que era demais quando eu sabia muito bem que não era nem perto do suficiente. O som das nossas respirações preenchia o quarto. Minhas coxas tremiam de exaustão e necessidade.

Soltei o pau dele e me inclinei para frente com ambas as mãos, abrindo mais as pernas e angulando os quadris enquanto deslizava quase totalmente para fora dele antes de empurrar para trás com força, tentando forçar a entrada. Uma

pontada de dor e, então, uma inundação de prazer. Sim, era isso que eu queria. Que meu cérebro se apagasse e meu corpo assumisse o controle.

— Não goze — ordenei.

Um tremor percorreu Tyler, e a respiração dele escapou em um sopro apressado, mas ele sabia que era melhor não responder agora. Sabia que eu não queria ouvir a voz dele. Ele era um brinquedo sexual glorificado, e eu ia usá-lo para chegar ao ápice antes mesmo de pensar em liberá-lo da ordem.

Eu me inclinei para frente, empurrei para trás, me fodendo nele e estabelecndo um ritmo constante, angulando minha pelve para frente para me abrir o máximo possível e gemendo quando não funcionava, quando percebia que nada tornaria aquilo mais fácil e que eu teria que lutar por cada centímetro. Eu já tinha encontrado paus grandes antes, mas nenhum tinha sido tão largo, e era uma experiência totalmente nova.

A cabeceira rangeu acima de mim. Olhei para cima e vi Tyler com os nós dos dedos brancos de tanto apertar, os músculos em tensão máxima, as veias saltando enquanto ele lutava para ficar parado. A visão me *encharcou*, uma onda inebriante de luxúria golpeando meu íntimo antes de rasgar o resto do meu corpo, incendiando minhas veias, tornando cada parte de mim hipersensível. Balancei para trás com mais força, levando-o mais fundo. Mais fundo. Ah, porra. Ele devia estar quase chegando no fundo.

Eu me curvei, olhei para o espaço entre nós e me contraí ao ver o quanto ainda faltava percorrer, o quanto de pau eu ainda teria que convencer meu corpo a aceitar. Este ângulo era diferente da última vez, mais difícil de manejar. Ele já estava atingindo partes de mim que eu nunca tinha sentido antes; mais um pouco e ele estaria reorganizando minhas entranhas.

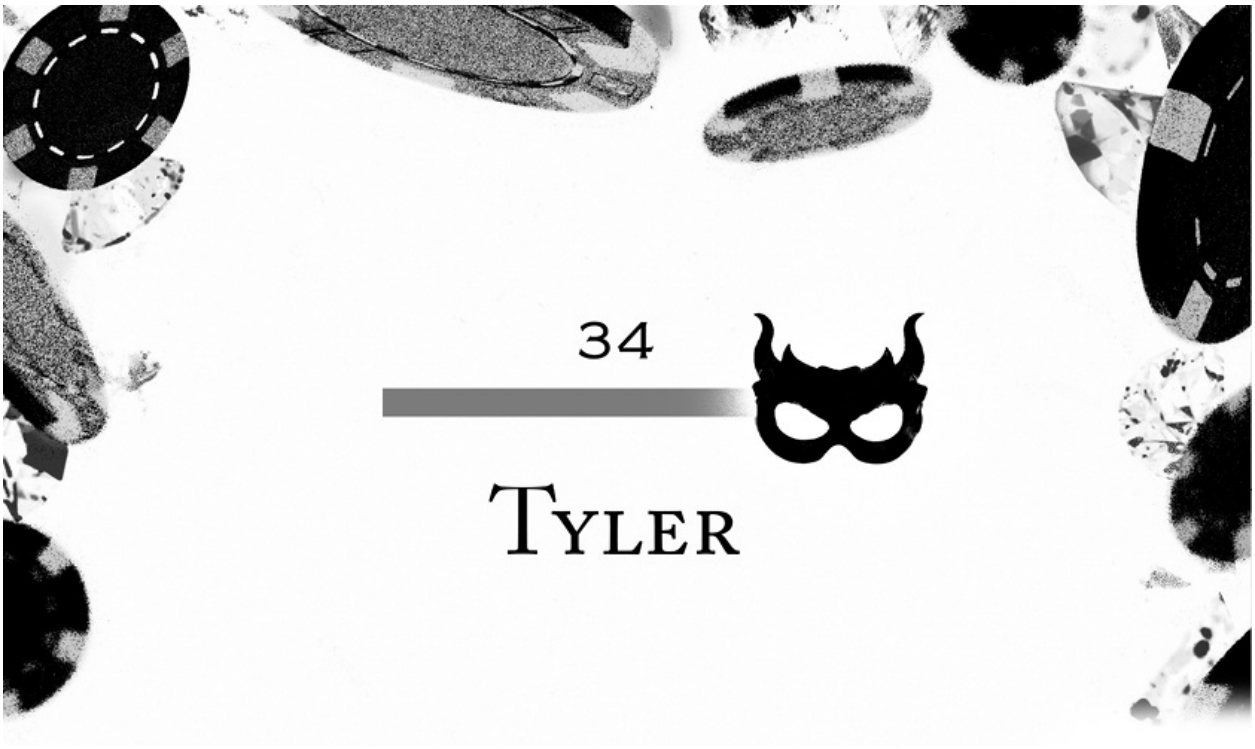
Talvez isso as conserte, pensei, e quase ri da ideia de minha doença crônica ser curada por um pênis mágico, como se fosse algum tipo de conto de fadas devasso.

Respirei fundo, implorei para que meus músculos internos relaxassem e o enfiei ainda mais fundo em mim.

— Meu Deus, você está indo tão bem, Tyler. Está *tão quietinho* enquanto eu te recebo.

Ele soltou um som torturado, e eu soube que ele devia estar sofrendo. Eu sorri.

Ótimo.



34

Tyler

Isso era o inferno. Um dos círculos mais baixos, para onde mandavam os piores pecadores.

Abaixo de mim, cravada no meu pau, estava uma mulher deslumbrante, gemendo, e eu *não podia* tocá-la. Não podia me mexer. Não podia gozar. Eu só tinha permissão para olhar. Observar seu cabelo escuro cair sobre o ombro, traçar as tatuagens em suas costas, encarar o espaço entre nós e ver meu pau pulsante desaparecendo dentro dela em incrementos torturantes enquanto ela mergulhava sua boceta quente e apertada em mim.

Os quadris dela estavam *bem ali*. Tudo o que eu precisaria fazer era esticar o braço, agarrá-los e segurá-la firme enquanto eu me enterrava com tudo nela.

— Que bom trabalho você está fazendo — disse ela, e eu quase soltei um ganido.

Sim. Com certeza. Eu era definitivamente um *brat*, porque a única coisa que me mantinha firme era o elogio dela e o pensamento de quão feliz ela ficaria se eu conseguisse fazer o que ela mandava. Mas, meu Deus, como era difícil. Eu nunca tinha ficado tão excitado na vida. Nunca tinha me sentido tão *certo* no quarto; sempre sentira que faltava alguma coisa, e agora eu entendia o porquê.

Stella gemeu, deslizando uma mão entre as pernas, e eu *sabia* que ela estava brincando com o clitóris. Eu queria afastar os dedos dela e substituí-los pelos

meus. Virá-la para mim e observar cada onda de prazer atravessar seu rosto. Fazer literalmente qualquer coisa, exceto ficar ajoelhado aqui aceitando isso.

Em vez disso, agarrei a cabeceira, lutando contra a necessidade crescente de me mexer, de dar uma estocada, só um pouquinho, apenas para aliviar parte dessa pressão insuportável. Stella estava *encharcada* pra caralho; a parte do meu pau que ainda não estava dentro dela brilhava com sua excitação, preparada e pronta para o momento em que eu estivesse totalmente dentro. Minha cabeça girava só de me imaginar estar enterrado até as bolas de novo, de como seria bom ter a boceta dela apertando cada centímetro de mim.

Meu foco subiu para a bunda dela, e pensei em quão mais apertada ela seria. Quão mais devagar teríamos que ir, o quanto mais ela teria que trabalhar para me receber ali, e — ah, meu Deus — eu precisava parar de pensar nisso porque só estava piorando as coisas.

— Como é a sensação da minha boceta, Tyler? — perguntou Stella, jogando os quadris para trás, deslizando ainda mais para baixo em mim.

— Boa pra caralho. — As palavras saíram atropeladas. — Você é tão apertada, Raio de Sol.

Ela congelou, a voz descendo para um tom baixo de aviso.

— Você sabe o que eu acho desse apelido.

Sim, eu sabia. E foi por isso que eu o usei: para ver o que ela faria, para saber como ela me puniria.

Ela saiu do meu pau, e eu estava tão duro que ele estalou contra meu estômago. Ah, meu Deus, não. Eu estraguei tudo.

— Espere, me desculpe.

— Tarde demais — disse ela, virando-se e encostando-se nos travesseiros enquanto me encarava.

Eu percebi pelas bochechas coradas e pelos olhos faiscantes que ela estava furiosa por eu ter arruinado aquele momento para nós.

— Em vez disso, você vai ter que assistir — disse ela, abrindo as pernas, os joelhos subindo enquanto ela firmava os pés contra o colchão. As mãos dela deslizaram para cima, segurando e apertando os seios, girando suavemente os piercings nos mamilos. — Você vai ter que ficar ajoelhado aí com a consciência de que, se tivesse se comportado, eu teria gozado no seu pau inteiro.

Meu peito apertou, e fiquei subitamente furioso comigo mesmo. Especialmente porque eu sentia o calor dela esfriando rapidamente no meu pau, e isso me deixou desesperado para voltar para dentro dela. Bem, a única maneira de isso acontecer seria *realmente* me comportando pela primeira vez na vida.

Stella serpenteou uma mão entre as pernas, abrindo suas dobras, dando-me uma visão perfeita de sua boceta brilhante.

Essa seria a coisa mais difícil que eu já fiz.

O dedo dela deslizou para dentro, e ela suspirou, relaxando para trás, levando o tempo que queria para se provocar. A única coisa que fazia eu me sentir um pouco melhor era o modo como ela me devorava com os olhos; o olhar movendo-se do meu peito para o meu abdômen e para o meu pau latejante. Ela adicionou um segundo dedo, a outra mão movendo-se entre um seio e outro, e então fechou os olhos e começou a se masturbar de verdade. A respiração ofegante, as coxas tremendo, os dedos mergulhando fundo, a palma da mão esfregando-se no clitóris; sons quentes e úmidos atingiram meus ouvidos e, ah, meu Deus, eu nunca quis tanto foder alguém na minha vida.

— Por favor — implorei.

— Cale a boca — disparou ela, os olhos se abrindo num lampejo, as mãos paralisando.

Assenti, e sustentamos o olhar pelo que pareceu uma pequena eternidade antes de as pálpebras dela tremerem e ela voltar ao trabalho. Os quadris dela começaram a dar estocadas leves, as pernas se fechando, as coxas se apertando para criar mais atrito. Um tom rosado floresceu em suas bochechas, e a respiração dela saía em arquejos curtos e rasos. Ela estava perto.

Meu pau se retesava entre nós, implorando para ser tocado, desesperado para voltar para dentro dela. Eu estava tão excitado que me sentia tonto, minhas bolas começando a encolher. Porra, eu seria capaz de gozar sem contato nenhum.

Merda, ela me disse para não fazer isso.

Cerrei a mandíbula e forcei meu corpo a relaxar, mas era impossível porque Stella estava se movendo mais rápido, o rubor espalhando-se pelo peito, os dedos beliscando os mamilos enquanto a outra mão trabalhava furiosamente entre as pernas.

— Tyler! — gritou ela, as costas arqueando, as pernas tremendo, os peitos balançando.

Ah, porra, eu ia gozar.

Por favor, não, implorei a mim mesmo, agarrando a cabeceira como se minha vida dependesse disso, completamente destruído pela visão abaixo de mim.

Stella continuou a se tocar durante todo o processo, soltando gemidos baixos, agudos e quentes pra caralho, porque ela tinha a voz de quarto *perfeita*. Depois, ela ficou imóvel, um pequeno sorriso brincando nos lábios enquanto abria os olhos e olhava para mim.

— Está arrependido do que fez?

— *Arrependido pra caralho, Stella.*

— Acha que consegue se comportar agora?

— Sim. Eu prometo. Faço qualquer coisa, só… por favor, me deixe entrar em você de novo.

Ela me observou por alguns segundos, como se estivesse contemplando a ideia, como se estivesse realmente pensando em me deixar ali daquele jeito. Deus sabia que era o mínimo que eu merecia depois de tudo o que fiz a ela, mas Stella devia querer aquilo tanto quanto eu, porque ela voltou a ficar de joelhos e agarrou meu queixo, encarando meus olhos a um centímetro de distância.

— Não se mexa. Não fale e não ouse gozar até eu mandar.

Assenti para mostrar que tinha entendido.

Ela se virou de volta, segurou meu pau e deslizou nele. Meus dentes quase rasgaram a parte interna da minha bochecha enquanto eu lutava para ficar quieto. A boceta dela era incrível, e a visão do meu pau escorregando de volta para dentro dela me fez cravar as unhas na cabeceira para não sair do lugar. Ela plantou as mãos logo abaixo das minhas, usando os braços para se empurrar para trás. Foi mais fácil desta vez, porque ela já tinha gozado. Mas *também* porque já tinha gozado, ela não estava com tanta pressa quanto antes, então levou a porra do tempo que quis me provocando, parando de vez em quando para dar uma rebolada deliciosa que fazia minha cabeça girar e meu pau latejar dentro dela.

Uma pequena eternidade se passou até que eu estivesse totalmente encaixado, e não sei como sobrevivi a isso, passando cada maldito segundo lutando contra o impulso de dar uma estocada para frente. Stella parou no momento em que seus quadris encontraram os meus e ela percebeu que tinha conseguido me receber por inteiro, com os flancos arfando enquanto respirava.

Ela arqueou a coluna, girou os quadris e deixou a cabeça cair para frente.

— Porra, você é tão gostoso. Eu também sou gostosa?

Abri a boca para dizer que ela era gostosa de um jeito capaz de mudar uma vida inteira e percebi, no último segundo, que era uma armadilha.

Ela olhou por cima do ombro e me lançou um sorriso malicioso.

— Bom garoto.

Ah, merda, Jesus Cristo, eu não ia aguentar.

Meu baixo ventre se contraiu, as coxas tremeram, as mãos agarraram a cabeceira com força total. Aquilo era, *literalmente*, tortura.

Eu estava dividido entre querer morrer e querer viver neste momento para sempre, porque nunca estive tão focado na minha vida; não havia um único

pensamento ou sentimento em todo o meu corpo, exceto minha necessidade avassaladora de gozar. Eu tinha pedido para Stella desligar o meu cérebro e ela cumpriu com maestria, e eu ia *venerá-la* pra caralho por isso, se ela algum dia me permitisse.

Ela rebolou os quadris novamente, inclinou-se para frente e então bateu com tudo de volta em mim. Eu quase apaguei. Ela fez de novo, e comecei a rezar pela primeira vez na vida, implorando a qualquer um que estivesse ouvindo para me conceder a força de vontade necessária para sobreviver àquilo.

Os minutos seguintes foram como uma experiência fora do corpo. Stella se fodia no meu pau como se eu não fosse nada além de um acessório, e foi a coisa mais excitante que já vi na vida. Meu corpo inteiro começou a tremer. O suor deixava minha pele escorregadia. Minhas bolas estavam tão tensas que doíam, e eu estava ajoelhado há tanto tempo que meus pés começavam a ficar dormentes.

— Vou gozar — gemeu Stella, chocando-se para trás. — Vou gozar com força nesse pau, Tyler.

Eu sabia que ela estava dizendo a verdade porque a boceta dela estava praticamente estrangulando meu pau. Lágrimas arderam nos cantos dos meus olhos. Senti um soluço desesperado crescendo no fundo da garganta. Eu precisava gozar ou poderia realmente desmaiar. Ou morrer. Porra, isso era possível? Eu certamente *me sentia* como se estivesse morrendo.

Por favor, me deixe gozar, comecei a implorar a ela, repetidamente, em minha mente.

— Ai, meu Deus — gemeu ela, estocando com mais força, mais rápido. — Ai, porra. Tyler, sim!

Ela jogou a cabeça para trás, a espinha arqueando, os quadris trabalhando furiosamente, a boceta se apertando como um torno enquanto ela gozava. Estrelas explodiram em minha visão. Eu ia morrer. Um ataque cardíaco, aos vinte e cinco anos. Stella se enterrou totalmente uma última vez, parando ali, girando os quadris enquanto seus músculos pulsavam ao redor do meu pau.

— Pode gozar — disse ela, e a sensação que rugiu através de mim foi tão primitiva, tão instintiva, tão *crua* que não poderia ser descrita com palavras modernas.

Eu me arranquei de dentro dela, virei-a de costas e meti com tudo, enterrando-me até as bolas e gozando imediatamente com tanta força que o som que escapou da minha garganta nem parecia humano. Eu parecia uma fera selvagem. Porra, eu me *sentia* como uma, estocando nela repetidamente, gozando com mais intensidade e por mais tempo do que jamais havia gozado antes.

Ela se agarrou a mim durante tudo aquilo, os braços envolvidos em meus ombros, as pernas ao redor dos meus quadris, arquejando, gemendo e sussurrando palavras de elogio.

Depois, desabei sobre ela, exausto e trêmulo enquanto enterrava minha cabeça em seu pescoço e apenas respirava o seu cheiro. Ela deslizou as unhas pelas minhas costas e eu estremeci, envolvendo-a em meus braços e nos virando de lado para não esmagá-la, ainda enterrado fundo, meu pau contraindo-se com os espasmos posteriores do orgasmo.

— Sabe qual é a parte mais irritante de tudo isso? — perguntou ela, como se estivesse retomando o fio de uma conversa que estávamos tendo.

Rocei meu nariz naquele ponto atrás da orelha dela.

— Não, qual é?

— Que se você tivesse sido menos babaca, poderíamos estar fazendo *isso* desde o começo.

Meus ombros sacudiram. Só Stella mesmo para me fazer rir logo depois de me fazer gozar tão forte que cheguei a ver Deus.



De alguma forma, encontramos forças para voltar ao chuveiro juntos. O desejo de cair imediatamente em um sono profundo e sem sonhos depois do que tínhamos acabado de fazer era forte, mas estávamos ambos cobertos de suor e do gozo um do outro, e a ideia de acordar sujos e grudentos foi o suficiente para nos convencer.

— Você se saiu muito bem — disse Stella, esfregando minhas costas enquanto eu ficava sob a água.

Sorri.

— Você não estaria dizendo isso se soubesse quantas vezes eu quase gozei dentro de você antes de você me dar permissão.

Ela deu um tapa na minha bunda, forte o suficiente para que provavelmente deixasse uma marca, e lá se foi o meu pau de novo, começando a despertar para a vida. Abaixei a cabeça, encarando-o como quem diz: *Sério? O que você planeja fazer? Não sobrou nada no tanque, mano.*

Stella tinha me esgotado. Minha cabeça estava leve, as pernas fracas, e eu estava tão desidratado que me sentia de ressaca.

Ela cutucou minha bunda em seguida, uma unha cravando bem na carne de uma das nádegas antes de recuar subitamente. A mão dela se espalmou sobre o local. Apertou.

— Contrai — disse ela, e eu fiz o que me foi pedido. — Sim. Eu quero morder.

— Curte uma bunda, hein?

— Confirmado. — Ela me deu outro aperto. — Porra, Tyler. Eu quero morder e depois tatuar as marcas dos meus dentes em você.

Meu pau deu um solavanco com a ideia.

— Sim.

A testa dela encostou nas minhas costas, e sua voz saiu ofegante.

— Tem certeza?

— Meu Deus, sim. Eu ficaria duro o tempo todo enquanto você fizesse isso.

Ela soltou um som sofrido.

— Não me deixe excitada. Não posso gozar de novo. Três vezes não deve ser bom para quem tem um ferimento na cabeça, e tenho quase certeza de que uma quarta poderia me matar.

Ah, então ela *tinha* gozado de novo quando eu gozei.

— Além disso — disse ela, espalmando ambas as minhas nádegas e as abrindo levemente. — Sinto que precisamos estabelecer mais regras básicas. Primeira pergunta: o que você acha de *pegging*?

Eu ri e me virei, e a visão dela olhando para mim com aquele sorriso malicioso, mesmo estando visivelmente exausta e *ferida*, atingiu meu coração em cheio. Eu a puxei para meus braços, cuidadoso como eu deveria ter sido o tempo todo.

— Merda, Stella.

— Isso é um não para o *pegging*? — murmurou ela contra o meu peito molhado. — Essa reação é confusa.

— Você está bem?

— Sim?

— Não, eu quero dizer… eu acabei de te machucar? Porra, por que eu tenho que ser sempre tão *egoísta*?

Ela se afastou de repente.

— Ei, para com isso.

O olhar no rosto dela não admitia discussões, então mordi a língua.

— Eu estou *bem* — disse ela. — Sim, estou toda ralada, absolutamente morta de cansaço, mas você e eu precisávamos disso, Tyler. E eu estive no controle o

tempo todo. Se eu achasse que não daria conta, teria parado.

Eu a encarei, incerto.

Ela segurou meu rosto e me puxou para o nível dela.

— Você me ouviu, sim ou não?

— Sim.

Ela não me soltou, mas o aperto suavizou.

— *Você* está bem?

Balancei a cabeça.

— Não. Eu achei que você tivesse morrido, e isso me fez perceber que passei a minha vida inteira focado na coisa errada, acreditando que, se eu finalmente me vingasse do que aconteceu comigo e com minha mãe, isso me consertaria. — Coloquei a mão no peito. — Consertaria o que quer que esteja quebrado aqui dentro.

A expressão dela se suavizou.

— Você não está quebrado.

Foi a minha vez de me soltar do toque dela.

— Estou, sim. E eu sei que palavras não são suficientes para compensar tudo, mas eu sinto muito pra caralho, Stella. Quero que você saiba que, de todas as merdas horríveis que eu fiz e planejei fazer, tratar você daquela forma foi a pior. O meu fundo do poço.

— Eu sei.

— Sabe?

— É. Você está diferente desde que recuperei a consciência. No limite do tolerável.

Balancei a cabeça.

— Por que você ainda está aqui comigo?

— Hum, você me sequestrou, seu psicopata! Bateu a cabeça também? — Ela abriu um sorriso. — Ou eu te deixei idiota de tanto sexo?

— Com certeza deixou, mas eu quero dizer… por que você não ligou para a polícia e disse onde estamos?

— Porque eu não acho que você deva ir para a cadeia. Acho que você deveria ir para a terapia.

— Meu melhor amigo diz isso há anos — admiti.

— Você deveria ouvir ele. Você tem muita raiva e, antes que fique bravo, não estou dizendo que não seja justificada, mas, tipo, puta merda, o que você descobriu hoje é pesado demais, e acho que vai precisar de um profissional para te ajudar a processar tudo isso.

Passei a mão pelo rosto.

— Você provavelmente tem razão. — Na minha cabeça, revivi toda aquela cena horrorosa com a minha tia. — E se Jenny estivesse mentindo?

— Você é o especialista em linguagem corporal. Acha que ela estava?

Suspirei.

— Não.

— Richard ainda pode ter sido um babaca. Meu pai sempre disse para ouvir os dois lados de uma história porque a verdade geralmente está em algum lugar no meio. E se Richard ficou assustado e *realmente* afastou sua mãe quando ela disse que estava grávida? E depois que ela foi embora, ele caiu em si e tentou encontrá-la, mas aí já era tarde demais e a confiança estava quebrada?

— Nunca vamos saber — falei. — Porque minha mãe está morta, então nunca poderei perguntar a ela por que mentiu para mim.

Stella envolveu minha cintura com os braços.

— Sinto muito. Ela deve ter pensado que estava fazendo a coisa certa.

— E ainda assim, o que foi que você e Jenny disseram? Que eu acabei me tornando algo pior do que as pessoas de quem ela estava tentando me proteger?

Stella me apertou mais forte.

— Sinto muito.

— Não sinta. Você não estava errada. Eu tenho sido um babaca desde o dia em que o legista me entregou as cinzas da minha mãe.

Ela não se deu ao trabalho de discutir comigo. Ambos sabíamos que eu estava certo.

— Mesmo assim, sinto muito — disse ela.

— Você realmente não deveria, Stella — falei. — Porque você estava certa. Eu *planejava* usar aqueles funcionários para derrubar o Richard. Entre outras pessoas com quem falei sempre que você estava de costas. Eu ia chantageá-las exatamente como fiz com você, fazê-las desenterrar toda a sujeira que pudessem encontrar ou plantá-la se não houvesse nenhuma. E então eu ia *realmente* pressioná-las, forçá-las a me ajudar a destruir a empresa, tijolo por tijolo.

— Como você sabia que elas sequer aceitariam? — perguntou Stella.

— Por causa do que te contei nos túneis. Os segredos delas são sombrios o suficiente para eu apostar que fariam qualquer coisa para mantê-los escondidos. Que, se a escolha fosse entre a cadeia e seguir minhas ordens, elas me escolheriam todas as vezes. Especialmente porque eu não planejava exigir demais de nenhuma pessoa individualmente.

— Desgaste progressivo — disse Stella, em perfeita compreensão.

— Sim. No início, seus pais estavam incluídos no plano, mas depois de todo o tempo que passamos juntos, e com eles, mudei de ideia. E não estou dizendo isso para te amolecer; eles ainda seriam pegos no fogo cruzado, provavelmente perderiam uma tonelada de dinheiro. Mas Richard levaria a pior, e eu não pararia até que ele perdesse tudo. Não apenas financeiramente. Eu o queria tão sozinho, destituído e indefeso quanto minha mãe tinha ficado.

Stella ficou em silêncio por um longo tempo, mas me consolei com o fato de que ela ainda estava me abraçando.

— Você não vai fazer nada disso agora — afirmou ela.

— Não, eu juro. E eu sei que já disse isso, mas sinto muito pra caralho — repeti a ela, dando um beijo no topo de sua cabeça.

— Acho que o que importa mais do que tudo é como você vai seguir em frente — disse ela. — Minha dívida está obviamente perdoada.

— Bem, calma aí.

Ela beliscou minha lateral.

— E quaisquer outras pessoas inocentes em quem você mirou também estão livres.

— Ah, eu não estava mentindo quando disse que a maioria dos meus clientes ou merece me ter como um problema ou pode pagar o que deve. Mas, é, eu cansei. A polícia vai estar procurando pelo meu alter ego, então preciso sumir por um tempo, o que espero que me dê tempo para organizar toda essa merda e compensar por todo o mal que fiz.

— Mas e quanto ao mal que todos os outros fizeram? — perguntou ela. — Eu ainda *adoraria* que Maddie e Feddy. e todos os outros babacas que eu conheço finalmente pagassem por seus crimes.

Dei de ombros.

— Fácil. Faço meu melhor amigo hacker vazar anonimamente tudo o que descobri sobre eles para a imprensa. Esta cidade já está furiosa com os ricos por esconderem Bradley Bluhm por tanto tempo. Todos estão famintos por mais sangue e, por causa disso, será impossível para essas pessoas varrerem as coisas para debaixo do tapete ou pagarem para sair dessa desta vez.

— Diabólico. Me diga o que posso fazer pra ajudar.

— Você ainda quer ajudar?

— É claro que quero. Mas fazer do seu jeito parece um pouco fácil demais para mim. Devíamos encontrar uma maneira de fazê-los sofrer mais.

Eu me afastei um pouco para olhar para ela.

— Quem *é você*?

Ela riu, um som curto e diabólico.

— Stella, se você estiver se comportando. Senhora, se não estiver.

Meu pau deu um solavanco entre nós, denunciando o quanto eu gostei daquela ideia.

— Mas eu sou um babaca. Provavelmente vou continuar sendo mesmo depois da terapia. Sou mal-humorado e odeio a maioria das pessoas.

— E daí? A maioria das pessoas são idiotas, e não sei se você notou isso sobre mim, mas não sou exatamente a pessoa mais agradável do mundo para se ter por perto.

— Ah, qual é, Raio de Sol — provoquei. — Agora quem está se subestimando?

— Tyler, eu juro por Deus.

— Desculpe. Eu quis dizer Vadia do Lanche.

Ela rosnou, os dentes se abrindo como se estivesse se preparando para me morder.

— Eu quis dizer senhora! — corrigi.

— Ah, não. — Os olhos dela se arregalaram enquanto olhava para mim. — Isso vai ser um tiro pela culatra.

Eu sorri.

— Gosta quando te chamo de senhora, hein?

Ela assentiu.

— Quase tanto quanto o som de você implorando por isso.

Eu fiquei sério.

— Então… é isso? Você simplesmente vai… me perdoar?

Sua boca se abriu em uma gargalhada alta que ecoou pelo banheiro.

— De jeito nenhum. Você vai ter que *rastejar* pra caralho. E me provar que vai fazer algumas mudanças. Não estou pedindo que vire uma pessoa completamente diferente, mas você consegue ser tão cruel quando está de mau humor, e eu me recuso a aturar isso de novo.

— Você não vai precisar — falei. — Eu prometo. Vou encontrar alguém pra conversar. Talvez usar a terapeuta do meu melhor amigo. Deus sabe que aquela mulher sabe guardar segredos.

— E eu não estou, tipo, dizendo que estamos juntos nem nada — continuou ela. — Eu só… quero ver se tem algo aqui.

— Tem — falei. — Pelo menos pra mim. Eu estou na sua desde aquele primeiro beijo e só estava tentando lutar contra isso.

— Eu sabia — disse ela, balançando a cabeça. — Você ficava duro toda vez que a gente brigava, não ficava?

Eu me inclinei e dei uma mordidinha no ombro dela.

— Toda maldita vez.

Saímos do chuveiro quando a água começou a esfriar, deslizando para a cama nus porque estávamos com poucas roupas.

— Te vejo em uma hora — falei, colocando um alarme.

— Você não vai mesmo me acordar, vai?

— Você está com uma concussão.

— Uma concussão *leve*. Minha cabeça nem dói mais tanto, e o hospital disse que não precisávamos fazer isso.

— Não vou arriscar — falei, virando-a de costas para mim e puxando-a para perto sob as cobertas.

— Não — disse ela, com a voz severa. — Mau garoto, Tyler.

Eu ri baixo.

— O fato de você ser minha *dom* não se aplica à sua saúde e bem-estar.

Ela resmungou, mas se aconchegou, sem se dar ao trabalho de lutar comigo porque provavelmente sabia que era sensato ser cautelosa.

Alcancei o interruptor para apagar a luz e, com as cortinas *blackout* bloqueando o sol poente, parecia que Stella e eu estávamos em nosso próprio mundinho.

— Por que você realmente quis vir aqui se tinha tanta certeza de que estava certo? — perguntou ela.

— Você é realmente muito mais esperta do que parece.

Ela me deu uma cotovelada.

Suspirei.

— Porque uma pequena parte de mim duvidava de si mesma depois de conhecer Richard. Ele… não era o que eu esperava. Eu o odiei por tanto tempo que o transformei nesse monstro na minha cabeça. E então, conhecê-lo e vê-lo agir como um cara normal? Acho que isso me desestabilizou completamente. Toda vez que estávamos perto dele, eu prestava atenção e não via nenhum sinal de que ele estivesse mentindo sobre as coisas que dizia, ou fingindo, ou escondendo o fato de ser um sociopata secreto.

Descansei a cabeça atrás da de Stella no travesseiro, baixando a voz.

— É por isso que eu era tão babaca com você sempre que ele estava presente. Parte do motivo pelo qual eu te manipulei para voltar lá para dentro na noite da festa da empresa. Eu precisava vê-lo uma última vez, precisava olhar na cara

dele e rir silenciosamente enquanto fazia as apresentações aos funcionários que eu planejava chantagear. Depois daquela noite, fiquei ainda mais determinado a derrubar Richard porque eu *não podia* estar errado sobre ele. Passei tempo demais planejando isso, tempo demais trabalhando para isso, e estava tão perto de finalmente alcançar meu objetivo que *precisava* ir até o fim. Eu estava desesperado porque a pequena chance de eu estar errado era aterrorizante demais para encarar.

Puxei Stella para mais perto, insanamente grato por ela estar viva e, no geral, bem. Mesmo que esta fosse a única vez que eu pudesse segurá-la, seria o suficiente apenas saber que ela estava viva e respirando no mesmo mundo que eu.

— Sinto muito por tudo o que aconteceu — falei. — Especialmente ontem à noite e hoje. Eu estava louco, e não caí na real até que Jenny te atingiu e eu achei que pudesse ter causado a sua morte. Não é à toa que você me odeia.

— Eu te odiei tanto — disse ela, e minha atenção percebeu o tempo passado naquela frase.

— Não odeia mais?

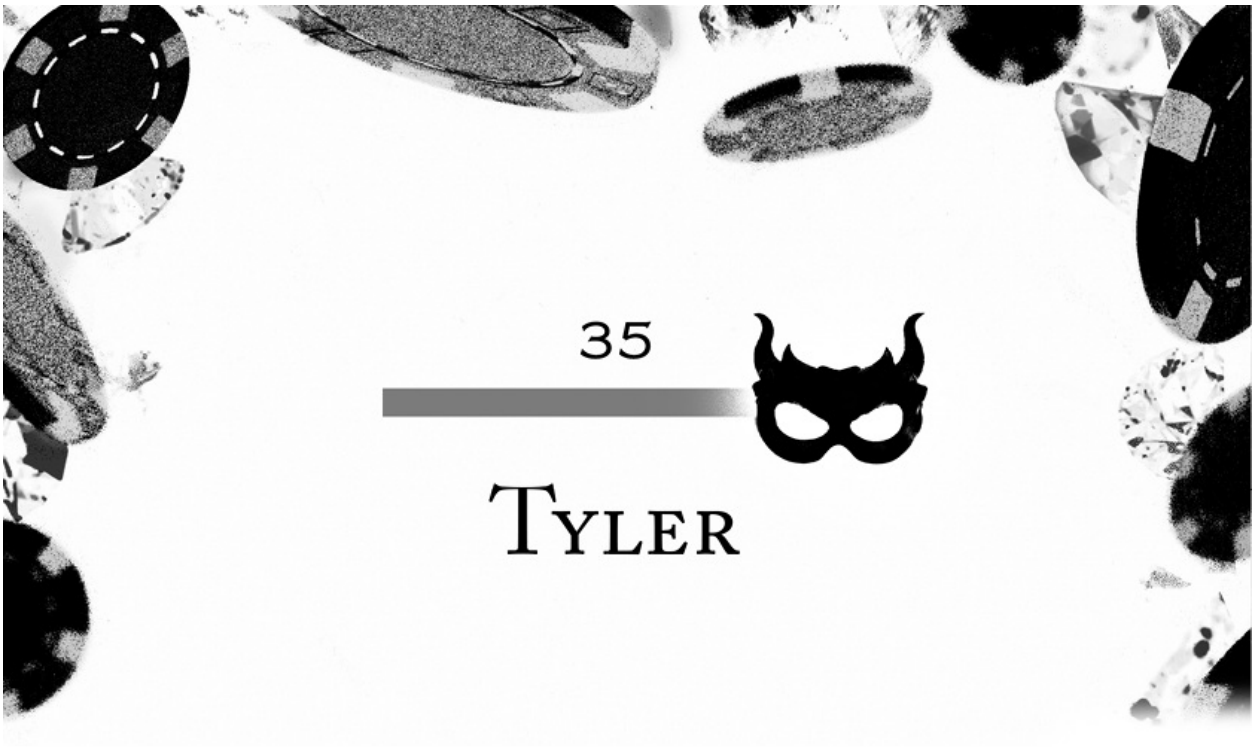
— Talvez um pouco. Mas também gosto um pouco de você.

— Eu não mereço outra chance.

— Eu também não merecia — disse ela. — Sete anos atrás. E, ainda assim, meus pais me deram uma. Blake deu. Runa. Aquele acidente foi o meu momento de mudança de vida, minha chance de me tornar alguém diferente, alguém melhor, alguém novo. Talvez este seja o seu momento. Você teve uma infância horrível, cheia de traição e perda, e pessoas te dando as costas. Talvez só precise de alguém que esteja presente quando você mais precisa. Alguém que te dê uma chance. O que vai fazer com ela depende de você.

Dei um beijo de agradecimento no topo da cabeça dela, porque não queria fazer promessas até que ela pudesse confiar que eu as cumpriria. Em vez disso, prometi a mim mesmo que não desperdiçaria essa oportunidade. Que faria o que fosse preciso para me tornar um homem digno da Stella, mas, mais importante, digno de mim mesmo. Passei a vida inteira vivendo para outras pessoas, focado em como elas tinham me prejudicado ou me traído.

Era hora de começar a viver para mim mesmo.



35

Tyler

Dormimos a noite toda e até tarde na manhã seguinte, acordando de hora em hora, por mais ranzinza que Stella ficasse com isso.

Dormir nus provou ser conveniente quando decidimos nos levantar de vez; eu a virei de costas e explorei seu corpo ainda sonolento com meus dedos e língua até que ela estivesse excitada o suficiente para me receber. Eu a tomei de forma lenta, mas profunda, gravando o som de seus pequenos suspiros na memória, amando a maneira como sua boceta se agarrava ao meu pau toda vez que eu recuava, como se estivesse desesperada para me manter dentro dela. Todo o meu tempo estudando os sinais das pessoas se mostrou útil enquanto eu aprendia do que ela gostava, o que ela amava. A maneira como suas coxas tremiam ao meu redor quando eu atingia certo ponto, como sua respiração falhava quando eu roçava meu polegar em um mamilo.

Fiz com que ela gozasse duas vezes antes de me permitir, e depois descansei meu peso cuidadosamente sobre ela enquanto ela me abraçava.

Por fim, encontramos força de vontade para sair da cama e nos arrumar. Eu só tinha reservado o quarto por uma noite, e Stella provavelmente não podia se dar ao luxo de faltar ao trabalho por mais de um ou dois dias. Ela não tinha dito nada, mas eu sabia que ela devia ter perdido dinheiro ao ter que reduzir as horas por minha causa. Apenas mais um motivo para eu ficar puto comigo mesmo. Não havia como voltar atrás e mudar como eu tinha me comportado, então eu

teria que encontrar alguma maneira de compensá-la — talvez interceptar as contas médicas de Runa ou seguir o exemplo de Junior e pagar secretamente a hipoteca dela.

— Se importa se passarmos no cemitério? — perguntei enquanto arrumávamos as coisas. — É no caminho de volta, e faz um tempo que não visito.

— Claro que não me importo — disse Stella. — E eu gostaria de ir com você, para vê-la, se estiver tudo bem. Mas entendo se quiser um tempo sozinho também.

Balancei a cabeça.

— Não. Eu quero você lá.

Juntos, fizemos o check-out e pegamos a estrada, dirigindo quarenta minutos para o sul antes de pegar a saída para o vilarejo pacato à beira do lago que minha mãe sempre amou. A igreja era pequena e humilde, mas a tinta branca estava fresca e tinha uma bela vista para a água. Conduzi Stella até o topo da colina onde minha mãe estava enterrada, feliz por ver que as flores junto à lápide ainda estavam frescas, e fiz uma nota mental para mandar uma mensagem de agradecimento ao Sr. Ansel.

— Mãe, esta é Stella — falei. Eu sabia que ela não estava mais por aqui, sabia que talvez ela nem conseguisse me ouvir de onde quer que estivesse, mas sempre parecia certo falar com ela. — Ela teve a bondade de *não* me assassinar, apesar do fato de eu ter lhe dado vários bons motivos para isso.

— Foi por um triz por algum tempo — acrescentou Stella, falando diretamente para a lápide como se não achasse nada estranho.

Ficamos lá por uma hora; Stella acabou se afastando para me dar um tempo sozinho e, quando terminei de me despedir, soube o que precisava fazer a seguir. Minha mãe não estava por perto para me contar o que tinha acontecido todos aqueles anos atrás, mas meu pai ainda estava.

Entrelacei meus dedos nos de Stella enquanto caminhávamos de volta para o carro, grato por não precisar de uma desculpa desta vez, reconhecendo que passei o último mês constantemente procurando motivos para tocá-la.

— Tudo bem se fizermos mais uma parada antes de eu te deixar em casa? — perguntei, segurando a porta para ela.

— Claro — disse ela, acomodando-se no banco do passageiro. — Aonde vamos?

— Ver Richard — respondi. — Eu posso ir sozinho, mas… prefiro que você esteja comigo.

A expressão dela se suavizou.

— Eu vou com você.



A noite já caía quando voltamos da nossa viagem. Eu esperava que Richard morasse em algum palácio nas alturas ou em uma propriedade grandiosa como a dos pais da Stella, mas ela me guiou até um bairro bem no coração da cidade. Ainda era um bairro *nobre*, com as ruas repletas de sobrados particulares e um paisagismo impecável, mas não era nem de longe o mais caro da região, e isso me surpreendeu.

— Ele mora *aqui*? — perguntei.

Stella bufou.

— Agora quem é o esnobe?

— Não, só quero dizer que ele poderia morar em qualquer lugar. Por que aqui?

Ela deu de ombros.

— Vai ter que perguntar isso a ele, mas ele sempre foi bem reservado.

Mais fácil se safar sendo um tremendo babaca quando não tem ninguém te vigiando, um pensamento sombrio borbulhou.

Merda. Eu obviamente ainda guardava muita raiva desse homem. Será que eu estava realmente pronto para encará-lo? Talvez fosse cedo demais, e eu devesse me dar mais tempo primeiro.

Stella tocou meu ombro, com a voz suave, obviamente sentindo minha hesitação.

— Não precisamos fazer isso.

Balancei a cabeça.

— Não, eu quero. Quanto antes eu começar a juntar as peças da verdade, melhor. — Falar com Richard era o passo certo, o ponto de partida que eu precisava para me reorganizar e decidir para onde ir depois de chegar à porra do fundo do poço.

Respirei fundo enquanto saíamos do carro e, juntos, subimos as escadas até a porta da frente de Richard. Ele nos recebeu lá, já que Stella tinha mandado uma mensagem avisando que estávamos a caminho.

— Oi, vocês dois — disse Richard, abrindo a porta. Ele vestia uma calça social escura e camisa branca de botões.

Uma onda instintiva de raiva irrompeu dentro de mim ao vê-lo, mas eu a esmaguei.

— Obrigado por aceitar nos receber.

— É um prazer — disse ele, fechando a porta e nos seguindo pelo hall de entrada com painéis de madeira. — E devo dizer que estou curioso para saber sobre o que vocês querem falar comigo. Stella foi vaga nos detalhes.

Stella olhou dele para mim, e eu pude ver a oferta silenciosa de ajuda em seu rosto. Assenti levemente, dizendo que eu conseguia dar conta, e ela se aproximou, envolvendo minha cintura com um braço em um gesto de apoio.

Foquei novamente em Richard, finalmente admitindo para mim mesmo o quanto éramos parecidos, permitindo-me enxergar tudo o que eu vinha ignorando. A maneira como os olhos dele se enrugavam quando sorria. A linha do maxilar. O desenho do cabelo.

Limpei a garganta.

— Minha mãe era Meg Neumann.

Richard empalideceu e deu um passo para trás.

— Eu achei que estava ficando louco. — Seus olhos me percorreram de cima a baixo. — Achei que tivesse passado tanto tempo tentando encontrá-la que estava começando a ver partes dela em todos os lugares por onde passava, até mesmo os traços dela em rostos de estranhos. Na primeira vez que nos encontramos, olhei uma única vez para os seus olhos e quase perguntei se você a conhecia, porque eles são exatamente iguais aos de Meg.

Credo. Isso não teria acabado bem.

— Você não estava imaginando coisas — disse a ele.

Ele me observou da mesma forma que eu o observara um momento antes, como se comparasse todas as nossas semelhanças.

— Você é… meu? Meu filho? — perguntou ele, e a nota de esperança em sua voz, combinada com sua expressão sincera, foi como uma facada no meu peito.

— Sou, mas posso fazer um teste de DNA se você preferir.

Ele balançou a cabeça.

— Não preciso. Quer dizer, deveríamos fazer para fins de registro, mas, meu Deus, você é a nossa cara. Exatamente como um filho nosso seria. E… Meg? Ela está aqui também?

A faca girou ainda mais fundo.

— Não, ela… — Respirei fundo. — Ela faleceu há nove anos, de câncer de ovário. Sinto muito.

Os olhos dele ficaram marejados, e uma nota de desespero surgiu em sua voz.

— Não, *eu* sinto muito. Isso tudo é culpa minha. Por favor. Me dê uma chance de explicar.

Assenti.

— Foi para isso que eu vim aqui.

Stella segurou minha mão enquanto ele nos conduzia à sala de estar. Minha cabeça girava. Não é que eu estivesse esperando uma grande explosão com o homem — ele tinha sido sempre tão equilibrado e descontraído nas outras vezes em que interagimos —, mas sua aceitação fácil ainda me desconcertou. Talvez porque fosse tão diferente de todos os confrontos que eu havia imaginado. A forma como planejei rir na cara dele quando dissesse que eu era a causa de sua queda; a forma como esperei que ele implorasse, implorasse por misericórdia, apenas para eu dizer que não tinha nenhuma.

Ele levantou a mão, indicando o sofá para mim e Stella, e notei o leve tremor em seus dedos, o rubor em suas bochechas, a umidade acumulada em seus olhos. A notícia da morte da minha mãe tinha acabado com esse homem, e ele mal conseguia se manter inteiro.

Puta merda.

Como eu pude estar tão errado sobre tudo?

Stella e eu nos sentamos. Richard se deixou cair em uma poltrona à nossa frente, respirou fundo e nos contou o que havia acontecido. Pela ausência de sinais de mentira e pela forma brutal como ele não poupava a si mesmo, eu acreditei nele; acreditei que aquela era a história *real*. Ele descreveu como conheceu minha mãe, admitiu que soube que estava encrencado desde a primeira vez que ela sorriu para ele. Ele até reconheceu a diferença de idade, dizendo que, embora ela fosse ingênua em alguns aspectos por causa da forma como foi criada, também era uma alma antiga devido a tudo o que passara com a família.

O casamento dele já estava acabado naquele ponto; ele e a esposa só não tinham entrado com a papelada ainda porque sabiam o quão conturbado seria. Minha mãe tinha sido um sopro de ar fresco para ele. Aberta, honesta, sem malícia, tão diferente da maioria das pessoas que ele conhecia. Ele prometeu a si mesmo, após conhecê-la, que não voltaria ao café dela, porque ela merecia coisa melhor do que um homem casado de trinta e cinco anos que não podia lhe fazer promessas.

Ele resistiu por uma semana antes de voltar e, embora dissesse a si mesmo que seria realmente a última vez, a partir dali, em todo intervalo de almoço ele se encontrava sentado à mesa de Meg.

— Eu deveria ter dito imediatamente que era casado — disse ele. — Não me orgulho de não ter feito isso, e não estou inventando desculpas. Na época, eu duvidava que alguma coisa pudesse se desenvolver entre nós. Estava convencido de que ela era doce comigo porque era assim que Meg era com todo mundo. Ela era a pessoa mais gentil que já conheci.

Apertei a mão da Stella, e ela se aproximou mais de mim no sofá.

Richard continuou descrevendo o romance avassalador deles. Pelo lado dele, parecia mais que ela é que o tinha arrebatado; o sorriso bobo dele deixava claro que ele estava caidinho por ela. Ainda assim, ele pensou que talvez fosse apenas um caso passageiro, que Meg conheceria alguém mais jovem, mais bonito, mais disponível e terminaria com ele. Isso não aconteceu e, no dia em que percebeu que estava se apaixonando por ela, ele contou sobre a esposa. Naquela altura, eles finalmente haviam entrado com o pedido de divórcio, mas ele sabia que levaria meses, se não anos, até que conseguissem separar todos os seus bens. Minha mãe o perdoou — fácil demais, disse ele — e disse que estava disposta a esperar.

Então eles continuaram o relacionamento. Nesse ponto, sua futura ex-esposa também estava saindo com alguém e Richard, achando que estaria tudo bem, levou minha mãe a alguns encontros menores, com amigos próximos. Amigos que ele cortou depois da maneira como a trataram. Apenas os McCormick receberam minha mãe de braços abertos.

Meu rosto esquentou ao pensar como fui rápido em condená-los junto com Richard, presumindo o pior.

Richard disse que ficou chocado quando minha mãe engravidou, porque eles tinham sido muito cuidadosos, e que não reagiu bem. Disse a ela que precisava de alguns dias para processar a notícia, uma escolha da qual ele se arrependia profundamente.

— Levei um dia — disse ele — para tirar a cabeça do rabo e perceber que eu seria o homem mais sortudo do planeta por ter um filho com aquela mulher incrível. — Ele acenou com a mão, gesticulando para a sala. — Dei entrada nesta casa no segundo dia, porque Meg amava muito este bairro. Passei o terceiro dia tentando escolher o anel de noivado perfeito, porque sabia que queria me casar com ela assim que estivesse legalmente livre.

O sorriso dele se tornou amargo.

— Liguei para ela no quarto dia, mas o telefone tinha sido desligado e o apartamento estava vazio. Foi aí que percebi o quanto eu tinha errado feio. O quanto eu vinha errando. Mas já era tarde demais. Ela tinha esperado por mim

por tanto tempo que eu simplesmente presumi que esperaria mais alguns dias, e esse foi o meu erro. Nunca vou me perdoar por ter tomado a gentileza dela como garantia.

Quase implorei para que ele parasse de falar, sem saber quanto mais eu aguentaria ouvir. Tanta coisa na história dele batia com a da minha mãe, mas onde elas divergiam era o que acabava comigo. Minha mãe mentiu para mim a vida inteira. Esse homem não foi o responsável pela ruína dela. *Ela foi*. Ela foi o motivo de eu ter crescido daquela forma, de termos passado por tantas dificuldades. Como ela pôde pensar que *aquela* era a melhor escolha? Isso me fez questionar se ela algum dia duvidou de sua decisão, se alguma vez se sentiu tentada a voltar para a cidade de procurar Richard.

Por que porra você não voltou?, eu queria gritar com ela. Se ela tivesse voltado, teria sobrevivido. Se tivesse voltado, eu teria crescido e me tornado uma pessoa diferente. Uma pessoa melhor. Um homem digno de alguém tão incrível quanto Stella.

Em vez disso, eu era uma casca vazia agora que meu plano equivocado de vingança tinha ido por água abaixo.

Richard piscou e pareceu voltar a si.

— Eu tentei encontrar vocês dois. Por anos. E embora soubesse sobre a infância de Meg, foi só depois que ela partiu que percebi que ela nunca sequer tinha me dito o nome da cidade onde cresceu. Outro erro egoísta da minha parte. Eu deveria ter perguntado. Deveria ter implorado por cada informação que ela estivesse disposta a me dar.

As palavras dele espelhavam meus próprios sentimentos de arrependimento em relação a Stella, e soltei nossas mãos para envolver os ombros dela com meu braço, apenas para me lembrar de que ela ainda estava aqui e que, ao contrário de Richard, eu tinha recebido uma segunda chance.

— O que… — A voz dele falhou, e ele pigarreou para limpá-la. — O que aconteceu? Depois que ela foi embora?

Engraçado; depois de tantos anos querendo arruinar este homem, agora que eu tinha minha chance, eu não conseguia. Depois de tudo o que ele confessou, percebi que a verdade o *destruiria* — saber que minha mãe o transformou em um vilão com a esperança de que isso nos mantivesse afastados. Foi a única crueldade que ela já cometeu, e deve ter acabado com ela por dentro.

Por que, mãe?, eu me perguntava repetidamente, sabendo que nunca teria uma resposta.

Em vez disso, pela primeira vez em muito tempo, escolhi a gentileza.

— Você não foi o motivo de ela ter ido embora. Ou pelo menos, não o único motivo. No fundo, ela queria que eu tivesse uma infância normal, porque achava que crescer cercado de riqueza poderia impactar negativamente o meu desenvolvimento. Ela voltou para casa e continuou trabalhando como garçonete até ficar doente, me criando da melhor maneira que pôde.

Richard passou a mão pelo rosto.

— Ela chegou a se casar? Teve mais filhos?

Balancei a cabeça.

— Não. Acho que ela nunca superou você de verdade.

Ele xingou baixinho e se levantou, as mãos nos quadris enquanto dava alguns passos para longe, tentando se recompor.

— Sinto muito — disse ele depois de um minuto. — Você deve saber que eu também nunca a superei. É por isso que eu não saio com ninguém. Por isso que fiquei neste sobrado todos esses anos. Eu continuei esperando que talvez, um dia, eu encontrasse vocês dois e consertasse tudo, ou pelo menos tivesse a chance de te conhecer e pedir desculpas à sua mãe.

— Ela teria te aceitado de volta — falei, sabendo que era a verdade. Supondo que esse era o motivo pelo qual ela se forçara a ficar longe.

Richard voltou ao seu lugar.

— Como você está? Como foi sua infância? Qual era sua matéria favorita na escola? Eu quero saber tudo. — Ele balançou a cabeça. — Desculpe. Não estou tentando te sobrecarregar. É que eu estive procurando por você por tanto tempo, e tudo isso é muito surreal. Vamos começar com uma pergunta fácil. Há quanto tempo você sabe que eu sou seu pai?

— Desde o começo — respondi. — Mas não achei que você quisesse me conhecer.

— Bom, acho que já deixei isso claro, pelo menos.

Assenti, com o coração na garganta. Sim, ele certamente tinha deixado claro.

Ele olhou de mim para Stella.

— Espera. Como vocês dois se conhecem?

Abri a boca para inventar alguma resposta, mas Stella foi mais rápida.

— Ele apareceu no meu estúdio de tatuagem uma noite e me convenceu a levá-lo a algumas festas. E não, na época, eu não sabia que ele era seu filho. Só descobri ontem à noite.

Richard franziu a testa.

— Então vocês dois *não estão* juntos?

Stella e eu falamos ao mesmo tempo:

— É complicado.

Ele levantou as mãos.

— Entendido. Desculpem a intromissão. Só estou tentando processar tudo isso.

— Desculpe pela enganação — falei, percebendo que falava sério.

— Há quanto tempo você mora na cidade? — perguntou Richard.

— Quatro anos — respondi.

Passamos as duas horas seguintes respondendo às perguntas um do outro. Eu não menti descaradamente, mas evitei a verdade sobre minha infância e sobre o quão difícil a vida da minha mãe tinha sido depois que ela o deixou. Infelizmente, Richard não era idiota e, embora não dissesse nada abertamente, eu podia perceber que ele sabia que havia mais na história do que eu estava contando. Eu lutava para processar a conversa. Era inesperado demais, irreal demais.

A minha vida inteira eu odiei este homem, e aqui estava ele, inclinado para frente em seu assento, completamente focado em mim, ouvindo ativamente, querendo saber tudo o que podia e parecendo mais do que pronto para aceitar qualquer papel na minha vida que eu estivesse disposto a oferecer. Isso fazia eu me sentir um babaca ainda maior. Porque eu não merecia sua aceitação ou sua confiança.

Até ontem, eu estava obstinado a destruí-lo.

— Posso visitar Meg em algum momento? — perguntou ele. — Eu gostaria de prestar minhas homenagens e me despedir.

— Sim, com certeza — respondi, porque estava claro que Stella não era a única pessoa com quem eu precisava me redimir.

— Você… gostaria de vir? — Ele fez uma careta. — Desculpe, se isso for estranho.

— Não é. E eu posso te levar até ela. Ajudar a quebrar o gelo.

Ele sorriu, rugas surgindo nos cantos de seus olhos.

— Obrigado, já faz um tempo desde a última vez que nos falamos. — O sorriso dele desapareceu, e ele deixou a cabeça cair entre as mãos. — Ah, meu Deus. Meg.

Seus ombros tremeram em um soluço silencioso, e Stella me lançou um olhar de partir o coração antes de atravessar a sala até ele, sentando-se no braço da poltrona enquanto o abraçava.

— Sinto muito — disse ela, com os olhos lacrimejando.

Fiquei onde estava, sem querer me intrometer em seu luto. Sim, eu era seu filho, mas não tinha esse direito depois do que quase fiz com ele.

Nada ficou resolvido antes de partirmos — tudo ainda era novo demais, uma ferida ainda aberta. Mas Richard e eu fizemos planos para nos encontrarmos no túmulo da minha mãe na próxima semana, e eu tinha certeza de que conversaríamos mais naquela ocasião.

Depois, dirigi com Stella de volta à loja dela.

— Posso ficar? — perguntei. — Com você, quero dizer. Só por esta noite. Eu, hã, não quero mesmo ficar sozinho agora.

— Claro — disse ela.

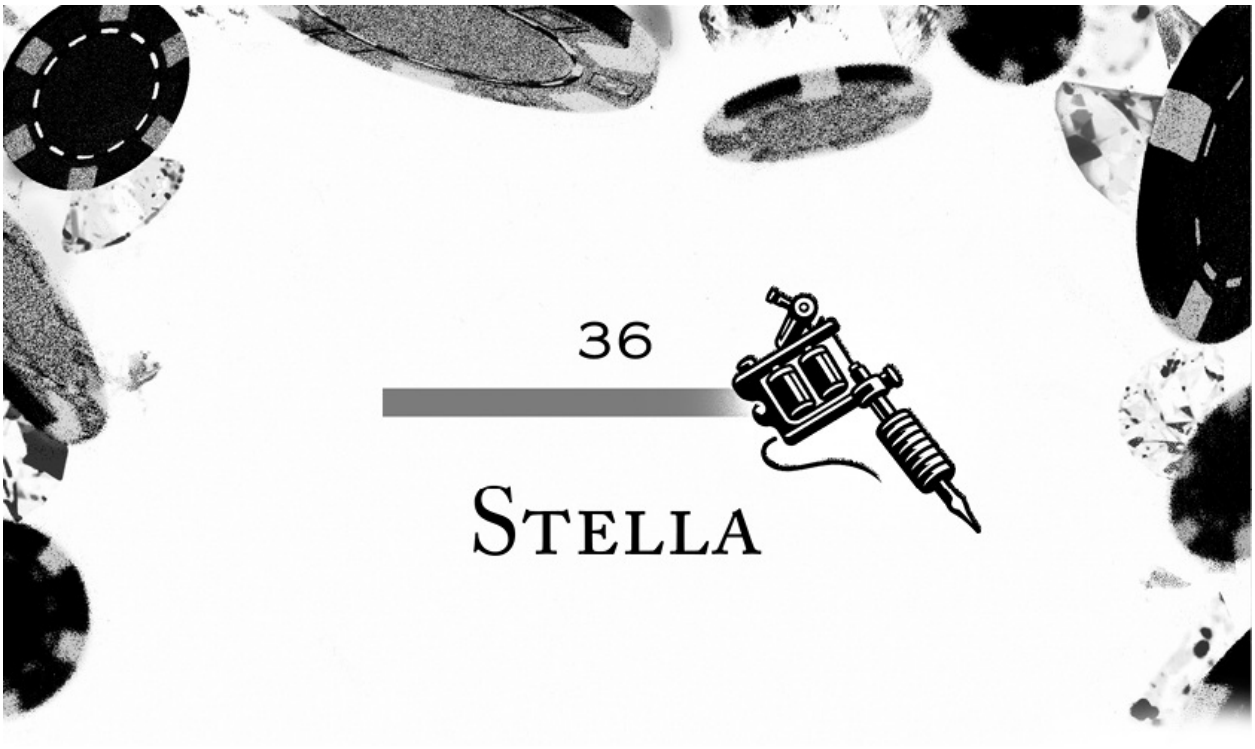
Suspirei de alívio.

— Vou estacionar o carro.

— Tudo bem. — Ela abriu a porta para sair, mas parou, virando-se para mim. — Estou orgulhosa de você pela forma como lidou com isso. Por quão gentil você foi com Richard.

— Obrigado. Pareceu a coisa certa a se fazer.

Ela se inclinou, me deu um beijo breve e sumiu na noite.



36

STELLA

— NÃO CONSIGO ACREDITAR QUE NÃO PERCEBEMOS — disse minha mãe.

Nós duas estávamos na varanda dos fundos da casa dos meus pais, em um canto sombreado. Era final de setembro e, embora estivéssemos oficialmente no outono, o calor do verão ainda era presente, uma última explosão de quentura antes da chegada das temperaturas mais amenas.

O encontro de hoje era o primeiro evento social que eu frequentava em bem mais de um mês, porque precisei desse tempo para focar a recuperação da minha crise. Pelo menos era algo pequeno, apenas minha família, Richard e Tyler, que estavam conversando perto da churrasqueira. Minha mãe e eu os observávamos e, sem a distração de outras pessoas por perto, as semelhanças entre eles eram muito mais óbvias.

— Eles têm a mesma risada — disse minha mãe. — É quase perturbador.

— Mesmo que você tivesse notado, teria encontrado um jeito de justificar ou ignorar o quanto eles são parecidos — falei.

Ela fez um som de desdém.

— Jamais. Sou muito mais esperta do que você.

Tentei dar um peteleco no braço dela, mas ela se esquivou.

— Viu? — disse ela.

— Não faça eu me arrepender de ter tirado o dia de folga para vir aqui. *Você* nos convidou. Deveria ser legal com os convidados.

Ela começou a responder, mas o som das portas francesas se abrindo fez com que nos virássemos. Blake chegou carregando uma travessa. Meu pai vinha logo atrás com outra, e esperou tempo suficiente para que Tippi viesse cambaleando para o pátio atrás dele.

— Está quente demais aqui fora para ela, querido — disse minha mãe.

— Ela não parava de choramingar na porta — respondeu meu pai, parecendo envergonhado.

— Bem, então precisamos pegar a caminha térmica e o ventilador dela — disse minha mãe, antes de entrar.

Tyler ouviu e me lançou um olhar por cima do ombro. *Mimada,* articulou ele em silêncio.

Eu sorri.

— Uma ajudinha aqui… — disse Blake, lutando para colocar sua bandeja na mesa já lotada.

Dei um passo em direção a ele, mas Tyler chegou primeiro, afastando uma tigela de salada de batata para abrir espaço.

— Obrigado — disse Blake, em um tom seco.

— De nada — respondeu Tyler, antes de retornar ao seu posto na churrasqueira.

Foi uma troca breve e tensa, mas era melhor do que nada. Não que eu pudesse culpar qualquer um deles. Tyler *tinha* usado Blake como um peão em sua busca por vingança e, embora tivesse pedido desculpas e se explicado, sabíamos que o perdão levaria tempo, se é que um dia viria. E Blake *tinha* mandado prender metade dos clientes de Tyler, o que, convenhamos, não era nada bom, já que a maioria deles estava envolvida no submundo do crime e tentaria se vingar.

Tyler tinha mantido a discrição depois das consequências iniciais. Considerei como algo positivo, porque também deu a ele a chance de marcar uma terapia, passar mais tempo com seu melhor amigo e começar a destrinchar vinte e cinco anos de trauma.

Minha mãe ressurgiu da casa e acomodou Tippi perto de nós na sombra, em sua caminha pré-resfriada, certificando-se de que o ventilador não estivesse soprando com muita força antes de se juntar a mim.

— Então — disse ela —, como estão as coisas… com aqueles dois? — Ela indicou Tyler e Richard, que agora viravam os hambúrgueres. — Richard tem sido econômico nos detalhes e tentamos respeitar a privacidade dele.

— Perguntando para mim, em vez disso?

O olhar dela dizia *Sim, obviamente.*

Suspirei.

— É… eu não sei, como qualquer relacionamento novo? Acho que os dois estão apenas tentando entender o que significa estar na vida um do outro e como isso vai funcionar.

Ela inclinou a cabeça, me espiando por cima dos óculos de sol.

— E como *vocês dois* estão? Ainda não é oficial?

— Ainda não é da sua conta.

Ela estalou a língua e ergueu a cabeça, e nossa conversa seguiu para assuntos mais leves. Tyler e eu ainda não tínhamos tido a conversa "O que nós somos?" Por enquanto, estávamos felizes em continuar aprendendo, explorando, *brincando*.

Mas, quer dizer, eu *tinha* tatuado as marcas dos meus dentes na bunda dele, o que parecia bem permanente.

Meu olhar desceu até o local, agora coberto pela roupa, e me perguntei como ele estava se sentindo. Estava na fase da coceira do processo de cicatrização e, esta manhã, eu tive que ordenar que ele parasse de mexer na tatuagem. A maneira como ele respondeu dizendo "Sim, senhora", em sua voz mais grave e rouca possível, foi o motivo de termos chegado atrasados a esta festa.

Estávamos nos sentando para comer quando o telefone dele apitou com um alerta de notícias. Meu coração acelerou enquanto ele o tirava do bolso. Ele não demonstrou reação alguma, mas seus olhos estavam triunfantes quando o passou para mim. Li a manchete: *FBI abre investigação sobre afogamento de turista*. Era do *TCI Sun*, um jornalzinho local nas Ilhas Turcas e Caicos, mas eu sabia que era apenas o começo; sabia que a história logo chegaria à nossa cidade e se espalharia como fogo e, desta vez, nem mamãe e papai seriam capazes de salvar Maddie.

Controlei minha expressão enquanto devolvia o telefone a ele e, assim que o aparelho estava no bolso, ele colocou a mão no meu joelho por baixo da mesa e apertou. Nós tínhamos conseguido. Pegamos a cadela.

E não planejávamos parar nela.

Maddie era apenas o começo. Pouco a pouco, alimentaríamos as autoridades e os jornais com informações, e logo todos nesta cidade saberiam que Bradley Bluhm estava longe de ser o único monstro escondido entre seus cidadãos.

— Então — disse Richard. — Algum plano divertido para mais tarde?

Tyler e eu não nos olhamos. Eu não podia falar por ele, mas estava ocupada demais tentando não corar para fazer qualquer coisa além de encarar meu prato.

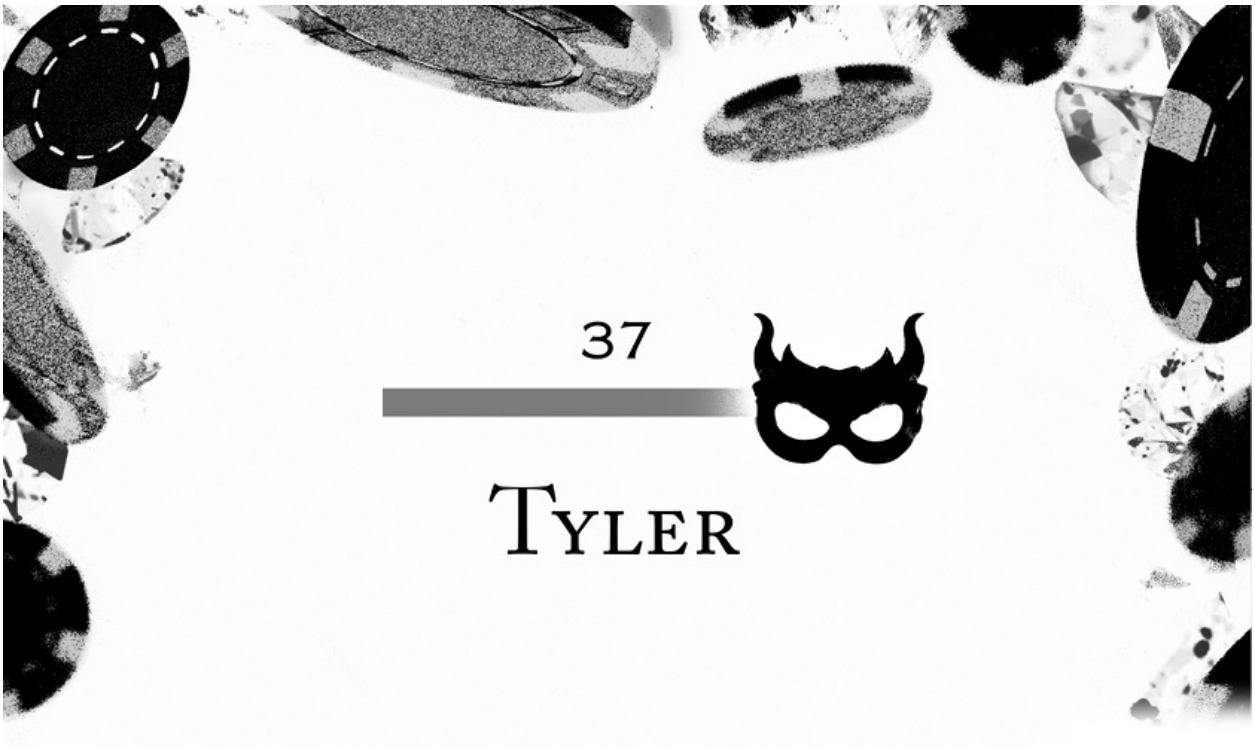
— Vamos jantar com o AJ — disse Tyler.

Minha mãe se animou, olhando dele para mim.

— Ah, fico tão feliz que vocês dois tenham se reconectado. Ele sempre foi um bom garoto.

A mão de Tyler apertou minha perna, e eu soube que ele devia estar lutando pela própria vida para não rir.

Sim, AJ era um garoto *muito* bom.



37

Tyler

— Espera — arquejou o amor da minha vida, acima de mim.

AJ e eu trocamos um olhar ardente por cima do ombro dela, e ele sorriu, com os olhos fixos nos meus enquanto afastava o cabelo dela e começava a distribuir beijos pela parte superior de suas costas.

— Me diga quando estiver pronta para eu voltar a me mover.

Estávamos na cobertura dele, espalhados pela cama, eu deitado de costas, Stella já montada no meu pau e AJ abrindo caminho no rabo dela. Levamos nosso tempo preparando-a, mas esta era a nossa primeira tentativa de dupla penetração e, por mais animados que estivéssemos para tentar, sabíamos que poderia haver um período de adaptação.

Stella encostou a testa no meu ombro, ofegante.

Eu segurei seu pescoço e beijei sua testa.

— Você está indo maravilhosamente bem, Raio de Sol. Leve o tempo que precisar.

— Isso seria muito mais fácil se eu já não tivesse o seu pau gigante dentro de mim — disse ela.

— Reclamar com certeza vai fazer ele diminuir — falei. — Boa escolha.

Ela soltou uma risada ofegante.

AJ grunhiu.

— Não me faça rir agora. Está sendo preciso todo o que autocontrole para ficar parado.

— Erro meu — falei, mas todos sabíamos que eu não estava realmente arrependido. — Isso ajuda?

Deslizei as mãos pelas costelas de Stella, correndo meus polegares entre nós para roçar seus mamilos. Ela se apertou ao redor do meu pau e, pelo gemido que AJ soltou e pela forma como seus olhos se arregalaram, ela deve ter apertado ainda mais forte a cabeça do pau dele.

Ele respondeu ao meu sorriso travesso com um olhar severo.

— Eu sei que disse que não curtia fetiche de *brat*, mas juro por Deus, se você não se comportar, posso abrir uma exceção.

A ideia de os dois me punirem pelo meu mau comportamento fez meu pau latejar dentro de Stella.

— Não seja mau com ele, ou ele vai acabar gozando — disse ela.

AJ segurou uma risada e, a julgar pelo assobio de Stella, o movimento o afundou ainda mais nela.

— Sinto muito — disse ele.

— A culpa foi minha — respondeu ela. — E, na verdade, Tyler, faça aquilo de novo.

— Sim, senhora — falei, minha voz caindo para um tom mais grave enquanto eu girava meus dedos sobre os mamilos dela, um pouco mais forte do que da última vez.

Outro aperto, e então um leve relaxamento.

— Agora — disse ela.

AJ moveu-se para frente, revirando os olhos enquanto mordia o lábio inferior. Stella estremeceu, um gemido baixo subindo de sua garganta. Demos a ela mais alguns momentos para se ajustar e então repetimos a sequência até que AJ estivesse totalmente enterrado dentro dela; agora era a vez dele pedir uma pausa.

Eu apenas fiquei ali, tentando me manter imóvel, embora estivesse desesperado para me mexer. Era fácil? Não, mas Stella tinha me treinado tão bem em negação de orgasmo que aquilo era fichinha comparado a algumas coisas pelas quais ela já tinha me feito passar.

— Consigo sentir ele — sussurrei para ela, sabendo que ele ouviria, sabendo que ele devia me sentir também. — Pressionando contra mim dentro de você.

A boca de Stella se abriu em um arquejo. Ela não estava mais ofegante, mas sua respiração ainda era irregular.

— Você nos recebe tão bem, amor — disse AJ. Suas pupilas tinham quase engolido completamente o verde de seus olhos e, pela forma como ele articulou um *porra* para mim, eu sabia que ele estava amando aquilo tanto quanto eu.

— Está pronta para se mexer? — perguntei a Stella.

Tínhamos concordado previamente que ela ditaria o ritmo, que ela faria a maior parte do trabalho porque era o corpo dela que estávamos levando ao limite; e como isso ainda era novo, não queríamos machucá-la acidentalmente.

— Humm — murmurou ela, erguendo-se do meu peito, as mãos apoiadas de cada lado de mim, os peitos balançando tentadoramente perto da minha boca.

No último mês, ela tinha ganhado um pouco de peso, e estava linda. Não que antes não estivesse — eu veneraria o corpo dela independentemente do tamanho. Ela estava com uma aparência tão boa porque se sentia bem, com a doença começando a ficar sob controle novamente e seu equilíbrio entre vida pessoal e trabalho finalmente restaurado.

Com cautela, ela se moveu para cima, saindo um pouco de nós dois antes de descer lentamente de volta. Nós três gememos.

Ela fez de novo e então parou, baixando a cabeça.

— Como está se sentindo? — perguntou AJ.

Afastei o cabelo de Stella do rosto para vê-la melhor.

— Fale com a gente.

Ela se ergueu novamente, sorrindo.

— Eu me sinto a porra de uma deusa.

— Sim, você é — disse AJ, e foi a minha vez de rir. — Com uma *bunda* dessas, amor.

Baixei meu olhar para ver as pontas dos dedos dele em seus quadris, e eu sabia que ele devia estar segurando as nádegas dela com as duas mãos, abrindo-as para poder ver o que estava fazendo com ela.

Ela se moveu novamente, com mais confiança, e não havia absolutamente nenhuma chance de eu durar muito tempo, porque cada movimento dos quadris dela fazia com que AJ e eu deslizássemos juntos dentro dela; e com sua boceta apertada e o comprimento duro dele, eu estava perto de uma sobrecarga de estímulos. E eu estava apenas *deitado ali*. Não fazia ideia de quantas sensações Stella devia estar experimentando. Se eu adicionasse mais uma, será que ela implodiria?

Estiquei os braços e apertei os seios dela, dando-lhe a chance de me dizer não. Em vez disso, ela assentiu para mim, então rocei meus polegares por seus

mamilos. A boceta dela se contraiu. AJ grunhiu e, como parte de nossas pernas estava pressionada uma contra a outra, senti um tremor percorrer o corpo dele.

Ele se inclinou para o lado o suficiente para encontrar meus olhos, e eu percebi pelo olhar selvagem neles que ele também não ia durar muito.

Ela primeiro, articulei em silêncio, inclinando a cabeça na direção de Stella. Tinha se tornado nosso *modus operandi*: fazê-la gozar o maior número de vezes possível antes que qualquer um de nós chegasse lá. Até agora, a contagem de orgasmos da noite estava em dois, ambos alcançados durante as preliminares, mas eu não tinha dúvidas de que conseguiríamos levá-la ao terceiro ou quarto.

AJ assentiu, com um olhar determinado enquanto desaparecia atrás dela, deslizando uma das mãos do quadril para provocar o clitóris dela. Observei os dedos dele se moverem, sincronizando os meus aos dele, rolando ou puxando os mamilos dela toda vez que ele esfregava aquele ponto hipersensível.

— Ai, meu Deus — disse Stella, acelerando o ritmo, se enfiando em nós dois, sua bucetinha quente pulsando ao meu redor enquanto ela subia e descia pelo meu pau. — Vocês dois são incríveis. Tão grandes. Tão *duros*. Eu não sabia se ia gostar disso, mas *eu amo*. Por favor, digam que podemos fazer de novo.

— Sim. — AJ e eu concordamos imediatamente.

— Vocês podem se mexer — disse Stella. — Mas não muito. Acho que ainda precisamos ser cuidadosos.

— Eu estou bem assim — disse. — Fui bem treinado.

Os olhos de Stella brilharam.

— Questionável.

— Eu não — disse AJ, empurrando os quadris para frente para encontrar o movimento de descida de Stella.

— Isso é perfeito — disse Stella a ele, com as pálpebras tremendo. — Exatamente assim. Tyler, eu preciso da sua boca em mim.

Eu me ergui imediatamente, beijando-a primeiro porque também precisava de sua boca. Nossas línguas deslizaram juntas enquanto ela continuava a se mover, e eu me deleitei em seus gemidos ofegantes. Ela estava chegando perto. Eu tinha memorizado cada um de seus sinais, e ela mostrava todos: a forma como seus quadris ganhavam velocidade, como a respiração falhava. Recuei o suficiente para ver um rubor se espalhando por suas bochechas e soube que não seria preciso muito mais para levá-la ao limite.

Acariciei ambos os mamilos uma última vez antes de abrir os lábios ao redor de um deles e girar minha língua sobre ele. Entre nós, eu sentia AJ ainda provocando o clitóris dela. Stella se chocou contra nós, cravando-se em nossos

paus com estocadas curtas e rasas. Dentro dela, senti AJ se movendo contra mim e, graças a Deus, eu era treinado em me manter sob controle, porque aquilo era mais do que suficiente para me fazer gozar.

— Tão bom — disse Stella, as palavras soando quase como um soluço. — Meu Deus, é tão bom, eu vou gozar.

— Eu também — disse AJ.

Stella começou a tremer, sua pele esquentando, o mamilo endurecendo na minha boca. Sua boceta me apertou em ondas enquanto seu prazer atingia o ápice, e então ela estava gozando, gemendo, chamando os nomes de nós dois, encharcando meu pau completamente com seu gozo. O pau de AJ enrijeceu contra o meu e suas estocadas tornaram-se irregulares, seu prazer buscando o dela.

— Stella, ah, porra — disse ele.

Soltei o mamilo dela e me deitei de volta para vê-lo segurando os quadris dela com firmeza enquanto dava uma última estocada profunda e se mantinha ali; os dois tremendo, ofegantes, e a cena era tão sexy que eu quase gozei só de observá-la.

Stella desabou sobre o meu peito, completamente exausta, e AJ e eu trocamos um olhar de soslaio e um sorriso convencido por cima das costas dela, orgulhosos do trabalho bem feito. Quando a respiração deles se estabilizou, AJ retirou-se cuidadosamente dela e foi descartar a camisinha no banheiro.

— Você não gozou — sussurrou Stella.

— Porque eu sei que sua bucetinha gananciosa ainda quer mais, e eu queria ser capaz de dar o que ela precisa.

— Porra — soltou ela, as bochechas corando enquanto desviava o olhar.

— Como você quer, Raio de Sol?

O olhar dela voltou para o meu.

— O mais forte que você puder me dar.

AJ abriu a porta do banheiro bem a tempo de me ver virá-la de bruços, de frente para ele. Puxei os quadris dela para cima, segurei um punhado de seu cabelo e enterrei-me nela, atingindo o fundo logo na primeira estocada.

Ela gritou, e AJ quase caiu contra o batente da porta, com os olhos arregalados. Eu o encarei enquanto fodia Stella com as estocadas brutais e implacáveis que eu sabia que rapidamente a levariam ao limite. Ele levou uma mão trêmula à boca, cobrindo-a, seu pau voltando à vida enquanto nos assistia.

— Tyler, *porra*! — gritou Stella, as mãos tateando desesperadamente as cobertas, os quadris colidindo para trás contra os meus. — Sim, assim. Mais

forte. Eu *preciso disso*.

Empurrei a palma da minha mão contra a parte inferior das costas dela, forçando-a a arquear a coluna, aprofundando o ângulo para que ela recebesse mais de mim a cada estocada. Meus quadris se chocavam contra os dela, minhas bolas batiam no clitóris dela, meus dedos se retorciam em seu cabelo. Na maior parte do tempo, era ela quem dava as ordens no quarto porque era o que ambos preferíamos, mas, de vez em quando, ela queria ser fodida, ser usada, sentir-se um pouco degradada, e o êxtase de ter AJ nos assistindo enquanto isso acontecia era o suficiente para fazer a boceta dela me apertar em tempo recorde.

Ela gemeu. Gritou. Me xingou. Implorou.

Eu mantive o ritmo durante todo o tempo, prendendo-a na cama, fodendo-a com estocadas implacáveis.

— Tyler — soluçou ela. — Mais forte.

Puta que pariu.

Acelerei o ritmo, o suor escorrendo pelas minhas costas. AJ estava totalmente excitado agora. As duas mãos apertando o batente da porta como se fosse a única coisa que o impedia de se juntar a nós novamente. Em qualquer outro momento, eu teria pedido para ele vir, mas Stella estava perto do limite, tremendo tanto que este precisava ser o seu último orgasmo da noite.

— Goza comigo — implorou ela. — Tyler, *goza*.

A ordem me desarmou, e joguei meu peso sobre ela, afundando nela até o colchão, atingindo todos os seus pontos favoritos enquanto eu descarregava fundo dentro dela. Ela se contorceu embaixo de mim, mal conseguindo se mexer devido à pressão, e gritou seu prazer contra o edredom.

AJ começou a aplaudir.

— Bravo. Essa foi a coisa mais sexy que eu já vi na porra da vida inteira. Vocês dois ganhariam uma fortuna no Me4U.

Eu ri, mas Stella ainda estava tão fora de si que acho que nem o ouviu. Foi preciso nós dois para levar o corpo amolecido dela para o chuveiro. Nós a seguramos entre nós e a ensaboamos enquanto ela ria e suspirava, completamente entorpecida pela enxurrada de hormônios.

— Eu gosto dela assim — disse AJ, sorrindo.

— Eu também — falei. — Ela fica muito mais dócil.

Ela conseguiu erguer um braço trêmulo para me mostrar o dedo do meio.

Eu ri e a beijei.

Depois, nos vestimos e descemos, onde os restos da nossa refeição esfriavam sobre a mesa de jantar do AJ. De alguma forma, tínhamos conseguido comer de

verdade. Um progresso, já que na primeira vez que viemos para o “jantar”, acabamos fodendo no chão.

— Vamos ajudar a tirar isso — disse Stella, pegando um prato.

AJ a dispensou com um gesto.

— Ah, acho que vocês dois já fizeram o suficiente por uma noite.

— Tem certeza? — perguntei.

Ele assentiu e olhou de um para o outro.

— Quando posso ver vocês de novo?

— Quando você volta da viagem? — perguntou Stella.

— Daqui a três semanas — disse ele. Ele ia para Cingapura com a mãe avaliar um imóvel para investimento.

— Ligue quando chegar e a gente combina.

— Vou ligar — prometeu ele.

Levamos um tempo para sair, enrolando na porta, trocando toques casuais porque, mesmo depois de tudo o que tínhamos feito hoje, queríamos mais. Sempre terminava assim entre nós, e era por isso que Stella e eu tínhamos discutido recentemente sobre perguntar a AJ se ele estava aberto a tornar aquilo algo mais regular, em vez de apenas se juntar a nós ocasionalmente; mas estávamos esperando porque não sabíamos se ele estava pronto para esse tipo de compromisso.

— Como está se sentindo? — perguntei a Stella no caminho de volta para sua casa.

— Exausta. Esgotada. Dolorida. Mas muito bem. — Ela se virou para mim, os olhos refletindo o brilho passageiro dos letreiros de neon das lojas. — E você?

— Desidratado.

Ela riu.

— Da próxima vez deveríamos colocar *ele* entre nós.

— Como naquela primeira noite.

— Até você me puxar para perto de você.

— Eu não ia deixar você usar ele como escudo e continuar negando o quanto estava obcecada por mim.

— Eu *não* estava obcecada por você.

— Você é tão fofa quando mente.

— Tyler.

— Stella — falei, imitando a voz dela.

Ela deu um tapa no meu braço e, embora ainda estivéssemos nos ajustando às coisas, ainda descobrindo tudo, eu esperava que essa parte da nossa dinâmica

nunca mudasse. Porque eu gostava de implicar com ela, e esperava que ela ainda gostasse disso também, mesmo que provavelmente nunca admitisse em voz alta.

Alguns minutos depois, estacionei em minha vaga recém-conquistada bem em frente ao estúdio, e entramos.

Shaunté estava no caixa.

— Como estão as coisas por aqui? — perguntou Stella.

— Derrick deu um soco em um cliente, Elayne fodeu com a tatuagem de alguém e talvez tenhamos tido um pequeno incêndio — disse ela, sem esboçar reação.

Stella revirou os olhos e passou pelas cabines em direção às escadas.

— Desço depois para fechar.

— Não — falei. — Ela vai estar dormindo. Eu fecho.

— Eu estou bem — argumentou Stella.

— Sim, *agora* você está. Mas você dormiu mal ontem à noite, e muitas noites sem dormir seguidas podem foder com o seu estômago, então eu cuido disso.

Ela esperou até fecharmos a porta da escada atrás de nós antes de responder.

— Você deve ser o *sub* mais mandão que existe.

— Não, eu sou o *brat* mais atrevido.

— Assim que minha boceta parar de doer, vou te dar uma lição.

Soltei uma risada pelo nariz.

— Como se você fosse mesmo esperar tanto tempo.

Ela se calou, sabendo que tinha sido pega, e subimos as escadas juntos.

Sorri enquanto destrancava a porta.

— Você não precisa dizer isso toda noite — disse ela.

— Por que não? É tão divertido.

Ela suspirou e fez um gesto para que eu prosseguisse.

— Está bem, então.

Escancarei a porta.

— Querida, chegamos!

— *Vai se fodeeer* — gritou Amos.



EPÍLOGO

STELLA

— NÃO FIQUE NERVOSA — disse Tyler.

Soltei um som evasivo.

Anoitecia e estávamos nos meados do outono, a mão dele firme na minha enquanto me conduzia para os fundos de um bangalô estilo *Craftsman* da virada do século. Risadas vinham de perto, onde seus amigos estavam fazendo um de seus "jantares em família". Esta era a minha primeira vez conhecendo-os, então, sim, eu estava nervosa.

Especialmente por causa do que Tyler tinha me contado sobre eles. Seu melhor amigo era filho de um notório assassino em série. Seu sócio era um mafioso regenerado. E o resto do grupo não era menos intimidador, variando de justiceiros sociais a uma mulher que salvava vidas todos os dias. Eu queria causar uma boa impressão, mas também não fazia *ideia* de qual seria a vibe com um grupo tão eclético, e era isso que me deixava ansiosa.

— Só um segundo — falei, diminuindo o passo para levantar a bainha do meu vestido. Eu usava mais um vestido de gala — este era uma peça recém-adquirida, com um decote em V profundo que se alargava para ficar logo abaixo dos meus ombros, as mangas de renda bordada e a saia larga de tule com forro de seda. Depois do jantar, iríamos à casa dos meus pais para um coquetel celebrando a aquisição de uma segunda pintura de Morisot, que eles planejavam revelar mais tarde naquela noite.

Tyler vestia um terno novo em verde-musgo, excepcionalmente sob medida; seus ombros pareciam impossivelmente largos sob o paletó. A camisa branca de botões por baixo fazia sua pele parecer dourada em contraste, e eu não conseguia parar de encarar sua garganta, lembrando-me de mais cedo, minha mão em volta dela enquanto eu cavalgava seu pau e ele me implorava para apertar mais forte.

Eu não fazia ideia de como passaria pela noite de hoje com aquela imagem me atormentando. Minha calcinha já estava encharcada, e eu estava desesperada para tê-lo dentro de mim novamente.

Os olhos dele percorreram meu corpo em brasa, e eu percebi que seus pensamentos espelhavam os meus.

— Sabe, esse vestido é quase largo o suficiente para eu me esconder debaixo da saia.

Eu me inclinei contra ele.

— Talvez, se você for um bom garoto hoje à noite, possamos testar isso.

Ele soltou um som baixo na garganta, algo próximo a um ronronar, e começou a se inclinar em minha direção antes que uma nova onda de risadas nos lembrasse de onde estávamos.

Eu me recompus e endireitei a postura, e Tyler pegou minha mão novamente, levando-a à boca para beijar o dorso. Ele ficou ali por um segundo, com uma faísca travessa iluminando seus olhos.

— Não se atreva — adverti.

Seus lábios se abriram e ele mordiscou minha pele com força suficiente para doer.

— Você vai pagar por isso mais tarde — falei, mesmo enquanto sentia meu peito transbordar de afeto.

Eu sabia o que ele estava fazendo: agindo de forma atrevida para me distrair do meu nervosismo. Era doce — algo que eu um dia julguei Tyler incapaz de ser.

Seu sorriso convencido característico espalhou-se por seu rosto enquanto ele baixava nossas mãos unidas. Sem dizer mais nada, ele me puxou para dobrar a esquina da casa.

— Ah, uau — sussurrei.

O quintal parecia saído de uma revista. Mesas cobertas com toalhas brancas estavam dispostas em um pequeno pátio, com um arranjo central deslumbrante de flores e velas percorrendo o meio delas. Acima, luzinhas estilo varal cintilavam, penduradas em uma série de estacas altas de jardim. Vasos de plantas cercavam a cena; hortênsias brancas e crisântemos intercalados com lanternas de

vidro. Era aconchegante, íntimo e só era possível graças a essa onda de calor fora de época.

O som dos grilos e das conversas preenchia o quintal enquanto Tyler me guiava para mais perto. Meu queixo quase caiu ao observar as pessoas sentadas ao redor das mesas. Acho que nunca tinha visto um grupo de seres humanos tão deslumbrantes reunidos em um só lugar. Eles não nos notaram a princípio — ocupados demais falando uns com os outros —, mas, assim que perceberam, todos os olhos se voltaram para nós.

— Walter! — gritou alguém enquanto um cachorro começou a correr em disparada saindo de debaixo de uma mesa. Era um vira-lata de pastor monstruoso, cauda abanando, língua de fora, obviamente sem oferecer perigo. Tyler se colocou à minha frente de qualquer maneira.

— Nem pense em pular nela — rosnou ele, soando mais como o antigo Tyler do que em semanas.

Coloquei uma mão firme em suas costas e senti-o relaxar imediatamente.

— Ele é como um filhote imprudente — explicou Tyler, inclinando-se para acariciar o bicho, que se remexia e choramingava animado. — E ele não tem noção da própria força. Não queria que ele te derrubasse.

Sorri e contornei-o, deslizando meus dedos por sua coluna antes de me juntar a ele para acariciar o cachorro, que parecia estar no paraíso canino com duas pessoas o paparicando. Só levei um segundo para perceber que a maior ameaça vinha de sua cauda, chicoteando tão rápido que chegava a arder quando batia em minhas canelas. Ele serpenteava entre nós como um gato, choramingando e ganindo, se esfregando nas nossas pernas.

— Desculpe por isso — disse uma morena deslumbrante e pequena, agarrando a guia de Walter para detê-lo. — Ah, pelo amor de Deus, olha esse tanto de pelo.

Olhei para baixo e vi que Tyler e eu estávamos ambos cobertos.

— Eu tenho um rolo adesivo — disse outra morena linda, quase tão alta quanto eu, mas com um corpo musculoso de academia.

— Lauren e Aly? — perguntei.

Elas pareceram impressionadas.

— Sim — disse Aly, estendendo a mão. — É um prazer finalmente conhecer você, Stella. — O sorriso dela era caloroso e acolhedor, sua expressão cheia de uma curiosidade aberta.

— Igualmente — falei, apertando a mão dela, aliviada por não haver nenhum constrangimento como eu temia. Conhecer a ex do seu parceiro era sempre

estranho, mas Tyler tinha me assegurado de que não havia ressentimentos entre eles e que, para começar, o envolvimento deles sempre fora apenas casual.

— Obrigada pelo que você fez, por ter ajudado Tyler naquele dia.

A expressão de Aly suavizou.

— De nada. Como está a cabeça?

Tyler engasgou.

— *Não* pergunte isso a ela.

Aly arqueou uma sobrancelha para mim, em dúvida.

— Piada interna — expliquei.

— Vai ter que contar isso pra gente em algum momento — disse Lauren, aproximando-se para me abraçar como se fôssemos velhas amigas. — Mas primeiro, você tem que me contar sobre esse vestido. Eu *amei*.

— Eu também! — exclamou uma mulher de cabelos roxos enquanto se juntava a nós. — Onde você comprou?

Eu sorri.

— Uma das minhas clientes que fez. Vern. Ela é técnica de laboratório de dia e costureira à noite.

Os olhos de Aly se arregalaram.

— Vern *Martinez*?

— Sim. Você a conhece?

— Ela é uma das minhas melhores amigas — disse Aly. — Trabalhamos juntas.

Pisquei, surpresa.

— Uau. Que mundo pequeno. Espera, então você deve conhecer Greg também.

Aly fez uma careta.

— Ele é meu primo.

Minha cabeça girou, e eu mentalmente reduzi o tamanho do mundo de pequeno para microscópico.

— Ele não é nem de longe bom o suficiente para Vern, então eu me recuso a tentar juntar os dois — acrescentou Aly.

— Ah — respondi, sem saber como dizer a ela que, mesmo sem a ajuda dela, os dois provavelmente acabariam envolvidos se dependesse de Vern.

A mulher de cabelos roxos olhou de uma para a outra.

— Qual de vocês vai me passar o número dela para que eu possa encomendar um vestido?

O nome da mulher era Taylor, descobri depois, e em seguida conheci todos os outros: Josh, Junior, Ryan, Ben e Jackson. Assim que as apresentações terminaram, nos sentamos; o papo foi retomado, a conversa fácil e leve, o grupo era rápido em rir e provocar uns aos outros, os casais flertando abertamente — algo muito distante da intensidade que eu temia ao vir para cá.

— Então! Tyler! — disse Josh em certo momento, seu olhar alternando entre nós dois. — Como você e a Stella se conheceram?

— Bem, isso é meio que uma história longa — disse Tyler, os olhos deslizando para mim.

Já sabíamos, ao vir para cá, que as pessoas ficariam curiosas. Ele não tinha passado muito tempo com eles nos últimos seis meses, tão absorto em seu plano maquiavélico que tudo o mais ficou em segundo plano. Ele vinha tentando consertar isso ultimamente, assumindo um papel mais ativo na Velvet, o clube fetichista do qual era sócio com Junior, e passando tempo com Josh, mas ainda não tinha aberto o jogo sobre o que andara fazendo. Em parte porque não estava emocionalmente pronto para lidar com as consequências — ele ainda estava se recuperando de tudo o que tinha acontecido no verão e, como Junior e Lauren estavam envolvidos em suas mentiras, temia que isso pudesse afetar negativamente todo o grupo de amigos.

Encontrei a mão dele por baixo da mesa e entrelacei meus dedos nos seus, apertando para que ele soubesse que não estava sozinho, dizendo-lhe silenciosamente que, não importa como ele escolhesse lidar com aquilo, eu o apoiaria.

Ele encarou Josh.

— A versão resumida é que eu fui ao estúdio de tatuagem dela para uma consulta.

Josh franziu a testa, parecendo quase ofendido. O homem era mais tatuado do que qualquer outro à mesa, e reconheci o artista apenas pelos desenhos — um dos meus concorrentes do outro lado da cidade, famoso por seu trabalho gótico e sombrio.

— Achei que você nunca faria uma tatuagem!

Tyler deu de ombros.

— Mudei de ideia.

— O que você fez? — perguntou Josh.

Tomei um gole de água para não encontrar seu olhar inquisidor, sentindo um rubor ameaçando tingir minhas bochechas. Não que eu devesse me preocupar. Tyler era tão reservado que não havia chance dele…

— As marcas dos dentes de Stella na minha bunda — disse ele.

Eu me engasguei, mal conseguindo evitar cuspir água em Ryan e Ben, à nossa frente. Ao meu lado, Lauren soltou uma gargalhada. O resto da mesa teve reações variadas. Josh estava claramente chocado. Aly deu um sorrisinho de canto. Junior estava virando o resto de sua cerveja como se desejasse estar em algum lugar muito, muito distante. Taylor e Jackson pareciam estar explodindo de perguntas, enquanto Ben e Ryan ainda estavam focados em mim enquanto eu tossia, preocupados que eu pudesse perder a batalha e encharcá-los.

Tyler esfregou minhas costas, mas sua expressão estava longe de parecer arrependida. Uma coisa que não tinha mudado? Seu amor por me pegar desprevenida assim.

Tudo bem. Dois podiam jogar esse jogo.

— Claramente, seu treinamento falhou — falei com voz rouca.

— Acho que você vai ter que me punir com mais força, então — rebateu ele, e eu perdi a batalha contra o rubor.

Lauren se virou para Junior.

— Eu *te disse* que ele era um *brat*.

— Eu não curto essas merdas — disse Josh, imitando a voz de Tyler.

Tyler deu um beijo no meu ombro.

— As coisas… mudaram.

— Eu entendo — disse Josh, olhando para Aly com olhos apaixonados. — Você finalmente conheceu a pessoa certa para despertar os seus fetiches.

Junior fingiu ânsia de vômito enquanto Lauren arquejava em busca de ar ao lado dele. À frente dela, Taylor finalmente cedeu, juntando-se às risadas, e logo todos nós estávamos gargalhando.

Alguns minutos depois, tínhamos voltado a temas mais seguros quando Walter latiu. Ryan moveu-se rápido, conseguindo agarrá-lo antes que ele saísse em disparada novamente.

Eu me virei para ver alguém surgir da escuridão, vestindo um terno preto casual, o cabelo desalinhado, parecendo cansado após um longo dia de viagem, mas nem por isso menos bonito.

— Achei que você não conseguiria vir — disse Tyler, levantando-se de seu lugar.

AJ sorriu.

— Peguei um voo mais cedo.

Eu me levantei também, observando os homens se abraçarem e trocarem um selinho casto de cumprimento. Eles voltaram à mesa, com AJ me beijando em

seguida antes de se jogar no banco e passar o braço em minha cintura para me puxar para perto. Tyler sentou-se do outro lado dele, absorvendo sua presença após as últimas semanas separados.

Josh pigarreou, e foi então que percebi o quão silenciosa a mesa estava. Todos estavam nos encarando, com uma mistura de expressões expectantes e impacientes em seus rostos.

— Este é AJ — disse Tyler, simplesmente, e deixou que seus amigos tirassem suas próprias conclusões.

Ninguém sequer piscou; cumprimentaram AJ, ofereceram-se para esquentar um prato, para servir uma bebida. Eu observei, ficando em silêncio enquanto a tensão nos meus ombros finalmente se dissipava. Eu tinha passado tanto tempo cercada por babacas julgadores que era quase instintivo procurar por duplos sentidos ou elogios sarcásticos. Não havia nada disso ali. Pelo contrário, era apenas… fácil. Agradável.

Eu *gostava* daquelas pessoas. E não apenas de um ou dois deles, mas de todos. Eu estava mais do que curiosa sobre o tempo de Junior na máfia, queria saber mais sobre o trabalho de militância de Lauren, perguntar a Josh como ele tinha começado na área de hacker. A camaradagem natural deles era como um canto de sereia, a prova de que grupos de amigos saudáveis existiam e que família não significava apenas aquela em que você nasceu, mas também a que você escolheu.

Quando saímos, horas depois — e somente após prometer que sim, Tyler, AJ e eu definitivamente estaríamos no próximo jantar —, eu me sentia completa. Novos números tinham sido adicionados ao meu celular. Jackson viria na próxima semana para uma consulta sobre uma tatuagem que queria fazer. Aly exigira que eu participasse da próxima noite de coquetéis improvisada, onde ela, Taylor, Lauren e Ryan se reuniam para desopilar e falar mal do mundo. Lauren convidara Tyler e a mim para a Velvet, para conhecermos mais pessoas na comunidade *brat*, o que aceitamos com prazer, pois já tínhamos esgotado nossas pesquisas online.

Eles aceitaram AJ e a mim com tanta facilidade, de braços abertos, tão obviamente felizes por Tyler que meu coração doía.

— Parece quase bom demais para ser verdade — disse Tyler no caminho para a casa dos meus pais, com AJ nos seguindo logo atrás. — Como se eu não devesse ter isso, ser tão feliz, depois de tudo o que fiz.

Meu sorriso de resposta foi triste.

— Eu entendo. Eu mesma tive muitos desses sentimentos. Minha terapeuta chama de culpa irracional.

Tyler assentiu.

— A minha também, mas não consigo me livrar dessa sensação.

— Se punir para sempre não vai mudar seu comportamento no passado — falei. — Só continue se lembrando disso. Pelo tempo que for necessário para mudar a narrativa no seu cérebro. Você fez o que fez porque as informações que lhe deram eram imprecisas, o que não foi culpa sua. E sim, você agiu como um tremendo babaca por alguns anos, mas tem o resto da vida para provar que *não* é essa pessoa.

Ele balançou a cabeça, a mandíbula tensa, uma expressão obstinada surgindo em seu rosto.

Eu lhe dei um peteleco.

— Ei. Não seja mau com o meu namorado. Esse é o meu trabalho. — Isso me rendeu um revirar de olhos e um "Sim, senhora" murmurado.

— Eu te amo — falei a ele, pela primeiríssima vez, sabendo que isso o tiraria de sua espiral, mas também porque eu estava guardando essas palavras há um tempo. As coisas entre nós eram sempre maravilhosas? Não. Tyler ainda tinha muita raiva a ser processada. Às vezes, ele caía em estados de mau humor sombrios dos quais era difícil tirá-lo. Ele podia ser rude, instável e impaciente. Mas também estava aprendendo a pedir desculpas e a se redimir rapidamente, dedicando-se ao trabalho árduo de melhorar as coisas, de melhorar a si mesmo, e eu amava isso nele tanto quanto amava seu humor perspicaz e seus flertes afiados.

Ele virou a cabeça em minha direção e depois voltou a olhar para a estrada.

— Porra, Stella. Eu te amo tanto.

Mordi o interior da minha bochecha, me perguntando se o que eu estava prestes a dizer poderia mudar tudo.

— Acho que também amo um pouco AJ. Acho que sempre amei.

Tyler assentiu, parecendo que já esperava por isso.

— AJ é fácil de amar.

— E você? — perguntei. — Digo, você o ama?

Tyler suspirou.

— Não tenho certeza. Até pouco tempo atrás, eu não achava que fosse capaz de amor romântico. Que meu coração era duro demais. Mas eu sei que amo você. E sei que AJ também é importante para mim. Sinto falta quando ele não

está. Anseio pelo nosso tempo com ele. Ele… me equilibra de uma forma que você não faz. — Ele me lançou um olhar de desculpas. — Sem ofensa.

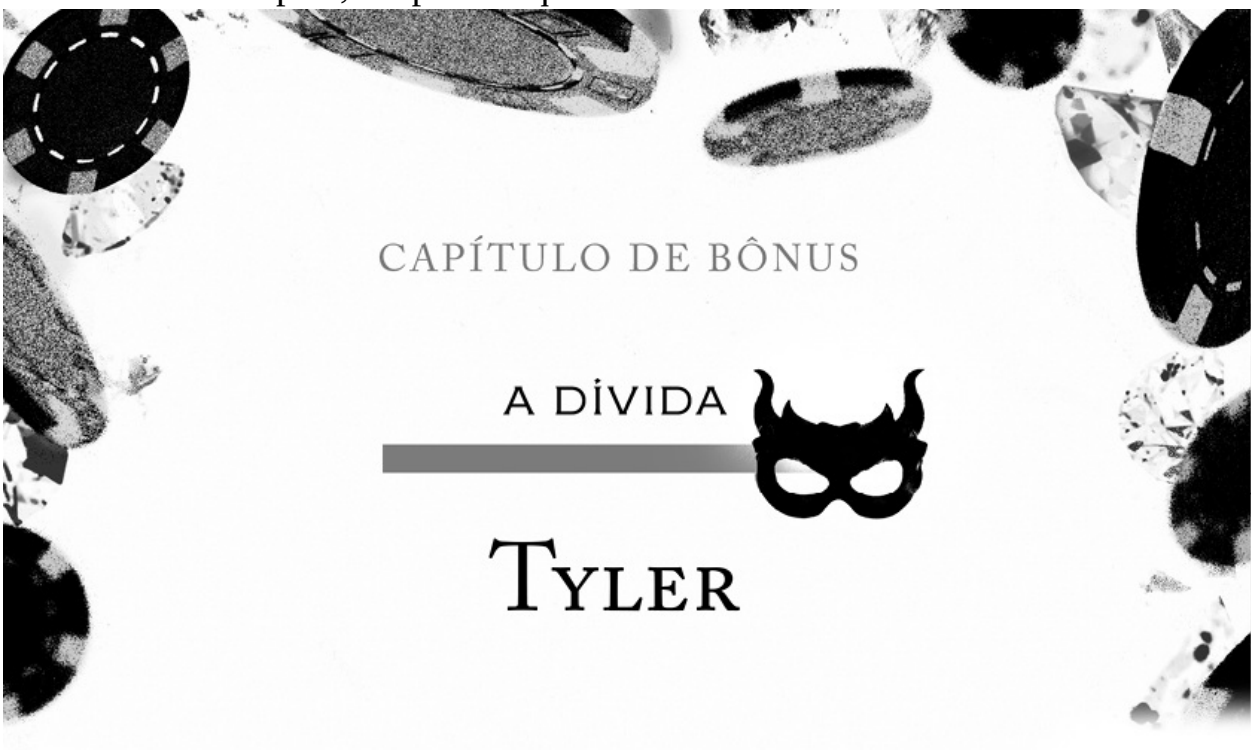
Sorri, pensando que aquilo soava muito como amor, mas se Tyler precisava de mais tempo para perceber, eu guardaria minha opinião para mim mesma.

— Eu entendo — respondi em vez disso. — E sinto o mesmo. Você quer perguntar a ele hoje à noite? Se ele quer se juntar ao nosso relacionamento?

— Você acha que ele toparia? — perguntou Tyler. — Que ele diria sim?

— Ele vai — garanti.

Várias horas depois, AJ provou que eu estava certa.



— QUAL É O SEU PROBLEMA HOJE? — perguntou Junior, virando-se para mim.

— Eu não *tenho* porra de problema nenhum — rosnei.

Ele arqueou uma sobrancelha e me lançou aquele olhar que a família Trocci tinha aperfeiçoado: uma mistura devastadora de desprezo e nojo.

Tudo bem, certo, talvez ele tivesse um ponto.

Soltei o ar com força e me levantei da cadeira, andando até a janela para ver a rua lá embaixo. Estávamos no terceiro andar da Velvet, revisando os custos do contrato para a nossa próxima rodada de reformas, e não conseguíamos concordar em nada. Principalmente porque eu continuava brigando com Junior só por brigar. Só para descarregar a frustração que queimava nas minhas veias.

— É a Stella — falei.

Ele bufou.

— É, imaginei. O que ela fez?

Olhei para ele por cima do ombro.

— É mais o que ela *não* quer fazer. Deixar eu quitar a hipoteca dela.

Junior deu uma risadinha.

— Então quita de qualquer jeito. Funcionou bem para mim.

— A Lauren literalmente te deu um choque de taser.

— Aquilo foi por outra coisa.

Ergui a sobrancelha.

Ele balançou a cabeça.

— História para outra hora. Estamos falando dos seus problemas, não dos meus. Qual é a pior coisa que poderia acontecer se você pagasse tudo sem a aprovação da Stel?

Minha mente disparou as respostas que eu não podia dizer em voz alta.

Ela nunca mais vai me deixar gozar.

Ela vai chicotear a minha bunda até sangrar.

Ela finalmente vai cumprir a ameaça de me grampear com um consolo do tamanho de um braço e me transformar num boneco humano.

— Ela terminar comigo — falei, porque, sim, esse seria o pior cenário.

Junior franziu o cenho.

— Sério? Você acha que é assim que ela te recompensaria por tornar a vida dela infinitamente mais fácil?

— A Stella consegue ser… teimosa. — Um eufemismo. — Ela é obcecada em fazer tudo sozinha porque cresceu com os pais fazendo tudo por ela. Agora precisa provar que é independente se matando de trabalhar antes dos quarenta.

— Ela está tendo crise de novo?

— Não, mas só porque o AJ e eu forçamos ela a desacelerar e se cuidar.

Ele assobiou, olhando para o teto com uma expressão inocente.

— Aposto que ela ficaria bem menos estressada se não estivesse preocupada com uma hipoteca. Provavelmente ajudaria muito a evitar que ela tivesse outra crise lá na frente. Só estou dizendo… talvez ela fique puta com você por um tempo, talvez até ameace terminar tudo, mas quando a poeira baixar, ela pode mudar de ideia. Especialmente se você convencer o AJ a rachar a conta com você.

Eu resmunguei.

— AJ acha que ela deveria ter o direito de sofrer com uma dívida financeira debilitante se for isso o que ela realmente quer.

Junior fez uma careta.

— Pessoas boas são estranhas pra caralho.

Assenti, concordando, começando a achar que ele podia ter razão. Eu estava indo muito bem ultimamente. A terapia estava ajudando, eu estava lidando com muita da minha bagagem e não tive muitas recaídas em comportamentos de merda.

Eu devia *tudo* aquilo à Stella. Sem ela, quem sabe onde eu estaria agora? Morto, preso ou ainda vivendo sob a crença de que meu pai era um lixo irrecuperável?

Eu jamais, jamais conseguiria recompensá-la por ter salvado a minha vida. Porque ela salvou, de verdade, mesmo que se recusasse a enxergar dessa forma. Toda vez que eu tentava tocar no assunto, ela vinha com aquela conversa fiada de *você salvou a si mesmo*.

Não. Eu não salvei.

Foi ela.

O mínimo que aquela mulher poderia fazer era me deixar agradecer do jeito certo.

Junior abriu um sorriso largo, adivinhando para onde meus pensamentos tinham ido.

— Aposto que, se a gente ligar para o Josh, ele consegue todas as informações da hipoteca dela em cinco minutos.

Tirei o celular do bolso.

— Aposto vinte dólares que ele consegue em menos de um.



A preocupação bateu forte no caminho de volta para a casa da Stella.

E se ela *realmente* me deixasse por causa disso? Aquela mulher era teimosa pra caralho quando colocava uma coisa na cabeça. E sim, ela estava dando conta de tudo sozinha até agora, mas continuar agindo assim por causa de um princípio moral descabido era burrice.

Fiz uma careta.

Não. Stella não era burra. Tyler mau. Esses eram pensamentos antigos. Pensamentos do Tyler de antes da iluminação. Mas, porra! Argh! Ela estava me deixando louco pra caralho com essa visão limitada. Sem hipoteca significava mais dinheiro para ajudar Runa. Melhorias na loja. Comprar um guarda-roupa

inteiro de roupas de “garota triste” para enfiar naquele vácuo preto que era o armário dela.

Eu entendia querer fazer as coisas por conta própria, mas por que alguém forçaria a barra quando o parceiro estava literalmente implorando para ajudar? Eu tinha os meios. Stella tinha a necessidade. Do jeito que eu via as coisas, não deveria ser um problema. E, ainda assim, aqui estava eu, me martirizando porque não sabia se conseguiria fazer Stella enxergar desse jeito.

Ela não terminaria comigo *de verdade* por causa disso, terminaria?

Ah, merda, e se terminasse? E se ela finalmente percebesse que eu dou mais trabalho do que valho e que não mereço a segunda chance que ela me deu? Que eu não presto. Que eu só vou puxá-la para baixo. Já exigia demais dela. Ela aturava meus humores instáveis. Deixou eu praticamente me mudar para o apartamento dela, embora eu tivesse um perfeitamente bom do outro lado da cidade. Ela até servia de escudo entre mim e meu pai quando eu sentia que não estava com cabeça para ficar sozinho com ele.

E se ela realmente me desse um pé na bunda, porra?

Quando cheguei na casa dela, já estava um caco. Era segunda-feira e a loja estava fechada; o silêncio fazia parecer que eu estava marchando para a minha própria cova enquanto subia as escadas.

Stella estava sentada no sofá quando entrei, desenhando em um bloco de papel, vestindo calça de moletom preta e uma das minhas camisetas. O cabelo estava preso no topo da cabeça em um coque bagunçado, e as sardas dela estavam totalmente à mostra porque estava sem maquiagem. Ela parecia quase fofa, toda amarrotada, como se tivesse acabado de acordar de um cochilo.

— Oi — disse ela, erguendo os olhos até os meus, com um sorriso suave brincando nos lábios.

Meu amor por ela me atingiu como um raio, me tirando o fôlego. Merda, o que eu tinha feito? Por que achei que a *minha* necessidade de ajudar pesava mais do que o que ela queria? Maldito Junior. Eu sabia que ele era uma má influência, que despertava meus instintos mais sombrios, e isso acabava de ser provado.

Respirei fundo. Não. Culpar ele era um erro. Não era culpa dele. Ele não tinha colocado uma arma na minha cabeça e me forçado a ser um idiota. A culpa era minha, e somente minha.

— Tyler? — perguntou Stella, deixando o bloco de lado. — Você está bem?

Eu caí de joelhos, com força, acolhendo a pontada de dor porque eu tinha merecido. Abaixei o queixo contra o peito, o olhar caindo no chão porque eu não merecia olhar para ela depois do que fiz.

— Eu fiz merda — falei.

— *Merda, merda* — grasnou Amos de um poleiro ali perto, me ecoando ou me atormentando, eu não tinha certeza. Aquele pássaro era mais inteligente do que tinha o direito de ser.

O sofá rangeu quando Stella se levantou.

— Como assim?

— Eu quitei a sua hipoteca.

Silêncio.

Eu não ousei olhar para ela, com medo demais de ver aquele brilho suave dela ser incinerado pela fúria.

O tempo pareceu se arrastar. Meus ouvidos estavam atentos, tentando captar qualquer som, qualquer indicação de como ela se sentia, mas meu coração batia alto demais para eu ouvir qualquer outra coisa. Eu estava com medo de verdade agora.

Por fim, ela soltou um suspiro longo e pesado, como se estivesse exausta. Como se eu a tivesse exaurido.

— Quando?

— Hoje de manhã.

— Você está arrependido?

Abri a boca para dizer que sim, mas a palavra se recusou a sair. Porque a verdade era que eu não estava arrependido. Sim, eu me arrependia da decisão. Sim, eu estava apavorado com as consequências. Mas não estava arrependido. Não por acabar com o maior fator de estresse da vida da Stella. Eu me importava demais com o bem-estar físico dela para isso. Eu tinha visto o quanto uma crise podia machucá-la — inferno, eu tinha causado uma — e faria qualquer coisa que pudesse para evitar que isso acontecesse de novo.

— Rasteje até o quarto — ordenou ela, entredentes.

A adrenalina inundou minhas veias enquanto eu obedecia. E a esperança também. Ela não me daria ordens assim se fosse terminar comigo, certo? Ela apenas gritaria e me chutaria para fora. A gente não resolvia todos os nossos desentendimentos com fetiche de *brat*. Metade do tempo, discutíamos como qualquer outro casal, precisávamos usar as palavras e manter a cabeça fria enquanto resolvíamos nossas merdas (na maioria das vezes, *as minhas*).

— Pare aí — disse ela.

Congelei.

A porta do quarto deu um estalo ao fechar atrás dela.

— Você durou mais do que eu achei que duraria — disse ela, soando mais irritada do que furiosa.

— Eu… durei?

— Três meses? — disse ela. — É. AJ e eu achávamos que você ia ceder e quitar tudo séculos atrás.

Ousei olhar para cima, para ela.

Ela agarrou a minha nuca e forçou minha cabeça para baixo novamente; a fisgada das unhas dela no meu couro cabeludo fez lágrimas de alívio arderem nos meus olhos.

— Eu ainda estou puta com você por causa disso.

— Sim, senhora.

— Vá se sentar no seu canto, quietinho, e não olhe para mim. Preciso terminar este desenho.

Eu rastejei até o meu lugar, uma parte do chão delimitada por fita onde eu mal cabia ajoelhado — o que já era metade da batalha. Se eu cruzasse a linha com um dedinho que fosse, era punido.

Pelo canto do olho, vi Stella se jogar no seu lado da cama. Ela puxou o bloco de papel para o colo e voltou ao trabalho, me ignorando. Os segundos se passaram, depois os minutos. É de se pensar que eu ficaria entediado, sentado ali sendo ignorado, mas era o oposto. Eu estava hiperfocado, fixado em cada movimento dela, esperando pelo meu próximo comando, lutando contra a vontade do meu corpo de relaxar em uma posição mais confortável.

— Tire o pau para fora — disse Stella, após uma pequena eternidade.

Eu obedeci, e sim, eu já estava duro.

Ela voltou a desenhar por um tempo, sem dar nenhuma outra instrução, então eu só fiquei ali sentado com meu pau ereto ao vento como um idiota. O constrangimento tomou conta de mim, e não fiz nada para conter a maré. Isso não era nada comparado a algumas das humilhações a que fui submetido pela megera na cama. Não, eu estava mais envergonhado pelo quanto eu queria o que quer que estivesse por vir; uma pequena parte de mim ainda lutava contra a realidade de que, em vez do grande homem mau que eu pensava ser, na verdade, eu queria ser dominado até o limite e depois ganhar beijinhos na testa e ouvir que sou um bom garoto.

Franzi o nariz, lutando contra uma coceira, rezando para não espirrar, porque Stella deu para me colocar uma mordaça se eu fizesse um único som sequer depois que ela ordenasse silêncio — intencional ou não. Não que eu me importasse com a mordaça; era do gosto de silicone que eu não gostava.

— Acaricie seu pau, Tyler — disse Stella. — Devagar. — Ela se inclinou para o lado, abrindo a gaveta da mesinha de cabeceira para arremessar um frasco em mim. — E use lubrificante suficiente para não ficar assado.

Eu o peguei no ar e apertei uma quantidade generosa na mão, deixando-o ao meu lado antes de fechar o punho na base do meu pau, apertando com força suficiente para aliviar parte da pressão. A primeira subida da minha mão foi um paraíso, e consegui passar o polegar na ponta antes de descer novamente, espalhando o lubrificante natural que se acumulava ali.

— Mais devagar — disse Stella.

Diminuí o ritmo; minha mão mal se movia, quase devagar demais para ser registrada como prazer. A princípio. Mas logo percebi que aquilo, de fato, era bom. Me forçava a focar a sensação do meu pau na própria mão, no aperto do meu punho nele. A ponta ficou sensível, o frênulo mais erógeno do que eu jamais tinha experimentado. Ahh. No passado, eu batia punheta de qualquer jeito, bruto e rápido, correndo em direção à linha de chegada, mas Stella estava me ensinando a apreciar mais o ato das preliminares, não só com uma parceira, mas comigo mesmo.

Eu conseguiria gozar assim? Porra, não. Mas conseguia chegar perto.

Brinquei comigo mesmo tempo suficiente para minha respiração acelerar. O suficiente para eu precisar passar mais lubrificante.

— Mais rápido — ordenou Stella. — Mas diminua o ritmo antes de chegar perto demais de gozar.

Minha mão voou pelo membro. Desce. Sobe-desce-sobe-desce, porra, que sensação boa.

Ela deixou o bloco de papel de lado e pegou o tablet, o rosto voltado para ele, me ignorando completamente, exceto para dar ordens. E a visão dela, tão absurdamente indiferente enquanto eu engolia gemidos de prazer a poucos passos de distância, era muito mais excitante do que deveria. AJ sempre falava sobre o quanto eu tinha autocontrole, mas Stella é quem era realmente impressionante. Se nossos papéis estivessem invertidos, se fosse ela se tocando na *minha* frente, eu estaria em cima dela num piscar de olhos, abrindo aquelas pernas e…

Diminuí o ritmo da mão até quase parar. Meu Deus, foi por pouco; o orgasmo rastejou para cima de mim antes mesmo de eu perceber o que estava acontecendo. Culpa da minha mente divagando.

— Pare.

Congelei.

— Você está arrependido?

— Não.

— Brinque com suas bolas. Sinta o prazer enquanto aperta a base.

Abri mais o zíper da calça para conseguir alcançar o interior com a mão livre. Meus testículos estavam retraídos, colados ao corpo, evidência do quão perto eu estive de gozar. Apertei meu pau, puxando-o gentilmente, meu queixo batendo no peito enquanto eu me assistia.

Rolei as bolas na palma da mão, aliviando a tensão no pau apenas o suficiente antes de prender tudo de novo, restringindo o fluxo sanguíneo. Comecei um padrão: relaxa, aperta, puxa; relaxa, aperta, puxa. O quão bom podia ser considerado bom demais? Porque aquilo estava bom pra caralho.

Minha respiração falhou. Minhas coxas tremeram.

Eu conseguia notar, pelo som da caneta digital da Stella deslizando sobre o tablet, que ela ainda estava desenhando. Conseguia vê-la encolhida na cama como um camarão, mesmo sabendo que a má postura podia atacar o estômago dela. Isso me fez sentir um pingo de satisfação, uma prova de que ela realmente precisava de alguém para ajudar a cuidar dela.

Meu pau latejava na minha mão, implorando por mais, implorando para que eu me movesse, porque eu também não conseguiria gozar daquele jeito.

Relaxa, aperta, puxa.

O tempo se arrastava.

— Você está arrependido?

— Não — gemi.

— Tire a mão de dentro da calça.

Eu obedeci, deixando a mão solta ao lado do corpo.

Três minutos se passaram antes que ela falasse de novo. Eu sabia, porque contar os segundos era a única coisa que me mantinha são. Meus joelhos doíam de ficar ajoelhado. Minha coluna latejava por me manter tão rigidamente ereto. E o meu pau… implorava por misericórdia.

— Se masturbe em uma velocidade média. Pare antes de chegar perto demais.

Passei mais lubrificante na mão e fiz o que ela mandou, sentindo uma leve tontura. Senti o orgasmo começar a crescer imediatamente de novo, como se a ameaça de gozar nunca tivesse ido embora de verdade.

Uma paz estranha tomou conta de mim enquanto eu caminhava no fio da navalha do prazer. Eu poderia gozar, se *realmente* quisesse, mas agora, o que eu queria não importava. Meu prazer não era meu. Era de Stella. Pertencia a ela. E ela me disse para não fazer isso, então eu não faria.

Soltei um suspiro longo e lento, me estimulando, me perdendo naquela sensação nebulosa e beatífica da submissão. Eu passei a porra da minha vida inteira sendo egoísta até os ossos, preocupado apenas com minhas vontades, minhas necessidades, e eu não queria mais ser aquela pessoa. Estava tentando arduamente mudar essa parte de mim, mas o dia de hoje deixou claro que eu ainda tinha muito trabalho pela frente.

— Você está arrependido? — perguntou Stella.

— Não — respondi, com a língua pesada enquanto lutava para raciocinar em meio aos hormônios sexuais que corriam no meu sangue.

— Por que não?

— Porque eu ainda tenho muitos inimigos nesta cidade e, se algo acontecer comigo, posso morrer sabendo que você, pelo menos, está bem financeiramente.

— Pare.

Eu parei.

— Não se atreva a morrer, porra.

Lutei contra um sorriso e mantive a boca fechada, já que não era uma pergunta direta. Por dentro, eu estava vibrando. Ela ainda me amava. Dava para notar pelo tom ríspido e quebrado daquela última frase, como se a ideia de me perder causasse dor física nela.

— Brinque consigo mesmo apenas o necessário para se manter duro — disse ela.

Ufa. Tudo bem, mas ela ainda estava puta da vida.

Está tudo bem, pensei enquanto me dava uma única e solitária carícia. Eu aguentaria a raiva dela. Deus sabia que eu tinha feito mais do que por merecer com essa palhaçada.

Na cama, ela voltou a desenhar, virando-se de bruços com o tablet à sua frente sobre as cobertas. Mantive meu olhar baixo, mas focado nela pela minha periferia; a visão dela espalhada daquele jeito era o suficiente para me manter duro sem ter que fazer muito mais do que me dar um aperto ou carícia ocasional.

Cinco minutos se passaram.

Dez.

Meu pau estava começando a ficar quente ao toque.

— Mais rápido, Tyler. Mas pare logo antes de gozar, nem um segundo antes.

É, não. Ela não ia terminar comigo. Porque ela claramente planejava me matar, isso sim.

Segurei meu pau com força, despejando lubrificante nele, minha mão trabalhando na minha velocidade normal, a cabeça do pau vazando mais

lubrificante natural do que eu já tinha visto na vida. As veias começaram a pulsar ao longo dele. Meus testículos subiram, firmes e rápidos. Onde estava o limite? O quão perto eu estava? Era difícil dizer depois da última… hora? Porra, ela estava me deixando no limite há uma hora? Era o maior tempo até agora.

Minha respiração saiu trêmula. As coxas ficaram tensas. Uma pressão cresceu na base da minha coluna, e eu sabia que devia estar correndo o risco de gozar, mas minha cabeça estava tão em êxtase que eu não sabia mais o que era para cima ou para baixo.

De repente, meu pau virou ferro no meu punho. Arranquei a mão, arfando, travando cada músculo do meu corpo para não explodir, dilacerando a parte interna da minha bochecha com os dentes enquanto lutava pelo controle.

— *Você está arrependido agora?* — exigiu Stella.

— NÃO! — rugi, fora de mim demais para me censurar.

Ela saltou da cama, chutou o moletom para longe e avançou em mim, praticamente me jogando contra a parede. A mão dela atingiu minha garganta, me prendendo ali enquanto seus dedos apertavam e ela se sentava no meu pau. Eu afundei nela *até o fim.* Porque Stella estava *encharcada*. A prova de que ela não estava nem de perto tão indiferente quanto parecia.

— Fico feliz que tenha feito isso — ronronou ela.

Fiquei tão chocado que olhei para ela.

Ela se inclinou para frente, apertando a mão com mais força, e pressionou um beijo delicado nos meus lábios, mantendo os olhos abertos para que eu pudesse encarar suas profundezas insondáveis.

— Não goze antes de mim.

Não houve como conter o gemido que escapou dos meus lábios. A boceta dela estava tão quente e molhada ao meu redor, já pulsando, e eu estive equilibrado no precipício do esquecimento pelo que pareceu uma vida inteira. Como me segurar agora que estava dentro dela?

A mão dela deslizou do meu pescoço e a outra subiu para se juntar a ela, emoldurando meu rosto, inclinando minha cabeça enquanto ela começava a se mover, cavalgando em mim com estocadas suaves e ritmadas.

— Eu te amo — disse ela, deixando outro beijo nos meus lábios. — Mesmo que você seja um babaca teimoso.

Olha só quem fala, pensei.

Ela deve ter visto isso nos meus olhos, porque mordeu meu lábio inferior como um aviso antes de aprofundar o beijo. Gemi dentro da boca dela, minhas mãos trêmulas agarrando seus quadris, firmando-a enquanto ela realmente

começava a me foder. Ela não precisava que eu tocasse seu clitóris nessa posição; o atrito dele roçando contra a parte inferior do meu abdômen era o suficiente para fazê-la chegar lá.

Então, em vez disso, fiquei ali sentado sobre meus joelhos machucados, as costas apoiadas na parede enquanto segurava o peso de nós dois e tentava fingir que os barulhinhos famintos que ela fazia não estavam me enlouquecendo. Que eu não estava à beira de um apagão.

Eu não fazia a menor ideia de como estava conseguindo não gozar àquela altura.

Minhas bolas estavam tão retraídas que parecia que tentavam subir para dentro da minha cavidade corporal. Meu pau estava tão duro que doía, o que era estranho pra caralho, já que também era uma sensação incrível, como se eu tivesse desenvolvido subitamente um segundo sistema nervoso inteiro ali. A boceta da Stella *sempre* era deliciosa, mas ela estava especialmente apertada naquele ângulo, e o fato de ela mover a língua no mesmo ritmo dos quadris estava quase me mandando direto para a lua.

Ela tinha dito que eu não podia gozar antes dela. Mas não disse nada sobre eu fazê-la chegar lá mais rápido.

Prendi as mãos nos quadris dela e comecei a bombear com estocadas curtas e rasas para manter o máximo de contato possível com o clitóris dela. A respiração dela falhou. Ela interrompeu o beijo para enterrar o rosto no meu pescoço, arfando.

Eu precisava que ela gozasse.

Agora.

Não conseguiria aguentar por muito mais tempo. Eu já sentia os sinais de alerta. A tensão, o corpo ficando rígido.

— Por favor — implorei, minha voz rouca. — Por favor, goza, Stella. Por favor. Ah, porra. Amor. Eu preciso de você.

Engasguei em um soluço, e ela finalmente cedeu, empurrando meu peito, arqueando as costas e cavalgando com força; os peitos dela balançavam sob a camiseta, e sons úmidos e obscenos preenchiam o quarto. Ela jogou a cabeça para trás com um grito, a boceta se apertando ao meu redor como um punho, e eu esperei apenas o tempo suficiente para ela começar a se recuperar do orgasmo antes de prensá-la contra o chão e descarregar dentro dela. Meus quadris bombeavam furiosamente, minha mente consciente havia sumido enquanto meu instinto assumia o controle e eu a possuía como um animal, enchendo-a com tanta porra que vazava entre nós em jatos quentes e viscosos.

Talvez eu tenha apagado.

Era a única explicação para o breve salto no tempo entre gozar como um gêiser e estar estirado em cima de Stella enquanto ela me acariciava, me elogiava e pedia desculpas. *Para mim*.

— Calma aí, o que você está dizendo? — resmunguei conforme as palavras dela começavam a fazer sentido. De algum jeito, encontrei forças para me levantar o suficiente para olhar para ela.

Ela sorriu, parecendo relaxada, satisfeita e… feliz?

— Eu estava sendo teimosa. E sinto muito por isso. Você tinha a capacidade de me ajudar sem nenhuma segunda intenção, e eu… — Ela exalou. — Eu simplesmente não conseguia me permitir aceitar. Parecia demais com uma esmola.

— Tá mais para um suborno por me aguentar.

Ela deu uma risadinha, a boceta se contraindo sobre mim, e meus testículos tiveram um espasmo, mais porra vazando do meu pau.

Gemi, encostando a testa no peito dela.

— Você não precisa me subornar — disse ela, passando os dedos pelo meu cabelo. — E não estou apenas feliz por você ter quitado a hipoteca. Estou feliz por você ter me enfrentado.

Virei a cabeça para trás.

— O quê?

Ela deu de ombros, ainda acariciando meu couro cabeludo.

— Às vezes, eu me preocupo em como essa parte do nosso relacionamento pode impactar o todo. Não quero que você sinta, em momento algum, que não pode revidar quando precisar.

Abri um sorriso convencido.

— Lembre-se disso da próxima vez que eu te responder depois de você mandar eu calar a boca.

Ela balançou a cabeça, mas estava sorrindo.

— Tyler. Você sabe que eu gosto quando você faz isso, não sabe? Que eu fico tão excitada com você me enfrentando quanto com você se submetendo.

— Isso explica por que você estava tão encharcada quando me jogou na parede. — Dei uma pequena estocada com o quadril para enfatizar.

— Não faça eu me arrepender de ter te contado isso.

— Eu já sabia, Raio de Sol.

Ela rosnou.

— Essa porra de apelido.

— Desculpa, eu quis dizer Vadia do Lanche.

As pernas dela se apertaram ao redor da minha cintura como uma jiboia, os braços apertando meu pescoço enquanto ela enfiava meu rosto contra o peito dela.

— Vai dormir.

Eu ri contra ela, mais porra vazando entre nós.

Ela afrouxou o aperto.

— Gostaria que você tivesse se esforçado mais para me convencer a aceitar sua ajuda.

— Eu também. Acho que nunca vou me arrepender de ter quitado sua dívida, mas sinto muito pela forma como fiz isso.

— Aceito.

— Eu também aceito suas desculpas. — Rocei meu nariz no dela. — Então… quem vai pegar o esfregão para limpar essa bagunça?

— Você — disse ela. — Vou estar ocupada demais tentando tirar tudo isso no banho. Tenho quase certeza de que tem porra até o meio das minhas costas, o que é excitante na hora, mas agora que está começando a esfriar… — Ela fez uma careta.

A porta da frente se abriu e nós dois ficamos rígidos por instinto, embora, logicamente, só pudesse ser uma pessoa.

— Querida, cheguei! — gritou AJ.

Eu me levantei e troquei um sorriso com Stella, esperando os dois segundos obrigatórios antes de nos juntarmos a Amos e gritarmos de volta:

— *Vai se fodeeeer!*

— Ei! Pode trazer o esfregão aqui? — gritei. — Stella fez uma bagunça!



MEU NAMORADO ERA DONO DE UM CLUBE DE SEXO.

Eu sabia disso. Eu entendia isso. Conversávamos sobre o assunto frequentemente com a nossa namorada, empolgados com todas as melhorias que Tyler e Junior já tinham feito na Velvet, e ainda mais com as que eles ainda planejavam fazer.

Mas, esta noite, eu estava aprendendo que saber e vivenciar eram duas coisas bem diferentes.

Eu me sentei entre Tyler e Stella nos fundos de uma sala de sexo. A sala de *brat*, para ser exato. No palco, uma mulher pequena se masturbava com um vibrador enquanto um homem, um verdadeiro colosso, estava sentado em uma cadeira ao lado da cama onde ela estava, observando e dando instruções em uma voz fria e compassada.

— Pare — disse ele, e a mulher praticamente gritou de frustração.

Eu quase ecoei com ela. Estávamos naquela maldita sala há quase uma hora, sendo levados ao limite junto com ela, e eu estava mais tenso que a corda de um arco. Lauren tinha nos dito que as pessoas eram incentivadas a participar na plateia da Velvet, e que não era incomum ver casais ou grupos fazendo sexo com penetração total durante as cenas.

Quase ninguém estava se tocando agora. A maioria estava fixada demais no drama que se desenrolava no palco. A mulher estava um trapo. A parte interna

das coxas escorregadia de excitação, suor colado na testa, bochechas e peito vermelhos de uma mistura de raiva e prazer negado. Toda vez que ela chegava minimamente perto de gozar, o homem ordenava que parasse — uma punição pelo comportamento dela no início da cena.

Olhei para a esquerda, para Stella, que estava inclinada para a frente no assento, os olhos fixos no palco como se estivesse tentando memorizar cada detalhe. Ela e Tyler ainda estavam se ajustando aos seus papéis como uma dupla de *dom/brat*, e já tínhamos aprendido tudo o que podíamos em fóruns online, então decidimos que era hora de eles aprenderem com outros, pessoalmente.

Eu tinha vindo para dar apoio e porque achava importante entender esse aspecto do relacionamento deles. Fetiche de *brat* não estava no topo da minha lista de fetiches, mas não era como se eu não aproveitasse os frutos do trabalho deles. Especialmente porque o *voyeurismo* encabeçava a minha lista, e observar Stella colocar Tyler nos eixos sempre que ele começava a se comportar mal era incrivelmente satisfatório. Não apenas sexualmente, mas emocionalmente. Depois, ele ficava muito mais calmo, centrado, quase em êxtase, como se estivesse chapado. Eu amava vê-lo daquele jeito, desfeito por ela. E Stella… meu Deus, ela ficava gloriosa quando o punia.

— Comece — disse o homem no palco, e eu me preparei para mais uma rodada de tortura.

A mulher mergulhou o vibrador em si mesma com um soluço, as pernas tremendo enquanto girava os quadris.

— Belisque seus mamilos — instruiu o homem, soando quase entediado.

Ela obedeceu imediatamente, e meu pau latejou enquanto gemidos desconexos escapavam dos lábios dela.

— Mais forte, gatinha — disse ele.

Ela se puxava e se beliscava, soltando gritos. Um minuto se passou. Dois. Os quadris dela começaram a trabalhar mais rápido, a respiração ganhando um tom ríspido. Meus ombros ficaram tensos porque eu sabia o que viria a seguir, e não sabia quanto tempo mais eu aguentaria.

A mão de Tyler pousou no meu joelho, apertando com toda a força que tinha. Trocamos um olhar rápido. As pupilas dele estavam tão dilatadas que seus olhos pareciam pretos, e olhei para o colo dele para ver seu pau grosso marcando a calça.

Voltei a olhar para frente, tentando me acalmar. Eu estava tão duro que chegava a *doer*. Estive assim o tempo todo, e a única coisa que me impedia de

tirar o pau para fora aqui mesmo, em público, era saber que Stella, Tyler e eu tínhamos um quarto reservado no andar de cima para o resto da noite.

Sim, seria bom me resolver sozinho, mas seria ainda melhor se um deles me fizesse gozar.

— Pare — disse o homem.

Vários suspiros ofegantes subiram da plateia. Alguém na frente até ecoou o soluço da mulher.

— Você aprendeu sua lição? — perguntou ele.

— S… sim, senhor — arfou ela. — Sinto muito. Por favor. Eu sinto muito. Por favor, me deixa gozar.

Aquela não era a primeira vez que ele perguntava aquilo nem a primeira vez que ela implorava pela liberação, e eu estava secretamente apavorado de que ele fosse negá-la novamente. Mas, após estudá-la por um longo momento, ele finalmente cedeu; seus dedos desceram no jeans, desabotoando, abrindo o zíper, até que seu pau gigante saltou para fora.

— Venha aqui, gatinha — rosnou ele.

Ela quase caiu da cama na pressa de chegar até ele, mas não havia nada de engraçado na cena. Era mais como ver uma mulher morrendo de sede recebendo um copo de água. Suas pernas estavam instáveis quando ela alcançou a cadeira e praticamente desabou sobre ele.

Ele a guiou para baixo, posicionando-a facilmente sobre seu pau, com um joelho de cada lado dos quadris dele enquanto a baixava lentamente sobre o membro. Ela se agarrou ao pescoço dele, soluçando, implorando, soando como se estivesse verdadeira e completamente destruída. Eu provavelmente deveria ter sentido pena dela, mas tudo o que eu conseguia pensar era em Stella finalmente destruindo Tyler na mesma intensidade, e eu *queria aquilo*. Ela já tinha chegado perto uma ou duas vezes, mas eles ainda estavam sendo cuidadosos um com o outro, aprendendo seus limites. Depois, eu esperava que todas as restrições fossem deixadas de lado.

A multidão ao nosso redor finalmente pareceu sair do estupor causado pela provocação prolongada, tirando o atraso enquanto mãos arrancavam cintos e camisas eram abertas. Eu não conseguia olhar para nenhum deles, hiperfixado no *dom* apertando a bunda de sua submissa enquanto a guiava para baixo em seu pau. Ela choramingava, arqueava, arfava, mas conseguia recebê-lo, e a visão daquele pau gigante e venoso desaparecendo no corpo minúsculo dela fez minha cabeça girar; tanto sangue bombeando pelo meu pau que eu estava começando a ficar tonto.

Ele a puxou para baixo o último centímetro, e ela gozou com um grito de gelar o sangue. Ele a segurou com mais força, bombeando dentro dela enquanto sua mandíbula se contraía e as narinas se dilatavam. Suas pálpebras tremeram, brevemente, o único sinal de que ele também havia chegado ao limite. E então ele a puxou para o peito, fazendo sons baixos e calmantes, e cobrindo-a com palavras de amor que eu mal conseguia ouvir por cima dos gemidos e aplausos da multidão.

Nós nos levantamos juntos, meus amantes e eu, contagiados pelo mesmo senso de urgência. Nenhum de nós falou enquanto subíamos as escadas. Nem sequer nos tocamos. Eu não podia falar pelos outros dois, mas se eu tocasse em um deles agora, não achava que seria capaz de parar, e havia um risco real de eu acabar convencendo um deles a me fazer gozar ali mesmo, em público.

Subimos as escadas, Tyler na frente, Stella logo depois, suas botas de combate ecoando no piso de madeira. Ela usava uma camiseta curta, meia arrastão e shortinho preto minúsculo que se agarravam à curva da sua bunda. Eu não conseguia parar de olhar enquanto ela balançava bem na frente do meu rosto. Minha mente estava cheia do desejo de envolver minhas mãos nela, como aquele *dom* fizera com sua *sub*, enquanto eu abria caminho dentro dela.

No terceiro andar, Tyler parou apenas tempo suficiente para passar seu cartão de membro em uma porta antes de nos levar para dentro.

— Você. Senta — murmurou Stella para ele, apontando para uma cadeira.

E então ela avançou em mim.

Eu a peguei no ar, minhas mãos cheias de sua bunda firme enquanto ela envolvia as pernas na minha cintura. Nossas bocas se chocaram. Ela girou os quadris sobre meu pau, fazendo ambos gemermos.

— Preciso disso — disse ela contra a minha boca. — Agora. Não posso mais esperar, AJ.

O quarto entrou em foco quando afastei a cabeça e ela desceu pelo meu pescoço com mordidas e beijos. As paredes eram revestidas com papel de damasco escuro. Um lustre com gostas de cristal acima de nós, nos banhando em uma luz suave e sombria. Tyler sentou-se em uma poltrona de couro com encosto alto de frente para a cama, exatamente como lá embaixo. Diferente daquele *dom*, ele não tinha um pingo de calma, agarrando os braços da poltrona com força mortal para manter o controle.

Meus olhos caíram para a cama, uma grande estrutura de quatro colunas com cortinas azul-meia-noite. Joguei Stella sobre ela, sabendo do que ela precisava quando ficava desesperada assim.

— Não se toque — disse ela para Tyler, erguendo-se sobre as mãos e joelhos. — Nem olhe. Você foi um *tremendo* babaca hoje.

Ele nem se deu ao trabalho de negar. Ele estivera de mau humor mais cedo, a ponto de quase não virmos para cá. Tyler teve terapia ontem, e o dia seguinte era sempre uma incógnita. Às vezes ele ficava quieto e introspectivo; outras vezes, como hoje, descontava nos outros. Foi por isso que me sentei entre eles na sala de sexo, agindo como pacificador até que os ânimos esfriassem.

— Sim, senhora — resmungou ele, soando petulante enquanto baixava o olhar para o chão.

Ah, Tyler, suspirei internamente, querendo tanto abraçar quanto estrangular aquele homem. Às vezes, ele simplesmente não conseguia facilitar as coisas para si mesmo. Ou talvez até conseguisse, mas precisava que Stella lhe ensinasse a lição do jeito mais difícil.

Não seria comigo. Eu estava tão excitado que chegava a doer. Eu precisava gozar, e sabia que Stella também precisava, pelo modo como ela ficou de quatro e começou a empurrar o short para baixo. Subi na cama atrás dela, substituindo suas mãos pelas minhas, arrancando tudo; o short, a calcinha e a meia-calça se enrolaram no meu aperto. Deixei-os na altura dos joelhos dela, o que efetivamente prendeu suas pernas uma na outra. Bom. Eu gostava da ideia de ela não conseguir se mover muito, de eu contê-la enquanto ela continha o Tyler. Além disso, assim ela não conseguia se abrir mais para facilitar a minha entrada, e eu a queria o mais quente e apertada possível agora, ainda lembrando da imagem daquela *sub* minúscula recebendo um pau tão grande.

Stella devia estar pensando nisso também, porque se sustentou com uma mão e deslizou a outra entre as pernas, me dando um lugar na primeira fila enquanto esfregava os dedos no clitóris. Porra, ela estava encharcada. Praticamente pingando.

Incapaz de me conter, inclinei-me para a frente e a lambi da boceta ao cu.

Ela soltou um som sufocado e começou a se estimular com mais força, e eu saboreei o gosto dela na língua enquanto me erguia novamente. Abri a calça em tempo recorde, cuspindo na mão e lubrificando a cabeça do meu pau antes de encaixá-lo na boceta brilhante dela. Com uma estocada, afundei nela, sentindo a resistência e amando o jeito como ela golpeava os quadris para trás.

— Mais — sussurrou ela. — Quero sentir como é ser fodida por um bom garoto.

Eita, essa doeu, pensei, mas não era hora para piadas. O clima hoje estava mais sério que o normal, mais carregado. Em vez disso, segui os instintos do

meu corpo, cedendo ao desejo de agarrar os quadris de Stella. Eu mal precisava me mexer, usando meu aperto para ajudá-la a se foder para trás contra mim.

— Meu Deus, AJ — gemeu ela. — Eu amo seu pau.

A cabeça dela se ergueu, e eu soube que ela devia estar olhando direto para Tyler. Segui o olhar dela e o vi agarrando a poltrona até os nós dos dedos ficarem brancos; os olhos dele tentavam deslizar em nossa direção, mesmo mantendo a cabeça virada, como se não conseguisse se conter. Não que eu pudesse culpá-lo. Ser forçado a sentar ali e apenas *ouvir* enquanto seus amantes fodem, depois do limite que já tínhamos suportado, me levaria ao extremo. Eu conheço meus limites, e aquilo seria demais para mim. O fato de ele estar aguentando era impressionante pra cacete, mas eu não ia dizer nada. Era cedo demais. Stella ainda precisava lhe dar uma lição, então meu elogio teria que esperar até depois.

O que não demoraria muito, nesse ritmo.

Baixei o olhar novamente, observando o espaço entre nós, vendo meu pau entrar e sair dela, rendido à sensação de que ela já estava tendo espasmos ao meu redor. Meu Deus, eu senti falta dela. Não apenas do sexo, mas da companhia, da forma como conseguíamos ter uma conversa inteira apenas com os olhos, do quão engraçada ela conseguia ser quando estava de bom humor, ou até de mau humor, desarmando discussões com uma frase bem colocada. Fiquei devastado quando ela me cortou da vida dela sete anos atrás, embora eu entendesse o motivo. Tê-la de volta agora parecia uma segunda chance. Uma que eu não planejava desperdiçar. E ter Tyler conosco…

Mudei meu foco para ele enquanto fodia Stella com mais força, acelerando o ritmo. Ele estava vestido casualmente hoje — calça preta, uma camisa polo preta que se agarrava aos seus músculos grandes e tênis pretos. O visual monocromático ficava *bem* nele.

O homem estava sendo punido. Ele deveria parecer contrito, arrependido, mas ele ocupava aquela cadeira como se fosse um trono. Como se fosse um rei ranzinza sendo privado do que julgava ser seu por direito. Se eu pedisse a Stella, ela o desenharia assim para mim? Eu já tinha um dos retratos dele emoldurado no meu quarto, ao lado de um dela, mas de repente eu estava desesperado para adicionar mais à minha coleção. Eu queria uma parede inteira deles. Stella mordendo o lábio, em pintura a óleo; Tyler, assim, em carvão; nós três juntos — arte em linha — nossos corpos retorcidos como apenas uma sugestão em tinta.

A boceta da Stella teve um espasmo e meus quadris falharam. Eu tentava pensar em qualquer outra coisa, desesperado para durar por ela, mas estava claro que era uma batalha perdida.

Tyler emitiu um som como se estivesse com dor, e eu gemi quando Stella girou os quadris, obviamente excitada com o sofrimento dele.

Como ela conseguia? Como conseguia se segurar e encontrar a força de vontade necessária para prolongar as coisas desse jeito? Eu estava desesperado para gozar e depois implorar para Tyler foder minha boca, meu cu, qualquer parte de mim que ele quisesse. O homem era tão bonito que chegava a ser um problema. E quando não estava sendo um *brat*? Ele era inteligente, atencioso, um pouco implacável, perigoso de um jeito bom, e tão engraçado quanto a mulher que se empurrava contra mim.

— Quero sentir você gozar — disse ela.

Meus testículos se contraíram.

— Quero que você faça uma bagunça em mim, AJ.

Tyler mordeu os nós dos dedos, sua cabeça começando a girar em nossa direção.

— Nem pense nisso — avisou Stella.

Ele congelou, os músculos do pescoço retesados, os bíceps saltando, como se precisasse de toda a força para obedecer. Como seria se ele simplesmente perdesse o controle? Se perdesse a luta e nos prensasse contra este colchão e — ah, porra, eu ia gozar.

Plantei uma mão entre as omoplatas de Stella, empurrando o peito dela para baixo e aprofundando o ângulo, encontrando aquele ponto que ela amava, aquele que, quando ela era fodida do jeito certo, a fazia se contorcer como uma gata selvagem.

Meus quadris bombearam como pistões. A respiração dela ficou ríspida. Os nós dos dedos de Tyler chegaram a sangrar de tanta força que ele fazia ao mordê-los. Stella gemeu contra o edredom, uma mão agarrando o tecido, a outra ainda entre as pernas. A boceta dela se apertou, pulsando enquanto ela gozava, gritando meu nome.

— Porra, amor — gemi, a coluna formigando, os testículos se contraindo, o pau ficando rígido enquanto o orgasmo dela engatilhava o meu e eu a perseguia rumo ao abismo.

Desabamos depois disso, e apoiei uma mão de cada lado das costelas dela para não esmagá-la.

— Você está arrependido? — perguntou ela enquanto recuperava o fôlego.

Eu me inclinei para frente e deixei beijos ao longo da escápula dela, sabendo que ela estava falando com Tyler, que era hora de ele se redimir.

— Sim — disse ele, ainda desviando o olhar. — Com vocês dois.

— Obrigado — falei. — Eu aceito suas desculpas.

Stella esticou a mão para trás e passou os dedos pelo meu cabelo; fechei os olhos e me entreguei ao toque dela.

— O que você acha? — disse ela. — Ele aprendeu a lição?

Levei um momento para estudar Tyler, o corpo dele tenso como um punho, sozinho naquela poltrona, parecendo finalmente, de verdade, arrependido.

— Aprendeu — falei, e os ombros dele relaxaram só um pouco.

Deslizei para fora da Stella, e ela se virou embaixo de mim, olhando para cima com uma expressão satisfeita.

— Devo deixar ele gozar?

Eu sorri e terminei de tirar as roupas das pernas dela.

— Não mesmo.

Tyler choramingou.

— Você deve *fazer* ele gozar — corrigi.

O choramingo se transformou em um gemido.

Stella observou Tyler.

— Rasteje até nós.

Ele saiu da poltrona em um piscar de olhos. E sim, talvez você pudesse chamar aquilo de rastejar, já que ele estava de quatro, mas parecia mais um predador espreitando a presa. O jeito como os ombros dele se moviam. O jeito como os olhos dele nos caçavam, sombrios e fixos. Dei um último beijo nos lábios de Stella e me afastei para o lado, mas não fui muito longe, porque queria ver de perto o que estava prestes a acontecer.

Tyler avançou sobre a cama, mechas de cabelo caindo para frente e sombreando seu olhar. Sua expressão estava protegida, mas havia uma vulnerabilidade em seus olhos que me dizia que, esta noite, ele precisava ser perdoado mais do que precisava ser punido. Stella deve ter visto isso também, porque estendeu a mão para ele, puxando aquele corpo grande para cima de si e envolvendo-o com seus braços e pernas enquanto ele ainda estava totalmente vestido.

— Eu te amo — disse ela a ele.

— Eu também te amo — murmurou ele contra o pescoço dela. Às cegas, ele tateou em minha direção. Segurei sua mão, e ele a usou para me puxar para baixo, ao lado de Stella. Ele virou a cabeça, seus olhos injetados encontrando os meus. — Vocês dois.

Inclinei-me para beijá-lo, dizendo-lhe sem palavras que o amava quando ele estava em seu melhor momento, mas também quando estava em seu pior; que eu

tinha orgulho de todo o progresso que ele estava fazendo. Ele gemeu, a língua girando contra a minha, os quadris se encaixando no V das coxas de Stella, e eu sabia que a nossa porra devia estar fazendo uma bagunça na frente da calça dele.

— Aceito suas desculpas — disse Stella, em voz baixa e rouca.

Tyler interrompeu nosso beijo para olhar para ela.

— Posso gozar?

Ela enterrou as unhas nas costas dele, arranhando-o.

— Sim.

A mão dele deslizou entre eles para abrir a calça, os dedos atrapalhados pela necessidade, os membros tremendo. Vi apenas um vislumbre do seu pau antes de ele estocar dentro dela, e o som que ecoou de seu peito foi tão gutural que parecia mais animalesco do que humano. Ele bombeou os quadris para frente, agarrando-me novamente, precisando saber que eu estava ali com eles enquanto enterrava o rosto no pescoço de Stella e metia dentro dela. Como a *sub* lá embaixo, ele gozou quase imediatamente, seus gemidos graves e profundos ecoando pelo quarto.

Depois, ficamos deitados, todos entrelaçados, Stella e eu elogiando Tyler enquanto nossa pele esfriava conforme o ar-condicionado trabalhava. Puxei o edredom sobre nós, respirando o aroma limpo de detergente de lavanda.

— Este é o nosso quarto — disse Tyler. — Eu pretendia contar a vocês mais cedo, mas estava ocupado demais sendo um desgraçado.

— Como assim, nosso? — perguntou Stella, seus olhos deslizando até os meus.

Tyler finalmente ergueu a cabeça de cima dela.

— Tipo, só nosso. Uma suíte de proprietário. Tem um banheiro privativo com banheira grande o suficiente para nós três. Mandei instalar durante as reformas.

Os olhos de Stella brilharam.

— Eu te amo, mas sai de cima de mim — disse ela, empurrando o peso de Tyler.

Eu joguei o braço dele para longe da minha cintura e deslizei da cama antes dela, praticamente correndo para a porta de conexão que eu estive ocupado demais para notar antes. Puxei a porta e, sim, a banheira era enorme. Sem esperar pelos outros dois, fui direto para as torneiras e liguei a água quente no máximo, e o vapor começou a preencher o ambiente quase imediatamente. Stella parou derrapando ao meu lado, totalmente nua agora, o cabelo e a maquiagem um caos, nossa porra misturada escorrendo pelas pernas dela de um jeito que fez meu pau dar sinais de vida novamente.

Tyler entrou calmamente atrás dela, também nu, parecendo colossal no batente da porta. Ele ainda estava meio ereto — sua resistência era algo divino a essa altura — com seu pau grosso descansando contra as coxas robustas.

Lambi meus lábios enquanto o encarava. Ainda bem que este quarto era nosso, porque eu tinha a sensação de que iríamos batizar cada centímetro de superfície aqui dentro esta noite, começando pela banheira.



Preciso começar agradecendo a todas as pessoas que assistiram ao meu primeiríssimo TikTok sobre *Na Escuridão*, lá em 2023, e deixaram comentários encorajadores. Eu estava quase desistindo do meu sonho de ser autora em tempo integral, e vocês gritando comigo para escrever aquele livro me deram o chute na bunda de que eu tanto precisava. É uma loucura pensar no quanto avançamos desde então.

À Jill, por ter visto minha postagem desesperada sobre precisar de um agente e ter aparecido nas minhas DMs. Agradeço às minhas estrelas da sorte todos os dias por você. E a todos os outros na SDLA que trabalharam incansavelmente nos bastidores, especialmente ao "Siciliano".

Às minhas editoras, Hayley e Sierra, por acreditarem nesta série desde o início e por todas as sessões iniciais de *brainstorming* para este livro. Muito obrigada a toda a equipe da Slowburn/Zando e por todo o trabalho incrível que vocês fizeram nos últimos anos na série *Into Darkness*.

À Leigh Rivers, meu suporte emocional humano. Estou tão feliz por estarmos juntas nessa jornada. Te amo, gata.

Por último, eternamente, ao meu marido e aos meus gatos. Acho que não é exagero dizer que eu estaria perdida sem vocês.